UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

GIOVANA DE CARVALHO MARCHESIN RODRIGUES

PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: UM DISPOSITIVO DE REFORMULAÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO

SÃO CARLOS - SP
2024

GIOVANA DE CARVALHO MARCHESIN RODRIGUES

Parque Tecnológico de São José dos Campos: Um dispositivo de reformulação do mundo do trabalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Prof. Dr. Marcel Fantin

SÃO CARLOS – SP
2024

AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CR696de Carvalho Marchesinp

Carvalho Marchesin Rodrigues, Giovana de
Parque Tecnológico de São José dos Campos: um dispositivo de reformulação do mundo do trabalho / Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues; orientador Marcel Fantin . -- São Carlos, 2024.
330 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2024.

1. Reestruturação produtiva. 2. Globalização. 3. Tecnologias da Comunicação e Informação. 4. Inovação e Empreendedorismo. 5. Meio técnico-científico-informacional. I. , Marcel Fantin, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

GIOVANA DE CARVALHO MARCHESIN RODRIGUES

PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: UM DISPOSITIVO DE REFORMULAÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Aprovado em 28 de março de 2024.

_____
Professora Dra. Anya Tizziani
Universidad Nacional de General Sarmiento

_____
Professor Dr. Osvaldo Rubén Battistini
Universidad Nacional de General Sarmiento

_____
Professor Dr. Tomás Antônio Moreira
Universidade de São Paulo

SÃO CARLOS – SP
2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho e para a conclusão bem-sucedida deste mestrado ofertado pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-IAU).

Primeiramente, quero agradecer ao meu orientador, Marcel Fantin pela orientação sábia, apoio constante e paciência ao longo deste processo. Sua expertise e incentivo foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha família, agradeço por seu amor incondicional, compreensão e apoio ao longo de todos esses anos. Vocês foram minha fonte de inspiração e força, tornando possível enfrentar os desafios acadêmicos com determinação.

Aos meus colegas de turma e amigos, agradeço pelas trocas intelectuais, colaborações e momentos compartilhados. Suas perspectivas enriqueceram minha jornada acadêmica e tornaram esta experiência mais significativa.

Ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo, em especial à secretaria da pós-graduação, corpo docente e funcionários, expresso minha gratidão pela infraestrutura e recursos disponibilizados, que foram essenciais para a realização deste estudo.

Por fim, dedico um agradecimento especial à fonte de financiamento que tornou este projeto possível, destacando Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Seu suporte financeiro foi vital para a condução da pesquisa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, meu profundo agradecimento. Este marco não teria sido alcançado sem a colaboração e apoio de cada um de vocês.

RESUMO

O período atual da economia global é caracterizado por uma intensa reestruturação produtiva, catalisada pela globalização e avanços tecnológicos significativos, induzindo transformações profundas no panorama laboral. A renovação material, impulsionada pelas inovações tecnológicas e a emergência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), não apenas modifica a esfera produtiva, mas também altera a configuração geográfica do trabalho, conformando-se ao conceito de meio técnico-científico-informacional proposto por Milton Santos em 1956. Nesse contexto, a complexidade do trabalho aumenta, enquanto parques tecnológicos e ambientes de inovação emergem como vetores críticos para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e imobiliário, proliferando-se globalmente.

São José dos Campos, reconhecida como um relevante polo tecnológico aeroespacial, adquire adicionalmente a característica de cidade empreendedora, conforme identificado na tese de Machado (2019). Desde a década de 1990, ações e estratégias promovidas pela governança local visam ao fortalecimento da competitividade urbana, incentivando investimentos que culminam na formação de um capital simbólico coletivo de "vocação empreendedora". Emblemático deste período, o Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP (PqTec), estabelecido em 2006, implementa iniciativas que fomentam o empreendedorismo, como incubadoras e aceleradoras de empresas, atraindo startups e corporações de variados portes, influenciando assim os processos laborais e a interação com o espaço urbano.

Considerando essa peculiaridade municipal, o estudo investigou as novas lógicas de trabalho nos ecossistemas de inovação e empreendedorismo. Adotando uma metodologia qualitativa exploratória, o Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP (PqTec) foi selecionado como estudo de caso singular, objetivando examinar sua função enquanto mecanismo de legitimação das novas lógicas laborais e seu impacto na estrutura espacial da cidade. A pesquisa empregou uma triangulação de fontes para coleta de dados, abrangendo materiais audiovisuais das redes sociais do PqTec, opiniões dos trabalhadores envolvidos e as atividades divulgadas pelo PqTec. Utilizou-se análise de discurso, conforme Michel Foucault, para exame das entrevistas, questionários e conteúdos digitais, e análise documental sistemática para avaliação dos Relatórios de Atividades do PqTec, identificando e interpretando categorias semânticas relevantes. O estudo visou compreender o impacto das novas lógicas de trabalho no PqTec, avaliar seu papel como dispositivo de condicionamento dessas lógicas e refletir sobre as implicações para os trabalhadores, empresas e a dinâmica urbana.

Palavras-chave: Reestruturação Produtiva; Globalização; Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs); Inovação e Empreendedorismo; Meio Técnico-Científico-Informacional.

RESUMEN

El período actual de la economía global se caracteriza por una intensa reestructuración productiva, catalizada por la globalización y avances tecnológicos significativos, induciendo transformaciones profundas en el panorama laboral. La renovación material, impulsada por las innovaciones tecnológicas y la emergencia de las Tecnologías de la Información y Comunicación (TICs), no solo modifica la esfera productiva, sino que también altera la configuración geográfica del trabajo, conformándose al concepto de medio técnico-científico-informacional propuesto por Milton Santos en 1956. En este contexto, la complejidad del trabajo aumenta, mientras que los parques tecnológicos y ambientes de innovación emergen como vectores críticos para el desarrollo científico, tecnológico, económico e inmobiliario, proliferándose globalmente.

São José dos Campos, reconocida como un relevante polo tecnológico aeroespacial, adquiere adicionalmente la característica de ciudad emprendedora, conforme identificado en la tesis de Machado (2019). Desde la década de 1990, acciones y estrategias promovidas por la gobernanza local apuntan al fortalecimiento de la competitividad urbana, incentivando inversiones que culminan en la formación de un capital simbólico colectivo de "vocación emprendedora". Emblemático de este período, el Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP (PqTec), establecido en 2006, implementa iniciativas que fomentan el emprendimiento, como incubadoras y aceleradoras de empresas, atrayendo startups y corporaciones de variados portes, influyendo así en los procesos laborales y la interacción con el espacio urbano.

Considerando esta peculiaridad municipal, el estudio investigó las nuevas lógicas de trabajo en los ecosistemas de innovación y emprendimiento. Adoptando una metodología cualitativa exploratoria, el Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP (PqTec) fue seleccionado como estudio de caso singular, con el objetivo de examinar su función como mecanismo de legitimación de las nuevas lógicas laborales y su impacto en la estructura espacial de la ciudad. La investigación empleó una triangulación de fuentes para la recolección de datos, abarcando materiales audiovisuales de las redes sociales del PqTec, opiniones de los trabajadores involucrados y las actividades divulgadas por el PqTec. Se utilizó análisis del discurso, conforme a Michel Foucault, para el examen de las entrevistas, cuestionarios y contenidos digitales, y análisis documental sistemático para la evaluación de los Informes de Actividades del PqTec, identificando e interpretando categorías semánticas relevantes. El estudio buscó comprender el impacto de las nuevas lógicas de trabajo en el PqTec, evaluar su papel como dispositivo de condicionamiento de estas lógicas y reflexionar sobre las implicaciones para los trabajadores, empresas y la dinámica urbana.

Palabras clave: Reestructuración Productiva; Globalización; Tecnologías de la Información y Comunicación (TICs); Innovación y Emprendimiento; Medio Técnico-Científico-Informacional.

SUMMARY

The current period of the global economy is characterized by an intense productive restructuring, catalyzed by globalization and significant technological advances, inducing profound transformations in the labor landscape. The material renewal, driven by technological innovations and the emergence of Information and Communication Technologies (ICTs), not only modifies the productive sphere but also alters the geographical configuration of work, conforming to the concept of the technical-scientific-informational medium proposed by Milton Santos in 1956. In this context, the complexity of work increases, while technological parks and innovation environments emerge as critical vectors for scientific, technological, economic, and real estate development, proliferating globally.

São José dos Campos, recognized as a relevant aerospace technological pole, additionally acquires the characteristic of an entrepreneurial city, as identified in the thesis by Machado (2019). Since the 1990s, actions and strategies promoted by local governance aim to strengthen urban competitiveness, encouraging investments that culminate in the formation of a collective symbolic capital of "entrepreneurial vocation." Emblematic of this period, the São José dos Campos/SP Technological Park (PqTec), established in 2006, implements initiatives that promote entrepreneurship, such as incubators and accelerators of companies, attracting startups and corporations of various sizes, thus influencing labor processes and interaction with urban space.

Considering this municipal peculiarity, the study investigated the new logics of work in ecosystems of innovation and entrepreneurship. Adopting a qualitative exploratory methodology, the São José dos Campos/SP Technological Park (PqTec) was selected as a singular case study, with the aim of examining its function as a mechanism for legitimizing new labor logics and its impact on the city's spatial structure. The research employed a triangulation of sources for data collection, covering audiovisual materials from PqTec's social networks, opinions of involved workers, and activities disclosed by PqTec. Discourse analysis, according to Michel Foucault, was used for the examination of interviews, questionnaires, and digital content, and systematic documentary analysis for the evaluation of PqTec's Activity Reports, identifying and interpreting relevant semantic categories. The study sought to understand the impact of new work logics on PqTec, assess its role as a conditioning device for these logics, and reflect on the implications for workers, companies, and urban dynamics.

Keywords: Productive Restructuring; Globalization; Information and Communication Technologies (ICTs); Innovation and Entrepreneurship; Technical-Scientific-Informational Medium.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Núcleo do Parque Tecnológico de São José dos Campos	58
Figura 02	Esquema de triangulação de fontes de dados	67
Figura 03	Visita guiada ao PqTec	73
Figura 04	Hall principal do Núcleo do PqTec	73
Figura 05	Material publicado nas redes sociais do PqTec	78
Figura 06	Sequência de etapas para a análise documental	80
Figura 07	Mapa indicando a localização dos bairros dos participantes	90
Figura 08	Ações de promoção ativa dos profissionais locais	101
Figura 09	Ações culturais promovidas pelo PqTec	101
Figura 10	Publicação “Como ser mais produtivo no trabalho”	104
Figura 11	Publicação “4 Lições que todo empreendedor pode aprender com Pelé”	106
Figura 12	Programas Nexus Lab, Nexus Growth Digital e Tech, Nexus Scale Up e Nexus R&D	107
Figura 13	Sala disponível para ocupação futura	112
Figura 14	Sala personalizada do Metrô	112
Figura 15	Espaços compartilhados do Nexus	113
Figura 16	Auditórios disponibilizados pelo PqTec	114
Figura 17	Áreas de convivência com poltronas	115
Figura 18	Revitalização das pinturas dos corredores	116
Figura 19	Revitalização das pinturas	116
Figura 20	Espaço de descanso	117
Figura 21	Espaço descompressão	117
Figura 22	Iluminação e cores ousadas	118
Figura 23	Minimercado e restaurante Recanto Bem-Te-Vi	118
Figura 24	Espaços de alimentação	119
Figura 25	Áreas equipadas com micro-ondas	119
Figura 26	Zona Especial do Parque Tecnológico	123
Figura 27	Loteamento Cidade Tecnológica e Núcleo do PqTec	125
Figura 28	Publicação na rede social do PqTec referente aos horários de ônibus	130
Figura 29	Evento online – Workshop Mobilidade	131
Figura 30	Distâncias dos bairros dos participantes até o PqTec	134
Figura 31	Plano funcional para sistema de transporte BRT	135
Figura 32	Densidade populacional (hab./Km²) e Linha Verde	136
Figura 33	Localização dos bairros dos participantes e Linha Verde	137
Figura 34	Domicílios com automóvel para uso particular	138
Figura 35	Empreendedores cabras da montanha – “os cabricórnios”	140

Figura 36 Frases grafadas nas paredes do PqTec 141
Figura 37 Publicação nas redes sociais do PqTec enfatizando o ambiente físico do Parque como expressão da inovação 142
Figura 38 Proposta volumétrica das edificações da Cidade Tecnológica 145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 Evolução do emprego formal 1991 a 2018 54
Gráfico 02 Número de vínculos por setores 2004 a 2018 55
Gráfico 03 Número de empresas associadas por ano no PqTec 59
Gráfico 04 População do PqTec 84
Gráfico 05 Perfil dos trabalhadores da APTSJC 85
Gráfico 06 Grau de escolaridade dos participantes 86
Gráfico 07 Tipo de contrato de trabalho dos participantes da pesquisa 86
Gráfico 08 Estado civil dos participantes 88
Gráfico 09 Relação de quantidade de filhos e participantes 88
Gráfico 10 Número de seguidores da página do PqTec no Facebook 102
Gráfico 11 Utiliza os espaços de descanso ou lazer do PqTec 120
Gráfico 12 Meio de transporte dos participantes 133

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 Delineamento da pesquisa 16
Quadro 02 Ontologias e epistemologias nas Ciências Sociais 61
Quadro 03 Metodologias nas Ciências Sociais 62
Quadro 04 Técnicas qualitativas, quantitativas e métodos mistos 64
Quadro 05 Procedimentos quantitativos, qualitativos e de métodos mistos 65
Quadro 06 Data da criação e dados das redes sociais do PqTec 68
Quadro 07 Tipos de transcrição de áudio 70
Quadro 08 Níveis de transcrição 70
Quadro 09 Diferentes esquemas de transcrição de entrevistas 71
Quadro 10 Lista dos Relatórios de Atividades coletados e analisados 72
Quadro 11 Conceitos da Análise de Discurso Foucaultiana 77
Quadro 12 Relação de categorias 80

LISTA DE SIGLAS

ABDI	Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial
ACISJC	Associação Comercial e Industrial de São José dos Campos
ANPROTEC	Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores
APL	Arranjos Produtivos Locais
C&T	Ciência e Tecnologia
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CTA	Centro Tecnológico da Aeronáutica
EBT	Empresa de Base Tecnológica
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FNDCT	Fundo Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PqTec	Parque Tecnológico de São José dos Campos
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PMSJC	Prefeitura Municipal de São José dos Campos
PPP	Parceria Público-Privada
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UNIVAP	Universidade do Vale do Paraíba

SUMÁRIO

Capítulo 01 INTRODUÇÃO 12

Capítulo 02 REVISÃO DE LITERATURA 17

2.1. O contexto de constituição dos parques tecnológicos e a transformação do mundo do trabalho **17**

2.2. A Reforma Trabalhista Brasileira **23**

2.3. Parques Tecnológicos **26**

2.3. Contribuições teóricas **31**

Capítulo 03 ESTUDO DE CASO 48

3.1. São José dos Campos - SP **48**

3.2. Parque Tecnológico de São José dos Campos (PqTec) **56**

Capítulo 04 MÉTODOS DA PESQUISA 61

4.1. Classificação da Pesquisa **61**

4.1.1. Quanto à epistemologia **61**

4.1.2. Quanto à natureza **63**

4.1.3. Quanto à abordagem **63**

4.1.4. Quanto aos objetivos **65**

4.1.5. Estratégia de investigação **65**

4.2. Procedimentos de coleta de dados **66**

4.2.1. Coleta de dados das redes sociais **68**

4.2.2. Coleta de dados das entrevistas semiestruturadas **68**

4.2.3. Coleta de dados documentais **71**

4.2.4. Visita em campo **72**

4.3. Procedimentos de análise de dados **74**

4.3.1. Análise de discurso **74**

4.3.2. Análise documental **79**

Capítulo 05 RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES 81

5.1. Diversidade **82**

5.2. Conhecimento **92**

5.3. Visibilidade **99**

5.4. Ambiente **111**

5.5. Cidade Tecnológica **122**

5.6. Mobilidade **128**

Capítulo 06 CONSIDERAÇÕES FINAIS 150

Capítulo 07 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 157

APÊNDICES

ANEXO

1. INTRODUÇÃO:

Durante a transição do século XX para o XXI, observa-se uma série de transformações significativas que alteram fundamentalmente as interações, processos produtivos e estruturas organizacionais em escala global. Essas mudanças são primordialmente impulsionadas pela globalização e pela revolução tecnológica, estabelecendo novos paradigmas nas relações sociais e econômicas.

A globalização, caracterizada por sua natureza multifacetada, engloba a integração econômica, política, social e cultural em nível mundial, reduzindo barreiras geográficas e fomentando uma interconexão sem precedentes entre diferentes regiões do globo. Tal processo é marcado pelo crescimento exponencial no fluxo de informações, capitais, pessoas e bens, culminando em uma interdependência global acentuada.

Concomitantemente, a revolução tecnológica, definida pelo avanço significativo em campos como informática, telecomunicações e digitalização, redefine radicalmente nosso modo de vida e práticas laborais. A proliferação da internet e das redes digitais institui uma aldeia global virtual, propiciando comunicação instantânea e acesso irrestrito à informação.

Essas alterações estruturais apresentam repercussões profundas no âmbito laboral e na configuração socioeconômica, manifestando-se por meio de um processo de reestruturação produtiva. Este processo visa ajustar os métodos de produção às novas realidades econômicas e tecnológicas, substituindo o modelo industrial tradicional, baseado na produção em massa e intervenção estatal, por abordagens mais ágeis e descentralizadas.

Nesse contexto, a inovação emerge como componente essencial para as estratégias competitivas em um ambiente empresarial cada vez mais volátil. A capacidade de inovação não é somente uma vantagem competitiva, mas uma necessidade vital para a sobrevivência e crescimento empresarial em face de mercados em constante evolução e saturação.

Além de influenciar a competitividade empresarial, a inovação promove uma redefinição substancial do mercado de trabalho, exigindo competências adaptáveis e inovadoras, como inteligência artificial, análise de dados e criatividade. Esse cenário impõe aos trabalhadores o desafio de desenvolver habilidades alinhadas às demandas tecnológicas emergentes.

No entanto, a dinâmica atual implica desafios significativos, como a possível obsolescência de profissões tradicionais, acarretando desigualdades e incertezas no mercado de trabalho. A adaptação a este novo paradigma demanda investimentos robustos em educação, capacitação profissional e políticas públicas que incentivem a inclusão e resiliência diante das transformações.

Diante dessas mudanças, surgem os ecossistemas de inovação e empreendedorismo, exemplificados por parques tecnológicos, que facilitam a integração entre empresas, instituições acadêmicas e entidades governamentais. Esses ecossistemas buscam promover eficiência, inovação e competitividade, impulsionando avanços científicos, tecnológicos, econômicos e imobiliários globalmente.

Nos ecossistemas de inovação, a cultura de inovação é vigorosamente incentivada, destacando a importância da experimentação, risco e busca contínua por soluções criativas. Profissionais engajados nesses ambientes adotam uma postura empreendedora, preparados para superar desafios e explorar oportunidades. A colaboração, intercâmbio de saberes e multidisciplinaridade são fomentados, bem como a mentoria, constituindo recursos valiosos para o enfrentamento de questões complexas.

Este estudo objetiva explorar a interrelação entre as dinâmicas do mundo do trabalho e os parques tecnológicos, considerando a rápida expansão desses ambientes de inovação globalmente e as profundas alterações no cenário laboral contemporâneo. Tal análise inclui a intensificação da exploração laboral, a precarização do emprego e o aumento das desigualdades sociais, demandando uma avaliação crítica e abrangente das dinâmicas entre trabalho, capital e inovação tecnológica. E nessa intersecção a pesquisa assume o Parque Tecnológico de São José dos Campos – SP como objeto de investigação, onde se busca compreender de que maneira esses parques influenciam e são influenciados pelas transformações no mundo laboral contemporâneo.

O município de São José dos Campos – SP teve sua trajetória intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de setores como a indústria aeroespacial e de defesa, os quais desempenharam um papel fundamental na economia local por muitos anos. No entanto, diante das mudanças globais nos paradigmas econômicos e tecnológicos, o município se viu compelido a adaptar-se e diversificar suas atividades produtivas.

Nesse contexto, o Parque Tecnológico de São José dos Campos emerge como uma resposta estratégica às demandas contemporâneas por inovação e competitividade. Este ambiente propício à pesquisa, desenvolvimento e empreendedorismo tecnológico tem como objetivo catalisar a interação entre empresas, instituições de ensino e pesquisa, bem como órgãos governamentais, enquanto busca não apenas impulsionar a economia local, mas também fortalecer a posição de São José dos Campos no cenário nacional e internacional como um polo de excelência em tecnologia e inovação.

Ao investigar o Parque Tecnológico de São José dos Campos (PqTec), pretende-se não apenas compreender sua estrutura e funcionamento, mas também examinar como ele influencia e é influenciado pelas transformações do mundo do trabalho.

1.1. Objetivos:

Debruçando-se sobre o fenômeno das novas lógicas de trabalho no contexto dos ecossistemas de inovação e empreendedorismo, a presente pesquisa parte da hipótese de que o Parque Tecnológico de São José dos Campos – SP, constitui-se como um dispositivo de reformulação do mundo do trabalho, na medida em que consolida e valida as novas lógicas impostas pelo capitalismo neoliberal sob distintas ações e estratégias. Para tanto, assume como:

Objetivo Geral:

Investigar o papel do PqTec como um dispositivo na validação das novas lógicas do mundo do trabalho.

Objetivos específicos:

- Examinar as estratégias e iniciativas adotadas pelo PqTec em alinhamento com as novas dinâmicas do mundo do trabalho, influenciadas pelo capitalismo neoliberal;
- Analisar os efeitos das iniciativas do PqTec nas percepções e experiências dos trabalhadores, no ambiente físico do próprio parque e na conformação do espaço urbano.

1.2. Justificativa:

A pesquisa se justifica, primeiramente, pela relevância do tema abordado em relação à atual realidade nacional, que tem testemunhado frequentes iniciativas em prol dos ambientes de inovação. Torna-se imperativo analisar criticamente os potenciais impactos que tais empreendimentos exercem no mundo do trabalho.

Além disso, a pesquisa está embasada nas características distintivas do município de São José dos Campos, que possui uma dinâmica particular de desenvolvimento do setor aeroespacial e tecnológico. Este contexto foi seguido por um processo de reestruturação produtiva que possibilitou a criação do Parque Tecnológico (PqTec). Tal desenvolvimento está associado a uma série de estratégias políticas, econômicas e discursivas da governança local de São José dos Campos, a partir da década de 1990, voltadas para o fomento de uma cultura empreendedora e inovadora na cidade, visando promover um projeto de competitividade urbana para atrair melhores investimentos para a cidade. Segundo a tese proposta por Machado (2019), esse esforço conduziu o município à sua mais recente vocação, conhecida como "vocação empreendedora".

1.3. Metodologia:

A pesquisa em questão optou por utilizar um estudo de caso único, focando no Parque Tecnológico de São José dos Campos, com o intuito de analisar as transformações do mundo do trabalho dentro do contexto específico dos ambientes de inovação e empreendedorismo.

Para garantir a robustez dos dados coletados, foi empregada uma abordagem de triangulação, combinando informações obtidas a partir das redes sociais do PqTec, entrevistas semiestruturadas com profissionais que atuam no parque e análise dos Relatórios de Atividades do PqTec. Esse método permite uma maior confiabilidade e convergência das conclusões em relação ao fenômeno investigado.

Na fase de tratamento dos dados, esta pesquisa privilegiou a contribuição teórica de Michel Foucault, adotando a análise de discurso para interpretar os dados obtidos das entrevistas, questionários e materiais audiovisuais das redes sociais do Parque Tecnológico. Além disso, os Relatórios de Atividades do PqTec foram analisados de forma sistemática e objetiva, utilizando a técnica de análise documental para identificar e interpretar categorias com base em critérios semânticos.

Quadro 01 - Delineamento da pesquisa:

TEMA	Trabalho e território
FENÔMENO	Novas lógicas de trabalho em ecossistema de inovação e empreendedorismo
CARACTERIZAÇÃO da pesquisa	**Epistemologia:** Interpretativista **Natureza:** Básica **Abordagem:** Qualitativa **Objetivos:** Exploratória
OBJETO	Parque Tecnológico de São José dos Campos – SP (PqTec)
OBJETIVOS	**Geral:** Investigar o papel do PqTec como um dispositivo na validação das novas lógicas do mundo do trabalho. **Específicos:** 1. Examinar as estratégias e iniciativas adotadas pelo PqTec em alinhamento com as novas dinâmicas do mundo do trabalho, influenciadas pelo capitalismo neoliberal; 2. Analisar os efeitos das iniciativas do PqTec nas percepções e experiências dos trabalhadores, no ambiente físico do próprio parque e na conformação do espaço urbano.
ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO	Estudo de Caso
INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	Revisão bibliográfica Documentos Entrevistas semiestruturas e questionário com perguntas abertas Materiais audiovisuais, de redes sociais (Youtube, Facebook e LinkedIn)
ANÁLISE DE DADOS	Análise de discurso Análise documental

2. REVISÃO DE LITERATURA:

2.1. O Contexto de constituição dos Parques Tecnológicos e a Transformação do Mundo do Trabalho:

O Fordismo, um sistema de organização do trabalho e de produção de mercadorias dominante no período pós-guerra, foi introduzido e popularizado por Henry Ford, fundador da Ford Motor Company, nas primeiras décadas do século XX. Este modelo teve um impacto profundo na indústria automobilística e exerceu uma influência extensiva sobre a produção em outros setores.

Através da aplicação de técnicas como o Taylorismo e a mecanização, o Fordismo integrou a racionalização do trabalho com notáveis inovações tecnológicas, incluindo a implementação da linha de montagem e a padronização de peças. A linha de montagem permitiu uma produção rápida e eficiente em larga escala, caracterizando a produção em massa. Cada trabalhador se especializava em uma tarefa específica, e os produtos eram montados à medida que avançavam pela esteira rolante.

Com a especialização não qualificada do trabalhador sendo essencial para o desenvolvimento do trabalho, este se encontrava em uma organização vertical do trabalho, com pouca segurança para executar suas tarefas e com ausência de iniciativa ou criatividade. Muitas vezes, os trabalhadores recebiam pouco ou nenhum treinamento, realizando movimentos repetitivos na execução de uma única tarefa, seguindo um ritmo estabelecido pela linha de montagem e pela esteira rolante.

As transformações resultantes desse modelo intensivo se refletiram nas condições e processos de trabalho, bem como nas condições de vida dos trabalhadores. Além do impacto na produção, o Fordismo também influenciou as dinâmicas sociais, culturais e territoriais, com a expansão da industrialização nos países avançados e um aumento significativo das populações urbanas. Segundo Titton (2011) houve “uma crescente divisão espacial do trabalho, uma desintegração geográfica em escala internacional e a descentralização da produção em direção aos países de baixos salários”.

Vale ressaltar que o modelo Fordista se estabeleceu de forma desigual em termos de acumulação e configuração territorial, beneficiando países com suporte territorial e infraestrutura para dar continuidade à acumulação, enquanto países em

desenvolvimento enfrentavam dificuldades para absorver o modelo. (CIDADE; JATOBÁ; VARGAS, 2008, p. 23).

Lipietz (1988) argumenta que no contexto de desigualdade em países receptores, o Fordismo assumiu uma forma periférica, com traços híbridos, buscando combinar vantagens locais com a necessidade de modernização para atrair filiais de empresas multinacionais.

No entanto, com o aprofundamento das desigualdades e a redução dos ganhos de produtividade, tanto internos quanto externos, o modelo Fordista alcançou seus limites e entrou em declínio no final dos anos sessenta e início dos anos setenta.

Para resolver a crise da oferta, países como Estados Unidos, França, Inglaterra, Espanha e Portugal expandiram suas empresas multinacionais para países em desenvolvimento, como o Brasil, enquanto tentavam reconstituir os lucros e conter a inflação atacando regulamentações e conquistas dos trabalhadores.

Outra estratégia adotada por países como Japão e Coreia foi combinar inovação eletrônica com princípios do Taylorismo, buscando vantagens competitivas através de mão-de-obra qualificada e equipamentos flexíveis, além de incentivar a cooperação entre as empresas. Isso levou ao surgimento de distritos industriais notáveis, como os da Alemanha, Itália, Japão, destacando-se a Terceira Itália e o Vale do Silício nos Estados Unidos.

Um processo de mudança de paradigma na economia global foi desencadeado, acompanhado por uma reestruturação produtiva essencial para a sobrevivência do modelo capitalista. Essa transformação foi impulsionada por mudanças tecnológicas e organizacionais, estabelecendo as bases para uma nova economia de mercado e um regime de acumulação renovado.

> A reestruturação produtiva consiste em uma resposta do capital à sua lógica destrutiva e aos seus determinantes estruturais quais sejam: as taxas decrescentes do lucro, a resistência operária e a própria impossibilidade de controle do capital, enquanto um sistema de metabolismo societal orientado para a expansão e acumulação do capital. (ANTUNES, 1999)

A economia resultante, com a produção de conhecimentos alavancando elevadas transformações com base em inovações permanentes e aceleradas, segundo Jordi Borja e Manuel Castells (1998) foi denominada como *economia*

informacional[1]*,* já para François Asher (2004) como *economia cognitiva*[2] e em termos mais recentes, como *economia do conhecimento*[3] de Carlos Leite (2011).

A economia do conhecimento é um paradigma econômico que destaca a produção, distribuição e utilização do conhecimento como um motor fundamental para a criação de riqueza e o desenvolvimento econômico. Nesse modelo, o conhecimento é considerado um recurso valioso, e a capacidade de gerar, adquirir e aplicar conhecimento torna-se uma vantagem competitiva crucial para países, empresas e indivíduos.

Dessa forma, a variável inovação, aliada às novas tecnologias, emergiu como uma das formas mais cruciais de diferenciação e competitividade, integrando-se aos processos produtivos e ao controle de qualidade das mercadorias. Isso destaca a importância da estreita colaboração entre o setor produtivo e as instituições acadêmicas.

O novo regime de acumulação, identificado por Harvey (1992) como regime de acumulação flexível[4], representa uma desconstrução da rigidez do modelo fordista. Esse regime é fundamentado na flexibilidade da produção, adotando o conceito de "just in time" que quebra a lógica de estocagem de mercadorias e de territorialização das unidades produtivas. Além disso, ele se apoia na flexibilidade dos produtos, dos padrões de consumo, nas novas formas de prestação de serviços financeiros, nos novos mercados, nos processos de trabalho e nos mercados de trabalho. Principalmente, esse regime apresenta taxas significativamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

A reestruturação produtiva do capital intensificada sob o fenômeno da globalização estabelece rupturas, inflexões, redefinições e diversas transformações econômicas e sociais. Indiscutivelmente a globalização, que tem como expressões

---

[1]Uma economia em que o incremento da produtividade não depende do incremento quantitativo e, sim, da aplicação de conhecimento e informação à gestão, à produção e à distribuição, tanto em processos como em produtos. (TITTON, 2011)

[2]"Uma economia cujo desafio é conhecer os mercados, mobilizar ciências e técnicas, inventar respostas rápidas para enfrentar incertezas e escolhas complexas, desenvolver métodos de gestão e capacidades criadoras, organizar processos, lidar com ativos intangíveis, analisar custos e coordenar ações. (TITTON, 2011)

[3]Economia cuja força motriz do futuro são as ideias possibilitando avanços tecnológicos e inovadores, diferentemente da economia fordista-keynesiana que tinha o consumo como força motriz. Segundo Leite (2011), "A mente humana deixa de ser apenas um elemento de decisão dentro do sistema produtivo e passa a ser força direta da produção*".*

[4] Também conhecido como regime de acumulação pós-fordista ou produção *just-in-time* com base em economias de escopo.

paradigmáticas a intensificação de fluxos internacionais (transnacionais) e a velocidade sistêmica, num contexto de ascensão e desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC), vem estabelecendo um mundo marcado por intensa mobilidade de pessoas, mercadorias, informações, comunicação, conhecimento, produtos materiais e imateriais. Proporcionando novas bases produtivas, conformando uma nova articulação de forças econômicas no mercado internacional, constituindo uma “nova” formação de "oligopólios globais" em vários setores industriais e promovendo alterações nas formas de gestão e organização através das “redes globais informatizadas de gestão” e tendo o tempo como fator primordial que estabelece simultaneidade em sua difusão e em seus impactos a nível mundial.

Constituindo um novo movimento no mundo capitalista, a interconexão e interpenetração de capitais e de mercados têm desencadeado uma revolução nas relações sociais e territoriais, tais fenômenos transformam também as concepções acerca de sociedade e espaço. Para Castells (1999) se trata da emergência dos “espaços de fluxos” e a constituição de uma “sociedade em rede”. Para Harvey (1992) se trata da “compressão espaço tempo”.

Para Castells (1999) as transformações tecnológicas e administrativas são colocadas como os principais meios pelos quais a globalização e o paradigma informacional afetam a sociedade. Os fluxos, as redes de colaboração, produção e circulação internacional inter-empresas, por meio das ferramentas que possibilitam a comunicação via satélite de forma mais rápida para a troca de informações e dados, além de reduzir os custos de transportes, em prol da ampliação dos lucros das empresas, se tornam as estratégias centrais que impactam diretamente no processo produtivo, redefinindo os campos de atuação do capital e do trabalho, conformando a “empresa rede[5]”. E constituindo a necessidade de uma articulação política capaz de proporcionar unicidade, esfumaçando os limites do Estado – nação, que favorecem o processo de descentralização e mundialização da gestão do trabalho.

[5] Para Castells, o mercado global e elevada competitividade impõem as empresas a necessidade de operarem de forma reticular. Diferente da estrutura organizacional vertical, agora num quadro horizontal, estimulado pelos avanços tecnológicos que permitem a intensa troca, a empresa rede (virtuais e digitais) pode aumentar seu retorno financeiro, em ações inovativas que estimulam a redução de erros, desperdícios, tempo de produção e aumentam a qualidade e produtividade, e se tornam mais competitivas em consequência.

Consagrando um novo período de transformações, dominada pela sociedade[6] da informação e comunicação, que aceleraram os fluxos de informação, capital e bens. No que se refere ao espaço, tais mudanças contribuíram para a conformação de uma nova forma de ocupação do território, mais dispersa e baseada em diversos núcleos com especializações produtivas diferenciadas. Empresas multinacionais foram se instalando em diversas localidades conforme as condições mais favoráveis de custo, de produção e oferta de mercados consumidores, matérias primas e mão-de-obra barata ou qualificada.

É válido ressaltar que a redução das barreiras espaciais não significou o fim da importância do espaço, ao contrário, a localidade em que a empresa se instala ou se instalará passa a ser um novo atributo competitivo, acarretando na venda imagética da cidade para atrair essas empresas para suas malhas urbanas, buscando agregar vantagens competitivas, através de reformas urbanas de infraestrutura, comunicação global e incentivos fiscais.

> [...] o aumento da competição em condições de crise coagiu os capitalistas a darem [...] mais atenção às vantagens locacionais relativas, [...] porque a diminuição de barreiras espaciais dá aos capitalistas o poder de explorar, [...] pequenas diferenciações espaciais. (HARVEY, 1992, p. 265).

E diante o cenário exposto nas linhas acima, os parques tecnológicos, como uma das principais expressões espaciais da acumulação flexível, resultado da reestruturação produtiva e estratégia dos países de refuncionalizar os seus territórios obsoletos e reestruturar suas economias, almejando elevar a competitividade, encontraram espaço para se difundirem, “[...] mantendo os complexos industriais característicos do período fordista, [...]” (SANTOS, 2016). Ainda, os parques tecnológicos, ao abrigarem um conjunto de profissionais especializados, se revelam fortes elementos concorrenciais, sendo que os recursos humanos altamente qualificados respondem em prol da ampliação da produtividade, efetividade desses ambientes e desenvolvimento econômico.

> Entre as estruturas articuladas à acumulação flexível estariam os polos tecnológicos, integrados a redes mundiais de tecnologia e produção e com

[6]As concepções tradicionais sobre espaço e sociedade estão passando por mudanças diante dos fluxos de produtos materiais e imateriais e suas conexões transfronteiriças. Alguns exemplos destacam-se, como: a noção de "espaço de fluxos" e a formação da "sociedade em rede" de Castells (1996); a ideia de "compressão do espaço-tempo" de Harvey (1992, 2001); o conceito de "sociedade cosmopolita" de Beck (2002); e as reflexões sobre as "cidades globais" de Sassen (1991).

> potencial de atuar na ligação entre os quadros produtivos nacionais e internacionais. (BENKO, 1996 *apud* CIDADE, 2008)

Em suma, a crise do modelo fordista, o processo de reestruturação produtiva e a constituição do pós fordismo, aliados à intensificação do fenômeno da globalização e dos novos paradigmas tecnológicos e organizacionais, favoreceram a implantação dos ambientes de inovação, bem como conformaram um novo contexto ao mundo do trabalho.

O processo global de produção passou por uma transformação significativa devido à renovação material decorrente das inovações e ao surgimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), impactando não apenas o ambiente fabril, mas também o cenário geográfico do trabalho. Isso resultou na configuração do meio técnico-científico-informacional, que exerce uma influência cada vez mais direta sobre o processo de trabalho.

A rápida adoção de novas formas organizacionais e tecnologias produtivas inovadoras alterou o cenário espaço-temporal, provocando mudanças profundas no conflito entre capital e trabalho e inaugurando uma nova perspectiva para ambos. Combinadas com os avanços tecnológicos e com políticas estatais, as novas formas de exploração e precarização do trabalho têm sido uma realidade cada vez mais presente. E como resultado, a classe trabalhadora não se configura mais da mesma forma que em décadas passadas. Sob a égide da acumulação flexível, ela se tornou mais fragmentada, diversificada e heterogênea (ALVES & ANTUNES, 2004).

Rearticulando, em consequência, as forças políticas dominantes, o neoliberalismo e a mundialização do capital desestruturaram o mundo do trabalho, em sua estrutura, cotidiano, organizações e dimensões políticas. “Essa crise estrutural deveu-se à transformação atual das relações capitalistas de produção e ao processo de desregulamentação social do proletariado, isto é, a diminuição dos grupos de trabalhadores estáveis e no aumento dos trabalhadores instáveis e excluídos pelo desemprego.” (FRANCA, 2007, p.10)

O panorama laboral está atravessando uma reconfiguração estrutural, caracterizada por crises de significado, políticas e estruturais, que minam a busca pela emancipação humana. A classe trabalhadora se encontra mais exposta, sofrendo perdas de conquistas, um declínio na capacidade de organização para lutas e uma erosão dos direitos adquiridos. Estas crises têm gerado uma tendência à acomodação

social, ao individualismo, ao derrotismo, ao conformismo e, até mesmo, a uma atitude proativa em relação ao capital.

O capitalismo brasileiro recente, incorporado ao neoliberalismo, segundo Antunes (2020) apresenta uma singularidade - característica usada com fórmula, que se deve atentar: a combinação de elementos “arcaicos e modernos”, instrumentos próprios do fordismo mesclados aos do *lean production,* tecnologias avançadas e mão de qualificada combinadas com intensificação da força de trabalho.

> A implantação de programas de qualidade total, dos sistemas just-in-time e kanban, além da introdução de ganhos salariais vinculados à lucratividade e à produtividade sob uma pragmática que se adequava fortemente aos desígnios neoliberais possibilitou a intensificada reestruturação produtiva no Brasil, tendo como consequências a flexibilização, a informalidade e a precarização da classe trabalhadora. (ANTUNES, 2020)

A reestruturação produtiva, baseada na empresa enxuta (*lean production*), redesenhou a planta produtiva bem diversa do fordismo. Diante a *compressão do tempo e espaço* aliado à telemática e ascensão das novas tecnologias foi possível desenvolver formas horizontalizadas com maior integração e cooperação dos processos produtivos em diferentes unidades e localidades, flexibilizando, reterritorializando e desterritorializando o mundo produtivo. Os sistemas de comunicação e de transporte, integrados pela informatização, possibilitaram essa racionalização e a externalização das operações, com *a* subcontratação sendo facilitada pelo sistema *just-in-time* do fluxo de trabalho. Ao passo que esse mesmo meio geográfico também inibiu a escala da cooperação no espaço de trabalho direto no interior do fábrica.

2.2. A Reforma Trabalhista Brasileira:

A reforma trabalhista no contexto brasileiro reflete as mudanças em andamento no mundo do trabalho. Esta reforma consiste em um conjunto de alterações legislativas implementadas no Brasil com o objetivo de “modernizar as leis trabalhistas do país”. Conhecida como Lei nº 13.467, a reforma foi promulgada em 13 de julho de 2017 e entrou em vigor em 11 de novembro de 2017, durante a gestão do presidente Michel Temer.

O principal objetivo da reforma trabalhista, segundo seus defensores, era resolver questões do mercado de trabalho brasileiro, estimular a criação de empregos

e aumentar a flexibilidade para empregadores e empregados, tornando os regulamentos trabalhistas mais adaptáveis às dinâmicas em mudança da força de trabalho moderna e promover um ambiente mais favorável aos negócios, com maior produtividade e competitividade.

Como um tema altamente controverso, os opositores à reforma expressaram preocupação diante de possíveis impactos negativos, argumentam que a flexibilização das leis trabalhistas pode levar a uma maior precarização do trabalho e exploração da força de trabalho, caracterizada em salários mais baixos, falta de estabilidade no emprego, sindicatos enfraquecidos e pior qualidade de vida para os trabalhadores.

> A força de trabalho não é uma mercadoria qualquer, pois é impossível separá-la da pessoa do trabalhador. Trabalhadores, como vendedores de força de trabalho, por exemplo, não possuem controle sobre o volume de seu suprimento, não podem estocá-la, e, por contar com necessidades muito mais rígidas, não podem aguardar melhores condições de mercado para oferecer sua mercadoria. Essas peculiaridades introduzem uma desigualdade na relação de forças existentes no mercado. (CARVALHO, 2017)

A introdução do Artigo 611 – A na CLT, pode ser apontada como uma das mudanças mais significativas introduzidas pela reforma. O artigo trata da negociação de acordos trabalhistas entre empregadores e empregados. Com o objetivo de promover um mercado de trabalho mais flexível e possibilitar acordos sob medida que atendam às necessidades de diferentes setores e empresas, o artigo ampliou as possibilidades de negociação das condições de trabalho diretamente com a força de trabalho, permitindo que os acordos prevalecessem sobre determinadas disposições legais, (prevalência do negociado sobre o legislado) desde que proporcionassem benefícios iguais ou superiores aos empregados.

Carvalho (2017) alerta para as situações consequentes da flexibilização dos acordos trabalhista e a junção com demais dispositivos. Fato que pode acarretar:

> Cabe aqui dar um exemplo de como a junção de dois ou mais dispositivos pode ter um potencial danoso ao trabalhador do que quando analisados isoladamente. O Artigo 394-A permite o trabalho de gestantes em atividades insalubres em graus médio e mínimo, exceto mediante apresentação de atestado de saúde; entretanto, o item XII do Artigo 611-A permite a negociação do enquadramento da insalubridade, o que abre a possibilidade para que gestantes trabalhem em condições de insalubridade que atualmente sejam consideradas de grau máximo. (CARVALHO, 2017)

Outro aspecto fundamental da reforma trabalhista foi o Artigo 443 que cria o contrato de trabalho intermitente, em que o trabalhador é convocado de acordo com a demanda da empresa, recebendo remuneração proporcional às horas efetivamente trabalhadas. O artigo estabelece:

> Art. 443 § 3º Considera-se como intermitente o contrato de trabalho no qual a prestação de serviços, com subordinação, não é contínua, ocorrendo com alternância de períodos de prestação de serviços e de inatividade, determinados em horas, dias ou meses, independentemente do tipo de atividade do empregado e do empregador, exceto para os aeronautas, regidos por legislação própria (BRASIL, 2017).

Esse tipo de contrato oferece maior flexibilidade tanto para os empregadores quanto para os trabalhadores. No entanto, havia preocupações de que esse tipo de contrato pudesse levar a menos segurança no emprego e salários gerais mais baixos para os trabalhadores.

A reforma também estabeleceu regras sobre a terceirização da mão de obra. Permitiu que as empresas terceirizassem suas atividades principais e secundárias, o que antes era restrito. Essa mudança visava fornecer mais segurança jurídica para as empresas envolvidas em acordos de terceirização, ao mesmo tempo em que levantava preocupações sobre a potencial exploração de trabalhadores e a erosão dos direitos trabalhistas.

Além disso, a reforma trabalhista introduziu mudanças nas políticas de férias, permitindo que os empregadores dividissem o período anual de férias em três períodos separados com o consentimento do empregado. Também modificou as regras de jornada de trabalho, permitindo horários flexíveis e introduzindo a possibilidade de jornada de trabalho de 12 horas. O Artigo 59–A legaliza a jornada 12-36 (doze horas consecutivas de trabalho seguidas de trinta e seis de repouso) para qualquer trabalhador

Como acontece com qualquer mudança legislativa significativa, os verdadeiros efeitos e consequências da reforma trabalhista brasileira ainda estão sujeitos a debates e análises constantes. Será importante avaliar seu impacto de longo prazo sobre o emprego, o crescimento econômico e o bem-estar dos trabalhadores no Brasil.

Analisando a reforma sob a perspectiva dos ecossistemas de inovação e empreendedorismo, como os parques tecnológicos, a principal preocupação está na possibilidade de que a flexibilização excessiva e a redução da proteção ao trabalhador

possam resultar na precarização das condições de trabalho, mesmo em setores de alta tecnologia presentes nesses ambientes. Quando as empresas têm maior liberdade para contratar trabalhadores em regimes temporários, terceirizados e sem as garantias trabalhistas básicas, isso pode resultar em situações onde os trabalhadores enfrentam insegurança em seus empregos e falta de proteção social.

Essa precarização não só afeta diretamente a segurança e o bem-estar dos trabalhadores, mas também pode ter impactos negativos na capacidade de inovação das empresas. Quando os trabalhadores estão preocupados com a instabilidade de seus empregos ou não têm acesso a benefícios básicos, como saúde e segurança no trabalho, sua motivação e produtividade podem ser prejudicadas. Além disso, a falta de investimento em mão de obra de longo prazo pode levar a uma perda de conhecimento e experiência dentro das empresas, o que é crucial para a inovação a longo prazo.

Por outro lado, a reforma trabalhista e sua aplicação em contextos de alta inovação levantam questões mais amplas sobre o tipo de desenvolvimento econômico que se deseja promover. Embora os parques tecnológicos sejam frequentemente vistos como motores de crescimento econômico e desenvolvimento sustentável, a precarização do trabalho pode minar esses objetivos ao reforçar desigualdades sociais e contribuir para a exclusão de certos grupos da força de trabalho.

Assim, a Reforma Trabalhista Brasileira no contexto dos parques tecnológicos apresenta um paradoxo complexo: embora seja defendida como uma medida que proporcionará flexibilidade e adaptabilidade às empresas em um ambiente de rápidas mudanças tecnológicas, também carrega o risco significativo de precarizar o trabalho em setores cruciais para o futuro econômico do país. Portanto, é crucial encontrar um equilíbrio que promova a inovação e a competitividade, ao mesmo tempo em que protege os direitos e a qualidade do emprego dos trabalhadores, garantindo assim um desenvolvimento econômico mais inclusivo e sustentável.

2.3. Parques Tecnológicos:

A literatura que aborda parques tecnológicos e ambientes de inovação abarca uma ampla gama de interpretações e análises, refletindo a complexidade do tema devido às diversas experiências de parques em todo o mundo e à sua relevância contemporânea. Esta diversidade de perspectivas torna desafiador encontrar uma abordagem única para o assunto.

Os estudos geralmente se concentram na capacidade dos parques de reduzir a taxa de mortalidade das Empresas de Base Tecnológica (EBTs), gerar impacto na economia regional, promover a interação entre universidades e EBTs, estimular atividades de pesquisa nas empresas e impulsionar a criação de novos produtos, entre outros aspectos.

Há uma tendência otimista e confiante em relação aos parques tecnológicos e ambientes de inovação. A literatura econômica ressalta os benefícios proporcionados pelas concentrações de empresas, aumentando a competitividade em comparação com empresas dispersas pelo território (ERBER, 2008).

Esses ecossistemas de inovação e empreendedorismo não apenas fomentam uma cultura centrada na valorização da inovação, mas também a posicionam como o cerne das estratégias competitivas em um ambiente empresarial em constante evolução. Como resultado, esses empreendimentos são vistos como elementos essenciais e componentes primordiais nas iniciativas e estratégias de estímulo econômico, científico, tecnológico e imobiliário em níveis global, regional e local.

Reconhecidos como ambientes dinâmicos que incentivam a geração de ideias inovadoras, esses ecossistemas estimulam profissionais com mentalidade empreendedora, demonstrando sua disposição para assumir riscos e identificar oportunidades. A colaboração e a diversidade de pensamento desempenham papéis cruciais no avanço desses ambientes, onde o aprendizado contínuo e a capacidade de adaptação são promovidos como impulsionadores do desenvolvimento e do progresso.

Conforme observado por Antunes (2004, p.341), a organização do mundo do trabalho está progressivamente se tornando transnacional, resultando em uma classe trabalhadora que integra suas dimensões local, regional, nacional e internacional. Assim, essas iniciativas têm o potencial de exercer uma influência significativa nos processos de trabalho, representando um objeto de observação fascinante.

Os primeiros parques tecnológicos surgiram como resultado da formulação de novos paradigmas, reestruturação produtiva, incorporação de empresas específicas de produção de inovações e conformação de um outro modelo de acumulação, o regime de acumulação flexível.

As práticas com parques tecnológicos datam das décadas de 1950 e 1970, cujos principais precursores localizavam-se nos Estados Unidos e Inglaterra, e se

intensificaram por volta da década de 1990, em especial nas economias emergentes (ZOUAIN, 2003, p. 32).

O Vale do Silício, localizado na Califórnia – EUA, é considerado uma das experiências precursoras e uma das iniciativas mais bem sucedidas de parques tecnológicos que serviu emblematicamente de exemplo para a difusão de outros parques pelo mundo. De acordo com Saxenian (1996) apud (ZOUAIN, 2003, p. 48-49), o sucesso do Vale do Silício se deu, em grande medida, graças ao seu estilo irreverente, que atraiu diversos intelectos com primorosas ideias, aliado ao fato de ter criado um modelo industrial com diferentes tipos de arranjos e combinações possíveis - como uma rede. Com um ambiente aberto e a infraestrutura de conhecimento disponível proporcionou as condições necessárias e dinâmicas para a geração de tecnologias cada vez mais inovadoras.

Os Parque Tecnológicos no Contexto Brasileiro

O contexto brasileiro é representado por um movimento tardio de implementação dos parques tecnológicos, por volta das décadas de 1980 e 1990, e segundo Zouain (2003), marcado também por uma descontinuidade de ações, carência de formalização e de políticas de incentivo específicas, além do receio existente por parte dos ambientes acadêmicos. Marighetti (2013, p.131) alertou para o fato das ações direcionadas para a ciência e tecnologia no Brasil serem "elaboradas, mas lentamente consolidadas, o que revela uma realidade distante para destaque internacional na produção em grande escala de produtos de alta tecnologia".

Sem se tratar especificamente de políticas de incentivo direcionadas a fomentar e apoiar empresas de base tecnológica ou voltadas para a implementação de parques tecnológicos, as diferentes políticas de C&T que eram criadas no país em geral focavam no apoio e crescimento da pesquisa básica realizada pela academia. Sendo assim, de maneira não específica, as políticas públicas que acabaram por apoiar a criação de parques nacionais se tratavam de ações referentes ao desempenho de programas nacionais.

A princípio, por meio dos Planos Básicos para o Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia – PBDCT, com destaque para o Plano III (1980-1985), foi criado o Programa de Inovação Tecnológica, um programa nacional dirigido a estabelecer uma aproximação entre academia e as atividades empresariais.

Mais em específico, com a intenção de fomentar a inovação no país, surgem os primeiros indícios de que o tema “parques tecnológicos” começaria a ser tratado no Brasil. Em 1984, foi criado o Programa Brasileiro de Parques Tecnológicos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Entretanto, de acordo com ABDI e ANPROTEC (2008), na época, faltava ao país uma cultura inovadora, sem dispor de ambientes favoráveis aos projetos de parques tecnológicos, originaram-se as primeiras incubadoras de empresas no Brasil. Somente a partir dos anos 2000, os parques tecnológicos ganharam novamente destaque no tocante ao desenvolvimento tecnológico, econômico e social.

Ainda, a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, em 1985, também foi favorável pelo fato de reacender o debate de inovação tecnológica. Já em 1999, a nível federal, um dos fundos setoriais do Ministério da Ciência e Tecnologia, o Fundo Verde-Amarelo, incentivava a constituição dos parques tecnológicos, apoiando os arranjos ou aglomerados produtivos e a interação universidade-empresa, estimulando o empreendedorismo, procurava reproduzir os modelos dos parques bem-sucedidos dos Estados Unidos e Europa. O fundo acabou por contemplar 6 cidades brasileiras: Campina Grande (PB), Joinville (SC), Petrópolis (RJ), Manaus (AM), Santa Maria (RS), e São Carlos (SP).

Outra forma de incentivo às alianças e projetos em parcerias entre ambiente acadêmico, instituições tecnológicas e empresas foi a “Lei da Inovação”, de 2004. E mais recentemente, em 2009, a fundação do Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Empresas e aos Parques Tecnológicos (PNI), objetivava estimular a implantação dos parques tecnológicos. Outras medidas de apoio a iniciativas de parques tecnológicos vão sendo elaboradas regionalmente, como regulamentação de uso da terra, ações de incentivos fiscais, entre outras. Uma das ações, em particular do estado de São Paulo, foi a criação, em 2006, do Sistema Paulista de Parques Tecnológicos (SPTec), gerenciado pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico, também contribuindo para iniciativas de criação e implantação dos parques tecnológicos.

No Brasil, assim como em outros países, existe uma entidade sem fins lucrativos dedicada especificamente a apoiar e fomentar a inovação, o que, por conseguinte, impulsiona a criação de incubadoras, polos e parques tecnológicos. A ANPROTEC – Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores - foi estabelecida em 1987 com o propósito de oferecer suporte técnico, promover a

capacitação dos associados, incentivar a formulação e implementação de políticas de inovação por parte das instituições governamentais, além de buscar recursos de entidades públicas, privadas, nacionais ou estrangeiras, entre outras atividades (ANPROTEC, 2008).

Segundo a ANPROTEC (2008) as iniciativas pioneiras no país são representadas pelo Parque Tecnológico da Ciatec de 1985 (São Paulo), pelo Parque Tecnológico de Bodocongó de 1993 (Paraíba), pelo Parque Tecnológico Alfa de 1995 (Santa Catarina) e o Polo de Tecnologia Bio-Rio de 1995 (Rio de Janeiro).

O Brasil tem respondido às estratégias recentes de fomento aos ecossistemas de inovação e empreendedorismo, que envolvem a integração de instituições de pesquisa, setor público e setor privado, aumentando significativamente o número de parques tecnológicos.

De acordo com informações compiladas pela plataforma (MCTI InovaData-BR) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) em colaboração com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), "Nos últimos 10 anos, o Brasil viu um aumento notável no número de parques tecnológicos em operação, saltando de 20 para 55, representando um crescimento de 175% nesse período. A maioria desses parques está concentrada na região Sul do país, com um total de 28. Dezenove estão localizados na região Sudeste, sete na região Nordeste, três no Centro-Oeste e um na região Norte"[7].

Ainda, de acordo com o estudo do MCTI, seus resultados demonstram um aumento da incorporação de empresas instaladas nos parques tecnológicos, passando de 939 para 1337, do ano de 2013 para o ano de 2017. Em consequência, o número de profissionais empregados nas empresas dos parques tecnológicos também aumentou, passando de 29.909 (2013) para 38.365 profissionais (2017). Tendo como os setores mais praticados: Tecnologia da Informação, energia, biotecnologia, agronegócio, economia criativa, saúde e outras áreas.

Em 2008, a Associação Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), em conjunto com a APROTEC, identificou algumas características comuns nos modelos de parques tecnológicos presentes no contexto brasileiro, formando assim o "Perfil típico de Parques Tecnológicos no Brasil".

De acordo com o estudo, esse perfil abrange as seguintes características:

---

[7] Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2021/09/levantamento-faz-retrato-da-evolucao-de-parques-tecnologicos-no-pais.

1. Estabelecimento de um forte vínculo com estratégias e iniciativas voltadas para o empreendedorismo inovador, como as incubadoras de empresas;

2. Significativa relevância nas ações de desenvolvimento econômico e tecnológico, consideradas como elementos essenciais no planejamento regional;

3. Grande dependência de indivíduos ou grupos de pessoas dedicadas à coordenação de iniciativas e projetos;

4. Destaque como elemento físico na formação, consolidação e reprodução de polos tecnológicos no país, impulsionado pelo caráter "emergente" da indústria de tecnologia nacional;

5. Implantação em locais geralmente originados de órgãos públicos ou universidades;

6. Crescente importância de empresas estatais de grande porte e competência tecnológica no impulso e consolidação dos Parques Tecnológicos.

2.4. Contribuições Teóricas:

O processo de reestruturação produtiva é um fenômeno intrínseco às transformações econômicas e sociais que ocorrem nas sociedades contemporâneas. Surgindo como uma resposta aos desafios e oportunidades apresentados pela globalização, renovação material com as inovações e ascensão das TICs e mudanças nas demandas do mercado, esse processo busca reorganizar as formas de produção, distribuição e consumo em diversas esferas da atividade econômica, transformando não só o meio fabril, bem como também o meio geográfico do trabalho, conformando o meio técnico científico informacional.

O conceito de "meio técnico-científico e informacional" foi introduzido pelo geógrafo brasileiro Milton Santos, em sua obra **"A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção"** (1996).

O Meio Técnico refere-se ao conjunto de tecnologias e técnicas que influenciam a produção e organização do espaço, incluindo infraestruturas, como: estradas, ferrovias, portos, redes de comunicação, entre outros. Essas tecnologias não apenas facilitam a mobilidade, mas também moldam a distribuição de atividades econômicas e sociais. O Meio Científico relaciona-se ao conhecimento científico e à aplicação desse conhecimento na produção de novas tecnologias e processos, envolvendo instituições de pesquisa, laboratórios, universidades e outros locais nos quais a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico ocorrem. Enquanto o Meio Informacional,

diz respeito à crescente importância da informação na sociedade contemporânea, incluindo sistemas de comunicação, tecnologias digitais, redes de computadores e todo o aparato que facilita a produção, transmissão e utilização da informação. O meio informacional é fundamental na organização da produção e na tomada de decisões em diferentes esferas da sociedade.

Para Santos (1996), o conceito é fundamental para compreender as transformações espaciais e socioeconômicas na era contemporânea e tem interferido cada vez mais diretamente no processo de trabalho. Por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de tecnologias produtivas inovadoras, as quais significaram uma forma específica de organização espaço-temporal, provocando intensas transformações no conflito capital *versus* trabalho e, assim, uma nova perspectiva para o trabalho e os trabalhados.

Considerando que um aspecto fundamental da reestruturação produtiva é a alteração no perfil do trabalho e dos trabalhadores, foi escolhido o autor Ricardo Antunes, um sociólogo brasileiro renomado por suas análises críticas sobre as relações de trabalho e as transformações no capitalismo globalizado, com o intuito de enriquecer esta pesquisa ao oferecer contribuições cruciais.

Em 2004, a obra: **"As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital"**, de Antunes e Alves, abordou a intensificação da racionalidade na automação, robotização e informatização do processo produtivo. Embora tenham possibilitado o aumento da produtividade e a redução do tempo de produção, esses avanços ampliaram o trabalho morto, representado pelo maquinário técnico-científico, resultando na redução do trabalho vivo, este relacionado à atividade laboral efetuada pelos trabalhadores, que envolve o uso de sua força de trabalho.

> Como consequência dessa nova empresa flexível, liofilizada e digital, os intermitentes globais tendem a se ampliar ainda mais, uma vez que o processo tecnológico-organizacional-informacional eliminará de forma crescente uma quantidade incalculável da força de trabalho, a qual se tornará supérflua e sobrante, sem empregos, sem seguridade social, sofrendo riscos crescentes de acidentes e mortes no trabalho, sem nenhuma perspectiva de futuro.
>
> É certo que uma parcela de “novos trabalhos” será criada entre aqueles com mais “aptidões”, mais “inteligência”, mais “capacitações” (para recordar o ideário empresarial), amplificando o caráter de segregação societal existente. Contudo, é impossível não deixar de alertar, com todas as letras, que as precarizações, as “subutilizações”, o subemprego e o desemprego tenderão a aumentar celeremente. (ANTUNES, p. 14, 2020)

Há uma redução do proletariado industrial, fabril tradicional, manual, estável e especializado, herdeiro da era da indústria verticalizada de tipo taylorista e fordista. Em compensação emerge um novo proletariado fabril e de serviços em diferentes modalidades de trabalho precarizado: informalizados; instáveis; terceirizados; subcontratados; temporários; intermitentes; *Part time*; entre outros. Surgem trabalhadores que se estruturam sob formas desregulamentadas de trabalho em conjunto ao elevado nível de trabalhadores desempregados. E como aponta Alves e Antunes (2004), a classe trabalhadora passou por transformações, deixando de ser a mesma do século passado. Agora, ela se apresenta mais fragmentada, diversificada e heterogênea.

A grande massa de desempregados do mundo industrial foi conduzida também ao trabalho no “Terceiro Setor”, aquele cujas atividades têm finalidade pública e são desenvolvidas em favor da sociedade e cujas instituições ou organizações não têm fins lucrativos, sob o perfil assistencialista, voluntário e comunitário. Entretanto, apesar desse caráter mais favorável de assistência e benesses, é importante compreender, bem como aponta Alves e Antunes (2004, p.340), que apesar de uma parcela de trabalhadores serem incorporados no “Terceiro Setor”, este setor não se coloca como alternativa ao desemprego, pois não rompe com a lógica do capital, pelo contrário tem dado funcionalidade ao sistema de mercado, reintegrando trabalhadores excluídos, também de modo precário, em atividades não lucrativas, não mercantis.

O trabalho em domicílio também cresceu e continua crescendo vertiginosamente em decorrência dos avanços tecnológicos, com sistemas de comunicação, informatização e de transportes mais desenvolvidos, que possibilitaram um nível de racionalização que permitia a descentralização do processo produtivo. O trabalho produtivo em domicílio, teletrabalho ou *home office*, valendo-se de outros espaços para além do interior da empresa, se mistura com o trabalho reprodutivo doméstico, pois coloca o trabalhador para realizar suas tarefas em ambiente doméstico. Reduzindo o desperdício de tempo com deslocamentos casa/trabalho ao mesmo tempo que possibilita maior exploração, em especial no caso das mulheres, com a extensão da jornada de trabalho, permiti também a redução de direitos e seguridade social, bem como desmobiliza a classe trabalhadora com a perda da noção de coletividade, isolando o trabalhador do convívio social.

Observa-se um crescimento na absorção do trabalho feminino, especialmente em empregos de meio período, caracterizados pela precariedade e falta de

regulamentação, onde os direitos sociais e trabalhistas são escassos, além da remuneração salarial ser inferior e desigual. Hirata (2002), citado por Antunes (2004), aponta para uma nova divisão sexual do trabalho, onde os homens são favorecidos em empregos relacionados à concepção e ao capital intensivo, enquanto as mulheres são direcionadas para empregos mais intensivos e de menor qualificação.

Enquanto no modelo fordista, o trabalhador era integrado a uma estrutura hierárquica do trabalho, com pouca autonomia e segurança, incumbido de executar tarefas específicas de forma repetitiva. Ele era treinado para desempenhar uma única função, seguindo um ritmo estabelecido pela linha de montagem e esteira rolante. Nesse contexto, a ênfase era dada à especialização não qualificada do trabalhador como elemento essencial para o desenvolvimento do trabalho. Com o avanço da automação, informatização e robotização em diversos processos produtivos, as tendências contemporâneas passaram a valorizar a multifuncionalidade, a criatividade e a iniciativa dos colaboradores.

Observa-se uma redução na demanda por mão de obra manual e não especializada, enquanto cresce a necessidade de profissionais qualificados em áreas como tecnologia da informação, engenharia, design e gestão. As organizações valorizam cada vez mais a polivalência dos colaboradores, incentivando a aprendizagem contínua e a capacidade de adaptação a diferentes situações. Em vez de uma abordagem hierárquica rígida, há uma tendência em direção a estruturas mais horizontais, onde os trabalhadores têm mais autonomia e participação nas decisões.

Além disso, a criatividade e a inovação são vistas como elementos essenciais para o sucesso organizacional. As empresas buscam colaboradores capazes de pensar fora da caixa, propor soluções criativas e contribuir para o desenvolvimento de novas ideias e produtos. O treinamento e o desenvolvimento profissional são investimentos estratégicos para promover o crescimento e a competitividade das organizações em um ambiente de rápida mudança e evolução tecnológica.

Outra obra relevante para o contexto da pesquisa, **"O Privilégio da Servidão: O Novo Proletariado de serviços na era digital"** (2018), Antunes discute como o trabalho assalariado se transformou, destacando o surgimento de um novo proletariado, muitas vezes composto por profissionais de TI, marketing, administração, consultoria financeira e recursos humanos, isto é, profissionais com formação acadêmica e qualificação técnica, que apesar de suas habilidades especializadas, têm enfrentado condições precárias, contratos temporários, terceirização, pressão por

produtividade, longas horas e insegurança no emprego, baixos salários e falta de benefícios.

Segundo o autor, esses novos proletários enfrentam formas de exploração e alienação semelhantes às experienciadas pelos trabalhadores industriais do passado, apesar das diferenças superficiais em suas ocupações e status social, estão sujeitos a condições precárias de trabalho, instabilidade e flexibilização laboral. A trípode destrutiva: terceirização, informalidade e a flexibilidade:

> [...] contra a rigidez taylorista e fordista vigente nas fábricas da “era do automóvel” durante o longo do século XX, nas últimas décadas, as empresas “liofilizadas e flexíveis”, impulsionadas pela expansão informacional-digital e sob comando dos capitais, em particular o financeiro, vêm impondo sua trípode destrutiva sobre o trabalho. (ANTUNES, p11, 2020)

Em **"Infoproletários: Degradação Real do Trabalho Virtual"** (2009), Antunes aborda a situação dos trabalhadores inseridos na chamada economia digital, especialmente aqueles que desempenham funções relacionadas à produção de conteúdo, serviços de internet, tecnologia da informação e outras atividades ligadas à era digital, analisando como esses trabalhadores, embora possam ser vistos como parte de uma economia "inovadora" ou "do conhecimento", muitas vezes enfrentam condições precárias de trabalho, com longas horas, baixos salários, falta de benefícios e insegurança no emprego.

O termo "infoproletários" refere-se a esses trabalhadores digitais, cujas condições de trabalho muitas vezes são degradantes, apesar das narrativas otimistas que muitas vezes cerca a economia digital, com promessas de liberdade e autonomia, tais trabalhadores são explorados e submetidos a formas contemporâneas de exploração e precarização laboral.

Já o livro **"Uberização, trabalho digital e indústria 4.0"** (2020), Antunes examina os impactos das transformações tecnológicas, especialmente aquelas associadas à chamada "Indústria 4.0" e ao fenômeno da "uberização do trabalho”, na estrutura e nas relações de trabalho contemporâneas. Investigando como a ascensão de plataformas digitais, como Uber, Airbnb e outras, tem influenciado as dinâmicas do mercado de trabalho, criando formas de precarização, flexibilização e desregulamentação laboral.

O autor discute como a automação, a informatização e a uberização estão redefinindo não apenas os processos produtivos, mas também as relações de trabalho e a organização social, afetando diferentes setores da economia, desde os

tradicionais até os emergentes, e como elas impactam os trabalhadores, a sociedade e as relações de poder.

A concepção do termo Indústria 4.0 remonta à Alemanha, por volta de 2011, quando o governo alemão apresentou uma série de iniciativas na Feira de Hannover, visando impulsionar um avanço tecnológico significativo na esfera produtiva. Essas medidas provocaram alterações nas cadeias de valor globais, impulsionaram a automação e robotização, sob controle informacional digital, resultando na concepção de "fábricas inteligentes".

Designada como a 4ª Revolução Industrial, a Indústria 4.0 remodelou os processos de produção, introduzindo um novo modelo autônomo de operação, correção e tomada de decisões, com maquinário técnico-científico interagindo entre si, conectado à internet, visando aumentar a eficiência e produtividade das empresas ao otimizar processos produtivos, reduzir tempos de produção, minimizar erros e melhorar a qualidade dos produtos.

O objetivo principal da Indústria 4.0 é transformar a forma como os produtos são fabricados, melhorar a eficiência operacional, reduzir custos, aumentar a flexibilidade e criar novas oportunidades de negócios. Isso envolve a integração de tecnologias digitais, computação em nuvem, internet das coisas (IoT), inteligência artificial (IA), análise de dados e outras inovações nos processos de produção e fabricação, buscando criar ambientes de produção mais eficientes, flexíveis e conectados.

Com a implementação das tecnologias da Indústria 4.0, é possível criar linhas de produção mais flexíveis, capazes de se adaptar rapidamente a diferentes demandas e produzir em menor escala de forma eficiente. Isso implica em mudanças nos processos de trabalho, com a necessidade de reconfiguração rápida das máquinas e treinamento dos operadores para lidar com essas mudanças.

A introdução de robotização e automação em sistemas, voltados para a execução de tarefas repetitivas e de baixo valor agregado, permite a substituição de trabalhadores humanos em determinadas funções, potencialmente resultando na redução da necessidade de mão de obra em setores específicos. No entanto, é crucial destacar que esse cenário não representa o encerramento da atividade humana, pois, como alerta Antunes (2020), “sem alguma forma de trabalho humano, o capital não se reproduz, visto que as máquinas não criam valor, mas o potencializam.”

Com a Indústria 4.0, promove-se a interação entre humanos e sistemas de inteligência artificial, robôs e outras tecnologias. Os trabalhadores passam a atuar em

conjunto com essas máquinas, auxiliando-as e supervisionando seu desempenho, o que requer uma adaptação na forma como as equipes são organizadas, com uma maior integração entre humanos e máquinas.

Surgirão postos de trabalho e profissões emergentes, em resposta aos avanços das novas tecnologias. Especialmente, serão requeridas profissões que explorem, para além das competências técnicas, habilidades comportamentais (soft skills), como comunicação, criatividade e negociação.

Frey e Osborne (2013) indicam que as profissões menos suscetíveis aos efeitos da crescente integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são aquelas que demandam habilidades distintivas, como manipulação e percepção, atividades criativas e inteligência social. Embora algumas dessas habilidades tenham sido parcialmente emuladas por algoritmos, reconhecer emoções e responder de maneira inteligente a esses estímulos ainda é uma tarefa desafiadora para a inteligência artificial.

Em resposta às inovações e à intensa competitividade, as empresas de base tecnológica e o empreendedorismo têm ganhado destaque nos mercados globais, destacando seu modelo de organização laboral flexível, com jornadas adaptáveis e ênfase na criatividade, como observado nas startups. Tanto o número de empreendedores por oportunidade quanto por necessidade tem crescido. No entanto, essa flexibilidade, adaptação e aparente "autonomia" em um cenário altamente competitivo e interconectado acabam por acentuar a exploração da força de trabalho, associada à ausência de seguridade social e benefícios trabalhistas para os empreendedores.

Ainda, por meio da leitura da obra, é possível inferir que o processo de uberização do trabalho, decorrente da crescente integração das novas tecnologias ao mundo do trabalho, é caracterizado como uma nova modalidade de organização, administração e supervisão das atividades laborais, e surgiu à medida que empresas, como a Uber, Airbnb e outras semelhantes, adotaram modelos de negócios baseados em plataformas digitais para facilitar a oferta de serviços sob demanda, eliminando a necessidade de intermediários tradicionais.

> [...] as tecnologias da informação e comunicação (TIC), em vez de constituírem instrumentos dotados de sentido humano-societal, têm sido concebidas para aumentar substancialmente a exploração e espoliação da força de trabalho. A corrosão dos direitos trabalhistas na conjuntura atual se aproxima até mesmo de sua situação durante a fase primitiva da acumulação

> capitalista. Por exemplo, ao olhar a realidade do trabalho via plataformas digitais, constata-se que jornadas de mais de dez horas ou doze horas têm sido mais a regra que a exceção. (ANTUNES, 2020)

Ao longo do tempo, o conceito de "uberização do trabalho" foi ampliado para abranger uma variedade de setores nos quais trabalhadores independentes ou autônomos oferecem serviços por meio de plataformas online, muitas vezes sem contratos de trabalho tradicionais ou benefícios associados.

Nesse processo, há uma reconfiguração do papel do trabalhador, da empresa e do consumidor:

Os trabalhadores são considerados contratados independentes, ao invés de funcionários de uma empresa. Isso implica maior flexibilidade quanto aos horários de trabalho, mas também a ausência dos mesmos benefícios e proteções legais oferecidos aos funcionários de empresas convencionais. Com isso, esses trabalhadores assumem a responsabilidade pelo gerenciamento de sua produtividade, riscos e custos.

> A uberização é um processo no qual as relações de trabalho são crescentemente individualizadas e invisibilizadas, assumindo, assim, a aparência de “prestação de serviços” e obliterando as relações de assalariamento e de exploração do trabalho. (ANTUNES, p.11, 2020)

As empresas, detentoras dos softwares e da plataforma, estabelecem e gerenciam as regras de conexão. A atividade de trabalho é coordenada por meio de plataformas digitais, que fornecem o sistema para conectar prestadores de serviços aos clientes. Essas plataformas geralmente utilizam algoritmos para combinar a oferta e a demanda.

Enquanto cabe ao consumidor a supervisão e controle dos trabalhadores por meio de avaliações, essas análises podem ter um impacto significativo na capacidade do profissional de acessar mais oportunidades de emprego.

Dessa forma, o termo se tornou uma maneira de descrever a mudança na natureza do emprego e na organização do trabalho, caracterizada pela flexibilidade, desintermediação e a dependência de tecnologias digitais para conectar trabalhadores e consumidores. E embora essa abordagem possa proporcionar oportunidades de trabalho e renda, também pode ser interpretada como uma fase

renovada da exploração laboral já presente anteriormente[8], mas que agora se expande significativamente no contexto da economia digital.

As obras mencionadas do professor Ricardo Antunes fornecem uma compreensão abrangente das transformações no mundo do trabalho. Isso permite que a presente pesquisa examine os impactos dessas dinâmicas laborais quando integradas aos ecossistemas de inovação e empreendedorismo, como no caso do Parque Tecnológico de São José dos Campos. Será que essas lógicas de precarização advindas das transformações no mundo laboral incidem com a mesma intensidade nesses ambientes?

Um outro autor de relevância teórica para esta pesquisa é o filósofo sul-coreano Byung Chul Han. Embora trate de assuntos distintos em relação a Antunes, ambos oferecem perspectivas críticas sobre a sociedade contemporânea, examinando as transformações no mundo do trabalho e as dinâmicas sociais e psicológicas que caracterizam a era atual. É possível estabelecer conexões entre suas obras no que diz respeito à abordagem de questões como precarização do trabalho, exaustão, pressão por desempenho e as consequências desses fenômenos para os indivíduos e para a sociedade como um todo. (ANTUNES, 2018; 2020; HAN, 2017; 2018)

Os autores contribuem para uma compreensão mais ampla das complexidades e desafios enfrentados pelos indivíduos e pela sociedade em um mundo marcado por mudanças rápidas e profundas no campo do trabalho, da tecnologia e das relações sociais. Suas análises críticas convidam à reflexão sobre os valores e as prioridades que orientam a vida em sociedade, bem como sobre as formas de resistência e transformação frente às injustiças e opressões que permeiam o tecido social contemporâneo.

Han, em seu livro **"A Sociedade do Cansaço",** investiga as dinâmicas psicológicas e sociais que envolvem a busca incessante por sucesso e realização na sociedade contemporânea. Han descreve como a cultura do hiperconsumo, hiperconectividade e pressão por desempenho contribuem para um estado de exaustão neurótica, no qual os indivíduos se sentem constantemente sobrecarregados e ansiosos.

---

[8] A pesquisadora Ludmila Costhek Abílio em sua investigação associada às revendedoras da Natura, evidenciou a temática do trabalho invisível e precário de milhares de trabalhadoras mulheres que se encontravam na condução da comercialização e consumo dos produtos da marca. No exame das relações de trabalho, a autora evidencia aspectos previamente não reconhecidos nas novas estruturas laborais, abordando especificamente a temática do trabalho invisível e precário.

Ao contrastar a sociedade disciplinar de Foucault, caracterizada por restrições, leis e limitações, com o atual modelo de sociedade, Han destaca uma mudança significativa. O slogan "Yes we can", popularizado pelo então candidato à presidência dos Estados Unidos, Barack Obama, reflete essa transição para um contexto em que os poderes individuais são percebidos como potencialmente ilimitados.

A sociedade do desempenho é uma sociedade ativa, que tem seus sujeitos ativos, “podendo ser tudo, menos passivos” (HAN, 2018), são os sujeitos do desempenho e da produção. Sujeitos que aparentemente são livres, mas que são constantemente avaliados em seu desempenho, eficácia e estão submetidos a constante vigilância e exigência de crescimento. Num controle extremo, são sujeitos que se “autoexploram” e acreditam ser realização. Numa liberdade paradoxal:

> O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto, na medida que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo. (HAN, 2018)

Em meio ao contexto de elevada competitividade, esses indivíduos buscam se diferenciar, para se destacar, ser autênticos, pois não podem “ser mais um”. Para tanto, procuram constantemente se capacitar, qualificar e explorar mais do seu esforço.

Em seu outro livro **“Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder”** (2018), Han explora as interações complexas entre o neoliberalismo e as estratégias contemporâneas de exercício do poder. O neoliberalismo tem empregado a psicologia para legitimar o sistema socioeconômico, moldando novas formas de subjetividade e submissão. Essa abordagem visa criar indivíduos mais autônomos, adeptos do liberalismo e da flexibilidade, capazes de lidar com desafios e instabilidades de forma competitiva e individualista.

Com a introdução do conceito de "psicopolítica", Han explora como o poder opera não apenas por meio de instituições políticas, mas também por meio da manipulação psicológica e da auto regulação dos indivíduos, examinando como as tecnologias digitais e as mídias sociais contribuem para essa dinâmica, e podem influenciar as percepções de tempo, espaço e identidade.

Para o autor, o neoliberalismo não se baseia apenas na busca pela maximização dos lucros e na minimização da intervenção estatal na economia, mas infiltrando nos aspectos psicológicos e sociais da vida contemporânea, também promove uma lógica

de competição constante e auto otimização. Nessa dinâmica, os indivíduos, revestidos de otimismo e positividade, são levados a se verem como empreendedores de si mesmos, responsáveis por sua própria felicidade e sucesso.

Tendo as tecnologias digitais e as redes sociais, como elementos cruciais na formação e na manipulação das subjetividades contemporâneas, a mentalidade empreendedora permeia diversas esferas da vida, desde o trabalho até os relacionamentos interpessoais. De acordo com Han (2018), o poder opera de maneiras cada vez mais invisíveis e internalizadas, influenciando não apenas nossas ações, mas também nossas percepções e desejos.

> A técnica de poder do regime neoliberal não é proibitiva, protetora ou repressiva, mas prospectiva, permissiva projetiva. O consumo não se reprime, só se maximiza. É gerada não uma escassez, mas uma abundância, um excesso de positividade. Somos todos compelidos a comunicar e a consumir. (HAN, p.56 -57, 2018)

E aquele sujeito, que “fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso.” (HAN, p.16, 2018).

A experiência laboral, cada vez mais, assume contornos irracionais, por vezes associados a narrativas místicas, religiosas e experiências pessoais. Os espaços de trabalho demandam dos indivíduos uma postura empreendedora, inteligência emocional, talento e habilidades interpessoais, visando altos índices de desempenho e produtividade. Esse contexto resulta em um esforço físico e mental considerável por parte dos trabalhadores, gerando uma sociedade marcada pelo cansaço e pelo esgotamento decorrente do culto ao desempenho.

Na presente pesquisa, Han emerge como uma ferramenta crucial na análise dos discursos veiculados nas redes sociais do Parque Tecnológico de São José dos Campos. Os usuários dessas plataformas, representantes da sociedade contemporânea imersa em um contexto de sobrecarga de estímulos e demandas, encontram-se constantemente conectados, submersos em um fluxo ininterrupto de informações e expectativas. Será que essas redes sociais os impulsionam em direção à busca pela realização pessoal e ao sucesso contínuo, levando-os a perseguir incessantemente a eficácia e resultados, sob pressão por desempenho e produtividade?

As obras de Ricardo Antunes e Byung Chul Han oferecem perspectivas críticas sobre as transformações sociais, econômicas e laborais da contemporaneidade. Enquanto Antunes se concentra na análise das mudanças no mundo do trabalho, incluindo a precarização, a flexibilização e a intensificação da exploração, Han explora aspectos psicológicos e sociais relacionados à sociedade atual, como a exaustão e a pressão por desempenho. Ambos os autores fornecem perspectivas importantes sobre os desafios enfrentados pelos indivíduos em meio a um contexto de transformações profundas.

Ainda o livro ***A nova razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal,*** de autoria de Christian Laval e Pierre Dardot, publicado pela editora Boitempo no ano de 2016, traz algumas reflexões sobre o neoliberalismo e seu caráter construtivista e intervencionista, entendido não apenas como uma ideologia ou um tipo de política econômica, mas como um sistema normativo que transformou profundamente o capitalismo, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida, transformando profundamente as sociedades. A racionalidade capitalista de competitividade regendo as relações sociais e humanas. O princípio de concorrência como diretriz das políticas públicas. Constituição dos sujeitos como empreendedores de si mesmos, a norma da empresa aplicada aos indivíduos.

Por outro lado, Richard Florida, economista urbano conhecido por suas teorias sobre o papel da criatividade, da classe criativa e da inovação no desenvolvimento urbano, também se dedica ao estudo das transformações do mundo do trabalho, explorando suas implicações no território e como isso afeta a maneira como as cidades buscam e sustentam sua vantagem competitiva.

Em uma de suas obras mais influentes, **“A Ascensão da Classe Criativa”**, publicada em 2002 por L&PM Editores, Florida introduziu suas ideias sobre como a presença de uma classe criativa influencia o sucesso econômico das cidades.

Na visão do autor, a economia contemporânea é predominantemente uma economia criativa, na qual o conhecimento e a informação desempenham papéis fundamentais como ferramentas e matérias-primas para a criatividade. Em contraposição a setores mais tradicionais, cujas bases residem em recursos naturais ou industriais, este conceito focaliza setores nos quais o valor econômico é derivado da concepção, desenvolvimento e exploração de produtos e serviços criativos. Abrangendo diversas indústrias, a economia criativa fundamenta-se na criatividade e no talento individual como elementos essenciais e a "inovação" é o produto resultante

desse ambiente, que se manifesta tanto por meio de novos artefatos tecnológicos quanto de modelos de negócios inovadores. (FLORIDA, p. 44, 2011)

Adicionalmente, a economia criativa enfatiza a interconexão entre distintos setores criativos, bem como a colaboração entre profissionais de disciplinas diversas. O desenvolvimento deste segmento econômico é impulsionado por investimentos estratégicos em educação, pesquisa e infraestrutura, fomentando assim a criatividade e a inovação.

No intuito de compreender as metamorfoses no mundo do trabalho resultantes do contexto da economia criativa, Florida (2011) identifica a "classe criativa" como os profissionais emergentes nesse novo paradigma econômico. A classe criativa, conforme delineada por Florida, engloba indivíduos altamente qualificados nas áreas de tecnologia, artes, design, mídia e ciências. Tais profissionais são distintos pela sua notável capacidade de inovação, criatividade e pensamento crítico.

Conforme a perspectiva de Florida, atrair e reter a classe criativa são fatores cruciais para impulsionar o desenvolvimento e a prosperidade de uma região. Contudo, o autor destaca que mobilizá-la representa um desafio considerável: “Diferentemente da classe trabalhadora, os trabalhadores da classe criativa esperam ser tratados como indivíduos singulares. Por isso, mobilizá-los pode ser tão difícil quanto arrebanhar gatos.” (FLORIDA, p. 2011). Nesse contexto, o autor identifica três fatores principais que impactam a escolha de um local por esses profissionais. Os três Ts do desenvolvimento econômico: talento, tolerância e tecnologia.

> O segredo para entender a nova geografia econômica da criatividade e seu impacto sobre os resultados econômicos está ligado ao que chamo de Ts do desenvolvimento econômico: Tecnologia, Talento e Tolerância. Cada uma dessas condições é necessária, mas sozinha é insuficiente: para atrair indivíduos criativos, gerar inovação e estimular crescimento econômico, um lugar precisa reunir as três. (FLORIDA, p. 249, 2011)

Em relação ao talento, Florida enfatiza a importância de uma força de trabalho altamente qualificada e educada. Cidades com universidades de prestígio e programas de formação de talentos atraem a classe criativa, pois oferecem acesso a uma base de conhecimento e oportunidades de aprendizado contínuo.

A tolerância e a diversidade são outro fator crítico para atrair a classe criativa. Florida destaca que esses profissionais valorizam ambientes abertos, inclusivos e diversos, nos quais podem expressar livremente suas ideias e identidades. A presença

de uma cultura progressista e respeito à diversidade são elementos que contribuem para a atração e retenção desses talentos.

> Não é de hoje que os economistas afirmam que a diversidade é importante para o desempenho econômico, mas geralmente se referenciam à diversidade de empresas e indústrias. [...] Há muito que Jane Jacobs destacou a importância da diversidade – tanto de empresas quanto de indivíduos – para a inovação e crescimento urbano. Segundo Jacobs[9], as grandes cidades são lugares em que as pessoas de praticamente qualquer perfil são bem-vindas para transformar sua energia e suas ideias em inovação e prosperidade. (FLORIDA, p. 250, 2011)

Por fim, a tecnologia desempenha um papel vital na atração da classe criativa. Cidades com infraestrutura tecnológica avançada, acesso à internet de alta velocidade e ecossistemas de inovação e empreendedorismo são mais atraentes para esses profissionais.

Além dos fatores mencionados acima, Florida destaca a importância do ambiente urbano em si. A qualidade de vida, incluindo fatores como moradia acessível, transporte eficiente, espaços verdes e oportunidades de lazer, também influencia a decisão dos membros da classe criativa em se estabelecerem em determinada região.

Uma vez atraída, a retenção da classe criativa também é essencial para o desenvolvimento econômico sustentável. Florida argumenta que investir em políticas e programas que promovam a criatividade, a inovação, o empreendedorismo e a qualidade de vida é fundamental para manter esses talentos e suas contribuições para a economia local.

No contexto da pesquisa, Richard Florida contribui para a compreensão das ações realizadas pelo Parque Tecnológico de São José dos Campos, considerado um ecossistema de inovação e empreendedorismo imerso em dinâmicas competitivas, para a consolidação e desenvolvimento desse ambiente. destaca o papel da criatividade e da inovação como motores do crescimento econômico.

E por fim, a contribuição teórica de Michel Foucault é fundamental para examinar a hipótese de que o Parque Tecnológico atua como um dispositivo de reformulação do mundo do trabalho.

O conceito de "dispositivo" é central como uma ferramenta analítica na obra de Michel Foucault, desempenhando um papel fundamental em sua análise das interações entre poder, conhecimento e práticas sociais. Em sua obra "História da

[9]Ver: JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

sexualidade", com destaque para "A vontade de saber", Foucault utiliza essa noção de forma ampla e flexível para descrever uma variedade de estruturas e mecanismos por meio dos quais o poder é exercido e o conhecimento é produzido em uma sociedade. Para o autor, o conceito de dispositivo pode ser descrito como:

> [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos... [e entre estes] existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes, [cuja finalidade] é responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 1995)

Os dispositivos não possuem uma definição fixa, mas compartilham algumas características fundamentais. Consistem na rede de inter-relações entre elementos heterogêneos, ou seja, não se limitam a uma única forma ou estrutura, podendo assumir diversas configurações, como instituições, práticas, discursos, tecnologias, leis e normas, adaptadas ao contexto específico em que operam.

Os dispositivos, com o propósito de responder a uma necessidade urgente, estabelecem conexões possíveis entre esses elementos, exercendo, portanto, uma função estratégica. O discurso, por exemplo, pode servir como programa institucional, justificar uma prática ou interpretá-la retrospectivamente, oferecendo-lhe uma nova racionalidade.

> Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando−lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. (FOUCAULT, 1995).

Esses dispositivos são os locais onde as relações de poder e saber se entrelaçam, permitindo a produção e a regulação do conhecimento, ao mesmo tempo em que exercem controle sobre indivíduos e grupos. Além disso, desempenham um papel na construção de identidades e subjetividades, moldando como as pessoas se percebem e são percebidas pelos outros.

Cada dispositivo está inserido em um contexto histórico e cultural particular, o que influencia sua configuração e funcionamento ao longo do tempo. Eles estabelecem regras, normas e modos de operação que afetam as ações e os

pensamentos das pessoas dentro da sociedade, formando uma rede complexa de interconexões.

Além da estrutura de elementos heterogêneos, um dispositivo é caracterizado por sua gênese, com dois momentos distintos: o primeiro relacionado ao objetivo estratégico predominante e o segundo à constituição do próprio dispositivo. Uma vez estabelecido, o dispositivo mantém sua estrutura por meio de um processo de sobredeterminação funcional, no qual cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, interage com os demais, exigindo ajustes e reajustes constantes para permanecer eficaz.

A análise dos dispositivos é uma ferramenta crítica utilizada por Foucault para examinar como o poder e o conhecimento se manifestam em diferentes contextos sociais, como escolas, prisões, clínicas médicas e sistemas penais. Essa abordagem permite compreender como as relações sociais são moldadas, como o conhecimento é regulado e como as subjetividades são influenciadas pelos dispositivos específicos em operação. Assim, os dispositivos são conceitos essenciais para a compreensão da abordagem crítica de Foucault em relação ao poder, saber e práticas sociais.

Em específico ao objeto do estudo de caso, o Parque Tecnológico e o município de São José dos Campos – SP, a tese de doutorado ***São José dos Campos e das Vocações: uma análise do ideário empreendedor como projeto de competitividade urbana a partir da década de 1990***, de Pedro Henrique Faria Machado, em 2019, foi incluída também como material fundamental de leitura para compreensão das mudanças ocorridas no município e suas peculiaridades. Tal trabalho investigou as ações e estratégias discursivas da governança da cidade de São José dos Campos, em prol da constituição do capital simbólico coletivo representado por uma “vocação” empreendedora, que favorecesse o projeto de competitividade urbana e estimulasse melhores investimentos para a cidade.

O trabalho no espaço da fábrica: um estudo da General Motors em São José dos Campos (SP), publicado pela Editora Expressão Popular, no ano de 2007, livro de autoria de Gilberto Cunha Franca, discorre acerca das transformações técnicas e organizacionais do processo de trabalho decorrente da reestruturação produtiva implementada pela GM no município de São José dos Campos - SP, com o aprimoramento da mecanização, da automação e da informatização. Ainda, contribui para o entendimento de questões referentes ao mundo do trabalho, como sistema de gestão da circulação do trabalho (*just-in-time*), noções de trabalho polivalente,

trabalho em grupo, fenômenos de subcontratação, deslocamento industrial, processos de expansão geográfica da produção, dispersão do trabalho, processo de fragmentação do proletariado no próprio local de trabalho, bem como trata das diversas formas de resistência e de organização dos metalúrgicos, e outros aportes.

3. ESTUDO DE CASO:

3.1. SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP:

São José dos Campos[10], cidade palco para o desenvolvimento da presente pesquisa, segundo o IBGE possui área territorial de aproximadamente 1.099,409Km² (2020), população 729.737 habitantes (2020) e densidade demográfica de 572,96 hab/Km² (2010). O município no ano de 2019 registrou a média salarial mensal de 3,5 salários-mínimos, fato que coloca o município na 15ª posição em relação ao estado de São Paulo e 52ª posição em relação ao Brasil. Ainda, conta com aproximadamente 217.547 pessoas ocupadas, o que corresponde 30,1% em relação à população total.

A cidade é sede oficial tanto do Parque Tecnológico de São José dos Campos (PqTec) como do Parque Tecnológico da UNIVAP, atuando nas cadeias produtivas de base tecnológica localizadas na região do Cone Leste Paulista, compõe a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN), juntamente com os municípios de Jacareí, Caçapava, Taubaté, Serra da Mantiqueira até Campos do Jordão, e parte do litoral Norte paulista (Caraguatatuba e São Sebastião).

Reconhecida como um significativo polo tecnológico aeroespacial, São José dos Campos atravessou uma história marcada por diversas "vocações", conforme observado por Machado (2019), à medida que cada fase de transformação se desdobrava. O autor salienta que as estratégias e discursos adotados pela governança local, desde a década de 1990, tinham o propósito de fomentar a competitividade urbana, atraindo investimentos e empresas de excelência para o seu território, enfatizando a promoção de uma "vocação empreendedora".

Como resultado dessas iniciativas da administração local, é perceptível que o município ocupa atualmente posições proeminentes em diversos rankings que enfatizam as vantagens locais, as quais são significativamente influenciadas pela presença do Parque Tecnológico na região, o seu principal polo de empreendedorismo e inovação. Como exemplo, a cidade foi apontada pelo ranking "Cidades Americanas do Futuro 2019/20", como a 4ª melhor das Américas em custo-benefício para se realizar investimentos[11], diante as ações da prefeitura que

[10] São José dos Campos foi o foco de investigações de Iniciação Científica realizadas por Sofia Fortunato Costa e Sara Marcelino da Silva de Almeida, além de ter sido abordado nas pesquisas de mestrado de Natália Tamanaka e Guilherme Neli Zaratine.

[11] Disponível em: <https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2019/julho/01/sao-jose-e-a-4%C2%AA-melhor-cidade-das-americas-para-negocios/>. Acessado em: 08.07.21.

estimulam a atração de investimentos de empresas e novos negócios, como o “Lei da Inovação” e “de Logística”.

Além disso, segundo o relatório produzido pela Endeavor em parceria com a Escola Nacional de Administração Pública (Enap), que avaliou o ambiente empresarial das cem cidades mais populosas do Brasil, São José dos Campos está classificada em 17º lugar no "Índice de Cidades Empreendedoras 2023".

A mensuração do índice é realizada através de sete fatores: ambiente regulatório, infraestrutura, mercado, acesso ao capital, inovação, capital humano e cultura empreendedora. A cidade se destaca principalmente nas categorias inovação e capital humano, com o Parque Tecnológico desempenhando um papel fundamental nesse reconhecimento.

Quanto ao seu processo de industrialização, inicialmente, ao contrário de outros centros industriais em São Paulo, São José dos Campos começou sua industrialização sem uma ligação direta com o "complexo cafeeiro", como afirmado por Lessa (2008, p.123): "não houve uma continuidade, nem uma acumulação do capital oriundo do café [...]".

O primeiro estágio desse processo, de 1920 a 1930, é caracterizado pelo início das ações municipais voltadas a implantação de indústrias na cidade. Lessa (2001) destaca a *Resolução 04/1920* como uma das principais medidas, ao conceder isenção fiscal por 25 anos e ceder terrenos para as indústrias se instalarem na cidade, buscava atrair investidores que fugiam de São Paulo, pelo elevado custo de implantação na capital paulista. E, assim, São José dos Campos permeada na visão de que a industrialização e as formas superiores do capitalismo, as formas superiores de estruturação política e da sociedade trariam a modernização, recebeu suas primeiras indústrias: a Cerâmica Santo Eugênio, a Cerâmica Santa Lúcia e a Tecelagem Parahyba.

O segundo estágio, que vai do início do século XX até a década de 1950, decorre da condição de Estância Climatérica e Hidromineral, designada em 1935 à cidade, fez com que recursos financeiros do Estado fossem destinados ao investimento em intervenções urbanísticas e políticas públicas. Conduzindo São José dos Campos a uma posição de destaque local, tal “condição sanatorial” (para o tratamento da tuberculose) favoreceu o setor terciário, com o estabelecimento de diversos serviços para atendimento dos doentes, e assim, estabeleceu “um processo de centralização e concentração de investimentos, população, equipamentos, etc.”

Durante o período do Estado Novo, com a intervenção estatal na economia, a industrialização em nível nacional foi caracterizada pela presença de grandes empresas estatais, principalmente no setor da indústria pesada, abrangendo siderurgia, indústria química, mecânica pesada, metalurgia, mineração, geração de energia (petróleo, hidrelétricas) e outros segmentos. Conforme indicado por Boffi, Ricci e Oliveira (2006), visando o desenvolvimento regional, o Vale do Paraíba passou por um processo de reestruturação econômica e experimentou sua primeira diversificação industrial. Nesse contexto, São José dos Campos viu o estabelecimento de empresas como a Cerâmica Weiss S/A, a Rhodia Indústria Química e Têxtil S/A, a Fábrica de Produtos Alimentares Vigor S/A e a Indústria e Comércio do Café Ltda.

O terceiro estágio do processo de industrialização no município teve início na década de 1950, consolidando São José dos Campos como um polo tecnológico, científico e informacional.

É válido ressaltar que o período de 1950 a 1956, em meio ao governo de Juscelino Kubitschek e abandono do intervencionismo estatal, a economia do país passou por grandes modificações, o processo de industrialização se intensificou e se voltou para a indústria automobilística, naval, química e mecânica, por intermédio de subsídios, como doação de terrenos, isenção de impostos e entrada de investimentos de capitais externos e investimentos estatais. Ressalta-se que a Região Sudeste, em especial o Estado de São Paulo concentrou grande parte do processo de industrialização citado. No final dos anos 1950, “mais de 40% de toda a produção industrial brasileira e quase ¾ da produção de bens de capital e consumo duráveis estava concentrada na Grande São Paulo”. (Negri e Pacheco, 1994, p. 64).

A região do Vale do Paraíba passou por um momento significativo com a construção da Rodovia Presidente Dutra, inaugurada em 1951, e a formação do complexo tecnológico-industrial-aeroespacial na cidade de São José dos Campos. É deste período que São José dos Campos recebe o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em 1950, e a Fundação do Centro Tecnológico da Aeronáutica (CTA) em 1953, “fator determinante para a mudança econômica local (e regional)”, marcando definitivamente “a transição da economia do município, baseada na agricultura, para a economia baseada na industrialização” (ANPROTEC, 2008).

Além disso, é importante ressaltar que a gestão pública municipal de São José dos Campos, fundamentada em um modelo de acumulação desenvolvimentista/fordista, direcionou sua estrutura produtiva por meio de um

planejamento urbano funcionalista (CEPEU (1961) e SERETE S/A (1971)), e por meio de uma política de incentivos fiscais atraiu “instituições privadas de ensino e empreendimentos industriais, como: Faculdade de Direito (1954), Johnson & Johnson (1954), Ericsson (1955), Kanebo, Eaton e Bendix (1957), Engesa (1958), Escola Técnica Professor Everardo Passos e General Motors (1959), Faculdade de Odontologia da UNESP (1960), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE e Avibrás (1961) e Escola de Engenharia Industrial – EEI (1968).” (COIMBRA e HOPFER, 2017). E estabelecendo um importante marco histórico ao município de São José dos Campos, a criação da Embraer, em 1969, acentuou o perfil da cidade em relação à alta tecnologia. O novo boom industrial caracterizou-se por atender aos projetos da cidade e aos planos estratégicos dos militares no poder (Lessa, 2001).

A partir da década de 1970, e mais intensamente nos anos 1980, começa a ser desenhado um novo período para a industrialização paulista. Rumo ao interior do estado de São Paulo, uma desconcentração relativa e dispersão industrial[12] do aglomerado metropolitano se inicia, com as indústrias seguindo a direção das principais vias de transporte rodoviário. Como pondera Negri (1996), os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND) tiveram um importante papel nesse processo, em especial, o II PND, o qual baseava-se em um discurso de necessidade de “integração nacional” para fundamentar o estabelecimento da nova lógica de localização espacial[13].

Na década de 1980, um período marcado pela crise econômica latino-americana, São José dos Campos viu surgir uma série de desafios para os setores aeronáutico e automobilístico. Essa crise nas finanças municipais desencadeou uma série de eventos que impactaram significativamente a região e conduziram a uma reestruturação produtiva.

---

[12] No que diz respeito ao processo de **dispersão industrial**, se faz necessário relativizar algumas noções como: desconcentração industrial, desindustrialização e desterritorialização. **Desconcentração industrial** entendida como a desconcentração da produção, a saída de unidades produtivas para outras áreas e com a manutenção e permanência do centro de comando e gestão. **Desindustrialização** refere-se a redução ou abandono de instalações produtivas e a queda da taxa de emprego nas indústrias tradicionais. E **desterritorialização** trata-se do abandono territorial de parcela da produção industrial. (MELO, 2012).

[13]Negri (1988) ainda aponta outras razões, como: os custos de aglomeração, o alto preço do solo urbano, congestionamento da metrópole, aliados a problemas de ordem ambiental e à deterioração das condições de vida provocados pela concentração industrial possibilitaram a descentralização da indústria paulista, delimitando dois segmentos: a extensões da Grande São Paulo da qual o Vale do Paraíba se inclui, como área de influência da capital, pela sua proximidade, com marcas significativas de uma economia urbana e do outro lado o Eixo Campinas/São José do Rio Preto onde a dimensão do processo de modernização agrícola seria suporte dessas transformações.

A redução da demanda global por aeronaves turboélice, juntamente com mudanças nas preferências de mercado em favor de aeronaves a jato, combinada com problemas internos como a perda de competitividade e altos encargos fiscais, resultou em uma redução substancial na força de trabalho.

A título de exemplo, a Embraer, principal empresa do setor, optou por uma estratégia de globalização da produção. No entanto, essa estratégia trouxe desafios significativos, especialmente na integração com a cadeia produtiva nacional e na cooperação com institutos de pesquisa locais. A dependência de fornecedores estrangeiros e a falta de nacionalização dos insumos tornaram-se evidentes durante esse período.

Apesar da privatização da Embraer e do sucesso do programa ERJ-145, que se tornou um ícone da aviação regional moderna com seus 50 assentos, houve uma retomada do crescimento com investimentos em consórcios e parcerias estratégicas. No entanto, a dependência excessiva de fornecedores estrangeiros persistiu, com a maioria dos insumos ainda sendo importados.

A cadeia de fornecedores da Embraer em São José dos Campos é composta principalmente por pequenas e médias empresas, que mantêm relações hierárquicas e têm pouco desenvolvimento de aprendizado coletivo. A desvinculação dos sindicatos das negociações e a pressão por redução de custos de produção foram características marcantes desse período.

Na indústria automobilística, São José dos Campos enfrentou desafios semelhantes, incluindo a concentração de fornecedores e a redução de postos de trabalho devido à necessidade de cortes de custos. A reestruturação e racionalização das operações resultaram em um crescimento econômico desigual entre os diferentes setores.

Um exemplo emblemático, que teve um papel significativo no processo de reestruturação produtiva, é o Complexo Industrial da General Motors (GM) em São José dos Campos. Inaugurado em 10 de março de 1959, o complexo ocupava uma área total de 2,7 milhões de m², com 500 mil m² de área construída. A partir de 2008, devido à grave crise enfrentada pela General Motors, iniciou-se uma nova fase de implementação do denominado sistema global de manufatura. Isso implicou uma ampliação da colaboração com empresas terceirizadas, fornecedores e filiais, aumentando a integração dos processos produtivos das diversas unidades em escala global.

No contexto da reestruturação produtiva, a GM introduziu modernizações na sua fábrica em São José dos Campos, como a implementação de tecnologias mais avançadas, a automação de processos e a adoção de práticas de produção mais eficientes. Como consequência imediata desse processo de racionalização, ocorreram o fechamento de unidades de produção, demissões de trabalhadores e a realocação e transferência de atividades entre as diversas unidades produtivas da GM. Conforme mencionado por Franca (2007):

> Em outubro de 2003, o número de trabalhadores efetivos na GM era aproximadamente 9 mil. Antes da reestruturação produtiva e espacial da produção e da política econômica liberalizante aplicada nos anos de 1990, o número de trabalhadores desse grupo, o dos efetivos, aproximava-se a 12 mil. Isso significa que houve uma redução de aproximadamente 3 mil postos de trabalho efetivo entre 1990 e 2003.
>
> Entre os 9 mil empregados efetivos, aproximadamente mil são do setor administrativo, isto é, são trabalhadores do escritório. Os demais trabalham no chamado “chão de fábrica”, e se dividem basicamente em operários, técnicos e engenheiros. Entre os trabalhadores do chão de fábrica, existe um grande número de aposentados da própria GM, que seguem nela trabalhando.

Durante esse processo de reestruturação produtiva, é comum que ocorram negociações sindicais, as quais ganham maior relevância em momentos de mudanças que podem impactar o emprego e as condições de trabalho. Em São José dos Campos, a GM enfrentou desafios laborais e greves, que se inserem no contexto das negociações entre trabalhadores e a empresa.

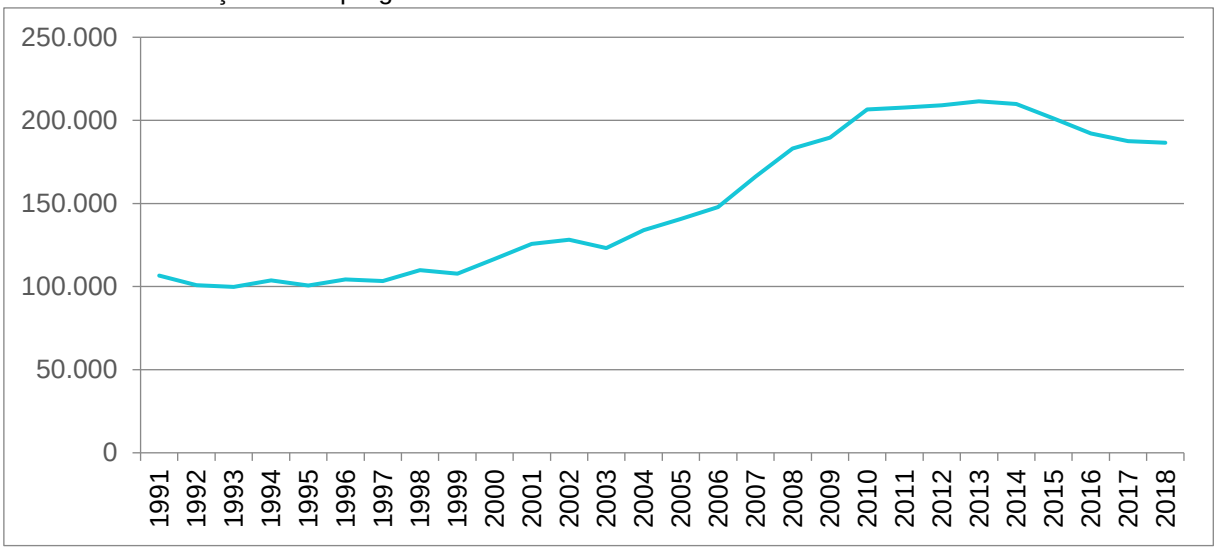
Em síntese, o desenvolvimento econômico na região de São José dos Campos, especialmente nos segmentos aeronáutico e automobilístico, não se traduziu em um crescimento equitativo e abrangente em toda a região. Pelo contrário, observou-se uma concentração de fornecedores e desafios contínuos relacionados à dependência de insumos estrangeiros e à pressão por redução de custos. (BERNARDES & OLIVEIRA, 2002)

O município deu início a um movimento significativo em direção à reorientação produtiva em 1989, por meio da lei municipal n° 3623/89, promovendo a capacitação tecnológica e direcionando investimentos do orçamento público para viabilizar a implantação de Parques Tecnológicos. Machado (2019, p.132) destaca a relevância do mandato do prefeito Emanuel Fernandes (PSDB), realizado entre 1997 e 2004, onde medidas foram adotadas para impulsionar o crescimento das empresas e incentivar o empreendedorismo, tornando-se um dos principais pilares de sua administração.

Esse aspecto, conforme apontado por Dardot e Laval (2016), demonstra o papel do Estado na transformação da subjetividade capitalista. Os autores ressaltam que os governantes reconheceram a necessidade de promover uma mentalidade alinhada às exigências do capitalismo neoliberal, tornando-se agentes ativos na alteração das sociedades e dos cidadãos para sustentar as dinâmicas do sistema.

Nesse contexto, a aprovação da lei de zoneamento de 1997 (Lei complementar n° 165/97) emerge como um importante instrumento urbanístico, ao flexibilizar os parâmetros urbanísticos e designar cerca de 80% do território urbano como zona de uso misto. Essa flexibilização desempenhou um papel crucial ao possibilitar um aumento exponencial na implantação de empresas de telecomunicações e serviços no município, resultando em um perceptível incremento no número de empregos formais registrados no município a partir dessa data:

Gráfico 01 - Evolução do emprego formal 1991 a 2018:



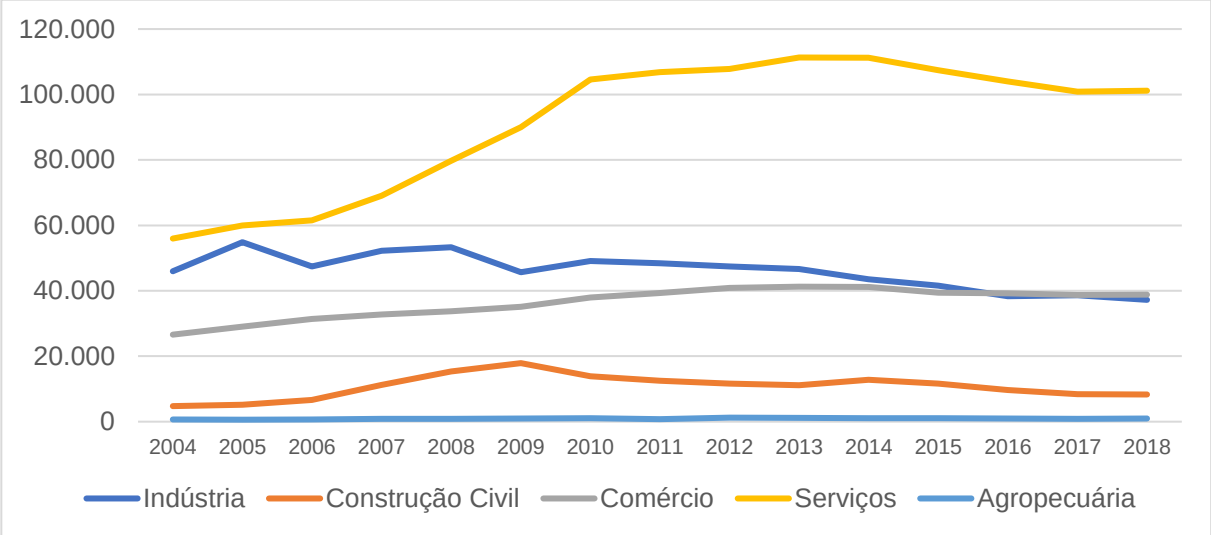
Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – Caged; Fundação Seade. Elaborado pela autora (2023).

Para além das transformações no urbano, a cultura empreendedora elevou o discurso do empreendedor como protagonista do seu próprio destino: As iniciativas Fábrica de Empregos (lei municipal n° 5069/97) trazendo subsídios para projetos de desenvolvimento econômico; o Banco do Empreendedor Joseense (lei municipal n° 5189/98) oferecendo microcréditos aos pequenos empreendedores; e a Lei de Fundo de Quintal (lei complementar n° 172/98) incentivando pequenas atividades no interior das residências.

Em 2004, a Lei Municipal 6751/04 enfatizou a relação entre o setor público e o privado ao instituir termos de parcerias com entidades denominadas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), demonstrando a importância atribuída pela municipalidade de São José dos Campos aos interesses da iniciativa privada.

No período de 2004 a 2018, os segmentos que registraram os maiores índices de crescimento foram os setores de serviços e comércio, como ilustrado no gráfico 02:

Gráfico 02 – Número de vínculos por setores 2004 a 2018:



Fonte: Observatório do Mercado de Trabalho e Formação Profissional (2018). Disponível em: <http://observatoriodotrabalho.sjc.sp.gov.br/index.php/sao_jose_em_numeros/perfil-do-mundo-do-trabalho-2018/>

Nesse ambiente favorável e acolhedor, o setor de empreendedorismo em São José dos Campos tem florescido e se expandido nos últimos anos, evidenciando a cidade como um polo empreendedor. O Parque Tecnológico (PqTec) emerge como um ícone desse período, estabelecendo-se em 2006 com iniciativas que fortalecem incubadoras, aceleradoras de empresas e atraem startups, pequenas e médias empresas.

Dada a clara especificidade do município, com uma orquestração evidente por parte do poder público e outros atores políticos e econômicos para atrair empresas, desenvolver projetos imobiliários e urbanos, e construir um projeto de imagem para a cidade joseense[14], a concepção de ecossistemas de inovação e parques tecnológicos se alinha de forma bastante coerente com essas intenções.

[14] Tese desenvolvida por Machado (2019).

3.2. PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (PqTec):

O Parque Tecnológico de São José dos Campos, conhecido como PqTec e identificado como o "maior complexo de empreendedorismo e inovação" (SANTOS, 2018), destaca-se não apenas por suas vastas dimensões, abrangendo uma área total de 25 milhões de metros quadrados, mas também por ser o único parque a abrigar três das principais fabricantes globais de aviões: Boeing, Airbus e Embraer. Sua influência na produção de tecnologias de ponta, especialmente nos setores aeroespacial e de defesa, o torna uma referência e um modelo de alinhamento entre as capacidades produtivas e tecnológicas locais, as competências das empresas e as políticas de governança municipais/estaduais, além da pesquisa científica de vanguarda e do empreendedorismo inovador (SILVA, 2021).

Como consequência da implementação do Parque Tecnológico e a presença de seus centros de ensino e pesquisa, juntamente com empresas de alta tecnologia, houve um impacto positivo como vantagem locacional. Isso resultou na reconfiguração da dinâmica socioespacial, do planejamento e do ordenamento territorial, com a criação da Zona do Parque Tecnológico (ZEPTEC) e do Projeto da Cidade Tecnológica.

Nesse sentido, o PqTec se revela como um estudo de caso intrigante para a pesquisa em questão, oferecendo a oportunidade de desenvolver uma compreensão das novas dinâmicas que o mundo do trabalho está enfrentando diante dos ecossistemas de empreendedorismo e inovação.

Sob a gestão do prefeito Eduardo Cury (partido político PSDB), o complexo da antiga fábrica da Solectron[15] foi declarado de utilidade pública para fins de desapropriação pelo Decreto Municipal 12.023 (06 de fevereiro de 2006), com área de terreno de 188.811 m² e área edificada de 30.389 m², a fim de abrigar no local o núcleo do Parque Tecnológico de São José dos Campos[16].

Em 2006, foram estabelecidos os principais objetivos e diretrizes para a implantação, operação e manutenção do núcleo do PqTec, por meio do decreto municipal nº12.367/2006, dando origem ao "Programa Parque Tecnológico São José

[15]A Solectron, fábrica de componentes eletrônicos para telecomunicações, foi inaugurada em São José dos Campos/SP em 1999 com a finalidade de servir à empresa Ericsson, encerrou suas atividades em 2002, parando a produção de impressoras, circuitos para equipamentos de informática e aparelhos de telefone celular na fábrica, demitindo, segundo Moraes (2002), cerca de 300 trabalhadores e transferindo outros 400 para a unidade de Jaguariúna (SP).

[16]O núcleo do Parque Tecnológico localiza-se na estrada Municipal Altino Bondesan, em paralela à Rodovia Presidente Dutra, no Distrito de Eugênio de Melo, na Região Leste do Município.

dos Campos". Essa iniciativa resultou da colaboração entre a Prefeitura Municipal de São José dos Campos e o Governo do Estado de São Paulo, organizando o planejamento do parque em três fases distintas: sua estruturação inicial, seguida pela expansão e, por fim, a consolidação.

O programa do Parque Tecnológico visa estimular o desenvolvimento industrial com o incentivo ao empreendedorismo inovador, o desenvolvimento de tecnologias da informação e comunicação, a produção de novos produtos, processos e tecnologias, em âmbito municipal, regional e nacional, incrementando os setores aeroespacial e de defesa presentes no município, renovando as cadeias industriais da região (como automotiva e óleo e gás), além de estimular o desenvolvimento imobiliário.

> **MISSÃO:** Promover ciência, tecnologia, inovação e empreendedorismo, visando ao desenvolvimento competitivo e sustentável.
> **VISÃO:** Ser reconhecido como um ambiente de ciência, tecnologia, inovação e empreendedorismo, referência na promoção do desenvolvimento competitivo e sustentável. (APTSJC, 2020)

A princípio, durante os anos de 2006 a 2009, a gestão do PqTec ficou a cargo da FAPESP em conjunto com a prefeitura municipal de São José. Somente, no ano de 2009 que a Associação Parque Tecnológico de São José dos Campos (APTSJC) assumiu após chamada pública a gestão do PqTec. A APTSJC se constitui uma organização privada sem fins lucrativos, caracterizada como uma Organização Social - OS[17], regida por um estatuto e regimento interno, composta por membros associados fundadores, efetivos e honorários, representantes da prefeitura, Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo, membros do Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA), Inpe, ITA, Fiesp, entre outros.

O núcleo do PqTec (figura 01) possui 4 centros empresariais com espaços de diferentes tamanhos onde as empresas podem se instalar. O centro empresarial 1 tem capacidade máxima para abrigar 40 empresas de micro, pequeno e médio porte; o centro empresarial 2 comporta no máximo 50 empresas de micro a grande porte; o

[17] Organização Social (OS) assegura à municipalidade de São José dos Campos que a gestão do PqTec seguirá os interesses públicos que inspiraram a criação do Parque e que justificam os investimentos, tanto os públicos como os privados, nele aportados. Ao lado disso, por se tratar de uma entidade de natureza privada, a APTSJC dispõe legalmente de dispositivos de gestão que as identifica com o ambiente e com as necessidades das empresas vinculadas ao PqTec.

centro empresarial 3 tem potencial para 14 empresas de grande porte e startups; e por fim, o centro empresarial 4 comporta 30 empresas de grande porte.

Figura 01: Núcleo do Parque Tecnológico de São José dos Campos:



Fonte: Parque Tecnológico de São José dos Campos[18].

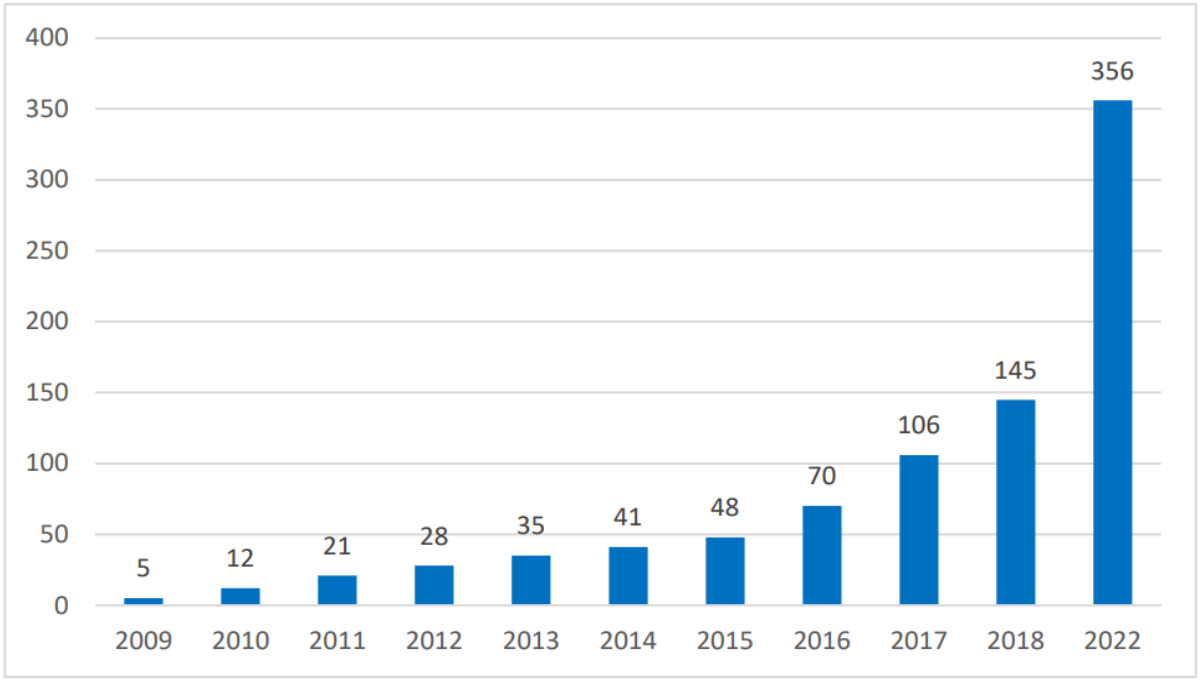
As empresas associadas ao Parque podem ou não estar fisicamente situadas em suas instalações, e seus vínculos podem ser estabelecidos através de startups ou empresas residentes, além de dois Arranjos Produtivos Locais (APLs): o Cluster Aeroespacial Brasileiro e o Arranjo Produtivo Local de Tecnologia da Informação e Comunicação do Vale do Paraíba (APL TIC Vale).

Segundo o Relatório de Atividades, em maio de 2020, a taxa de ocupação do PqTec era de 87,24%. No ano de 2022, o Parque Tecnológico contava com 356 empresas e instituições associadas, das quais 217 eram empresas vinculadas aos APLs (Arranjos Produtivos Locais - clusters), 84 eram empresas residentes, 51 eram startups e 4 eram centros empresariais. (APTSJC, 2023).

O gráfico 03 ilustra a quantidade de instituições e empresas afiliadas ao Parque Tecnológico ao longo do intervalo de 2009 a 2022:

[18] Disponível em: <https://pqtec.org.br/noticias/centros-empresariais/parque-tecnologico-divulga-novo-video-institucional/>

Gráfico 03 - número de empresas associadas por ano no PqTec:



Fonte: APTSJC (2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023). Elaborado por: Kamille Benati do Carmo e Matheus de Souza Oliveira da Veiga.

Para estabelecer-se em um dos centros empresariais, a empresa deve ser compatível com o escopo de negócios do programa Nexus (Lab, Growth, Scale Up, P,D&I e Base):

- **Nexus Lab:** Destina-se a empreendedores em estágio inicial que buscam concretizar suas ideias;
- **Nexus Growth:** Oferece incubação para startups que estão desenvolvendo novas tecnologias e aceleração para aquelas que possuem modelos de negócio inovadores;
- **Nexus Scale Up:** Orientado para empresas e startups em fase de expansão e crescimento;
- **Nexus PD&I:** Indicado para empresas estabelecidas que desejam estabelecer seus centros de pesquisa, desenvolvimento e inovação no Parque Tecnológico;
- **Nexus Base:** Direcionado a prestadores de serviços interessados em conectar-se às empresas associadas ao PqTec.

Como programas desenvolvidos pelo PqTec, a presente pesquisa destaca:

Escritório de Negócios: O programa visa facilitar o crescimento e parcerias entre empresas por meio de uma rede de apoio que abrange serviços como assessoria jurídica, captação de recursos, comunicação e marketing, contabilidade, marcas e patentes,

planejamento e gestão de processos, gestão de recursos humanos e gestão da cadeia de suprimentos.

Escritório de Projetos: Em colaboração com as instituições de ensino e pesquisa presentes no PqTec, o programa busca identiyficar, estruturar e implementar projetos de desenvolvimento tecnológico e inovação, além de atrair recursos públicos e privados. Dentre suas ações, o Programag Colmeia se destaca ao integrar universitários ao ambiente profissional, promovendo a formação de grupos de estudo e o desenvolvimento de tecnologias.

Galerias do Empreendedor: A ação criada pela Prefeitura Municipal de São José dos Campos, em parceria com o Sebrae-SP e administrada pelo PqTec, visa estimular o espírito empreendedor na população local, buscando promover o desenvolvimento econômico. Oferece formação através de capacitações, mentorias, treinamentos e assessorias, além de acompanhar os empreendedores ligados ao programa. Atualmente, possui duas galerias ou minishoppings na cidade, um no Putim e outro no Campo dos Alemães, cada um com capacidade para 10 estabelecimentos comerciais, ambos com 100% de ocupação.

Nexus Living: O projeto visa criar um senso de pertencimento entre os usuários do parque, buscando humanizar o ambiente do PqTec. por meio da adaptação dos espaços físicos, com elementos interativos e decorativos.

4. MÉTODOS DA PESQUISA:

A organização estrutural de uma pesquisa científica é fundamental para estabelecer os procedimentos, métodos, estratégias e técnicas adotados de forma coerente com o fenômeno estudado e sua complexidade. Imbuído dessa intenção, o presente capítulo retrata quais são as principais características da pesquisa, quanto a sua epistemologia, natureza, abordagem e objetivos, para em sequência esclarecer qual a estratégia de investigação e quais as técnicas de coleta e análise de dados foram utilizadas.

4.1. Classificação da pesquisa:

4.1.1 Quanto à epistemologia:

A epistemologia, também denominada Teoria do Conhecimento, aborda a maneira como o pesquisador percebe a realidade, como identifica o conhecimento e de como se reflete a relação entre sujeito e objeto.

A definição da epistemologia da pesquisa parte de uma reflexão inicial do pesquisador e permite criar as bases que o conduzem para a construção do desenho da pesquisa, pois ao esclarecer quais os paradigmas a pesquisa se vincula, instrui a pesquisa quanto à sua objetividade ou subjetividade.

Della Porta e Keating (2008), apontam para quatro paradigmas comumente utilizados nas Ciências Sociais: positivismo, pós-positivismo, interpretativismo e humanismo. O quadro 02 abaixo apresenta as principais distinções entre os quatro paradigmas, enquanto o quadro 03 retrata os métodos mais adequados para cada paradigma:

Quadro 02 – Ontologias e epistemologias nas Ciências Sociais:

	POSITIVISMO	**PÓS-POSITIVISMO**	**INTERPRETATIVISMO**	**HUMANISMO**
Questões ontológicas A realidade social existe?	Objetivo; realismo	Objetivo; realismo crítico	Intrinsicamente objetivo e subjetivo	Subjetivo; ciência do espírito
A realidade é cognoscível?	Sim, e fácil de capturar	Sim, mas não é fácil de capturar	Um pouco, mas não tão separada da subjetividade humana	Não, foco na subjetividade humana
Questões epistemológicas Relação entre pesquisador e seu objeto	Dualismo: pesquisador e objeto são duas coisas separadas;	O conhecimento é influenciado pelo pesquisador;	Visa a compreensão do conhecimento subjetivo	Nenhum conhecimento objetivo é possível

	procedimentos indutivos	procedimentos dedutivos		
Formas de conhecimento	Leis naturais (causais)	Lei probabilística	Conhecimento contextual	Conhecimento empático

Fonte: Della Porta e Keating (2008, p.23).[19]

Quadro 03 – Metodologias nas Ciências Sociais

	POSITIVISMO	**PÓS-POSITIVISMO**	**INTERPRETATIVISMO**	**HUMANISMO**
Qual metodologia?	Empirista, visando conhecer a realidade	Principalmente empirista, reconhecendo o contexto	Foco relativo em significados, contexto	Concentra-se em valores, significado e propósitos
Quais métodos?	Imitando o método natural (experimentos, modelos matemáticos, análises estatísticas)	Baseia-se em aproximações ao método natural (experimentos, análises estatísticas, entrevistas quantitativas)	Buscando significado (análise textual, análise de discurso)	Interações empáticas entre pesquisadores e objeto de pesquisa

Fonte: Della Porta e Keating (2008, p.32).[19]

Ao comparar os quatro grandes marcos descritos por Della Porta e Keating (2008), é possível reconhecer relações entre o paradigma interpretativista com o fenômeno estudado na presente pesquisa.

Uma pesquisa de paradigma interpretativista é um tipo de pesquisa social que se baseia na compreensão profunda e na interpretação dos significados subjacentes às ações humanas. Em vez de procurar respostas simples ou causas lineares, os investigadores interpretativistas lidam com a complexidade e a ambiguidade dos fenômenos sociais.

Esse paradigma se concentra em explorar e analisar as perspectivas individuais e os contextos específicos que foram criadas, uma vez que os investigadores interpretativistas acreditam que a objetividade e subjetividade estão conectadas a realidade social, que não é dada, e sim é construída por meio dos atores analisados.

---

[19] Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4026697/mod_resource/content/1/Della%20Porta%20e%20Keating%20Cap.%202.pdf>. Acessado em: 10.03.2020.

Buscando compreender o fenômeno pelo ponto de vista e experiência dos participantes, a pesquisa interpretativista geralmente utiliza métodos qualitativos, como estudos de caso, coleta de dados através de entrevistas em profundidade, observações participantes e análise de discurso. (CRESWELL, 2014).

Na complexidade do fenômeno de mutações do mundo do trabalho, não é possível se desprender das relações subjetivas dos trabalhadores, bem como desvinculá-lo de seu contexto, de modo que é necessário observar tal fenômeno através das perspectivas de seus atores, de seus significados e contexto.

4.1.2. Quanto à natureza:

A classificação da pesquisa com relação a sua natureza é relativa à finalidade e contribuição que a pesquisa possui. Em específico, a presente pesquisa pode ser classificada como básica, uma vez que sua finalidade não é imediata e nem possui uma aplicação prática.

A pesquisa básica, também conhecida como pesquisa fundamental ou pesquisa pura, é um tipo de investigação científica que tem por finalidade expandir o conhecimento sobre princípios, teorias e fenômenos, sem necessariamente ter aplicações imediatas. Ou seja, seu objetivo principal é aumentar a compreensão do mundo natural, social ou outros domínios do conhecimento, sem se preocupar diretamente com a resolução de problemas específicos ou a criação de produtos ou tecnologias. Dessa forma, a pesquisa básica pode tanto basear-se em análises e desenvolvimento de conceitos quanto envolver-se em experimentos e observações para testar hipóteses.

Como contribuições, a pesquisa básica procura trazer resultados que podem ser usados por outros pesquisadores como base para novos estudos, desenvolvimento de aplicações práticas e aprofundamento teórico.

4.1.3. Quanto à abordagem:

Uma pesquisa científica pode ser classificada quanto ao seu tipo de abordagem em qualitativa, quantitativa ou mista (CRESWELL, 2007).

A presente pesquisa optou por valer-se de uma abordagem qualitativa, por reconhecer nesse tipo de abordagem uma associação com o paradigma interpretativista, e, portanto, um foco maior na compreensão e na interpretação dos aspectos subjetivos e contextuais de um fenômeno.

O quadro 04 demostra as principais estratégias e práticas das diferentes abordagens de pesquisa.

Quadro 04 – Técnicas qualitativas, quantitativas e métodos mistos

Tende a ou tipicamente	**Abordagem QUALITATIVA**	**Abordagem QUANTITATIVA**	**Abordagem de MÉTODO MISTO**
Estratégias de investigação	Questões abertas, técnicas emergentes, dados de texto ou imagens	Questões fechadas, técnicas predeterminadas, dados numéricos	Questões abertas e fechadas, trajetórias emergentes e predeterminadas, dados quantitativos e qualitativos e análise
Usa estas práticas de pesquisa à medida que o pesquisador	• Posiciona-se • Coleta significados dos participantes • Concentra-se em um fenômeno • Traz valores pessoais para o estudo • Valida a precisão dos resultados • Faz interpretações dos dados	• Testa ou verifica teorias ou explicações • Identifica variáveis para estudo • Relata variáveis em questões ou hipóteses • Usa padrões de validade e confiabilidade • Observa e mensura as informações numericamente • Usa métodos não-tendenciosos • Emprega procedimentos estatísticos	• Coleta dados quantitativos e qualitativos • Desenvolve um raciocínio para fazer a mistura • Integra os dados em estágios diferentes da investigação • Apresenta quadros visuais dos procedimentos no estudo • Emprega as práticas de pesquisa qualitativas e quantitativas

Fonte: Creswell (2007).

Ao contrário da pesquisa quantitativa, que se baseia em medições numéricas, análises estatísticas e processos de amostragem probabilística, a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica ou com muitos participantes (GIL, 2002) e busca explorar as nuances, os significados e as perspectivas das pessoas envolvidas no fenômeno em estudo.

Métodos como entrevistas em profundidade, grupos focais, observação participante e análise de documentos são comuns nas pesquisas qualitativas, o que permite coletar dados ricos e detalhados, que deverão ser analisados de maneira interpretativa, buscando identificar padrões, temas, tendências ou significados subjacentes. A análise muitas vezes envolve categorização e codificação dos dados para identificar as ideias principais.

O quadro 05 retrata os distintos procedimentos das principais abordagens de pesquisa, quantitativos, qualitativos e métodos mistos. Comparando-os é possível vislumbrar os possíveis caminhos para coleta e análise de dados mais assertivos.

Quadro 05 – Procedimentos quantitativos, qualitativos e de métodos mistos

Pesquisa QUANTITATIVA	Pesquisa QUALITATIVA	Pesquisa MÉTODOS MISTOS
• Predeterminado • Perguntas baseadas em instrumento • Dados de desempenho, de atitude, observacionais e de censo • Análise estatística	• Métodos emergentes • Questões abertas • Dados de entrevistas, observações, de documentos e audiovisuais • Análise de texto e de imagem	• Métodos predeterminados e emergentes • Questões abertas e fechadas • Formas múltiplas de dados comtemplando todas as possibilidades • Análise estatística e textual

Fonte: Cresweel (2007).

4.1.4. Quanto aos objetivos:

Segundo Gil (2002), com base nos objetivos, é possível classificar as pesquisas em três tipos: a pesquisa exploratória, a descritiva e a explicativa.

Em específico, a presente pesquisa identifica-se com a pesquisa do tipo exploratória uma vez que tem como objetivo principal explorar e se familiarizar com fenômeno estudado.

As pesquisas do tipo exploratória podem envolver uma variedade de procedimentos, como revisão de literatura, entrevistas exploratórias, observações informais e análise de dados secundários (GIL, 2002). E podem conter diferentes finalidades, como: identificar conceitos-chave e variáveis relevantes para o estudo; mapear a complexidade do fenômeno; identificar possíveis fontes de dados e métodos de coleta apropriados; e gerar hipóteses preliminares para orientar pesquisas subsequentes.

Deste modo, os levantamentos bibliográficos e estudos de caso são muito utilizados (GIL, 2002) e possibilitam que as informações coletadas contribuam para a formulação de perguntas mais precisas, construção de hipóteses e definição do escopo de pesquisas futuras.

4.1.5. Estratégia de investigação:

Dentre as estratégias de investigação pertinentes para pesquisas no âmbito das Ciências Sociais, Cresweel (2007) destaca os estudos de caso, a fenomenologia, a etnografia, a entrevista narrativa, a teoria fundamentada e outros instrumentos que possibilitam uma abordagem qualitativa, aberta, com foco no fenômeno e na busca dos significados e símbolos inseridos na pesquisa.

Segundo Yin (2003, p.32-33), em específico, com relação a estratégia de estudo de caso, sua principal intenção é compreender profundamente um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, explorando suas características, dinâmicas, causas e efeitos, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Ao contrário de estudos estatísticos que buscam generalizar resultados a partir de grandes amostras, o estudo de caso se concentra em um caso específico, permitindo uma análise detalhada de suas particularidades, considerando o contexto em que o caso ocorre como fundamental para a compreensão. Isso pode incluir fatores sociais, culturais, históricos, institucionais e ambientais que afetam o caso.

Podendo ser único (com apenas um caso investigado) ou múltiplo (com dois ou mais casos investigados), o estudo de caso se vale de uma variedade de fontes de dados, incluindo entrevistas, observações, documentos, registros, análises de mídia e outras fontes relevantes, convergindo os dados de maneira triangular (YIN, 2003)

Com relação a condução de um estudo de caso único, Yin (2003) alerta para os cuidados que devem ser tomados a fim de evitar “incidências de fenômenos encontrados apenas no universo pesquisado”. Para o autor o estudo de caso único não pode ser encarado como “um estudo completo em si mesmo”, e uma das razões que fundamentam a condução desta modalidade de estudo, está no fato poder utilizar como mecanismo de investigação exploratório, com o propósito de formular hipóteses e criar bases para o desenvolvimento de outros estudos mais apurados (GIL, 2002; YIN, 2003).

A presente pesquisa optou por valer-se de um estudo de caso único, almejando observar o fenômeno das transformações do mundo do trabalho no contexto específico dos ambientes de inovação e empreendedorismo, assumiu como objeto de observação, o Parque Tecnológico de São José dos Campos (localizado na estrada Doutor Altino Bondensan, nº 500, bairro Eugênio de Melo), a partir de uma visão holística, explorando várias perspectivas e fontes de evidências.

4.2. Procedimentos de coleta de dados:

Após caracterizar a pesquisa quanto sua epistemologia, natureza, abordagem, objetivos e estratégia de investigação, foi possível traçar os procedimentos mais coerentes para a coleta de dados.

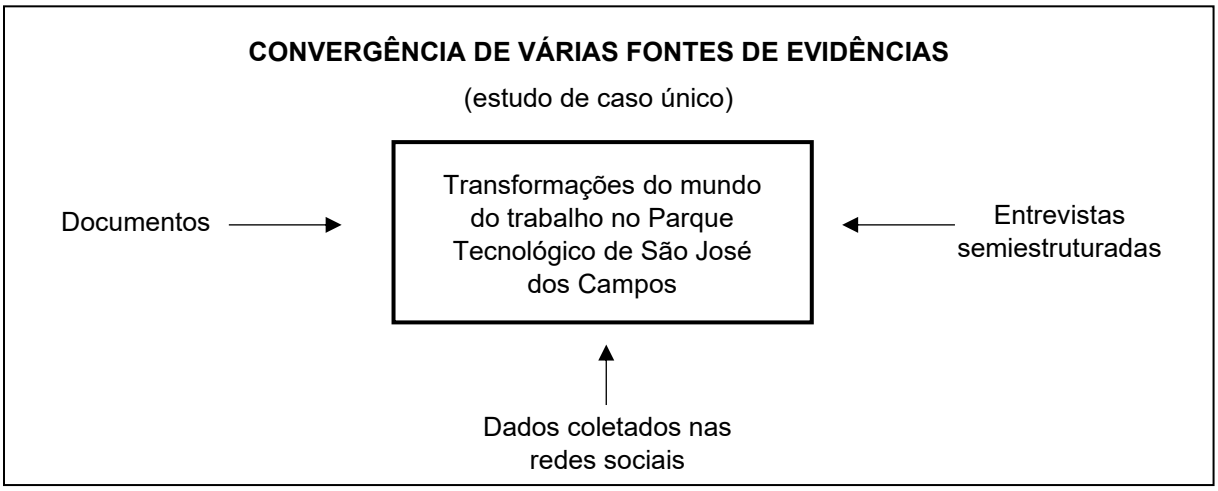
Por se tratar de uma pesquisa exploratória, a princípio foi realizada uma revisão bibliográfica, com levantamento em fontes primárias e secundárias sobre os temas inerentes a este estudo, tais como: mundo do trabalho; processos de subjetivação; dimensão espacial do trabalho, entre outros, para aprofundamento e aproximação da pesquisadora.

Adicionalmente, foram realizadas buscas de arquivos iconográficos, mapas, fotos antigas, imagens de satélite, entre outros, para avaliação das mudanças temporal-histórica no espaço urbano contemporâneo proposto, no caso a cidade de São José dos Campos- SP. Além da consulta de documentos históricos e oficiais da cidade, referente ao emprego e trabalho, e obtenção de dados do IBGE, fundação SEADE, CAGED, Câmara municipal, Prefeitura Municipal e imprensa local.

Em sequência, com relação aos instrumentos de coleta de dados, Creswell (2007) identifica as observações, as entrevistas não estruturadas ou semiestruturadas, os documentos e os materiais visuais, como ferramentas adequadas para as pesquisas qualitativas.

A presente pesquisa optou por realizar uma triangulação das fontes de dados, em que todas as fontes de evidências foram analisadas e revisadas em conjunto, de modo a obter maior confiabilidade. A figura 02 apresenta esquematicamente a convergência, sobre o fenômeno estudado, das diferentes fontes de levantamento: as redes sociais do PqTec, as entrevistas semiestruturadas com trabalhadores do PqTec e os Relatórios de Atividades do PqTec.

Figura 02 – Esquema de triangulação de fontes de dados



Fonte: Elaborado pela autora (2023) com base no trabalho de Yin (p.122, 2003).

4.2.1. Coleta de dados das Redes Sociais:

Com o progresso tecnológico, as redes sociais introduziram novas maneiras de comunicação e expressão. Nos tempos mais recentes, tornaram-se uma parte integral do cotidiano das pessoas. Utilizar essas plataformas como fonte de dados para a pesquisa possibilitou enriquecer as análises e observações sobre como as mudanças no mundo do trabalho impactam o Parque Tecnológico (PqTec) e como o Parque se vale desses instrumentos.

O Parque Tecnológico de São José dos Campos possui distintas contas de redes sociais, entre elas: Youtube, Facebook, LinkedIn, Twitter, Instagram e outras. Entretanto, optou-se por escolher as redes Youtube, Facebook e LinkedIn, por estarem entre as 10 redes sociais mais usadas no Brasil (KEMP, 2023).

A partir das publicações realizadas nas redes, foram coletados vídeos, imagens e textos que de algum modo permeiam as questões do mundo do trabalho, os apêndices E e F trazem alguns dos materiais publicados analisados. O recorte temporal para coleta de material foi determinado pelas datas de criação das redes sociais, conforme o quadro 06.

Quadro 06 – Data de criação e dados das redes sociais do PqTec

REDES SOCIAIS	DATA DE CRIAÇÃO	INTERAÇÕES[20]
Youtube	Junho de 2019	2,3 mil inscritos 96.113 visualizações 325 vídeos publicados
Facebook	Novembro de 2013	9 mil seguidores 8,3 mil curtidas
LinkedIn	Setembro de 2019	35.411 seguidores

4.2.2. Coleta de dados das entrevistas semiestruturadas:

Como um método de coleta de dados comumente utilizado em pesquisas qualitativas, as entrevistas semiestruturadas são excelentes fontes de dados e permitem ao pesquisador/entrevistador maior flexibilidade ao realizar as entrevistas. Com um roteiro de perguntas pré-definidas, o entrevistador tem maior liberdade para explorar situações emergentes e seguir o fluxo da conversa de forma mais natural,

[20] Informações obtidas em 10 de agosto de 2023.

possibilitando maior espaço para questões abertas e assim um levantamento de dados primários qualitativos.

O roteiro previamente estabelecido serve como um guia para garantir que todos os convidados forneçam informações relevantes sobre o objeto investigado. Em específico, na presente pesquisa foi elaborado um roteiro de perguntas (Apêndice B), a partir de perguntas abertas de modo a evitar o direcionamento das respostas dos participantes. Tal roteiro foi submetido para avaliação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar, o qual está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e, portanto, tem o seu funcionamento e atuação regidos pelas normativas do CNS/Conep.

Os participantes foram contatados e convidados através de mensagens enviadas pela rede social LinkedIn, de forma individualizada (constando apenas um remetente e um destinatário). Sendo esclarecido antecipadamente aos candidatos a participantes da pesquisa, que antes de iniciar a entrevista lhes seria apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – (Apêndice A) - para a sua anuência.

O convite contou com as instruções necessárias para retirada (a qualquer momento e sem nenhum prejuízo) do consentimento, caso assim desejasse o convidado.

Foram realizadas entrevistas em profundidade com 8 participantes, além da aplicação de questionários com as perguntas do roteiro com outros 5 participantes, para a análise das percepções dos atores e compreensão das junções das dimensões espaciais e subjetivas. Ao todo participaram da pesquisa 13 participantes, sendo eles trabalhadores de empresas residentes do Parque Tecnológico de São José dos Campos e membros da Associação Parque Tecnológico de São José dos Campos (APTSJC), por terem seus espaços de trabalho alocados no ambiente físico do Parque.

Não foram incluídos como participantes das entrevistas e questionários, trabalhadores cuja empresa não reside fisicamente no Parque Tecnológico, ou seja, empresas que não estão alocadas nas unidades empresariais do PqTec.

As entrevistas e aplicação dos questionários ocorreram entre as datas de agosto de 2022 a julho de 2023, foram conduzidas unicamente pela pesquisadora responsável e realizadas individualmente com cada participante em ambiente virtual

(através de chamada de vídeo), atendendo as orientações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) - Carta Circular Nº 1/2021 – CONEP/SECNS/MS sobre LGPD, para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, assegurando o anonimato, a proteção, segurança e direitos dos participantes.

Após realizadas as entrevistas, estas foram transcritas para fins de análise na dissertação da referida pesquisadora. O processo de transcrição das entrevistas foi realizado exclusivamente pela pesquisadora, de modo a garantir a manutenção mais fidedigna possível.

A transcrição na íntegra das videochamadas (Apêndice D), bem como dos materiais audiovisuais coletados nas redes sociais como Youtube, Facebook e LinkedIn (Apêndice E) seguiram o tipo de transcrição naturalista (quadro 07) e o nível de discurso, devido à falta de riqueza em detalhes dos demais níveis de transcrição, conforme é possível perceber através do quadro 08 que demonstra os diferentes níveis de transcrição.

Quadro 07 – Tipos de transcrição de áudios:

TIPOS DE TRANSCRIÇÃO	
Naturalista	Transcrição minuciosa do que foi dito, preservando os diferentes elementos da entrevista para além do conteúdo verbal, tais como a linguagem não-verbal, aspetos contextuais e de interação entre o entrevistador e o entrevistado (ou de terceiros envolvidos).
Não naturalista	Transcrição mais polida e seletiva que privilegia o discurso verbal omitindo os elementos peculiares do discurso, tais como gaguez, pausas, vocalizações involuntárias e linguagem não-verbal.

Fonte: Elaborado pela autora (2023) com informações extraídas de Azevedo et al. (2017)[21].

Quadro 08 – Níveis de transcrição:

NÍVEIS DE TRANSCRIÇÃO	
Só a essência	Transcrição apenas dos trechos relevantes, essenciais para a pesquisa.
Literal	Transcrição de todos os trechos da entrevista, privilegiando os elementos verbais e omitindo elementos não verbais, como: pausas, risos, interjeições, gaguez entre outros.
Literal, com fala coloquial	Transcrição de todos os trechos da entrevista inclusive as falas coloquiais e interjeições.
Nível de discurso	Transcrição detalhada de todos os trechos da entrevista, com as falas coloquiais, interjeições, descrições e observações do comportamento

[21] Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3882/388255675017/388255675017.pdf> Acessado em: 02.02.2023

	e reações do participante, como: hesitações, enfatização de palavras ou sílabas, sobreposição de falas, volume e tom, entre outras.

Fonte: Elaborado pela autora (2023) adaptado de Gibbs (2009, p.31-32).

Com a finalidade de facilitar a análise do material, optou-se por um esquema de transcrição linear conforme o quadro 09, e ainda, as transcrições seguiram algumas convenções elaboradas pela pesquisadora (Apêndice C).

Quadro 09 – Diferentes esquemas de transcrição de entrevistas:

ESQUEMA DE TRANSCRIÇÃO	
Linear	**P: Qual que é a sua idade?** **DS:** 32 anos. **P: Você é casado, solteiro?** **DS:** Casado.
Tabelar	**P: Qual que é a sua idade?** **DS:** 32 anos.
Sequencial	**P: Qual que é a sua idade? DS:** 32 anos.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Somente a pesquisadora responsável e seu orientador tiveram acesso às informações obtidas, sendo assegurado o anonimato e proteção de dados dos participantes, conforme a Carta Circular Nº 1/2021-CONEP sobre a LGPD.

Durante a divulgação dos resultados deste estudo, informações que pudessem ser identificáveis não foram mostradas ou publicadas. Em casos que houve menção a nomes, foram atribuídas letras, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando a identificação.

Todos os dados e informações obtidos durante a pesquisa foram armazenados em um dispositivo eletrônico local e apagados de qualquer registro de qualquer plataforma virtual ou ambiente compartilhado - "nuvem", de modo a evitar qualquer extravio.

4.2.3. Coleta de dados documentais

Como estratégia complementar aos métodos de coleta de dados utilizados, as entrevistas semiestruturadas e a coleta de materiais das redes sociais do Parque Tecnológico, optou-se pela pesquisa documental como um recurso capaz de auxiliar na compreensão do fenômeno (FLICK, 2019).

Segundo Cellard (2008), “os documentos permanecem como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente”, permitindo que o pesquisador realize uma observação longitudinal dos processos de transformação de conceitos, conhecimentos, mentalidades, práticas, entre outras (TREMBLAY, 1968 apud CELLARD, 2008).

Para tanto, como forma de validar e/ou confrontar informações, os documentos coletados e analisados dizem respeito aos Relatórios de Atividades, disponibilizados no site do Parque Tecnológico de São José dos Campos (PqTec), na aba nomeada como “Transparência[22]”. Ao todo, os relatórios somam 10 arquivos enumerados no quadro 10 abaixo:

Quadro 10 – Lista dos Relatórios de Atividades coletados e analisados:

1	Relatório de Atividades 2009 - 2016
2	Relatório de Atividades 2017
3	Relatório de Atividades 2018
4	Relatório de Atividades 2017 - 2018
5	Relatório de Atividades 2019
6	Relatório de Atividades 2020
7	Relatório de Atividades 2019 - 2020
8	Relatório de Atividades 2021
9	Relatório de Atividades 2022
10	Fábrica do Futuro

4.2.4. Visita em campo:

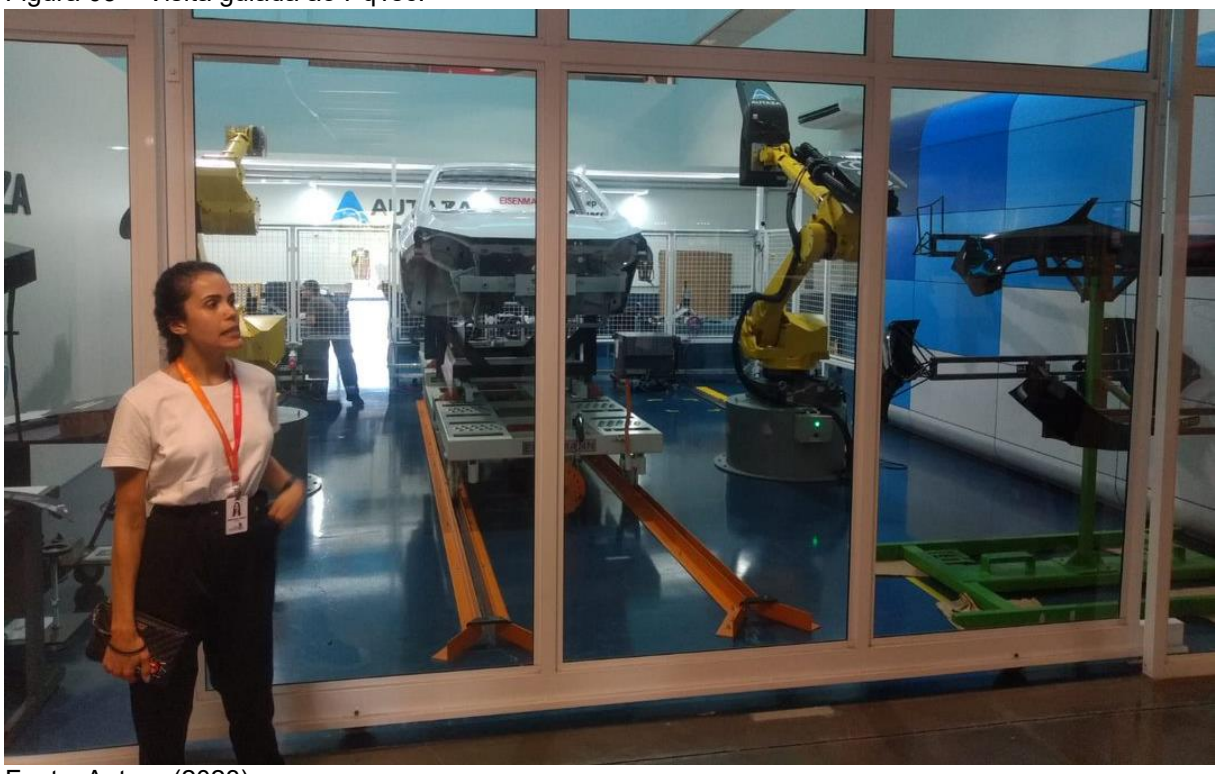
No dia 11 de janeiro de 2023 a referida pesquisadora realizou uma visita ao Parque Tecnológico de São José dos Campos, a fim de observar os fenômenos abordados na revisão da literatura, nos documentos e nas entrevistas, bem como para realização de levantamento fotográfico.

O Parque Tecnológico possui um programa de visitas (PqTec OPEN) em que é possível agendar uma visita guiada, com duração máxima de 1 hora. A visita ocorre com um grupo de pessoas e a guia conduz os visitantes para os principais ambientes do Parque Tecnológico, passando por todos os Centros Empresariais (1, 2, 3 e 4), pelos ambientes como Nexus, áreas de restaurantes, em frente de laboratórios, universidades, empresas e entre outros espaços.

[22] Disponível em: <https://pqtec.org.br/transparencia/?tax%5Bwpdmcategory%5D=relatorios-de-atividades/>

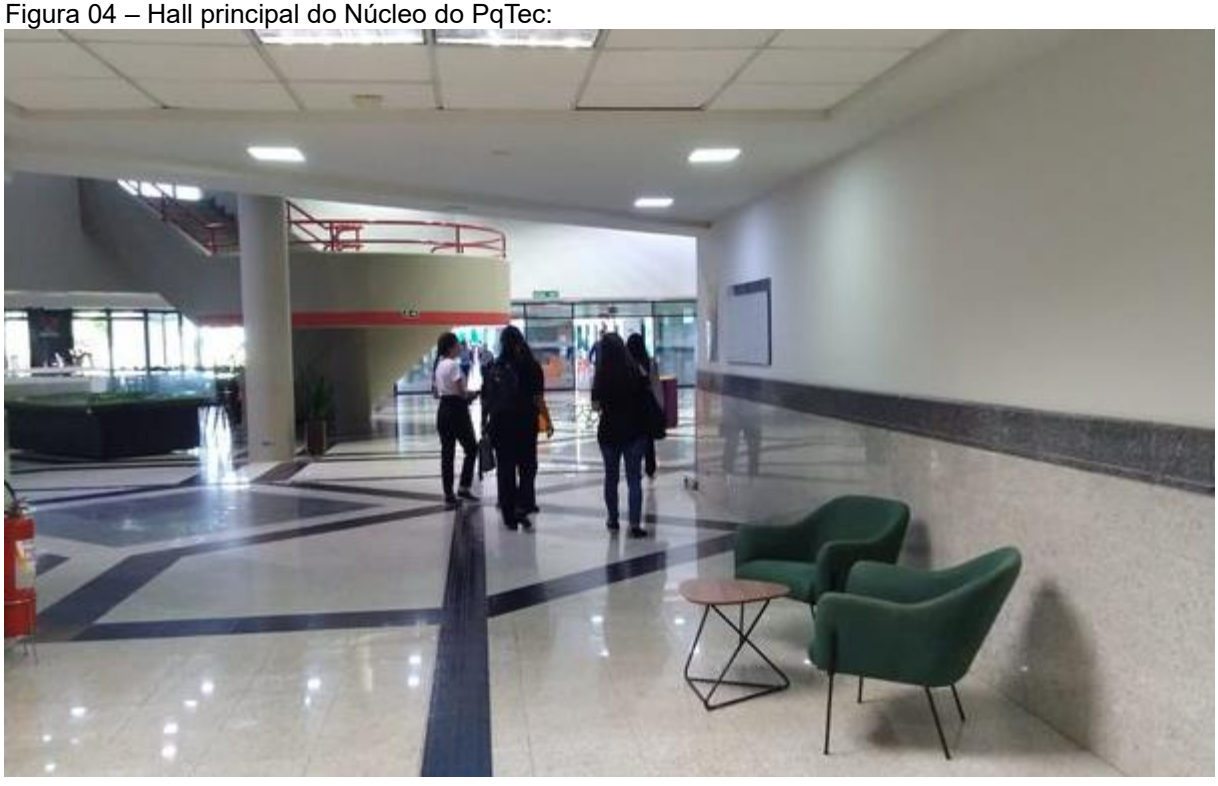
As figuras 03 e 04 demonstram momentos da visita, respectivamente em frente a empresa AUTAZA e no hall principal do Núcleo do PqTec.

Figura 03 – Visita guiada ao PqTec:



Fonte: Autora (2023).

Figura 04 – Hall principal do Núcleo do PqTec:



Fonte: Autora (2023).

4.3. Procedimentos de análise de dados:

Uma pesquisa científica, segundo Minayo (2007, p.25 - 27), possui um ciclo, uma representação do processo pelo qual um projeto de pesquisa passa desde a concepção da ideia até a apresentação dos resultados, e pode ser dividido em três momentos: fase exploratória, a fase de execução e a fase de tratamento do material.

Na fase do tratamento do material, o pesquisador analisa e processa os dados coletados, confrontando com a abordagem teórica e criando subsídios para reflexões que solidificam o objetivo central da pesquisa.

Sobre os procedimentos de análise dos dados realizados nessa etapa, Gil (2002, p.148) lembra que:

> Há pesquisas em que os procedimentos adotados são muito semelhantes aos da pesquisa clássica, o que implica considerar os passos: categorização, codificação, tabulação, análise estatística e generalização. Há, porém, pesquisas em que se privilegia a discussão em torno dos dados obtidos, de onde decorre a interpretação de seus resultados. Dessa discussão participam pesquisadores, participantes e especialistas convidados. Muitas vezes o trabalho interpretativo é elaborado com base apenas nos dados obtidos empiricamente. Há casos, entretanto em que as contribuições teóricas tornam-se muito relevantes. [...] Só com base nelas é que os dados obtidos podem ser organizados segundo um quadro de referência que lhes empresta significado.

Privilegiando a contribuição teórica para interpretação dos dados obtidos, a presente pesquisa adotou a técnica de análise de discurso a partir do pensamento de Michel Foucault em específico como procedimento na análise das entrevistas e questionários dos participantes e materiais audiovisuais das redes sociais do Parque, buscando extrair sentido e significado dos dados. Enquanto, na análise dos Relatórios de Atividades do PqTec foi utilizada a técnica de análise documental de forma sistemática e objetiva, identificando algumas categorias, a partir do critério semântico, as quais foram analisadas e interpretadas.

4.3.1. Análise de discurso:

A análise do discurso (AD) segundo Michel Foucault é uma abordagem teórica que se concentra em compreender como o poder e o discurso se entrelaçam e influenciam a construção de significados nas práticas discursivas.

Foucault não ofereceu um método rígido para a análise do discurso, mas apresentou conceituações em sua aula inaugural intitulada “A Ordem do Discurso”,

realizada em 1970 no Collège de France, que posteriormente foram esquadrinhadas em “Arqueologia do saber”, 1969.

Procurando refletir acerca da produção de efeitos de verdade a partir das junções entre poderes e discursos, Foucault formulou conceitos como: enunciado, formação discursiva, arquivo e outros, que têm sido amplamente aplicados por pesquisadores para examinar como as estruturas sociais, políticas e culturais são reproduzidas e contestadas através do discurso.

Diferentemente de outras concepções, o discurso para Foucault é complexo e extrapola o sentido exclusivamente linguístico, das dimensões das frases ou falas dos indivíduos, e se constitui como uma dimensão de formação da realidade social, com uso estratégico, exercício do poder, de dominação, de luta e com materialidade. Dessa forma, o discurso não se encerra apenas nas falas, ele se manifesta para além das proposições, se manifesta também sobre diferentes materialidades não discursivas, como a forma arquitetônica edificada.

Constituído por elementos dispersos, o discurso não está explícito, muito menos oculto. Segundo Foucault (1996) “Um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade numa mesma formação discursiva”. Ele emerge diante do processo de análise, ao estabelecer “regras de formação” que determinam os elementos que compõem o discurso.

O enunciado em Foucault é o que compõe o discurso e não pode ser considerado apenas um ato de fala ou uma unidade de linguagem que expressa uma ideia ou um pensamento (uma frase, uma afirmação, uma pergunta, uma declaração ou qualquer outra forma de comunicação verbal), não pode ser tomado como algo exclusivamente material da enunciação. Para definir um enunciado, é necessário atender a três exigências: referir-se a objetos e a sujeitos; se relacionar com outros enunciados, concomitantes ou anteriores; ser repetível (CASTRO, 2009).

Designada como análise arqueológica do discurso, a AD foucaultiana se volta aos discursos para compreender as formações que os caracterizam, porque determinados enunciados existem em detrimento de outros, e assim, se aproxima metaforicamente do processo de reconstrução da história desempenhado pela arqueologia:

> A arqueologia foucaultiana tem uma aproximação metafórica com a ciência da qual empresta o nome [...] À semelhança dos fósseis e artefatos colecionados pelo arqueólogo como traços a partir dos quais reconstrói a história dos costumes e da vida cultural de povos há muito desaparecidos, o

> arqueologista deverá encontrar os discursos que organizam uma dada formação histórica a partir das palavras, frases e proposições dispersas em seus arquivos. (PASSOS, 2019)

No processo de análise do discurso, Foucault (2007) enfatizou a importância de realizá-lo de maneira crítica, observando os discursos em seus contextos específicos e considerando que eles são produtos de condições sociais e políticas específicas.

O discurso não tem autor, é uma produção coletiva e histórica, que se dissipa pelo tecido social, “infiltram-se nas fábricas, nas escolas, nos lares, nos programas televisivos, nas conversas cotidianas, nas universidades, nas academias de ginástica, nos hospícios, nas prisões, nos jogos de videogame, nas marcas e nas campanhas publicitárias, nas páginas dos jornais, sem limitar-se a nenhuma dessas maquinarias” (FERREIRA & TRAVERSINI, 2013). E, portanto, se atentar ao discurso como constituidor, produtor e inseparável das práticas institucionais de qualquer setor da vida humana, é uma atitude metodológica foucaultiana (FISCHER, 2003)

> Eu me dei como objeto uma análise do discurso [...] O que me interessa no problema do discurso é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. [...] O fato de eu considerar o discurso como uma série de acontecimentos nos situa automaticamente na dimensão da história [...] Se faço isso é com o objetivo de saber o que somos hoje. Quero concentrar meu estudo no que nos acontece hoje, no que somos, no que é nossa sociedade. Penso que há, em nossa sociedade e naquilo que somos, uma dimensão história profunda e, no interior desse espaço histórico, os acontecimentos discursivos que se produziram há séculos ou há anos são muito importantes. Somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos. Em um certo sentido, não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas [...] (FOUCAULT, 2007, p. 255-256)

Mudando ao longo do tempo e variando de cultura para cultura, o discurso não apenas descreve a realidade, mas também a constrói, estabelece subjetividades, defini o que é considerado verdadeiro, aceitável e legítimo. E como “uma série de acontecimentos, como acontecimentos políticos, através dos quais o poder é vinculado e orientado” (FOUCAULT, 2007, p. 254), o discurso, com regras internas e externas organizam e ordenam os sentidos, e é gerador e operador do poder, e têm por função frear as restrições colocadas sobre a continuidade desse poder.

Numa rede de práticas discursivas exclusivas, articuladas no tempo, no espaço e na instituição, o conhecimento e saberes se moldam e dissipam através de um sujeito discursivo que “não é nem o sujeito do ato de enunciação (aquele que diz ou

escreve a frase ou proposição), o sujeito do enunciado é, melhor dizendo, uma posição de sujeito, isto é, remete para quem está sócio historicamente autorizado a enunciá-lo" (PASSOS, 2019)

Abaixo o quadro 11 apresenta uma síntese de algumas noções, definidas por Foucault ao longo de Arqueologia do Saber, relevantes para estabelecer uma investigação voltada para a compreensão da estrutura ou articulação das formações discursivas e os efeitos da prática discursiva sobre a construção dos saberes.

Quadro 11 - Conceitos da Análise de Discurso Foucaultiana:

Dispositivo discursivo	Refere-se a um conjunto complexo de práticas discursivas, instituições, técnicas e formas de saber que operam juntas para produzir e regular o conhecimento e o poder em uma dada sociedade. Um dispositivo discursivo é um conjunto de elementos que se entrelaçam para produzir uma formação discursiva específica.
Enunciado	Compõe o discurso, para além da enunciação ou da escrita de uma frase, podendo inclusive se materializar em formas não gramaticais.
Arquivo	Refere-se ao conjunto de todos os enunciados, de tudo o que se pôde dizer e, no que se disse, também elidir num determinado campo de práticas, o qual está inexoravelmente circunscrito por determinadas formações discursivas. (PASSOS, 2019)
Formações Discursivas	Refere-se aos conjuntos de enunciados, práticas e emoções que produziram efeitos específicos de sentido em uma sociedade. As formações discursivas organizam o discurso em torno de temas particulares, estabelecendo o que é legítimo, proibido ou contestável dentro desse campo.
Efeitos de sentido	São as maneiras pelas quais as práticas discursivas produzem significados e influenciam a forma como as pessoas pensam e se comportam em uma sociedade.
Ordenamentos do Discurso	Foucault observou que os discursos não são aleatórios, mas estão sujeitos a certos ordenamentos que os governam e os tornam capazes para os sistemas de poder. Esses ordenamentos determinam quais discursos são autorizados a ter voz e quais são marginalizados.
Deslocamento e Ruptura	A análise do discurso segundo Foucault não apenas busca entender como os discursos operam dentro de um sistema, mas também como podem ser deslocados, subvertidos ou transformados para criar formas de conhecimento e resistência.

Fonte: Adaptado de Foucault (1996, 2007), Castro (2009) e Passos (2019).

Mapeamento discursivo realizado na pesquisa:

O percurso analítico através do método arqueológico foucaultiano no trabalho de pesquisa empírica qualitativa, em específico, na análise do material das entrevistas e

questionários e das publicações das redes sociais, possibilitou um aprofundamento sobre os discursos.

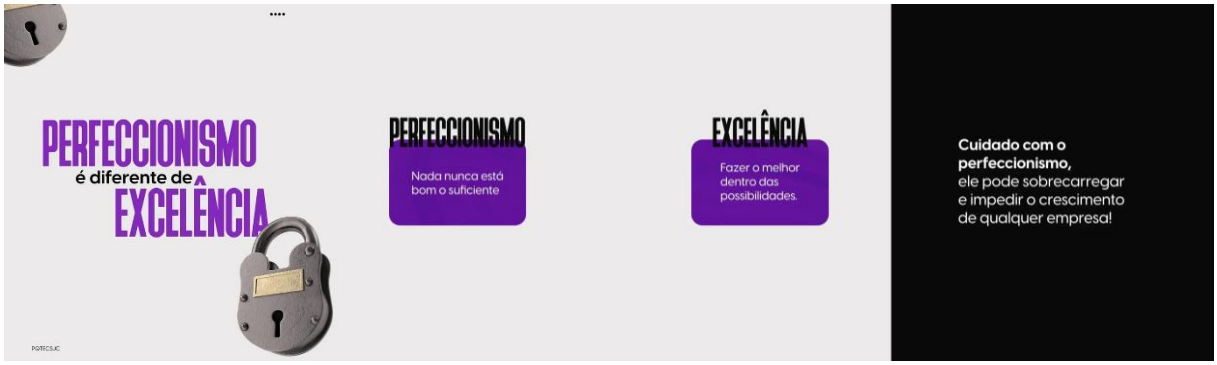
Visando identificar e analisar como os discursos operam em um determinado contexto e assim realizar a construção de um mapeamento discursivo da pesquisa, através de um percurso mais assertivo, a presente pesquisa valeu-se como modelo os trabalhos de Saraiva (2006) e Ferreira & Traversini (2013).

Durante o processo de mapeamento discursivo, não sendo possível assumir como material de pesquisa a totalidade dos dados publicados nas redes sociais do Parque, optou-se por realizar uma triagem preliminar, escolhendo e selecionando como *corpus* da pesquisa aqueles dados que se enquadravam a temática central da pesquisa.

Após a triagem inicial, procurando identificar as formações discursivas que influenciam os enunciados, analisou-se como as estratégias discursivas foram empregadas, procurando identificar como palavras, conceitos, categorias e narrativas foram usadas e quais foram as estratégias retóricas, argumentativas e persuasivas. E assim revelar como os discursos produzem significados, regulam o conhecimento, constroem e influenciam as relações de poder, identificar quais os efeitos de sentido estão presentes nos discursos.

Modelo do mapeamento discursivo empregado na presente pesquisa, a figura 05 representa uns dos materiais visuais enunciados nas redes sociais do PqTec. A publicação traz uma distinção entre as noções de perfeccionismo e excelência, acompanhada da legenda: “O perfeccionismo pode ser uma trava! É sempre importante lembrar - Faça sempre o melhor dentro das possibilidades oferecidas.”

Figura 05 – Material publicado nas redes sociais do PqTec:



Fonte: Página do Parque Tecnológico de São José dos Campos no Facebook[23].

[23] Material publicado nas redes sociais do PqTec. Disponível em: <https://www.facebook.com/pqtecsjc/posts/pfbid02QA9wkrPkLcZjvZnq2r9fE2ZeyEhEcmDiDLNfueVgzDecs8RndyYkpQVikVrDi58Gl> Acessado em: 02.05.2022.

Com tal publicação é possível reconhecer a produção do discurso pela busca de uma excelência por parte do trabalhador/empreendedor. O enunciado é composto pela materialidade da linguagem verbal somada a materialidade da linguagem não verbal, no caso significante visual para chamar atenção na web.

O significante visual representado através da imagem de um cadeado remete a algo precioso, valioso. E meio a esse contexto, excelência pode ser colocada como uma chave para abrir o cadeado, como uma chave para o sucesso ou ainda a excelência pode ser colocada como algo valioso.

Nesse processo discursivo, é possível reconhecer que o sujeito-enunciador (o Parque Tecnológico) se identifica com uma formação discursiva de ensejo as novas lógicas de trabalho e de subjetivação dos trabalhadores, os quais devem constantemente se capacitar, se gerenciar, ser proativo, criativo e buscar a excelência.

A produção do efeito de sentido se realiza através do convencimento do trabalhador, tanto no nível individual quanto coletivo, pela busca de uma perfeição desejada, forjando uma identidade profissional a se construir competente, comprometida, produtiva e excelente.

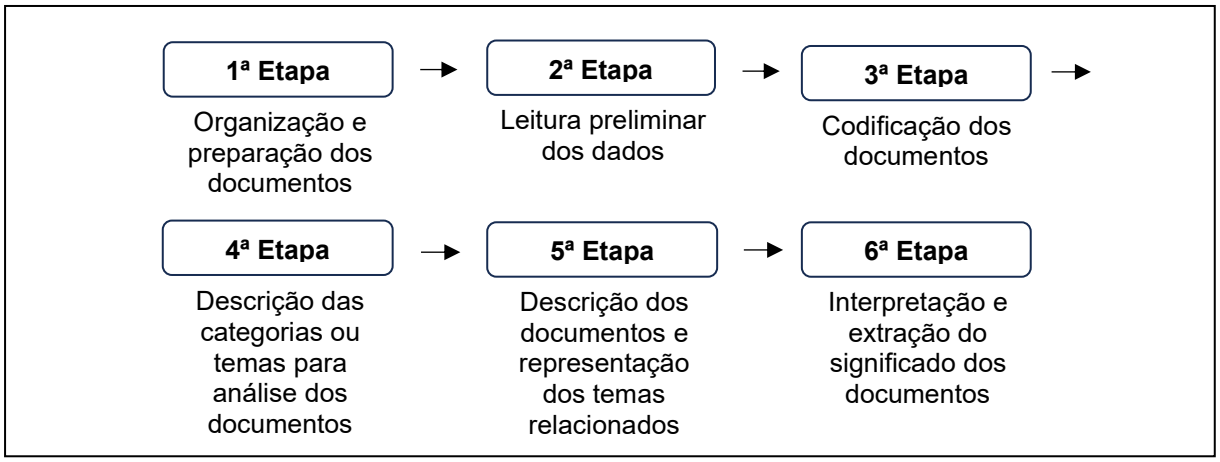
4.3.2. Análise documental:

A análise documental é uma técnica de pesquisa que envolve a análise detalhada de documentos escritos ou textuais, como registros históricos, relatórios, entre outros, para extrair informações relevantes e auxiliar na compreensão de um fenômeno e contexto específicos.

Os Relatórios de Atividades do Parque Tecnológico de São José dos Campos se revelaram como importante instrumento de análise, pelo fato de relatarem as principais atividades desenvolvidas pelo Parque ao longo dos anos, permitindo observar como as novas dinâmicas do mundo do trabalho incidem no contexto do parque e reverberam em sua estrutura física, ações e consequentemente nas empresas e trabalhadores.

A fim de estabelecer uma análise documental em profundidade dos relatórios, a presente pesquisa seguiu, de forma sistemática e objetiva, as etapas estruturadas de acordo com Creswell (2007) e representadas na figura 06 abaixo:

Figura 06 – Sequência de etapas para análise documental:



Fonte: Elaborado pela autora (2023) com base no trabalho de Creswell (2007).

A partir do processo de análise documental dos “Relatórios de Atividades”, em conjunto com os dados obtidos por meio das entrevistas e material das redes sociais do Parque Tecnológico e o aporte teórico, foi possível identificar algumas categorias, a partir do critério semântico, as quais foram analisadas, interpretadas e estão descritas no quadro 12 abaixo:

Quadro 12 – Relação de categorias

CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA	
Categoria	**Descrição**
1. Diversidade	Refere-se a diversidade de profissionais presentes no Parque Tecnológico, com relação a cargo, escolaridade, faixa etária, vínculos empregatícios, condições de trabalho, estado civil, cidade e bairro de origem, entre outros.
2. Conhecimento	Refere-se a presença de instituições de ensino e pesquisa presentes no Parque Tecnológico, além da análise da efetividade da teoria da Tripla Hélice na transferência de conhecimento entre universidades e empresas.
3. Visibilidade	Refere-se às estratégias de publicização do Parque Tecnológico, buscando ampliar sua visibilidade e alinhadas às novas dinâmicas do mundo do trabalho no contexto do capitalismo neoliberal.
4. Ambiente	Refere-se aos espaços disponibilizados no Parque Tecnológico, sua infraestrutura, laboratórios, auditórios, entre outros, que almejam incentivar a inovação.
5. Cidade Tecnológica	Refere-se ao projeto imobiliário do Distrito de Inovação, a Cidade Tecnológica, como estratégia para atrair e reter mão de obra qualificada.
6. Mobilidade	Refere-se aos projetos, programas e eventos relacionados à temática da mobilidade, bem como às ações voltadas para a melhoria do acesso ao Parque Tecnológico.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

5. RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES:

O capítulo de resultados desempenha um papel crucial na desvelação das descobertas obtidas por meio desta pesquisa. Ao longo do estudo, buscou-se testar a hipótese do Parque Tecnológico como um dispositivo que molda as dinâmicas de trabalho ditadas pelo capitalismo neoliberal. Este capítulo representa o culminar do esforço analítico, fornecendo uma visão que é simultaneamente descritiva e analítica das descobertas, destacando sua relevância para o contexto da pesquisa.

No decorrer da investigação, foram adotadas metodologias rigorosas para coleta e análise de dados, seguindo os procedimentos estabelecidos na seção de métodos. Cada conjunto de dados foi meticulosamente examinado para identificar padrões, tendências e relações que lançam luz sobre as questões de pesquisa.

A organização do capítulo em categorias oferece uma compreensão coerente e abrangente dos resultados, análises e conclusões alcançadas.

A definição das categorias, a saber: Diversidade, Conhecimento, Visibilidade, Ambiente, Cidade Tecnológica e Mobilidade, foi estabelecida mediante a convergência e triangulação de dados provenientes das redes sociais, das perspectivas dos trabalhadores do parque que participaram da pesquisa e do material documental, com base nas teorias de Richard Florida (2011), que enfatizam a relevância da diversidade, tolerância, presença de instituições acadêmicas, ambientes urbanos favoráveis aos setores criativos e inovadores, e infraestruturas de transporte eficientes na atração e retenção de profissionais qualificados.

Em etapa subsequente, avançou-se nas análises e discussões das possíveis repercussões sobre os trabalhadores do Parque e das manifestações dos discursos no espaço físico do Parque e no cenário urbano de São José dos Campos, com base nas contribuições teóricas de Antunes (2004; 2009; 2018; 2020), de Dardot & Laval (2016), de Han (2017; 2018), e de Foucault (1969; 1995; 2000; 2007; 2017).

Importante notar que, embora os resultados apresentem entendimentos valiosos, a presença de limitações inerentes ao escopo da pesquisa é notada. Tais limitações foram discutidas com transparência, proporcionando um contexto apropriado para a interpretação dos resultados.

5.1. Diversidade:

A relevância da diversidade e tolerância, conforme delineada por Richard Florida (2011), destaca-se como um elemento essencial para o avanço socioeconômico e cultural dos centros urbanos contemporâneos. No contexto da classe criativa, Florida enfatiza a importância dessa abordagem, observando a inclinação notável dessa classe para valorizar ambientes marcados pela abertura e acolhimento à diversidade.

Seguindo a perspectiva delineada pelo autor, os indivíduos criativos não se dirigem mais predominantemente aos centros urbanos tradicionais. Nas palavras de Florida, "essas pessoas almejam uma abundância de experiências e comodidades de alta qualidade, abertura a todo tipo de diversidade e, acima de tudo, oportunidade para validar sua identidade como indivíduos criativos" (FLORIDA, p. 218, 2011). Assim, compreender e promover a diversidade não é apenas uma medida socialmente justa, mas também uma estratégia pragmática para estimular o desenvolvimento e a vitalidade das comunidades urbanas.

A conjugação da diversidade com a tolerância, conforme destacado pelo autor, manifesta-se como um par de catalisadores cruciais na atração e retenção da classe criativa, desempenhando um papel essencial no fomento à inovação e prosperidade nas áreas urbanas.

Dedicados à missão de impulsionar a criatividade, o surgimento de novas ideias e a formação de negócios inovadores, a ênfase na valorização da diversidade tem se fortalecido nos ecossistemas de inovação e empreendedorismo. Esses ambientes acolhem uma ampla variedade de perfis profissionais, abrangendo diversas áreas e funções, consolidando-se como locais propícios para a geração e troca de ideias inovadoras.

Esses perfis englobam diferentes níveis de escolaridade, formações, especializações e características distintas, desde empreendedores, investidores de capital de risco, investidores anjos e financiadores de fundos de investimento, até engenheiros de software, desenvolvedores, cientistas de dados e outros especialistas em tecnologia. Além disso, incluem especialistas em marketing, vendas, relações públicas, designers gráficos, designers de produtos, especialistas em experiência do usuário (UX), pesquisadores, professores e estudantes universitários, mentores, consultores, autoridades governamentais e profissionais de apoio administrativo. Essa diversidade de talentos contribui para a riqueza e a vitalidade do ambiente, promovendo a interação entre diferentes áreas de expertise.

Especificamente em relação ao foco da pesquisa, que abrange o Parque Tecnológico de São José dos Campos, apresentam-se a seguir os principais resultados obtidos referentes à diversidade da comunidade presente nesse ambiente.

Os relatórios de atividades investigados e analisados, sem especificar exatamente as áreas de atuação dos profissionais, destacam essa diversidade ao quantificar a população que circula diariamente no Parque Tecnológico de São José dos Campos.

As informações coletadas nos relatórios de 2019 e 2022 ganham destaque nesse contexto. O relatório de 2019 é notável por incluir dados sobre a população presente no parque, como escolaridade, gênero e meio de transporte, informações que não foram abordadas nos demais relatórios. Por sua vez, o relatório de 2022 se destaca por apresentar as informações mais recentes disponíveis.

No ano de 2019, a população do Parque atingiu aproximadamente 6755 pessoas, marcando o maior número já registrado. Sendo 2100 pessoas atuantes nas empresas e instituições residentes, funcionários da Prefeitura Municipal e membros da APTSJC.

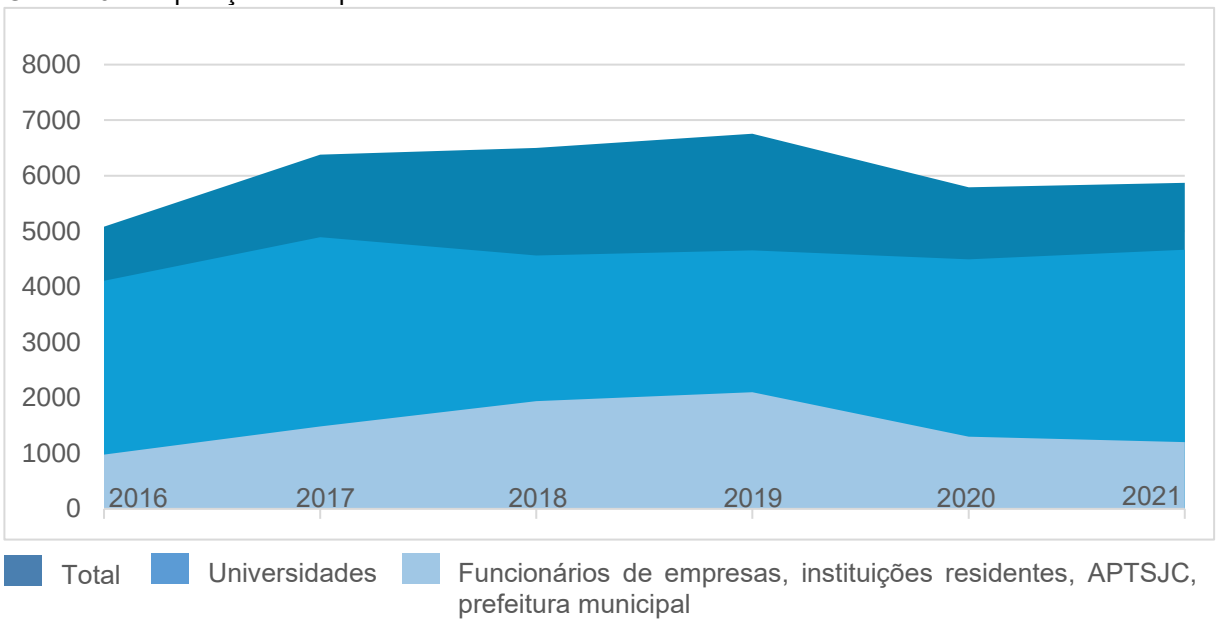
Os profissionais do Parque foram classificados de acordo com sua escolaridade: estagiários (9%), técnicos (12%), graduados (51%), mestres (11%), doutores (9%) e outros (8%). Quanto ao gênero, a distribuição foi de 74% homens e 26% mulheres (APTSJC, p.13, 2020).

Conforme indicado pelo mais recente Relatório de Atividades, correspondente ao ano de 2022, o Parque Tecnológico apresentava uma população fixa de aproximadamente 5.869 pessoas no núcleo do Parque, um declínio de 36% com relação ao ano de 2019. Essa composição incluía 4.332 estudantes; 1.200 profissionais vinculados a empresas, startups e instituições residentes, funcionários da APTSJC, da Prefeitura de São José dos Campos e prestadores de serviços; e 337 docentes e funcionários provenientes das universidades.

Considerando as flutuações da população que frequenta o Parque, o gráfico 04 ilustra as variações na população fixa ao longo dos anos de 2016 a 2021, proporcionando uma visão abrangente das oscilações de aumento e diminuição ao longo desse período. Aqueles que mantêm vínculos com as universidades, como alunos, professores e funcionários, apresentaram variações menos significativas em comparação com os números relativos à população associada a empresas e

instituições residentes, assim como os funcionários da APTSJC e da Prefeitura Municipal.

Gráfico 04: População do PqTec:

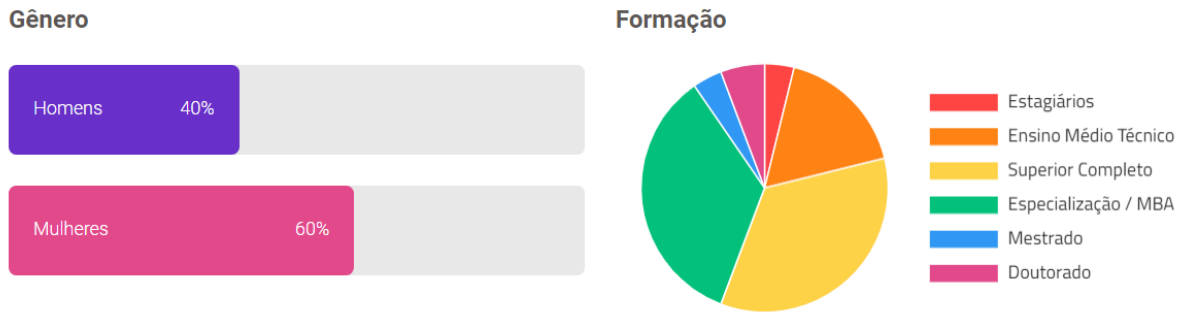


Fonte: Elaborado pela autora (2023) com base nos dados dos Relatórios de Atividades Parque Tecnológico de São José dos Campos (2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023).

A maior redução na população residente total do Parque Tecnológico ocorreu notadamente no período entre 2019 e 2021. Esse declínio é atribuído à diminuição da presença de profissionais vinculados às empresas e instituições residentes, assim como dos funcionários da APTSJC e da Prefeitura Municipal. Provavelmente, tal tendência é resultado das circunstâncias restritivas da pandemia de COVID-19.

Relativo ao quadro de profissionais que compõem a Associação do Parque Tecnológico (APTSJC), o relatório apresenta os nomes e breve currículo de sua formação mais recente da diretoria e conselho, sendo: Jeferson Cheriegate - Diretor Geral; Marcelo Nunes - Diretor de Desenvolvimento de Negócios; Sergio Buani - Diretor de Operações; e Eduardo Bonini - Presidente do Conselho da APTSJC. E evidencia os perfis de seus colaboradores através da distinção de gênero e grau de escolaridade conforme o gráfico 05:

Gráfico 05 – Perfil dos trabalhadores da APTSJC:



Fonte: Site do Parque Tecnológico de São José dos Campos – Institucional - Equipe. Disponível em: <https://pitsjc.org.br/institucional/equipe/>

Destacando a predominância de mulheres entre os colaboradores da Associação:

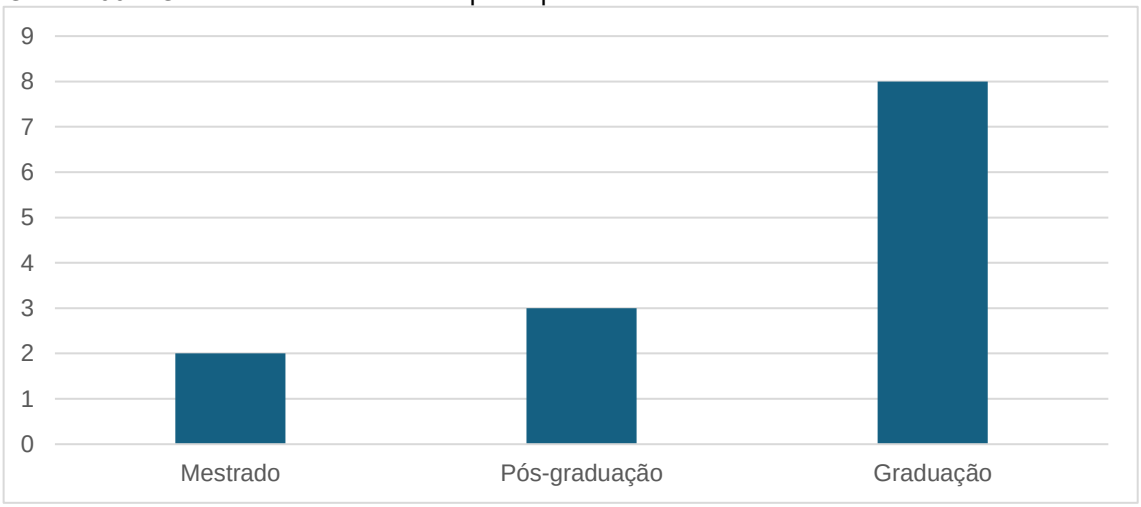
> A APTSJC orgulha-se por ter seu quadro de colaboradores composto em sua maioria, por mulheres – sendo que suas duas gerências de projetos, cargos estratégicos para a organização, são ocupados por mulheres. (APTSJC, p.11, 2023).

Situação notavelmente contrastante quando comparada com a composição do Conselho do Parque. Na composição dos membros do Conselho, que inclui representantes da Prefeitura Municipal de São José dos Campos, Departamento de Ciência Tecnologia Aeroespacial, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Associação das Indústrias Aeroespacial do Brasil, Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos, Profissionais da comunidade empresarial e comunidade acadêmica, científica e tecnológica. Dos 16 cargos ocupados, 13 deles são ocupados por integrantes do sexo masculino, sendo apenas 3 do sexo feminino.

Especificamente em relação aos dados obtidos por meio de entrevistas e questionários, participaram da presente pesquisa profissionais ocupando cargos como: Gerente de Operações e Programas, Assistente de Projeto, Analista de Projeto, Coordenador de Projeto, Diretor Técnico de Computação Gráfica e Gerente de Design, Analista de Desenvolvimento de Negócios, Analista de Gestão de Negócios, Analista de Negócios, Gerente Comercial, Desenvolvedores de Software, Desenvolvedor de Produto e Líder Técnico.

A maioria dos participantes possui o grau de escolaridade de nível superior completo, conforme evidenciado no gráfico 06.

Gráfico 06 – Grau de escolaridade dos participantes:

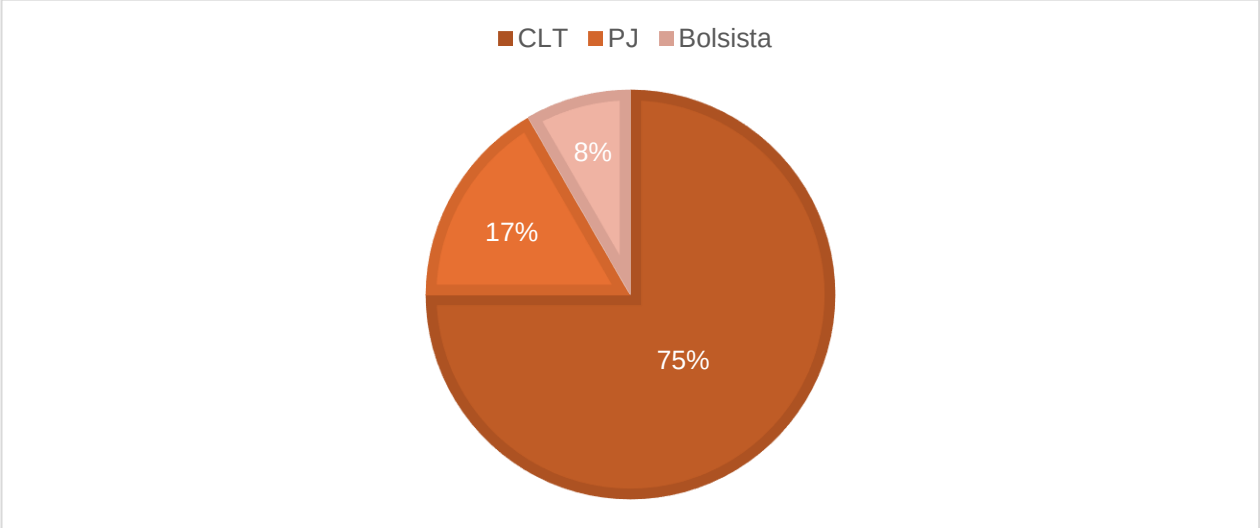


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os profissionais que operam nos ecossistemas de inovação podem ter uma variedade de tipos de contratos de trabalho, dependendo de suas responsabilidades, da estrutura organizacional e do nível de desenvolvimento das empresas ou organizações em que estão inseridos.

No Parque Tecnológico é possível encontrar trabalhadores com diferentes vínculos empregatícios, uma vez que cada empresa e instituição residente é autônoma e define seu próprio modelo de contratação e processos seletivos. Os vínculos podem abranger prestação de serviços, freelancers, estagiários, consultores, parceiros, bolsistas de pesquisa, contratos tradicionais, entre outros. Especificadamente, os participantes da pesquisa se dividiram entre contratos tradicionais, pessoa jurídica e bolsista FAPESP, conforme o gráfico 07:

Gráfico 07 – Tipo de contrato de trabalho dos participantes da pesquisa:



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A alteração no modelo de vínculo empregatício foi evidenciada em alguns dos participantes. A título de exemplo, a participante AA compartilhou sua experiência ao migrar de beneficiária de uma bolsa para o regime CLT:

> **Participante AA:** [...] ela (startup) conseguiu a aprovação de um projeto na Fapesp, e aí eu fui uma das bolsistas contratadas na época. Então, foi bacana, assim, porque eu era nova na cidade e ao mesmo tempo pude contribuir também para o crescimento da empresa, *né*, por ser uma coisa diferente. No início, eu acabei fazendo bastante atividades diversas *né*, de várias áreas. Então, eu ajudava quando era preciso em marketing, comercial, na parte de engenharia também dava os meus pitacos e aí, a trajetória dentro da empresa foi me levando para a parte comercial hoje. [...]
>
> Quando eu comecei, eu fui bolsista nesse projeto da Fapesp, e aí eu fiquei como bolsista até esse ano, porque a gente emendou um PIPE, que é um dos tipos de bolsa lá, [...] E aí eu fiquei como bolsista e quando a minha bolsa acabou em fevereiro, que inclusive faz pouquíssimo tempo, aí eu fui contratada, é como é CLT. E aí é o meu primeiro emprego oficial assim é aqui.

É fundamental ressaltar que a heterogeneidade de tipos de contrato também se manifesta na diversidade de como as lógicas de trabalho afetam os trabalhadores no Parque Tecnológico. Dependendo do tipo de vínculo empregatício, as lógicas de trabalho neoliberais se refletem sobre os trabalhadores de maneiras diversas e com intensidades diferentes.

Por um lado, quando os trabalhadores são pessoa jurídica colaboradores de startup, há uma maior ênfase na flexibilidade, na adaptação, na produtividade, na execução de multitarefas, no uso de metodologias ágeis como Scrum e Kanban, na gestão do tempo, no trabalho remoto ou híbrido, sem garantia de estabilidade. Enquanto, por outro lado, quando os trabalhadores são CLT, estes tem estabelecidos horários fixos e rotinas e não passam por avaliação de desempenho, e realizam suas atividades de modo presencial. Essa disparidade evidencia a complexidade das relações laborais e a necessidade de considerar as diversas realidades enfrentadas pelos trabalhadores no contexto do PqTec.

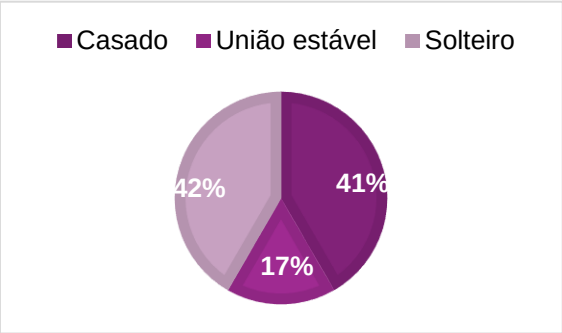
O participante ME, colaborador de uma startup situada no Parque Tecnológico (PqTec), estabelece seu vínculo contratual com a referida empresa na qualidade de Pessoa Jurídica. Neste contexto, ele compartilha suas experiências e relata os desafios enfrentados:

> **Participante ME:** [...] assim quando *tá* na correria, *tá* todo mundo quase no *burnout*, *né*. Então, a gente começou a tentar organizar o tempo de maneira também a não ficar exausto na parte de organizar o trabalho. Porque

> a gente fica muito mais cansado de pensar o que tem que fazer, como fazer, do que fazendo. [...]
>
> A gente falou, a gente usa um termo dentro da empresa, que é “debugar”
>
> [...] o que acontece, as vezes não fica confortável trabalhar em uma startup. Você sabe que você não tem uma previsão de futuro, pode ser que ano que vem não exista mais a startup, pode ser que ela feche do nada, entendeu? Então, a gente sempre chega no final do ano ali com coração a mil. A gente não sabe se ano que vem a gente vai estar funcionando, se vai ter dinheiro no caixa e tudo mais. [...]
>
> Então, quanto mais vai dando ruim, chega final de ano “Ah *tá* dando ruim de novo, ah mais é de novo, o ano passado a gente já passou por isso, então vamos nos dedicar um pouquinho mais que vai dar certo”. A experiência, realmente, faz a diferença. Realmente, tudo que a gente vai passando vai ajudando.

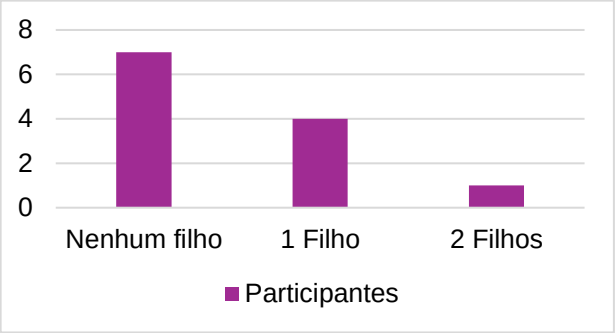
Com relação a faixa etária dos participantes abrangeu de 22 a 40 anos, com uma distribuição entre os sexos feminino (42%) e masculino (58%). No que diz respeito ao estado civil, observou-se um equilíbrio entre participantes casados e solteiros, além da presença de indivíduos que declararam estar em união estável, conforme ilustrado no gráfico 08. Quanto à parentalidade, 42% dos participantes têm filhos, sendo que o número máximo de filhos é de 2, como indicado no gráfico 09.

Gráfico 08 – Estado civil dos participantes:



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 09 – Relação de quantidade de filhos e participantes:



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com as ideias de Richard Florida, para ambientes que buscam prosperar e aprimorar sua competitividade em um cenário empresarial em constante evolução, é crucial integrar profissionais jovens em sua equipe:

> [...] na era criativa, eles (os trabalhadores jovens) são importantes por dois motivos. Primeiro, são eles que trabalham mais e estão mais propensos a assumir riscos, justamente porque são jovens e não têm filhos. Nos setores em constante transformação, são os jovens recém-formados que costumam dispor das habilidades mais atualizadas. [...] O segundo motivo para valorizar o trabalhador jovem é que as pessoas estão ficando solteiras por mais tempo.
>
> [...] A fim de prosperar na era criativa, as regiões precisam oferecer a atmosfera humana que satisfaça os interesses sociais e as demandas do

> estilo de vida desse grupo ao mesmo tempo em que atenda as necessidades dos demais. (FLORIDA, p. 294 – 295, 2011)

Quanto a origem, 58% dos participantes afirmaram residir no município de São José dos Campos desde a infância, enquanto 42% migraram de diferentes localidades devido a diversas circunstâncias, como estudo, trabalho, relacionamentos, entre outros.

> **Participante VS:** Eu sou de São José mesmo, eu nasci aqui, fui criada e moro aqui até hoje.
> **Participante ME:** [...] eu cresci aqui e fui embora só para estudar. Eu fiquei em Florianópolis por 7 anos, *né*, 5 da faculdade e 2 trabalhando e depois eu voltei.
> **Participante AS:** Eu nasci em Osasco e vim para São José com 2 anos.
> **Participante DS:** Eu vim para São José para estudar, para fazer mestrado.
> **Participante MC:** Meu companheiro é servidor público e foi transferido para São José dos Campos.
> **Participante AA:** na época eu me formei, *né*, em julho de 2019, e eu já tinha a intenção de vir aqui para a cidade, principalmente pelo meu objetivo de fazer um mestrado no ITA. É [...], no entanto, eu mudei um pouco assim a minha perspectiva, *né*, eu acabei conseguindo um emprego aqui no Parque Tecnológico e aí eu adiei um pouco essa questão do mestrado. Mas inicialmente eu vim mais por uma questão de continuar ali a minha carreira acadêmica e os meus planos mudaram um pouco.

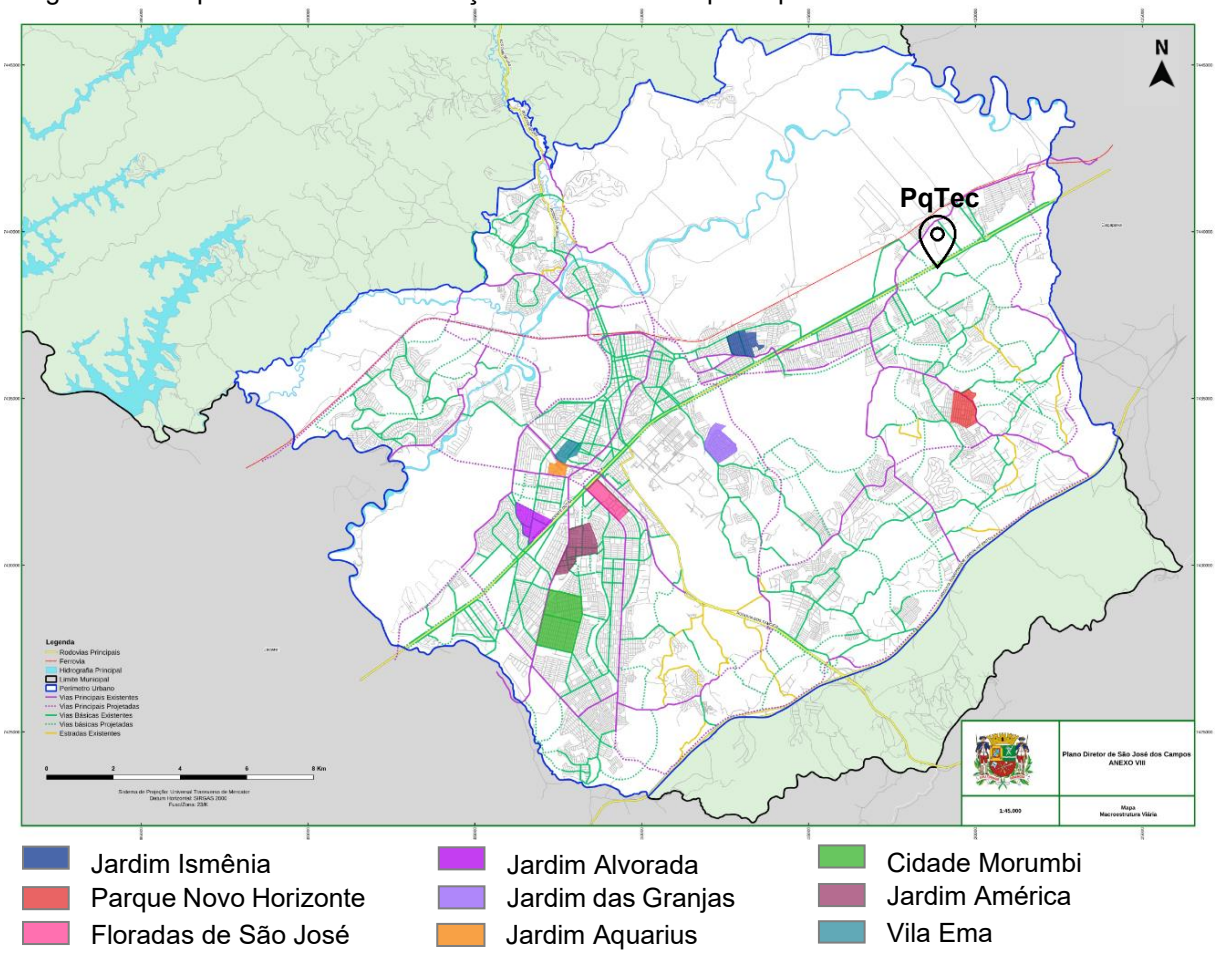
Entre os participantes que se mudaram para São José dos Campos, o participante DV destaca ter sido atraído para o município pela presença do Parque Tecnológico e pela oportunidade de se inserir profissionalmente nas áreas de inovação e desenvolvimento tecnológico.

> **Participante DV:** Quando eu vim para São José dos Campos, eu vim para trabalhar no Parque Tecnológico. [...]
> Eu sou da Engenharia Elétrica e durante já a faculdade eu já comecei a perceber, eu já comecei a sentir o impacto da desindustrialização no Brasil. E eu comecei a olhar, principalmente para grandes centros, grandes cidades, Curitiba também foi uma delas, é [...] a oportunidade de trabalho. Então, São José me chamou muito a atenção, porque eu passava por São José, as vezes de férias para ir para o litoral daqui do próprio estado de São Paulo e o que me chamou a atenção foi ter um Parque Tecnológico. Então, o Parque Tecnológico em si me chamou a atenção para mudar de área. Para tentar estar mais próximo de inovação e desenvolvimento tecnológico. Então, foi isso que foi o chamariz para eu vir para cá.

Os participantes estão distribuídos pelo município de acordo com a localização dos bairros, conforme ilustrado na figura 07. Os bairros Jardim Ismênia e Parque Novo Horizonte estão situados na região Leste, o bairro Jardim das Granjas está na região Sudeste, Vila Ema está localizado no Centro, Jardim Aquarius e Jardim Alvorada estão

na região oeste, enquanto os bairros Floradas São José, Jardim América e Cidade Morumbi estão na região Leste.

Figura 07 - Mapa indicando a localização dos bairros dos participantes:



Fonte: Elaborado pela autora[24] (2023).

As razões para a escolha do bairro de residência também foram diversas:

> **Participante DS [Bairro: Jardim Ismênia – Região Leste]:** Na ocasião minha esposa morava próximo. Ela trabalhava próximo de lá. Então, foi basicamente por causa disso.
> **Participante VS [Bairro: Parque Novo Horizonte – Região Leste]:** [...] eu nasci aqui, fui criada e moro aqui até hoje.
> **Participante AA [Bairro: Jardim Aquarius – Região Oeste]:** E aí eu conversei com eles (colegas) para pedir indicação de fato de regiões boas que eles conheciam, por uma questão de custo e benefício também para a gente avaliar. É... eu cheguei a ver outras regiões muito boas, mas na época eu tive pouquíssimo tempo para decidir que lugar eu ficaria. Então, no final das contas eu acabei decidindo principalmente por ser uma região muito boa, segura, organizada, todo mundo fala muito bem dela e que não estava tão distante, em termos de valor, das outras que eu vi. Eu consegui um valor bem

[24] Figura elaborada com base no mapa de Macroestrutura viária, anexo VIII Plano Diretor de São José dos Campos (2018), e nas respostas dos participantes da pesquisa.

> interessante no aluguel. Então, acabei optando por ficar lá e eu moro ainda hoje no mesmo apartamento.

O participante ME afirma ter mudado do bairro Jardim Ismênia para o bairro Jardim Alvorada, na intenção de ficar mais próximo do Parque, mesmo mantendo com seu bairro anterior laços mais significativos, como família e amigos e lugares de sua predileção, como academia e praças.

> **Participante ME:** Então, eu mudei especificadamente por causa da distância do trabalho, *né*. Porque antes eu morava no Jardim Alvorada, aí ficava 17 quilômetros do Parque Tecnológico. Então, lá (Jardim Ismênia) eu fico, é bem mais perto, não sei quantos quilômetros exatos, mas eu acho que *tá* mais no meio do caminho, deve ser mais ou menos 8 quilômetros do Parque. E ali eu gasto, coisa que eu gastava 20, 30 minutos, agora eu gasto 10.

Em conformidade com a visão de Florida (2011), que disserta que a qualidade do lugar atrai os talentos, destacando a importância de um ambiente urbano agradável, com espaços públicos bem planejados, parques, ciclovias e outras amenidades que proporcionem uma boa qualidade de vida. Um ambiente físico agradável contribui para o bem-estar e a satisfação dos profissionais criativos. Participantes da pesquisa expressaram a satisfação de ter em seus bairros lugares agradáveis de estar e com infraestrutura adequada:

> **Participante DS:** [...] É muito perto do centro, 15 minutos você está no centro. Vejo vantagem assim, eu moro do lado do poliesportivo do bairro e a parte de arborização do bairro eu também gosto, é bem-feita. Têm dois parques do lado então duas pracinhas grandes boas perto do prédio em que eu moro. Então, eu valorizo esse tipo de coisa!
>
> **Participante DV:** *Ah*. Pra mim, pensando em deslocamento, o bairro ele é muito próximo da Dutra. Pegava *retão*. Eu saia de casa, pegava dois semáforos e já estava na Dutra. Tudo muito rápido! Então, eu não perdia tempo com deslocamento. Só que uma vantagem que eu sei que é maior que essa é morar perto de um shopping. Então, eu morava perto de um shopping, que para mim também é uma vantagem. Dava para ir a pé se quisesse.
>
> O bairro é muito agradável com praça. São José é uma cidade bem, é [...] é bem limpa, assim. Então, uma região em que eu morava tinha uma boa praça. Se quisesse ir ao final da tarde numa praça ou num shopping é [...] a região que eu morava, São José tem uma característica que cada bairro é como se fosse um centro de cidade.
>
> Então, tem banco, lotérica, padaria, farmácia, tudo que você precisa, despachante de veículo, tudo que você precisa você encontra nos bairros de São José. Dependen[...] outras cidades, por exemplo, eu morava em Londrina antes de vir para São José, tudo que precisa ser feito tinha que ser no centro de Londrina, na região central, então, era uma concentração. São José tem vários minicentros, é [...] divididos, então isso tem uma vantagem muito legal.
>
> **Participante ME:** É *é* um bairro grande, então, assim, tem mercado perto, padaria, é [...] na minha rua mesmo tem aqueles mercadinhos de bairro, então, qualquer coisinha *tá* ali do lado. É [...] hospital, *tá* tudo ali bem, fácil acesso para a Dutra, que eu acho que é o principal aqui de São José né.

> A Dutra é praticamente uma avenida para a gente. Então, assim, o acesso para a Dutra ele pesa bastante na escolha dos locais para morar.

5.2. Conhecimento:

Conforme destacado por Richard Florida (2011), a relevância das instituições de ensino e pesquisa de excelência é enfatizada como um fator de extrema importância. As localidades que abrigam universidades e instituições de renome no campo educacional e de pesquisa, segundo o autor, demonstram uma maior inclinação para atrair e reter profissionais altamente qualificados, ao mesmo tempo em que promovem vigorosamente atividades de pesquisa e inovação.

Sob a ótica delineada por Florida, essa consideração adquire uma relevância particular no contexto dos ecossistemas de inovação e empreendedorismo. Pode-se estabelecer uma pertinente correlação com o modelo da Tripla Hélice, o qual preconiza a interação sinérgica entre governo, academia e setor privado para impulsionar a inovação e o desenvolvimento socioeconômico.

A formulação do conceito de Tripla Hélice por Henry Etzkowitz e Loet Leydesdorff, em 1995 com a publicação do artigo intitulado "The Triple Helix of University-Industry-Government Relations", introduziu uma abordagem inovadora para a interação entre universidades, indústrias e governos no contexto da inovação.

Essa proposta sugere que esses três setores devem colaborar de maneira coordenada, estabelecendo uma parceria estreita e interativa, para impulsionar a inovação e o desenvolvimento econômico. Segundo Etzkowitz (2009), cada componente da Tripla Hélice é moldado pela contribuição e participação dos outros, ao mesmo tempo em que exerce seu papel como um influenciador ativo no ambiente em que se encontra. O que representa uma superação das abordagens tradicionais que tratam esses setores de forma isolada.

Refletindo a integração dos princípios da Tripla Hélice no âmbito prático e físico, os Parques Tecnológicos ao promover a colaboração e a sinergia entre esses três setores, buscam impulsionar a inovação e o desenvolvimento econômico e social em uma área geográfica específica. Na entrevista concedida ao grupo de pesquisa, César Mello (2021)[25], proprietário da Innovact, expressou que os parques tecnológicos representam um ativo fundamental para o desenvolvimento econômico por meio do conhecimento:

[25] Fala concedida ao grupo de pesquisa. Ver Apêndice D.

> [...] os parques são os ambientes que melhor representam, por ser um objetivo imobiliário, essa transformação que a sociedade tem em cima do ativo do conhecimento, onde quem detém conhecimento detém capacidade geopolítica e econômica no desenvolvimento econômico de uma cidade. O principal ativo nos últimos anos é o conhecimento, ele em relação ao urbanismo tem uma nova concepção espacial, não só no aspecto urbano, mas no aspecto de sociedade e como ela se compõe. A academia hoje é o mercado, é o produto. (MELLO, 2021)

As universidades dentro desse contexto procuram desempenhar um papel crucial, atuando como catalisadoras do conhecimento, facilitadoras da transferência de tecnologia e geradoras de talentos capacitados.

Recentemente, acadêmicos e especialistas que exploram esse tema chegaram à conclusão de que o modelo da Tripla Hélice era inadequado para abranger e elucidar completamente os ecossistemas de inovação, uma vez que inadvertidamente excluía a participação de determinados atores no processo (CARAYANNIS & CAMPBELL, 2009; YOON, YANG & PARK, 2017).

Tais estudiosos dedicados a abordagens mais inclusivas e participativas, com a intenção de diminuir essa deficiência, têm explorado o conceito da “Quarta Hélice”. Expandindo a ideia inicial da Tripla Hélice, a Quarta Hélice incorpora um quarto componente essencial à equação: a sociedade civil, ressaltando sua relevância no processo de inovação e desenvolvimento.

Ao buscar integrar a perspectiva social no processo de inovação, essa abordagem mais inclusiva e participativa visa criar soluções mais alinhadas às necessidades da comunidade, promovendo um desenvolvimento mais sustentável e equitativo. Nesse sentido, a visão futura dos parques tecnológicos busca incorporar aspectos humanos das cidades por meio da concepção por exemplo de distritos de inovação.

Expandindo ainda mais o conceito, Leydesdorff (2012) introduz a quinta hélice e considera o meio ambiente um elemento decisivo na direção dos esforços de inovação. Com isso fica evidente que o modelo não é estático, podendo ser enriquecido por diversas contribuições para o seu desenvolvimento, assumindo, assim, a natureza de um modelo "N-hélices".

No contexto específico do PqTec, atualmente, a implementação da abordagem Tripla Hélice é evidenciada pela presença dos institutos de ensino e pesquisa que compõem o parque, tais como:

- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP);

- Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP);
- Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP);
- Universidade Anhembi Morumbi;
- Faculdade Santo Antônio;
- Faculdade de Tecnologia de São José dos Campos (FATEC);
- Fundação Getúlio Vargas (FGV);
- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI);
- Centro de Inovação, Tecnologia e Educação (CITÉ);
- Centro de educação profissional Hélio Augusto de Souza (CEPHAS).

A atenção especial direcionada à administração para a prefeitura de SJC do Programa Cidade Inteligente, às ações de *smart cities* do Arranjo Produtivo Local de Tecnologias da Informação e Comunicação (APL TIC Vale), ao projeto da Cidade Tecnológica e ao Programa Galerias do Empreendedor, que estimula e apoia o empreendedorismo social em bairros de São José dos Campos, representam iniciativas do Parque para atuar na quarta hélice (APTSJC, p. 70, 2019).

Entretanto, mesmo com essas ações voltadas para a promoção da Quarta Hélice, observa-se que a participação das universidades e institutos de pesquisa e educação não atende integralmente às expectativas para esses empreendimentos quando inseridos em ecossistemas de inovação e empreendedorismo, apontando para uma limitação na eficácia do modelo da Tripla Hélice no contexto do Parque Tecnológico.

Os relatórios de atividades, elaborados pela Associação do Parque Tecnológico, enfatizam a meta do Parque em atrair empresas, universidades e outras instituições de ensino superior e pesquisa científica, com o intuito de promover a convergência delas com governos e a sociedade (APTSJC, p. 11, 2019). Contudo, as informações contidas nos relatórios relacionadas a essas instituições não conseguem efetivamente comunicar essa convergência. Limitam-se a retratar a participação das universidades em eventos, como Workshops de prospecção de parcerias, a realização de ações de consultorias e, principalmente, à apresentação de dados quantitativos, incluindo cursos, vagas, matrículas, laboratórios, trabalhos em congressos, publicação de artigos, corpo docente, alunos e funcionários. Há uma escassa menção à colaboração universidade-empresa, como a execução de projetos de Pesquisa & Desenvolvimento, seus resultados e a produção de patentes, o que sugere que essa dimensão não é detalhadamente explorada no Parque.

Ao questionar o que considerava como um fator distintivo da participação das universidades no Parque Tecnológico, Luiz Antônio Pozzi (professor sênior da Fatec de São José dos Campos), em entrevista concedida ao grupo de pesquisa em março de 2023, reitera a mesma percepção acima mencionada. Segundo Pozzi (2023)[26], o modelo atual do Parque Tecnológico difere significativamente do planejado nas décadas de 90 e 2000, evidenciando as limitações do conceito da tripla hélice.

> Então, tem lá a escola, o governo, as empresas e isso ai, só de você juntar vai acontecer. Não vai acontecer! Não aconteceu, não foi assim! [...] Esse modelo é fracassado. Nós insistimos em continuar com eles. (POZZI, 2023)

Dentre as deficiências destacadas, Pozzi (2023) ressalta a limitada participação das universidades no projeto do Parque Tecnológico. Segundo o professor, ao implementar um modelo de curso, as instituições de ensino não levaram em consideração a sua localização dentro de um Parque Tecnológico, optando por considerar a distinção em relação a outros campus universitários como elemento fundamental:

> [...] o conselho universitário que escolheu o curso que temos aqui na UNESP, em engenharia ambiental, não escolheu pela sinergia com o Parque, mas para não ter competição com os outros campus. Ponto. E não se aproveitou de absolutamente nada. (POZZI, 2023)

O participante JL, alinhando-se ao discurso de Pozzi (2023), sublinha também a atitude apática das universidades situadas no Parque:

> **Participante JL:** [...] a gente tem muito que aprender. A gente assim como parque, como Brasil. O Parque, as pessoas precisam ainda aprender como empreender nesse ecossistema. Então, lá existe as universidades que estão todas na mesma região, mas essa interação universidade-empresa elas acontecem meio por acaso, não existe uma ligação entre elas.
>
> Hoje a universidade está lá, tem o seu mundinho, sua realidade, tem o seu orçamento, vive a sua história, *né*, o seu ensinamento. E ai depois: "olha tem vaga para estágio! *Tô* procurando estágio para esse pessoal aqui." [...] É só uma universidade que está localizada ali na cidade tecnológica, na região geográfica ali. Mas não necessariamente eles estão colaborando. Eu acho que essa colaboração é o que está faltando!

Demonstrando confiança no potencial dos centros de pesquisa e ensino situados no Parque, o participante JL relembra o caso do Instituto Tecnológico de Aeronáutica,

[26] Fala concedida ao grupo de pesquisa, em março de 2023. Ver Apêndice D.

que, em sua perspectiva, alcança com sucesso a integração entre os três setores da Tripla Hélice.

> **Participante JL:** Se você for lá no ITA, eles já têm uma versão completamente diferente. Lá tem uma universidade, tem um laboratório que os alunos usam [...] a sociedade, a indústria pode fazer uso dela também. Eles têm um perfil já diferente, *né*. Essa ideia, esse conceito, é [...] essa filosofia Iteana se acontecesse dentro das universidades que estão lá dentro do Parque Tecnológico ia ser naturalmente diferente, o engajamento ia ser diferente. [...]
>
> O ITA, ele foi inspirado no MIT (Massachusetts Institute of Technology) dos Estados Unidos. Então, eu acho que é esse conceito, essa filosofia, eu acho que os parques tecnológicos precisam aprender um pouco mais, em geral, inclusive o nosso aqui da cidade.

Na visão do professor Pozzi (2023), o que assegurou a continuidade do Parque até o momento atual foram os programas de subsídios e financiamentos. Dentro desse cenário, as universidades desempenham o papel de facilitadoras, conectando as empresas aos recursos e subsídios públicos disponíveis, em vez de desempenharem o papel de criadoras de conhecimento, sem promover efetivamente a transferência de tecnologia do ambiente acadêmico para o setor empresarial.

> [...] Só viveu porque o governo entrava com o subsídio. Agência de fomento para dar subsídio. [...] Só funciona, se tiver fomento. Ou seja, dinheiro público.
>
> *Ah*, eu tenho uma pesquisinha que eu quero fazer, um desenvolvimento qualquer. Então, vamos lá ver se tem uma universidade que pode me ajudar a acessar uma verba da FINEP que é o banco que opera o dinheiro do FNCT (Fundo Nacional de Ciência e Tecnologia), *pro* Ministério da Ciência e Tecnologia. Vamos ver se a gente consegue uma encomenda do CNPq ou uma encomenda na Fapesp para fazer esse desenvolvimento conjunto usando algum fundo público.
>
> [...] e as empresas quando vem para esse ecossistema, desenhado por nós lá nos anos 2000. Elas vêm com o objetivo de: como eu arrumo? cadê o dinheiro grátis que me falaram? (POZZI, 2023)

Foi observado que determinados participantes também manifestaram suas insatisfações quanto às iniciativas de capacitação promovidas pelo Parque. Em suas análises, manifestaram desconhecer cursos ou capacitações oferecidos, ainda ressaltaram que o Parque não direciona sua atenção devidamente aos colaboradores das empresas. Esta devolutiva sugere uma lacuna perceptível na abordagem do Parque em relação ao desenvolvimento e envolvimento dos colaboradores, demandando uma reflexão sobre as estratégias adotadas para aprimoramento profissional e vínculo institucional:

> **Participante AS:** [...] eu acho que a capacitação do Parque ela é voltada mais para as empresas. Assim, para o colaborador em si, até tem uma coisa ou outra, mas eu acho que é bem pouco. É [...] as iniciativas são fortes mesmo para as empresas e para os gestores das empresas, sabe, para os fundadores, para eles se capacitarem. Tem bastante network entre eles, para que eles consigam aprender sobre as outras áreas, tipo financeiro. As vezes o cara só tem a ideia boa, só que não entende nada de administração de uma empresa. O Parque oferece muito isso para quem é dono de empresa, mas para colaborador eu acho que falta um pouco de incentivo, tipo sei lá, palestras, o que for para que está trabalhando no Parque.

Reconhecido de forma consistente pelos participantes da pesquisa como uma fonte inspiradora e de referência, o caso da Autaza emerge como um notável exemplo de sucesso na integração entre universidade e empresa.

> **Participante VS:** A Autaza acredito que seja um case de sucesso para o parque [...] Então, todo mundo que passa ali em frente fica encantado, porque dá ver as máquinas girando entorno do carro, chama bastante atenção. Então, eu acredito que brilha os olhos de quem vê.
>
> **Participante ME:** Olha ali dentro as principais empresas que a gente tem contato é [...] a Nestlé, ela tem um centro de inovação ali dentro, eu acho que pesa bastante, as empresas grandes.
>
> Têm uma outra [...] que assim era uma startup que vinha assim com a gente, ela deu um *boom* gigantesco. [...] eles (Autaza) deram um boom, cresceram absurdamente, *né*, ganharam vários investimentos, eles se destacaram. Eles são referências para gente, cada um com o seu galho, mas eles são uma inspiração. [...] tem a Nestlé ali dentro, tem o Metrô de São Paulo que está ali dentro também.

É crucial salientar que esta empresa especializada em soluções para controle de qualidade industrial não teve sua origem no Parque Tecnológico, mas sim a partir de um projeto de pesquisa realizado em colaboração entre o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e a General Motors (GM). A Autaza escolheu o Parque Tecnológico de São José dos Campos como local para suas operações comerciais. Ao se estabelecer no Parque, a Autaza recebeu apoios significativos, contando com o respaldo da FAPESP e FINEP por meio de projetos do programa Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (PIPE). Esses suportes foram cruciais para fortalecer os laboratórios da empresa e impulsionar o avanço das tecnologias incorporadas em seus produtos[27].

De acordo com Sáenz e García Capote (2002), os parques tecnológicos são empreendimentos de caráter híbrido, pois buscam simultaneamente o progresso científico, tecnológico e econômico, ao mesmo tempo em que almejam o desenvolvimento imobiliário. Isso ocorre porque a sua implantação tem impacto na

[27] Fonte: Site da Autaza. Disponível em: <https://autaza.com/pt/about-us/>.

configuração espacial das cidades, reestruturando os centros de produção de interesse para o capital e desempenhando um papel significativo como políticas regionais/locais.

No que se refere ao Parque Tecnológico, conforme destacado por César Mello da Innovact, encarregado da execução e mediação da Cidade Tecnológica, observa-se que o PqTec se originou, fundamentalmente, como um empreendimento imobiliário (APTSJC, p. 34 – 35, 2019). Divergindo das abordagens internacionais em ecossistemas de inovação e empreendedorismo, a formação do Parque Tecnológico de São José dos Campos seguiu um caminho inverso. Num primeiro momento, ajustou-se para atrair empresas de base tecnológica e, posteriormente, reestruturou-se para acolher universidades e instituições de ciência e tecnologia interessadas em impulsionar o desenvolvimento tecnológico. (APTSJC, 2021). Esse aspecto pode estar diretamente vinculado ao desempenho do Parque na integração da Tripla Hélice.

Tozzi argumenta que a contribuição principal da presença dos institutos de ensino e pesquisa no Parque ocorre por meio da agenda de eventos e da prática de networking. Segundo o professor, “Estágio, emprego, as próprias agendas de eventos, aí eles (os alunos) fazem o networking que a universidade não é capaz de fazer, e que a indústria faz via RH. Então, nesse ponto de vista o parque ajudou [...]”

O Parque Tecnológico regularmente organiza eventos, conferências e seminários que reúnem especialistas e líderes do setor. Tais ocasiões proporcionam aos profissionais e estudantes a oportunidade de participar de discussões pertinentes, ampliando sua compreensão das práticas e desafios profissionais, ao mesmo tempo em que estabelecem uma rede de contatos profissionais. Nesse contexto, a relevância do networking como um dos principais benefícios proporcionados pelo Parque também é ressaltada nas observações de outros participantes da pesquisa:

> **Participante DS:** [...] Eu acho que o grande ganho que você tem é a parte de network. Porém, a ressalva que eu já faço: é que hoje esses movimentos que o Parque costumava fazer, de feiras e eventos, eles estão menos constantes do que costumava a ter antes.
>
> **Participante VS:** Acredito que seja um ponto muito forte a infraestrutura de *network*. Então, nós temos uma infraestrutura muito boa, o parque tem uma infraestrutura muito boa para recepção de convidados, visitas, de eventos. Nós temos também a equipe de comunicação que oferece *tour* pelo parque, eles conseguem fazer essa recepção explicar sobre as empresas que estão aqui. Ai você já entra num *network,* porque aqui no parque nós temos muitos eventos. Acredito que para quem acompanha ou vem até esse espaço consegue aproveitar esse momento para conexões e novas oportunidades.

Dessa forma, o PqTec está gradualmente se distanciando do conceito da Tripla Hélice e se aproximando das práticas observadas nos espaços de trabalho compartilhados, como os coworkings. Espaços que oferecem comodidades, tais como: café, restaurantes, internet de alta velocidade, salas compartilhadas, espaços de descanso, estacionamento, além de eventos de networking, palestras e workshops.

> **Luiz Antônio Pozzi:** Então, o que acabou acontecendo com os Parques Tecnológicos, viraram empreendimentos imobiliários. Ou seja, é simplesmente um polo ou um coworking com contrato de gestão de um imóvel público, operando de uma gestão de uma organização qualquer. (POZZI, 2023)

O PqTec está se consolidando como um local compartilhado, ocasionalmente com apoio financeiro, que se destaca ao contar com instituições de ensino e pesquisa como fontes de mão de obra qualificada, cujas habilidades técnicas, conhecimentos e mentalidade empreendedora são necessárias para impulsionar a inovação, pois é nesse domínio que as universidades têm focado:

> Talvez o que sobrou no meio aí foi aluno. Aluno, como uma pessoa que não está vinculado a universidade, que precisava de oportunidade, ia nesses eventos, o aluno encontrava e ai a mão de obra apareceu. Então, do ponto de vista de mão de obra, [...] de oportunidade para pessoas, isso aconteceu. Ou seja, se você for lá no Parque depois você vai ver que em todo lugar você vai encontrar aluno da FATEC lá. Porque está perto. (POZZI, 2023)

5.3. Visibilidade:

A visibilidade é um catalisador de relevância para o sucesso de um ecossistema de inovação e empreendedorismo, proporcionando benefícios tangíveis ao atrair talentos, recursos financeiros, colaborações e reconhecimento tanto em nível regional quanto global.

Sendo um ecossistema visível, o PqTec fica mais propenso a atrair talentos qualificados, incluindo empreendedores, pesquisadores, profissionais de tecnologia e outros colaboradores essenciais, além de atrair a atenção de investidores, patrocinadores e parceiros estratégicos. A visibilidade permite criar um ambiente atrativo, ao realçar as oportunidades disponíveis e os sucessos alcançados no ecossistema, consolidando sua posição não apenas em âmbito regional, mas também em escala global.

O PqTec OPEN é um programa de visitas criado no ano de 2021 para integrar a comunidade ao ambiente do Parque Tecnológico. A proposta proporciona aos visitantes a oportunidade de conhecer as instalações do parque, além de oferecer informações detalhadas, permitindo que os visitantes conheçam oportunidades de envolvimento, como participação em programas e projetos, colaboração em modelos e parcerias, acesso ao programa de aceleração e incubação de startups, entre outros. A participação nas visitas é gratuita, com uma estimativa de duração de aproximadamente 1 hora para o roteiro. (APTSJC, p. 8, 2023)

Outra ação voltada para impulsionar a visibilidade do Parque é o Empreenda On. Direcionada aos trabalhadores autônomos e microempreendedores nas áreas de serviços e comércio, essa iniciativa é fruto de uma parceria entre o Parque Tecnológico, a prefeitura municipal de São José dos Campos, Sebrae, SENAC, Rotary Club Zona Leste e Fundação Hélio Augusto de Souza (Fundhas). O programa tem como meta difundir a cultura empreendedora e inovadora do Parque. Isso é alcançado por meio da capacitação, participação em eventos (palestras, workshops, feiras e conferências), bem como aulas e o desenvolvimento de negócios.

Com o propósito de consolidar a imagem do Parque Tecnológico como uma referência em ambientes inovadores, as redes sociais foram integradas aos canais de comunicação utilizados pelo parque nos anos de 2013 e 2019. Além das estratégias de marketing digital, assessoria de imprensa e divulgação de eventos, bem como a criação de conteúdo para fortalecer os relacionamentos internos e externos por meio de diversas mídias, as plataformas sociais do parque passaram a desempenhar um papel crucial na promoção das parcerias estabelecidas, divulgação de eventos, oportunidades de emprego, vagas de estágios, bem como a promoção das empresas residentes.

As redes sociais, conforme ilustrado na figura 08, possibilitaram realçar a visibilidade dos talentos, englobando, assim, a promoção ativa das realizações e potenciais dos profissionais locais.

Figura 08 – Ações de promoção ativa dos profissionais locais:



Fonte: Rede Social Facebook do Parque Tecnológico de São José dos Campos.

Ademais, as redes do Parque Tecnológico não restringem sua ação de visibilidade apenas ao âmbito profissional, mas abrange também a vida cultural e social da cidade. O destaque de eventos, iniciativas culturais e a diversidade da vida urbana, como a figura 09, segundo Florida (2011), contribuem para a construção de uma imagem atrativa, influenciando positivamente a decisão de profissionais qualificados de se estabelecerem na localidade.

Figura 09 – Ações culturais promovidas pelo PqTec:

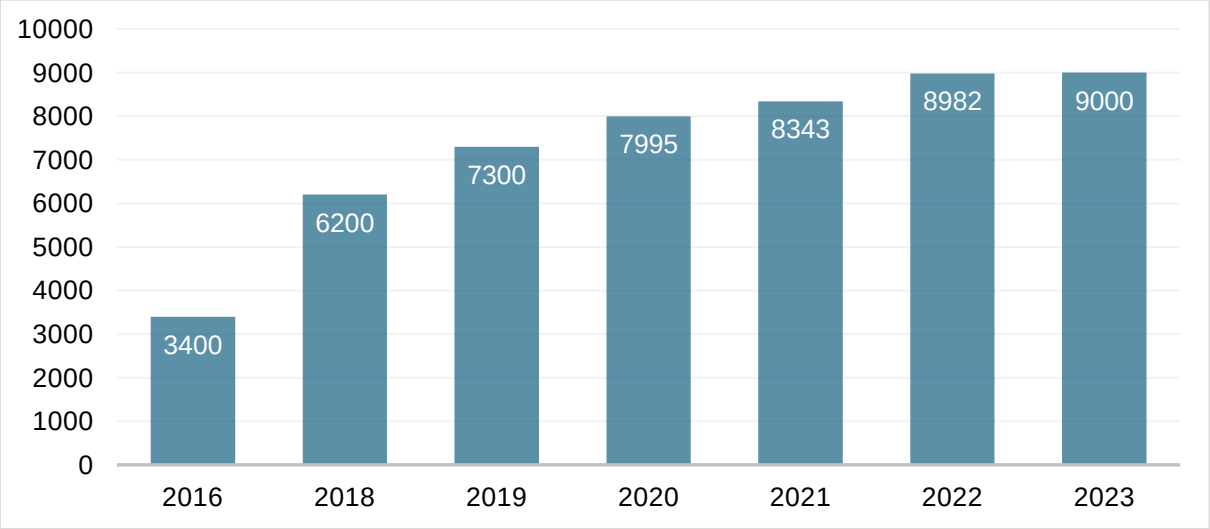


Fonte: Rede Social Facebook do Parque Tecnológico de São José dos Campos.

O Relatório de Atividades de 2019 ressalta o aprimoramento na abordagem de comunicação adotada pelo Parque, reconhecida como uma estratégia para garantir maior visibilidade. Isso se traduziu na expansão dos números de acessos, de seguidores e engajamento nas redes sociais (APTSJC, 2019, p. 37-39). Como exemplificação, o gráfico 10 representa a flutuação no número de seguidores da

página do Parque Tecnológico na rede social Facebook durante o intervalo de 2016 a 2023:

Gráfico 10 – Número de seguidores da página do PqTec no Facebook:



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com o objetivo de aprimorar a comunicação e aumentar a visibilidade do Parque Tecnológico, a partir de 2020, observou-se a adoção, nas redes sociais, de um estilo de conteúdo diferente do originalmente sugerido. Em vez de se concentrar exclusivamente na divulgação de eventos, parcerias, na promoção de tecnologias desenvolvidas, produtos e serviços gerados, ou destacar a interação entre universidade e empresa (APTSJC, 2022, p. 10-11), as publicações passaram, em sua maioria, a oferecer aos usuários e visitantes uma variedade de dicas, abrangendo temas que vão desde filmes, livros e cultura até exemplos inspiradores, incluindo também frases de teor motivacional.

Este material, de abordagem singular, despertou interesse para a pesquisa em questão devido à sua relevância para as temáticas do mundo do trabalho. Como resultado, foi compilado e organizado no apêndice F da presente dissertação. E posteriormente analisado a partir da técnica de análise arqueológica do discurso, sob a perspectiva de Michel Foucault, com o objetivo foi compreender os discursos empregados pelo Parque Tecnológico, alinhados às novas lógicas do mundo do trabalho impostas pelo capitalismo neoliberal.

Os discursos do Parque Tecnológico de São José dos Campos nas redes sociais:

Foucault propõe o conceito de "formação discursiva", referindo-se a conjuntos específicos de regras, normas e convenções que orientam a produção de discursos em uma época ou contexto social específico. Essas formações discursivas não apenas refletem ideias, mas também desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento, nas práticas sociais e na formação e constituição dos sujeitos.

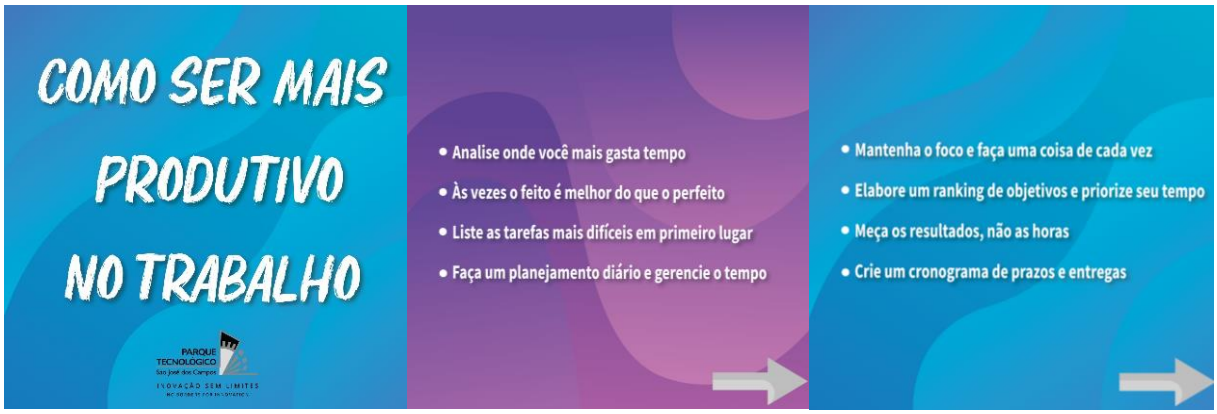
A pesquisa em questão visa abordar brevemente a influência das redes sociais do PqTec na disseminação das formações discursivas impostas pelo capitalismo neoliberal no contexto do mundo do trabalho. Inicialmente, concentrando a análise no conteúdo explorado por esses meios, identificando os efeitos de sentido presentes nos discursos das publicações nas redes sociais do Parque Tecnológico, com o objetivo de compreender como os discursos podem gerar significados, regular o conhecimento e exercer influência nas relações de poder, materializando-se nas ações dos trabalhadores do Parque Tecnológico, no espaço físico construído e no território.

Sob o capitalismo neoliberal, as empresas muitas vezes enfrentam pressões significativas para aumentar a produtividade e eficiência. Isso pode resultar em condições de trabalho mais intensas, aumento das expectativas de desempenho e, em alguns casos, exploração dos trabalhadores para maximizar os lucros.

Em uma série de publicações, o Parque Tecnológico (sujeito do enunciado) direciona seus usuários para aumentarem sua produtividade no trabalho, recomendando ferramentas que auxiliam na diminuição do número de reuniões, facilitam guardar anotações sem perder tempo ou otimizam o recebimento de e-mails. E dando dicas de como gerir e otimizar o tempo.

A figura 10 integra o conjunto de postagens alinhadas aos efeitos de sentido que estimulam no trabalhador a urgência de ser mais produtivo, resultando em maior organização, concentração, resolução, proatividade, entre outros atributos.

Figura 10 – Publicação “Como ser mais produtivo no trabalho”:



Fonte: Rede social Facebook do Parque Tecnológico de São José dos Campos.

O aumento da produtividade está intrinsecamente interligado a conquista da realização profissional. Esses profissionais precisam estar dispostos a colaborar, ao mesmo tempo em que experimentam satisfação. Indivíduos satisfeitos no trabalho geralmente demonstram maior engajamento em suas tarefas diárias. O engajamento, por sua vez, é um indicador crucial de produtividade, refletindo o nível de dedicação e interesse que um trabalhador dedica às suas responsabilidades. Ainda, trabalhadores engajados tendem a alinhar-se com os objetivos e valores da organização, resultando em uma dedicação mais intensa para atingir as metas organizacionais e, assim, aprimorar a eficácia geral.

Han (2018) argumenta que o paradigma disciplinar, que se baseava na exclusão e na repressão, deu lugar ao paradigma neoliberal, que se concentra na produção e na positividade. O autor explora como as técnicas de poder evoluíram do controle disciplinar para estratégias que incentivam a autoprodução.

Ao contrário do sujeito na sociedade disciplinar, onde o sujeito disciplinado é orientado pela proibição, como destaca Han (p. 24, 2017), o sujeito do desempenho não escapa da disciplina, mas é definido pela ênfase na positividade. A sociedade neoliberal incentiva a busca constante pelo sucesso, pela produtividade e pela realização pessoal. Esse sujeito se esforça para projetar uma imagem positiva de si mesmo, muitas vezes associando seu valor à sua capacidade de ser bem-sucedido.

> A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. [...] A sociedade do desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O *poder* ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade do desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade do desempenho. No lugar da proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. (HAN, p. 24, 2017)

O termo “sucesso" é subjetivo e pode ter diferentes significados para pessoas distintas, mas frequentemente está associado à realização de metas ou conquistas desejadas. Em postagem no Facebook, de 2022, traz a afirmação “Não se preocupe em ser bem-sucedido, mas trabalhe para ser significativo e o sucesso virá naturalmente”, acompanhada do significante visual de um diamante (ver: Apêndice F), permite reconhecer que o sujeito do enunciado Parque Tecnológico adere a uma formação discursiva que incentiva o trabalhador a se esforçar na busca por metas, a "escalar montanhas" e, assim, alcançar o sucesso desejado.

Nas redes sociais do Parque Tecnológico, citações motivacionais, relatos de empreendedores que superaram desafios em suas empresas, uma seleção de frases que exploram como a inovação tem o poder de transformar o mundo, frequentemente servem como fonte de inspiração e estímulo para os trabalhadores, oferecendo exemplos positivos e narrativas de superação:

- “Vamos fazer nosso futuro hoje e vamos fazer de nossos sonhos realidade amanhã.” (Malala Yousafzai)
- “Cada sonho que você deixa para trás é um pedaço do seu futuro que deixa de existir.” (Steve Jobs, Fundador da Apple)
- “Inovar é driblar a necessidade com criatividade”
- “Não se trata de ter ideias, mas sim de levar essas ideias a vida real.” (Scott Belsky, Co-criador do Behance)

Como outro exemplo, a sugestão, nas redes sociais do Parque, do livro "Built to Last: Successful Habits of Visionary Companies" (tradução: “Feitas para Durar: práticas bem-sucedidas de empresas visionárias), escrito por Jim Collins e Jerry Porras e publicado em 1994. Baseado em uma pesquisa abrangente e em entrevistas com líderes notáveis de empresas, o livro examina diversas organizações para destacar aquelas que se diferenciam de maneira mais significativa. Os autores concluem que empresas duradouras possuem um conjunto sólido de valores essenciais e princípios fundamentais que direcionam suas decisões e comportamentos. Identificaram também práticas distintivas que separam o sucesso do fracasso empresarial. Dessa forma, o livro proporciona percepções sobre as práticas e características que contribuem para o sucesso a longo prazo no mundo dos negócios.

A recomendação do filme "Sound of Metal", dirigido por Darius Marder e lançado em 2019, é exemplo de narrativas de superação. A história gira em torno de Ruben

Stone, um baterista de uma banda de metal que, de repente, perde a audição. O filme explora como ele lida com essa perda sensorial e como isso afeta sua vida e carreira. A obra proporciona uma perspectiva sobre as variadas abordagens que as pessoas adotam para enfrentar e superar desafios significativos em suas vidas.

A publicação retratada na figura 11 usa da imagem do ex-jogador de futebol brasileiro Pelé, reconhecido como um dos maiores atletas de todos os tempos, para guiar empreendedores em sua trajetória. Ao destacar as habilidades empreendedoras essenciais, essa narrativa se alinha com a ênfase neoliberal no papel do indivíduo como agente econômico independente, autônomo, proativo, que deve se capacitar constantemente, assumir riscos, ser resiliente e ser comprometido.

Figura 11 - Publicação “4 Lições que todo empreendedor pode aprender com Pelé”:



Fonte: Rede Social Facebook do Parque Tecnológico de São José dos Campos

Ao associar seus programas do Nexus a imagem de empreendedores transpondo morros, na figura 11, o Parque Tecnológico se coloca como articulador e fomentador de iniciativas que auxiliam esses indivíduos a superarem seus obstáculos e trilhar um caminho do tão sonhado sucesso e realização até o topo da montanha.

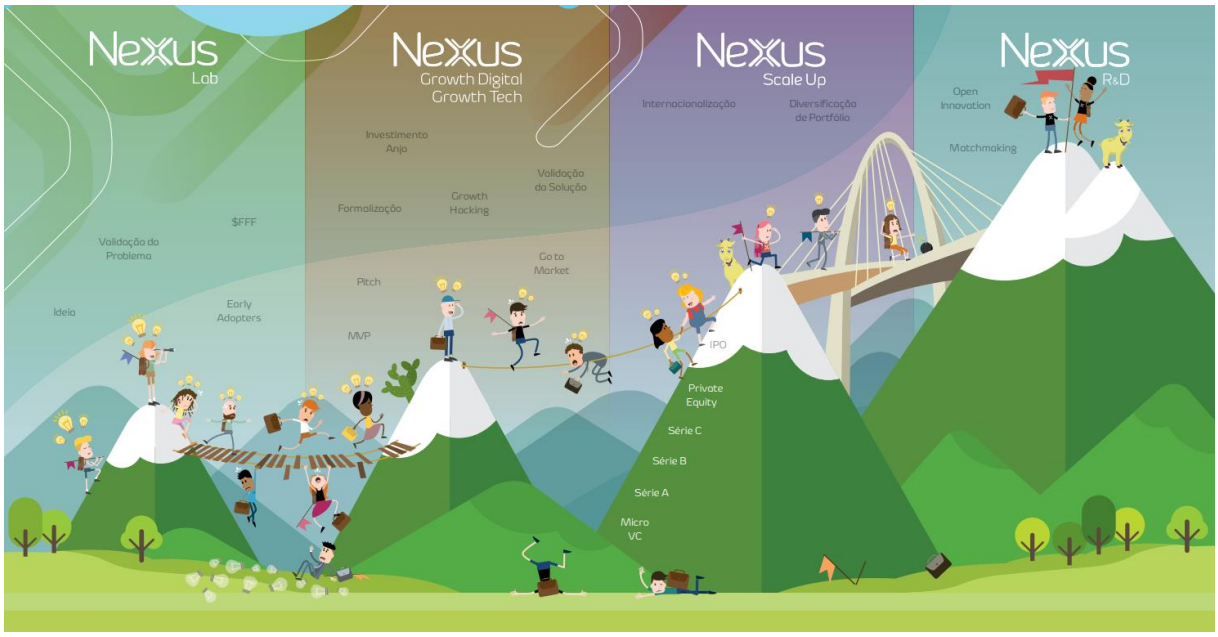
É interessante observar também que, para atingirem o ponto mais alto, os empreendedores cruzam uma ponte, e essa não é uma ponte comum. Trata-se do Arco da Inovação, uma estrutura estaiada que se tornou emblemática para São José dos Campos. Esse arco, controverso projeto da prefeitura municipal, demandou um investimento significativo de aproximadamente R$ 62,9 milhões[28] para sua construção. A iniciativa foi concebida com o objetivo de solidificar a imagem da cidade

[28] Valores obtidos através do site da Prefeitura Municipal de São José dos Campos. Disponível em: <https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2018/abril/23/prefeitura-de-sao-jose-lanca-obra-do-arco-da-inovacao/>

como um polo inovador, buscando projeção nos âmbitos regional, nacional e internacional.

Emerge o discurso da inovação como a ponte para o sucesso, capaz de proporcionar flexibilidade, vantagem competitiva, eficiência operacional e a capacidade de se adaptar a um mundo em constante mudança.

Figura 12 – Programas Nexus Lab, Nexus Growth Digital e Tech, Nexus Scale Up e Nexus R&D:



Fonte: Site do Parque Tecnológico de São José dos Campos.

O escalar a montanha do trabalhador empreendedor requer dele resiliência para alcançar a excelência e o sucesso. É essencial cultivar uma mentalidade positiva, enfrentar adversidades, superar desafios e adaptar-se diante de situações difíceis. As frases abaixo foram todas postadas nas páginas das redes sociais do Parque e demonstram os efeitos de sentido da resiliência e positividade:

- “O sucesso não consiste em não errar, mas não cometer os mesmos equívocos mais de uma vez.” (George Bernard Shaw)
- “Somos o que fazemos repetidamente. Excelência não é um ato, mas sim um hábito.” (Willian Durant, Founder General Motors)
- “Falhar é uma parte importante para o seu crescimento e para que você desenvolva resiliência. Não tenha medo das falhas!” (Michelle Obama, advogada e escritora, ex-primeira-dama dos Estados Unidos)
- “Eu nunca perco. Ou eu ganho ou eu aprendo.” (Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul)
- “Experiência é o nome que cada um dá aos seus erros.” (Oscar Wilde, escritor e dramaturgo britânico)

Ainda, ao enfatizar as competências essenciais de um empreendedor bem-sucedido, o Parque Tecnológico destaca a complexidade dos desafios enfrentados no ambiente profissional contemporâneo:

> - **“Pensamento crítico:** aceitar que tudo está em constante mudança e construção ajuda avaliar e se posicionar diante de diferentes situações, ornando mais assertivas as decisões.
> - **Relacionamento:** desenvolver uma rede de contatos fortes é estratégico para influenciar pessoas que possam ajudar a atingir os objetivos do negócio.
> - **Curiosidade:** fique atento ao mercado para aproveitar as oportunidades de novos produtos e serviços ou até mesmo para preparar-se para contornar situações adversas.
> - **Organização:** planejar, executar, analisar e corrigir. Isto só é possível se as tarefas e processos estiverem organizados de maneira clara e com informações objetivas.
> - **Resiliência:** nem tudo serão flores durante a jornada, por isso ter a capacidade de continuar mesmo depois de uma grande derrota é fundamental.”

Nesse cenário, é enfatizado como imperativo que os profissionais aprimorem habilidades comportamentais, incluindo, mas não se limitando a, pensamento crítico, criatividade e eficácia na resolução de problemas. Além disso, são destacadas competências como comunicação eficaz, empatia e trabalho em equipe. Essas habilidades são consideradas fundamentais para enfrentar situações complexas e imprevisíveis, além de serem essenciais para construir relacionamentos sólidos e promover um ambiente de trabalho produtivo.

Esses sujeitos, como aponta Han, estão aptos a se moldarem, são projetos livres que “podendo ser tudo, menos passivos” (HAN, 2018), são os sujeitos do desempenho e da produção. Sujeitos que aparentemente são livres, mas que são constantemente avaliados em seu desempenho, eficácia e estão submetidos a constante vigilância e exigência de crescimento. Num controle extremo, são sujeitos que se “autoexploram” e acreditam ser realização. Numa liberdade paradoxal: “O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto, na medida que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo.” (HAN, 2018)

> Hoje, acreditamos que não somos *sujeitos* submissos, mas *projetos* livres, que se esboçam e se reinventam incessantemente. A passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade. E esse mesmo projeto já não se mostra tanto como uma figura de coerção, mas sim como uma forma de obrigações de desempenho e otimização. (HAN, 2018)

Pierre Dardot e Christian Laval, conhecidos por seu trabalho conjunto, o livro "A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal" (2016), discutem a ascensão do neoliberalismo e sua influência na sociedade contemporânea. Os autores argumentam que o neoliberalismo transforma as pessoas em “empreendedores de si mesmos”. Isso significa que os indivíduos são incentivados a se verem como empresas, buscando otimizar seus recursos, habilidades e capital humano para maximizar seu próprio sucesso.

A partir da expressão "fábrica do sujeito", Dardot e Laval (2016) sugerem a ideia de que as práticas e instituições do neoliberalismo não apenas moldam as condições materiais da vida, mas também desempenham um papel ativo na construção das subjetividades dos indivíduos. Isso pode incluir a internalização de valores e comportamentos associados ao neoliberalismo, como a ênfase no individualismo, na competição e na responsabilidade individual.

O neoliberalismo luta pela liberdade, mas não a liberdade do ser humano e sim a liberdade das “coisas”. Às custas da emancipação humana, a liberdade ensejada é do mercado, da mercadoria e sua livre circulação, da concorrência, dos investimentos, das especulações financeiras, luta pela garantia da liberdade do capital, em prol do capitalismo desimpedido.

Como uma racionalidade que orienta as ações dos governantes e conduz os governados (DARDOT e LAVAL, 2016, p.17), o neoliberalismo explora a liberdade e se vale da psicologia para tal. Na concepção liberal, os indivíduos atuam livremente em resposta aos seus desejos, vontades e ambições. O sujeito neoliberal, como um *homo oeconomicus*, é um sujeito de escolhas, irredutíveis e intransferíveis, voltadas para seu exclusivo interesse, competitivo que se coloca como empresário de si mesmo. E na sociedade do desempenho, os sujeitos empresários de si mesmos são livres para maximizar seu desempenho.

A sociedade do desempenho é uma sociedade ativa, que tem seus sujeitos ativos, “podendo ser tudo, menos passivos” (HAN, 2018), são os sujeitos do desempenho e da produção. Sujeitos que aparentemente são livres, mas que são constantemente avaliados em seu desempenho, eficácia e estão submetidos a constante vigilância e exigência de crescimento. Num controle extremo, são sujeitos que se “autoexploram” e acreditam ser realização. Numa liberdade paradoxal: “O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo

absoluto, na medida que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo.” (HAN, 2018).

Em meio ao contexto de elevada competitividade, esses indivíduos buscam se diferenciar, para se destacar, ser autênticos, pois não podem “ser mais um”. Para tanto, procuram constantemente se capacitar, qualificar e explorar mais do seu esforço.

O neoliberalismo tem usado da psicologia para naturalizar o sistema socioeconômico, constituindo novas subjetivações e sujeições com a formação de sujeitos mais autônomos, autoliberais e flexíveis, sujeitos capazes de responder a situações adversas e de instabilidade, sujeitos competitivos e individualistas. Coloca a experiência laboral constituída cada vez mais de forma irracional, muitas vezes atrelada as narrativas místicas, religiosas e testemunhos experenciais. Exige do indivíduo empresário de si, inteligência emocional, talentos, potenciais, soft skills (habilidades comportamentais) nos espaços de trabalho propulsores de altos índices de desempenho e produtividade. Acaba por consequência ocasionando ao trabalhador enorme esforço tanto físico quanto mental e conduz uma sociedade do cansaço, do esgotamento da sociedade do desempenho.

Dado que as redes sociais desempenham um papel significativo ao influenciar discursos e moldar subjetividades, impactando a percepção que as pessoas têm de si mesmas e dos outros. Elas têm o potencial de modelar padrões, estilos de vida e valores, e, portanto, podem ser incorporadas como uma estratégia adicional em um dispositivo de reformulação do mundo do trabalho.

Nesse contexto, a partir do exposto é possível notar que o PqTec assume em suas redes uma aproximação com os discursos neoliberais, a favor do Estado capitalista e de naturalizar seu modelo socioeconômico, regulamentando e “docilizando” a população sobre diversos pontos da vida humana, induzindo as pessoas a aceitarem determinadas estruturas como inevitáveis ou mesmo desejáveis, auxiliando desse modo na retenção de talentos a partir da sensação de liberdade, excelência, motivação e pertencimento.

5.4. Ambiente:

Os ambientes de inovação são espaços projetados para fomentar a criatividade, promover a colaboração e impulsionar o desenvolvimento de novas ideias e soluções. Esses locais facilitam o acesso a recursos financeiros, promovem eventos como conferências e feiras, além de oferecerem ações de promoção de networking. Podem contar com uma infraestrutura de apoio à inovação que abrange uma variedade de elementos, como incubadoras, centros de pesquisa, laboratórios compartilhados e outras instalações que favorecem o estabelecimento de parcerias, colaborações e a implementação efetiva de ideias inovadoras.

As características físicas desses ambientes podem variar, mas frequentemente incorporam elementos que estimulam a inovação e facilitam a interação entre as pessoas que os frequentam. Essa perspectiva é reforçada por Florida (p.116, 2011), que alega que os locais de trabalho estão passando por transformações, tornando-se mais abertos e integrados, propícios para estimular a interação de seus usuários.

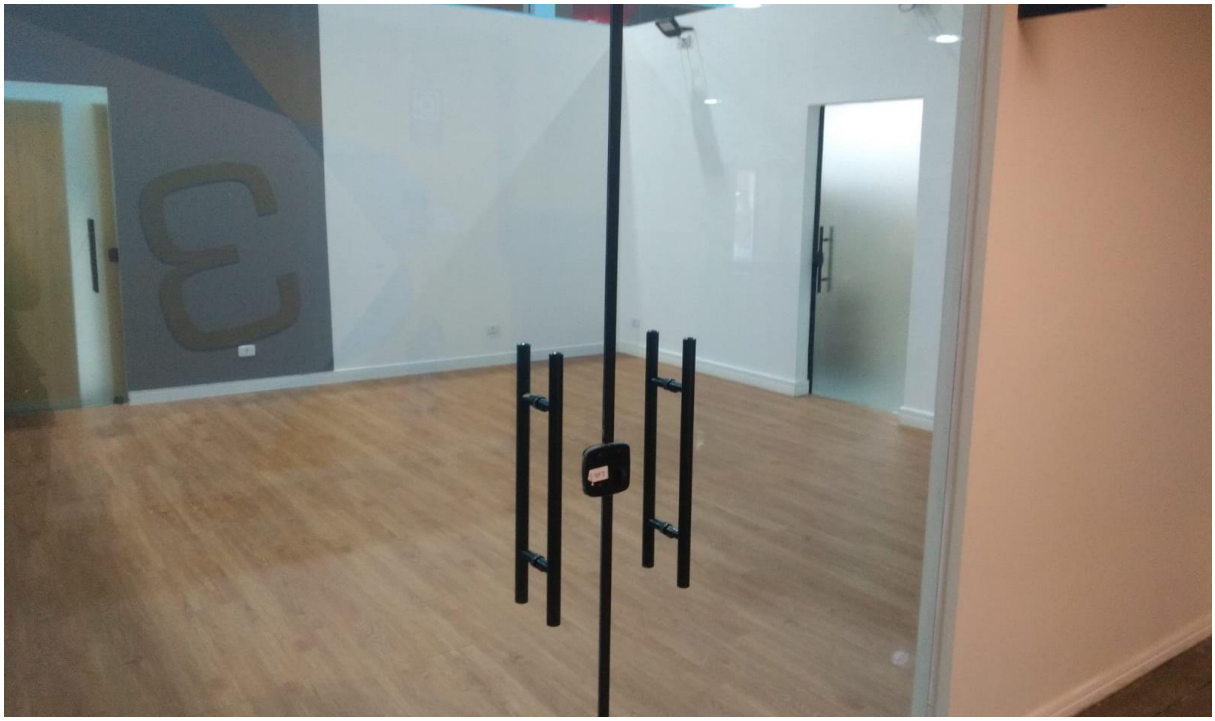
O Parque Tecnológico de São José dos Campos configura-se como um ambiente diversificado. Sua infraestrutura ocupa aproximadamente 55 mil metros² de área construída, em um terreno total de 200 mil metros². Constituindo-se como o maior complexo de inovação do Brasil. (APTSJC, 2016)

Direcionados para a promoção da competitividade e desenvolvimento sustentável (APTSJC, 2017), seus espaços estão centralizados no Núcleo do PqTec e abrigam 4 centros empresariais, compostos por empresas de variados portes e startups, 5 instituições de ciência e tecnologia, 5 universidades, laboratórios de pesquisa multiusuário, 4 auditórios, 2 Arranjos Produtivos Locais, 1 escritório de Negócios, Galerias do Empreendedor e entidades da sociedade civil.

O Parque Tecnológico não apenas fornece o espaço físico, mas também a infraestrutura necessária para acomodar instalações e equipes empresariais. São disponibilizadas salas vazias, que cada empresa residente pode personalizar conforme a identidade de sua marca. A figura 13 representa uma dessas salas disponíveis no Parque, enquanto a figura 14 mostra uma sala ocupada pelo Metrô São Paulo.

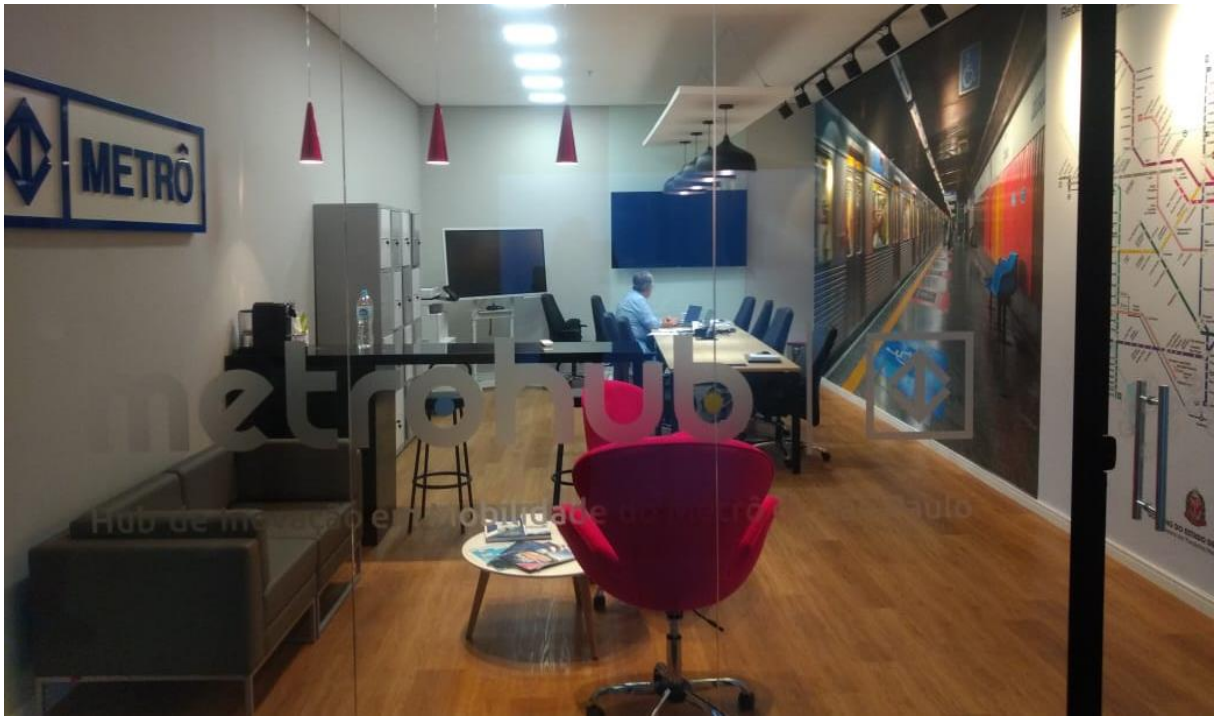
Estas salas apresentam paredes externas de vidro, possibilitando a permeabilidade visual para os ambientes internos das empresas. Essa escolha faz parte da estratégia do Parque Tecnológico de São José dos Campos para fomentar a sinergia e a conexão entre as empresas.

Figura 13 – Sala disponível para ocupação futura:



Fonte: Autora (2023).

Figura 14 – Sala personalizada do Metrô:



Fonte: Autora (2023).

Segundo o relato fornecido em entrevista pelo participante CM (2022), as empresas que se tornam residentes e ocupam as salas disponíveis no Parque

Tecnológico têm como benefício adicional a oportunidade de usufruir da isenção da cobrança de determinados valores:

> **Participante CM:** [...] nessas áreas, nessas salas, a gente tem cobrança de energia, internet, um seguro da área, a água não, o IPTU também não e estacionamento e portaria 24 horas, também não. Esse é outro diferencial, porque a gente sabe que em outros polos de inovação tem o condomínio, aqui não. A gente não tem essa taxa adicional. Então, é só uma contribuição associativa mensal, energia elétrica, internet, seguro e a limpeza da sua sala.

Além das salas designadas para as empresas residentes, o Parque dispõe de dois espaços compartilhados. Um deles, localizado no Centro Empresarial 3, é dedicado às startups do Nexus Lab e Nexus Growth. O outro, situado no Centro Empresarial 1, é direcionado para as equipes de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I).

Figura 15 – Espaços compartilhados do Nexus:



Fonte: Autora (2023).

Com o objetivo de fomentar a interação e a partilha de conhecimento, os auditórios foram projetados para acolher uma variedade de eventos, workshops, apresentações e reuniões, cada um com capacidades distintas de público: (1) auditório com capacidade para 300 pessoas, (2) auditório com capacidade para 80 pessoas, (3) auditório com capacidade para 800 pessoas e (4) sala destinada a reuniões com capacidade máxima de 90 pessoas.

Figura 16 – Auditórios disponibilizados pelo PqTec:



Fonte: APTSJC, 2019.

Para empresas envolvidas em pesquisa e desenvolvimento, é prática comum integrar laboratórios equipados com dispositivos especializados e oficinas para prototipagem rápida. O Parque dispõe do Centro de Desenvolvimento e Manufatura – CDM, do Laboratório de Sistemas Críticos – LSC e do Laboratório de Compatibilidade e Interferência Eletromagnética - EMI/EMC.

Tanto as empresas estabelecidas dentro do Parque quanto aquelas associadas a ele, mas situadas externamente, têm a possibilidade de utilizar esses laboratórios. A finalidade é simplificar para as empresas a utilização de equipamentos de teste e ensaio, podendo contar com a orientação de profissionais especializados para o desenvolvimento de seus projetos, caso necessitem desse suporte. Como mencionado por Francílio Graciano, CEO da Troya / Akaer Group:

> Podemos fabricar protótipos nos laboratórios do Parque, sem afetar nossa produção. Além disso, nossos funcionários são treinados para operar novos equipamentos e têm contato com softwares e equipamentos de última geração. A equipe de gestão é experiente, demonstrando que o principal foco do Parque é a transmissão de conhecimento e a disseminação de tecnologia. (APTSJC, p.19, 2021)

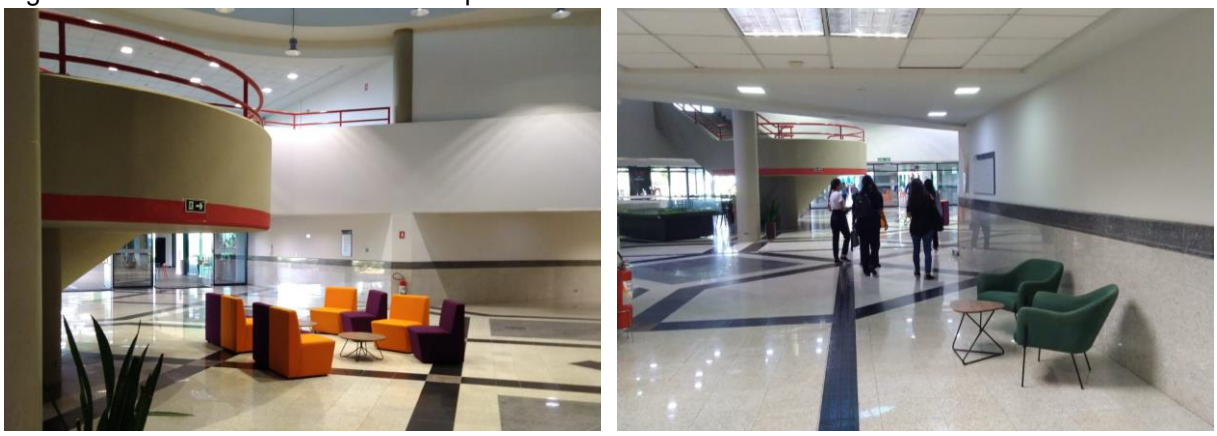
Reconhecendo a importância do equilíbrio entre trabalho e descanso, e visando aumentar a produtividade de seus colaboradores, os ambientes de inovação frequentemente incorporam espaços dedicados ao relaxamento, como lounges, áreas verdes ou salas de jogos. Em específico, o Parque Tecnológico possui mais de 56 mil metros quadrados de área verde, dois restaurantes, duas cafeterias com capacidade para 50 pessoas cada, um quiosque com capacidade para 40 pessoas.

Inaugurado em 2019, o Nexus Living é uma iniciativa do Parque Tecnológico de São José dos Campos (PqTec) voltada para a adaptação e transformação dos espaços físicos, com o propósito de torná-los mais humanizados. Isso é alcançado por meio da criação de áreas de conveniência e convivência, bem como pela revitalização dos espaços do Parque.

De acordo com o diretor da UDA Architects, Don Carter (apud FLORIDA, p. 123, 2011), os elementos-chave dos novos ambientes de trabalho devem incluir: escritório aberto; pé direito alto; espaços de socialização em abundância; atmosfera alternativa (cores ousadas, elementos estruturais aparentes, design de ponta, etc.); luz indireta e arte em profusão.

O design dos espaços desenvolvidos pelo Nexus Living, englobando cores, iluminação e elementos visuais, está meticulosamente projetado para fomentar a criatividade e a inovação, seguindo a abordagem de Carter. Por meio da revitalização das pinturas das paredes e da incorporação de áreas de descanso, a intenção é criar ambientes inspiradores e atrativos para os usuários. As figuras de 17 a 22 apresentam alguns dos resultados das iniciativas do Nexus Living:

Figura 17 – Áreas de convivência com poltronas:



Fonte: Autora (2023).

Figura 18 – Revitalização das pinturas dos corredores



Fonte: Site Parque Tecnológico de São José dos Campos (Crédito: PMSJC - Adenir Britto).

Figura 19 – Revitalização das pinturas:



Fonte: Site Parque Tecnológico de São José dos Campos (Crédito: PMSJC - Adenir Britto).

Figura 20 – Espaço de descanso:



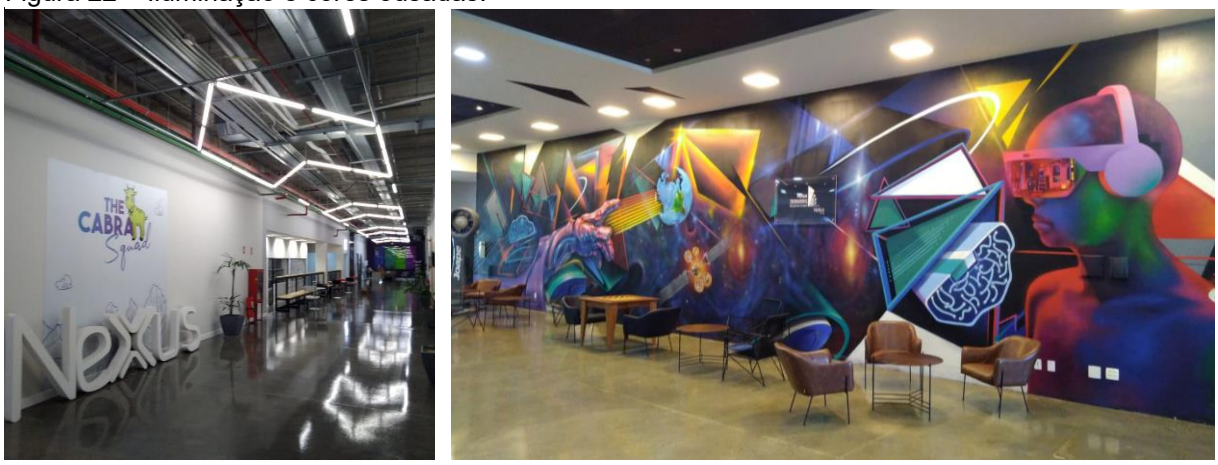
Fonte: Autora (2023).

Figura 21 – Espaço descompressão:



Fonte: Site Parque Tecnológico de São José dos Campos (Crédito: PMSJC - Adenir Britto)

Figura 22 – Iluminação e cores ousadas:

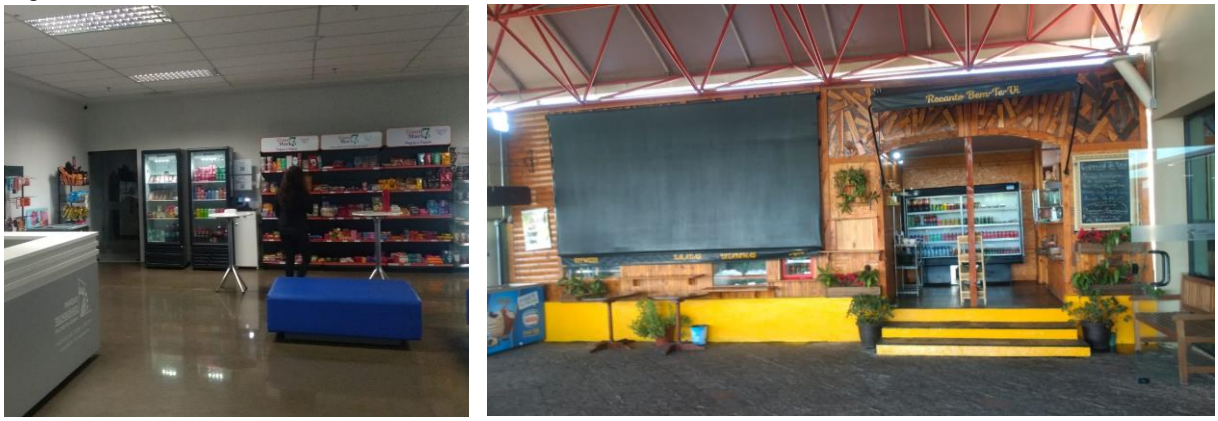


Fonte: Autora (2023).

No que diz respeito aos locais de conveniência e alimentação, também foram planejados com o intuito de estabelecer ambientes propícios para encontros informais, incentivando conversas espontâneas e colaboração entre as pessoas. Esses espaços incluem minimercados, restaurantes e áreas equipadas com micro-ondas. Segundo César Mello (2021)[29]:

> Isso é a essência do parque, o café é mais importante que o laboratório porque é lá que existe o conflito de ideias para chegar em respostas complexas. Se cria condições para que ali se conquiste esse debate e ele se consegue com a diversidade de ideias. [...] o Nexus vem como um ambiente onde se produz ideias, se colocar engenheiro junto com engenheiro sai sempre o mesmo. Se coloca urbanismo, advogado, engenheiro, músico em um ambiente sai muita coisa. Agora a gente tem um fenômeno interessante que é você ficar no Brasil, mas trabalhar lá em Madri. Você só vai se manter no Brasil se tiver o que você exige e aí tem os espaços de inovação. Nós temos que criar condições de vida para reter vocês aqui, mesmo vocês atuando lá. Se tem ambiente que vai te alimentar com conhecimento você fica aqui. Só me desloco para um lugar que faz sentido, agora só vou no lugar certo, com pessoas certas para produzir. (MELLO, 2021)

Figura 23 – Minimercado e restaurante Recanto Bem-Te-Vi:



Fonte: Autora (2023).

[29]Fala concedida ao grupo de pesquisa. Ver Apêndice D.

Figura 24 – Espaços de alimentação:



Fonte: Autora (2023).

Figura 25 – Áreas equipadas com micro-ondas:



Fonte: Autora (2023) e site Parque Tecnológico de São José dos Campos (Crédito: PMSJC - Adenir Britto).

Particularmente no que se refere às informações adquiridas por meio de entrevistas e questionários, ao indagar os participantes sobre a infraestrutura de apoio ao trabalho no Parque, eles afirmaram fazer uso de diversas facilidades, tais como estacionamento, praça de alimentação, refeitórios, restaurantes e cafeterias, minimercados, banheiros e salas de reunião. Além dessas áreas, alguns participantes, no entanto, declaram que suas tarefas são executadas em locais limitados às infraestruturas internas das empresas em que trabalham, como o relato abaixo da participante AA:

> **Participante AA:** E [...] mas eu acho que é mais por uma demanda mesmo da nossa empresa, sabe? A nossa infraestrutura ela assim, a gente usa mais coisa interna. O Parque ele tem laboratórios *né* pra serem usados, mas não faz muito sentido para a gente, pelo menos não até o momento.
>
> É e eu acho que [...] nesse sentido de infraestrutura o que a gente mais usa é a copa. Porque a gente ainda está no espaço compartilhado, que a

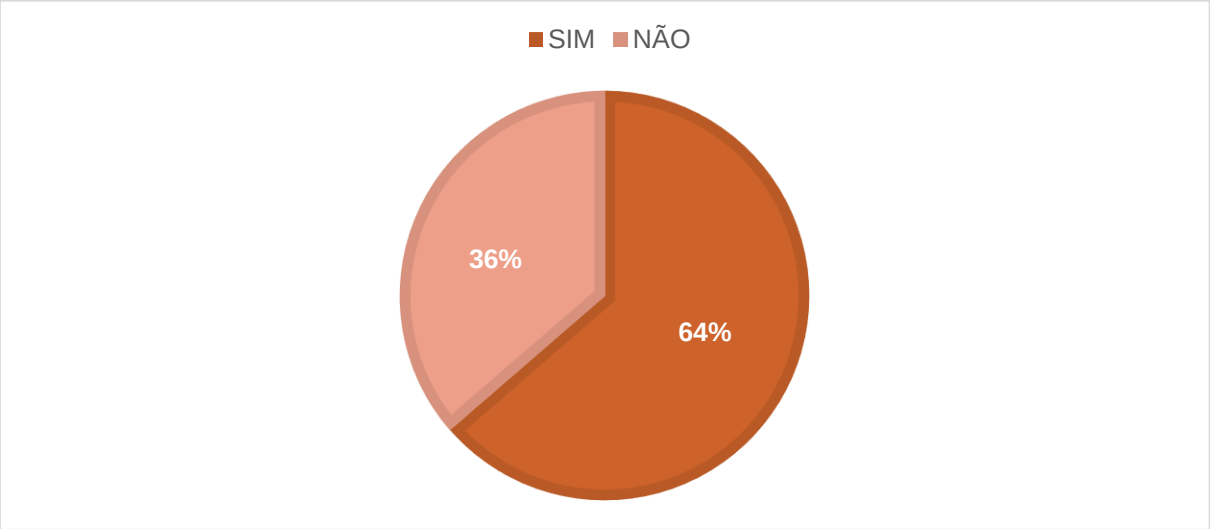
> gente utiliza para almoçar. Agora em questão de laboratório mesmo, e coisas assim mais técnicas, não utilizamos.

Quanto à utilização dos espaços de descanso proporcionados pelo PqTec, as declarações das participantes VS e CM enfatizam essas áreas.

> **Participante VS:** [...] alguns centros empresariais, um deles tem espaço com *puffs* que é bem bacana para descanso. Algumas salas de reuniões têm sofazinho que é bem bacana para uma conversa, acabou a reunião senta por ali, é bem bacana também. Perto do Nexus, que é um outro centro empresarial, tem algumas poltronas mais descontraídas, assim. Também tem o ambiente de café, que também tem algumas poltronas, uma iluminação bacana, que também facilita outros ambientes.
>
> **Participante CM:** Muito verde, aqui parece um jardim, tem áreas aqui fantásticas. Então, assim, isso é muito legal, é muito gostoso. Você quer [...] nossa cansei daquele projeto preciso dar um respiro pra produzir mais, tem. Aqui tem muito verde, tem muito. E o Parque também assim a parte de infraestrutura ela tem um setor dentro desse projeto do Nexus Living que a gente traz um espaço de descompressão que nós chamamos. O Parque tem esses ambientes, *né*. Então, isso é muito gostoso também. Sabe? Uma musiquinha ambiente, *né*, assim, um puff, um lugar para você relaxar um pouquinho. Então, a gente tem esses ambientes também e eu exploro bastante.

Ao serem questionados sobre a utilização desses espaços, a maioria dos participantes afirmou usufruir dessas áreas, conforme apresentado no gráfico 11:

Gráfico 11 – Utiliza espaços de descanso ou lazer do PqTec:



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No entanto, embora os participantes declarem fazer uso desses espaços, em seus depoimentos, eles manifestam uma certa insatisfação em relação à infraestrutura

proporcionada pelo Parque. Especificamente, o participante DV mencionou a ausência de espaços mais reservados para momentos de descanso:

> **Participante DV:** [...] se eu vou para um espaço que é um espaço compartilhado, então as vezes eu já vejo um empresário e ele já vem falar de trabalho comigo e as vezes é bom, mas todo dia cansa.

Por outro lado, o participante ME mencionou que não utiliza muito esses espaços devido à falta de tempo e ao fato de não achá-los tão confortáveis. Além disso, ME ressaltou a necessidade de implementação de uma estrutura de condomínio, incluindo espaços de academia e lazer:

> **Participante ME:** A gente não usufrui tanto, *né*. [...] E tem uns sofázinhos disponibilizados, perdidos e tudo mais. Mas, assim, realmente não é um ambiente confortável [...] O lazer nosso é sentar no sol, lá.
>
> [...] a gente sente falta de uma estrutura até de condomínio, sabe? Se tivesse uma academia lá dentro, se tivesse uma coisa, as vezes assim boba, sabe? Um espaço, as vezes para caminhada, sabe? Coisa assim do tipo. A pessoa já que ela está lá, ela vai gastar o dia dela lá, talvez fique até tarde na hora que ela sair de lá e ir para a casa dela, já tem uma rotina: *oh* vou trabalhar, faço uma academia aqui mesmo e depois vou embora.

A participante AS expressa seu desencanto com as instalações fornecidas pelo parque. Em sua visão, essa infraestrutura parece inadequada em relação à quantidade de pessoas que frequentam o local:

> **Participante AS:** No Parque tem um único lugar, assim, que pode [...] tens uns banquinhos lá, mas tem um único lugar lá que é mais para descanso, uma área para descanso - mas tem dois puffs e uma cadeira. Então, para o volume de pessoas que tem no Parque Tecnológico, assim, eu nem tento ir lá. Você pensa: vai ter gente, vai! Só tem dois puffs. Então, isso é uma coisa que eu sinto bastante falta no Parque, porque acaba que a gente almoça e não tem para onde ir, sabe, a não ser voltar para a sala.

Concordando com os relatos dos demais participantes, a participante AA também alega sentir a ausência de uma estrutura mais qualificada:

> **Participante AA:** [...] como a gente acaba ficando o dia inteiro por causa da distância, a gente na hora do almoço tem essa sobrecarga de pessoas no ambiente, *né*. Então aqui os únicos lugares que tem aqui para você ficar, são os locais que tem microondas, por exemplo, tem cadeira e tal. E pontualmente, assim, dentro do coworking, nos outros centros também tem é [...] um sofá, alguma coisa assim para ser utilizada. Mas eu diria que não muito bem explorado, poderia tem mais, uma área de descompressão real, assim, sabe? [...]
>
> Uma outra coisa que o Parque sempre levantou e não sei se ainda está em estudo ou não vai ser feito, é que aqui dentro a gente não tinha uma estrutura muito boa de assistência. Por exemplo, farmácia chegou a pouquíssimo tempo e não tinha. [...] E além disso não tem, por exemplo, é [...] eles estavam pensando em academia, algum tipo de serviço que

> poderiam oferecer, talvez um salão, alguma coisa assim. E aqui dentro não tem nada disso! Então assim, tirando a parte de alimentação, não tem nenhum outro tipo de serviço que é prestado aqui. Mas como as pessoas ficam o dia inteiro aqui, eu acho que seria um bom negócio, porque com certeza ia facilitar a vida de muitas pessoas.

Na visão do participante JL, essas questões não deveriam ser consideradas prioridades para a administração do Parque, mas sim como resultados de uma evolução natural. Ele sustenta a ideia de que à medida que o Parque amadurece, haverá uma melhoria simultânea em sua infraestrutura de suporte e assistência aos trabalhadores:

> **Participante JL:** [...] não é isso que vai fazer um parque tecnológico, ser um parque tecnológico. [...] Eu acho que esses crescimentos eles vêm com a maturidade e o crescimento natural das empresas. Uma vez que as empresas estão crescendo, estão abrindo novos postos de trabalho, estão tendo mais gente, é natural que com um público maior dentro do Parque como um todo, muito mais empregados, muito mais funcionários, *né*, contratando mais gente. É natural que fica atrativo para o empresário que quer abrir um restaurante lá dentro, que quer abrir um mercado lá dentro, que quer abrir uma farmácia, [...]
>
> Não é uma responsabilidade da administração do Parque Tecnológico falar: Poxa tem que trazer gente para cá. Tem que ter público. Se tem público para comprar, não preciso fazer esforço nenhum é só alugar a sala.
>
> Eu acho que o Parque ele é [...] tem o seu espaço ali, mas ainda falta muita gente lá, lá dentro trabalhando, fazendo, por quê? Porque está faltando as empresas crescerem ainda muito mais do que são capazes de crescer. É isso que eu vejo.
>
> [...] o Parque Tecnológico no final das contas ele está querendo fomentar inovação, empresas e tudo mais, *né*. O empresário que é empresário se ele tiver uma mesinha com um computador para ele está bom. Pode ser uma porta em cima de dois cavaletes, entendeu? Não é isso que vai fazer a diferença. Ele precisa de projeto, ele precisa de crescer. Isso sim! O resto é paralelo. Então, eu não [...] se for para eu eleger o que que eu, quais seriam as prioridades da administração do Parque, essa preocupação de estrutura pra mim seria a última delas, porque ela vem naturalmente. Ele tinha que promover o crescimento do empreendedorismo ali no parque. Promover o crescimento das empresas, é isso que ele tem que se preocupar.

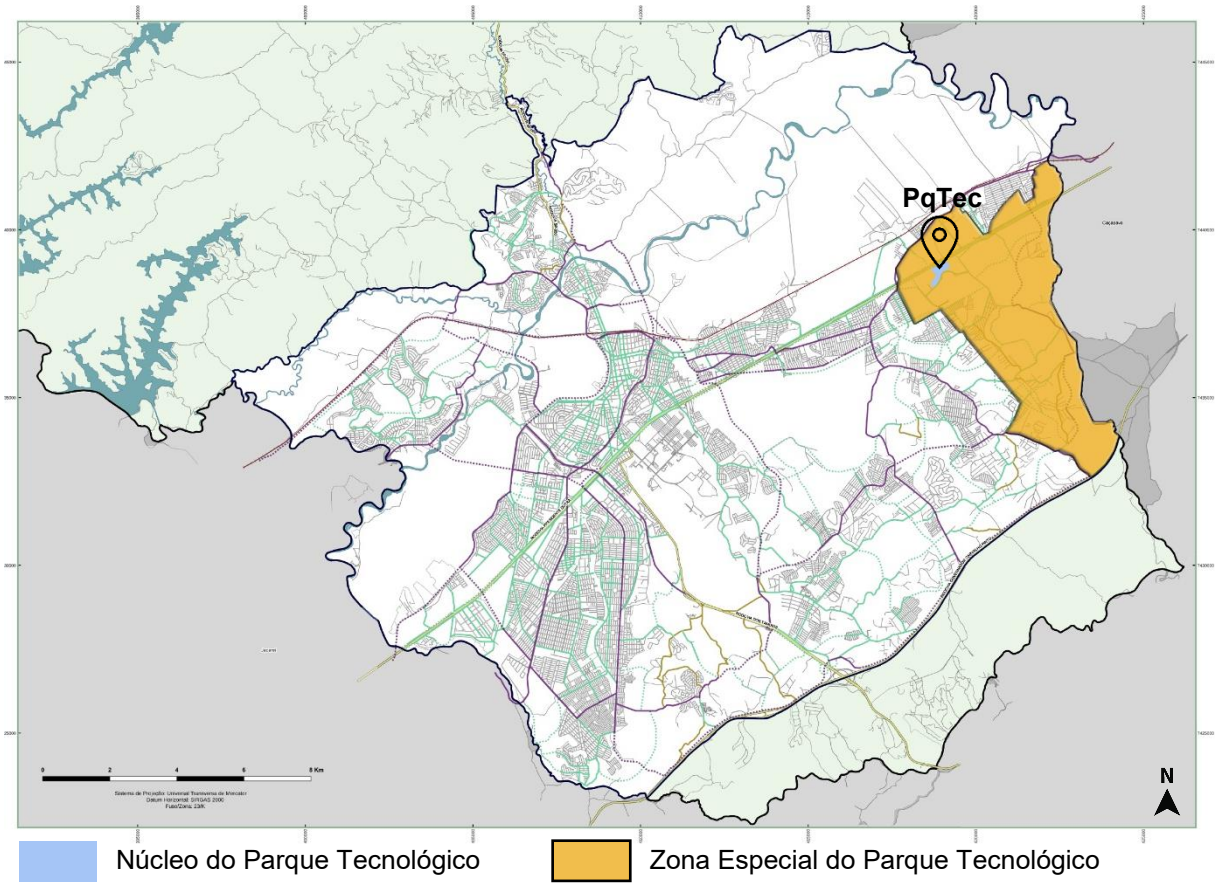
5.5. Cidade Tecnológica:

Antecipando o desenvolvimento futuro do Parque Tecnológico e as ramificações das atividades a ele relacionadas em suas proximidades, a Prefeitura Municipal de São José dos Campos estabeleceu em 2007 a Zona Especial do Parque Tecnológico (ZEPTEC).

Abrangendo uma área de 25 milhões de metros quadrados, no contexto do planejamento urbano municipal e integrando o projeto total do Parque Tecnológico (PqTec), a ZEPTEC, representada na figura 26, possui diretrizes específicas para sua

ocupação, recomendando que os empreendimentos a serem implementados em seu interior estejam alinhados com a natureza e os objetivos característicos do PqTec.

Figura 26 – Zona Especial do Parque Tecnológico:



Fonte: Elaborado pela Autora (2023) com base nos dados da Prefeitura Municipal de São José dos Campos/SP.

Incluindo a região circundante ao núcleo do PqTec, estabelecida pela lei municipal 320 (30 de maio de 2007) e denominada "Perímetro Especial do Parque Tecnológico", área destinada a acomodar e receber empresas de base tecnológica com foco em inovação. Além dos projetos voltados para a ampliação das atividades do Parque, como instituições de ensino, e centros de Pesquisa e Desenvolvimento de grandes empresas, as outras áreas podem abranger também:

> [...] empreendimentos comerciais e condomínios residenciais para diversas classes sociais, hotéis, centro de cultura e de lazer, posto de saúde, bombeiros e polícia, escolas de 1º e 2º graus, creches e demais facilidades de um polo populacional voltado a suportar as atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação promovidas pelo Parque Tecnológico. (FORJAZ et al., 2017, p.149)

Consolidando como um local estratégico para promoção de transformações urbanísticas, a ZEPTEC não figura como uma região consolidada no contexto urbano de São José dos Campos. Trata-se de uma área caracterizada pela presença de extensas áreas vazias, evidenciando a relevância e a função do Parque Tecnológico como protagonista e coordenador do desenvolvimento territorial na região Leste.

No ano de 2018, marcando sua posição como o primeiro empreendimento privado proposto para integrar a ZEPTEC e primeiro distrito de inovação do país, o PqTec firmou uma parceria com as empresas Innovact e Exto Incorporação e Construção para conceber o projeto da Cidade Tecnológica.

Em uma área de 308 mil m², esta iniciativa visa abrigar 200 mil habitantes imersos em ambientes tecnológicos, inovadores e empreendedores. Para Roberto Matos, diretor-presidente da Exto, o projeto “Será o primeiro território do Brasil pensado para acolher os anseios da sociedade do conhecimento de forma completa, com produção, qualidade de vida e lazer”. (APTSJC, 2019, p. 34-35).

Como recorda o participante da pesquisa JL (2023) a ideia de distritos de inovação, como o caso do projeto da Cidade Tecnológica não é algo inédito, possui referências internacionais:

> **Participante JL:** O conceito de cidade tecnológica não é novo, *né*! O vale do Silício é exatamente isso, *né*. É gerar uma comunidade é [...] ali com que essa comunidade acaba se engajando *né*, facilitando o *networking* de todos, *né*. Então, a pessoa está morando ali, a pessoa está trabalhando ali, a pessoa está estudando e trabalhando no mesmo espaço. Tá muito latente! Você interage, faz o seu *networking,* numa balada noturna, num supermercado, em qualquer lugar. Então, tudo isso promove o engajamento inovador, o espírito inovador. Então, essa é a pegada! É [...] desse conceito de cidade tecnológica. Então, o Vale do Silício é assim. O próprio conceito do ITA, que trouxe esse conceito do MIT é assim também. Os alunos moram na universidade.

A cerimônia oficial de lançamento do empreendimento ocorreu nas instalações do PqTec em 12 de junho de 2019, com a estimativa inicial de conclusão das obras de loteamento e infraestrutura em junho de 2021. Contudo, atualmente, a implementação do projeto está em estágio inicial, limitando-se ao traçado dos lotes e à pavimentação das vias.

Localizado nas proximidades do PqTec, o loteamento da Cidade Tecnológica destaca-se pela proposta variada de usos em seus terrenos, conforme indicado pelas quatro zonas representadas na figura 27. O projeto engloba desde edifícios residenciais e empresariais com conceitos de indústria 4.0 e baixo impacto ambiental

até estabelecimentos de saúde, lazer, áreas verdes, serviços, comércio, educação, centros de pesquisa e desenvolvimento, entre outros. (ATSJC, 2021, p.24-25)

Figura 27 - Loteamento Cidade Tecnológica e Núcleo do PqTec:



ZUC 8 - Zona de Urbanização mista (residencial e serviços)

ZUD - Zona de Urbanização mista (industrial, comércio e serviços)

ZUC 5 - Zona mista de serviços

ZUPI - Zona de uso predominantemente industrial

Fonte: Site do Parque Tecnológico de São José dos Campos.

O projeto da Cidade Tecnológica é encarado como uma demanda inevitável. Segundo Marco Antônio Raupp, que ocupava o cargo de diretor-geral do PqTec no ano de 2019[30], cabe ao Parque a responsabilidade e o compromisso com o desenvolvimento da região ao seu redor, atraindo mais empresas e serviços para a área.

Para Roberto Matos[31], Presidente da Exto, e Domingues Pires[32], da P3Urb Engenharia, o projeto representa uma extensão natural do PqTec. Adicionalmente,

[30] A fala de Marco Antônio Raupp está disponível no vídeo publicado na página oficial do Parque Tecnológico de São José dos Campos no YouTube e foi completamente transcrito, sendo incluído integralmente no apêndice E da presente dissertação.
Vídeo disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Z56xizpswHU> Acessado em: 28/07/2023.

[31] [32] [33] As falas de Roberto Matos, Domingues Pires e Alexandre Barros estão disponíveis no vídeo publicado na página oficial do Parque Tecnológico de São José dos Campos no YouTube e foi completamente transcrito, sendo incluído integralmente no apêndice E da presente dissertação.
Vídeo disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Z56xizpswHU> Acessado em: 28/07/2023.

Alexandre Barros[33], Gestor de Empreendedorismo e Inovação do PqTec, afirma que essa iniciativa é uma resposta às aspirações dos usuários do Parque:

> **Roberto Matos:** Essas empresas são incubadas, outras já têm uma posição um pouco maiores, elas necessitam de um espaço muito maior e a Cidade Tecnológica, ela está geograficamente no terreno mais próximo que tem aqui dentro do Parque.
>
> **Domingues Pires:** O loteamento vai funcionar, ele vai ser um grande sucesso, porque ele é extensão do Parque. O Parque cresceu já de tal forma que ele precisa cair para algum lugar, precisa explodir para algum lugar. Ele vai explodir para dentro da Cidade Tecnológica.
>
> **Alexandre Barros:** Antes elas pediam apenas um banco para sentar, agora as pessoas pedem mais coisas. Elas querem mais opções de alimentação, elas querem viver aqui, estudar aqui.

Essa visão está alinhada com os comentários de alguns participantes da pesquisa que destacam a importância de estabelecer uma infraestrutura condominial que atenda às necessidades cotidianas dos usuários do Parque, como farmácias, supermercados e academias, devido a localização do Parque.

As empresas que optarem por se estabelecer na Cidade Tecnológica firmarão um acordo de parceria que viabilizará o acesso à infraestrutura e às oportunidades de networking oferecidas pelo ecossistema do Parque Tecnológico de São José dos Campos. Segundo Elso Alberti Júnior, diretor de Desenvolvimento de Negócios do PqTec na época (2021), este fato proporcionará ao empresário um crescimento significativo e constante:

> Uma característica importante da Cidade Tecnológica diz respeito ao *road map* do empreendedorismo do Parque Tecnológico: a empresa entra no Parque ainda como uma ideia e sai daqui já com a oportunidade de ganhar o mercado em uma área com infraestrutura adequada, de forma perene. (APTSJC, 2019, p.35)

Como um espaço destinado para as empresas estabelecerem-se após seu período de incubação dentro do PqTec, a Cidade Tecnológica assume uma missão audaciosa. Além de procurar criar uma rede de networking, busca superar desafios relacionados à geração, retenção e atração de mão de obra qualificada. Como fica expresso na fala de Alberti Júnior (2021)[34], em entrevista concedida ao grupo de pesquisa que coloca sua visão em relação a cidade tecnológica:

> A partir do momento que ela (empresa) cumpriu esse período que ela se tornou forte, ela está em condições de ir para o mercado, é hora de chamar

[34] Fala concedida ao grupo de pesquisa, em março de 2021. Ver Apêndice D.

> e falar para a empresa: minha filha Tchau. Acabou a mamata na casa da mamãe, vai cuidar da vida. Porém [...] mas você vai cuidar da vida aqui perto, empreendimentos imobiliários que nós estamos construindo com parceiros privados, *tá*. E final de semana o almoço aqui em casa, *tá*. Então, ou seja, a gente quer continuar tendo o relacionamento, as conexões com essa empresa. (JÚNIOR, 2021)

De acordo com Mauro Dias[35] (2019), diretor de obras e engenharia da Exto, a proposta da Cidade Tecnológica é criar um ambiente agradável e acolhedor, que incentive as pessoas a escolherem residir e permanecer no local:

> **Mauro Dias:** Então a gente quer levar pra Cidade Tecnológica um ambiente mais humano, é mais agradável, com sustentabilidade, com áreas de lazer. A gente quer que as pessoas fiquem ali, que elas possam morar, ter família. Porque a Cidade Tecnológica permite isso! Então, a gente quer implantar Coworking, a gente quer trazer vida para aquilo.

E conforme Domingues Pires (2019), a Cidade Tecnológica conseguirá atrair a mão de obra qualificada e proporcionar a ela acolhimento adequado, que não seria possível em outro contexto:

> A importância disso é como você atrai um cérebro da Rússia ou dos Estados Unidos ou de Londres ou de Singapura, ele vai chegar, vai estar em um lugar inóspito e ele não sabe nem, nem, não consegue nem ir para a cidade e nem morar. Então, a Cidade Tecnológica vai acomodar tudo isso. Acomodar essas pessoas que vão lá atrás de um trabalho que já existe! (PIRES, 2019)

O comprometimento e a dedicação em atrair e evitar a saída de profissionais qualificados para outras regiões têm como objetivo assegurar a continuidade do conhecimento e da inovação no município. Ao mesmo tempo, busca-se preservar os ganhos e o faturamento municipal, consolidando a proteção das patentes relacionadas a inovações e avanços científicos no âmbito local. Conforme apontado no Relatório de Atividades de 2019, referente ao desafio do PqTec e da PMSJC:

> Uma forma de atrair investimentos para as instituições que compõem o Distrito de Inovação é estruturar e aprovar uma legislação municipal que defina conteúdo Joseense (conteúdo local) nas compras de grandes projetos da PMSJC, com ênfase em conteúdo tecnológico. (...) Tem-se aí um desafio para o Parque Tecnológico e para a Prefeitura de São José dos Campos que consiste em criar e manter a atratividade para as empresas que realizarem os desenvolvimentos tecnológicos e de inovação, de maneira que os resultados desses projetos sejam produzidos e faturados no município. (APTSJC, 2020, p.9-10)

---

[35] A fala de Mauro Dias está disponível no vídeo publicado na página oficial do Parque Tecnológico de São José dos Campos no YouTube e foi transcrito, sendo incluído integralmente no apêndice E da presente dissertação.
Vídeo disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Z56xizpswHU> Acessado em: 28/07/2023.

5.6. Mobilidade:

A teoria de Richard Florida (p. 218, 2011) destaca a significativa importância de cidades bem conectadas, dotadas de infraestruturas de transporte eficientes e elevados níveis de acessibilidade, para atrair profissionais da classe criativa. Conforme delineado pelo autor, membros desta classe, que desempenham um papel crucial no processo de inovação e desenvolvimento econômico, são particularmente sensíveis ao ambiente urbano e à qualidade de vida oferecida pelas cidades, valorizam a acessibilidade, a conveniência e a eficiência nos deslocamentos diários, e cidades que oferecem soluções inteligentes de mobilidade se destacam como destinos atrativos para esse público

Em primeiro lugar, a conectividade e a infraestrutura de transporte desempenham um papel crucial ao proporcionar mobilidade eficiente dentro da cidade e em suas proximidades. Profissionais criativos valorizam a facilidade de deslocamento, pois isso não apenas otimiza suas rotinas diárias, mas também amplia suas possibilidades de interação e colaboração em diferentes áreas geográficas.

A acessibilidade, por sua vez, vai além da mera facilidade de deslocamento físico. Cidades bem conectadas também oferecem acesso eficaz a recursos culturais, educacionais e sociais, criando um ambiente propício para o florescimento da criatividade. Profissionais da classe criativa muitas vezes buscam ambientes urbanos que proporcionem uma variedade de experiências e oportunidades, desde espaços culturais até opções de lazer diversificadas.

A infraestrutura tecnológica é outra dimensão crítica destacada por Florida. Cidades que investem em tecnologia e conectividade digital não apenas facilitam a comunicação e colaboração entre profissionais, mas também se tornam atrativas para aqueles que valorizam a inovação e a interconectividade em seus ambientes de trabalho.

Como consequência, a mobilidade urbana desempenha um papel de importância crucial na formação e eficácia dos ecossistemas de inovação e empreendedorismo situados em contextos urbanos. O acesso eficiente e diversificado aos meios de transporte desempenha um papel crucial no desenvolvimento desses ecossistemas, impactando positivamente a colaboração, o acesso a recursos e o crescimento econômico.

A eficácia da mobilidade permite que profissionais, empreendedores e pesquisadores acessem facilmente ambientes inovadores, promovendo a interação e

a troca de conhecimento entre diversos participantes do ecossistema. Facilita a conexão entre diferentes centros de inovação e empresas dentro de uma cidade, simplificando a participação em eventos, reuniões e apresentações, e conectando empreendedores a oportunidades de financiamento e parcerias. Isso viabiliza a participação de uma gama diversa de profissionais no ecossistema, criando oportunidades para reuniões e encontros espontâneos entre indivíduos de diversos setores. Além disso, a redução do tempo de deslocamento entre residência, local de trabalho e outros espaços relevantes contribui para uma maior dedicação dos trabalhadores a atividades produtivas, como brainstorming, pesquisa e desenvolvimento de projetos.

Considerada um elemento crucial na construção de um ecossistema de inovação e empreendedorismo vibrante e eficaz, com crescimento sustentável, a questão da mobilidade urbana eficiente e acesso ao Parque Tecnológico de São José dos Campos sempre esteve entre as pautas.

Localizado na estrada Dr. Altino Bondensan, no bairro Eugênio de Melo, região Leste do município e a aproximadamente 10,85 km de distância da região central, o Parque enfrenta o desafio de superar obstáculos em seu acesso, como o tráfego intenso na rodovia Presidente Dutra (a principal via de entrada) e a escassez de opções no transporte coletivo. Para a participante AA a questão da mobilidade está entre as questões centrais dos trabalhadores e usuários do Parque:

> [...] Então, de fato essa questão, eu acho que é um ponto que está na vida de todo mundo que trabalha aqui no parque. Porque eu conheço bastante gente aqui dentro e poucas pessoas moram, por exemplo, na Eugênio de Melo, moram aqui perto, em locais que, aí é tranquilo de você ir e vir, *né*. Então, as pessoas moram do Center Vale pra lá. Então, é bem complicado essa questão de acessibilidade *né*.

Conforme observado durante a entrevista (Apêndice D), ao abordar a formação dos parques tecnológicos no contexto brasileiro, Pozzi (2023) destaca que esses empreendimentos são comumente situados em áreas distantes das regiões urbanas consolidadas. Após essa análise, o entrevistado conecta essa característica ao ambiente específico do Parque Tecnológico (PqTec), evidenciando a falta de um sistema de transporte público eficiente nessa localidade.

> Os parques tecnológicos têm outro problema grave no Brasil. Onde é que eles vão fazer? No pasto. É um pasto tecnológico! Você atropela algumas vacas para chegar aqui, tem umas cobrinhas do lado.
> Longe!

> A 40 minutos do centro da cidade. Se você vier de ônibus dá duas horas, tem que pegar três ônibus, de acordo com o horário que tem [...]
> Um parque de TI tem que estar no centro da cidade
> Aqui você tem um custo de transação altíssimo, porque o cara tem que se deslocar para cá. [...] Você tem o problema de conectividade! (POZZI, 2023)

Como resposta a essa problemática, durante as análises realizadas nas redes sociais, observou-se uma estratégia de colaboração da Prefeitura Municipal para ampliar os horários dos ônibus que se deslocam até o Parque, conforme evidenciado na publicação de agosto de 2015, representada pela figura 28:

Figura 28 – Publicação na rede social do PqTec referente aos horários de ônibus:



Fonte: Rede social Facebook do Parque Tecnológico de São José dos Campos.

No que diz respeito ao meio de transporte empregado para alcançar o Parque, de acordo com o Relatório de Atividades de 2019, constata-se que, entre os usuários, 74% faziam uso de veículo próprio, ao passo que 26% optavam por meios de transporte compartilhado (APTSJC, p.13, 2020).

Com base nas informações contidas nos Relatórios de Atividades, o tema da mobilidade urbana começa a se manifestar a partir do relatório de 2016, que destaca a visita de representantes do Parque à China, com o objetivo de explorar novas oportunidades relacionadas a veículos elétricos. O mesmo relatório menciona que, após as pesquisas internacionais, o PqTec conduziu estudos para a Prefeitura Municipal de São José dos Campos, com a intenção de modificar sua frota, incluindo a da Urbam, de veículos a combustão para veículos elétricos (VEs). Além disso,

sugeriu-se que o novo governo municipal de São José dos Campos avaliasse a transição da matriz de BRT para VLT. (APTSJC, p. 72, 2017)

> O Parque considera oportuno que o novo governo municipal de SJC estude a alteração da matriz BRT para VLT, utilizando a contratação de empresas residentes no Pqtec e associadas dos APLs para o desenvolvimento e fornecimento de sistemas e subsistemas requeridos pelo projeto. (APTSJC, p.73, 2017)

Em colaboração com o empreendimento Cidade Tecnológica, o PqTec iniciou em novembro de 2019, ano de lançamento do empreendimento imobiliário, uma série de iniciativas coordenadas e integradas, cujo objetivo era criar oportunidades de transporte e otimizar o deslocamento para a região da ZEPTec.

A temática da mobilidade urbana permaneceu em pauta e integrou parte das iniciativas do Parque ao longo do ano de 2020. Em agosto desse ano, o Escritório de Projetos do PqTec realizou um workshop de integração entre as empresas residentes, enfocando a importância das integrações promovidas pelo PqTec no contexto da mobilidade urbana. Já em dezembro de 2020, o Parque Tecnológico conduziu o Workshop Mobilidade em formato remoto, organizado pelo Programa Colmeia, com a participação de representantes da prefeitura, empresários e especialistas na área, visando discutir o cenário da mobilidade e explorar previsões ao longo do tempo. (APTSJC, p. 86, 2021)

Figura 29 – Evento online - Workshop Mobilidade:



Fonte: Rede social Youtube Parque Tecnológico de São José dos Campos.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5LoeZjAW9Rg&t=1350s>

Também lançado no ano de 2020, o Projeto Mobilidade resultou da parceria entre o Parque Tecnológico, a Toyota Mobility Foundation, a Innovact, a Prefeitura Municipal de São José dos Campos (por meio das Secretarias de Desenvolvimento Econômico e de Mobilidade Urbana), empresas do entorno como Embraer, Parker e Akaer, o Centro de Política e Economia do Setor Público (CEPESP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), além de universidades, empresas e startups residentes no Parque[36].

O objetivo do projeto era realizar o mapeamento, por meio de pesquisas *in loco* e da aplicação de um questionário de pesquisa do tipo Survey, com aproximadamente mil empresas residentes. O foco era identificar as necessidades de deslocamento daqueles que estudavam e trabalhavam no Parque, a partir da organização e sistematização dos dados - como sugerido na fala abaixo do professor Silvio Simões, visando encontrar soluções para o curto, médio e longo prazo (APTSJC, 2020).

> O que eu gostaria de colocar como sugestão, é que [...] é fundamental que tenha um laboratório. Se pense na implantação de um laboratório de análise socioespacial. Um laboratório de mobilidade urbana que trate da integração da cidade, que pegue esse dado para organizar, analisar, monitorar, modelar e gerenciar todas essas informações que estão chegando de vários setores da Prefeitura e do Parque, dos vários estudos que estão na cidade, e que podem ser organizados dentro dessa base única. E essa base única ela passa a subsidiar ações tanto na área de projetos urbanos como na área do transporte.[37]

Os resultados desse mapeamento não foram divulgados publicamente, impedindo sua contribuição para a presente pesquisa e dificultando o reconhecimento de ações práticas decorrentes do projeto Mobilidade. Os relatórios subsequentes (2021 e 2022) já não fazem menção ao projeto.

Entre outras estratégias para solucionar a questão do acesso ao Parque, as participantes AA e CM destacam a criação de aplicativos, as ações de carona solidária, os veículos fretados pelas empresas residentes, conforme as falas transcritas abaixo:

> **Participante AA:** [...] eles já tentaram várias vezes fazer aplicativo. Teve um aplicativo [...] eu não lembro exatamente o nome, *né*. Mas foi um aplicativo que o Parque mesmo estava tentando estimular o pessoal a usar, que era como se fosse o BlaBlaCar, só que tinha pontos específicos que atendiam ao Parque.

---

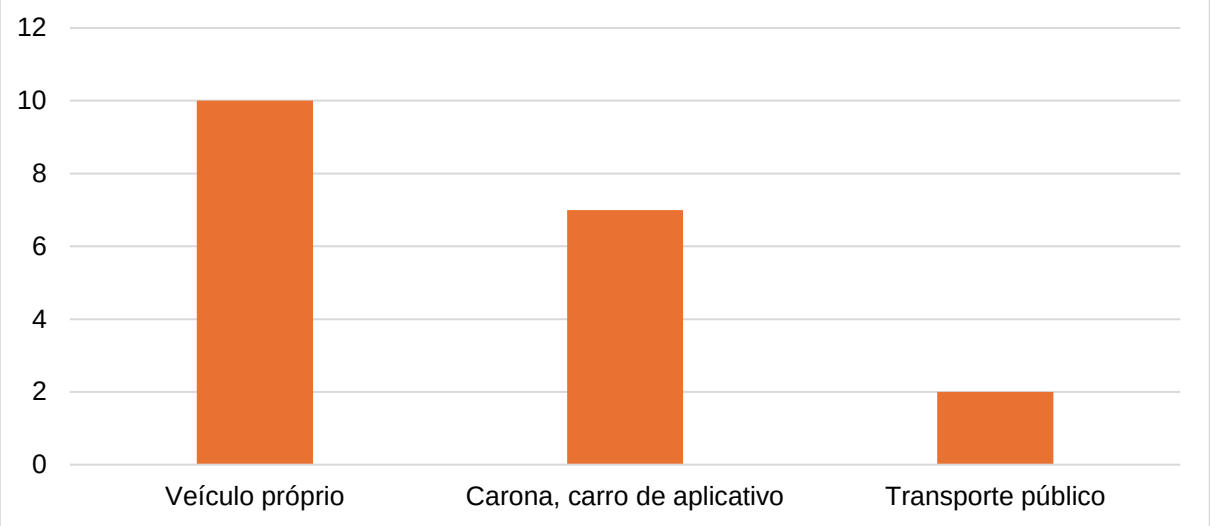
[36] Informações obtidas através do site do Parque Tecnológico de São José dos Campos. Disponível em: <https://pitsjc.org.br/noticias/centros-empresariais/parque-tecnologico-sao-jose-dos-campos-lanca-projeto-mobilidade/>

37 A fala do professor Silvio Jorge Coelho Simões está disponível no vídeo “Workshop Mobilidade, Programa Colmeia” publicado na página oficial do Parque Tecnológico de São José dos Campos no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5LoeZjAW9Rg&t=1350s>

> **Participante CM:** Hoje o Parque ainda tem algumas iniciativas, o programa Colmeia em parceria com 99 fez um projeto voltado a mobilidade pros colaboradores residentes aqui do Parque. [...]
>
> Então, assim tem os fretados. *Né*, as empresas daqui estão se organizando para isso. E as caronas mesmo.
>
> Teve um outro projeto também, hoje eu não sei como é que *tá*, mas assim também de carona solidária, sabe? O Parque também, foi outro projeto do Escritório de Projetos sobre a questão de mobilidade. Para facilitar a mobilidade dos colaboradores.

Especificamente no que diz respeito às informações obtidas por meio de entrevistas e questionários, ao indagar os participantes sobre o meio de transporte utilizado para se deslocarem de suas residências até o local de trabalho no Parque, conforme o gráfico 12, a maioria alegou que utilizava veículo próprio. A segunda opção mais comum foi o uso de carros de aplicativos e caronas, enquanto a utilização de transporte público foi a última opção escolhida pelos participantes.

Gráfico 12 – Meio de transporte dos participantes:



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Optar por utilizar veículo próprio, serviços de carros por aplicativo ou compartilhar caronas para o trajeto até o PqTec parece ser uma opção mais favorável, ao considerar as declarações a seguir dos participantes com relação as suas experiências com o transporte público:

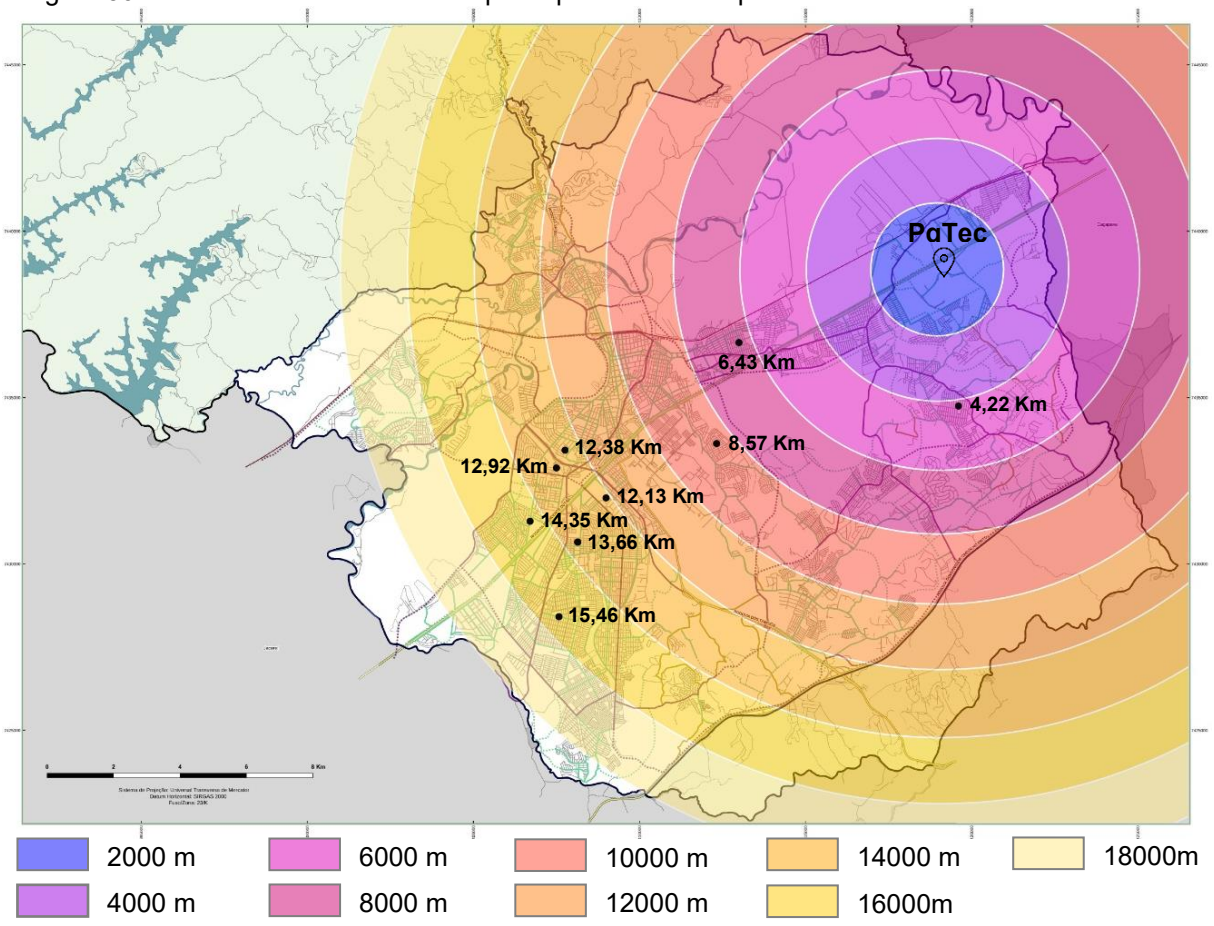
> **Participante VS:** Olha de ônibus, dependendo assim do horário, uma hora e meia, duas horas. E de carro, assim, *oh* você vai ver a diferença, dez, quinze minutos no máximo.
>
> **Participante CM:** a empresa queria pagar transporte público pra mim – inviável. Inviável, eram 2 horas. Então, eu tinha que bater o cartão aqui sete e meia. E eu tinha que sair de casa as cinco da manhã, num trajeto que eu faço de carro em 15 minutos.

> **Participante ME:** [...] ônibus é realmente complicado! Para chegar no Parque Tecnológico daqui eram três ônibus. Um até o centro da cidade, um segundo do centro da cidade até a Eugênio de Melo, e da Eugênio de Melo para o Parque Tecnológico.
>
> **Participante AS:** Eu vou de carro *pro* Parque, porque [...] eu vou de carro porque é perto da minha casa. Mas é bem contramão se eu fosse de ônibus, eu teria que pegar uns três ônibus para chegar no Parque, porque ele é contramão. Quando vai de carro é uns 10 minutinhos da minha casa, então, isso é bom.

Ao analisar as distâncias, figura 30, entre os bairros de residência dos participantes e o Parque Tecnológico, juntamente com as observações dos participantes, torna-se evidente a influência da escolha de transporte no tempo total dedicado ao deslocamento.

Participantes que residem em bairros mais afastados e utilizam veículo próprio, carona ou serviço de carro por aplicativo consomem menos tempo, ao contrário daqueles que vivem em bairros mais próximos ao Parque Tecnológico e dependem do transporte público.

Figura 30 – Distâncias dos bairros dos participantes até o PqTec:

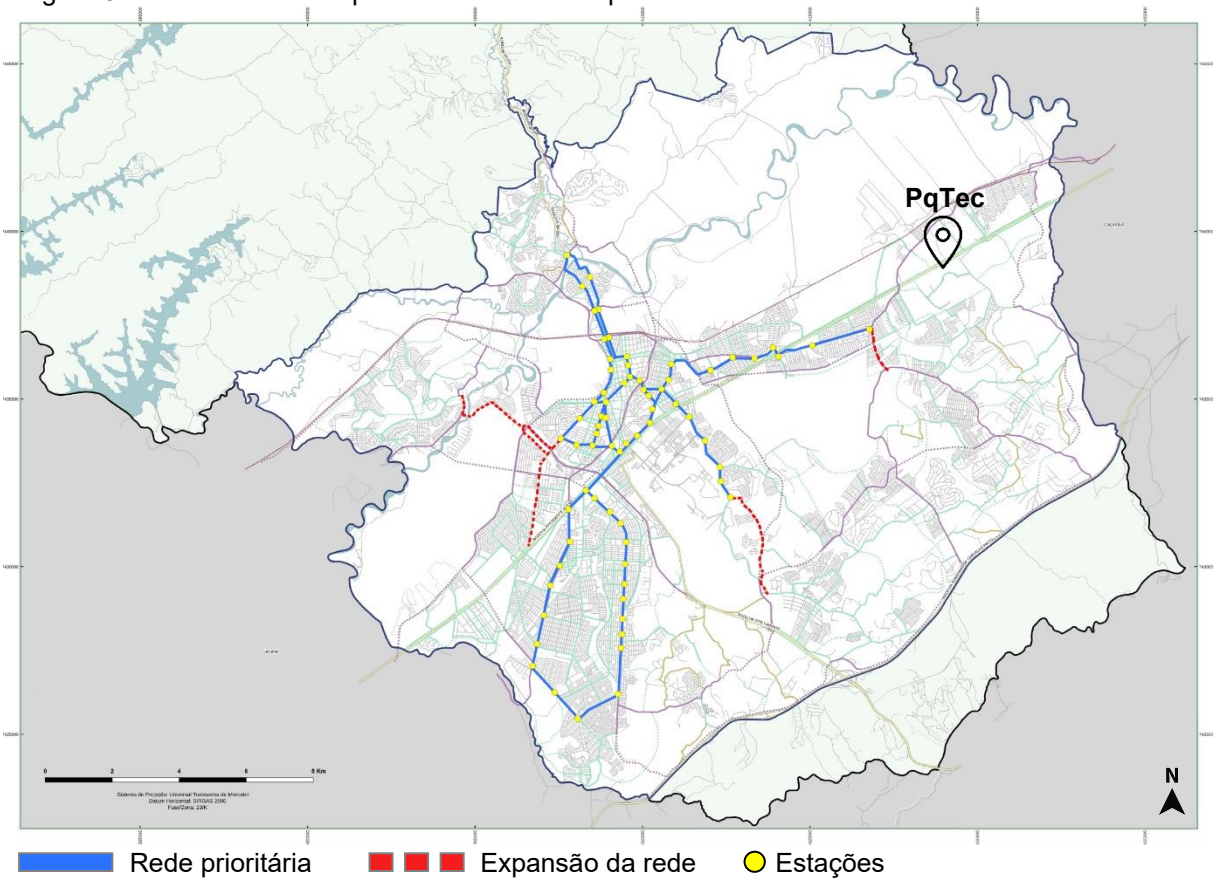


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como ilustração, um morador do bairro Parque Novo Horizonte, localizado a cerca de 4,22 km do Parque Tecnológico, e usuário do transporte público de São José dos Campos, experimenta um tempo de deslocamento maior em comparação com um morador do bairro Cidade Morumbi, que fica a aproximadamente 15,46 km do Parque, e faz uso de um veículo particular ou carona.

A proposta do sistema BRT (Bus Rapid Transit) para São José dos Campos tinha como objetivo modificar a matriz modal do município e melhorar os deslocamentos dentro do município, buscando abranger extensas áreas urbanas, especialmente os locais de significativa concentração de origens e destinos de viagens, conhecidos como "Polos Geradores de Viagens", bem como regiões com população de baixa renda (IPPLAN, 2014, p.38), conforme ilustrado na figura 31:

Figura 31 – Plano funcional para sistema de transporte BRT:



Fonte: Elaborado pela Autora (2023), com base em IPPLAN (2014).

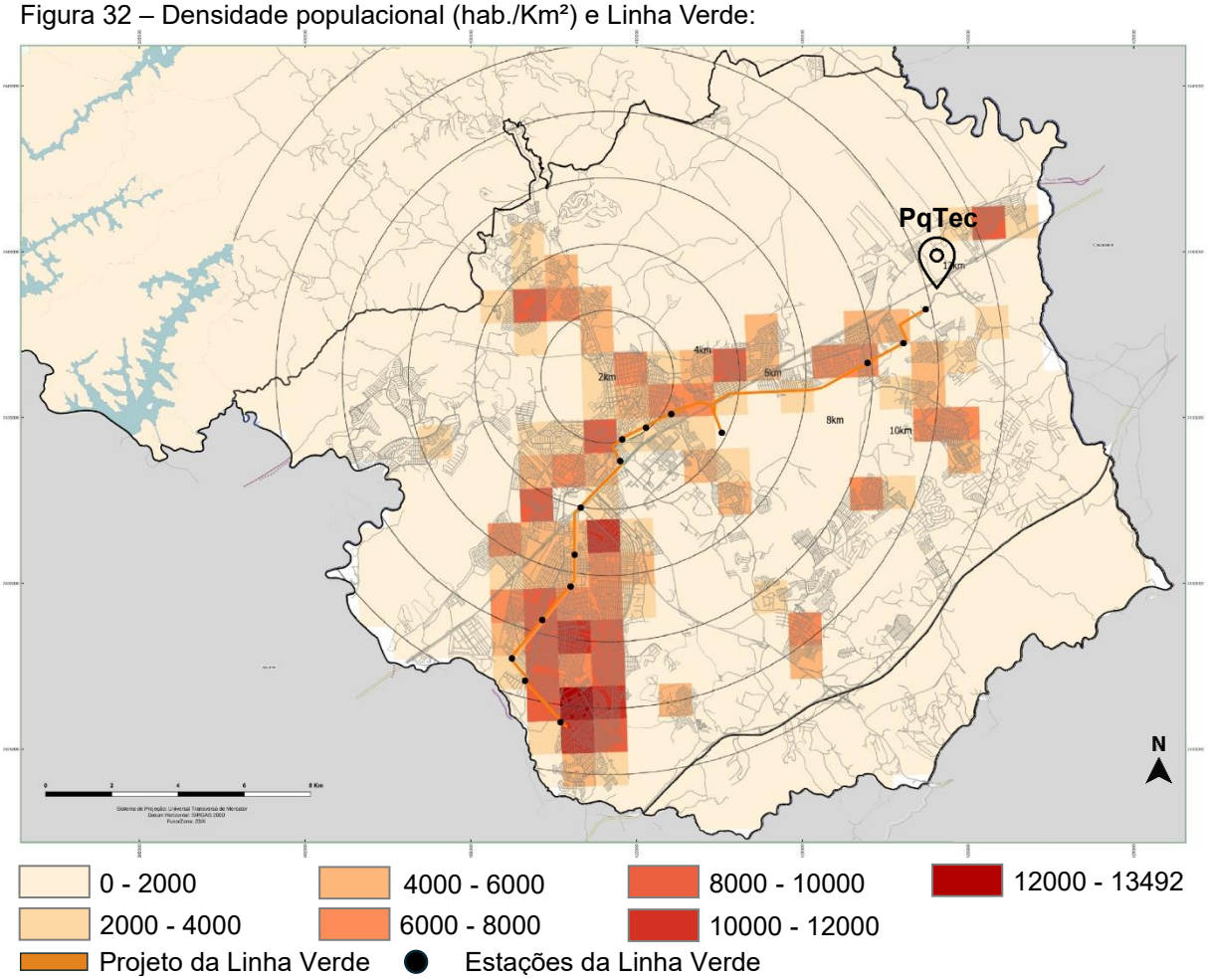
Em contrapartida, a proposta do BRT foi rejeitada por meio da alegação de conter problemas técnicos e, seguindo a recomendação do PqTec, a Prefeitura optou pelo sistema VLP como uma opção viável para estabelecer um transporte público diferenciado no município, decidindo pela implementação do projeto da Linha Verde.

Essa iniciativa envolve a introdução de uma rota de ônibus elétricos do tipo Veículos Leves sobre Pneus (VLP), com o objetivo de fomentar um meio de transporte alternativo, amigável ao meio ambiente, ao mesmo tempo que age como um novo centro de desenvolvimento econômico e territorial na cidade.

A Linha Verde busca interligar os principais centros comerciais do município, CenterVale Shopping, Vale Sul Shopping e Shibata Supermercados, busca proporcionar benefícios aos estudantes das universidades localizadas ao longo do percurso e aos trabalhadores dos setores produtivos da cidade, distrito industrial Chácaras Reunidas e o Centro Empresarial Eldorado, bem como busca aproximar o Parque Tecnológico da região central do município.

Estabelecendo uma conexão linear entre as áreas sul e leste do município, que foram identificadas como as mais densamente habitadas de acordo com o censo de 2010 e retratado na figura 32, o plano da Linha Verde tem como ponto final de sua trajetória o Parque Tecnológico de São José dos Campos.

Figura 32 – Densidade populacional (hab./Km²) e Linha Verde:

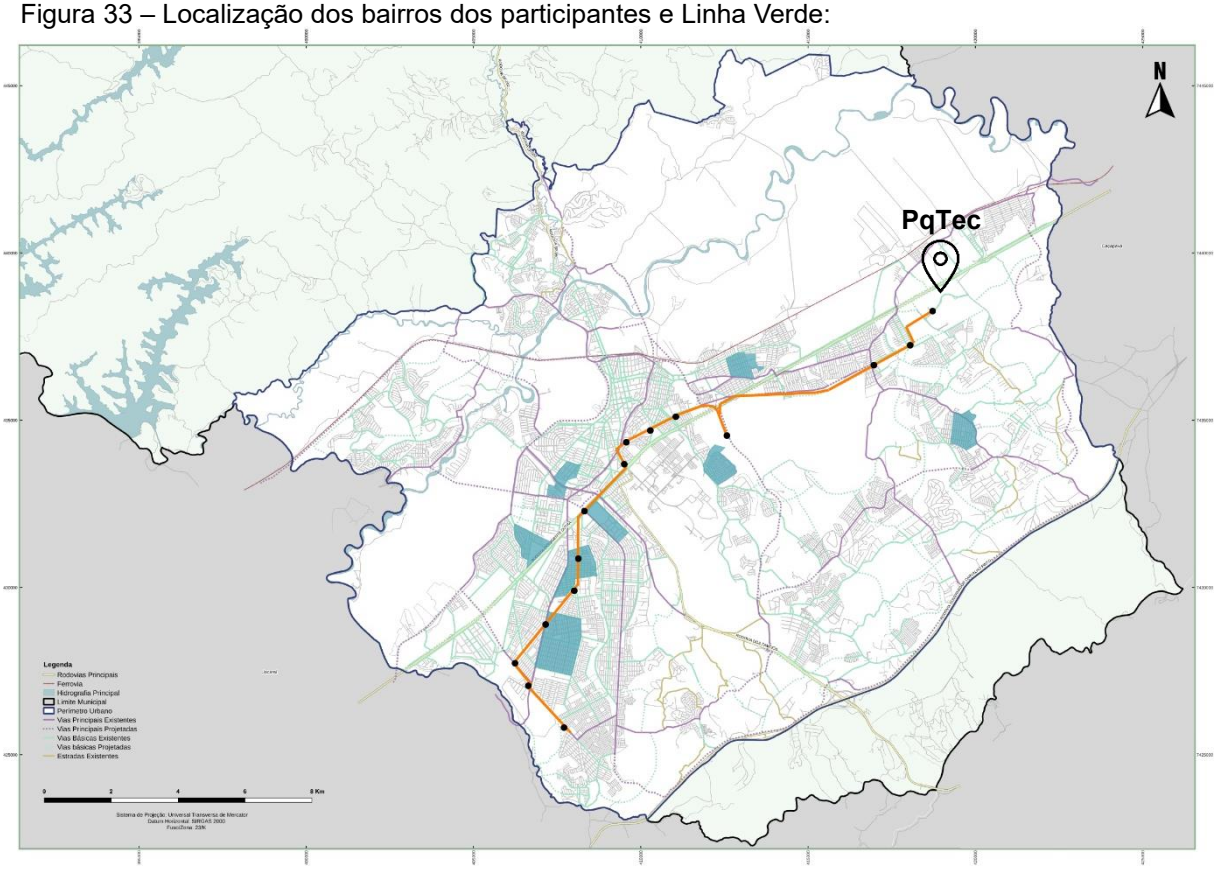


Fonte: Projeto Linha Verde e Censo IBGE (2010).

A participante CM acredita que a execução do plano da Linha Verde pode ser uma solução eficaz para aprimorar o acesso ao Parque, especialmente para aqueles que usuários dependem de transporte público.

Em conformidade com a perspectiva da participante, ao correlacionar a localização dos bairros dos participantes da pesquisa com o projeto da Linha Verde, representado na figura 33, é possível notar uma coincidência intrigante, como se a linha conduzisse os participantes diretamente ao Parque Tecnológico.

Figura 33 – Localização dos bairros dos participantes e Linha Verde:



Bairro dos participantes da pesquisa

Projeto da Linha Verde

Estações da Linha Verde

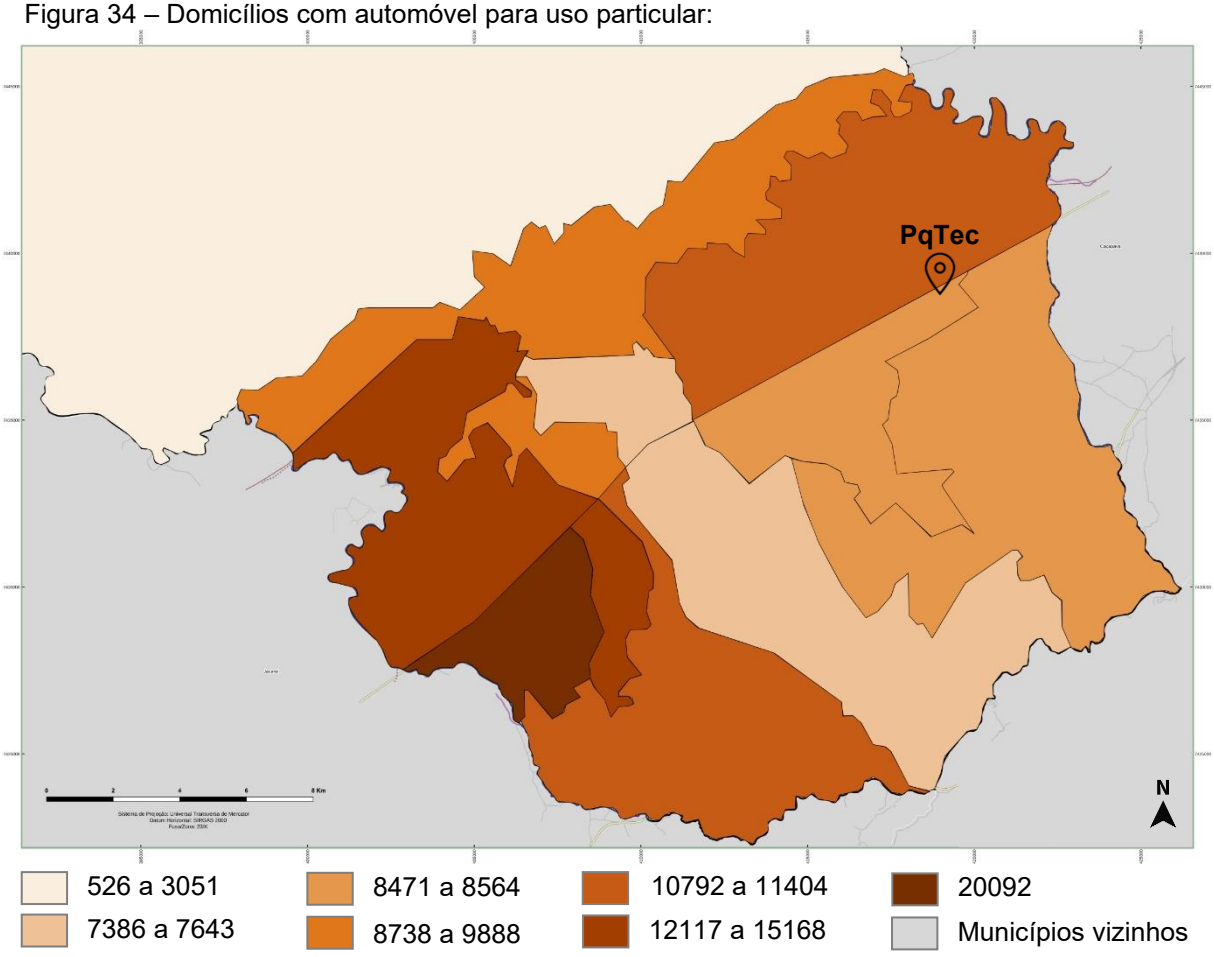
Fonte: Elaborada pela autora (2023)[38]

Ao chamar a atenção e direcionar seus usuários até o Parque Tecnológico, a proposta da Linha Verde revela uma deficiência ao negligenciar certas áreas que

[38] Figura elaborada com base no mapa de Macroestrutura viária, anexo VIII Plano Diretor de São José dos Campos (2018), nas respostas dos participantes da pesquisa e site da Prefeitura Municipal de São José dos Campos.

carecem de serviços de transporte público. Ao examinar a figura 34 que representa as regiões de acordo com o número de domicílios com automóvel para uso particular, torna-se claro que há escassez do sistema Linha Verde justamente em regiões onde o número de domicílios com veículo particular não é significativo:

Figura 34 – Domicílios com automóvel para uso particular:



Fonte: Elaborada pela autora (2023) e Censo IBGE (2010).

Discussões:

Durante os anos 90, a Região Metropolitana de São José dos Campos (RSJC) passou por mudanças significativas em sua economia, com ênfase na indústria e no mercado de trabalho. A modernização e diversificação da indústria, especialmente nos setores automobilístico e aeroespacial, foram impulsionadas por investimentos substanciais (BERNARDES & OLIVEIRA, 2002).

Esta evolução econômica marcou a trajetória de São José dos Campos com a presença, de maneira inequívoca, de empresas relevantes no setor aeroespacial em seu território, abrangendo, por conseguinte, o Parque Tecnológico (PqTec), que

atualmente desempenha o papel de gestor do Cluster Aeroespacial Brasileiro. Entretanto, o escopo do Parque não se restringe a um único segmento, englobando também empresas de diversos setores econômicos, tais como automotivo, energia, óleo e gás, saúde, têxtil, TIC e transporte, entre outros.

Essa abrangência resulta na diversidade de profissionais presentes no PqTec, com distintos níveis de escolaridade, formações, especializações e características, refletindo a riqueza e complexidade desse ambiente. No entanto, mesmo diante dessas oportunidades, desafios persistentes ainda se fazem presentes, como a disparidade de gênero em cargos de liderança, evidenciada pela predominância masculina entre os membros da diretoria e do Conselho do PqTec.

Além disso, as distintas realidades enfrentadas pelos trabalhadores, determinadas pelos diferentes tipos de contratos - sejam eles como bolsistas, empregados sob regime CLT ou autônomos PJ - evidenciam as diversas influências das dinâmicas do capitalismo neoliberal, as quais, em ambientes de inovação e empreendedorismo como o Parque Tecnológico de São José dos Campos, frequentemente são obscurecidas pelo discurso exaltado de inovação.

Conforme destacado por Thomaz Júnior (2009, p.101), as formas regressivas de trabalho são continuamente recriadas em todas as escalas globais. Paralelamente, Antunes (2020) adverte que “A corrosão dos direitos trabalhistas na conjuntura atual se aproxima até mesmo de sua situação durante a fase primitiva da acumulação capitalista.” Esse quadro implica que os ecossistemas de inovação e empreendedorismo brasileiros não estão imunes a essas modalidades laborais precarizadas.

O discurso de progresso e modernização, além de ocultar desafios significativos, como a precarização das relações de trabalho e a falta de segurança laboral, especialmente para aqueles desprovidos de contratos formais ou garantias trabalhistas sólidas, influencia também no processo de subjetivação dos trabalhadores.

Segundo a concepção de Michel Foucault (1969; 2000; 2007; 2017), a ideia de discurso vai além da mera comunicação verbal, transcende a simples dimensão linguística das frases e falas individuais, e assume uma complexidade intrínseca. Está permeada por estratégias, exercícios de poder, formas de dominação e resistência, todas estas expressões dotadas de uma materialidade palpável. Assim, o discurso se torna uma dimensão fundamental na formação da realidade social.

Diante do "maior complexo de empreendedorismo e inovação" do país, como se autointitula o Parque Tecnológico de São José dos Campos, os discursos que promovem uma mentalidade empreendedora e inovadora são proeminentes, representando um convite à transformação e uma busca incessante por inovação em todas as áreas da vida, onde os indivíduos são incentivados a desafiar o convencional e a conceber soluções disruptivas para os desafios contemporâneos. Nesse contexto dinâmico, as redes sociais exercem um papel significativo na construção de subjetividades e na legitimação do modelo socioeconômico vigente.

É nesse cenário que a análise dos discursos presentes nas redes sociais do PqTec revelou uma clara adesão aos princípios e valores característicos do neoliberalismo. Esses princípios, que ressaltam a importância da autogestão, da busca pelo sucesso individual e da maximização do desempenho, enfatizam a necessidade de resiliência e capacitação constante dos trabalhadores, refletindo a lógica de transformar os indivíduos em "empreendedores de si mesmos".

Nesse sentido, no âmbito do Parque Tecnológico ganha vida a figura de seu mascote. Ao se afastar do conceito norte-americano do ser mitológico (o unicórnio, representando startups excepcionais capazes de crescer rapidamente e conquistar uma parte substancial do mercado em um curto espaço de tempo) e ao adaptar-se à realidade brasileira, o Parque Tecnológico apresenta o "Cabricórnio", uma fusão entre um cabrito e um unicórnio.

Por um lado, o conceito de unicórnio representa uma empresa extremamente rara e valiosa. Por outro lado, a cabra ilustra uma notável adaptação e resiliência. Este animal, reconhecido por sua capacidade de enfrentar ambientes adversos, sobressai-se por sua habilidade em escalar montanhas íngremes em busca de recursos alimentares.

Figura 35 – Empreendedores cabras da montanha – os cabricórnios:

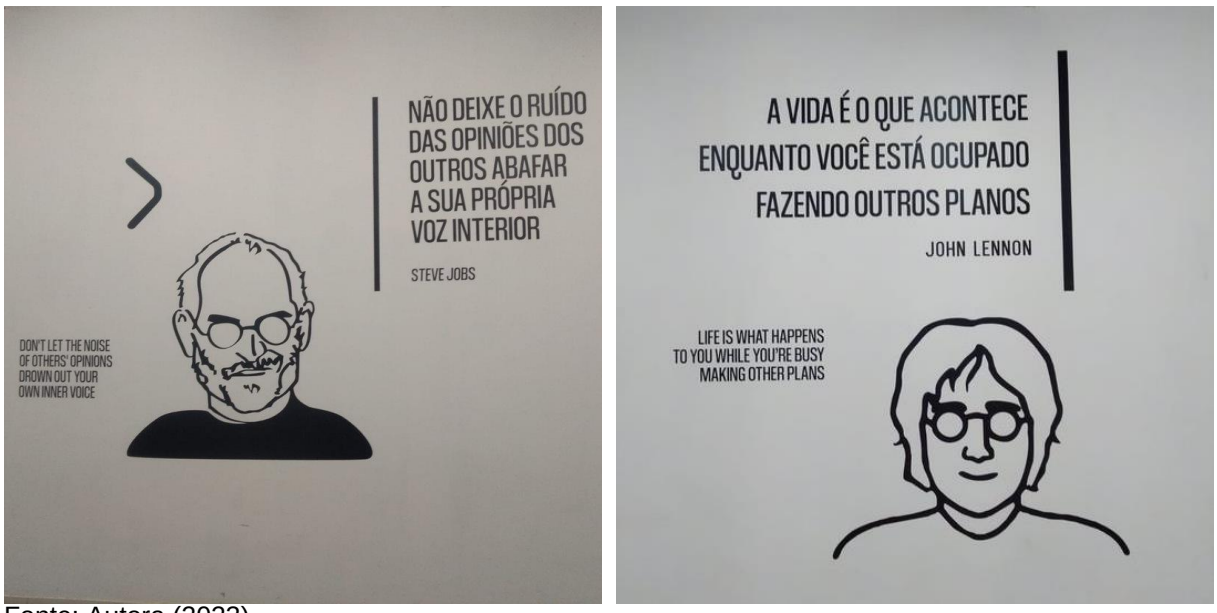


Fonte: Site do Parque Tecnológico de São José dos Campos.

Analogamente, é possível estabelecer paralelos entre as características da Cabra da Montanha e os empreendedores almejados pelo Parque Tecnológico. Assim como a cabra, os empreendedores confrontam obstáculos significativos em suas jornadas, frequentemente lidando com ambientes de negócios altamente competitivos e em constante mutação. A resiliência dos empreendedores é evidente em sua capacidade de se adaptar a novos contextos e superar dificuldades com determinação e criatividade. Assim como a cabra, eles devem demonstrar uma habilidade excepcional em encontrar soluções inovadoras para os desafios que enfrentam, buscando oportunidades mesmo nas situações mais adversas. Revelam a importância da resiliência, da adaptabilidade e da perseverança no caminho rumo ao sucesso.

As mensagens motivacionais veiculadas nas redes sociais do Parque Tecnológico não apenas desempenham um papel inspirador, encorajando os colaboradores a enfrentarem os desafios com determinação e otimismo, mas também servem como lembretes constantes do compromisso com a excelência. No âmbito do PqTec, estas mensagens não se restringiram ao ambiente virtual, e extrapolaram os limites das redes sociais para encontrarem uma expressão tangível no espaço físico do parque, através das pinturas que enfeitam suas paredes, como evidenciado pela figura 36.

Figura 36 –Frases grafadas nas paredes do Parque Tecnológico de São José dos Campos:



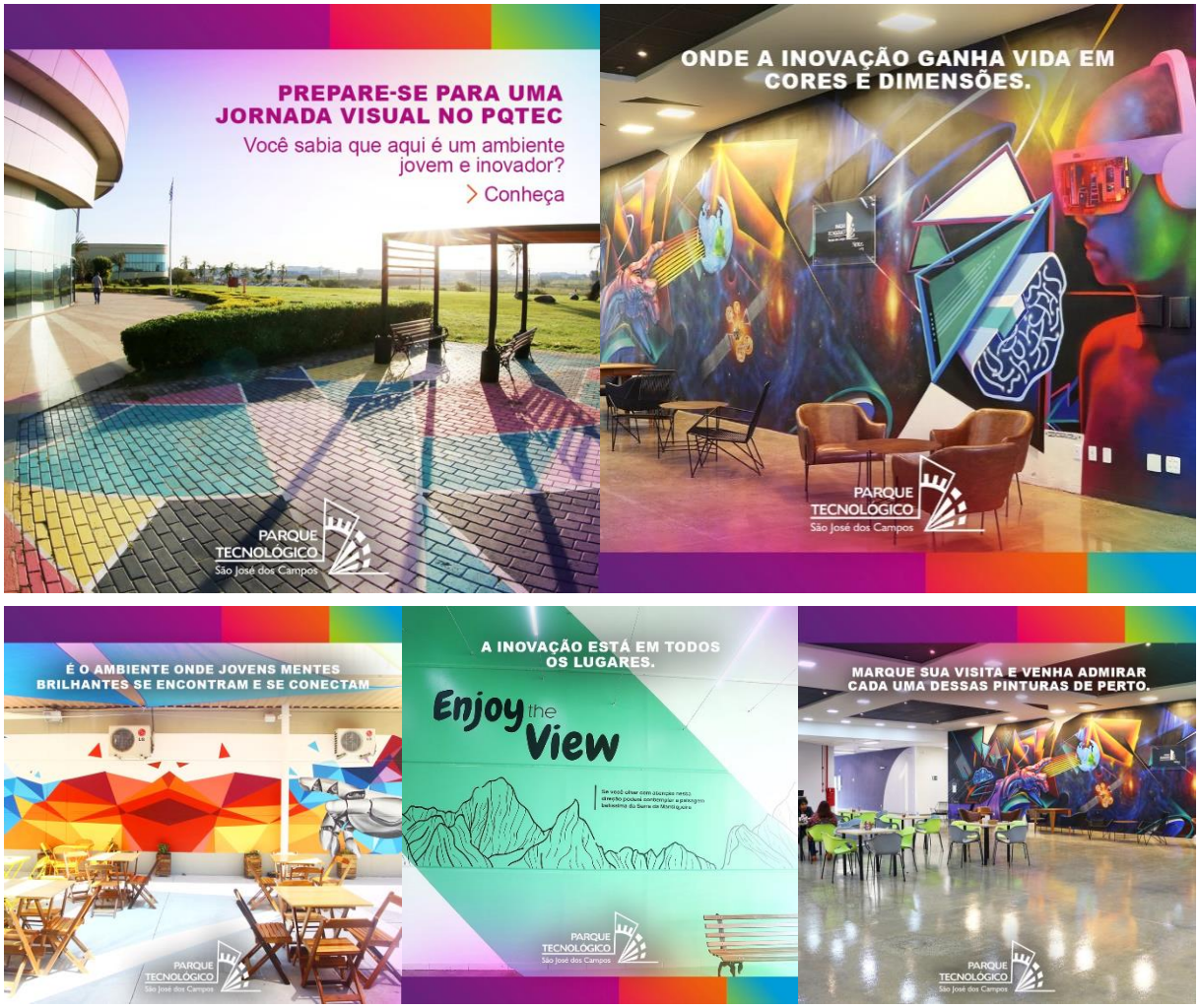
Fonte: Autora (2023).

Ao se materializarem em forma de pinturas nas paredes, estas mensagens ganham uma dimensão visual poderosa, capaz de transmitir não apenas palavras,

mas também emoções e valores essenciais para a cultura organizacional. Elas se tornam parte integrante do ambiente de trabalho, servindo como pontos de referência que incentivam uma postura proativa, positiva e resiliente entre os colaboradores.

Adicionalmente, é notável que o espaço físico do Parque assume um papel primordial na materialização da inovação, não se limitando apenas à expressão das frases motivacionais, mas também por meio de cores e proporções diversas nas pinturas de chãos e paredes, na iluminação, nos mobiliários e outros elementos, todos contribuindo para estabelecer um ambiente estético e motivador.

Figura 37 – Publicação nas redes sociais do PqTec enfatizando o ambiente físico do parque como expressão da inovação:



Fonte: Rede social Facebook do Parque Tecnológico de São José dos Campos.

A iniciativa de humanização, liderada pelo Nexus Living, e que resultou na criação de um mural de 67 m² com curadoria da Innovact, destaca-se como um exemplo emblemático da intenção de representar a identidade do PqTec como um

ambiente inovador, caracterizado pela integração de empresas, instituições acadêmicas e entidades governamentais em uma rede global, na qual as pessoas assumem o papel central de conexão. Conforme é possível reconhecer nas informações contidas no site da Innovact:

> O gesto criador com o dedo indicador esticado faz alusão à obra do artista Michelangelo, que captura o instante do começo da vida humana. A mão agora é tecnológica e aponta para uma figura humana que está criando o futuro todos os dias no Parque Tecnológico de São José dos Campos (PqTec) [...]
>
> Os triângulos (passado-presente-futuro) são lentes, movimentos em todas as direções. A multiplicidade de cores simboliza a potência da diversidade e inclusão. O satélite geoestacionário brasileiro é um tributo à cidade de São José dos Campos, capital da indústria aeroespacial. A poderosa mão, que consubstancia a ciência e tecnologia, movimenta o globo terrestre, em que o Brasil é o protagonista ambiental. Os cérebros são os talentos que desenvolvemos por meio de uma rede de conexões. A mulher/homem enxerga o metaverso e projeta novas cidades, novos universos[39].

Tais manifestações contribuem de maneira significativa para a formação de uma atmosfera positiva e inspiradora, promovendo um ambiente jovial e propício à inovação, onde os colaboradores se sentem incentivados a explorar novas ideias e a perseguir seus objetivos com fervor e resolução.

Ainda, a permeabilidade visual proporcionada pelas paredes de vidro nas salas das empresas residentes também se constitui um elemento que busca concretizar o discurso de intercâmbio e sinergia, fomentando um ambiente propício à inovação.

Stephen Covey (2003) ao desenvolver uma abordagem baseada em princípios para a eficácia e o sucesso pessoal e profissional, enfatiza que a sinergia não é apenas a soma das partes ou a interação de elementos, mas algo maior e mais poderoso. Para o autor, quando as pessoas trabalham em conjunto de maneira colaborativa, combinando suas habilidades, conhecimentos, perspectivas e experiências, elas podem alcançar resultados que vão além do que seria possível isoladamente. Podendo gerar soluções únicas e originais, a sinergia é vista como um caminho para a inovação e a resolução criativa de problemas.

Assim, tal transparência arquitetônica das salas das empresas residentes do Parque procura não apenas facilitar a comunicação visual entre os colaboradores, mas também promover a partilha de ideias e a cooperação entre distintos setores.

---

[39] Publicação do site da Innovact: “Faça-se a inovação!”
Disponível em: < https://www.innovact.com.br/post/fa%C3%A7a-se-a-inova%C3%A7%C3%A3o>

Podendo desempenhar um papel relevante no estímulo da criatividade e na geração de novas perspectivas, viabilizando o surgimento de soluções inovadoras e o desenvolvimento de projetos colaborativos de êxito.

No entanto, embora as instalações do Parque almejem proporcionar um ambiente propício para a interação, é essencial destacar que a pesquisa realizada no contexto do Parque Tecnológico de São José dos Campos identificou certas limitações na aplicação efetiva do modelo da tripla hélice. Revelando que a mera coexistência física de instituições acadêmicas e empresas dentro do Parque não é garantia de uma interação sinérgica e produtiva entre esses atores-chave. A falta de alinhamento entre os objetivos das universidades e as necessidades do setor empresarial, por exemplo, pode resultar na subutilização do potencial de inovação e transferência de tecnologia.

Desse modo, no contexto do PqTec, o objeto arquitetônico ultrapassa o aspecto simplesmente visual e carrega consigo uma dimensão discursiva significativa. Comunicando valores, ideias e interesses através do ambiente construído. Nesse sentido, as narrativas e os discursos originados do ambiente do Parque Tecnológico, que transcenderam de suas plataformas digitais, expandem-se para além do seu perímetro e permeando o território circundante.

A interação entre esses elementos discursivos e as práticas tangíveis converte o espaço urbano em um cenário favorável para a experimentação e implementação de soluções inovadoras. A materialização desses discursos no ambiente urbano se reflete nos projetos da Cidade Tecnológica e da Linha Verde.

O projeto da Cidade Tecnológica, se propõe a ser mais do que apenas um empreendimento urbanístico – deseja ser também uma expressão da inovação em seu estado mais puro e ambicioso.

De acordo com Marco Antônio Raupp (2019)[40] - antigo diretor do Parque Tecnológico, o estabelecimento de um distrito de inovação, mediante parcerias entre os setores público e privado, visa atrair empresas e talentos capazes de impulsionar a economia local, incentivando, assim, o desenvolvimento da inovação. Raupp enfatiza a importância do contato humano para promover a troca de experiências entre as pessoas e destaca a relevância da interação entre os indivíduos para impulsionar o processo de inovação.

[40] Ver apêndice E: Fala transcrita na íntegra do vídeo “Cidade Tecnológica - Exto | 2019”. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=vpg2uG2EF6I> Acessado em:28/07/2023.

Figura 38 – Proposta volumétrica das edificações da Cidade Tecnológica:



Fonte: Site “Cidade Tecnológica” by Exto Incorporação e Construção.
Disponível em: <http://cidadetecnologica.com.br/>.

A Cidade Tecnológica não se limita a ser apenas um lugar para viver e trabalhar; é um laboratório dinâmico onde os limites do conhecimento são desafiados e redefinidos constantemente. O projeto é fundamentado na noção de que a tecnologia não é apenas uma ferramenta, mas sim um motor de transformação e progresso.

Para César Mello, proprietário da Innovact e encarregado pela execução e mediação da Cidade Tecnológica, “Estar na Cidade Tecnológica, significa estar em um território de excelência, significa você ter acesso a excelência, mão de obra qualificada, sinergia tecnológica, capacidade laboratorial, ou seja, significa que você tem projeção global.” (ATSJC, 2019, p. 35)

Superando a proposta do sistema BRT, em questões técnicas e contratuais, o projeto da Linha Verde também materializa o discurso referente a inovação, quando se molda como uma solução mais adequada para resolução da problemática da mobilidade urbana.

Em suas análises, Foucault (2017) destacou como o poder opera de forma difusa e em constante circulação através do discurso, não se concentrando em pontos específicos ou em mãos restritas, mas sim funcionando como uma rede na qual os indivíduos são tanto transmissores quanto receptores de sua influência.

> O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação, nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. (FOUCAULT, 2017)

Ainda, Foucault (2017), relatou como certas práticas discursivas ajudam a criar e reforçar normas sociais, instituições e hierarquias. O discurso não é apenas uma forma de expressão de ideias, mas também uma ferramenta que molda e organiza o conhecimento, influenciando a maneira como entendemos o mundo.

Desse modo, as variadas manifestações de poder exercem influência sobre o corpo, os gestos, as atitudes, os comportamentos, os hábitos e os discursos. Essas formas de poder também orientam os enunciados considerados como "verdades", mantendo e difundindo os padrões apropriados e corretos que devem ser seguidos nas interações sociais. Esses padrões não são necessariamente impostos por leis, mas são estabelecidos através do consentimento dos sujeitos em relação aos discursos considerados como "verdadeiros".

Ao serem questionados sobre o que os satisfazia ao trabalhar no ambiente do Parque Tecnológico, os participantes da pesquisa compartilharam perspectivas que ilustram a essência das práticas discursivas desse ecossistema inovador. Suas respostas não apenas refletem uma visão singular sobre suas experiências, mas também revelam que a satisfação, para muitos, advém da oportunidade de estar imerso em um ambiente impregnado de conhecimento, criatividade e progresso.

Por essa visão, o Parque Tecnológico se constitui não é apenas um local de trabalho, mas sim um cenário onde as fronteiras do conhecimento são desafiadas diariamente. É um ambiente propício para o florescimento de ideias revolucionárias e para a transformação de conceitos inovadores em realidade tangível.

> **Participante VS:** Ai eu gosto bastante da inovação aberta, que é o que eu já faço. Ai [...] eu gosto de estar em contato com as pessoas também nessas reuniões de alinhamento, acho que é uma troca muito bacana que a gente tem. As trocas de conhecimento, as reuniões que têm com o próprio líder. Então, eu aprendi muito, eu gosto desses alinhamentos internos assim, acho bem bacana e importante para o desenvolvimento. Tanto que eu vejo nítida a diferença de como eu entrei e o meu desenvolvimento até hoje. Então, essas são coisas que eu mais gosto, mais me chamou a atenção.
>
> **Participante DV:** [...] o que eu gosto: do ambiente, trabalhar com o desenvolvimento de tecnologias de inovação, competitividade e tudo mais, é o aprendizado, a gente aprende muito! [...]
>
> **Participante ME:** eu gosto da flexibilidade de conteúdo, *né*. Gosto sempre de poder estar aprendendo uma coisa nova. Acho maravilhoso!
>
> **Participante CM:** E eu gosto muito desse ambiente de inovação. É uma coisa que me atrai. Eu acho que assim, você poder entregar, *né*, assim, algo para a sociedade de valor, *né*, inovador, assim, uma nova metodologia, é... traz muito valor, *né*.
>
> Olha, eu acho que você ter a realização de sonhos. *Né*, eu acho que isso é bacana! Eu acho que assim, a gente aqui como, como um ecossistema de empreendedorismo e inovação. *Né*, assim, tem o pequeno, tem uma startup que tem uma ideia de negócio e eu quero arriscar, quero entender e

> quero tentar. Eu já tenho uma empresa que ela já está madura, mas ela precisa alavancar e escalar, e ela precisa receber investimentos. Eu preciso me conectar a um ecossistema que possa me fazer isso. Players, me apresentar esses players. E eu também tenho grande indústrias e multinacionais, *né*. Que hoje eu não consigo desenvolver P&D dentro dessas ambientes fabris e eu preciso de estar em um ambiente aberto, um ambiente onde é [...] reuniões de time, de engajamento aconteça para entregar uma solução muitas vezes, né. E eu não consigo desenvolver em um ambiente de fábrica, né. Então, assim, por ser um ambiente aberto, assim, o Parque ser um ambiente aberto gera muito essa, esse resultado positivo, *né*, de gerar mesmas, assim, inovação, tecnologia e empreendedorismo.
>
> **Participante AS:** É o desafio, de você dar um passo. De eu saber que eu estou me desenvolvendo na minha carreira. E eu acho que isso abre portas no médio, longo prazo. Eu posso, se eu me desenvolver bem na questão da gestão, eu consigo [...]

Nesse contexto, a inovação surge como uma força motriz, uma força que impulsiona o desenvolvimento e alimenta a chama da criatividade. Os participantes da pesquisa expressam um profundo apreço pela oportunidade de fazer parte de um ambiente que valoriza e incentiva a busca por soluções inovadoras para os desafios do mundo contemporâneo. Suas atitudes refletem não apenas uma satisfação pessoal, mas também um comprometimento genuíno com os valores essenciais que orientam o Parque Tecnológico: a paixão pela inovação e o desejo de fazer a diferença no mundo.

Como última discussão dos resultados, é válido ressaltar que apesar de ser considerada controversa[41], a teoria do autor Richard Florida foi incorporada à pesquisa devido à notável influência de suas ideias nas ações do Parque Tecnológico de São José dos Campos, que se revelaram alinhadas com os princípios de Florida (2011). Esses princípios enfatizam a importância da atração e retenção de talentos como elementos essenciais para o desenvolvimento econômico e a promoção da inovação. Desse modo, o PqTec atua com:

---

[41] Alguns críticos, levantam dúvidas sobre a generalização das ideias de Florida, argumentando que as estratégias bem-sucedidas em certas cidades podem não ser aplicáveis em outras devido à diversidade de contextos urbanos. Florida frequentemente menciona cidades específicas em seus trabalhos, destacando aquelas que, segundo suas teorias, prosperaram ao adotar políticas que promovem a inovação, a diversidade e o ambiente cultural, como Nova York, Baía de São Francisco, Austin, Boston, Los Angeles, entre outras.
Além disso, há autores (KOTKIN, 2014) que questionam a relação direta entre a atração da "classe criativa" e o sucesso econômico das cidades, sugerindo que essa conexão pode não ser tão clara como sugerido por Florida. Eles alertam que a ênfase excessiva no papel da classe criativa pode contribuir para o surgimento de desigualdades socioeconômicas. À medida que as cidades se esforçam para atrair e manter profissionais altamente qualificados, o custo de vida tende a aumentar, o que pode excluir grupos socioeconômicos mais vulneráveis. Isso, por sua vez, pode desencadear processos de gentrificação, expulsão de moradores de baixa renda e aprofundamento das desigualdades espaciais.

1. Suas redes sociais buscando construir um perfil de trabalhador empreendedor, cuja satisfação e realização profissional garantem a produtividade e o desempenho eficaz dos colaboradores, além de impulsionarem a mobilização de talentos, oferecendo visibilidade e status. Isso está alinhado com a teoria de Florida, que destaca a importância de um ambiente que valorize a criatividade e a satisfação profissional para atrair e reter talentos.

2. Seu ambiente físico buscando proporcionar espaços mais dinâmicos, acolhedores, propícios para a troca, sinergia e criatividade, semelhante ao que Florida descreve em relação aos espaços de trabalho modernos que estimulam a interação criativa e o encontro casual, fomentando a vitalidade urbana.

> Os escritórios de hoje têm um aspecto e uma dinâmica diferentes. A atmosfera de algumas pequenas empresas de alta tecnologia ou design pode parecer totalmente caótica: obras de arte e cartazes ousados que ocupam paredes inteiras, canos ou vigas expostos, lounges e áreas de lazer, sem falar no rock barulhento ao fundo. (FLORIDA, 2011, p.122)

> [...] Malcolm Gladwell conectou a configuração do novo espaço de trabalho às teorias de vitalidade urbana de Jane Jacobs. [...] O novo ambiente de trabalho, assim como o West Village de Jacobs, estimula a interação criativa por ser propício ao “encontro casual e nada intimamente.
>
> [...] O novo espaço de trabalho reflete a ideia de Jacobs, de que as pessoas são a fonte de criatividade, e explora o desempenho produtivo oriundo da concentração e compartilhamento de espaço. (FLORIDA, 2011, p.125-127)

3. Suas instituições de ensino e pesquisa, desempenhando um papel crucial como formadoras e provedoras de mão de obra, capazes de ajustar seus currículos de acordo com as demandas do mercado, preparando os alunos a desenvolverem habilidades sociais, criatividade, pensamento crítico e resolução de problemas - habilidades essenciais para ambientes de inovação e empreendedorismo. Esse alinhamento reflete a ideia de Florida sobre a importância de investir em educação e desenvolvimento de habilidades para fomentar a inovação e o empreendedorismo.

4. O projeto da Cidade Tecnológica visando fornecer serviços e comércio em uma área carente dessas instalações. Além de reter a mão de obra qualificada na região, ao mesmo tempo em que confere prestígio ao Parque como um centro de excelência em inovação, atraindo profissionais qualificados. Essa iniciativa está alinhada com a teoria de Florida, que destaca a importância de criar um ambiente atrativo e prestigioso para profissionais qualificados.

5. O projeto da Linha Verde visa resolver a questão da mobilidade, que é um desafio persistente no contexto abrangente do município, mas é crucial para atrair

profissionais para o ambiente do Parque Tecnológico. A capacidade de deslocamento dos usuários é fundamental para garantir que os profissionais se sintam confortáveis em ingressar no ambiente do Parque e contribuir para sua comunidade de talentos. Esse esforço está alinhado com a visão de Florida sobre a importância de criar um ambiente urbano que seja acessível e conveniente para os talentos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Durante a transição do século XX para o XXI, foram observadas transformações significativas impulsionadas pela globalização e pela revolução tecnológica, as quais redefiniram interações, processos produtivos e estruturas organizacionais em escala global. A globalização, caracterizada por sua natureza multifacetada, promoveu a integração econômica, política, social e cultural em nível mundial, diminuindo barreiras geográficas e fomentando uma interconexão sem precedentes entre diferentes regiões do mundo. Por sua vez, a revolução tecnológica, marcada pelo avanço em campos como informática, telecomunicações e digitalização, transformou radicalmente nosso modo de vida e práticas laborais, estabelecendo uma aldeia global virtual e proporcionando acesso irrestrito à informação e comunicação instantânea.

Essas mudanças estruturais acarretaram repercussões profundas no domínio laboral e na configuração socioeconômica, catalisando um processo de reestruturação produtiva no qual métodos de produção tradicionais foram substituídos por abordagens mais ágeis e descentralizadas. Nesse contexto, a inovação emergiu como componente essencial para estratégias competitivas em um ambiente empresarial cada vez mais volátil, exigindo habilidades adaptáveis e inovadoras dos trabalhadores para se manterem relevantes em um mercado em constante evolução. No entanto, essas transformações também apresentam desafios significativos, como a obsolescência de profissões tradicionais, a precarização do emprego e o aumento das desigualdades sociais. A adaptação a esse novo paradigma requer investimentos robustos em educação, capacitação profissional e políticas públicas que incentivem a inclusão e resiliência diante das mudanças.

Nesse contexto, os ecossistemas de inovação e empreendedorismo, representados nesta pesquisa pelo Parque Tecnológico de São José dos Campos, surgem como resposta estratégica às demandas contemporâneas por inovação e competitividade. Esses ambientes propícios à pesquisa, desenvolvimento e empreendedorismo tecnológico buscam catalisar a interação entre empresas, instituições de ensino e pesquisa, e órgãos governamentais, impulsionando não apenas a economia local, mas também fortalecendo a posição da região como um polo de excelência em tecnologia e inovação.

A pesquisa em questão se debruçou sobre as novas dinâmicas de trabalho à luz dos ecossistemas de inovação e empreendedorismo, concentrando-se especialmente

no Parque Tecnológico de São José dos Campos – SP. O objetivo primordial foi investigar como esse parque atua como um agente de transformação do mundo do trabalho, ao se alinhar e validar as novas diretrizes impostas pelo capitalismo neoliberal por meio de suas diversas ações e estratégias.

A análise revelou uma interseção complexa e multifacetada entre as transformações no mundo do trabalho e os ecossistemas de inovação. Essa interação não apenas reflete, mas também influencia os contornos do ambiente laboral contemporâneo.

Primeiramente, nota-se que as estratégias adotadas pelo Parque Tecnológico, alinhadas com as novas dinâmicas do mundo do trabalho influenciadas pelo capitalismo neoliberal, são claramente evidenciadas em seu ambiente físico e nas publicações de suas redes sociais. Os espaços do PqTec buscam refletir os discursos de sinergia, flexibilidade e inovação, evidenciados em sua arquitetura e design, enquanto suas redes sociais ofertam mensagens de cunho motivacional que moldam seus usuários.

Desse modo, ao incorporar diversas abordagens que enfatizam a flexibilidade, a resiliência, a excelência e a motivação individual, o PqTec não apenas visa atrair talentos e investidores, mas também reforça a ideologia neoliberal e normaliza suas práticas no ambiente de trabalho.

Em segundo lugar, os efeitos dessas estratégias são perceptíveis nas experiências e percepções dos trabalhadores. As falas dos trabalhadores refletem uma valorização da inovação, do empreendedorismo e da flexibilidade promovidos pelo ambiente do Parque. No entanto, é importante destacar que esses discursos coexistem com realidades distintas, especialmente no que diz respeito às relações de trabalho. Fica evidente que as condições de trabalho para os trabalhadores contratados como CLT são menos precárias em comparação com aqueles contratados como PJ.

A dicotomia entre a promessa de oportunidades geradas pela inovação e as realidades muitas vezes desfavoráveis enfrentadas pelos trabalhadores evidencia uma tensão fundamental no cerne do capitalismo neoliberal.

Além disso, considerando que a mão de obra qualificada é amplamente reconhecida como um dos principais impulsionadores da inovação e do empreendedorismo, a análise dos resultados revelou que o Parque Tecnológico opera com o objetivo específico de atrair e reter talentos em seu ambiente, buscando promover o

crescimento econômico, conforme sugerido por Richard Florida. Este propósito é realizado por meio de várias iniciativas, tais como suas instituições de ensino e pesquisa, que embora não expressem significativamente a dinâmica da Tripla Hélice, desempenham um papel crucial na formação e no fornecimento de mão de obra qualificada; suas redes sociais, que visam influenciar e mobilizar talentos; seu ambiente físico, projetado para facilitar a interação, a sinergia e a criatividade; a Cidade Tecnológica, que visa preencher lacunas de serviços e comércio na região e reter mão de obra qualificada; e o projeto da Linha Verde, que facilita o acesso ao Parque.

Diante dessas constatações, torna-se evidente a necessidade de problematizar e questionar as narrativas hegemônicas que legitimam e naturalizam as desigualdades presentes nos ambientes de inovação. A análise crítica das práticas e discursos dominantes constitui uma etapa fundamental para a promoção de mudanças efetivas e a construção de ambientes de trabalho mais justos, equitativos e inclusivos.

Nesse sentido, é crucial repensar o papel dos ecossistemas de inovação e empreendedorismo não apenas como motores de crescimento econômico, mas também como agentes de transformação social. O desenvolvimento de políticas e estratégias que visem promover a diversidade, a equidade de gênero e o acesso igualitário às oportunidades de desenvolvimento profissional e pessoal é fundamental para construir uma sociedade mais justa e sustentável.

Além disso, é importante reconhecer o papel fundamental do Estado na promoção do desenvolvimento tecnológico e na regulação dos mercados de trabalho, garantindo a proteção dos direitos trabalhistas e promovendo a inclusão social e a coesão territorial.

Em última conclusão, a investigação sobre os ecossistemas de inovação e empreendedorismo, como o Parque Tecnológico de São José dos Campos, oferece uma oportunidade única para compreender as complexas interações entre trabalho, tecnologia e sociedade em um contexto de rápida transformação. Ao desvelar as contradições e ambiguidades presentes nos discursos e práticas desses espaços de inovação, desafia-se o repensar sobre as concepções de trabalho, poder e justiça social e a buscar novas formas de organização e convivência que promovam o bem-estar e a dignidade de todos os indivíduos.

Limitações, sugestões para pesquisas futuras e contribuições:

A pesquisa está intrinsicamente ligada ao pesquisador, e as dificuldades enfrentadas por este refletem diretamente no desenvolvimento da pesquisa, podendo ser consideradas como limitações. Questões teóricas, desafios na redação e limitações no conhecimento científico e metodológico são exemplos dessas dificuldades.

Algumas limitações identificadas na pesquisa remontam ao seu início, originando-se das escolhas e definições feitas durante a fase inicial de elaboração do projeto de pesquisa. Por exemplo, a ausência de uma compreensão aprofundada do fenômeno estudado, relacionado às transformações no mundo do trabalho, a partir de uma perspectiva epistemológica, pode ter resultado em possíveis incongruências teóricas e metodológicas, devido à falta de familiaridade com diversas bases epistemológicas.

A opção da pesquisadora por adotar uma abordagem exclusivamente qualitativa e de natureza exploratória representa outra limitação da pesquisa. Isso ocorre devido à baixa generalização dos resultados, à amostra reduzida (composta por 13 participantes) e à dependência da interpretação e análise dos dados pela pesquisadora/entrevistadora, introduzindo um grau de subjetividade nos resultados do estudo.

Como sugestão para pesquisas futuras, é recomendável explorar o fenômeno por meio de uma abordagem de métodos mistos (*mixed methods*) (CRESWELL e CLARK, 2011). Esta estratégia combina elementos de métodos quantitativos e qualitativos em um único estudo. Ao integrar ambos os métodos, essa abordagem visa aproveitar as vantagens de cada um, possibilitando uma compreensão mais holística, profunda e integrada do fenômeno em estudo. Além disso, oferece a oportunidade de alcançar confirmação (corroboração/convergência) e/ou complementaridade (adição/incrementação) entre os dados coletados.

A combinação de métodos mistos pode ocorrer em diferentes estágios da pesquisa, como a coleta simultânea ou sequencial de dados quantitativos e qualitativos, e a análise integrada dos resultados.

Recomenda-se que as pesquisas futuras adotem uma abordagem com implementação sequencial. Isso implica iniciar com uma fase qualitativa, onde as entrevistas com os participantes forneceriam informações detalhadas e perspicazes. Posteriormente, seguir para uma abordagem quantitativa, utilizando questionários

estruturados (com perguntas fechadas) para realizar uma análise quantitativa (Survey). Esse método permitiria quantificar características ou até mesmo o comportamento dos participantes de forma mais sistemática e abrangente.

Outra restrição enfrentada pela pesquisa foi a seleção do Parque Tecnológico como estudo de caso único, visando investigar a hipótese relacionada ao seu papel como instrumento na validação das novas lógicas de trabalho. No entanto, dentro do âmbito de uma pesquisa exploratória, essa escolha dificulta a categorização do estudo de caso único como representativo de um caso típico ou de um caso raro, conforme preconizado por Yin (2003).

Além disso, essa particularidade exacerbada que tornou o PqTec um estudo de caso único, limitou as oportunidades de estabelecer “olhares cruzados”, comparações e identificação de similaridades e peculiaridades de cada estudo de caso, no fenômeno analisado.

Uma sugestão para pesquisas futuras é conduzir um estudo de casos múltiplos, o qual possibilitaria comparações e distinções entre o Parque Tecnológico de São José dos Campos e outros objetos analisados. De acordo com Herriott & Firestone (1983), apud Yin (2003, p. 68), o estudo de casos múltiplos apresenta vantagens notáveis. Os autores argumentam que as evidências provenientes de casos múltiplos tendem a ser mais convincentes, conferindo assim uma maior robustez ao estudo global.

Dentre os objetos de análise que poderiam ser considerados em futuras pesquisas, destaca-se o Parque Patricios, localizado em Buenos Aires, como uma opção promissora. Este parque tecnológico têm o potencial de fortalecer os laços do convênio internacional entre Brasil e Argentina, sobre dinâmicas do mundo do trabalho e dos territórios nos países do Cone Sul.

Durante a fase de coleta de dados por meio de entrevistas em profundidade, também foram identificadas limitações da pesquisa.

É importante salientar que, mesmo com medidas de confidencialidade aplicadas às informações fornecidas pelos participantes, descritas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi entregue aos participantes, não se consegue garantir que as respostas obtidas estejam totalmente livres de viés por parte dos entrevistados, o que pode afetar a compreensão do valor percebido. Como sugestão, recomenda-se ampliar o número de participantes para que qualquer viés seja minimizado.

Ainda, inicialmente na coleta de dados, a intenção era realizar entrevistas com 15 participantes, distribuídos em três grupos de 5, de acordo com o porte da empresa em que trabalham. No entanto, a dificuldade de estabelecer contato direto com os participantes, em especial pelo formato não presencial, impediu de alcançar o número desejado.

O contato com os participantes estava inicialmente sendo conduzido por meio de mensagens via e-mail das empresas residentes no Parque Tecnológico. No entanto, essa abordagem frequentemente esbarrava na empresa, não conseguindo atingir diretamente o trabalhador. Diante desse desafio, optou-se por uma mudança na estratégia, passando a utilizar as redes sociais como meio de contato.

Através das redes sociais, especialmente o LinkedIn, foi possível identificar os profissionais associados às empresas residentes no Parque Tecnológico e estabelecer contato direto com eles. Entretanto, essa abordagem também se mostrou restritiva, limitando o alcance a um número específico e a uma variedade reduzida de perfis de trabalhadores, devido à possibilidade de contatar apenas aqueles cujos perfis estavam vinculados à empresa na rede social do LinkedIn.

Diante dessas limitações e dificuldades, considerou-se pertinente e enriquecedor adicionar ao grupo de participantes da pesquisa colaboradores da Associação Parque Tecnológico de São José dos Campos (APTSJC). Isso se deve principalmente devido à maior facilidade de contatar esses profissionais, bem como ao fato de que eles atuam no ambiente físico do parque e possuem uma vivência mais ampla e prolongada no local, o que representou uma contribuição valiosa para a pesquisa.

Além disso, optou-se pela aplicação de questionários contendo as perguntas do roteiro, a fim de ampliar o número de participantes da pesquisa. Os questionários foram administrados por meio do aplicativo de gerenciamento de pesquisas - Google Forms, o que permitiu aos participantes acessarem as perguntas e responderem com maior flexibilidade de tempo e local.

Entretanto, os questionários também enfrentaram desafios. A qualidade das respostas foi comprometida, uma vez que estas eram mais breves e concisas. Adicionalmente, houve casos em que alguns participantes deixaram perguntas sem resposta, fato que não ocorreu durante as entrevistas. Para futuras pesquisas, sugere-se a realização de entrevistas presenciais com os participantes, enquanto os questionários continuariam sendo utilizados como meio para obter dados quantitativos.

Apesar das limitações evidenciadas, principalmente nas questões metodológicas, ao investigar as novas dinâmicas do mundo do trabalho nos ecossistemas de inovação e empreendedorismo e analisar o Parque Tecnológico de São José dos Campos, acredita-se que com as sugestões mencionadas acima, esta pesquisa possui um grande potencial para expandir e dar continuidade ao seu escopo. Ademais, ela pode contribuir significativamente para a prática profissional de Arquitetura e Urbanismo.

No contexto do planejamento urbano e do desenvolvimento de parques tecnológicos, a pesquisa proporciona entendimentos valiosos sobre a concepção e implementação do Parque Tecnológico de São José dos Campos. Esses entendimentos refletem as exigências do mercado de trabalho contemporâneo, caracterizado pela globalização e pela competitividade, e destacam as estratégias de planejamento urbano que promovem o surgimento de áreas urbanas dedicadas à inovação, exemplificadas pelos projetos do distrito de inovação, a Cidade Tecnológica, e de mobilidade, a Linha Verde. Esses entendimentos são fundamentais para a reflexão crítica de arquitetos e urbanistas que buscam criar ambientes que promovam a inovação, a colaboração e a qualidade de vida dos trabalhadores do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Plataformas digitais e uberização: Globalização de um Sul administrado?. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 12-26, abr./jul. 2020.

ALVES, Giovanni; ANTUNES, Ricardo. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. In: _____. **Educação e Sociedade** - SciELO. vol. 25, n. 87. Campinas: Editora CEDES. 2004. p. 335-351. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

_____ **Infoproletários:** Degradação Real do Trabalho Virtual. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

_____ **O Privilégio da Servidão**: O Novo Proletariado de Serviços na Era Digital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

_____ (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.** São Paulo: Boitempo, 2020.

ANPROTEC (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores). **Parques Tecnológicos no Brasil** - Estudo, Análise e Proposições. In: Revista ANPROTEC, ABDI, 2008. Disponível em: <http://www.anprotec.org.br/ArquivosDin/estudo□parques_pdf_16.pd>

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório da gestão 2009 – 2016**. São José dos Campos, 2016. 75 p. Disponível em: <https://www.sjc.sp.gov.br/transicao/SIDE/Relat%C3%B3rio%20PqTec%202009-2018/Relat%C3%B3rio%20APTSJC_2009-2016.pdf>

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório Anual 2017**. São José dos Campos, fev. 2018. 51 p. Disponível em: < https://pitsjc.org.br/download/relatorio-de-atividades-2017/>

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório de Atividades 2017 - 2018**. São José dos Campos, mar. 2019. 131 p.

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório Anual 2018**. São José dos Campos, mar. 2019. 53 p. Disponível em: <https://pitsjc.org.br/download/relatorio-de-atividades-2018/>

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório Anual 2019**. São José dos Campos, 2020. 54 p. Disponível em: <https://pitsjc.org.br/download/relatorio-de-atividades-2019/>

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório Atividades 2019 - 2020**. São José dos Campos, mar.2021. 71 p. Disponível em: <https://pitsjc.org.br/download/relatorios-de-atividades-2019-2020/>

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório de Execução Anual 2020**. São José dos Campos, mar.2021. 329 p.

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório de Execução Anual 2020**. São José dos Campos, mar.2021. 329 p.

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório Anual 2020**. São José dos Campos, 2021. 72 p. Disponível em: < https://pitsjc.org.br/download/relatorio-de-atividades-2020/>

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório Atividades 2021**. São José dos Campos, mar. 2022. 67 p. Disponível em: <https://pitsjc.org.br/download/relatorio-de-atividades-2021/>

ASSOCIAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (APTSJC). **Relatório Atividades 2022**. São José dos Campos, mar. 2023. 70 p. Disponível em: < https://pitsjc.org.br/download/relatorio-de-atividades-2022/>

AZEVEDO, Vanessa et. al. **Transcrever entrevistas:** questões conceptuais, orientações práticas e desafios. In: Revista de Enfermagem Referência, vol. IV, nº14, Portugal, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3882/388255675017/388255675017.pdf> Acessado em: 02.02.2023.

BERNARDES, Roberto; OLIVEIRA, Alberto de. **Novos territórios produtivos, mudança tecnológica e mercado de trabalho:** o caso de São José dos Campos. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº1, 2002, pp. 99 a 137. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/dados/a/gJC5KFwX73k5XMh7CbgfBDr/?format=pdf&lang=pt> Acessado em: 02.02.2023.

BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. **Local y global:** la gestión de las ciudades en la era de la información. 6. ed. Madrid: Taurus, 1998.

BRASIL. **Lei no 13.467**, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Diário Oficial da União, Brasília, 2017.

CARAYANNIS, Elias; CAMPBELL, David. **‘Mode 3’ and ‘Quadruple Helix’:** toward a 21st century fractal innovation ecosystem. Int. J. Technology Management, Vol. 46, Nos. 3/4, 2009. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3572572/mod_resource/content/1/8-carayannis2009.pdf>

CARVALHO, Sandro Sacchet de. **Uma visão geral sobre a reforma trabalhista.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2017. Disponível em: < https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8130>

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus ternas, conceitos e autores; tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1932953/mod_resource/content/1/CELLARD%2C%20An dr%C3%A9_An%C3%A1lise%20documental.pdf> Acesso em: 15.05.2022.

CIDADE, Lúcia C. F.; VARGAS, Glória M.; JATOBÁ, Sérgio U. S**. Regime de acumulação e configuração do território no Brasil**. Cadernos Metrópole 20, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo 2008. pp.13-35.

COVEY, Stephen R. **Os sete hábitos das pessoas muito eficazes**. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, Brasil, 2003. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4126161/mod_resource/content/1/Os_7_Ha%CC%81bitos_das_Pessoas_Altamente_Eficazes-Stephen_Covey.pdf>

CRESWELL, John W. **Projetos de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

_____**Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p. Disponível em: <https://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/autores/Dardot,%20Pierre/A%20nova%20razao%20do%20mundo%20-%20Dardot,%20Pierre.pdf>

DELLA PORTA, Donatella; KEATING, Michael. **How many approaches in the Social Sciences?** An epistemological introduction. In:_____(org.), Approaches and methodologies in the social sciences: a pluralist perspective. Nova York, Cambridge, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4026697/mod_resource/content/1/Della%20Porta%20e%20Keating%20Cap.%202.pdf> Acessado em: 21.04.2022.

DICKER, Leonardo. **Percepção de valor em sistemas de informação orientados para o pequeno e médio varejo brasileiro.** 2009. 110 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdades de Ciências Empresariais, FUMEC, Belo Horizonte, MG, 2009.

ERBER, Fábio Stefano. **Eficiência coletiva em arranjos produtivos locais indústrias**: comentando o conceito. Nova Economia. v. 18, p. 11-32, jan./abr., 2008. Disponível em: <http:scielo.br/pdf/neco/v18n1/01.pdf> Acesso em: 21.04.2022.

FERREIRA, Mauricio dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salete. A análise do discurso foucaltiana como ferramenta metodológica de pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207-226, jan./mar. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> Acessado em: 25.10.2022.

FIGARO, Roseli. **O mundo do trabalho e as organizações**: abordagens discursivas de diferentes significados. 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault revoluciona a pesquisa em educação.** Perspectiva, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 371 - 389, jul./dez. 2003. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9717/8984> Acessado em: 05.08.2023.

FLICK, Uwe. U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORIDA, Richard. **A ascensão da classe criativa** e o seu papel na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano. Tradução: Ana Luiza Lopes. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2011.

FOULCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1969.

_____. **Sobre a história da sexualidade**. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 243-276.

_____. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalhete. 20ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf> Acessado em: 05.08.2023.

_____. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **Microfísica do poder.** Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FRANCA, Gilberto Cunha. **O trabalho no espaço da fábrica:** um estudo da General Motors em São José dos Campos (SP). Editora Expressão Popular, 2007.

FREY, C., & OSBORNE, M. **The Future of Employment.** How Susceptible Are Jobs to Computerization? Working Paper, Oxford: Oxford Martin, 2013. https://doi.org/10.1016/j.techfore.2016.08.019

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

GIBBS, Graham R. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Kookman: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas S.A. 4 ed., 2002.

HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2001.

_____. **Os Limites do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LIPIETZ, Alain. **O Capital e seu Espaço.** São Paulo: Nobel, 1988

_____. **Audácia.** Uma alternativa para o século XXI. São Paulo, Nobel, 1991.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**; tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

IPPLAN - Instituto de Pesquisa, Administração e Planejamento de São José dos Campos. Projetos funcionais para implantação de sistema de transporte de média capacidade padrão BRT município de São José dos Campos – SP. São José dos Campos, jan. 2014. Disponível em: <https://servicos2.sjc.sp.gov.br/media/422252/projeto_funcional_brt.pdf>

JÚNIOR, Elso Alberti. **Entrevista 10**. [mar. 2021]. Entrevistadores: Sara Marcelino da Silva de Almeida, Sofia Fortunato Costa, Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues, Marcel Fantin e Natália Tamanaka. 1 arquivo de vídeo (1 hora 13 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

KEMP, Simon. Digital 2023: Brasil. **Data Reportal**, 2023. Disponível em: < https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil> Acessado em: 10.08.2023.

MACHADO, Pedro Henrique Faria. **São José dos Campos e das Vocações**: uma análise do ideário empreendedor como projeto de competitividade urbana a partir da década de 1990. Tese de doutorado -

MARIGHETTI, A. **Pólos Tecnológicos e Indústria de Alta Tecnologia:** O caso de São Carlos – SP. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista – UNESP (Faculdade de Ciências e Tecnologia), Presidente Prudente, 2013.

MELLO, César. **Entrevista 09**. [mar. 2021]. Entrevistadores: Sara Marcelino da Silva de Almeida, Sofia Fortunato Costa, Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues, Marcel Fantin e Natália Tamanaka. 1 arquivo de vídeo (1hora 11min 47s). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

MORAES, Maria Teresa. **Solectron fecha fábrica de São José dos Campos**. Folha VALE. In Folha de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2112200210.htm> Acessado em: 20.08.20.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 26ª edição. Ed. Vozes. Petrópolis - RJ, 2007. Disponível em: <https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/300166/mod_resource/content/1/MC2019%20Minayo%20Pesquisa%20Social%20.pdf> Acessado em: 14.05.2023.

ORLANDI, Eni Pucinneli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PASSOS, Izabel Christina Friche. **A análise foucaultiana do discurso e sua utilização em pesquisa etnográfica.** Psicologia: teoria e pesquisa. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/ptp/a/TsLbK3z9wHWGmyrqR6yGpSz/> Acessado em: 30.10.2022.

POZZI, Luiz Antônio. **Entrevista 11.** [mar. 2023]. Entrevistadores: Kamille Benati do Carmo, Marcel Fantin e Matheus de Souza Oliveira da Veiga. 1 arquivo de áudio (2 horas 33 min). Partes da entrevista encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

SARAIVA, Karla**. Outros Tempos, Outros Espaços:** internet e educação. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SANTOS, Bibiano. **Parque Tecnológico**, maior complexo de inovação do país, passa a sediar Avibrás. Site da Prefeitura Municipal de São José dos Campos, 2018. Disponível em:< https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2018/dezembro/19/parque-tecnologico-maior-complexo-de-inovacao-do-pais-passa-a-sediar-o-espaco-avibras/>

SANTOS, Cleiton Pereira. **Acumulação flexível e reorganização produtiva do território:** o caso do Parque Tecnológico Capital Digital de Brasília (PTCD). Brasília: Departamento de Geografia - GEA; Instituto de Ciências Humanas - IH; Universidade de Brasília – UNB, 2016. 214p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 1996.

SILVA, Guilherme Cavalcante. **Inovação a todo custo?** Produzindo uma metodologia de avaliação dos parques tecnológicos do Brasil. In: SySPo, 2021. Disponível em: < https://www.ige.unicamp.br/insyspo/2021/03/02/inovacao-a-todo-custo-produzindo-uma-metodologia-de-avaliacao-dos-parques-tecnologicos-no-brasil/> Acessado em: 30.09.21.

TITTON, Cláudia Pauperio. **Reestruturação produtiva e regeneração urbana.** Anais do I Circuito de debates acadêmicos – IPEA, 2011. Disponível em: Acessado em: 30.09.21.

THOMAZ JUNIOR, Antônio. **Dinâmica Geográfica do Trabalho no Século XXI:** (Limites Explicativos, Autocrítica e Desafios Teóricos). 2009. Tese (livre-docente) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009. Disponível em: < https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/106709>

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2 ed. São Paulo: Bookman, 2003.

YOON, Jungwon W.;, YANG, Joshua SungWoo, & PARK, Han Woo **Quintuple Helix structure of Sino-Korean research collaboration in science**. Scientometrics, 2017.

ZOUAIN, Desirée Moraes. **Parques Tecnológicos:** Propondo um modelo conceitual para regiões urbanas – O Parque Tecnológico de São Paulo. Tese (Doutorado), Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares – IPEN/USP, São Paulo, 2003.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Resolução CNS 510/2016)

Número do CAAE: 58130322.0.0000.5504

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA:

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, da pesquisa "Parque Tecnológico de São José dos Campos: um dispositivo de reformulação do mundo do trabalho", que será realizada sob responsabilidade da pesquisadora Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues, estudante do programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - IAU USP São Carlos/SP, e orientada pelo Prof. Dr. Marcel Fantin.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante e será disponibilizado por meio de correio eletrônico. Este documento deve ser salvo em local seguro e de fácil acesso para uso futuro ou deve ser impresso e guardado.

Por favor, leia com atenção e calma, buscando entender completamente a proposta da pesquisa. Se tiver dúvidas sobre qualquer ponto da pesquisa ou de sua participação, antes ou mesmo depois de concordar em ser participante da pesquisa, você poderá esclarecê-las com os pesquisadores da equipe pelos meios de contato descritos neste Termo. Não haverá qualquer tipo de penalização ou prejuízo se você não quiser participar ou se retirar sua autorização em qualquer momento, mesmo depois de iniciar sua participação nesta pesquisa.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Objetivos: Investigar o papel do Parque Tecnológico de São José dos Campos (PqTec) enquanto um dispositivo ativo que reformula as dinâmicas de trabalho no contexto do município de São José dos Campos/SP.

Contribuições para o estudo: Ao participar da pesquisa, você contribuirá com os estudos sobre as relações entre trabalho e território, permitindo intuir acerca das junções entre a dimensão espacial do trabalho e os processos de subjetivação dos

trabalhadores dentro do contexto do Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP.

Benefícios: Ao participar do estudo, você poderá se beneficiar com a compreensão crítica da realidade de trabalho, ampliando o conhecimento referente as transformações do mundo do trabalho sob as lógicas do capitalismo neoliberal.

Procedimentos: Sua participação no estudo consistirá em conceder, gratuitamente, uma entrevista semiestruturada (baseada em questões previamente definidas pela pesquisadora, além da possibilidade de inclusão de outras questões no decorrer da entrevista), com duração máxima de 1 hora em um único dia. A entrevista será realizada unicamente pela pesquisadora responsável e será registrada em gravação da chamada de vídeo e transcrita para fins de análise na dissertação da referida pesquisadora.

A transcrição da gravação será realizada pela pesquisadora, garantindo que se mantenha o mais fidedigno possível e depois lhe será apresentada para validação das informações.

Armazenamento dos dados desta pesquisa: A pesquisadora assume a responsabilidade de armazenar adequadamente e em segurança todos os dados coletados, seguindo as orientações presentes na Carta Circular nº 1/2021 – CONEP/SECNS/MS sobre LGPD, a fim de promover o anonimato, o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa. Os dados e informações obtidos durante a pesquisa, bem como o presente Termo serão armazenados em um dispositivo eletrônico local e apagados de qualquer registro de qualquer plataforma virtual ou ambiente compartilhado - "nuvem". Somente a pesquisadora responsável e o professor orientador terão acesso a essas informações.

Sigilo e privacidade: Você tem garantia que sua identidade será mantida em sigilo, e dados e/ou informações identificadas ou identificáveis não serão fornecidos a pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados deste estudo, informações que possam identificá-lo(a) não serão mostradas ou publicadas. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua

identificação.

Desconfortos e riscos previstos: A pesquisadora assume a responsabilidade e cuidado naelaboração do conteúdo e no modo de aplicação, a fim de não promover constrangimentos ao participante quanto ao ato de resposta às perguntas, de modo a evitar qualquer possibilidade de danos à "dimensão moral, intelectual, social, cultural ouespiritual do ser humano", conforme Resolução Nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde. As perguntas dizem respeito sobretudo ao trabalho, as funções desempenhadas, a rotina de trabalho, o cotidiano e vivência dentro do Parque Tecnológico e no município, opinião sobre a relação trabalho e território.

Entretanto, sua participação na pesquisa pode gerar cansaço e/ou aborrecimento ao responder as perguntas, desconforto durante a gravação da chamada de vídeo. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer.

Ainda, em função da natureza digital desta pesquisa, não é possível garantir segurança ou sigilo absoluto dos dados, mas todo cuidado será tomado pelos pesquisadores.

<u>GARANTIAS AOS PARTICIPANTES</u>:

Esclarecimentos: Se desejar, você terá livre acesso a todas as informações eesclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, sendo garantido o pleno acesso aos resultados finais ou preliminares, antes, durante e depois da pesquisa.

Direito de recusa a participar e direito de retirada do consentimento: Você tem direito de se recusar a participar da pesquisa e de desistir e retirar o seu consentimento em qualquer momento da pesquisa sem que isto traga qualquer penalidade ou represálias de qualquer natureza e sem que haja prejuízo para você, seja em relação à pesquisadora, à empresa em que trabalha ou ao Instituto de

Arquitetura e Urbanismo IAU USP – São Carlos/SP.

Ressarcimento: Você não terá qualquer despesa por participar desta pesquisa. Caso tenha gastos para participar desta pesquisa fora da sua rotina você será ressarcido integralmente de suas despesas.

Assistência, indenização e medidas de reparação: Você tem direito de buscar indenização e reparação de danos se sentir prejudicado(a) pela participação nesta pesquisa, mesmo se já tiver concordado em participar da pesquisa e assinado TCLE. Esta pesquisa não conta com previsão de indenização ou de medidas de reparo, pois não prevê risco de dano aos participantes da pesquisa. Entretanto, se ocorrerem danos ou prejuízos causados pela participação na pesquisa, o participante terá direito a reparação/indenização, conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Entrega do TCLE: Você receberá por meio de correio eletrônico uma via deste Termo assinado e rubricado em todas as páginas pela pesquisadora responsável.

Forma de contato com os pesquisadores: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores:

Pesquisadora responsável: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues

Telefone: (17) 991966304; (17) 991393265

E-mail: gio_marchesin@hotmail.com

Endereço: Avenida Tarraf, 3352, Portal da Cidade Amiga – Mirassol/SP (CEP 15133-296)

E/ou com o prof. Dr. Marcel Fantin, telefone: (12) 997378439, localizado na Avenida Trabalhador São-Carlense, 400, Centro – São Carlos/SP (CEP 13566-590) e-mail: mfantin@sc.usp.br

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, procedimentos, benefícios previstos, potenciais riscos e desconfortos que

esta pode acarretar, aceito participar e declaro ter recebido este documento assinado pela pesquisadora por meio do correio eletrônico (e-mail) e que manifesto a minha concordância em participar, como voluntário, desta pesquisa:

Nome do(a) participante da pesquisa:

_____

Contato telefônico/e-mail: _____

Data:___/_____/_____.

RESPONSABILIDADE DO(A) PESQUISADOR(A):

Asseguro ter cumprido as exigências da Resolução CNS/MS 466/2012, CNS/MS 510/2016 e complementares na elaboração do protocolo desta pesquisa e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter lido, explicado e fornecido este documento ao participante da pesquisa.

Informo que este estudo foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas.

Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos).

Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos/SP.

Telefone: (16) 3351-9685.

E-mail: cephumanos@ufscar.br.

Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas

e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam.

Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF.

Telefone: (61) 3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br.

Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo(a) participante.

_____

Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues

(Responsável por obter o consentimento)

Data:__/_____/__.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de perguntas[1] destinado aos trabalhadores das empresas residentes

PERFIL DO PARTICIPANTE:

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu estado civil?
3. Você possui filhos?
    a. [se SIM] Quantos?
4. Qual a sua formação? Onde você se formou?

MOBILIDADE E VIVÊNCIA NA CIDADE:

5. Você mora em São José dos Campos?
    a. [se SIM] Há quanto tempo? E em qual bairro?
    b. [se NÃO] Em que cidade/estado você mora?
6. [Se veio de outra cidade para São José dos Campos] De que cidade você veio?
    a. E por que você veio para São José dos Campos?
    b. E por que escolheu morar no bairro (NOME DO BAIRRO)?
    c. Quais são as vantagens e desvantagens que seu bairro apresenta?
    d. Como você desfruta do seu bairro?
7. Com qual meio de transporte você realiza o deslocamento da sua residência até seu trabalho?
    a. Quanto tempo que você gasta para esse deslocamento?

ANÁLISE DO TRABALHO:

8. Qual seu cargo atual?
9. Há quanto tempo está na empresa?
10. O que te motivou iniciar esse trabalho?
11. Anteriormente ao seu trabalho atual você já trabalhava?
    a. [se SIM] Em qual área? Quais funções você desempenhava? E qual era seu vínculo empregatício?
12. Como você foi contratado (a) pela empresa? Houve alguma indicação para o cargo/vaga?
13. [se o entrevistado for MULHER] Você acredita ter tido dificuldades ou vantagens na sua contratação pelo fato de ser mulher?
14. Qual é o vínculo empregatício do seu trabalho atual?

[1] O roteiro de entrevista foi elaborado a partir de perguntas abertas, de modo a evitar o direcionamento das respostas.

15. Você tem benefícios? (exemplos: Férias, vale transporte, vale alimentação, assistência médica e/ou odontológica, 13º salário e previdência)
16. Como é a sua rotina de trabalho? Quais são as suas funções?
17. Você tem um horário de trabalho fixo? Qual a sua carga horária de trabalho?
18. Você é avaliado pelo seu trabalho? [se SIM] Como é essa avaliação?
19. Você utiliza técnicas para gerenciar seu tempo e seu desempenho?
20. O que você mais gosta e o que menos gosta no seu trabalho? Seu trabalho traz satisfação pessoal ou profissional? [se trabalhava anteriormente] Este trabalho é mais ou menos recompensador que o anterior?

PAPEL DO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS:

21. Na sua opinião, quais são as principais contribuições que o Parque Tecnológico oferece aos seus usuários? Em questão de infraestrutura, capacitações e eventos?
22. Você já fez cursos oferecidos pelo Parque Tecnológico? [se SIM] Que tipos de cursos?
23. E você já participou de eventos realizados pelo Parque Tecnológico? [se SIM] Quais eventos?
24. Na sua opinião, quais são as 5 pessoas ou empresas, dentro do Parque Tecnológico, mais influentes (os principais stakeholders)? De que maneira é essa influência?
25. Como é seu ambiente de trabalho? A empresa oferece um espaço para trabalho? [se SIM] Esse espaço é compartilhado ou individual? Ou você trabalha em casa?
26. Quais são as infraestruturas que dão suporte as atividades de trabalho? Algumas dessas infraestruturas são oferecidas pelo Parque Tecnológico?
27. Você utiliza os espaços do parque tecnológico? [se SIM] Quais espaços? E como você usufrui desses espaços? Para o seu trabalho ou para um momento de descanso/pausa do trabalho?
28. Você sente falta de espaços, dentro do Parque Tecnológico, voltados ao lazer e ao descanso?
29. Relatar o cotidiano no parque.
30. Como você projeta o seu futuro profissional? Quais são as suas expectativas futuras pensando na construção de sua carreira?

APÊNDICE C – QUADRO DE CONVEÇÕES PARA AS TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

CONVENÇÕES DAS TRANSCRIÇÕES		
Ocorrências	**Sinais/Comentários**	**Exemplificação**
a) **Pontuação gráfica**	As reticências foram utilizadas para marcar uma pausa breve.	**DS:** Não. Sou [...] sou nascido na Bahia.
b) **Letras maiúsculas**	As letras maiúsculas foram utilizadas em nomes próprios, em siglas, em início de período, após um ponto ou para indicar início de turno de um dos locutores.	**P: Qual que é a sua idade D.?** **DS:** 32 anos.
c) **Caracterização dos turnos**	O turno do entrevistador foi representado pela inicial maiúscula "P", seguida de dois-pontos.	**P:**
	O turno do participante foi representado por suas iniciais maiúsculas, seguidas de dois pontos.	**DS:**
d) **Palavras truncadas**	As palavras truncadas formam representadas pelo uso de reticências entre colchetes.	**DS:** Para mim é meio indif[...] é assim, é meio indiferente.
e) **Linguagem coloquial e interjeições**	Na transcrição foram grafadas em itálico.	*Tá*, *né*, *tô* *Hum, Ah,*
f) **O que a pessoa diz não é audível ou não é compreensível**	Na transcrição colocou-se a informação entre parênteses.	(inaudível) (incompreensível) (informação não identificada)
g) **Falas simultâneas**	As falas simultâneas entre pesquisador e participante foram representadas com a informação entre parênteses.	(falas simultâneas)
h) **Sons não verbais**	Na transcrição colocou-se a informação entre parênteses.	(risos)
i) **Observações do pesquisador**	Na transcrição colocou-se a informação entre colchetes.	[Participante acena com a cabeça em gesto positivo – SIM] [Nome de aplicativo não identificado] [Interrupção]

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

ENTREVISTA 01:

Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Entrevista por chamada de vídeo: plataforma Google Meet
Data da entrevista: 17/08/2022
Data da Transcrição: 11/11/2022
Hora de início da entrevista: 17:10
Duração da gravação: 16min 03s
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: DS

P: Qual que é a sua idade D.?

DS: 32 anos.

P: Você é casado, solteiro?

DS: Casado.

P: Você tem filhos?

DS: Minha esposa *tá* grávida.

P: Opa parabéns!

DS: Obrigado!

P: Já sabe o sexo?

DS: Não, ainda não. Está bem no comecinho ainda.

P: Ah, então, vamos lá que venha para trazer muitas alegrias para você. Seja menino ou menina, ou mais de um, vai saber se não tem mais de um.

DS: É. Por enquanto o ultrassom diz que é um ainda, né vai saber. Vai que descobre mais um.

P: Eu tive a surpresa de na hora do ultrassom falarem que eram dois.

DS: Legal.

P: Então, está certo. **Você mora em São José mesmo?**

DS: São José.

P: Você é de São José?

DS: Não. Sou [...] sou nascido na Bahia.

P: Você está a quanto tempo em São José?

DS: Acho que vai para 10 anos. (Volta o olhar para cima, pensativo)

P: Você pode me falar em que bairro você está morando?

DS: Eu moro no [...] mora no Jardim Ismênia.

P: E por que você escolheu esse bairro?

DS: *Hã.* Na ocasião minha esposa morava próximo. Ela trabalhava próximo de lá. Então, foi basicamente por causa disso.

P: E você veio para São José para trabalhar no Parque ou não?

DS: Não. Eu vim para São José para estudar, para fazer mestrado.

P: Dentro do seu bairro, você vê vantagens ou desvantagens?

DS: *Hã* [...] pra mim, não faz [...] é meio indif[...] é assim, é meio indiferente tá. Assim, não é um bairro que [...] vamos dizer assim, já morei em dois bairros aqui em São José só. Morei onde eu moro hoje e morei no Satélite. O Satélite é muito mais amplo em infraestrutura *né*, mas lá no meu bairro tem uma estrutura razoável. É muito perto do centro, 15 minutos você está no centro. Vejo vantagem assim, eu moro do lado do poliesportivo do bairro e a parte de arborização do bairro eu também gosto, é bem-feita. Têm dois parques do lado então duas pracinhas grandes boas perto do prédio em que eu moro. Então, eu valorizo esse tipo de coisa!

P: Você acaba desfrutando desses espaços do seu bairro?

DS: Sim.

P: Do meio de transporte, como você se desloca da sua casa até o Parque Tecnológico?

DS: Veículo próprio. No caso, atualmente, eu venho de moto.

P: E você sabe, mais ou menos, quanto tempo você gasta?

DS: Depende do apetite que estou para andar na moto. Em média, de 10 a 15 minutos.

P: Você é formado em que D.?

DS: Eu sou formado em Engenharia Aeronáutica, tenho mestrado em Engenharia de Materiais e MBA em Gestão de Projetos.

P: E você se formou ai em São José?

DS: Me formei na UNITAU – Taubaté.

P: Qual é seu cargo?

DS: Hoje eu estou como Gerente de Operações e Programas.

P: Você está a quanto tempo na empresa?

DS: Desde fevereiro.

P: Fevereiro desse ano agora?

DS: Isso.

P: E o que te motivou a iniciar esse trabalho?

DS: Na verdade, eu estava em transição de carreira mesmo. Então, eu trabalhava em uma empresa lá no lago da Chácara Semitas até início de 2021, mas eu já estava buscando uma transição de carreira. Então, eu me desliguei da empresa que eu estava, passei um período trabalhando com outras coisas, buscando... trabalhando com consultorias por um tempo e aí eu achei oportunidade dentro do perfil de carreira que eu estava procurando aqui.

P: Você pode me descrever como é sua rotina, suas funções, o que você faz?

DS: *Tá*, vamos lá. Esse é uma parte mais sensível, porque a empresa trabalha na área de defesa em geral. Bem sensível! Então, eu vou ter que ser bem generalista! Eu hoje trabalho gerenciando dois setores principais da empresa. Uma parte que é a parte de programas, né, que são os projetos, a equipe que gerencia os projetos e eu trabalho gerenciando a equipe que gerencia as operações da empresa, então toda a produção e o processo logístico. Então, são de forma genérica, eu diria que seria isso.

P: Você tem um horário fixo de trabalho ou não? Qual é a carga de trabalho?

DS: Então, o horário padrão é das 8 às 17, mas a gente tem flexibilidade. A empresa trabalha de forma híbrida. Então, tem a flexibilidade de estar ou não aqui em loco.

P: Você é avaliado pelo seu trabalho?

DS: Sim. A gente tem um processo de PDI na empresa.

P: Você utiliza alguma técnica de gerenciamento de tempo?

DS: Individualmente, como eu trabalho com gestão, a gente tem muitas coisas que a gente usa, então ficaria difícil, trabalho com cronogramas, trabalho com *check list* de atividades, trabalho com sistemas ágeis de Kanban de atividades, então, assim tem bastante coisa.

P: Com relação ao seu trabalho, o que você gosta e o que não gosta?

ME: Vamos lá. Eu faço exatamente o que eu gostaria de fazer né. Então, eu fiz uma transição de carreira para estar exatamente onde eu queria. Então, hoje eu sou muito satisfeito com a posição que eu estou aqui na empresa. Eu teria até dificuldades de dizer coisas que eu não gosto, porque está bem alinhado ao meu propósito hoje na função que eu estou exercendo aqui.

P: Na sua opinião, quais as principais contribuições que o Parque Tecnológico trás para os seus trabalhadores? Em questão de infraestrutura, capacitação?

DS: Bom, eu estou a pouco tempo aqui. Infelizmente, a gente vem de um processo pós pandemia. Eu acho que o grande ganho que você tem é a parte de network, porém a ressalva que eu já faço é que hoje esses movimentos que o Parque costumava fazer, de feiras e eventos, eles estão menos constantes do que costumava a ter antes. Então, eu acho que para mim, para o colaborador, os principais ganhos são esses, mas que hoje está um pouco deficitário.

P: Então, você não chegou a fazer algum curso, participou de algum evento?

DS: Não participei, e não tenho conhecimento do Parque ter disponibilizado algum curso para as empresas residentes aqui. Isso também não quer dizer que ele não tenha feito, mas que eu não tomei conhecimento.

P: Em sua opinião, quais são as cinco pessoas ou empresas mais influentes dentro do Parque?

DS: Eu não saberia te dizer se tem exatamente assim empresas que têm mais influência, se eles conseguem acessar melhor o Parque de alguma forma. Se eu falasse seria bem chute. Não sei se existe esse tipo de hierarquia ou preferência do Parque.

Eu sei assim, que quando a gente precisou como empresa fazer contato, acionar ou pediu alguma ajuda do Parque, eles sempre foram solícitos com a gente. Sempre procuram saber o quê que eles poderiam ajudar a empresa, se existia alguma forma que eles pudessem fazê-lo.

P: Qual a infraestrutura do Parque dá suporte para as atividades do seu trabalho?

DS: Sim. A gente tem um laboratório que pertence ao Parque, mas ele é gerido pela empresa que eu trabalho. Então, a gente usa essa infraestrutura compartilhada com o Parque.

P: O seu ambiente de trabalho, você disse que estava híbrido? Estão todos no formato híbrido?

DS: Híbrido a empresa inteira. A política da empresa é essa hoje.

P: Esse espaço é só da empresa, ele não é compartilhado?

DS: Sim, só da empresa.

P: Você utiliza outros espaços do Parque, sem ser da empresa, que você usufrui para descanso? Sem ser para trabalho necessariamente.

DS: Bom. Eu vou falar do trabalho para depois falar o que não é. Se não depois eu esqueço. A gente usa salas de reunião, a gente tem uma sala de reunião própria

aqui dentro da empresa, inclusive eu estou nela, e existem outras disponíveis no Parque para se usar. A gente usa com frequência.

Ambiente de alimentação: tem praça de alimentação aqui que a gente usa e lá a gente tem a possibilidade tanto de usufruir dos restaurantes ou caso a gente traga nossa própria alimentação a gente lá microondas disponíveis para a gente esquentar nosso próprio alimento. E tem alguns espaços aqui para descanso. Nunca usei, mas tem.

P: Esse é mais ou menos seu cotidiano, você chega já vai para a empresa e acaba que não usa esse espaço que eles oferecem?

DS: Sim. No geral, quem eu vejo que usa são mais os estudantes, né, acaba que eles têm intervalos maiores entre as aulas.

P: Como que você vê seu futuro profissional, se você tem alguma expectativa, em questão de carreira?

DS: Bom. Eu me vejo crescendo aqui dentro da empresa, *né*. A gente tem perspectivas de crescimento. A empresa ela vem crescendo bastante nos últimos anos. É uma empresa jovem. Então, eu acho que é mais isso a evolução profissional aqui dentro mesmo, andar aí outras etapas de crescimento dentro da empresa.

ENTREVISTA 02:

Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Entrevista por chamada de vídeo: plataforma Google Meet
Data da entrevista: 01/11/2022
Data da Transcrição: 20/12/2022
Hora de início da entrevista: 16h30
Duração da gravação: 28min 34s
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: VS

P: Qual a sua idade?

VS: Tenho 22 anos.

P: Qual o seu estado civil?

VS: Soleira.

P: Você possui filhos?

VS: Não.

P: Você mora em São José dos Campos?

VS: Sim.

P: Você é de São José ou você veio para São José?

VS: Eu sou de São José mesmo, eu nasci aqui, fui criada e moro aqui até hoje.

P: Qual bairro que você mora?

VS: Parque Novo Horizonte.

P: Em geral qual meio de transporte você usa para o deslocamento da sua residência até seu trabalho?

VS: Geralmente, é o transporte público – ônibus, ou então um carro de aplicativo – 99 ou outro.

P: E quanto tempo, mais ou menos em média, você gasta para esse deslocamento?

VS: Olha de ônibus, dependendo assim do horário, uma hora e meia, duas horas. E de carro, assim, *oh* você vai ver a diferença, dez, quinze minutos no máximo.

P: Gente que diferença!

VS: É bem contramão. É perto. Eu moro perto, mas é bem contramão.

P: O ônibus deve fazer mil e quinhentas voltas.

VS: No caso, eu tenho que pegar três ônibus, por isso.

P: Por isso. Entendi. E nesse trajeto também tem o tempo de espera de um ônibus para o outro.

VS: Sim.

P: Nossa que dureza. **Qual a sua formação?**

VS: Eu sou Tecnóloga em Logística.

P: E você se formou onde?

VS: Na FATEC. FATEC São José dos Campos.

P: Seu cargo é qual atualmente?

VS: Assistente de projeto.

P: Há quanto tempo está no PqTec?

VS: Então, como estágio, eu iniciei em fevereiro, aí eu fui efetivada recentemente, agora em setembro.

P: Ai que legal. Parabéns!

VS: Obrigada. Eu estou no Parque Tecnológico desde fevereiro, mas como assistente, realmente, é pouco tempo, vai completar um mês ainda.

P: O que te motivou iniciar esse trabalho?

VS: Bom... tem bastante integração *né* com a logística de fato. Então, a parte de tecnologia e inovação que me chamou muita atenção. Então, a logística acabou complementando o conhecimento que eu tinha, acabou complementando já para essa área. Então, confesso que quando eu entrei no parque tecnológico, tipo projeto [...] não tinha muito ideia assim, mas depois eu fui vendo como a importância, *né* qual o impacto disso para as empresas. Então, eu acabei desenvolvendo muito assim parque tecnológico e iniciei também um mestrado em inovação tecnológica, como aluna especial. Então, acabou coincidindo e eu me identifiquei muito com essa área.

P: Que legal! Isso é bom, né!

VS: Foi uma boa surpresa, não era algo que eu imaginava, mas eu me identifiquei muito. E eles souberam fazer essa identificação de perfil para que eu pudesse trabalhar aqui.

P: Uma surpresa boa. Porque a gente acaba não sabendo o quanto a gente é múltiplo... a gente não é um pacote fechado. A gente está pronto a aprender outras coisas, novidades... isso é bom!

VS: Sim, sim.

P: Anteriormente você já trabalhava ou não?

VS: Então**,** eu já trabalhei, como o estágio também, mas era em atendimento.

P: Então, era outra área bem diferente. **Antigamente, você tinha que forma de contrato com a antiga empresa? Com esse outro trabalho?**

VS: Era contrato de estágio normal. Não era nada [...]

P: E aí no PqTec qual é o tipo de contrato?

VS: Atualmente, é o CLT.

P: Você recebeu alguma indicação para o cargo ou não?

VS: Não, eu enviei o currículo.

P: Por conta do estágio mesmo, já foi um processo crescente.

VS: Sim.

P: Entendi. **Você tem benefícios? Por exemplo: vale transporte, o Parque te disponibiliza isso, vale alimentação?**

VS: Sim, sim.

P: Ai que bacana. **E qual que é a sua rotina de trabalho? Você pode me contar mais ou menos como é a sua rotina? Se você tem horário fixo? Quais são as suas funções que você desempenha?**

VS: Atualmente, eu entrei no parque para trabalhar com projeto de inovação aberta. Eu estava nesse projeto de inovação aberta, e aos poucos eu fui também introduzindo também a novos projetos de fomento, de capitação de recursos e outros projetos de incentivos fiscais. Claro que só acompanhando né, e agora que eu estou de fato inserindo nesse núcleo de projeto, então está sendo degrau por degrau, está sendo gradativo. Mas, a minha rotina é mais administrar esses projetos mesmo. Dentro desse projeto de inovação aberta, eu tenho outros novos projetos. Então, a gente acaba fazendo esse acompanhamento. Enfim, então é mais agenda de reuniões, mentorias, gerenciar mentorias também, fazer essa programação, também participação em eventos, que nós realizamos eventos no Parque (os galpões). Então, eu faço todo esse acompanhamento e também acabo auxiliando em outros departamentos quando necessário.

P: Entendi. Então, você tem uma multifunção, é multifuncional.

VS: É porque o departamento de projeto ele trabalha em conjunto com os outros também.

P: Ele é bem amplo. Entendi.

VS: Mas eu sinto mais na parte da gerência mesmo, gerenciamento do projeto. Então, eu fico mais na administração, é mais isso mesmo, de agendamento de reuniões, auxílio, mentorias, parte mais de elaborar algumas informações, seria mais estruturar também alguns projetos, é mais um acompanhamento mesmo também, esse bruto ai o pessoal vai aperfeiçoando também, os líderes, enfim.

P: Entendi. Tem as hierarquias?

VS: Sim. Ai eu vou auxiliando.

P: E você tem um horário fixo de trabalho?

VS: Sim. Das 7 às 17:08

P: Você chega a ser avaliada durante o processo de trabalho ou não? Tem algum tipo de avaliação?

VS: Olha oficialmente não. Mas o meu líder ele fica sempre oferecendo *feedback*, a gente tem uma troca bem bacana.

P: Você utiliza durante o seu processo de trabalho algum, alguma técnica de gerenciamento de tempo? Ou é mais livre? Chega uma demanda de atividade e você faz.

VS: Bom, eu tento organizar assim, mas sempre acaba aparecendo uma demanda ou outra e a gente vai encaixando. Mas geralmente eu uso a ordem de prioridade

mesmo, o que tem mais emergência. Sempre acaba aparecendo uma coisinha ou outra e a gente vai encaixando.

P: Exato. **Você pode me dizer o que você mais gosta e o que menos gosta no seu trabalho?** Tem alguma coisa? “Ai isso aqui me motiva.” “Ai isso aqui já nem gosto muito não.”

VS: Ai eu gosto bastante da inovação aberta, que é o que eu já faço. Ai [...] eu gosto de estar em contato com as pessoas também nessas reuniões de alinhamento, acho que é uma troca muito bacana que a gente tem. As trocas de conhecimento, as reuniões que têm com o próprio líder. Então, eu aprendi muito, eu gosto desses alinhamentos internos assim, acho bem bacana e importante para o desenvolvimento. Tanto que eu vejo nítida a diferença de como eu entrei e o meu desenvolvimento até hoje. Então, essas são coisas que eu mais gosto, mais me chamou a atenção.

P: É bom que você tem esse estímulo para crescer né, esse incentivo. Bacana. Agora mais específico, com relação ao Parque: **Na sua opinião, quais são as principais contribuições que o Parque Tecnológico oferece aos seus usuários, de modo geral?** Como você está ai, o que que você vê que o Parque oferece de contribuição para os usuários, seja para as empresas e até mesmo para você. Em questão de infraestrutura, capacitações e eventos?

VS: Acredito que seja um ponto muito forte a infraestrutura de *network*. Então, nós temos uma infraestrutura muito boa, o parque tem uma infraestrutura muito boa para recepção de convidados, visitas, de eventos. Nós temos também a equipe de comunicação que oferece *tour* pelo parque, eles conseguem fazer essa recepção explicar sobre as empresas que estão aqui. Ai você já entra num *network,* porque aqui no parque nós temos muitos eventos. Acredito que para quem acompanha ou vem até esse espaço consegue aproveitar esse momento para conexões e novas oportunidades.

P: Para essa troca mesmo, né.

VS: Isso.

P: Entendi. **Ai eu queria saber se você já fez algum curso que o Parque ofereceu? E se sim, que cursos você fez?**

VS: Bom, eu já realizei alguns treinamentos que tiveram, tiveram no momento da [...] agora me fugiu o nome, mas tem treinamento de LPCD (incompreensível), tem treinamento, ai do que que era? Ai eu tinha aqui [obs. procurava algo no

computador] teve um muito bacana que a gente teve esses dias. Mas olha eu não vou achar... foi tão bom. [...] Ai acho que não vou achar. Mas foi muito bacana sim também. Não que seja um curso do próprio parque, mas que o líder indicou, foi me mostrado assim que eu entrei, eu tive esse conhecimento, ele já começou a me explicar, enfim... e me brilhou os olhos para que eu iniciasse. E hoje eu sou aluna especial do mestrado da Unifesp.

P: Ai que gostoso.

VS: É, então foi muito bacana. Não foi algo do parque, mas quem estava aqui no... participando, o líder no caso, uma indicação dele e que hoje eu realizo essa matéria.

P: Entendi. **Além desses cursos você já participou de algum evento que não era um curso específico?** Porque em outros eventos dentro do parque, sem ser necessariamente voltado para algum curso, alguma capacitação. Você chegou a participar de algum?

VS: Sim, aqui no parque o escritório de negócios, eles também realizam alguns treinamentos. Então, tem dinâmicas internas assim bem... então ... Eu estou tentando achar o nome [...] é alguma coisa com K.

P: Na nossa cabeça já não funciona mais nada.

VS: É agora eu acho que não vou encontrar. Mas foi muito bom, era algo sobre gestão, produção, processo, para organização. Ai entra a questão que você falou se utiliza método para gestão de tempo e atividades, enfim. E é algo que está para ser implementado. Então, eu queria lembrar, eu estou aqui olhando na agenda, mas não estou encontrando, se eu lembrar eu vou te falar.

P: *Tá*, sem problemas.

VS: é que é um nome mais... é um nome diferente.

P: Não, sem problemas. É só para já passando aqui. **Na sua opinião, quais são as 5 pessoas ou empresas, dentro do Parque Tecnológico, mais influentes? Você acha que tem?** 5 pessoas ou 5 empresas que são os mais influentes ai dentro do parque.

VS: Ah, sim. Uma empresa que veio recentemente aqui para o parque, que eu vi que causou bastante impacto, foi o metrô de São Paulo. Foi bem bacana a vinda dele.

P: É recente, não é?

VS: Sim, faz o que? Acho que uns dois meses que eles vieram.

P: Nossa faz pouco tempo.

VS: Sim. É uma outra empresa que tem aqui no Parque Tecnológico é a EMBRAER, eles têm um espaço de pesquisa também, então acredito que tenha também um grande impacto para quem está aqui em volta. Aqui também temos a... PARKER, tem a fábrica, *né*, a unidade deles no polo e também tem o centro de desenvolvimento de inovação aqui dentro do parque tecnológico - então, é bem bacana também. A AUTAZA acredito que seja um case de sucesso para o parque, para o Nexus que é a incubadora do parque tecnológico também. Ela iniciou no Nexus e ela se desenvolveu tanto que hoje ela é uma das residentes. Então, todo mundo que passa ali em frente fica encantado, porque dá ver as máquinas girando entorno do carro, chama bastante atenção. Então, eu acredito que brilha os olhos de quem vê. Quem vem até e talvez tem uma ideia e depois vê que aquela empresa também começou do zero, no Nexus e que hoje ela é uma residente e acaba ai ganhando quem tem também alguma ideia e queira desenvolver.

P: Sim. E cria uma inspiração!

VS: Sim. Aqui no parque também tem o centro de inovação da Nestlé. Então, é o único centro de inovação da Nestlé, e fica no parque tecnológico então todo mundo que passa ai em frente fica brilhando os olhos

P: E só para entender um pouco mais, como **é que seu ambiente de trabalho?** Você trabalha ai no parque mesmo ou você está trabalhando de casa? Eu quero entender se você tem esse espaço dentro do parque para trabalhar. Se é um espaço só seu ou se você divide? Compartilhado, individual? Era mais ou menos isso que eu queria entender o seu ambiente de trabalho dentro do parque!

VS: *Ah* sim. Eu trabalho no parque tecnológico mesmo, não cheguei a de casa nada assim, em *home-office*. Então, a sala onde eu fico tem outras pessoas de outros departamentos que possibilita a conexão. Então, todos os departamentos são bem integrados, eles trabalham muito bem em conjunto, então essas salas onde tem onde tem outros departamentos é bem bacana. E também tem as salas que é do Escritório de Projetos, onde ficam os coordenadores, enfim, e a gente tem livre acesso para ir lá conversar com eles, é uma conexão bem bacana, assim, eles são bem próximos. Além das salas de reunião que a gente tem disponível para uso, as salas também do *hall*, dos centros empresariais também, então essa estrutura aqui é bem bacana para equipe que trabalha em projetos, é bem confortável.

P: Ai, que bom! **Você saberia me dizer quais são as infraestruturas que dão suporte as atividades de trabalho?** Você já falou um pouco, dessa relação de

proximidade com outras equipes também, mas tem alguma estrutura específica que dá suporte

VS: Você diz em equipe ou em ambiente?

P: Ambiente! Por exemplo, eu preciso dessa sala e dessa ou uma mesa e um computador e já me basta.

VS: Bom, eu acredito que da forma que ocorre hoje já é bem bacana. A gente tem essa interação nessa sala onde ficam as pessoas de vários departamentos também é bem bacana. As salas aqui de reuniões também são bem equipadas, algumas possuem televisão, os auditórios também televisores, computador também é de qualidade, não tenho nada do que falar sobre isso. Então, enquanto a isso a disponibilidade de equipamentos, de salas, cadeiras e tudo bem bacana, tipo dá para trabalhar super bem. Não tem nada do que reclamar.

P: *Ah* que ótimo! Bem você utiliza para além desse seu espaço de trabalho, porque pelo que eu li, o Parque tem outros espaços também. **Você utiliza outros espaços para além desse espaço de trabalho?** Por exemplo, um espaço de lazer? Tem algum outro espaço assim? Você utiliza outro espaço?

VS: Sim. Aqui em alguns centros empresariais, *né*, são 4, um deles tem espaço com *puffs* que é bem bacana para descanso. Algumas salas de reuniões têm sofazinho que é bem bacana para uma conversa, acabou a reunião senta por ali, é bem bacana também. Perto do Nexus, que é um outro centro empresarial, tem algumas poltronas mais descontraídas, assim. Também tem o ambiente de café, que também tem algumas poltronas, uma iluminação bacana, que também facilita outros ambientes. Além dos *coworkings* que é bem bacana.

P: E você chega a usar esses espaços?

VS: Sim. Não diariamente, mas em alguns momentos eu utilizo sim. Até mesmo para uma conversa mais informal de trabalho ou então para descanso.

P: Legal, bacana. Você já disse vários espaços, então na sua opinião não tem falta desses espaços, um espaço voltado para o laser, para o descanso, isso já está suprido dentro do Parque?

VS: Sim, para mim é o suficiente!

P: Que bom!

VS: Eu acho bem bacana. Em alguns lugares não são todos que tem, *né*, e aqui tem bastante.

P: Agora a gente começa a ver dentro das empresas, eles estão começando a incorporar esse modelo de descompressão (que a gente fala), porque se a gente for pensar a rotina que a gente tem de trabalho. É uma tendência que a gente vem vendo, é essa incorporação desses espaços. Bacana! Então, está ótimo! Basicamente, você já me contou um pouco dentro do seu cotidiano dentro do Parque, você chega vai trabalhar, então, basicamente, como você disse, você não chega a utilizar muito desses espaços. Então, **o seu cotidiano como que ele é, basicamente, dentro do Parque, assim?**

VS: Bom, o meu dia você diz assim?

P: Isso! Você chega, vai para a sua sala, trabalha, volta para casa?

VS: Geralmente, eu chego primeiro eu organizo as minhas coisas, ai eu pego o meu bloquinho, que está aqui comigo também, ai eu já coloco todas as coisas que eu tenho que fazer no dia, depois eu tomo um chazinho, depois eu volto, ai eu verifico os e-mails. Vou, depois de verificar os e-mails e responder o pessoal, ai eu começa a realizar as atividades e dando um *check* aqui no bloquinho das atividades. Ai depois eu tenho o horário de almoço, ai posteriormente eu volto. E ai vai variando de acordo com os dias, tem alguns dias que tem eventos, ai eu fico talvez no escritório ou em outro centro empresarial. Ou em dia de reunião, eu utilizo mais a sala de reuniões. Geralmente, eu fico na minha sala que é aquela mais compartilhada com o pessoal. E ai quando é umas cinco, na verdade, umas quatro e pouco assim, ai eu como uma bolachinha, um lanchinho da tarde, ai eu venho aqui na cozinha, dou um "Oi" para o pessoal, depois eu volto lá, termino as minhas atividades e quando é umas cinco e oito, por ai, eu já estou me organizando encerrar.

P: Entendi. Agora a última VS para a gente já ir encerrando e não tomar seu tempo também. Assim, **como você projeta o seu futuro profissional?** Quais são as suas expectativas futuras pensando na construção de sua carreira? Você tem um plano ou não? Continuar no Parque ou se você se vê em outro lugar?

VS: Eu gostei muito de trabalhar aqui no Parque, me surpreendeu muito. (inaudível) É algo que eu gosto realmente de fazer e com essas orientações do líder para eu me desenvolver profissionalmente e também pessoalmente - no caso de capacitações mesmo. Eu iniciei essa matéria do mestrado que vai me possibilitar talvez lá na frente. Essa matéria que eu *tô* realizando é bem voltada para a minha área de captação de recursos, de administração, que é [...]

[INTERRUPÇÃO: Gata passa na frente da tela.]

VS: Ai que bonitinha.

P: Desculpa tem uma companheira invadindo.

VS: Que linda.

P: Desculpa.

VS: Imagina.

P: Em casa é assim: faz pesquisa em casa, dá nisso, tem uma gata passando e soltando pelo. Perdão, desculpa!

VS: Imagina, tem um rapaz que sempre faz reunião comigo e o gatinho dele passa na frente dele com o rabinho assim.

P: Eu acho que gosta do teclado, não sei o que é.

VS: *Ah*, mas então, essa matéria está me possibilitando crescer também. Eu me vejo trabalhando no Parque um bom tempo ainda, se me permitirem. É um ambiente muito bom para trabalhar, eu estou muito feliz.

P: *Ah* que bom!

ENTREVISTA 03:

Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Entrevista por chamada de vídeo: plataforma Google Meet
Data da entrevista: 08/11/2022
Data da Transcrição: 11/11/2022
Hora de início da entrevista: 14h15
Duração da gravação: 49min 18s
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: DV

P: Qual que é a sua idade?

DV: Tenho 34 anos.

P: Você é casado, solteiro?

DV: Eu sou casado.

P: Você tem filhos?

DV: Eu tenho uma filha de 2 meses, de quase 3meses.

P: *Oh* delícia!

DV: É a fase que a gente não dorme, *né*?

P: Exato. Eu ia falar, você não deve *tá* dormindo nada.

DV: Exatamente.

P: Porque quer mamar o dia inteiro, a noite inteira. Sua esposa então, coitada.

DV: *Tadinha*, *tá* sofrendo.

P: *Tá* sofrendo. Mas, *oh*, depois dos 5 meses melhora, *tá*. Então [...]

DV: Você foi bem otimista. Eu escuto assim: depois dos 60 anos melhora. O pessoal fala aqui.

P: *Ah*, não. Sim, você vai acordar muito a noite ainda. Mas vai diminuir um pouquinho, não é tanto.

P: Você está morando em São José dos Campos?

DV: Hoje não mais. Por causa da minha filha, a minha esposa ela trabalha em Taubaté, que é uma cidade próxima. Então, por causa da gestação, eu mudei para Taubaté. Então, faz uns 6 meses que eu moro em Taubaté, mas eu já morei 6 anos em São José.

P: *Ah*, entendi. **Então, você está *Home Office*?**

DV: Não, presencial.

P: *Ah,* tem uma unidade do Parque em Taubaté?

DV: Não, a tua pergunta foi se eu *tô* morando, onde eu moro. Então, eu moro em Taubaté, mas eu venho diariamente para São José dos Campos

P: Entendi, entendi. Perdão, desculpa.

DV: (inaudível) assim, a cidade, São José. O Parque ele fica no final de São José dos Campos no sentido Rio de Janeiro. Então, dependendo do bairro que a pessoa mora em São José, eu chego em Taubaté primeiro.

P: Entendi! Interessante. Igual eu que estou em Mirassol, que é uma cidade próximo a São José do Rio Preto. E assim, para o meu trabalho, que eu dou aula na faculdade lá em Rio Preto, eu tenho 13 minutos, minha mãe que está em Rio Preto gasta quase meia hora. Então, [...]

DV: É exatamente isso.

P: Entendi essa relação. Desculpa que eu fiquei meio confusa aqui, achei que você estava *Home Office*.

DV: Não, tranquilo.

P: *Tá.* Então, agora em Taubaté, você está a quanto tempo?

DV: Eu *tô* há uns 6 meses. 7 meses. Vai fazer 7 meses agora.

P: Em São José dos Campos, você disse que estava a 6 anos lá

DV: 6 anos!

P: Você pode me dizer qual que era o bairro?

DV: Floradas de São José.

P: É, no caso eu vou te fazer perguntas com relação a São José porque você já teve uma vivência lá, tudo bem? Porque se eu perguntar de Taubaté foge do meu, da minha pesquisa que é São José.

P: Teria algo [...]

DV: E eu nem saberia dizer de Taubaté, viu. Eu não conheço nada lá.

P: Então, *tá* bom! **É, no caso, quando você morava lá no Floradas você escolheu morar lá por algum motivo naquele bairro ou não? Teve um motivo específico?**

DV: Eu escolhi. Quando eu vim para São José dos Campos, eu vim para trabalhar no Parque Tecnológico.

P: Interessante.

DV: E eu vim do Paraná. Então, aquela região do Floradas minha esposa tinha parente lá já. Tinha um primo do meu sogro, que morava ali próximo de onde eu morava. Então, foi mais por afinidade familiar.

P: Entendi. Eu sei que eu vou ter que pedir para você relembrar, *né*. **Mas você diria alguma vantagem ou desvantagem que o bairro tinha?**

DV: *Ah*. Pra mim, pensando em deslocamento, o bairro ele é muito próximo da Dutra.

P: Tá.

DV: Então, pensando em deslocamento. Porque a Dutra é a nossa avenida, a gente [...]

P: Você pegava *retão*.

DV: Pegava *retão*. Eu saia de casa, pegava dois semáforos e já estava na Dutra. Tudo muito rápido! Então, eu não perdia tempo com deslocamento. Só que uma vantagem que eu sei que é maior que essa é morar perto de um shopping. Então, eu morava perto de um shopping, que para mim também é uma vantagem. Dava para ir a pé se quisesse.

P: Olha que ótimo. Porque é um lugar de passeio, um lugar de lazer e também de compras ao mesmo tempo.

DV: Exatamente.

P: Interessante. Então, era basicamente isso que eu queria saber como que você desfrutava do bairro.

DV: O bairro é muito agradável com praça. São José é uma cidade bem, é [...] é bem limpa, assim. Então, uma região em que eu morava tinha uma boa praça. Se quisesse ir ao final da tarde numa praça ou num shopping é [...] a região que eu morava, São José tem uma característica que cada bairro é como se fosse um centro de cidade.

P: Interessante.

DV: Então, tem banco, lotérica, padaria, farmácia, tudo que você precisa, despachante de veículo, tudo que você precisa você encontra nos bairros de São José. Dependen[...] outras cidades, por exemplo, eu morava em Londrina antes de vir para São José, tudo que precisa ser feito tinha que ser no centro de Londrina, na região central, então, era uma concentração. São José tem vários minicentros, é [...] divididos, então isso tem uma vantagem muito legal.

P: É, claro. *Né* já tem uma infraestrutura. Você não precisa ficar indo para o centro para algo de que você necessita, algum serviço.

DV: Exatamente.

P: Agora, como você *tá* em Taubaté, qual que é o meio de transporte que usa para lá, é carro, é ônibus, **como é que você vai para o Parque?**

DV: É carro próprio.

P: E quanto tempo mais ou menos que você gasta?

DV: Eu gasto 25 minutos indo e 30 minutos voltando. Eu aumentei uns 15 minutos a mais de quando eu morava naquela mesma região em São José.

P: Então, antes era uns 10 minutinhos, então mais ou menos 10 [...]

DV: Era [...] É que eu sou de exatas, *né*. Então, acaba que eu vou meio que no preciosismo. Eram 12 minutos para ir e uns 20, 25, dependendo do trânsito, para voltar. Mas para ir, era sempre 12.

P: *Tá*, ótimo então, cravado! Bem já que você falou que é de exatas, eu queria saber qual que é a sua formação e aonde você se formou?

DV: Eu me formei em Londrina, na UNOPAR, em Engenharia Elétrica com ênfase em telecomunicações. E, atualmente, eu curso mestrado em Inovação Tecnológica pela UNIFESP.

P: Que bacana. *Ai* é bom [...] **Qual que é seu cargo?**

DV: Eu sou coordenador de projetos.

P: Por isso que você está cheio de projeto, então *ai*, dureza!

DV: Exatamente, mas é bom!

P: Se você disse que mudou por conta do Parque Tec **há quanto tempo você está na empresa, 6 anos?**

DV: Eu *tô* há 6 anos e 4 meses.

P: E o que te levou a iniciar esse trabalho?

DV: No Parque Tecnológico? A vir para o Parque Tecnológico, você fala?

P: É.

DV: *Tá*, perfeito. Eu sou da Engenharia Elétrica e durante já a faculdade eu já comecei a perceber, eu já comecei a sentir o impacto da desindustrialização no Brasil. E eu comecei a olhar, principalmente para grandes centros, grandes cidades, Curitiba também foi uma delas, é [...] a oportunidade de trabalho. Então, São José me chamou muito a atenção, porque eu passava por São José, as vezes de férias para ir para o litoral daqui do próprio estado de São Paulo e o que me chamou a atenção foi ter um Parque Tecnológico. Então, o Parque Tecnológico em si me chamou a atenção para mudar de área. Para tentar estar mais próximo de inovação e desenvolvimento tecnológico. Então, foi isso que foi o chamariz para eu vir para cá.

P: Entendi. Anteriormente você trabalhava com outra [...] (falas simultâneas)

DV: Foi isso que me despertou, *né*, o interesse de vir para cá. Surgiu a oportunidade e eu consegui vir para cá. É, eu trabalhei sim, eu tive outros ciclos. *Né*, então, até antes de fazer a faculdade eu já trabalhava. Então, eu trabalhei 5 anos em uma serralheria, comecei como ajudante em uma serralheria e depois, é, saí serralheiro. É, depois comecei a trabalhar em um provedor de internet de telecomunicações. Por isso a ênfase, também interesse em fazer elétrica com ênfase em *telecom*. E fiquei 2 anos nesse provedor de internet só que eu morava em uma cidadezinha de 2 mil habitantes no interior do Paraná, com um nome muito próximo da sua cidade Mirassol, o nome da cidade se chama Miraselva.

P: Olha!

DV: É, e era uma cidade muito pequena, na região de Londrina no Paraná. Então, eu tinha *necess*[...] ai eu comecei, quando eu comecei a trabalhar na área de *telecom* eu também iniciei a graduação em Engenharia Elétrica. Então, depois de 2 anos trabalhando com *telecom* eu, é, precisava ir para Londrina, então, surgiu uma oportunidade de fazer estágio na área de *telecom*. Então, eu fui trabalhar na, na, numa grande empresa que é a Sercomtel lá em Londrina, como estagiário, por causa da graduação também. Depois eu migrei de novo, como estágio, para uma

multinacional de embalagem, 2 anos, Bemis Company, hoje a Amcor comprou o grupo de embalagens 2 anos. E depois eu fiquei mais 1 ano na área de *telecom* de novo fazendo [...] ai me formei em 2014 e depois comecei a trabalhar na área de *telecom* de novo numa empresa que fazia consultoria é [...] de fibra ótica, desenhos e mapas de fibras óticas para provedores. Então, eu viajei o Brasil inteiro fazendo projeto de *telecom*. Ai quando surge a oportunidade no Parque, eu peço demissão e venho para o Parque Tecnológico, ai nisso ai foi mais ou menos uns 10, 11 anos antes de vir para o Parque.

P: Entendi. E como que é a sua rotina aí dentro do Parque? Rotina de trabalho. Você tem quais funções? Porque você é coordenador de projetos, mas você tem mais de uma função, não, como é que funciona essa sua rotina?

DV: *Tá*, perfeito. Aqui no Parque Tecnológico eu *tô* no meu terceiro ciclo aqui dentro. Na minha terceira função, e essa atuação hoje como coordenador de projeto é muito recente, tem um pouco mais de 1 mês. Então, eu ainda estou em uma migração das minhas funções como analista, que é uma função mais operacional e já começando essa função de coordenador. É, então, eu *tô* em fase de contratação de mais pessoas, acabei de contratar mais duas pessoas. Eu tenho novos projetos em expansão. Então, eu também *tô* contratando novos projetos nesse sentido. Então, as minhas atividades são mais mescladas, algumas atividades mais operacionais e atividades de gestão, que hoje eu já tenho 16 pessoas na minha equipe de projetos, e são vários projetos. Eu tenho projeto de transformação digital, tenho projetos relacionados à segurança pública, projetos relacionados a testes de novas tecnologias, como o 5G, tenho projeto da SAMSUNG relacionado a novas tecnologias para educação, tenho projeto de inovação aberta com a General Motors. Então, alguns projetos eu estou como gestor, outros atuando. Tem um projeto com a FINEP, por exemplo, eu estou ainda como a pessoa que executa a gestão do projeto, mas como analista ainda. Eu estou contratando pessoas para fazer isso ainda. Então, é meio diversificado!

P: Entendi. Você está, como você mesmo disse, nessa transição mesmo, saindo desse operacional. Nossa que difícil, *hein*.

DV: É que eu tinha projetos que eu já tinha pessoas que me ajudavam. Então, estava em uma transição antes de virar coordenador, *né*, virar a chavinha. Então, é [...] eu já tinha pessoas, e essas pessoas já executam esses projetos. Então, inovação aberta, eu tenho uma pessoa que executa. Incentivos com recursos da

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial, tenho um colaborador que executa. Então, algumas que era mais específico de operação que eu preciso de outras pessoas para entrar ainda em atividade.

P: E enquanto não entra, você que assume?

DV: Eu que assumo. Aí eu vou além dessa atividade de gestão, de coordenar a equipe, entre uma transferência de conhecimento, conhecimento técnico especializado.

P: Entendi. E *aí* com isso você tem um horário fixo de trabalho? Você consegue ter um horário fixo de trabalho, de entrar e de sair?

DV: Eu tenho sim um horário fixo. Tipicamente, eu entro 7 e 40, e saio as 17 horas.

P: E você passa por algum tipo de avaliação ai dentro?

DV: É, o Parque Tecnológico, nessa Associação Parque Tecnológico - empresa que gerencia esse ambiente, só para fazer essa distinção, é a Associação que é a minha empregadora, a gente também está em fase de transição, de crescimento. Essa empresa até então ela não tinha um departamento de Recursos Humanos, ela tinha um departamento pessoal que fazia mais a parte burocrática. Então, hoje a gente passa a ter um gerente de RH no Parque Tecnológico, um Recursos Humanos. Então, a gente não tinha de forma estruturada uma parte de acompanhamento, de avaliação, é mais *feeling* mesmo dos coordenadores, *né*, que acompanham e tudo mais, que dão *feedbacks* de forma, conforme o necessário. Só que a partir do momento de ago[...] de hoje, *né*, que a gente tem esse novo departamento que a gente tem um plano para 2023 de ter um formato de capacitação, de ter reconhecimento já de, das dores da equipe, para começar a fazer coisas mais personalizadas, *né*. Treinamentos personalizados, *feedbacks* no formato também sistematizado. Então, hoje a gente não tem mais a gente vai passar a ter, que é um plano e uma entrega dessa nova área.

P: Entendi. É, e que dá mais suporte também, igual você falou, vocês tinham um retorno, um *feedback*, agora vocês querendo ou não tem uma necessidade um pouco maior, que foge, além, vocês vão ter esse suporte. Entendi. E como você disse nessa questão de gerenciamento, você tem um gerenciamento próprio do seu tempo? *Ah*, **como você se organiza para ter esse cronograma tão apertado? Você se organiza no seu tempo,** de gerenciamento do seu desempenho também? Você tem isso, não tem?

DV: Eu tenho. Então, assim, é [...] a gente de forma geral, porque somos Projetos, então a gente tem uma [...] todos os projetos têm cronograma, plano de trabalho, tudo tabulado numa gestão a vista. Então, tem coisas operacionais minhas que eu tenho metas diárias que eu preciso entregar naquele dia. E coisas que fogem de um cronograma. Então, eu tenho um cronograma diário, semanal das minhas metas que eu preciso entregar, algumas que estão atreladas a projetos, ai são mensais. Então, eu sempre estou acompanhando de forma a ter uma gestão a vista disso. Só que como somos Projetos e temos algumas atividades de prospecção e novos projetos entrando muita coisa foge. Então, tem atividade que entra, a assim eu preciso refazer uma, um processo de cotação, um novo plano de trabalho que eu *tô* desenhando, eu tenho que parar para ver isso, então as vezes isso foge um pouco, mas são eventualidades. Eu tenho alguma demanda é [...] específica, por exemplo, esse bate papo nosso hoje, é uma demanda específica, eu me adéquo para conseguir participar. Então, tem muita coisa dentro dessa dinâmica que a gente adéqua. Só que eu gosto de pensar muito na teoria dos conjuntos, *né*, alguns momentos acontecem de ter todos esses, essas eventualidades na mesma semana, nossa então vira o caos. Isso acontece muito também. Eu acredito que isso aconteça por causa da nossa característica de ser um Parque Tecnológico e quere fazer muita coisa. A equipe sempre é uma equipe muito enxuta, agora que a gente está nessa fase de expansão. As vezes a gente trabalha muito no limite. A gente não tem aquela ociosidade. Então, não ter um pouco esse tempo de ociosidade, quando pega esses conjuntos, vira um caos assim. Mas eu acho que faz parte. É um caos controlado, *né*.

P: Entendi. E eu ainda vou e entro no meio querendo fazer uma conversa para atrapalhar.

DV: Mas na verdade não atrapalha, viu P. Sempre vai somar. É muito importante que a gente consiga ter esse tempo para isso, mas a gente sabe que a partir do momento que entra coisas que foge do planejado alguma coisa as vezes fica para trás, isso é natural. Faz parte.

P: *Ah*, desculpa. Agora vou me enfiar aqui debaixo da mesa.

DV: Não. Não foi nem nesse tom. Eu sei que você precisa para o seu projeto tem que ter o mais real possível.

P: Exatamente. Até a próxima pergunta era essa: se você vê [...] **o que você acha que você mais gosta dentro desse seu contexto e aquilo que você menos**

gosta? Já que você tocou nisso que acaba gerando um caos, se isso está dentro de algum ponto que talvez [...] se você pudesse evitar, "*ah*, eu evitaria isso". Não eu não gosto disso dentro do meu trabalho.

DV: *Tá*, excelente. Não, eu não gosto. Realmente, pensando em gostar: eu não gosto! É [...] o que eu gosto: do ambiente, trabalhar com o desenvolvimento de tecnologias de inovação, competitividade e tudo mais, é o aprendizado, a gente aprende muito! É muita gente, é [...] diferente que a gente acaba conhecendo e sempre agrega, sempre soma e traz muito tanto no lado pessoal como no lado profissional. Então, a gente aprende muito. Isso do ambiente, eu tenho certeza que o Parque Tecnológico ele acelera muito o bem-estar das pessoas, refletir, por causa dessa característica nossa de inovação e de conhecer, de conversar com muitas pessoas que tem conhecimentos muito especializados. Igual você fazendo mestrado, já professora. É um transbordo de conhecimento muito grande que a gente recebe, isso é muito positivo. Mas tem também, é [...] as partes negativas que é isso, vira um caos quando a gente tem muita demanda, projeto. A natureza nossa também que é sem fins lucrativos, mas a gente precisa também ter uma sustentabilidade, então a gente tem que correr atrás de projetos. A gente gosta muito do que a gente faz, então é as vezes a gente mesmo que gera esse caos. Também faz parte.

P: Agora olhando mais para o Parque, **eu queria que você me dissesse, na sua opinião, quais são as principais contribuições que o Parque oferece para os seus usuários?** Você já falou um pouco desse ambiente, *né*, de troca, mas tem outros, também em questão de infraestrutura, um pouco o quê que esse Parque oferece para seus usuários que estão *ai*?

DV: *Tá*, excelente. O Parque, em si que é o ambiente, esse ambiente físico, no formato que já estamos hoje, ele oferece [...] eu posso dizer que de forma que é inerente a qualquer processo que a gente tem, que é essa possibilidade de você ter muitas pessoas próximas de você. Eu tô olhando principalmente para o lado das empresas que estão aqui dentro. Então, você tem empresas que as vezes precisa de algum desenvolvimento e do lado ela tem uma empresa que pode resolver esse problema pra ela, pode ajudá-la. Então, muita coisa acontece de forma, é inerente, acontece. É [...] só que o principal que eu vejo são os programas que de forma sistematizada tem da Associação Parque Tecnológico. Então, o parque e o espaço, ele funciona muito bem porque existe uma empresa que gerencia esse ambiente e

tem programas estruturados, como por exemplo, o Nexus, que é nosso programa, nosso *Hub* de inovação que atua muito bem nesse quesito de empreendedorismo, de criar novas empresas, mas ele tem a base dele que o ambiente, que é esse *Hub* de inovação, que é gerar conexões, que tem ações estruturadas para gerar essas conexões. Acontece muito workshop, capacitação pelo programa, então, isso também gera essas conexões, e capacitação *tá* muito relacionada já a uma forma, a uma forma que o programa apresenta. Ele dá essas capacitações dependendo do estágio que a empresa ou startup se encontra. O Parque também tem outro programa que são os Arranjos Produtivos Locais. Então, por exemplo, o Arranjo Produtivo Local de Tecnologia da Informação e Comunicação (APL TIC) algumas dessas empresas também são residentes no Parque Tecnológico, um programa que aumenta a competitividade dessas empresas. É [...] um outro programa, que é o Programa Colmeia, integração universidade-empresa. A integração universidade/empresa e fator determinante para gerar inovação. Então, o Parque tem de forma estruturada um programa que gera essas conexões entre universidade e empresa. O Parque tem várias universidades vinculadas ao programa. Então, isso é periódico. A gente faz, realiza balcões de tecnologia, com essas, é [...] com essas universidades. Então, uma universidade que vem traz um conhecimento e depois faz um atendimento personalizado para alguma empresa que tenha interesse. Desses atendimentos, acontece alguma parceria, alguma empresa contratando a universidade. Então, isso é uma coisa que acontece. Mas acontece porque existe um programa que faz isso. É [...] tem coisas relacionadas a fomento. Então, por exemplo, nos relacionadas na área de Projeto, a gente tem conhecimento muito diferenciado em capitação de recurso, FAPESP, FINEP, etc., *né*. Então, periodicamente a gente, aplicamos mentorias para as startups que estão vinculadas a incubadora, o Nexus, o Hub de Inovação, a essas, a esses programas como os APLs. Então, por exemplo, nesse período de 1 ano a gente conseguiu captar 6 milhões em recursos FAPESP. É [...] quase 2 FINEP para startup. Então, isso de mentorias que de forma personalizada nós fazemos. Então, o Parque ele gera muito valor nesse contexto, para quem *tá* fisicamente aqui dentro.

P: Sim, sim. Nossa que excelente, que maravilha. Vou ai para o Parque!

DV: Vendi bem o peixe?

P: *Oh* e como. Porque a gente sofre, vou olhar para o meu contexto aqui, vou pegar uma bolsinha, eu *tô* com uma bolsinha CNPq, morri para conseguir. Precisava da mentoria de vocês ai.

DV: Exatamente. As vezes um PIPE da Fapesp, pode acontecer também você tem o perfil para conseguir um PIPE-FAPESP

P: Vendeu super bem, *hein*. DV você comentou das mentorias que vocês dão, das capacitações, mas você já fez algum que o Parque ofereceu, algum tipo de evento, algum curso para a sua formação que o parque ofereceu? Ai você falou opa esse ai pra mim é bom vou fazer, teve algum assim ou não?

DV: Eu gosto de fazer uma distinção entre o Parque e a empresa Associação Parque Tecnológico para não gerar dúvida. Então, assim se a tua pergunta é em relação ao ambiente, sim. Sim, o parque sempre tem workshops que acontece e a Associação, sim também, por exemplo, o curso de Gestão de Projetos de curta duração com a FIA da USP. Então, a Associação, empresa, já pagou para mim o curso de curta duração em Gestão de Projetos e teve um também do INATEL de Cidades Inteligentes, isso logo que eu entrei no parque em 2018, 17, eu acho que foi. Mas (inaudível) o Parque Tecnológico alguns parceiros também oferecem cursos, alguns eu não participei por falta de tempo, *né*, mas foi ofertas de parceiros para o ambiente, acontece também.

P: Entendi. Uma dúvida do que você falou, eu fiquei na dúvida. No caso, a empresa se tem ali, vou falar da AUTAZA que é um nome que me veio na cabeça, tem a empresa e o funcionário da AUTAZA, ele também tem essa possibilidade de fazer cursos pela Associação?

DV: Não!

P: Não, aí é só pelo ambiente?

DV: A Associação é uma empresa privada, só que ela tem a característica de ser sem fins lucrativos, mas ela é uma empresa privada. Ela tem que gerar benefícios para os seus colaboradores, isso pensando em empresa. Só que a natureza dela de fomento, ela, os programas e o Cor dessa empresa é para as empresas, então, o Parque ele tem, por exemplo, esse espaço que é para a AUTAZA estar instalada. A AUTAZA ela faz parte, inclusive, foi AUTAZA ou ALTAVE que você disse?

P: AUTAZA, é que foi a primeira que me veio na cabeça.

DV: Perfeito. Então, a AUTAZA, por exemplo, ela foi incubada no Parque. Ela nasce na nossa incubadora, é um grande *case* de sucesso. Você foi bem feliz no exemplo.

Hoje é uma empresa, o projeto nasce de uma integração universidade/empresa. Entre a General Motors e alunos do ITA. Então, assim, o Parque o que ele fomenta para essas empresas: a incubadora. A AUTAZA, ela participou da incubadora e o conhecimento que o Parque ele gera dentro da incubadora, de treinamento, as vezes alguma nesses modelos balcões *né* que eu comentei, tinha também um balcão de gestão. Então, por exemplo, as vezes tinha um colaborador da AUTAZA de gesta, porque você pega uma startup ela não é igual uma empresa que já tem todos os processos estabelecidos, já conhece o que é ser uma empresa. Não, ela ainda está aprendendo a ser uma empresa. Então, as vezes algum balcão específico. Balcão é um programa também de outro departamento nosso, que é o Escritório de Negócios, que ele faz de forma estruturada a cada 2 meses, balcões de atendimento. Eu acabei não explicando, mas um é de gestão. Então, as vezes está relacionada a dúvidas de marcas e patentes, é [...] de RH, de marketing, então os colaborados, as vezes, da AUTAZA de marketing poderia ir ali receber uma mentoria personalizada no dia desse Balcão. Então, isso poderia estar acontecendo também.

P: Entendi.

DV: Foi nesse contexto a tua pergunta?

P: Sim, sim.

DV: E isso é oferecido pela Associação, pela empresa, mas com viés do ambiente.

P: Isso era exatamente isso que eu queria entender. Porque você está ai enquanto colaborador do Parque Tec, mas por exemplo, a AUTAZA ela está residente ai [...] era bem essa ideia que eu queria entender. Porque fica confuso para mim, assim, que estou fora entender!

DV: É normal, porque confundi. E não é só você. Já é uma, um problema que a gente já sabe que existe, que a gente já tem um plano, mar[...] o ano que vem teremos novidades, não posso compartilhar agora, mas é para resolver esse problema. Então, é assim, essas empresas quando fazem parte principalmente do nosso, desse ambiente do Parque elas podem acessar esse Balcão para adquirir esse conhecimento. É claro que tem coisas que precisam ser contratadas. Então o Parque as vezes ele oferece junto com algum parceiro algum conhecimento no formato de um curso, o Parque entende que é importante para a comunidade só que a empresa, os colaborados têm que pagar. Então, se o colaborados da AUTAZA tem interesse, ele tem que pagar, alguns. Mas nesse modelo de Balcão, não. Ele vai lá e acessa esse conhecimento.

P: Legal, entendi. Então tem essa diferença. **Já que você falou que a AUTAZA é um *case* de sucesso, você teria 5 pessoas ou 5 empresas que você considera que são as mais influentes ai ou com casos de sucesso?** Você falou da AUTAZA que foi um caso de sucesso, mas você elencaria alguns?

DV: *Ah* é que já aproveitando, é que pode ser que tenha alguns muito viés de interpretação pessoal na tua pergunta. Pensando em empresas, você vai ter duas áreas aqui no Parque Tecnológico que vai trazer assim uma resposta mais assertiva para a tua pergunta: um que o Nexus que cuida do dia a dia dessas empresas e o outro são os Arranjos Produtivos Locais. Não sei se você vai entrevistar alguém dos APLs. É [...] mas esses, essas pessoas tem um histórico muito melhor para dar um *feedback*. Porque o Parque tem relacionamento com 400 empresas. 150, quase, vinculadas ao Nexus. As demais vinculadas é dentro desses programas que não necessariamente elas estão aqui dentro. Então, as pessoas que gerenciam e trabalham nesses programas vão ser mais assertivas.

P: *Tá*.

DV: Eu posso dizer AUTAZA, porque eu acompanhei, eu fiz parte também do APL, quando eu entrei aqui no Parque Tecnológico, eu acompanhei o crescimento deles. Porque eu vi eles crescendo, na época que eu entrei no Parque, a nossa sala ficava dentro do ambiente da incubadora. Então, tinha contato diário com eles, eles participaram de projetos comigo. Então, alguns eu tenho esse histórico, mas não é todos assim. Então, AUTAZA é um *case* de sucesso. É [...], mas eu não sei te [...] quais seriam os melhores assim. Se eu falasse seria furada.

P: *Ah* não, não sem problema. Já aproveitando que você falou do ambiente que anteriormente você estava próximo, como que é esse ambiente, **você tem um espaço individual ou você tem um espaço coletivo de trabalho? Como que funciona o seu ambiente de** trabalho**?** Agora mais específico ai mesmo onde você está.

DV: Perfeito. Essa infraestrutura que é esse espaço físico que eu estou aqui hoje, aqui esse prédio. Você já conheceu o Parque fisicamente?

P: Não! Tenho que ir. Estou devendo!

DV: Você está devendo, viu P. Então, fica aqui o convite, se der certo, a gente recebe aqui e combina certinho. O Parque quando ele nasce nessa estrutura, isso aqui era o prédio de uma empresa no passado e com recurso, também FINEP, a gente foi expandindo. Então, era dois centros empresariais e hoje temos quatro, e já

temos já a previsão de sermos cinco. Cinco centros empresariais. Que é um fomento aprovado na FINEP que a gente tem que *tá* em vias de contratação. É um projeto de 20 milhões de reais. Porque que eu *tô* te dizendo isso, essa forma de crescimento e o espaço, ele não foi um espaço criado para essa empresa, que gerencia esse ambiente. Então, hoje temos equipes espalhada. Então, um grande de pessoas fica numa administração principal. Então, a diretoria está aqui dentro, uma parte de projeto, dos programas, dos três APLs, internacionalização, do escritório de negócios, de comunicação, financeiro, RH e tudo mais, tudo aqui dentro. A gente tem áreas, outros departamentos que estão espalhados, então, compras aqui do lado, infra aqui do lado perto do centro de eventos, o Nexus, a equipe que gerencia o programa Nexos fica dentro da incubadora. Eu tenho um projeto de transformação digital, da área de projeto, são 10 colaboradores, 11 colaboradores hoje – entrou mais 1, então, fica no centro empresarial 1. A equipe de laboratórios, fica dentro dos laboratórios, um aqui perto do lado esquerdo outro no centro empresarial 2. Então, bem espalhado *né,* por isso, porque não tem um espaço que consiga comportar todo mundo, mas é um ambiente muito agradável. Eu fisicamente tenho uma sala, que fica a gerência de projetos e a gente fica junto, *né*. Então, eu tenho uma sala, uma mesa especificamente.

P: E eu sei que o Parque tem outros espaços para além que você descreveu aí de trabalho, aí eu queria saber se você utiliza desses outros espaços? Por exemplo, no seu dia a dia aí, que eu sei que tem espaços de descanso, de pausa, se você usa esses espaços que tem dentro do Parque?

DV: Eu uso. Então, assim, é especificamente então da tua pergunta, sim, o Parque tem espaços de descanso. O Parque tem o ambiente que ele chama de Nexus Living, então, ele tem *puff*, o centro empresarial 4 tem rede, tem puff, tem lugar específico. Mas eu geralmente eu me escondo, na hora do almoço tem que se esconder, eu desligo o celular eu me escondo.

P: Que descansar. Quer desconectar literalmente, *né*.

DV: Exatamente.

P: Então, com relação a isso você não sente falta dentro do Parque, de um espaço [...] porque eu vi, eu já tinha visto, apesar da minha pergunta aqui, eu já tinha visto que o Parque tem esses espaços de descanso e tudo mais. Então, **você não sente falta desses espaços?**

DV: Melhorando, então, a minha resposta. Eu sinto falta sim. A gente precisa desse é [...] desses espaços tanto para as empresas, que estão residentes aqui no Parque, mas eu sinto falta especificadamente para a gente que é da Associação Parque Tecnológico, essa empresa que gerencia o parque. Espaço de [...] específico para nós, que a gente possa lá [...] porque a gente tem um problema que se eu vou para um espaço que é um espaço compartilhado, então as vezes eu já vejo um empresário e ele já vem falar de trabalho comigo e as vezes é bom, mas todo dia cansa.

P: Entendi.

DV: Então, as vezes a gente precisa de um espaço reservado para nós. Então, isso seria importante na minha percepção, no meu ponto de vista.

P: Interessante, *né*, bacana. Porque realmente se você está querendo descansar e vem a pessoa, perdeu todo o seu descanso.

DV: É e principalmente no meu caso que não durmo a noite.

P: Calma, 5 meses está chegando.

DV: Legal, mas no geral, assim é bem.

P: Então, assim, basicamente você poderia me dizer **como é seu cotidiano dentro do Parque?** Você chega, já vai direto para a sua sala, como que funciona no intervalo, no almoço, como que funciona, você me descreve rapidinho como que é esse seu cotidiano?

DV: *Tá*. Claro, perfeito. Então, a gente tem estacionamento aqui, muito estacionamento. Então, eu chego para o meu carro, entro na minha sala, é [...] e faço as minhas, identifico ali as minhas prioridades do dia e já atuando em cima dela, mas a primeira coisa que eu faço é passar na sala e dar Bom Dia para a turma, vê se não *tá* alguma coisa pegando fogo, de algum projeto, é sempre tem, *né*. Antes de eu começar a olhar as minhas atividades que eu preciso fazer. Como a gente tem muitos projetos, cada um está em uma fase e alguma característica, eu vejo se tem alguma coisa que está impedindo desse colaborador de realizar a atividade. Então, eu faço essa primeira via sacra, mas no sentido também de dar “Bom Dia” para todo mundo e começo as minhas atividades. Eu paro, o meu horário de almoço religiosamente 11 e meia até meio dia e trinta e encerro as minhas atividades as 17 horas, religiosamente as 17 horas porque eu também eu tenho que ir para um segundo turno em casa

P: É com certeza. *Oh* fralda, que é uma beleza.

DV: Não vence *né*. Mas é atividade de projeto. Então, é sempre olhar as vezes o que está prioritário e ali a listinha de tarefas do dia e da semana. E sempre estar revisando.

P: Entendi. E para a gente já ir finalizando, DV eu queria saber **como que você projeta o seu futuro profissional? Quais são as suas expectativas futuras?** Assim, dentro de uma construção de carreira? Se você tem, se você pensa em uma expectativa futura?

DV: *Ah*, legal!

P: É que agora você é coordenador, acabou de ser coordenador!

DV: Exatamente. Acho que no curto prazo, eu acho que eu estou *Ok* em relação a carreira, *né*, eu acho que eu atingi uma meta que foi essa evolução, mudar de cargo, evoluir internamente. Eu acho que em 6 anos aqui dentro do Parque, foram 3 cargos, então, para mim foi muito bom. Eu tive uma evolução, numa média de a cada dois anos. E é claro que eu preciso pensar internamente, seguindo essa lógica de a cada 2 anos alguma evolução. O Parque está crescendo muito, então, eu tenho uma visão que vai crescer novas áreas tanto de coordenação quanto de gerência, então, eu imagino uma projeção que vai surgir oportunidades de gerência. O Parque tem uma expansão de até gerenciar parques em outros locais.

P: Que legal.

DV: A gente já está assinando. A gente já tem contrato assinado com a, com o ambiente do Rio de Janeiro, a gente já está em vias de assinar com outros locais também. Eu acredito que vai surgir novas oportunidades, pensando aqui no Parque Tecnológico. Mas eu também assim, não estou deixando de olhar o mercado. O mercado as vezes geralmente ele também ele sinaliza. Então se o mercado sinaliza uma boa oportunidade para mim e as vezes essas boas oportunidades acabam até mudando de área. Então, pode acontecer também. É [...] eu tenho essa meta.

P: Entendi. Está aberto também para as possibilidades, oportunidades.

DV: Exatamente. É bom, eu sempre penso sempre ter essa visão, porque isso acaba me estimulando a ser mais competitivo, é [...] não estagnar na minha área de atuação. Para mim eu sempre procuro ter essas portas abertas e sempre pensar em mirar ali novas oportunidades.

P: Entendi. Posso te fazer um pedido?

DV: Claro.

P: Rapidinho. Você comentou sobre essa distribuição das áreas das unidades, vocês teriam algum mapa que demonstra onde que está cada um. Porque eu procurei pelo site e tem um mapa, uma foto aérea, *né*, que eles colocam algumas, mas não é bem detalhado. Porque eu queria conhecer bem essa infraestrutura, você teria alguma que poderia disponibilizar? Não sei *né*, se teria como disponibilizar esse mapa, ou não?

DV: Não tenho certeza se tenha algo relacionado assim a essa distribuição das nossas [...] quando você diz áreas, você diz departamentos nossos dentro do Parque?

P: Isso, exato!

DV: Especificamente, eu acredito que não tenha.

P: *Ah*, entendi.

DV: Eu acredito que não tenha.

P: *Ah* não, sem problemas. Então, é isso viu DV. Eu só tenho a te agradecer você. Tomei teu tempo dentro da sua rotina que só tem 50 mil projetos para coordenar.

DV: Mas é bom!

P: E ainda vem mais uma falando no seu ouvido, ainda!

DV: A gente tem uma expectativa de fechar o ano com 60 milhões de reais em projetos, você acredita?

P: Socorro. Não acredito.

DV: Mas é bom!

P: Eu acho que eu não sou das exatas igual a você, eu já ia ficar perdidíssima. Para mim tem sido uma experiência muito bacana conversar com vocês, porque foge muito do meu contexto. Eu me formei em Arquitetura e Urbanismo, então, a gente pensa nos ambientes, pensa [...] e ainda foquei bastante na área do Urbanismo, querendo ou não é o que eu estou mexendo na minha pesquisa. Então, quando eu converso com o pessoal do Parque, eu fico assim, até horrorizada de como vocês dão conta, eu fico de queixo caído. Eu não sei como vocês dão conta, assim sinceramente. Mas vocês estão de parabéns e eu só tenho que agradecer por você ter disponibilizado seu tempo. E muito, muito obrigada mesmo, viu DV! Desculpa qualquer incômodo e eu *tô* aqui qualquer dúvida eu deixei o meu contato, *tá* lá no Termo, precisando contatar tem meu e-mail, tem meu telefone, do meu orientador também *tá* ali. Então, a gente está à disposição também para qualquer coisa que você precisar da gente, estamos aí.

DV: P, fico à disposição. Agradeço a oportunidade de estar colaborando no teu projeto. Eu também *tô* passando, *tô* vivenciando por isso. Também sou aluno de mestrado. Fico a disposição se precisar bater um papo, entender um pouco mais sobre o que é o Parque Tecnológico. Estou aqui para isso. No que você precisar estou à disposição!

P: Obrigada!

DV: E você está devendo uma visita!

P: *Oh*, com certeza! Tem ainda, Parque On [...] que *tava* acontecendo?

DV: O PqTec Open

P: Open, isso isso! Estou devendo a Amanda já me falou faz tempo! Eu vou sim, eu vou com muito prazer! Obrigada viu DV.

DV: *Tá*, excelente.

ENTREVISTA 04:

Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Entrevista por chamada de vídeo: plataforma Google Meet
Data da entrevista: 22/12/2022
Data da Transcrição: 02/05/2023
Hora de início da entrevista: 11h35
Duração da gravação: 52min 01s
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: ME

P: Qual que é a sua idade?

ME: Eu tenho 33 anos.

P: Você é casado? Qual que é seu estado civil? Você é solteiro?

ME: Casado.

P: Casado. **Você tem filhos?**

ME: Não.

P: Não tem filhos. **Você mora em São José dos Campos?**

ME: Moro em São José.

P: Há quanto tempo que você mora?

ME: Eu moro aqui [...] a 23 anos aqui. É que eu fiquei 8, 7 anos estudando fora. Foi. Deixa eu fazer os cálculos certinho. Eu moro há 26 anos aqui.

P: 26, nossa bastante tempo.

ME: É, minha família é daqui de São José, *né*.

P: Ah, entendi.

ME: Então, eu cresci aqui e fui embora só para estudar. Eu fiquei em Florianópolis por 7 anos, *né*, 5 da faculdade e 2 trabalhando e depois eu voltei.

P: Entendi. **E qual que é o bairro que você mora?**

ME: Atualmente, eu estou morando no Jardim Ismênia, zona leste.

P: Ismênia. **Então, você já é de São José, *né*, você escolhei morar aí, porque sua família morava aí, sempre morou aí, como é que é?**

ME: Eu gosto bastante da cidade, em específico, *né*. Apesar de, eu morava em Florianópolis, e todo mundo adora lá, para passear é muito bom. Mas assim São José, ele é muito mais estruturado. Então, assim, eu como cresci aqui, então tem essa questão de paixão pela cidade né, e uma questão também de conforto, família, tudo mais, amigos, mas a cidade em si ela é bem estruturada assim independente da região dela ela é diferente assim. Eu sinto que ela é mais preparada. Qualquer coisa que você precisa tem fácil acesso, o trânsito ainda funciona bem. Sabe, apesar de ainda ter alguns horários ruins, a gente sempre consegue [...] assim, comparado com outras cidades ter um melhor conforto.

P: Entendi. Já que você está falando dessas vantagens, em específico, nesse bairro que você mora. **Quais vantagens que você sente do bairro?**

ME: Então, eu mudei para especificadamente por causa da distância do trabalho, né. Porque antes eu morava no Jardim Alvorada, aí ficava 17 quilômetros do Parque Tecnológico. Então, lá eu fico, é bem mais perto, não sei quantos quilômetros exatos, mas eu acho que *tá* mais no meio do caminho, deve ser mais ou menos 8 quilômetros do Parque. E ali eu gasto, coisa que eu gastava 20, 30 minutos, agora eu gasto 10.

P: Olha que coisa boa!

ME: *Né*, mas assim. É ali na região é um bairro grande, então, assim, tem mercado perto, padaria, é [...] na minha rua mesmo tem aqueles mercadinhos de bairro, então, qualquer coisinha *tá* ali do lado. É [...] hospital, *tá* tudo ali bem, fácil acesso para a Dutra, que eu acho que é o principal aqui de São José né. A Dutra é praticamente uma avenida para a gente. Então, assim, o acesso para a Dutra ele pesa bastante na escolha dos locais para morar.

P: Entendi. **E você acha que tem alguma desvantagem nesse seu bairro?**

ME: Olha, em relação ao que eu morava antes, assim, ele é um bairro mais, como eu posso dizer, ele não é tão arborizado, ele não é tão bonito assim, não tem as praças, não tem tanta praça. Coisas assim para lazer ele não tão confortável, né. É mais a questão da rotina do dia a dia. Mas é um bairro gostoso assim, vou dar uma caminhada caminha um pouco na rua, sabe.

P: Então, aí por exemplo, **como que você desfruta?** Mais ou menos por conta desse comércio, não tanto para lazer?

ME: Sim, é [...], mas realmente o pesou foi a distância do trabalho, *né*. Tanto que a minha rotina pessoal de lazer ainda é no bairro antigo. É eu venho para a zona oeste e passo a minha noite aqui e tudo mais, faço academia para cá, venho direto, passa na casa da minha mãe dou um "oi".

P: Assim, é bom, *né*, pegar um pouquinho de colo também.

ME: É aproveitar o cafezinho, *né.*

P: Assim é bom, comidinha. E como que você [...] **qual o meio de transporte que você utiliza até o Parque Tec?**

ME: Atualmente, eu hoje, eu utilizo meu próprio carro, *né*. Veículo particular. No início é mais complicado, *né*. No início eu morava longe, eu tinha que ir pra lá aí. Aqui no Jardim Alvorada, onde eu morava, onde eu *tô* aqui agora exatamente, é [...] eu consigo chegar na Dutra, a pé, em 10 minutos caminhando.

P: Que legal.

ME: Então, eu vou em linha reta, chego na Dutra e consigo pegar uma carona com o pessoal que vinha de Jacareí a cidade vizinha. Então, eles vinham pela Dutra também e eu aproveitava uma carona, então ou eu ia de carona, é [...] hoje em dia tem o Uber *né*, que também ajudou bastante para algumas ocasiões. Porque ônibus é realmente complicado! Para chegar no Parque Tecnológico daqui eram três ônibus. Um até o centro da cidade, um segundo do centro da cidade até a Eugênio de Melo, e da Eugênio de Melo para o Parque Tecnológico. Atualmente, fizeram a Linha Verde que liga, que tem o ônibus.

P: Isso, o VLT?

ME: É VLP, Veículo Leve sobre Pneus. Ele é um pouco mais barato do que o sobre trilhos, por isso que utilizaram esse.

P: Exato.

ME: Mas aí eu nunca usufrui dele. Eu resolvi, realmente, comprar um carro assim. É [...] porque o que pesou o carro foi também essa independência, poder chegar no

trabalho o horário que quer, sair a hora que precisa. Então, facilitou bastante. Eu tive que escolher, assim, e o carro foi praticamente uma necessidade.

P: Entendi. **Então, mais ou menos uns 10 minutos você disse que você gasta nesse deslocamento?**

ME: Atualmente, eu gasto 10 minutos.

P: Aí que ótimo. **E sua formação, você é formado em que?**

ME: Eu sou Bacharel em Design pela federal de Santa Catarina, *né*, da UFSC. É [...] eu fiz algumas espe[...], cursos de especialização, após a faculdade. Mas eu trabalho atualmente com computação gráfica, *né*. Eu faço a parte de direção técnica e a responsabilidade do Design de UI, UX da empresa que eu trabalho.

P: Há quanto tempo, mais ou menos, você está na empresa?

ME: Nessa empresa, eu estou 6, 5 ou 6 anos, mais ou menos.

P: Hum, bastante tempo. E o que, que, (falas simultâneas). Pode falar.

ME: Eu acho que eu entrei lá em 2017, no começo do ano. Bem em janeiro eu entrei.

P: E o que levou você a iniciar esse trabalho?

ME: Então, eu trabalhava com animação para 3D, *né*. Meu último emprego assim, numa empresa antes dessa que eu trabalho atualmente, era com séries infantis. Tipo, eu trabalhei em séries tipo Meu AmigãoZão (inaudível) isso num estúdio lá em Blumenau.

P: Legal.

ME: Então, tipo assim eu já dediquei a minha formação do Design tanto para a área de animação quanto para a área de produto. Acabou que no meio do caminho eu fui direcionando mais para a área de animação devido a demanda de trabalho que eu tinha na época, *né*. Aí quando eu voltei para São José eu fiquei um tempo desempregado, eu fiquei em torno de 6 meses desempregado aqui na cidade. E coincidentemente eu conheci alguém que trabalhava lá, que era um dos sócios da empresa. Ai conversando com ele, ele descobriu a minha formação e pediu portifólio e me convidou para uma visita. Foi naquele mesmo mês eu fui e já comecei.

P: Aí que legal.

ME: Foi bem assim, sem querer. Eu estava procurando emprego na área e acabou que caí nessa empresa que trabalha com [...] vamos dizer assim é animação também que eu trabalho lá, nesse setor de edição gráfica, modelagem e animação 3D, mas já é mais voltado para a parte que a gente fala de *Serious Game*, *né* - tipo

assim, já vai estar nessa coisa mais para a indústria, medicina, não é mais para entretenimento.

P: Entendi. Que legal e que coincidência boa, né.

ME: Foi, foi sorte.

P: Nossa que bacana. Então, eu ia perguntar se você tinha sido indicado. Não, já nem foi indicado, já foi [...]

ME: Não foi indicado, sem querer *né* [...]

P: Interessante.

ME: Eu estava fazendo entrevistas para outras empresas. Mas com a facilidade dessa ser em São José e tudo mais e eu tinha acabado de voltar para a cidade, acabou que casou.

P: Entendi. **E seu tipo de vínculo é CLT, como é que é?**

ME: Eu sou PJ. Na verdade, assim, agora é eu *tô* entrando com sociedade na empresa, a gente está organizando para entrar com uma porcentagem. Porque *aí* também organiza essa questão trabalhista, *né*. Porque o PJ poderia trabalhar por contrato, prestar serviços, mas como eles precisam de alguém ali dedicado tempo integral, *aí* eles estão organizando.

P: Entendi, que bacana. **E a sua rotina mais ou menos você pode me dizer como que é a sua rotina?**

ME: A minha rotina ela é bem flexível, *né*. Até por ter trabalho com projetos, *né*, eu entregando é o importante, cumprindo os prazos! Então, eu começo o meu dia, assim, eu começo meu trabalho em torno das 8 e meia 9 horas, já é um pouquinho mais flexível do que o normal. É [...] o almoço a gente acaba parando ali para almoçar em torno do meio-dia, faço só meia hora de almoço porque acabo optando, as vezes mesmo na empresa dentro do Parque, ou quando eu *tô* em casa é muito mais fácil pegar a comida ali e *tá* pronto.

P: Exato.

ME: É [...] saio do trabalho exatamente umas 5, 5 e 20. É [...] se eu estiver no Parque eu pego, aí no caso eu saio de lá e vou para a zona oeste que são uns 20 a 30 minutos de carro em horário de pico. E aqui eu faço minha rotina de lazer. Então, segunda, quarta e sexta eu faço musculação e treino Jiu-jítsu e terça e quinta eu faço um treino físico também e depois eu vou dar aula de Jiu-jítsu. Nisso eu chego em casa em torno das 10, 9 e meia, 10 horas depois nesses dias

P: Entendi.

ME: Aí eu aproveito para estudar, fazer um trabalho pessoal para praticar. A área que atuo, infelizmente não é uma área assim de você vai sempre ter o domínio completo do que você faz. Você vai ter que *tá* atualizando para não ficar para trás, *né*. No tempinho que sobra eu tento sempre dar uma estudada para ver o que está acontecendo no mercado. Mas é coisa pouca assim meia hora, uma hora e meia no máximo.

P: Exato. **E assim, dentro do seu cargo quais funções que você desempenha? Você pode me dizer mais ou menos?**

ME: *Tá*. É [...] como é uma startup a gente tem aquele *multitasking* então, acaba fazendo mais de uma frente. É [...] meu papel principal é a direção técnica de projetos. Então, eu sou responsável pela equipe de computação gráfica e analisar a qualidade do trabalho deles, direcionamento técnico em questão de como vai ser feito aquilo, qual o melhor caminho a se optar para facilitar, ajudar realmente quando o pessoal não sabe fazer alguma coisa, a gente vai lá e abraço trazendo conhecimento. E eu pego o projeto desde o começo, *né*, além da gestão técnica na parte de projetos eu sou a pessoa que conversa, a partir que o contrato *tá* fechado, eu converso com o cliente para entender a necessidade dele. É [...] agilizo as soluções criativas que o cliente fala, *né*, eu vejo o melhor caminho para criar aquilo que o cliente precisa mesmo, ver se realmente o que ele pensava era o que ele precisava. E daquilo eu faço toda a pré-produção, como *storyboard*, todo o projeto para [...] do início ao fim. Eu faço o acompanhamento e me junto na produção também, é lógico, startup, *tá*. E como a gente desenvolve um *software* na empresa que dá a base para a criação desses projetos, no *software* eu sou o responsável pelo design. Então eu faço desde a questão do nicho, público-alvo, mercado. Ai dentro do *software*, eu faço *user space* e interface, UI UX do design e ergonomia em geral, porque como a gente trabalha com um *software* que é [...] cria um projeto e exporta para várias plataformas de realidade virtual aumentada, mista, PC, web, plataformas de ensino e tudo mais, aí eu trabalho toda a ergonomia de uso, né. Se aquilo está fácil para o cliente, de acordo com o que a gente está trabalhando, e tudo mais. Sempre lapidando! Então, essas são as duas frentes, direção técnica e projetos, e a parte do design, de

P: Então, no caso você diria que é mais operacional ou mais criativo, ou os dois? Assim, as suas funções, *tá* nesses dois lados, né?

ME: Então, aí depende da etapa do processo. Porque se você pegar o [...] vamos dizer assim, começa toda a burocracia de fechamento de orçamento, por exemplo, eu pego o escopo do projeto, ajudo, *tô* pensando na parte técnica, a equipe, a fechar o orçamento e depois vou para toda a parte criativa, *né*. Eu faço estudo [...] vou dar exemplo, a gente fez um simulador cirúrgico de carótida, para o Hospital Beneficência Portuguesa, então, eu fui tive uma consultoria com o Doutor Bruno, que é o médico especialista de lá, e tive que aprender aquele conteúdo, então até ali foi um estudo. A partir daquele momento eu tive que usar toda solução criativa *né* de como eu ia transmitir para o digital aquela cirurgia, e dali é todo um processo criativo de como vai ser feito e tudo mais. Só que é um criativo meio que assim, é [...] moldado *né*, você não é livre para criar qualquer coisa, você tem que ficar dentro de uma forma, pensando na usabilidade e função daquilo, *né*. É a diferença do Design para o artista. O designer ele está usando uma metodologia, um conceito para criar algo, o artista ele é livre para criar o que quiser, vamos dizer assim.

P: Exato.

ME: Então no começo, ele é criativo, mas depois é totalmente técnico, acompanhamento técnico. E design é totalmente técnico. O design mesmo, assim a parte do design é, quer dizer, assim, tem que se policiar para não criar um software para a gente, tem que criar um software para o público-alvo. A gente é muito, tem aquela coisa também a gente tende a gostar do estético, então, tudo que é bonito. Ah ficou bom! Na verdade, não é assim. Ai na parte do design é totalmente técnico, eu tenho que tirar a minha parte artística de lado ali, pra primeiro para focar no funcional realmente no conceito que eu estou trabalhando e depois que a gente trabalha com a parte mais estética, também para não ficar “ruim aos olhos”. E isso depende muito da etapa do processo.

P: A gente aqui da arquitetura também tem essa mesma [...]

ME: É, então!

P: É muito semelhante, a gente também tem essa dualidade. Querendo ou não, é função, estética.

ME: É design e arquitetura só muda assim o foco, mas os conceitos são praticamente os mesmos.

P: Exato. E como você acaba tendo todas essas tarefas e atribuições, **você tem alguma técnica para gerenciamento do seu tempo? Para poder se organizar?**

ME: Olha, a gente normalmente vai com prioridades, de acordo com a necessidade, a gente tem uma mudança de prioridade, assim, ela é muito dinâmica, *né*. A gente tenta manter uma meta ali padrão, *né*. Pensando no projeto, eu tenho um cronograma curto, eu tenho um mês, um mês e meio. Então, se a gente tiver com projetos, eu tento gerenciar 80% do meu tempo para o projeto e eu tiro um dia da semana exclusivo, para trabalhar com o sistema, com o software. Então, caso eu pego segunda a quarta, eu trabalho só no projeto. Então, eu foco na equipe, na produção e tudo o que está acontecendo naquele projeto em si. E depois, na sexta-feira, eu tiro o dia inteiro exclusivo para reuniões, evolução do software, e tudo mais. Então, tipo assim, para me organizar pessoalmente, eu utilizo o software, a gente utiliza a plataforma Jira para organizar projetos e tudo mais. Mas, pessoalmente eu preferi fazer isso porque fica mais fácil para mim, porque eu sei que toda a sexta-feira eu vou tirar o dia para trabalhar com o software que é mais, que já está encaminhado, vamos dizer assim, são poucos ajustes. E deixo o projeto, que é sempre a prioridade devido a data de entrega, para trabalhar durante semana.

P: É que sexta-feira, também já está com o desgaste da semana inteira.

ME: É tem o desgaste. É uma coisa, assim, mais lenta. Tipo na sexta-feira é muito comum a gente chega ali umas quatro horas olha aí. “ah *tá* tudo certo? Deu pra fazer tudo? ah então vamos embora”. Sabe. Descansa um pouquinho. Até porque a gente não tem férias. *Né*, então.

P: Aí, Deus.

ME: A gente, é então. Ai [...] vai embora, assim quando *tá* na correria, *tá* todo mundo quase no *burnout*, *né*. Então, a gente começou a tentar organizar o tempo de maneira também a não ficar exausto na parte de organizar o trabalho. Porque a gente fica muito mais cansado de pensar o que tem que fazer, como fazer, do que fazendo. Então, a gente (inaudível), então, não vamos pensar em nada do software até tal dia, e só trabalha no projeto. Porque projeto a gente tem toda organização lá do dia, na plataforma de gestão. E o software o (inaudível) é mais longo, mais extenso, então, dá para a gente ir com calma, só um dia da semana, ir organizar, ver onde ele parou.

P: É porque tem uma ansiedade, um estresse antes, né. Que nem você falou.

ME: Sim. A gente falou, a gente usa um termo dentro da empresa, que é “debugar”

P: Debugar?

ME: Debugar! Porque quando a gente pega, por exemplo, a gente reproduziu a, um setor da fábrica Nestlé daqui de Caçapava, e quando eu cheguei direto das filmagens, você já entra numa crise, porque você vê cano, máquina para tudo lado, a gente não vai conseguir reproduzir isso em 3D. Ai a gente gastou, tipo assim, uma semana tirando foto, e mais uma semana pegando foto por foto analisando, separando, tentando identificar o que consta naquele ambiente que é um caos. Ai depois que você consegue organizar tudo isso e faz um esquema dele, assim, desenho simplificado, uma planta baixa, vamos dizer assim, *né*. Você já olha e fala: "Opa, entendi onde começa e termina a produção!". Aí flui que é uma beleza, é só dividir tarefas e tudo mais e vai acontecendo.

P: Como falam 99% tem um estresse, uma ansiedade que nem era tanto necessária, *né*?

ME: Com a experiência isso vai diminuindo, né, porque no começo a gente sempre assustava. Ai quando a gente pega um trabalho semelhante, ai a gente fala: "Ah não a gente já passou por isso, deu certo. Então, dificilmente vai dar errado agora.".

P: Sim. E assim, **você acaba passando por algum tipo de avaliação?** Você mesmo faz alguma avaliação pessoal de desempenho, de produtividade, alguma coisa assim?

ME: Então, o desempenho a gente sempre usa, a gente lá conversa entre si para saber se *tá* todo mundo é [...] a gente não economiza elogios quando a gente vê que a pessoa realmente se dedicou, né. A gente, nossa cara, realmente obrigado pela dedicação. Eu mesmo tento pegar a equipe sempre ali, por minha parte pessoal não da empresa que *tá* fornecendo, eu vou lá e dou um mimo pra eles, sabe. Ah Festa Junina, aí eu vou lá e compro um kit de bolinho caipira, alguma coisa e vou lá e entrego, ou mando entregar na casa dele. Eu fazia muito isso. E deixava claro que eles são importantes, que eles realmente tão, vamos dizer assim, o esforço que eles estão fazendo, está valendo a pena. A empresa está realmente reconhecendo aquilo. E posso também puxar lá na empresa a bola deles falando, vamos dar um bônus, vamos deixar mais flexível o horário e tudo mais. Então, a gente tenta trabalhar assim, com essa avaliação de desempenho e tal, realmente deixando claro para a pessoa, *né*. Se ela estiver com o desempenho ruim, como é uma startup, acaba que ela nem fica muito tempo lá dentro. A gente é [...] tem muito passageiro na startup. Ela chega, ela não acompanhou, infelizmente a gente tem que cortar o contrato, depois que termina o projeto. É assim, a gente sabe que a gente está bem,

porque a gente está lá ainda. E gente tenta conversar entre si e tal. A equipe é bem-preparada tecnicamente, o nosso problema mesmo é abraçar o mundo. Pouca gente para muito trabalho.

P: Entendi. Uma pergunta nada haver: Esse bolinho caipira é famoso aí em São José?

ME: É famoso.

P: Porque todo mundo fala desse bendito bolinho.

ME: Ele nem é do Vale. Ele é daqui da região Jacareí, São José, Caçapava. E ele é um bolinho bem simples, mas ele é gostosinho.

P: Desculpa mudar o assunto, é que você comentou. Gente, mas todo mundo fala desse bolinho.

ME: Não imagina.

P: Mas eu entendo, como você falou dentro da startup tem essa rotatividade dos funcionários. Querendo ou não a própria Ariane, ela mesma me falou: “não, vou passar o contato do ME, porque eu já não estou mais dentro da empresa.”

P: Sim. E é uma empresa, assim, como a gente sempre tenta focar num produto escalado. Então, o que acontece, as vezes não fica confortável trabalhar em uma startup. Você sabe que você não tem uma previsão de futuro, pode ser que ano que vem não exista mais a startup, pode ser que ela feche do nada, entendeu? Então, a gente sempre chega no final do ano ali com coração a mil. A gente não sabe se ano que vem a gente vai estar funcionando, se vai ter dinheiro no caixa e tudo mais. Até hoje sempre deu certo, quando a gente estava quase quebrando, entrou um projeto que aguentou mais 6 meses e foi indo, *né*. Mas, então assim, não é confortável, porque as vezes o estresse fica na gente. Então, a gente chega todo mundo de cara fechada para trabalhar, sabendo que tem que fazer aquilo funcionar e todo mundo descontente. Então, é uma empresa, que assim, praticamente a maioria é homem. Então, um monte de homem de cara fechada, não fica confortável trabalhar, *né*.

P: Entendi.

ME: Tanto que a gente tinha na época uma equipe bem reduzida. Na época a gente tinha de mulher, a Ariane e a Janaína, aí chegava as duas sorrindo na empresa, e aquele monte de homem lá, suando frio no projeto e tal. Então, assim, as vezes não fica confortável. Então, assim, oscila muito humor e tudo mais. Mas assim, o nosso humor reflete a situação da empresa.

P: Como dizem: quem empreende está dentro de uma montanha russa.

ME: Sim.

P: Sobe e desce. Sobe e desce.

ME: Exatamente isso. A questão é que para subir, tem que ter uma descida bem boa para poder dar embalo. Quando a gente começa a chegar no limite ali, de repente vem uma notícia muito boa.

P: Por isso que a gente fala tanto da inteligência emocional, de saber, de aprender a lidar também com esse sentimento, que querendo ou não, de algo que você está incerto, você não sabe o que vem pela frente.

ME: É isso, aí acaba trabalhando com o [...] inconscientemente. Vamos dizer, a ansiedade ela é treinada. Igual polícia, bombeiro treina para trabalhar com a ansiedade em ambiente de estresse, a gente acaba blindando a nós mesmos, com cada situação que vai acontecendo. Então, quanto mais vai dando ruim, chega final de ano "Ah *tá* dando ruim de novo, ah mais é de novo, o ano passado a gente já passou por isso, então vamos nos dedicar um pouquinho mais que vai dar certo". A experiência, realmente, faz a diferença. Realmente, tudo que a gente vai passando vai ajudando.

P: Vai crescendo, *né*. E já que você falou desse ponto, **o que você mais gosta e menos gosta do seu trabalho?**

ME: Olha, eu gosto bastante [...] assim, como a gente trabalha com indústria e área médica, eu gosto da flexibilidade de conteúdo, *né*. Gosto sempre de poder estar aprendendo uma coisa nova. Acho maravilhoso! Então, você chega hoje eu vou trabalhar com medicina, amanhã eu vou trabalhar com engenharia aeroespacial, depois eu vou trabalhar com engenharia automotiva. Então, você sempre tem que aprender um conteúdo, é muito dinâmico, não fica monótono, *né*. Mas, como a gente sempre abraça o mundo, uma coisa que eu odeio, assim, é que você não consegue focar. Tem que resolver todos os problemas, as vezes você fica engessado. Ah eu queria fazer um projeto maravilhoso – não. E você tem que fazer o mínimo entregável para o mercado. Vai entregar ele e já vai pegar outros projetos e já vai começar. Sabe, começa a ficar uma correria. Isso eu me sinto desconfortável. As vezes eu vou prestar serviços para uma empresa grande, multinacional, sai um pessoal tranquilinho, conversando, trabalhando harmoniosamente e a gente não tem tempo para respirar. Porque quando a gente chega na empresa, a gente chega lá, a gente não sai da cadeira mais. Então, essa correria louca de startup é o que me deixa desconfortável. Agora, a parte gostosa é a flexibilidade de conteúdo e horário

também, a gente. Bom se eu precisar sair e buscar a minha esposa e levar no médico. Eu só comunico, se não tiver nenhuma reunião, nada urgente, eu comunico, saio tranquilo, levo e volto pro trabalho e está tudo bem. Também não é aquela coisa engessada, já saiu e não pode.

P: Exato. Fixo, aquele horário fixo.

ME: A se eu estiver atrasado em algum conteúdo por causa das minhas saídas durante a semana que eu precisei fazer alguma coisa, eu compenso no final de semana. Fica bem flexível. Então, o importante realmente é se a gente falta 15 dias para aquele projeto, o importante é cumprir aqueles 15 dias.

P: E agora mais com relação ao Parque, nessa relação da empresa com o Parque, sua com o Parque, o que você acha? **Quais são as principais contribuições que o Parque oferece para os seus usuários?**

ME: *Tá*. Eu particularmente, assim, eu não acompanhei toda a evolução desde quando ela estava na pré-incubadora. Mas o Parque, ele oferece uma estrutura em que você é apresentado a clientes. Então, uma pessoa vai conhecer uma empresa lá e acaba conhecendo as outras por consequência. Eles têm varas palestras, eles têm grupos que, de criação de conteúdo. Resumindo, eles te apresentam para o mercado. Estar dentro do Parque você ganha o título: “Ah, empresa de tecnologia” “Opa essa empresa é de tecnologia”. É um chamativo. “Dentro do Parque Tecnológico, opa, deve ser uma empresa boa, se ela está lá dentro”. A gente ganha um título, de estar lá dentro. E o Parque ele te dá uma estruturazinha bacana, você tem um ambiente que tem estacionamento bom. Então se a gente estivesse numa sala comercial padrão, nosso cliente viesse visitar a gente, talvez não teria lugar para ele parar. Lá dentro não, ele vai tranquilo, pega a Dutra para. Então, assim a estrutura, que era a antiga Solectron lá [...] Então, chega lá dentro tem uma estrutura de segurança, estacionamento, restaurante, cafeteria. Nem dentro da empresa a gente tem café, a gente não tem aquele cafezinho. Quando a gente precisa, a gente leva até a cafeteria e paga um café para ele que é muito mais prático. É como se fosse uma empresa dentro de um shopping. A gente tem essa vantagem, na parte comercial, ali mais profissional, de apresentar para o mercado, de dar cursos, de fazer todo um plano de evolução da empresa até sair da incubadora e depois vai para uma salinha lá no centro empresarial mesmo, no caso onde a gente está agora. Ele te dá todo o suporte para você sobreviver aqueles primeiros anos, que o de

maior risco. Mas, ao mesmo tempo, essa é a parte boa do Parque, *tá*. Se você quiser ouvir também a outra versão?

P: Pode falar, por favor!

ME: Então, pessoalmente, eu acho o Parque maravilhoso, porém, apesar de ter a Dutra ele é longe de tudo.

P: *Tá* ali no canto do município.

ME: *Tá* praticamente no final lá já. Então, se você precisar ir na empresa rapidinho pegar um objeto, um material que está e voltar para outro lugar, está na outra ponta, sabe. Tem que sair de casa e ir lá do outro lado e pegar. Então, assim, se a gente tivesse em um prédio comercial padrão, a gente já estaria com outras vantagens, que seria o restaurante do ambiente em que o bairro está localizado. Ali não, não tem nada perto. A gente está isolado. Eu sinto bastante preconceito com o Parque por ele estar isolado.

P: Mas você não acha que a Linha Verde contribuiu para isso, ou não, para esse deslocamento?

ME: Não. Eu acho que está um pouco recente ainda. A Linha Verde, assim, ela ainda é um ônibus. Vai parar, vai ser mais lento. Se fosse um veículo sobre trilhos, talvez fosse [...] trinta minutos de fosse de carro, uns dez, vinte [...], mas o ônibus ele ainda vai demorar, então vai ser quase uma hora. Ele vai passando, parando ele sai de um bairro extremo sul e vai para leste. Ele facilitou o acesso para pessoas que não tem carro, mas a maioria dos nossos clientes e funcionários, hoje em dia, tem carro, e mesmo assim fica complicado. Porque a Dutra parou, só tem um caminho. A Dutra parou.

P: Exato, é a principal via de acesso.

ME: Então, acho que também tem como vir por trás dentro no bairro, mas também passa por alguns lugares meio perigosos, então não é legal assim.

P: E é seu cliente, você também não quer que ele passe por aí.

ME: Sim. E lá tem bastante roubo na região. A gente do Parque, como a gente está dentro de uma estrutura protegido, com segurança e tudo mais, a gente não tem tanto problema. Mas ali nas redondezas, nas faculdades que tem lá perto fica, o pessoal é bastante assaltado por lá.

P: Você já conhece o Projeto da Cidade Tecnológica? A ideia é que essas startups fossem, migrassem para lá depois, você vê isso como algo positivo?

Que talvez melhore a região? Porque você diz que é uma região um pouco perigosa.

ME: Eu acho que a longo prazo vai ficar legal. Porque, tudo começa [...] aqui mesmo onde minha mãe mora, quando ela mudou para cá antigamente, tinha uma avenida asfaltada, o resto era tudo terreno praticamente. Hoje em dia é um dos bairros mais nobres da cidade.

P: Qual é mesmo o bairro que você falou?

ME: Aqui é o Jardim Alvorada. Pessoal chama de Aquários, porque emenda tudo. A avenida principal é a Cassiano Ricardo. O lugar ficou maravilhoso, cheio de praças, todo estruturado, é um lugar bonito.

P: Exato, valorizou, *né*.

ME: Valorizou. Mas porque que valorizou? Porque a gente tinha aqui perto a Johnson, a Avibras, a Panasonic, tinha um mercado grande que é o Carrefour estabelecido no bairro. Então, assim, eu acho que a Cidade Tecnológica vai ser mais ou menos isso, já tem o Parque, aí eles estão fazendo o planejamento urbano. Vai ser um bairro planejado, que isso também acho que é vantajoso. Tudo bonitinho, quadradinho, organizado, só esperando receber as estruturas. A partir do momento que tiver um mercado bom, várias pessoas já morando, vai começar a movimentar aquele ambiente, eu acho que mas eu acho que vai uns 10, 15 anos para se ter um resultado real.

P: Exato, isso leva tempo. **E com relação aos cursos que você disse que tem ai no Parque, você já fez algum curso?**

ME: Eu dentro do Parque não, mas o pessoal já fez. Tem aqueles cursos básicos de empreendedorismo, liderança, como captar recursos, como é que fala, ensina a captar recursos e tudo mais.

P: Evento, algum evento você participou ou não?

ME: Sim. Eventos eu participei de vários, só que lembrar de todos agora. (Acena com a cabeça negativamente) A gente participa bastante de eventos voltados da nossa área mesmo, tecnologia e tudo mais. Aí tem aquelas palestras do que vem pela frente, né, o que vai ser do futuro, até para a gente trabalhar com a realidades virtual, a gente usa mais o que está para a frente do que o agora.

P: Exato. Se você pudesse escolher 5 empresas ou pessoas que são as mais influentes dentro do Parque - porque você fala que tem esse contato, de as vezes ir

visitar uma pessoa, uma empresa e acaba vendo a de vocês. Você tem 5 pessoas ou empresas que você diria que são mais influentes?

ME: Olha ali dentro as principais empresas que a gente tem contato é [...] a Nestlé, ela tem um centro de inovação ali dentro, eu acho que pesa bastante, as empresas grandes. Têm uma outra que agora eu não lembro o nome, nossa ela é a principal, que assim era uma startup que vinha assim com a gente, ela deu um *boom* gigantesco.

P: A AUTAZA?

ME: AUTAZA, acho que é de braços robóticos para o setor automotivo.

P: Provavelmente é!

ME: Eram dois alunos do ITA

P: Isso, essa mesma.

ME: A gente sempre estava com eles, a gente ia visitar clientes com eles.

P: Entendi.

ME: A gente fazia a nossa prestação na mesma salinha com o diretor da Caoa Chery, por exemplo. A gente estava ali, só que o deles vamos dizer é mais palpável do que o nosso, já dá um ganho real para a indústria agora, o nosso é um ganho a longo prazo. Mas eles deram um boom, cresceram absurdamente, né, ganharam vários investimentos, eles se destacaram. Eles são referências para gente, cada um com o seu galho, mas eles são uma inspiração. Bom tem eles [...] a gente é meio fechadinho no nosso serviço lá, a gente não acaba conhecendo tanto as outras empresas, mas tem a AUTAZA que cresceu junto, tem a Nestlé ali dentro, tem o Metrô de São Paulo que está ali dentro também, é contato bom que a gente tem lá dentro,

P: E, é recente, né o Metrô?

ME: É recente! Mas já foi legal. Já trouxe um contato maravilhoso que pode colher mais frutos ali para frente. Mas assim tá bem legal. São os três principais que eu tenho de cabeça agora.

P: *Tá*, sem problemas.

ME: Mas como eu fico mais no setor de projetos ali dentro, né, eu fico mais preocupado com o que está acontecendo dentro da empresa. Ai, os sócios que fica na parte ali do administrativo, ele que fica participando mais

P: Está mais antenado para fora.

ME: Sim, sim.

P: E, assim, o seu ambiente como que é, seu ambiente de trabalho? Espaço físico

ME: Olha o espaço físico que a gente tem hoje é uma salinha com mesa e computador. Agora a gente tem até uma cozinha. É, tipo assim, a gente está com uma salinha que agora está com cara de empresa. Falta gente. A gente tem capacidade acho que para 14 pessoas naquela sala e a gente tá, hoje em dia, em 7 ou 8. Então, fica meio vazia, mas assim você chega l[á e já tem uma cara de empresa. Você tem uma sala de reunião, tem um cafezinho, ela é pequenininha, mas toda blocada, separadinha com Drywall ali. *Tá* bem legalzinho. Eu gosto bastante do espaço que a gente tem lá.

P: E seu espaço ele é compartilhado ou individual?

ME: É compartilhado! No caso, a gente tem um balcão, aquelas mesas planejadas de dois lados uma parte e a outra parte fica a computação gráfica. Todo mundo lado a lado assim

P: E você chega em alguns momentos trabalhar de casa também?

ME: Trabalho. Atualmente, principalmente nesse final de ano, eu optei, até por questão de economia, né, gasolina estava muito cara. A gente está com uma equipe reduzida, então, não tem tanta gente para gerenciar, não tem tanto por que eu estar lá acompanhando o trabalho de todo mundo. A gente teve uma experiência boa com o pessoal trabalhando dentro de casa, pelo menos na parte de computação gráfica, eu consegui estimar, vamos dizer assim, pequenas tarefas para os dias, né, todo final de dia você me manda o projeto que você pra eu ver o nível, para analisar e acompanhar e e no dia seguinte eu já começo o dia retornando, dando feedback do que tem que melhorar, se já foi aprovado e tudo mais. E o pessoal é assim, independente se eles estavam trabalhando durante o dia ou não, ele me mandando no final do dia ali o material para começar o dia certinho, está funcionando bem. Eu gostei dessa liberdade da equipe desde que ela tivesse o compromisso com as entregas semanais, diárias e tudo mais. Se ela trabalhou de madrugada, se ela saiu para ir ao mercado, se ela foi no médico, se ela dormiu até mais tarde, não tem problema. E todo mundo é bem-organizado, porque assim se tiver alguma reunião, ou qualquer coisa, fora do horário que ele tava planejando, ele já reserva aquele horário, faz a reunião e depois volta para a rotina dele de lazer ou não sei *né*. Igual eu falei: eu prefiro até não saber o que eles estão fazendo, para dar essa liberdade,

tipo assim, deixa a pessoa livre, mas ela trabalhando direitinho não tem que se preocupar.

P: Garante a individualidade dele também. Autonomia.

ME: Sim, mas isso é uma coisa que eu defendo bastante – essa questão de *Officeless* - de sai do escritório. Não vejo tanta vantagem a equipe de produção estar lá dentro o tempo todo eu prefiro o pessoal estar produzindo tudo direitinho e *tá* bem, e quando precisar a gente se reúne lá e faz um treinamento, uma reunião presencial caso necessite. Já [...] aí isso diverge dentro da empresa. Um sócio mais velho, ele é ainda daquele que se o que engorda o gado é olho do dono. Então, ele fala assim se não estiver aqui, Ele sente que se ele não estiver olhando, se ele não tiver o controle do que cada um está fazendo na hora que está trabalhando, ele sente que não está trabalhando. Então, ele é assim. E o sócio mais novo ali, ele já é mais flexível, quando tá tudo dando certo: “Ah, não tá perfeito!”. Quando *tá* tudo dando errado, ele fala: “Não, o pessoal tem que vir aqui!”

P: Ai já enrijece!

ME: Então. Mas eu sou do lado que acho que funciona bem e tal. Fica bem bacana. Tanto que a gente nunca deixou a empresa na mão, sempre deu certo!

P: Exato. E aproveitando esse gancho, dentro do próprio Parque **você sente que tem, você já falou da cafeteria, por exemplo, que vocês levam o cliente, mas você sente que tem esses espaços para o descanso, para o lazer, para sair dessa rotina?**

ME: A gente não usufrui tanto, né. No máximo que a gente tem lá é um, não sei como chama, aqueles, sabe? Balaústre? Quando você vai tomar um solzinho, assim, no jardim, pergolado, assim, sabe? Então, tem um pergolado para a gente tomar um solzinho. Depois um banho de sol, depois do almoço, uns 5, 10 minutinhos as vezes. E tem uns sofázinhos disponibilizados, perdidos e tudo mais. Mas, assim, realmente não é um ambiente confortável, não chega a ser [...] acho que o sofá do shopping te dá um conforto maior do que ali dentro. E a cafeteria também não é uma cafeteria acessível para todo mundo, é um preço, por estar isolada lá longe, não tem concorrente (inaudível) Um cafezinho de 50 ml é 8 reais. *Pô* se fala: “50 ml aquele copinho de café, sabe, 8 reais”. Não dá nem para você se sentar na mesinha, porque antes quando tinha uma antiga cantina lá no lugar da cafeteria, a gente ia lá tomava um lanche, gastava uma meia horinha conversando para sair daquela rotina

corrida. E agora a gente *tá* nessa questão não tem para onde correr. O lazer nosso é sentar no sol, lá.

P: É só o banho de sol mesmo.

ME: Só o banho de sol.

P: Entendi. Que dureza, poderia ter um espaço [...]

ME: *Ah,* poderia! A gente sente bastante, como o Parque é grande, a gente sente falta de uma estrutura até de condomínio, sabe? Se tivesse uma academia lá dentro, se tivesse uma coisa, as vezes assim boba, sabe? Um espaço, as vezes para caminhada, sabe? Coisa assim do tipo. A pessoa já que ela está lá, ela vai gastar o dia dela lá, talvez fique até tarde na hora que ela sair de lá e ir para a casa dela, já tem uma rotina: oh vou trabalhar, faço uma academia aqui mesmo e depois vou embora,

P: Exato. Você acabou dizendo que você fica mais dentro do seu ambiente de trabalho, mas **você acaba utilizando outros espaços dentro do Parque?** Para trabalho ou algo que não seja.

ME: A gente usa [...] quando é uma reunião que não atrapalha a produção, a gente tem as salas de reunião que a gente pode usar. Elas são bem assim: uma bancada com uma mesa grande, uma televisão para conexão com o computador e o ar-condicionado, que eu acho que é importante. Então, assim, a gente utiliza bastante as salas de reunião. Antigamente, a gente tinha outras estruturas lá dentro, o Parque oferecia impressão 3D gratuita, as vezes cobrava só o material, hoje em dia eles foram cortando, sabe. Com redução de gastos, algumas coisas que tinha vantagem de estar lá dentro, eles foram cortando. E a gente ficou só com essas, o que a gente utiliza atualmente é só a sala de reunião. *Ah* banheiro e tudo mais.

P: Sim, sim.

ME: Essa parte não tem na empresa, fica no Parque compartilhada.

P: Bem, o seu cotidiano no Parque é mais ou menos esse que você já havia mencionado, né. Aí você faz esse banho de sol na hora do almoço, é isso?

ME: *Uhum*. [O participante está distraído, como se estivesse escrevendo no computador]

P: Agora, então para a gente terminar, a última perguntinha que eu queria saber é se você tem, **como que você projeta o seu futuro profissional? Quais são as suas expectativas, anseios, construção de carreira?**

ME: *Ah*, não, sim! É, eu atualmente eu estou esperando. Assim é história de: nadou tanto que eu tenho medo morrer na praia, sabe assim? Porque tipo assim quando a empresa estava conseguindo chegar na areia eu resolvi sair fora. Então, eu dei um tempo para a empresa, eu estimei a minha carreira dentro da empresa que eu trabalho, eu estimei vou dar um a dois anos a partir de agora, porque eu preciso ver resultados da empresa, porque se ela não demonstrar crescimento ou oportunidades lá dentro aí eu não vejo por que ficar se desgastando dentro de uma startup. Lá dentro se der tudo certo, vamos ver numa opção A, se der tudo certo o mundo perfeito, aí eu já como eu estou com eles desde o começo, eu já estou num cargo vamos dizer assim mais alto. Então, assim, eu já *tô*, se a empresa crescer eu cresço junto naturalmente e cada vez vai me desafogando cada vez mais. Aí eu vou poder ter pessoas que vão fazer alguns serviços que eu faço atualmente, eu vou conseguir ficar numa vida harmoniosa, equilíbrio entre lazer e trabalho. E se der errado, (risos) vamos dizer assim: ah, deu errado e tal. Ai meu plano de carreira é realmente continuar trabalhando na área mesmo de 3D, de computação gráfica, eu queria ficar mais nessa parte de é [...] trabalhar com jogos, alguma coisa assim, voltar um pouco para o entretenimento. Porque querendo ou não mesmo sendo corrido também era um ambiente harmonioso. Eu não posso negar que trabalhar com projetos prazerosos deixa tudo, estar trabalhando gostoso, tudo mais fácil. A se você precisar madrugar, não tem problema porque é uma coisa gostosa.

P: Igual a gente aqui com projeto, se você está, se envolve, acaba que fica mais tranquilo, mais leve, né.

ME: Sim. Ai mais é, mas assim, meu plano é esse. Tanto que eu me especializei em anatomia humana, nessa coisa para trabalhar mais com personagem e para a área mais de medicina e a empresa atualmente está trabalhando com indústria, indústria, indústria, indústria. A indústria é muito mais simples de trabalhar tecnicamente falando, porque a indústria ela não precisa de nada é assim pensando num efeito especial, pensa assim numa qualidade de cinema. Você vai fazer um carro para o cinema, você vai fazer “o” carro! Parecendo real. Já para a indústria não, ele tem que estar com as dimensões corretas, pode ser um projeto esquemático. Não precisa trabalhar tanto essa parte artística, fica naquela parte mais técnica, rápida de resolver. A gente trabalha com muito treinamento, simulação coisas do tipo e fica aquela coisa mais *chocha*, você vai fazendo: *ah* legal fiz a fábrica da Nestlé inteira,

mas assim você queria sempre fazer mais e você fica o tempo todo se policiando para não ir para a parte.

P: É porque quer ir para o irreal também, né? Que fugir e extrapolar.

ME: Sim. Não, sim. Tanto que na minha hora vaga eu pego alguns *freelancers* para fazer *action figures*, onde eu faço escultura do personagem para a pessoa imprimir bonitinho, para trabalhar com uma coisa totalmente diferente e tal e não ter a qualidade técnica da outra área para caso um dia eu saia da empresa e for procurar um emprego no setor de games, eu não posso ficar para trás. É difícil acompanhar o setor de games trabalhando com projetos simplificado e que gasta seu tempo inteiro. Então, você está o tempo todo dedicado a fazer e não consegue aperfeiçoar a sua qualidade técnica. Então, essa é a desvantagem, vamos dizer assim. Aí a gente torce para dar certo para não ter o risco de correr atrás depois, né.

P: Exato. Vamos torcer para que o plano A dê certo.

ME: É. E eu acho que é até difícil sair de uma empresa. Ah legal, consegui chegar a diretor técnico em uma startup. Eu não vou conseguir entrar como diretor técnico de uma outra empresa que não seja uma startup também. Ai eu teria que dar ali na carreira, recomeça, ganhar espaço de novo, mostrar serviço, tudo mais e tal. Abrir oportunidades. A gente fala que tem muitas oportunidades que abrem em tempo de vida. Quando acabou o tempo de vida de alguém é aquela vaga. Então, a maioria das coisas são assim: a pessoa aposenta = um cargo. Ela se aposenta a fila anda. Aí vai demorar mais tantos anos.

ENTREVISTA 05:

Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Entrevista por chamada de vídeo: plataforma Google Meet
Data da entrevista: 23/12/2022
Data da Transcrição: 28/12/2022
Hora de início da entrevista: 14h40
Duração da gravação: 44min 30s
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: CM

P: Qual a sua idade?

CM: 39.

P: Qual é o seu estado civil?

CM: Casada.

P: Tem filhos?

CM: Tenho 2.

P: Você mora em São José dos Campos?

CM: Moro.

P: Você veio para São José dos Campos ou você nasceu aí, como é que é?

CM: Sou nascida aqui.

P: Em que bairro que você mora?

CM: Jardim da Granja.

P: Por que que você escolheu morar nesse bairro?

CM: Porque é um bairro onde eu nasci, *né*. É [...] E eu tenho um imóvel no bairro ao lado, mas por questões pessoais eu precisei voltar para esse bairro onde eu nasci, *né*. Então, foi por isso.

P: E quais vantagens você vê nesse bairro que você mora?

CM: *Ah*, por ter sido um lugar que eu nasci, fui criada, *né*. Conheço as pessoas, *né*, assim. É uma certa segurança emocional, *né*, vamos assim dizer.

P: E você vê desvantagens nesse bairro?

CM: É um bairro um pouco antigo, é [...] que tem poucos comércios. Poderia ter, talvez, mais bancos próximos, eu vejo isso como negativo.

P: E como você desfruta do bairro e do município, em geral, de São José dos Campos?

CM: *Ah*, na verdade assim, de São José eu desfruto tudo que a cidade oferece. *Né*, assim, parques, shoppings, é a questão cultural, *né*, bacana, assim. São José tem teatro, tem apresentações musicais muito bacanas. Então, eu acho que é uma cidade bem estruturada. A questão de mobilidade, aqui na cidade, ela ajuda bastante! Então, assim, você consegue se deslocar de bairros distantes por carro, *né*, de uma forma rápida. *Né*, então a malha viária que tem na cidade ela é excelente! E acho que a qualidade de vida, *né* que São José oferece, né, assim. O custo de vida comparado a outros municípios, *né*, com a quantidade de moradores, *né*, é muito positivo!

P: Exato. **O bairro em si você acaba utilizando-o mais para lazer, pra consumo, tipo comércio, alguma coisa assim?**

CM: Mais consumo. Isso, mais para consumo mesmo. Lazer eu não desfruto de nenhum lazer lá no bairro. Não tem. É muito fraco!

P: E você falou da questão da mobilidade, **como é que você se desloca da sua residência até o Parque tecnológico?**

CM: É [...] o meu esposo me traz até um determinado ponto de encontro e eu venho de carona com uma amiga que trabalha aqui.

P: Entendi. **Os dois são carro? Ou moto?**

CM: São carro.

P: E quanto tempo, mais ou menos, que leva esse deslocamento?

CM: O trajeto todo 15 minutos.

P: 15 minutos. Que bacana.

CM: É perto!

P: Bem rápido! E você é formada em que?

CM: Quando a Dutra ajuda, é claro!

P: *Ah tá*, todo mundo fala que a Dutra é uma avenidona.

CM: É [...] Se ela resolve travar ai o negócio vai ficar sério. Mas em dias normais ela flui bem, por exemplo, hoje nessa hora da entrada o trânsito estava muito carregado na Dutra, e ai a gente pegou é uma outra saída que também consegue chegar aqui no parque e não tem muita diferença de tempo, então, assim, por isso que ajuda bastante. A gente tem outras saídas do destino da minha casa, residência pro trabalho que ajuda bastante. Então, mesmo a Dutra parada a gente consegue pegar os atalhos.

P: Tem alternativas, né.

CM: Sim!

P: Entendi. **E você é formada em que?**

CM: Secretariado executivo!

P: Você se formou onde?

CM: Na UNIVAP. Na universidade daqui de São José mesmo.

P: Qual o seu cargo atualmente?

CM: Analista de desenvolvimento de negócios.

P:E você está a quanto tempo?

CM: Ai, essa é a mudança (risos) essa é a mudança. Eu entrei no Parque como assistente administrativo, faz um ano e três meses. Aí eu estava no departamento de infraestrutura, como assistente administrativo. *Né*, e aí o Parque abriu umas oportunidades, *né*. Fizemos um reestruturamento interno, *né* e eu estou migrando a

partir do próximo ano, de 2 de janeiro, para essa área de novos negócios, atuando na função de analista de desenvolvimento de negócios.

P: E o que motivou você a ir para esse cargo? Agora esse atual ou o antigo?

CM: *Ok*. O que motivou para ir para esse novo cargo é [...] são as oportunidades que esse departamento ele oferece, *né*. Eu vejo que novos negócios, *né*, ele propõe, ele te proporciona, é [...] um valor agregado diferenciado! Do que uma área da infraestrutura, por exemplo. Assim, a gente *tá* em um ecossistema de inovação. Então, assim você [...] o valor agregado é [...] de um departamento de novos negócios eu vejo que tem mais significância, *né*, mais significativo do que uma infraestrutura, que é operacional mesmo, *né*. Então, com o meu perfil profissional, é assim [...] por conta da experiência que eu já tive em outras empresas, *né* assim [...] de ter contato com o poder público, com órgãos governamentais, é [...] com atendimento de visitas, *né*, então, assim, isso tudo foi assim, uma oportunidade que eu vi, fizemos uma análise, *né*, uma consideração entre todas as partes, entre o meu gestor, atual da infraestrutura, o meu novo de negócios e aí e acabou dando certo essa passagem, essa mudança pra lá.

P: Coisa boa! Era até isso que eu ia te perguntar, **se você já tinha trabalhado nessa área em algum momento, se já tinha experiência?**

CM: A parte de [...] sim eu tinha uma experiência é não especificadamente nessa área de negócios, *né*. Hoje a área de novos negócios dentro do parque *tá* na área comercial. Então, eu nunca trabalhei na área comercial, *né*. Mas na minha função, é... como secretária eu sempre recebi muitas pessoas, *né*, fiz essa interface, *né*, com órgãos públicos, *né*. Eu trabalhei num instituto de Ciências e tecnologia. E também trabalhei lá nesse mesmo instituto na área de visitas e eventos. Então, aí nessa que eu mostrava o departamento que eu trabalhava, as atividades que estavam acontecendo e tudo mais. Então isso foi é... essa bagagem que me ajudou a migrar para essa função nova aqui no parque.

P: Sim, te deu essa habilidade, *né*. Então, como você foi contratada? **Ai vocês são CLT, *né* no caso?**

CM: Isso. CLT.

P: Você teve alguma indicação ou não? Como foi o processo de contratação?

CM: Sim. Bom. Aqui no parque antes de ser colaboradora da associação Parque Tecnológico, eu já fui residente. Na verdade, nós chamamos as empresas que estão aqui dentro do parque instaladas, de residentes, *né*. Então, assim eu fui funcionária

de uma empresa residente aqui no parque, *né*. E eu era assistente executiva, *né*, daquele escritório, e tinha muita interface com a área de infraestrutura, *né*, com o gestor que eu trabalho hoje. Então, ele conhecia o meu trabalho, *né*, já conhecia a minha desenvoltura, a minha experiência, como residente aqui no parque. E aí a empresa por razões financeiras acabou me desligando, *né*. E eu estava procurando uma oportunidade, *né*. E eu gosto muito desse ambiente de inovação. É uma coisa que me atrai. Eu acho que assim, você poder entregar, *né*, assim, algo para a sociedade de valor, *né*, inovador, assim, uma nova metodologia, é... traz muito valor, *né*.

P: Exato.

CM: E eu estava procurando, sempre olhando vagas aqui no parque tecnológico. Ai a oportunidade, *né,* chegou e eu, *né*, assim, já tinha trabalhado, gostei da experiência, *né*. Sempre olhando vagas tanto em empresas instaladas aqui dentro ou tanto pra própria associação.

P: Aí já correu e abraçou, *né*.

CM: Ai deu certo! (risos)

P: Aí que bom, a gente fica feliz quando dá certo assim, aí é bom! **Você pode me explicar, mais ou menos, como é sua rotina de trabalho? Você trabalha ai dentro do parque, né?**

CM: Isso.

P: Então, você chega que horário? Mais ou menos como é que é? Horário de almoço, mais ou menos, sua rotina?

CM: *Ah*, bom, eu chego 7:50, *né*. E imediatamente, assim, já chego, já ligo ali o computador e já começo as minhas atividades mesmo, *né*. É, então, assim, ali a gente fica até por volta de meio dia e meia. Aí fazemos uma hora de almoço, ai a gente fica até umas cinco horas. E basicamente na função que eu atuei um ano e três meses nessa área, *né*, eu era responsável por mostrar as salas e áreas disponíveis no parque para empresas se instalarem aqui.

P: Olha que legal!

CM: Então, assim, eu trabalhava muito próximo com o time do Nexus. Nexus é o nosso Hub de inovação aqui do Parque. Eu simplificava que o Nexus é o software, então, assim, a empresa tem que se instalar, tem que passar pelo processo seletivo, tem que fazer sentido estar dentro de um parque tecnológico, *né*, tem todos os requisitos para serem cumpridos e tudo mais. Então, assim, o Nexus é o software e

eu sou o hardware, então eu era responsável pelas empresas que passavam no processo seletivo, *Ok*, foram aprovadas e estão aptas, aí passava para mim e aí eu mostrava as áreas, os ambientes que as empresas poderiam se instalar aqui no Parque, *né*. E aí além dessa função eu fazia também a gestão dos contratos dessas empresas, *né*. Então, assim, controle físico-financeiro, aplicação de aniversário de contratos, a empresa queria uma área a mais, uma nova área, eu adicionava no contrato e consequentemente na planilha, devolvia área, era a mesma coisa. Uma outra atividade que eu fazia também é [...] nós temos o projeto de humanização do Parque para gerar bem-estar, conforto, comodidade, considerando que o Parque é distante daqui dos bairros, daqui de São José, e esse projeto chama Nexus Living. Então, assim, temos instalados aqui empresas de serviço e alimentação para trazer valor para o colaborador, para o residente, os colaboradores que frequentam o Parque. E aí eu fazia a gestão também desses parceiros. Então, assim, o contrato deles [...] *ah*, a gente precisa [...] por exemplo, teve uma, esse ano teve um projeto de implementação de uma nova área de restaurante, *né*. A gente tinha um grande restaurante central, que foi fechado durante a pandemia, e aí agora a gente optou por fazer uma praça de alimentação. Então, aí a gente teve que fazer o mapeamento de empresas que estão aptas, através de um chamamento público, a se instalar nesses “Boxs”, como uma área de shopping mesmo.

P: Sim.

CM: Então, assim eu faria, eu fiz todo o acompanhamento desse projeto, dessas empresas se instalando, da gestão de contratos, do faturamento dessas empresas, então esse foi um pouco da minha atividade durante o tempo que eu fiquei nesse departamento.

P: Entendi. **E aí depois que você sai do Parque, você vai para casa? Você tem algum momento de lazer?** Alguma rotina de atividade física, alguma coisa assim?

CM: É, na verdade, assim, é [...] Eu em casa, como eu tenho filho pequeno, né, então é aquela rotina noturna de mãe. Faz janta, cuida do filho, brinca com o filho para compensar a hora fora de casa, *né* e só. Então, assim, eu não consigo nem colocar uma, ainda eu preciso melhorar, mas ainda eu não consigo, assim para não dizer que eu não caminho nada, de onde eu desço da minha carona, as vezes eu vou caminhando uns 30 minutos. Mas assim, é raro! Então, assim, é uma rotina noturna de casa, de dona de casa, de mãe, de janta.

P: É o seu segundo turno.

CM: É, segundo turno isso aí

P: Eu te entendo completamente.

CM: E a gente dá conta de tudo! (risos)

P: Exatamente. Tem que dar.

CM: Alguém tem que dar conta desse negócio, *né*!

P: Exato. Falou tudo! Então, você já falou da sua rotina, mas esse seu horário é fixo, o horário de entrada e o horário de saída?

[Participante acena com a cabeça em gesto positivo – SIM]

CM: Porém, **P** aqui no Parque agora eles estão estabelecendo novas políticas de RH. É muito positivo, e a jornada flexibilizada e o formato híbrido, eles estão sendo permitidos, *né*. Então, assim, eu só faço mais esse horário fixo, fechado, né, por quê? Porque a função, onde eu estava, requer isso. Por que o que que acontece? Muitas vezes assim, as áreas que trazem visitantes para o Parque, empresas que querem se instalar, aí vai mostrando as salas, ai não sei o que, a empresa fala assim: "Poxa eu me interesso, será que eu consigo ver alguma área, alguma sala disponível?". Aí eles me acionavam lá na sala. Então, era uma função que eu precisava estar fisicamente no Parque, *né*, porque se eu fosse acionada, mesmo por uma visita que não estava na agenda, eu tinha que mostrar e apresentar essas áreas. Entendeu?

P: Entendi.

CM: Então, mas assim, o Parque Tecnológico ele está trazendo novas políticas de RH, *né*. Então, o híbrido é permitido hoje e também a jornada flexibilizada também é permitida. Recrutamento interno também, então são algumas melhorias que têm vindo.

P: Sim, são tendências que a gente tem visto hoje, querendo ou não a pandemia acelerou isso, né, favoreceu nesse sentido.

CM: Sim, sim.

P: E assim CM quais habilidades que você diria que são principais para se ter na sua função? Comunicação [...]

CM: Comunicação (risos). Empatia, você saber receber bem uma pessoa, ser cordial, você ser firme, você se posicionar, *né*, e você entregar resultados. Porque, o que que acontece, nós brincamos assim que a infraestrutura é quem carrega o piano, *né*. Então, muitas vezes, assim, a pessoa ela não sabe com quem ela fala aqui no Parque, *né*. Então, assim, os processos internos aqui, não só os de RH, mas

processos internos estão sendo reestruturados. Mas a infraestrutura é um departamento que está muito perto do residente. Então, o residente ele aciona quem? A infraestrutura! Então, assim, porque é aquele que está ali no dia a dia, *né* e tudo mais. Então, eu vejo que assim você, como corresponder a essa expectativa do residente é importante. *Né*, então, assim, como diz, assim, [...] é se você, ele precisa de alguma dúvida, algum documento, *né*, as vezes não é do meu setor, mas eu sei quem sabe e eu faço as conexões. Eu acho que assim, a chave, uma grande habilidade é você ter habilidade de conectar e você saber o que está acontecendo no macro, pra você saber fazer as conexões internas ou externas e vice e versa.

P: Exato. Você tem esse domínio do toda para fazer as pontes. Interessante. E com relação a avaliação, porque você falou da questão da infraestrutura ser a base também. **Você passa por alguma avaliação de desempenho, de produtividade? Ou você mesma faz essa avaliação?**

CM: É, na verdade, assim essa é uma das pontos de melhorias que o RH está trazendo hoje, uma avaliação de PDI, por exemplo, *né*, porém essa avaliação informal ela acontece com o nosso gestor imediato.

P: Entendi.

CM: *Né*, então com o nosso líder imediato acontece. *Né*, esse alinhamento de expectativas, ele sempre acontece. Até porque, assim, é, o nível de relacionamento com o nosso superior é muito fácil. É, assim, ele é uma pessoa superacessível, *né*. Então, assim, é um time muito leve, é um time onde, a infraestrutura para todos os efeitos é onde só tem problema, só [...] pega fogo, incêndio, pessoal, enfim, então tem várias caixinhas dentro da infraestrutura, vários depart[...] áreas, vários ambientes, dentro desse departamento. E aí o meu, que era gestão de áreas dentro do Parque, é um dos. E aí nós estávamos conversando sobre isso: o time, ele é novo. E todo esse time ele foi reformulado dentro da infraestrutura do Parque, *né*. E eu acho que hoje cada um com o seu *shape*, a gente engrenou. Nós assim, nós não nos conhecíamos, mas somos a mesma faixa etária. É [...] e um espírito colaborativo, a liderança, *né*, o nosso gestor ajuda muito. Porque, assim, sempre acessível, muitas vezes quando ele não *tá*, ele *tá* rápido no Zap, é rápido de feedback. Então assim, isso ajuda bastante.

P: Entendi. E falando nessa questão, **o que te traz satisfação nesse seu serviço?**

CM: Olha, eu acho que você ter a realização de sonhos. *Né*, eu acho que isso é bacana! Eu acho que assim, a gente aqui como, como um ecossistema de

empreendedorismo e inovação. *Né*, assim, tem o pequeno, *né*, tem uma startup que tem uma ideia de negócio e eu quero arriscar, quero entender e quero tentar, *né*. Eu já tenho uma empresa que ela já está madura, mas ela precisa alavancar e escalar, e ela precisa receber investimentos. Eu preciso me conectar a um ecossistema que possa me fazer isso. Players, me apresentar esses players. E eu também tenho grande indústrias e multinacionais, *né*. Que hoje eu não consigo desenvolver P&D dentro dessas ambientes fabris e eu preciso de estar em um ambiente aberto, um ambiente onde é [...] reuniões de time, de engajamento aconteça para entregar uma solução muitas vezes, né. E eu não consigo desenvolver em um ambiente de fábrica, né. Então, assim, por ser um ambiente aberto, assim, o Parque ser um ambiente aberto gera muito essa, esse resultado positivo, *né*, de gerar mesmas, assim, inovação, tecnologia e empreendedorismo. A gente consegue abraçar, né, assim, todo o ciclo. Do pequeno, médio e o grande. Então, está muito bacana você ver aqui também **P** pequenas empresas, startups se conectando com grandes multinacionais, entende? Então, assim, eu tenho uma ideia de negócio, ela está validada, eu *tô* crescendo, aí você tem o setor que é o time do Nexus, que faz essa conexão e o que você muitas vezes era apenas uma ideia de negócio, ela gera valor para projeto de uma grande multinacional. Então assim, é fantástico! É fantástico!

P: E como você disse é um sonho, saindo do plano dos sonhos e virando realidade. Que bacana!

CM: Sim, sim.

P: Que bacana! **E tem alguma coisa que você desgosta?** Teria isso, alguma coisa? Aí, a rotina? Alguma coisa assim que traz um certo desgosto.

CM: Olha, é [...] eu acho que assim a questão salarial poderia melhorar um pouco. Mas assim, ao mesmo tempo que a gente entende que assim *né*, é uma associação. Então, assim, ela não tem os seus investidores, não tem seus sócios, então a gente entende isso, *né*. Mas assim, pelo volume hoje o Parque ele está numa crescente e o volume de trabalho é muito grande pra pouco, pouco braço, que a gente brinca.

P: Exato.

CM: É pouca mão de obra [falas conjuntas]

P: Não está equilibrado.

CM: Isso. Então assim, no setor que eu trabalhei, era eu e o meu gestor, só. Entendeu? Então, não tinha ninguém para me substituir, *né*. Então era, porque não dá, assim, o Parque ele hoje a diretoria está reestruturando o modelo de negócios

para que a gente possa crescer e alavancar. Mas então, eu acho que assim essa questão salarial é algo assim que poderia ser melhorado, né. Talvez algum benefício, como (inaudível) por exemplo. Bom a implantação de jornada flexibilizada já ajudou bastante, motiva. Um plus aqui que é muito positivo, né. Você perguntou o negativo, mas algo positivo é que eles não descontam o convênio médico. Aqui você não tem desconto do convênio médico. Então, isso é muito legal. E pagam certinho, as vezes pagam antes o salário. Então, isso também é muito positivo. Mas eu acho que assim, na questão negativa, a nossa esperança é que tenha assim, com essa reestruturação do RH, essa nova, um plano de carreira, *né*. Hoje não tem, mas está no (inaudível) do RH construir. Então, assim, um plano de carreira, acho que coisas muito boas vão vir. Então, eu acho que a diretoria atual olhou para o que existia, *né*, onde que é [...] só que era uma visão da outra diretoria que não está mais. Mas era uma visão mais voltada a perfil do público, *né*. A antiga diretoria veio do setor público e a diretoria atual ela veio do privado, e ela quer mudar esse modelo de negócio. Então, isso é muito promissor.

P: Entendi. Espero que então aumente nessa reestruturação, que traga outras melhorias também *né*.

CM: Sim, com certeza. Eu acho que assim a gente gosta, *né*, assim, de um ambiente leve, de um ambiente bacana onde você tem as suas entregas. E assim você, é muito diferente de uma fábrica, *né*. Eu já trabalhei. Então, a cobrança é diferente, né. Então, assim, você tem o seu senso de responsabilidade, como é assim você entrega, mas sem pressão. Mas com senso de responsabilidade, isso é muito positivo, *né*. Mas assim não é só isso que paga as nossas contas, *né*.

P: Exato. Ainda mais com filho, ainda.

CM: É com certeza, com certeza!

P: E agora só pra gente discutir um pouquinho mais em específico com relação ao Parque: na sua opinião quais são as principais contribuições? Você já falou um pouco, né. Mas **quais são as principais contribuições que ele traz para os seus usuários?** Como você é da parte de infraestrutura, então, você já vai saber muito bem, né.

CM: (risos) Sim. Eu vejo assim como benefício que ele traz é [...] Bom aqui a gente tem algumas condicionais, por exemplo, no caso de startups, quando elas estão começando a gente não faz a cobrança, por exemplo, sei lá de energia elétrica, das áreas daquele grupo, estou começando o meu negócio. Por quê? Porque é uma

forma de você apoiar aquele empreendedor. *Né*, então, assim, você vai isentar “num bom sentido”, mas para que ele possa atingir os seus objetivos. Eu vejo que assim, o benefício que o Parque traz, é por ser tudo bem integrado, *né*, então todos os prédios estão localizados próximos um do outro, *né*. Aqui é tudo muito acessível. Então, assim, você pode sair aqui do centro empresarial 2 e se deslocar até o centro empresarial 4, onde você sabe que tem uma empresa estratégica e bater na porta e você ser bem recebido. Porque quando nós recebemos interessados no Parque Tecnológico, eu já participei de algumas bancas dos processos seletivos do Nexus, isso é uma das condicionais. Você para estar em um ambiente de inovação, você precisa estar com a sua porta aberta. E literalmente, da sua sala. Então, assim, a gente não vê com bons olhos, né. A gente também não fecha porta, mas assim quem tem uma visão aberta de um crescimento, conexão, interação. Muitas vezes outro requisito é para a empresa que está aqui dentro, que já tem um certo nível de maturidade, ela mentorei as startups que estão começando. Então, isso é fantástico! Isso é fantástico para o residente, para quem está começando. Porque o residente é [...] deixa o legado daquilo que ele já aprendeu e são aprendidas para aquele que está começando. Isso é um grande diferencial do Parque Tecnológico.

P: Olha que bacana. Nossa! Você comentou essa questão da energia, posso [...] não é nem pergunta, é uma curiosidade mesmo. **Eles passam por esse processo e eles pagam um valor, um aluguel, alguma coisa assim?**

CM: Sim. Então, esse é um outro detalhe, *né*. O valor que a gente cobra aqui para esse grupo de startups é irrisório! É justamente assim, sabe? não chega nem na casa de 500 reais por mês.

P: Entendi, nossa!

CM: Então, é justamente [...] Então, você pode ter aqui, ai você pode ter a sua startup aqui, *né*, e consequentemente você vai receber todas essas mentorias. *Ah* essas reuniões com outros institutos, como SENAI, como SEBRAI, entende? Então, essas reuniões internas com outras empresas. Então, assim, você pode chegar para o time do Nexus, “eu *tô* com essa dor”, “eu num *tô* conseguindo alavancar aqui”, “eu preciso captar recurso ali”. E aí isso tudo, *né* assim, é [...] tudo isso está incluso em uma parcela de menos de 500 reais. Entendeu?

P: Isso vale também para as residentes?

CM: Então, para as residentes, não! Aí, a aplicação, a regra é diferente. Aí pra residente, quando ela quer se instalar. Aí sim. Ela tem que fazer uma obra. A gente não tem salas prontas aqui.

P: Entendi.

CM: Só pega a chave e entra – não.

P: *Tá*.

CM: Então, aqui você tem que fazer a obra. *Né*, assim, você faz aí o investimento na área. Você fica num contrato de 4 anos e a medida que você vai tendo essas entregas, nessa interação com o Parque, essa devolutiva e tudo mais. Aí o seu contrato vai sendo renovado.

P: Exato, legal!

CM: Aí sim, nesse, nessas áreas, nessas salas, a gente tem cobrança de energia, internet, um seguro da área, a água não, o IPTU também não e estacionamento e portaria 24 horas, também não. Esse é outro diferencial, porque a gente sabe que em outros polos de inovação tem o condomínio, aqui não. A gente não tem essa taxa adicional. Então, é só uma contribuição associativa mensal, energia elétrica, internet, seguro e a limpeza da sua sala.

P: Aí que bacana. Eu já tinha ouvido falar, um moço que eu entrevistei, ele falou que a questão do estacionamento para ele foi primordial.

CM: É. E é gigante, o estacionamento aqui é enorme. E é bacana porque assim a gente tem bastante eventos também externos ao Parque. E isso também é muito positivo, sabe? A área de eventos também, se você é uma empresa externa e você quer acessar aqui o nosso auditório, *né*, eles são disponíveis para locação. E aí, por exemplo, vai ter um evento Top, e aí você já está aqui com a sua empresa, o evento está aqui, então logisticamente fica muito mais fácil. Isso também é muito bacana. A parte de eventos também tem agregado bastante feiras, *né*, então isso assim movimenta bastante esse ecossistema, e isso é muito legal.

P: E já que você falou de evento, cursos, essas coisas: **você já fez algum para seu cargo, para a sua função que você desenvolve aí? Você já fez algum?**

CM: Olha, não! Não fiz até porque, assim o RH anterior, ele tinha uma outra filosofia. *Né*, então, assim, essa parte de capacitação e treinamento ela vai vir nesse novo (inaudível) que o RH tá criando. Mas assim, eu nunca, eu não fiz, mas tive assim durante a minha trajetória o meu gestor me ajudou muito. Um professor mesmo, um *gentleman*, que sentava comigo. Assim, era um líder nato mesmo, assim. Muito

bacana, porque é tinha paciência de ensinar, falava de novo, ele sempre ouvia, *né*, assim. “Olha o que que você acha?”. Pergunta a sua opinião, então isso vai trazendo pra perto o colaborador. Isso é muito positivo, apesar de não ter feito nenhum treinamento na área, *né*. A gente fez sim, como todo mundo faz, que são os treinamentos obrigatórios, *né*. Mas assim adicional para a minha função, eu não fiz. Mas eu vejo que não faltou. Por conta desse perfil desse líder.

P: Entendi. Já vamos terminando, porque eu sei que você está com o horário já [...]

CM: É.

P: Socorro. Só para a gente ver mais ou menos, a respeito da localização do Parque, eu acho que ele está na estrada Dr. Altino Bondensan, **o que você acha a respeito dessa localização?** No contexto do município.

CM: Olha, é, ele está um pouco deslocado, *né*. Ele *tá* deslocado! Quando eu era residente, que eu falei para você, a empresa queria pagar transporte público pra mim – inviável. Inviável! Então, assim a questão da localidade do Parque para quem depende de transporte público, vai melhorar por conta do é [...] VLP, *né* enfim, mas [...] Linha verde que tá, passa aqui ao lado do Parque, mas assim hoje na prática. Hoje o Parque ainda tem algumas iniciativas, o programa Colmeia em parceria com 99 fez um projeto voltado a mobilidade pros colaboradores, residentes aqui do Parque. Mas, então, há iniciativas, mas assim, para quem depende do transporte público para vim trabalhar no Parque é inviável. Nossa são, como é o caso de quando eu participei dessa empresa, eram 2 horas, então eu tinha que bate o cartão aqui sete e meia, e eu tinha que sair de casa as cinco da manhã, num trajeto que eu faço de carro em 15 minutos.

P: Olha que diferença, que loucura.

CM: Então, assim, isso não, é [...] A localidade dele para quem vem de transporte público não é positivo. Mas assim o que a gente vê internamente as empresas é [...] disponibilizando van.

P: Entendi.

CM: Entende? Então, assim tem os fretados. *Né*, as empresas daqui estão se organizando para isso. E as caronas mesmo. Teve um outro projeto também, hoje eu não sei como é que *tá*, mas assim também de carona solidária, sabe? O Parque também, foi outro projeto do escritório de projetos sobre a questão de mobilidade. Para facilitar a mobilidade, para facilitar a mobilidade dos colaboradores.

P: Entendi. **O VLP já está em funcionamento?**

CM: Já. [participante acena com a cabeça em gesto de afirmação – sim].

P: Você já chegou a usar? Ou não?

CM: Não, não usei ainda, *né*. Mas assim, a linha que vem aqui pro Parque não está contemplada, mas já está circulando na cidade. A linha se conecta pra cá. A linha ainda não chegou, mas assim pro lado da zona sul já está rodando.

P: É que eu queria saber se você tem noção de tempo de trajeto.

CM: Não. Não chegou aqui ainda, mas *tá* mapeado para vir para cá no projeto.

P: Só pra gente correr aqui rapidinho. **O seu ambiente de trabalho você: como que ele é, você pode me descrever mais ou menos como que o ambiente aí dentro do Parque?**

CM: Aí é maravilhoso, é fantástico. É assim um ambiente leve, um ambiente onde você respira inovação, tem muito verde. A parte é [...] desse verde, dessa vista para serra da Mantiqueira, é lindo. E assim o ambiente, além do físico é agradabilíssimo, e o time também é muito bom. Então, assim, você vem trabalhar com uma forma satisfatória. Você sai assim do seu dia, você não sai pesado e não sei o que. Você trabalhou bastante, sim. Você sai mentalmente cansado, mas você sai assim muito satisfeito com o dever cumprido.

P: E você tem uma sala individual, compartilhada? Você tinha dito que ela é compartilhada, né?

CM: É, hoje a que eu *tô*, *né,* atual e a nova também é compartilhada.

P: Você utiliza outros espaços do Parque, como você disse que tem esses outros espaços verdes, vamos dizer assim para um escape? Você falou que está tendo esse projeto de humanização, *né*. *Ah,* então eu quero sair um pouco, porque estou muito cheia, muito carregada, tem esses espaços dentro do Parque?

CM: Tem, nossa tem tem. Muito verde, aqui parece um jardim, tem áreas aqui fantásticas. Então, assim, isso é muito legal, é muito gostoso. Você quer, nossa cansei daquele projeto preciso dar um respiro pra produzir mais, tem. Aqui tem muito verde, tem muito. E o Parque também assim a parte de infraestrutura ela tem um setor dentro desse projeto do Nexus Living que a gente traz um espaço de descompressão que nós chamamos. O Parque tem esses ambientes, né. Então, isso é muito gostoso também. Sabe? Uma musiquinha ambiente, né, assim, um puff, um lugar para você relaxar um pouquinho. Então, a gente tem esses ambientes também e eu exploro bastante.

P: Aí que bom! Que gostoso. Então, você não sente falta disso dentro do Parque?
CM: Não.
P: Só deixa eu dar uma olhadinha, porque você foi falando e você já foi contemplando algumas das minhas perguntas que eu tinha aqui. Agora é mais **com relação o seu futuro profissional**, agora que você está mudando de **cargo. Como que você vê, o que que você espera?**
CM: Promissor! Promissor, eu espero é [...] entregar o meu máximo mesmo, *né*. Mas assim, eu estando nesse setor eu vejo que eu vou poder me aprofundar ainda mais em inovação. Eu espero! *Né*, eu espero assim poder estar mais próxima, não de só de entregar dados e valores *né*, mas assim estar alinhado com inovação, com é tecnologias. Assim, trazendo *né* novos clientes. *Né*, assim é [...] divulgando mesmo, assim apresentando todos os produtos que o Parque oferece, *né*. Todo valor. Nosso *corbisnes*. As expectativas são as melhores.

ENTREVISTA 06:

Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Entrevista por chamada de vídeo: plataforma Google Meet
Data da entrevista: 07/02/2023
Data da Transcrição: 16/07/2023
Hora de início da entrevista: 11h05
Duração da gravação: 22min 30s
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: AS

P: Qual a sua idade?
AS: Eu tenho 26.
P: Você é casada, solteira?
AS: Sou solteira.
P: Você tem filhos?
AS: Não.
P: Você mora em São José dos Campos?
AS: Moro.
P: Há quanto tempo?
AS: *Ah*, faz uns 24 anos. Vim pra cá bebê.
P: Você mora em que bairro?

AS: Eu moro no Novo Horizonte.

P: Então, no caso você veio de que cidade? Você veio quando bebê, *né*.

AS: Eu nasci em Osasco e vim para São José com 2 anos.

P: Então você veio por conta dos seus pais.

AS: Isso vim mais por conta da família mesmo.

P: No bairro em que você está, você mora aí por qual motivo?

AS: *Ah*, a gente mora na mesma casa desde que a gente veio para cá. Acho que foi mais pela oportunidade mesmo, pela residência, foi o que deu *né*. Então, a gente veio para cá. E assim, o bairro cresceu bastante, então, eu acho que hoje é um bom bairro, mas na época, eu acho que foi a situação mesmo entendeu?

P: E agora com esse tempo que você tem morado no bairro, **quais são as vantagens que você vê no bairro?**

AS: *Ah*, aqui tem tudo. É um bairro mais afastado do centro de São José, mas por isso tem tudo, tem supermercado, tem hipermercado, (inaudível), tem banco, tem lotérica, tem farmácia, tem muito tudo, entendeu? Pra gente conseguir resolver tudo que precisa resolver aqui mesmo, sem ter obrigatoriedade de ir no centro poder resolver os problemas. Então, acho que isso é muito bom.

P: E de desvantagens, você vê alguma desvantagem no bairro?

AS: *Aí*, eu vejo essa questão da distância, querendo ou não é longe do centro, longe de [...] é longe do centro. Então, é a maioria dos eventos, dessas coisas que precisam ser feitas *tá* mais para o lado de lá, então acaba sendo mais distante pra poder chegar. Mas é mais isso mesmo.

P: Você fala dessa vivência cultural da cidade, *né*?

AS: Isso, é mais afastado, é um bairro afastado.

P: Entendi. Então, já que você falou dessa questão de distância, com relação ao Parque, **como é que você vai para o Parque?** De carro? De ônibus?

AS: Eu vou de carro *pro* Parque, porque [...] eu vou de carro porque é perto da minha casa, mas é bem contramão se eu fosse de ônibus, eu teria que pegar uns três ônibus para chegar no Parque, porque ele é contramão. Quando vai de carro é uns 10 minutinhos da minha casa, então, isso é bom.

P: Entendi. É eu conversei com um pessoal que disse que de ônibus gasta mais de uma hora, sendo que de carro é uma coisa de 15 minutos. [Participante acena com a cabeça, em gesto de concordância.] Qual é a lógica desse ônibus, não sei muito bem.

AS: É contramão, então você tem que pegar uns três ônibus para poder chegar lá.

P: Exato, então mais ou menos uns 10 minutos que você gasta da sua casa?

[Participante acena com a cabeça, em gesto de concordância.]

P: *Ah*, entendi. E AS **você é formada em que?**

AS: Eu sou formada em Propaganda e Marketing.

P: *Ah*, legal. **E onde você se formou?**

AS: Na UNIP.

P: Lá na UNIP de São José, olha que legal poxa. **O seu cargo qual que é lá na empresa?**

AS: Hoje eu sou gerente comercial na Nick.

P: *Ah*, e você está a quanto tempo lá?

AS: 7 meses.

P: E o que te motivou esse trabalho?

AS: Acho que foi mais o desafio, porque no meu antigo emprego, eu fazia parte da equipe comercial e na Nick eu tive a oportunidade de fazer a gestão, assumir a liderança do time comercial. Então, é uma posição que eu nunca tive a oportunidade de trabalhar e aí eu consigo me desenvolver muito mais. É [...] tendo essa abertura *né* de indicar o caminho para a gente poder atingir metas e tudo mais.

P: *Ah*, entendi. **E como foi o contrato com a empresa? Você é CLT, não é?** É temporário, como que funciona?

AS: Não, eu sou PJ. Lá todo mundo é PJ. Não, é [...] a maioria é PJ lá.

P: Entendi. **E teve alguma indicação para essa vaga?**

AS: Teve. Foi um amigo que trabalhou comigo que me indicou para essa vaga e aí eu fiz um bate papo com eles num café e aí eles já me contrataram.

P: *Ah* que legal.

AS: É.

P: E você pode me explicar mais ou menos como é a sua rotina de trabalho? **Como que é seu dia a dia?**

AS: *Tá*, eu faço a gestão do time, *né*. Então, normalmente no início da semana a gente define qual que é a estratégia da semana, quais são os objetivos para aquela semana. Aí na quarta-feira a gente faz um bate papo para entender como é que está, se a gente está conseguindo, *né*, caminhar em direção ao objetivo ou se está tendo alguma objeção, alguma dificuldade para a gente já corrigir antes do término da semana. E normalmente, na sexta-feira a gente sempre faz um alinhamento do

comercial com os diretores da empresa, para eles verem o que está sendo feito, como está sendo feito, se a gente está conseguindo caminhar nos objetivos, enfim. Então, é mais ou menos assim a minha rotina, e aí entra bate papo com cliente para tentar venda, tudo mais essas coisas que são um pouco mais é [...] corriqueiras.

P: *Uhum*. Então, a sua função ela está mais vinculada a essa parte de gestão.

AS: *Tá*.

P: Você tem mais de uma função ou é só essa mesma?

AS: Não, eu tenho mais de uma função. Eu fico responsável pela venda em si também. O que que acontece, lá no comercial é dividido por etapas: um fica com a pré-venda, o outro fica com a venda, e outro com pós-venda. Eu fico com a ali com a parte da venda, então quando ele levanta uma oportunidade, eu vou lá apresento, faço proposta, desenho o projeto, depois que a venda é feita eu passo para um outro colaborador para ele fazer o *onboarding* do cliente, mas aí eu faço a gestão de tudo, como que está sendo, como que estão os nossos clientes, se eles estão satisfeitos ou não estão, porque que a gente não está conseguindo levantar oportunidades para venda. Então, eu fico com essas duas funções hoje lá na Nick.

P: Entendi. **Você tem um horário fixo, um horário de chegada e um horário de saída?**

AS: Eu faço, eu entro as nove e saio as cinco. Eu faço esse horário, mas não tem nada escrito em pedra, não. Nada num contrato nem nada.

P: E você passa por algum tipo de avaliação ou é uma autoavaliação sua mesmo?

AS: *Ah*, é muito difícil ter feedback lá. Mas as vezes em nunca tem. Ai eu, a gente consegue, sei lá, ser avaliado. Mas não é muito cultura da empresa dar feedback.

P: E gerenciamento de tempo, você usa alguma técnica para gerenciar o seu tempo de trabalho ou não?

AS: Eu deixo a minha agenda travada já. Então, por exemplo, para que eu não deixe nada desassistido e nem que perca qualidade das tarefas que eu preciso ter, eu já deixo travado dia certo para fazer é [...] uma reunião individual, eu já deixo travado o momento certo para eu focar só em estratégia, momento deu pensar ali, o momento deu falar com todos os clientes, o momento, entendeu? E deixar espaços livres já na agenda para que se não pode ter reunião interna, para que eu consiga ter espaço para marcar reunião de negócios, *né*. Então, [...]

P: Ou para marcar uma conversa com uma pessoa aqui (risos)

AS: É exatamente.

P: Que te manda uma mensagem. Você já tem toda a rotina tão lotada e vem alguém querendo conversar.

AS: Exatamente, então eu deixo já travada a agenda para essas coisas.

P: E assim, você saberia me dizer o que você mais gosta dentro do seu trabalho?

AS: *Ah*, eu acho que eu mais gosto é da venda em si, não é nem da parte de gestão, que eu acho que eu tenho que [...] *Ah*, eu acho que é até uma dificuldade natural, que as vezes eu me acho bem jovem para estar na posição que eu estou e eu não tive tanta experiência assim com gestão de time. Então, é um desafio maior para mim e eu me sinto mais confortável na venda que é algo que eu já tenho mais experiência faz bastante tempo. Mas eu acho que é isso, a parte mais difícil é isso, a parte que eu mais gosto é a venda em si. *Ah* é isso.

P: *Ah* mais é nova mesmo, de verdade!

AS: É nova, e fazer gestão tem vários desafios, *né*. É [...] tem a questão da galera, de ter uma comunicação não violenta, sabe? Você conseguir falar até quando as coisas não estão boas, mas não ofender – não é meu intuito. Mas também não dá para ficar falando, não dá para ficar reclamando para os colaboradores, tem que passar aquela imagem de que está sempre, que está tudo *Ok*, que vai dar certo. Então, é difícil e tem um pessoal que também acaba sendo um pouco mais velho e aí não é todo mundo que aceita muito bem, sabe, essa questão. Poxa estou sendo, uma pessoa mais nova está fazendo a gestão do meu dia a dia. Então, tem vários desafios na questão de liderar pessoas.

P: E essa seria uma parte que você menos gosta assim?

AS: É eu até gosto, mas eu não me sinto é [...] assim, eu não, hoje eu não diria que eu sou uma super líder, sabe? É até por conta do tempo que eu estou fazendo gestão. Então, eu acho que é o que mais me deixa desconfortável hoje é a questão da liderança.

P: E o que traz mais satisfação seria essa parte do próprio desafio?

AS: É o desafio, de você dar um passo. De eu saber que eu estou me desenvolvendo na minha carreira. E eu acho que isso abre portas no médio, longo prazo. Eu posso, se eu me desenvolver bem na questão da gestão, eu consigo [...], eu não fico só dependente de venda. Eu posso estar nas vendas como na gestão de um time comercial. Isso para mim é muito bom!

P: Exato. Agora para entender a sua relação mais com o Parque, eu queria entender **o que você acha da localização do Parque dentro do município?**

AS: *Ah*, eu acho que é uma localização não muito boa. É perto da minha casa, então acaba sendo bom para mim, pensando assim individualmente, mas eu acho que é uma localização não muito boa, porque ele é afastado. Ele é beirando a Dutra, então, não é uma coisa que é fácil acesso para todo mundo, assim, sabe? O Parque recebe bastante visita de pessoas que vêm de outras cidades, então para elas que estão vindo de outra cidade, como é que faz? "onde fica o Parque?". E muitas pessoas que moram em São José, eu por exemplo, nunca tinha ido no Parque antes de trabalhar lá e olha que nem é longe, mas é porque é contramão, e eu pensava: "*Ah,* não vou lá não"

P: *Tá* na saída da cidade.

AS: É, entendeu? Então, eu acho que a localização não é muito boa não.

P: E na sua opinião, quais são as principais contribuições que o Parque traz para os seus usuários? É para os trabalhadores que estão aí no Parque, em questão de infraestrutura, de capacitação?

AS: É, o Parque conta com uma infraestrutura muito boa e tem a questão de capacitação, mas eu acho que a capacitação do Parque ela é voltada mais para as empresas. Assim, para o colaborador em si, até tem uma coisa ou outra, mas eu acho que é bem pouco. É [...] as iniciativas são fortes mesmo para as empresas e para os gestores das empresas, sabe, para os fundadores, para eles se capacitarem. Tem bastante network entre eles, para que eles consigam aprender sobre as outras áreas, tipo financeiro. As vezes o cara só tem a ideia boa, só que não entende nada de administração de uma empresa. O Parque oferece muito isso para quem é dono de empresa, mas para colaborador eu acho que falta um pouco de incentivo, tipo sei lá, palestras, o que for para que está trabalhando no Parque.

P: Exato. **Então, no caso você não chegou a fazer algum curso ou você participou de algum evento aí?**

AS: Eu participei até de um evento no Parque, mas foi um único evento, que durou uma hora mais ou menos, em todo esses meses. Então, eu acho que é a regularidade ela é bem baixa, assim, de iniciativas para colaborador.

P: E se você pudesse escolher alguma empresa que você acha que é a mais influente aí dentro do contexto do Parque, umas três, cinco empresas. *Ah*, eu

acho que essa aqui chama mais atenção e ela acaba influenciando mais dentro desse contexto as outras empresas.

AS: Então, eu acho que a AUTAZA é uma empresa boa. O pessoal do CIS *tá* lá dentro do Parque, eles influenciam bastante. O SEBRAE está no Parque, isso influência bastante. A própria Nick influencia porque é muito município que visita o Parque Tecnológico e aí todo município quer, tem demanda para saúde. Como a Nick é para o público e voltada para a área da saúde, então, todo mundo quer ir lá conhecer a Nick e aí fecha bastante negócio. Mas eu acho que são essas, assim, não me lembro de uma [...] deixa eu ver [participante pensativa] É acho que são essas, eu também não conheço tantas empresas, assim do Parque. Mas as principais que eu me lembro são essas.

P: E como que mais ou menos o seu ambiente aí dentro? Agora você está na sua casa, mas quando você está no Parque **como que é o seu ambiente de trabalho lá?** Ele é um ambiente compartilhado, você tem uma sala só para você? Como que funciona?

AS: Então, cada empresa lá tem a sua própria sala. Mas aí, por exemplo, tem o refeitório que é para todo mundo, e tudo mais. Tem restaurantes, fica na praça de alimentação, aí é aberto para todas as empresas. Mas cada empresa que tem lá no Parque, cada uma tem a sua própria sala mesmo. É mais para comer, banheiro também. Não tem banheiro dentro das empresas, é o banheiro do Parque mesmo que todo mundo acaba utilizando.

P: Entendi. Então só para entender como que você utiliza o Parque? Você utiliza esses espaços também para descanso, porque a gente sabe que tem, *né,* a rotina que é exaustiva. **Você usa também o Parque para além das suas funções de trabalho?** Para um descanso, alguma coisa assim?

AS: Então, não. Eu só saio da sala para comer e mesmo para ir ao banheiro, No Parque tem um único lugar, assim, que pode [...] tens uns banquinhos lá, mas tem um único lugar lá que é mais para descanso, uma área para descanso - mas tem dois puffs e uma cadeira. Então, para o volume de pessoas que tem no Parque Tecnológico, assim, eu nem tento ir lá. Você pensa: vai ter gente, vai! Só tem dois puff. Então, isso é uma coisa que eu sinto bastante falta no Parque, porque acaba que a gente almoça e não tem para onde ir, sabe, a não ser voltar para a sala. Mas poxa, eu tenho o meu horário de almoço, mas acaba que a gente nem tira muito do horário de almoço, por conta de não ter muito o que fazer ou para onde ir. Aí é isso.

Se bem que eles colocaram uma mesinha de Ping Pong lá, o pessoal estava falando, acho que deu uma entretida assim na galera lá. Já ajuda.

P: É claro. E aí **você sente falta de mais algum recurso dentro do próprio Parque?** *Né*, porque [...] de restaurante? O que seja, porque o Parque é distante.

AS: É, eu sinto falta de [...] até um tempo atrás tinha trailer lá que vendia lanches, sabe, mas aí fechou e aí eu sinto falta disso. Eu acho que tem por que tem três restaurantes, *né*, e aí acaba que poxa, se um dia você quer comer uma coisa diferente, ou sei lá, um lanche mesmo, uma *boberinha* numa sexta-feira, não tem. Tem que comer a comida ou você leva a sua marmita. Uma coisa que eu achei bem legal, foi que eles abriram uma farmácia lá. Tem uma Farma (inaudível) dentro do Parque. E não tinha, então ajuda bastante, *né*.

P: Para o seu trabalho em si, você utiliza alguma infraestrutura que o Parque oferece, algum laboratório, você tem algum recurso?

AS: Nada. [Participante acena com a cabeça em gesto de negatividade]

P: Queria também entender como que você usufrui a cidade? Tem a ver com o Parque ou não, mais para questões pessoais?

AS: Não tem nada com o Parque. Assim, a minha única relação com o Parque é por conta da Nick mesmo. Como eu comentei: eu nunca nem tinha ido no Parque e eu acho que não tem nada que eu faça hoje que tenha algum envolvimento com o Parque Tecnológico, que não seja o meu emprego.

P: E para gente já ir encerrando. É bem rapidinho, você viu que é bem rapidinho mesmo. **Eu queria entender se você tem alguma perspectiva de futuro profissional? Se você tem pretensão de subir ai dentro da empresa, ai dentro do seu cargo ou ai no Parque?**

AS: Então, é [...] eu nunca pensei. Tipo assim eu tenho pretensão de subir tudo mais na Nick. Eu acho que a Nick quando ela chegar em um tamanho é [...] quando crescer mais um pouco, assim, eu acho que provavelmente a gente vai até sair do Parque, por questões de logística mesmo. Porque realmente é ruim para colaborador e a gente consegue ter um espaço só nosso, sabe, um espaço maior para trazer cliente, para trazer não sei que lá. Eu acho que na Nick eu tenho pretensão de crescer, mas assim eu nunca pensei em ter algum envolvimento com o Parque direto sabe. *Ah*, porque o Parque, querendo ou não, é muito grande, muito bem-visto, está entre cinco melhores do mundo que saiu agora recentemente. Mas eu nunca pensei em trabalhar diretamente no Parque. Não sei. Seria mais na Nick

mesmo a minha perspectiva de crescimento, de gerenciar mais pessoas e talvez sair um pouco da parte de vendas e ficar só na gestão, mas aí depois de uma pós-graduação. Ter mais, *né*, conhecimento.

P: Vou aproveitar e fazer mais uma pergunta: **O que você acha que a Nick está sendo favorecida por estar dentro do Parque?** A questão de status, de ter espaço para estacionamento? O que você enxerga que para a Nick está beneficiando?

AS: *Ah*, com certeza status, porque o Parque é muito bem-visto. São José também é muito bem-vista por ter ganhado o certificado de cidade inteligente, *né*. A primeira do Brasil. Então, isso traz uma credibilidade muito grande para quem está em São José e ainda mais para quem está, tem envolvimento com o Parque. Então, para a gente fechar negócio, acaba sendo bem mais rápido, um ciclo bem mais curto. Porque o Parque colabora para que a gente consiga fechar mais rápido. Então, a gente não precisa passar por licitação se a gente envolver o Parque nas contratações, ele faz um termo de cooperação, aí o município consegue contratar direto a Nick. Então, é mais simples. E [...] acho que é isso, o status e essa questão de flexibilização na contratação.

ENTREVISTA 07:

Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Entrevista por chamada de vídeo: plataforma Google Meet
Data da entrevista: 11/04/2023
Data da Transcrição: 16/07/2023
Hora de início da entrevista: 14h00
Duração da gravação: 49min 54s
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: AA

P: Qual a sua idade?

AA: Eu tenho 28 anos.

P: Você é casada, solteira?

AA: Hoje eu sou solteira, eu estou noiva na verdade. Eu estou em processo ai de união.

P: Você possui filhos?

AA: Não.

P: Você mora em São José dos Campos?

A: Moro.

P: E há quanto tempo você está em São José?

AA: É, eu me mudei para cá em 2019.

P: E qual bairro que você mora aí?

AA: Eu moro no Jardim Aquários.

P: Aquários. **Você veio de que cidade para São José?**

AA: Eu vim de Viçosa em Minas Gerais.

P: Olha que legal. **E por que que você veio para São José?**

AA: Então, na época eu me formei, *né*, em julho de 2019, e eu já tinha a intenção de vir aqui para a cidade, principalmente pelo meu objetivo de fazer um mestrado no ITA. É [...], no entanto, eu mudei um pouco assim a minha perspectiva, *né*, eu acabei conseguindo um emprego aqui no Parque Tecnológico e aí eu adiei um pouco essa questão do mestrado. Mas inicialmente eu vim mais por uma questão de continuar ali a minha carreira acadêmica e os meus planos mudaram um pouco. Mas vim também em conjunto com o meu noivo, *né*, que formou comigo. E ele também tinha esse interesse, ele acabou seguindo e eu não. Então, eu acho que a gente escolheu a região principalmente pela atratividade que ela tem em relação a nossa área, *né*. Por ser uma cidade industrializada, muito próxima de grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, essa facilidade de locomoção, *né*, nesses principais centros. Então, eu acho que tudo isso me incentivou, *né*. Além da questão da possibilidade do mestrado.

P: *Ah* que legal. **Em específico, ao bairro que você está, o Aquários, você teve algum motivo específico para ter escolhido morar nele?**

AA: Sim. É quando eu vim, a gente decidiu vir para cá, eu tinha alguns colegas, que inclusive vieram de Viçosa, *né*, pra cá, nesse mesmo contexto, de continuar, *né*, e fazer um mestrado e tudo mais. E aí eu conversei com eles para pedir indicação de fato de regiões boas que eles conheciam, por uma questão de custo e benefício também para a gente avaliar. É... eu cheguei a ver outras regiões muito boas, mas na época eu tive pouquíssimo tempo para decidir que lugar eu ficaria. Então, no final das contas eu acabei decidindo principalmente por ser uma região muito boa, segura, organizada, todo mundo fala muito bem dela e que não estava tão distante, em termos de valor, das outras que eu vi. Eu consegui um valor bem interessante no

aluguel. Então, acabei optando por ficar lá e eu moro ainda hoje no mesmo apartamento.

P: Entendi. Você já falou algumas vantagens, mas para além dessas, agora já morando aí há um tempo, *né*, nesse bairro, **quais vantagens e desvantagens você diria que seu bairro tem?**

AA: Olha eu acho que a desvantagem seria, na verdade assim, se eu fosse mudar hoje - que eu já até fiz algumas tentativas assim de pesquisa. É um bairro muito caro, *né*, então, tem essa questão da acessibilidade financeira mesmo, mas o setor imobiliário de uma forma geral está bem inflacionado. Então, eu também pesquisei em vários outros bairros, é mais caro, só que ele oferece bastante pontos positivos. Então, é um bairro muito organizado, é muito limpo, no meu ver mais seguro pela experiência e contato que eu tenho com outras pessoas. É que para mim faz bastante diferença, eu sou uma pessoa muito caseira. Então, geralmente, quando eu *tô* de final de semana eu *tô* a noite eu aproveito tanto a minha casa, como para dar uma volta, para dar uma caminhada, para fazer esse tipo de coisa. Então, faz diferença para mim ter, *né*, segurança e acessibilidade, por exemplo, a farmácia, a mercado, ali é uma região que tem muito mercado, tanto atacado quanto supermercado convencional. É [...] A desvantagem além do, eu acho que do alto valor assim, *né* muitas vezes [...] Eu acho que, daí eu já não *tô* nem falando por uma questão minha, porque como eu te falei, o apartamento que eu estou é tipo um achado, sabe assim, porque ele é grande e na época ele *tava* bem competitivo em termos de aluguel com outros apartamentos. Mas uma coisa que eu tenho percebido na região por estar procurando, é que geralmente os apartamentos são muito pequenos, e aí talvez isso seria uma desvantagem. *Né*, eu acho que para morar bem localizado você acaba indo morar em um espaço menor do que se você fosse morar numa casa ou em um outro local.

P: Exato. E você já falou aqui que você aproveita do bairro para caminhadas, nesse sentido. **Para além disso como que você diria que você desfruta desse bairro?** Para o comércio, para lazer?

AA: Sim. A parte de comércio, eu vou bastante ali ao Shopping e sorveterias ali da região, as vezes algum local de hambúrguer, pizza, e tudo mais. É, os meus, até o momento, *né*, as necessidades que eu tive em relação à saúde eu consegui atender ali na própria região. Então, eu tive facilmente locais para fazer exame, para

atendimento de dermatologista que eu faço ali na região, e assim parques também. Porque eu não moro muito perto de parques.

[INTERRUPÇÃO]

AA: Até onde você ouviu?

P: Eu ouvi você falando de dermatologista. Me desculpa.

AA: Imagina, o que é isso. Então eu acho que nesse sentido também a parte de serviços eu uso bastante ali na região, apesar de não morar muito perto de praças em si, porque eu moro ali perto do, não sei se você conhece muito bem, é onde é o Açaí novo, fica ali do lado do Shopping Colinas, daquela ponte estaiada. Eu moro em um conjuntinho de prédios bem antigo, eles são baixinhos, assim, ele é bem antigo. E aí não fica exatamente perto de praças e tudo mais, *né*, mas é um dos tipos de coisas que eu gosto de fazer aos finais de semana, por exemplo mesmo caminhando até essas praças. E também para atividade física, não sei se isso é tão relevante, mas a possibilidade de fazer atividade física ali na região, *né*. Então, eu gosto de correr, o meu noivo por exemplo ele faz aula de muay thai na praça com personal, então também facilita para gente pela região ter essas facilidades.

P: Aí que gostoso. E, assim, para chegar até o Parque, **como é que você se desloca? Qual é o meio de transporte?** É automóvel próprio? Ou é Uber, algum aplicativo?

AA: Bom, no início quando eu me mudei para cá, eu não tinha carro. Aí, eu encontrei uma pessoa aqui dentro do Parque Tecnológico que oferecia carona. E ai eu ia até mais ou menos a casa dessa pessoa e aí de lá a gente vinha para o Parque e voltava. Então, isso eu saia mais ou menos do Center Vale, que é um shopping, e vinha para o Parque. Em 2020, quase 2021, eu comprei um carro, aí eu comecei a vir de carro. No início eu vinha sozinha, e depois de um tempo eu comecei a oferecer carona. Aí inclusive é o pessoal que trabalha na minha empresa mesmo vem aqui comigo, então a gente vem e volta todo dia junto. E eu acho que assim é um dos pontos principais se a gente for pensar em termos de mobilidade assim seria essa dificuldade de acessar o Parque. Porque eu já vim algumas vezes de ônibus, quando foi necessário, principalmente no início e já voltei também, e é bem demorado assim. No dia, eu lembro, eu demorei mais de uma hora e meia para chegar em casa. Então, essa questão é um dos pontos do meu dia que, eu acho que influenciaria bastante na pesquisa *né*, e isso é basicamente a mesma história para todo mundo que trabalha na empresa, *né*.

P: Não só vocês, todos que eu entrevistei.

AA: Todo mundo aqui. E assim eles já tentaram várias vezes fazer aplicativo. Teve um aplicativo, acho que é “baint” (*nome de app não identificado*), eu não lembro exatamente o nome, *né*. Mas foi um aplicativo que o Parque mesmo estava tentando estimular o pessoal a usar, que era como se fosse o BlaBlaCar, só que tinha pontos específicos que atendiam ao Parque, *né*. Eu não sei o porquê, eu não cheguei a usar, mas eu cheguei a recomendar para pessoas da empresa, mas ele também parece que não seguiu em frente. É, até recebi uma notificação falando que não estava mais atendendo, *né* e tal. Então, de fato essa questão, eu acho que é um ponto que está na vida de todo mundo que trabalha aqui no parque. Porque eu conheço bastante gente aqui dentro e poucas pessoas moram, por exemplo, na Eugênio de Mello, moram aqui perto, em locais que, aí é tranquilo de você ir e vir, *né*. Então, as pessoas moram do Center Vale pra lá. Então, é bem complicado essa questão de acessibilidade *né*.

P: Exato. A grande maioria que eu pergunto, teve uma moça que ela falou assim: “se eu vou de carro, eu gasto 15 minutos, mas se eu vou de ônibus é mais de 1 hora”. Eu falei, olha a diferença! E tempo, querendo ou não, é o que a gente precisa, de descanso, é um tempo que você aproveitaria para qualquer outra coisa, *né*! E assim o VLP não está chegando no Parque também?

AA: Essa é da Linha Verde?

P: Isso! A linha verde.

AA: Olha até onde eu sei não. Mas eu também não tenho acompanhado muito bem, porque hoje em dia ninguém precisa, ou vem de carona ou vem de moto. Então, eu não estou acompanhando muito bem como ficou esse tramite aí, do ônibus. Mas o que eu vejo muito circulando lá pro lado da cidade, eu passo várias vezes por ele. Mas pra cá eu nunca vi.

P: É eu acho que ele não chegou até o Parque. Porque, se não ele seria uma outra possibilidade, né, de transporte, para você ter essa mobilidade e chegar até o Parque. Era uma possibilidade. Mas pelo que eu conversei, que eu estou conversando com o pessoal ele não chega a passar perto do Parque. Por isso que [...]

AA: Porque eu acho que tem uma parte de infraestrutura da cidade que precisa se adequar, então não vai ser tão rápido.

P: Com certeza! Ainda é novo, né.

AA: É, é novo.

P: Agora já mudando um pouco, assim: **a sua formação é em quê? Qual que é a sua área de formação?**

AA: Eu me formei em Engenharia mecânica e aí em vim pra cá, né. Na época quando eu me mudei para cá, eu fiquei nessa indecisão de seguir com a carreira acadêmica ou não, eu acabei conseguindo uma vaga aqui no Parque dentro de uma startup.

P: Olha que legal!

AA: Essa startup ela estava num momento de início, basicamente, também. E ela conseguiu por meio de editais de fomento, *né*, não sei se você conhece, mas a Fapesp, a Finep, *né*, que são órgãos que estimulam isso. É [...] ela conseguiu a aprovação de um projeto na Fapesp, e aí eu fui uma das bolsistas contratadas na época. Então, foi bacana, assim, porque eu era nova na cidade e ao mesmo tempo pude contribuir também para o crescimento da empresa, *né*, por ser uma coisa diferente. No início, eu acabei fazendo bastante atividades diversas *né*, de várias áreas. Então, eu ajudava quando era preciso em marketing, comercial, na parte de engenharia também dava os meus pitacos e aí, a trajetória dentro da empresa foi me levando para a parte comercial hoje.

P: Entendi.

AA: Então, é o que eles [...] isso aproximaria de uma Engenharia de aplicações, *né*. Então, eu tenho bastante contato com a parte técnica, dentro da indústria onde a gente atua principalmente com nossos sistemas, mas dentro da Subiter eu sou responsável pela parte comercial. Então, eu faço essa mescla de habilidades, tanto técnicas quanto essa parte de vendas, relacionamento, e também ajudo bastante na parte institucional hoje.

P: Que interessante, como que a sua trajetória, querendo ou não, foi mudando. Você se formou em mecânica. **Você se formou onde?** Lá em Viçosa?

AA: Lá em Viçosa.

P: Na federal de Viçosa?

AA: Isso.

P: Olha que legal! Que bacana. **Mas você pretende ainda fazer o mestrado?**

AA: Eu pretendo, inclusive eu estou fazendo algumas aulas como aluna especial na Unifesp, né. Conversei com bastante gente e [...] o pessoal falou que é interessante iniciar o mestrado assim pra você sentir. Principalmente se você fica um tempo sem

estudar, vamos dizer assim, nessa parte acadêmica. É uma rotina diferente, *né*, e as vezes já não se encaixa mais no seu dia a dia, perspectiva, *né*. Então, falaram: "*Oh*, faz como aluna especial pra você fazer um teste, pra ver como que você se sai, ver se você está de fato com essa perspectiva por agora e aí você tenta entrar como aluna regular". Então, eu segui esse caminho! *Né*, já vai fazer um ano que eu estou como aluna especial, fazendo algumas matérias, que eu vou poder aproveitar, então nada vai ser perdido.

P: Exato.

AA: E aí eu *tô* entendendo exatamente é [...] o escopo do meu trabalho, mas vai ser voltado mais para a parte de inovação, justamente para essa parte, a gestão da inovação quando a gente fala de micro e pequenas empresas, né, e até mesmo startups dentro do cenário nacional.

P: Que legal, você vai incorporar a sua pesquisa para o ambiente que você está, que é o próprio Parque. Um ambiente que fala só de inovação. Então, você já vai estar dentro da sua rotina também. Mas eu acho que é importante sim começar como aluna especial, porque já te dá um gás, você já pega o ritmo. De como que é, e de como você vai conseguir conciliar trabalho, se você pretende continuar no seu trabalho, e a pesquisa. Então, eu acho que é importante sim, você está indo pelo caminho, *tá* indo bem!

AA: Mas é [...] porque nossa muita gente que eu conversei falou que acabava ficando muito puxado porque as vezes você não esperava tanto, *né* assim, as vezes não lembrava como é uma parte mais acadêmica. E querendo ou não, a academia ela puxa muito, né. E uma questão de rotina, de ler artigos, de se atualizar, (falas simultâneas) Então é muito complexo conciliar isso com a rotina do trabalho.

P: Exato.

AA: E eu por exemplo, ainda tenho o lado bom, vamos dizer assim, eu não tenho filhos, então eu consigo me dedicar a isso. Mas talvez num momento futuro eu não consiga. Então, por isso que eu quero já acelerar esse processo agora pra depois ficar mais tranquila, *né*.

P: É. E o processo é difícil, mas é gostoso. *Né*, tudo tem assim, o seu ponto positivo e o seu ponto negativo. Então, assim, conseguindo equilibrar isso, tudo vai leve, vai tranquilo.

AA: Exato.

P: Mas enfim, desculpa mudar o assunto. Desculpa. Bem, **você me disse que seu cargo atual é na área de comunicação, é assim que eu poderia dizer, o seu cargo?**

AA: O meu cargo hoje é analista de negócios.

P: *Ah*, analista de negócios. **Há quanto tempo você está na empresa?**

AA: Vai fazer, vai fazer 4 anos no meio do ano.

P: E nesse caso, nessa transição, porque você disse que entrou na startup e agora você está nessa nova empresa, **o que que te motivou a iniciar esse trabalho?** Foi necessidade?

AA: Então, na verdade eu estou na mesma empresa.

P: *Ah*, *tá*. É a startup?

AA: É a startup. Hoje ela cresceu e se desenvolveu. E ai antes, só pra falar rapidinho: A gente entrou aqui no programa de incubação do Parque, então a gente ficava lá no Nexus e hoje a gente está finalizando a etapa de pós incubação, a gente mudou de prédio. Só que a gente vai continuar aqui no Parque Tecnológico. Então, daqui um tempo a gente vai mudar para um outro centro, na nossa sala definitiva, é que vai ser o centro 2, onde a empresa vai ter de fato um escritório já mais a longo prazo, digamos.

P: É vocês já são residentes? A empresa já é residente?

AA: Isso!

P: E nesse deslocamento tem que levar toda a infraestrutura de vocês, né?

AA: É.

P: Porque a sala ela é crua, *né*. Eu visitei aí o Parque e eu vi umas salas todas cruas. Assim, sem nada. Então vocês têm que levar [...]

AA: *Aham*! É uma logística, assim, a gente ainda, nas fases que a gente precisou fazer isso, a gente não tinha tanta coisa, porque a gente conseguiu vender os móveis principais e comprar os móveis principais da outra sala. Então, eu acho que o que deu mais trabalho mesmo foi a questão de trazer é [...] computadores, *né*, porque a gente trabalha com tecnologia, então algumas pessoas usam notebook, mas outras usam ali o CPU, né o desktop mesmo.

P: Exato.

AA: E nossas ferramentas, que a gente tem também a parte de hardware, *né*, então a gente precisa de uma parte laboratorial ainda. Mas de fato aqui quando você faz

essas mudanças tem essa questão da infraestrutura, porque a gente recebe as salas bem cruas mesmo.

P: É eu vi. Eu vi, a grande maioria das salas pelo que eu pude perceber tem a mesma lógica, *né*. Esse vidro que é para deixar essa permeabilidade visual, mas no total ela está vazia. É um salão, um salãozinho, assim. Quando eu for visitar quem sabe vocês já vão estar lá na unidade 2, no centro 2.

AA: É. Quem sabe. Você me avisa!

P: *Ah*, interessante. Bem deixa eu ver, **anteriormente você não trabalhava, você só estudava antes?**

AA: Isso, eu fazia faculdade lá em Viçosa. Aí quando eu me formei em vim pra cá e aí já iniciei na startup.

P: Aí você foi contratada de que forma? Você é PJ, CLT, qual que é seu vínculo, que você tem?

AA: Quando eu comecei, eu fui bolsista nesse projeto da Fapesp, e aí eu fiquei como bolsista até esse ano, porque a gente emendou um PIPE, que é um dos tipos de bolsa lá, fase 1 com fase 2. Então, a gente ficou três anos e pouco com esse projeto acontecendo. E aí eu fiquei como bolsista e quando a minha bolsa acabou em fevereiro, que inclusive faz pouquíssimo tempo, aí eu fui contratada, é como é CLT. E aí é o meu primeiro emprego oficial assim é aqui.

P: *Ah* que legal! Eu também fui bolsista e sei bem como que é quando a bolsa acaba. (risos) Bate aquele desespero.

AA: Exatamente.

P: Você pode me contar rapidinho AA mais ou menos como que é a sua rotina? *Né*, assim, sair de casa, aí no Parque como é que você chega? Mais ou menos a sua rotina desse deslocamento até o seu trabalho mesmo **como é a sua rotina?**

AA: Claro! Eu saio de casa mais ou menos por volta de sete e meia, e aí eu dou carona para duas pessoas hoje, então eu passo pra pegá-las no horário combinado e a gente chega no Parque geralmente aí umas oito horas, mesmo, *né,* dependendo da Dutra atrasa um pouquinho, mas é geralmente a gente chega a tempo, certinho, assim 8 horas. E aí aqui dentro da Subiter eu tenho uma divisão de atividades, I. Geralmente, eu faço as minhas atividades da parte comercial, pela da manhã, porque eu tenho uma interação maior, principalmente por conta da equipe, *né*, que trabalha comigo e que acaba indo embora a tarde, por serem estagiários. Então, eu preciso dessa interação maior de manhã com eles, e aí eu me dedico a parte

comercial. E na parte da tarde eu me dedica as atividades de marketing e a relações institucionais mesmo. *Né*, então, por eu estar mais tempo na empresa, geralmente eu que represento a empresa em reuniões, workshops, e eventos que tem aqui dentro do Parque ou até fora, e as vezes eu preciso me preparar para alguma coisa, né para participar, pra fazer alguma documentação de alguma coisa que aconteceu. Então, eu também uso a parte da tarde para isso.

P: Entendi. **Então, você tem um horário fixo? Você tem um horário de entrada e de saída?**

AA: Isso. Eu sempre tive isso mesmo como bolsista, mais por uma questão de, eu acho que funcionava para mim também, *né*. Eu gosto de ter rotina nesse sentido. E também como eu oferecia carona, até mesmo quando eu pegava carona, era interessante ter esse horário *né* certinho para eu conseguir conciliar. Então, aqui eu saio por volta de umas cinco e vinte, cinco e meia. Tem dias que eu fico mais, mas são dias, são poucos dias, são excepcionais, assim. E aí eu vou para casa eu. Eu deixo as duas pessoas que eu dou carona. E aí eu vou para minha casa. Eu não costumo mudar muito a minha rota, durante a semana é basicamente isso que eu faço, *né*. Não costumo usar muito o carro depois disso e ir para outro lugar. Geralmente, as minhas atividades são em casa mesmo. É agora com a questão do mestrado eu tenho aulas, *né*. As minhas aulas, ainda são online, as que eu estou fazendo. Algumas voltaram presencial, então se tivesse eu teria que ir para a Unifesp, mas ainda, mas nesse momento eu estou fazendo de casa. E aí tudo que eu tenho que fazer mais da rotina, eu acabo fazendo em casa, *né*. Eu trago marmita, não sei se isso influencia muito, mas a questão de restaurantes aqui da região, aqui tem opções no Parque, mas eu acho que são meio caras, *né*. E aí, assim a grande das pessoas que eu conheço trazem marmita. Então, ainda tem aquela parte da rotina de organizar o meu próximo dia, aí tem que arrumar marmita, já deixar tudo certinho, as minhas coisas quando eu acordo, porque eu também faço atividade física de manhã. Então, eu acordo e na verdade eu vou para a academia e volto. Então, quando eu volto eu tenho pouco tempo. Aí esse tempo da noite anterior eu tiro para organizar o meu próximo dia, então, eu já separo as coisas e deixo tudo certinho, sabe?

P: Exato, aí você até comentou essa questão do tempo. **Você usa alguma técnica para gerenciar seu tempo, assim?** Ou não, vai você mesma na sua planilha se organiza, ou tem alguma técnica que você usa?

AA: Olha até um tempo atrás eu usava muito o papel mesmo, porque eu era uma equipe muito pequena, era eu e o meu gestor na verdade, então a gente se conciliava ali *né*. Agora que tem mais pessoas entrando na empresa a gente precisa de um local para organizar as atividades. Então, assim, em questão de aplicativos ou coisas que a gente usa para essa organização e principalmente o Asana, que é para gestão mesmo das atividades e agora esse mês eu comecei a usar um que chama “clock fie” [Nome de aplicativo não identificado] é [...] pra na verdade ele faz uma gestão do tempo mesmo. Então, eu coloco todas as vezes que eu vou começar alguma coisa, eu coloco lá, ele fica com o cronometro rolando e depois eu consigo um mapeamento de onde que eu estou gastando mais meu tempo, a minha energia, as vezes se eu estou fazendo sei lá uma coisa que eu seria interessante eu fazer em meia hora e estou gastando duas. Então, a gente consegue avaliar por ali. Eu ainda não tenho um feedback sobre ele porque eu comecei esse mês. Aí é uma coisa que para mim é difícil, porque eu não [...] apesar de trabalhar com tecnologia, eu não tenho muito hábito de usar aplicativos assim pra ficar colocando o meu dia a dia. Mas eu acho que ele gera uns insights legais para gente ver depois e entender o nosso tempo e tal. Então, eu estou me esforçando para usar ele. Mas seria só essas duas ferramentas.

P: *Ah*, que interessante. **Você diria que tem alguma coisa que você mais gosta, assim, no seu dia a dia, e uma que você, não te agrada tanto assim? Do seu trabalho e do dia a dia, tem alguma coisa que você lida, que gosta e outra nem tanto?**

AA: Olha, é [...] o que eu gosto bastante é, eu sou uma pessoa bem comunicativa e eu acho que coletiva mesmo, eu sempre falo isso para as pessoas que eu converso. Então, me faz muito bem-estar fisicamente na empresa, é uma coisa que eu gosto de vir e dividir a minha rotina, conversar as vezes com o pessoal, eu me dou muito bem com todo mundo aqui da empresa. É [...] e talvez uma coisa que eu não goste, mas eu acho que isso é decorrente da pandemia, é [...] de eu perceber o pouco tempo que eu passo em casa, sabe? Por exemplo, eu tenho uma cachorrinha e ela fica sozinha o dia inteiro. Então, esse ponto depois da pandemia foi um ponto de alerta pra mim, assim, de talvez em uma outra oportunidade ou até mesmo dentro dessa empresa tentar fazer alguma coisa híbrida mesmo, porque, não que eu não goste dessa rotina, mas eu acho que eu aproveitaria mais a minha casa, *né*, nesse sentido, enfim. Mas assim em termos de não gostar de alguma coisa que eu faço

hoje, tirando isso, eu não teria um apontamento assim. Eu acho que são dificuldades gerais que de todo trabalho mesmo, *né*. Tem atividades que são mais legais que outras ou as vezes a gente não tem tanto conhecimento e esbarra em mais dificuldades para realizar. Mas eu acho que eu vou levando bem, assim, as coisas. Então, não teria nada a reclamar assim.

P: É a nossa rotina ela acaba sugando um pouco, querendo ou não, o trabalho, aqui em casa, é tudo junto e misturado, igual você disse. Você ainda *tá* fazendo faculdade, então, imagina, você teria que se deslocar se fosse presencialmente, você estaria mais longe ainda de casa, do que você já está.

AA: Exato.

P: Então, tudo isso *tá* junto [...] Agora **AA** mais específico com a sua relação com o Parque. Então, eu vou fazer algumas perguntinhas a respeito disso.

AA: *Tá* bom!

P: Na sua opinião, quais são as principais contribuições que o Parque oferece para as empresas residente e para os trabalhadores também, como o seu caso? Né, que é trabalhadora ai do Parque, de uma empresa ai do Parque?

AA: Olha eu diria que o principal é a diversidade de empresas e pessoas que tem aqui dentro. É [...] porque, por exemplo, até quando a gente estava no Nexus que era outro lugar ali, tinha pessoas muito diferentes, que tinham empresas de perfis diferentes, *né*. Uma pessoa de engenharia e na outra empresa, por exemplo, já era a parte de, tinha uma pessoa que trabalhava com gestão de e-mail marketing, aí uma outra startup trabalhava com marketplace para bebês. Então, assim eram muitas pessoas diferentes no mesmo lugar. E isso eu acho muito legal! Porque num almoço você senta, você troca uma ideia com alguém, você já conhece uma pessoa nova né. Tem uma experiência nova com assuntos para conversar. E eu acho legal. E não só pessoalmente, profissionalmente você também tem essa oportunidade de encontrar alguém num café e trocar ideia com alguém nos corredores. E gerar uma sinergia para a própria empresa que você está ou uma oportunidade profissional que enfim. E uma outra coisa que eu acho legal, é essa possibilidade, por exemplo, eu trabalho com isso aqui, então em tese eu seria forçada mesmo sem querer a ter esse network né, eu tenho naturalmente porque faz parte das minhas atividades, e eu gosto. É, mas eu acho que é bacana também, porque eu já consegui ajudar pessoas a conseguirem vagas, porque eu fico sabendo das coisas e já tiveram vagas que foram interessantes para mim, mas no momento não virou alguma coisa,

é [...] mas seria interessante se [...] então, eu acho também que é um outro ponto positivo, *né*. De você ter a possibilidade, as vezes de uma mudança de carreira, ou as vezes de ver uma oportunidade melhor na empresa. Isso eu acho interessante também.

P: Exato. Que bacana. E assim com relação a cursos e eventos que o Parque oferece, que eu sei que ele oferece alguns eventos. **Você já fez algum curso, já participou de algum evento**?

AA: *Ah*, desde quando eu cheguei aqui eu participo de bastante coisa. É [...] os principais eventos que eles organizam anualmente: Tic Vale, Nexus Summit, agora que virou Innovation Wek. Todos, assim antigamente toda semana tinha workshop novo, temas novos, então eu sempre ia também, toda sexta-feira. É [...] agora que a gente tá como quase residente, eu mudei de grupo lá no Whatzapp e muitas vezes eles compartilham workshops de empresas mesmo, *né*. Temas que as empresas trabalham, as vezes um tema em comum ali de todo mundo quer discutir. Então, a gente está dentro dos APLs daqui do Parque, de Tecnologia da Informação, o Agro e o Aeroespacial, que eu também vou nas reuniões. Então, assim, participo ativamente dessa parte institucional também dentro do Parque. Vou a muitas coisas que eles organizam.

P: E isso reverte para a sua capacitação no sentido do seu cargo? Ou é mesmo para a empresa?

AA: Eu jugaria que sim. Tem uma questão pessoal também de desenvolvimento, mas eu acho que principalmente é a rede mesmo, sabe? Fui para uma reunião, um café conversar com o cara que tem uma empresa que seria legal fazer uns testes com a nossa tecnologia ou as vezes eu vejo sinergia da empresa dele com alguma que eu conheço. Sempre acontece isso nas reuniões! Eu já conheci umas 4 pessoas assim, que provavelmente eu não conheceria de outra forma.

P: Que legal!

AA: Conheci lá, trouxe ele para fazer uma visita ou indico que tem alguém para ele conversar, porque vi sinergia com outra empresa. Então, eu acho que nesse sentido, esses encontros assim do Parque são bem produtivos, *né*. Uma das coisas que eu, assim, acho até como um feedback, eu acho que as pessoas se engajam pouco. Aqui no Parque, por exemplo, as vezes você vê muita coisa acontecendo e poucas pessoas participando dessas coisas. Então, eu acho que [...] claro mais um ponto as vezes da pessoa, da empresa, *né*. As vezes não libera ela, enfim. Mas eu acho que

é um ambiente que fomenta muitas coisas e as vezes não tem o retorno, talvez, porque não tem o engajamento, sabe?

P: Exato. Alguns que eu pergun[...] contando um pouco das entrevistas que eu fiz, das conversas, não se interessaram, alguns não. Inclusive até por isso que eu perguntei. Você sente que tem, que reverte para você. Porque poxa é bacana, se esse espaço está sendo oferecido para vocês de curso, de evento, então [...] e você pode reverter isso para uma qualificação profissional, então aproveite esse espaço. **Já que você comentou dessa troca, sinergia, você apontaria alguma empresa ou algum nome aí dentro do Parque que seria o mais influente? Que tem essa presença mais forte dentro do Parque, você acha que teria alguma empresa, um nome talvez?**

AA: Olha, assim, das experiências que eu tenho de frequentar essas reuniões, eu vejo que a CIAT ela é muito presente nas, nas reuniões. Também eles, é [...] foi dois casos só, mas já acho que é até muito considerando que a empresa faz tudo internamente né, também eles fizeram eventos dentro do Parque. Então, no dia das mulheres, eles fizeram pra todo o Parque, ofereceram, *né* workshops, e eu acho que da outra vez foi mais técnico falando sobre a parte de tecnologia mesmo – também ofereceram para todo o Parque. Então, eu vejo eles lá. É [...] o pessoal da Nestlé está aqui dentro do Parque, eles sempre estão presentes nessas reuniões, *né*. Até porque como a Nestlé, ela tem umas soluções muito diversas, eles conseguem absorver vários perfis de empresas que tem aqui dentro, tanto de tecnologia quanto uma startup de meio de pagamento, que tem aqui. Que já é uma coisa bem distante da minha realidade, mas que para eles faz sentido por ser uma empresa grande.

P: Exato.

AA: É [...] e acho que mais assim as próprias startups do Nexus, *né*. De também por estarem nesse momento de capacitação, acabam frequentando esses workshops, essas, esses eventos que o Parque oferece.

P: Entendi. *Ah* que bacana. É assim [...] **você pode me dizer mais ou menos como que é o seu ambiente de trabalho? Você trabalha sozinha? Ou é um espaço compartilhado?** Você disse que tem um primeiro momento que você está com os estagiários, *né*. Mas então, é um espaço compartilhado ou você tem esse espaço mais reservado pra você? Como que é? Ou você trabalha de casa ou não? Pelo que eu entendi você está presencial, *né*?

AA: Isso, eu estou 100% presencial. A nossa sala é um ambiente compartilhado, *né*. A gente tem questões, assim, de mobiliário, digamos assim, que já vieram da sala antiga e a gente não mudou muito mas inclusive na sala nova e na anterior sempre foi um ambiente aberto para troca de ideia e interação entre equipe, a gente preza bastante por isso. É [...] então, seria mais isso mesmo, um ambiente aberto, geralmente essas interações acontecem mais no início, na hora do almoço e final de expediente porque a gente já está nesse momento de chegada, *né*, na hora do almoço, ali de um descanso e no final. É mais entre as pessoas que eu tenho atividade direta sempre tem essa possibilidade de interação durante o dia.

P: Tem alguma infraestrutura que o Parque oferece, um laboratório, alguma coisa específica que vocês utilizam? Do Parque mesmo sem ser [...]

AA: *Oh*, Hoje não! Hoje não tem, mas eu acho que é pela área que a gente atua mesmo. Porque quando a gente mexe em laboratório e tudo mais, a gente mexe no nosso. *Né*, a gente tem uma estrutura que tem robô e tem outras questões de laboratórios também, bancada para manuseio de peças e tudo mais, que fica dentro do IPT que é uma instituição de pesquisa que fica aqui do lado, dentro do Parque tecnológico. Vou só pedir licença para você que eu vou colocar o carregador aqui.

P: *Tá*. Sem problemas. O meu acontece isso também. Está viciado, já não aguenta mais ficar sem carregador!

AA: E [...] mas eu acho que é mais por uma demanda mesmo da nossa empresa, sabe? A nossa infraestrutura ela assim, a gente usa mais coisa interna. O Parque ele tem laboratórios *né* pra serem usados, mas não faz muito sentido para a gente, pelo menos não até o momento. E o Parque também ele tinha até uma área de descompressão aqui, mas tiraram ela e colocaram tipo um mercadinho no lugar. É e também espalharam esses mercadinhos em outros centros empresariais. É e eu acho que [...] nesse sentido de infraestrutura o que a gente mais usa é a copa. Porque a gente ainda está no espaço compartilhado, que a gente utiliza para almoçar. Agora em questão de laboratório mesmo, e coisas assim mais técnicas, não utilizamos.

P: Já que você comentou dessa, desses ambientes que são para além do espaço do trabalho a copa, *né*. Você sente falta, porque você comentou que a descompressão eles tiraram, e eu vi esses mercadinhos. Quando eu fui visitar o Parque eu vi esses mercadinhos. **Você sente falta de um espaço como esse de descanso ou até**

mesmo um espaço de lazer? Sem ser necessariamente o restaurante, *né* - que é um pouco caro. Você sente falta desses espaços que são para além do trabalho?

AA: Eu sinto falta! Eu sinto falta porque assim, é bastante, [...] como a gente acaba ficando o dia inteiro por causa da distância, a gente na hora do almoço tem essa sobrecarga de pessoas no ambiente, *né*. Então aqui os únicos lugares que tem aqui para você ficar, são os locais que tem microondas, por exemplo, tem cadeira e tal. E pontualmente, assim, dentro do coworking, nos outros centros também tem é [...] um sofá, alguma coisa assim para ser utilizada. Mas eu diria que não muito bem explorado, poderia tem mais, uma área de descompressão real, assim, sabe? Inclusive, poderia ser até um outro momento que a gente conheceria pessoas ali dentro. Mas hoje não tem. Uma outra coisa que o Parque sempre levantou e não sei se ainda está em estudo ou não vai ser feito, é que aqui dentro a gente não tinha uma estrutura muito boa de assistência. Por exemplo, farmácia chegou a pouquíssimo tempo e não tinha. Então, se você estivesse passando mal e estivesse precisando comprar alguma coisa, você ia ter que ir no bairro ao lado comprar. E além disso não tem, por exemplo, é [...] eles estavam pensando em academia, algum tipo de serviço que poderiam oferecer, talvez um salão, alguma coisa assim. E aqui dentro não tem nada disso! Então assim, tirando a parte de alimentação, não tem nenhum outro tipo de serviço que é prestado aqui. Mas como as pessoas ficam o dia inteiro aqui, eu acho que seria um bom negócio, porque com certeza ia facilitar a vida de muitas pessoas.

P: Igual mesmo você comentou que vai para a academia logo cedo. Você poderia já ir direto e já faria algo mais [...] até o seu tempo, você otimizaria. Teria um tempo mais produtivo talvez, *né*.

AA: Exatamente.

P: Bem [...] o seu cotidiano você já me falou [...] Agora para a gente ir finalizando, eu queria saber **como que você projeta o seu futuro profissional?** Como que você [...] **quais são as suas expectativas?**

AA: Olha, dentro aqui da startup que eu *tô* hoje eu ainda um potencial de crescimento interessante e aí eu diria que nos próximos anos eu ainda me manteria aqui *né* no Parque Tecnológico. É [...] mas para ser bem sincera com você eu tenho muita vontade de empreender, mas não nesse estilo de startup necessariamente. Sabe? Ter um negócio. E talvez isso faria que a minha rotina mudasse pra isso, lá mais próximo da minha casa, pra algum tipo de empreendimento que eu gostaria de

ter. Então, assim, eu tenho essa perspectiva de continuar aqui em termos de carreira técnica, *né*. Tenho a perspectiva do mestrado, então isso *tá* em longo prazo. É, mas quando surgir uma oportunidade, se eu estiver preparada para ela, aqui eu também tenho essa visão de empreender em alguma área, principalmente de serviço mesmo.

P: Interessante. *Ah* que bacana!

AA: Um outro ponto, que assim, eu levo muito em consideração, um dos motivos de eu querer fazer o mestrado é porque eu gosto muito de dar aulas. Nos meus tempos vagos, eu geralmente dou aula particular. Aí, é uma área que eu gosto pra caramba! *Né*, eu dou aulas de física e matemática. Então, assim, eu ainda me vejo dando aula, por exemplo, em uma universidade. Mas [...] são planos, *né*. A gente não sabe muito se vai dar certo, mais quem sabe virar professora também é uma possibilidade.

ENTREVISTA 08:

Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Entrevista por chamada de vídeo: plataforma Google Meet
Data da entrevista: 17/08/2023
Data da Transcrição: 18/08/2023
Hora de início da entrevista: 16h30
Duração da gravação: 49min 01s
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: JL

P: Você tem vínculo com o Parque Tecnológico? Ou trabalha atualmente no Parque?

JL: Não. Antes de eu trabalhar na ICEYE eu trabalhava na Hexagon, *né*, e eu era associado ao Parque. Eu tenho uma interação muito grande com o Parque e hoje eu acabo, essa interação que eu tenho hoje é por conta da Tec Terra que é riceler da ICEYE, e ele é participante ali do Parque. Mas eu converso com todo mundo, enfim na época que eu *tava* na EMBRAER dentro da Visiona, *né*. Então, é essa a minha experiência ali com o Parque.

JL: Só uma dúvida: você é de São José ou fica em São Paulo e está estudando o Parque Tecnológico de São José?

P: Eu estou morando em Mirassol, uma cidade próxima a São José do Rio Preto, e estudo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo, que fica em São Carlos.

P: Na sua opinião, quais são as principais contribuições do Parque Tecnológico (PqTec)? Com relação ao município de São José dos Campos e região, nacionalmente?

JL: Eu acho que assim, até para poder explicar um pouco da contribuição do Parque, é [...] O Parque ele é relativamente recente, ele vem sem dúvida contribuindo, mas eu vou trazer um exemplo um pouco mais do passado para mostrar a importância desse tipo de iniciativa, *né*. E eu acho que quando a gente lembra um pouco da história de São José, quem era, como era São José há uns 50 anos atrás, era uma vila. O nosso, a gente ia no cartório lá em Jacareí e a sede jurídica era em Taubaté. Aqui era uma vila, é rural. E o grande evento disruptivo de São José, que fez hoje São José a cidade mais importante do Vale, foi a implantação do DCTA e do ITA. E com isso trouxe todo um conceito de inovação tecnológica, de treinamento, de capacitação, de transferência tecnológica, porque trouxe gente de fora, investimento de fora que transferiu conhecimento e daí desse conhecimento gerou-se, *né*, todo um ecossistema de indústrias, e ai a gente tem EMBRAER, a gente a AVIBRÁS como as principais e fora uma, e várias outras: Orbital, a própria Urbzati que eu trabalhei no passado que fazia receptores de televisão e tudo mais. Então, assim isso foi fomentando aqui e capacitando o time de profissionais, especializando cada vez mais e isso criou um celeiro bastante fértil que atraiu outros investimentos totalmente desconectados desse Parque tecnológico do passado, que eu estou trazendo para exemplo, que foi o ITA, *né* o ITA e o CTA. Veio outras iniciativas aproveitar dessa mão de obra, já que era um ambiente, um ecossistema bastante fértil de mão de obra especializada. E hoje, depois de 30 ano aí, a gente vê os reflexos extremamente (enfatiza a fala) positivos e disruptivo que foi aquela iniciativa de inovação e tecnologia que aconteceu lá atrás. Então, eu estou trazendo esse exemplo do DCTA e do ITA porque eles de fato eles de forma, talvez não, é [...] de forma semelhante a iniciativa do Parque Tecnológico de São José, o princípio é o mesmo. É trazer universidades, trazer capacitação, aqui pra dentro, é fomentar, é incubar novas empresas, e com isso crescer uma mão de obra especializada e trazer mais investimentos do exterior e tudo mais. E ai alimentando todo um ecossistema de fornecedores aqui em São José. Então, isso já vem refletindo resultados bacanas. A gente percebe aqui em São José a vinda de

empresas de outros estados, de São Paulo, de Campinas, enfim de outros estados, do Norte, do Nordeste, de gente querendo inovar, querendo viver essa inovação, e gente... essas pessoas de várias partes do Brasil vindo para cá, para São José é, porque encontrou aqui um ambiente bastante fértil de educação, *né*, e de networking, de expansão, de outras empresas, de vários outros provedores de alta tecnologia que a gente encontra aqui na região e não encontra em outros locais, *né*. Então, hoje São José, o Parque Tecnológico de São José é o maior do Brasil, seguramente, *né*. É [...] dizem que da América Latina também, não sei, não tenho essa estatística. *Ah*, mas de fato, assim, eu acho que da mesma maneira que o Vale do Silício é o parque tecnológico do Google, quem quer inovar vai lá para o Vale do Silício, eu acho que no Brasil o grande concentrador acabou sendo aqui o Parque Tecnológico de São José. Então, eu acho que essa é a principal importância, *né,* para a cidade e sem dúvida nenhuma expandiu o seu perfil tecnológico, o seu perfil de especialista, de mão de obra. Com isso gerou-se uma melhor renda, com aquela mão de obra especializada, desdobrando nisso, nessa mão de obra especializada, também um ecossistema, trouxe todo um ecossistema de novas empresas do (incompreensível), de outras empresas paralelas, o que aumentou bastante a região. Então, pelo crescimento de São José a região como um todo virou, cresceu, evoluiu junto, *né*, criou, criou-se hoje uma, a região metropolitana, não por acaso, mas por conta desse crescimento pujante aqui da região. É [...] e sem dúvida é uma referência para o estado, tanto que o estado está querendo usar a estrutura, tem um time lá no Parque Tecnológico que eles tão querendo fomentar, eles estão com a proposta de fomentar parques. Do Parque Tecnológico de São José ser o replicador, em outros estados, *né*, em outras regiões do estado, para poder fomentar esse crescimento. Então, dentro desse contexto é espetacular! *Né*, é extremamente importante essa iniciativa. Uma iniciativa de longo prazo, sem dúvida, mas os resultados eles são absurdos, fenomenais! Ai, aí eu trago até um exemplo da ICEYE, a empresa que eu estou, está aqui o logo (participante aponta para o logo da empresa). A ICEYE é uma startup finlandesa, *tá*, e ela nasceu dentro de um ecossistema também de inovação, de um Parque Tecnológico, que foi fomentado pela universidade de Aalto, lá na Finlândia. E olha para você ver, dentro desse ecossistema de tecnologia, de alta tecnologia, de trazer conhecimento de fora, de professores especialíssimos, dessas especialidades e trazer aqui para dentro desse ecossistema, desse campus universitário, que também trouxe investidores e também

tem as suas empresas. Então, a própria ICEYE, ela *tá* sediada, a sede dela fica dentro da universidade de Aalto, *né*, e é uma multinacional, multinacional de 1 bilhão e meio de reais de faturamento, *né*. Em apenas 5 anos ela se tornou a maior empresa, em um país que não tem tradição em satélite, ela se tornou a maior empresa de constelação de satélites de radar do mundo, *né*. Então, é para você ver o resultado de tudo, de todo esse investimento: ela em 5 anos passou a faturar 1 bilhão e meio de reais, é [...] gerando ai, ajudando o PIB do país e tudo mais. Então, a mesma coisa voltando, a EMBRAERA, quanto que a EMBRAER depois de todo esse investimento, se não fosse essa iniciativa lá atrás no DCTA, no ITA, é [...] não existiria a EMBRAER. A EMBRAER foi um desdobramento disso, e hoje a EMBRAER ela é uma multinacional com sede no Brasil, vende para fora, vende muito mais para fora do que para o Brasil, ajudando, é a principal empresa de tecnologia que ajuda no PIB nacional. E naturalmente com impostos, com investimentos local e tudo mais. Então, é esse o caminho! É investir, sem dúvida é investir em tecnologia de ponta, em educação de primeira linha, em compartilhamento e troca de conhecimento. Esse é o grande papel dos parques tecnológicos, inclusive o Parque Tecnológico daqui de São José.

P: É um ciclo que a gente fala que é virtuoso, no sentido de que amplia e reverbera em coisas favoráveis.

JL: É verdade, é isso mesmo.

P: Você saberia dizer, especificamente, alguma ação do Parque ou do próprio município também em parceria com o Parque, que estão buscando ser mais atrativos para as empresas, para essas empresas de inovação, algum projeto que você conhece? A própria Cidade Tecnológica eu imagino que seja uma ação para ser atrativo de empresas?

JL: É o próprio conceito da Cidade Tecnológica ela vem com isso, com essa ideia de trazer pessoas para morar, para estudar, para trabalhar, para criar suas empresas e *tá* todo mundo ali, criar uma grande comunidade de tecnologia. Então, ele vem fomentando isso, além disso vem fomentando com recursos, com investimentos aqui do próprio município, manter o Parque, estrutura e tal, e também fazendo um papel de publicidade eu diria, de ajudar a vender. Então, esse papel eles fazem, eles juntam, criam projetos, trazem empresas, até de outros países que têm algum interesse específico de criar uma solução, então eles falam: temos o Parque! O nosso Parque tem as empresas, vou trazer as empresas aqui tem as

suas capacidades, vocês vão apresentar seus portifólios e nós como parque podemos entregar uma solução para você. Então, ele faz esse grande papel de colaborador, de ser o que recebe um potencial cliente, inclusive clientes em nível estadual, de outros municípios, *né*, e ele leva, ele faz essa parte comercial que ajuda a vender e conectar esses compradores com essas empresas que têm o perfil para poder ajudar. Então, esse papel ajuda, é extremamente importante, esse papel ele ajuda bastante, mas eu [...] Ainda, uma coisa que eu vejo que falta, e diferente de outros parques, é assim *ah* [...] a iniciativa, o empreendedorismo no geral, ela não precisa de incentivos muito complexos, o próprio empreendedor ele vai buscar se adaptar ao mercado, ele vai buscar ser competitivo, ele vai buscar novos clientes, ele vai buscar tudo, o que ele precisa, o que os empresários precisam é de compras recorrentes ou de projetos! A exemplo até da própria EMBRAER, ela vendeu poucos aviões para a FAB, o primeiro projeto, ela vendeu poucas unidades e depois ela acabou indo para os Estados Unidos apresentar aeronave lá e vendeu muitas unidades lá nos Estados Unidos e aí ela cresceu a partir de então. Então, embora tenha sido poucas as compras, aquilo foi importante para ela se fortalecer, renovar a tecnologia, aprimorar a tecnologia dela, *né*, o desempenho e entrar de cabeça no mercado internacional e aí com novos contratos ela continua crescendo, reinvestindo e se reinventando. O que a gente [...] o que os empresários precisam é disso: é dessa garantia de compra mínima, sabe? É [...] o grande esforço nosso é, as vezes tem um investimento na inovação, através de fundos perdidos e tudo mais, Ok, mas eu preciso vender, eu preciso colocar isso em uma linha de produção, *né*, eu preciso, é importante ter essa linha de produção, é isso que faz a empresa sobreviver. O que falta é isso! Eu vejo por exemplo lá na Finlândia, nos Estados Unidos também têm esses programas, onde o governo ele fala: olha, se você cumprir os requisitos de qual seja, eu garanto uma compra em agosto de 2023, eu garanto uma compra de X milhões, eu garanto! *Né*, e as empresas pedem dinheiro emprestado, faz o que for e entrega lá o produto e o governo vai lá e banca – Ok, você cumpriu os requisitos mínimos operacionais *tá* aqui o contrato, *né*. E ele garante a compra. Com isso a empresa se mantém e ela vai buscar novos projetos e ela vai embora. Eu não vejo esse tipo de movimento aqui no Brasil!

P: Entendi.

JL: Não vejo! E isso é uma barreira. Eu acho que a gente as vezes precisa trabalhar mais nisso, *né*. De colocar um desafio. Os parques, os próprios parques correrem

desse tipo de busca, *né*, de ter um desafio, qual seja, cidade inteligente. Quem assumir esses requisitos, eu tenho a garantia do contrato. Normalmente não tem. Normalmente o pessoal: “não me prova que você tem a solução que é mais barata, que ai depois eu vou solicitar e tal”. Então, você coloca alguém que está inovando com um produto internacional já produtizado, ele é muito mais barato que a gente. É difícil concorrer! Mas se colocar: “atende isso”. O pessoal pode até nem ganhar lucro, mas só o fato de cumprir e ele evoluir o produto dele, ele já se tornou mais competitivo para a próxima etapa, pro próximo projeto, para o próximo passo. Então, ainda o que eu vejo, na verdade o que eu não vejo é esse tipo de iniciativa que é o que as empresas de fato precisam.

P: Entendi. **E mesmo no Parque você não reconhece esse tipo de ação, que consiga dar esse apoio?**

JL: Não, não reconheço. Eles têm o serviço [...] não reconheço no Brasil, *tá*! Mas eles têm uma série de iniciativas que são muito positivas, mas ainda insuficientes. Mas assim, eles vão [...] eles têm todo um apoio jurídico, todo um apoio administrativo, pra poder ajudar a fazer uma gestão de projeto e a vendar um projeto de todo um grupo para um cliente, um parceiro estadual ou federal, eles têm todo um apoio parta ajudar a acessarem fundos de financiamento, de pesquisa e inovação. Então, isso tudo ajuda! Eles fazem promoções, fazem feiras, conectam, dá um apoio pra poder participar, para as empresas poderem participar de feiras internacionais, então, tem toda uma consultoria para poder vender lá fora. Ok, eles fazem isso! Muitas empresas elas estão indo lá fora apresentar o seu produto, mas isso as vezes não é suficiente, as vezes o produto não está tão maduro quanto os concorrentes internacionais.

P: Exato.

JL: Eu preciso amadurecer. E para eu amadurecer, eu preciso vender. Então, ter esses incentivos locais de compras garantidas, de pedidos certos, é o que faz [...] não é gerar dependência, *tá*. É garantia! A ICEYE, que constelação de satélites e radares, eles [...] o governo falou, se você tem todo incentivo de P&D para poder criar o seu protótipo operacional, colocou, operou. Só que o governo falou assim, se vocês comprovarem com o operacional, o protótipo de vocês, que vocês estão pegando recursos do fundo perdido, eu garanto a compra anual de X imagens, X satélites. E eles fizeram acontecer, pronto *tá* aqui, *tá* funcionando. *Tá* certo, vamos contratar. Contratou, respirou. Conseguiu confiança de investidor. Investidores

colocaram mais dinheiro na empresa e ela se tornou multinacional, presente em mais de sessenta países em menos de 5 anos.

P: Exato! Seria diminuir o risco dessa empresa?

JL: Eu acho que ganha maturidade. A empresa ela só ganha maturidade do seu produto quando ela coloca na linha de produção. Quando ela começa a produzir de fato. Sai da linha do protótipo, sai do modelo ali de, da primeira versão e entra numa linha de produção de fato, e é ai que você ganha resultados pela escala. Você construiu um carro popular, que custa 30, 40 mil reais, mas para desenvolver um carro, ele custou milhões, *né*. Então, quando tem mercado você vende por 30 mil, mas ele custou milhões. Concorrer um produto que já está no negativo, com um outro que já *tá*, que já distribuiu. A diferença é que um vendeu e o outro ainda *tá* na versão do produto

P: Torna ele competitivo. Certo!

JL: É.

P: Era até uma pergunta, que eu gostaria de saber de você, se **você reconhece algumas deficiências que o Parque tem?** Conversando com outros participantes, que colaboraram com a pesquisa, eu vejo que alguns não sentem essa relação da Tripla Hélice, eles sentem que não tem muita presença das universidades, apesar das universidades estarem ali. Tiveram alguns participantes que colocaram como uma relação não tão forte dentro do Parque. Esse é um ponto, você comentou desse contexto geral brasileiro, mas **você enxerga outras deficiências que o Parque tem?** E eu coloco em vários sentidos, até mesmo pela localização do Parque, se ela também pode ser apontada como uma deficiência do Parque, o lugar onde ele está? Deficiências de um modo bem amplo.

JL: *Tá*, eu não vejo que a localização dele é um prejuízo, de forma alguma. Eu acho que [...] Nossa Senhora, se você olhar nos Estados Unidos, assim, várias iniciativas foram no meio do deserto. Então, a coisa acontece, a coisa se desenvolve quando tem um investimento, quando tem interesse de estar naquele local. Assim, a localização eu acho super adequado ela tem tudo para crescer daquele lado, para ser realmente um Parque sem grandes transtornos, sabe. Diferente de outros ecossistemas aqui já formados dentro de centros das cidades e tudo mais. Então, não tenho nenhuma observação sobre isso. Muito pelo contrário, eu gosto muito da região. Eu acho muito legal ali. Parece que você está indo em um outro [...] parece que você está saindo realmente da vida civil e entrando num mundo tecnológico,

diferente. Agora de fato é [...] sim, falta, a gente tem muito que aprender. A gente assim como parque, como Brasil, o Parque, as pessoas precisam ainda aprender como empreender nesse ecossistema. Então, lá existe as universidades que estão todas na mesma região, mas essa interação universidade-empresa elas acontecem meio por acaso, não existe uma ligação entre elas. É [...] o que que eu vejo, comparando um pouco o exemplo lá da Finlândia também, trazendo um pouco da experiência lá de fora, as universidades, a universidade de Aalto, ela tem todo um arcabou[...] laboratório, tem toda uma área de experimento, tem avião para você fazer testes no caso de enviar um satélite, os sensores e radares embarcados em uma aeronave da universidade, fez voos, fez tudo isso. Então, ele foi o grande laboratório, *né*, as universidades viram um grande laboratório de apoio para as empresas também, *né*. É [...] então, eu acho que a partir do momento que as empresas podem contar com essa, com esses projetos, com o compromisso da universidade, com a participação, com o envolvimento deles, com a estrutura que a universidade pode oferecer e com toda mão de obra de alunos que podem colaborar com aquela, com aquela empresa, é [...] isso naturalmente vai ter um engajamento entre universidade e escola, e empresas, *né*. E hoje parece que não tem. Eu não vejo, eu não visualizo isso pelo menos, *né*. Hoje a universidade está lá, tem o seu mundinho, sua realidade, tem o seu orçamento, vive a sua história, *né*, o seu ensinamento e ai depois olha tem vaga para estágio. To procurando estágio para esse pessoal aqui. *Ah*, não tem aqui vai procurar em outro lugar, em outra cidade, em outro lugar. É só uma universidade que está localizada ali na cidade tecnológica, na região geográfica ali. Mas não necessariamente eles estão é [...] colaborando. Eu acho que essa colaboração é o que está faltando!

P: Exato.

JL: Só um minutinho.

[Interrupção]

JL: Mas é isso, realmente falta. Falta a gente crescer nesse sentido também. É mais uma vez, eu acho que é um investimento da [...] do ambiente educacional assim. Qualidade do ensino, eu acho que isso está faltando. Se você for lá no ITA, eles já têm uma versão completamente diferente. Lá tem uma universidade, tem um laboratório que os alunos usam, mas a sociedade, a indústria pode fazer uso dela também. Eles têm um perfil já diferente, *né*. Essa ideia, esse conceito, é [...] essa

filosofia Iteana se acontecesse dentro das universidades que estão lá dentro do Parque Tecnológico ia ser naturalmente diferente, o engajamento ia ser diferente.

P: Pelo que eu tenho conversado com o pessoal, é exatamente isso que eles têm me colocado, que o que foge da regra é o ITA. É como se as demais universidades que estão ali alocadas, elas servem apenas como formadoras de mão de obra. Nesse sentido que nem você colocou, como um estágio, abriu a vaga de um estágio, ai vai para dentro de alguma empresa do Parque. É [...]

JL: É mais eles podem fazer um papel muito maior do que isso.

P: Exato.

JL: É um papel de apoio mesmo, de desenvolvimento, de consultoria, de prestação de serviço para as empresas incubadas dentro do Parque, *né*, essa troca, essa sinergia ela poderia ser muito melhor aproveitada. Então, ao invés de cada empresa ter o seu laboratório, enfim, porque não ter o time de desenvolvimento de software ou time de mecânica, de eletrônica, enfim. E eles lá engajados, a universidade engajada em dar o laboratório, dar a tecnologia, todo o suporte para responder. *Né*, para ajudar. De forma gratuita inclusive, porque é uma troca, a universidade ela está ganhando, porque a gente só aprende [...] eu costumo dizer que a melhor maneira da gente aprender é barro na botina, é vivenciando o problema, *né*.

P: É fazendo.

JL: É fazendo, saindo da teoria, sai de projetinho controlado e ir para a prática, para o desafio do dia a dia. Então, evolui o aluno. E a empresa ganha com isso naturalmente porque ela vai ganhar velocidade, porque ela vai ter uma série de consultorias, de apoios, técnico especializado da universidade também, que vai ajudar ele a crescer. Ele crescendo, ele vai ter mais vagas de emprego, ele vai vender mais, ele vai ter mais vagas de emprego, vai ter mais postos de trabalho, vai pagar mais tributo e aí Pufr [Barulho com a boca], tudo cresce. Então, essa visão de apoio ao empreendedorismo de fato, fomentar, ajudar o empresário a crescer essa visão ela é importante. E geral, no Brasil, sei lá, falta um pouco essa visão, não é uma carência só do Parque é uma falta. Parece que o empresário tem que pagar conta, *né*, ele não tem que [risos] a gente não tem que ajudar o empresário, parece que tem um pouco essa filosofia enraizada, assim, na cultura brasileira, *né*. Que o empresário *tá* ali para pagar conta, pagar imposto quanto mais vamos deixar os caras pagar imposto e o problema é dos empresários, os empresários só ganha dinheiro. Não, não é verdade! *Tá* ai o SEBRAE para dizer que a taxa de mortalidade

de empresas é altíssima no Brasil, *né*. E tem um motivo para isso: falta esse apoio organizado pra ajudar as empresas a serem, a crescerem. E o apoio não é só com dinheiro, recurso, enfim, é garantir projetos, *né*, mas também é garantir esse fácil acesso a inovação, a tecnologia, a consultoria, a um apoio ali que é uma ajuda de mão-de-obra da universidade, tá lá disponível, gratuita, *né*, é um prazer, todo aluno tem vontade de trabalhar, ter um estágio pra, quer colaborar. E essa energia da juventude faz total diferença para o crescimento de uma empresa, sem dúvida. Então, falta sim esse engajamento. A filosofia iteana dentro. E o ITA, ele foi inspirado no MIT (Massachusetts Institute of Technology) dos Estados Unidos. Então, eu acho que é esse conceito, essa filosofia, eu acho que os parques tecnológicos precisam aprender um pouco mais, em geral, inclusive o nosso aqui da cidade.

P: Exato. **E com relação a infraestrutura, você acredita que falta alguma infraestrutura no Parque?** Em conversa com outros participantes, eles relataram a escassez de espaços voltados para descanso ou infraestruturas de âmbito urbano mesmo de estabelecimentos como farmácias. Ao relatar sobre o cotidiano dentro do parque, esses participantes apontaram a presença de restaurantes e ausência dessas outras infraestruturas. Você acha que tem alguma infraestrutura, em questões físicas, do Parque que falta? Esses participantes relatam que está ruim pela distância do Parque, que eles têm que se deslocar, eles têm que ir ao bairro vizinho para pegar alguma coisa. Têm alguns participantes que acreditam ser interessante ter uma infraestrutura como de condomínios ali dentro, é relevante?

JL: Eu acho que Ok, é uma crítica honesta. Mas não é isso que vai fazer um parque tecnológico, ser um parque tecnológico. Sabe, ser um grande parque tecnológico. Eu acho que esses crescimentos eles vêm com a maturidade e o crescimento natural das empresas. Uma vez que as empresas estão crescendo, estão abrindo novos postos de trabalho, estão tendo mais gente, é natural que com um público maior dentro do Parque como um todo, muito mais empregados, muito mais funcionários, *né*, contratando mais gente. É natural que fica atrativo para o empresário que quer abrir um restaurante lá dentro, que quer abrir um mercado lá dentro, que quer abrir uma farmácia, embora tenha uma farmácia lá dentro, mas pode abrir várias coisas. Então, assim por que que não tem? Não é uma responsabilidade da administração do Parque Tecnológico falar: Poxa tem que trazer gente para cá. Tem que ter público. Se tem público para comprar, não preciso fazer esforço nenhum é só alugar a sala. Porque vai ter gente querendo vender os

seus produtos, seu restaurante, seu [...] sei lá, seu espaço lá pra dentro. Então, falta gente. Eu acho que o Parque ele é [...] tem o seu espaço ali, mas ainda falta muita gente lá, lá dentro trabalhando, fazendo, por quê? Porque está faltando as empresas crescerem ainda muito mais do que são capazes de crescer. É isso que eu vejo. Existe [...] naturalmente com um volume maior vai existir uma demanda por transporte público, que já existe o projeto da Linha Verde, que vai conectar o Sul com o Oeste ali. Então, já tem esse projeto da prefeitura que aos poucos está evoluindo, mas tendo volume vai acontecer, vai ter esse desenvolvimento, ele vem naturalmente. Então, não acho que isso que deveria fazer. *Oh*, o empresário [...] o Parque Tecnológico no final das contas ele está querendo fomentar inovação, empresas e tudo mais, *né*. O empresário que é empresário se ele tiver uma mesinha com um computador para ele está bom. Pode ser uma porta em cima de dois cavaletes, entendeu? Não é isso que vai fazer a diferença. Ele precisa de projeto, ele precisa de crescer. Isso sim! O resto é paralelo. Então, eu não [...] se for para eu eleger o que que eu, quais seriam as prioridades da administração do Parque, essa preocupação de estrutura pra mim seria a última delas, porque ela vem naturalmente. Ele tinha que promover o crescimento do empreendedorismo ali no parque. Promover o crescimento das empresas, é isso que ele tem que se preocupar.

P: E o que você enxerga que falta para esse crescimento? É tempo? Maturidade do Parque?

JL: Não, não para mim eu acho que falta esses dois ingredientes importantes aqui: é um investimento na qualidade das universidades que estão ali, ampliar esse conceito da integração entre a universidade e as empresas. Então, essa facilidade vai gerar uma sinergia muito positiva. É [...] e também facilitar essa questão de encomendas de projetos. Então, eu *tô* trazendo aqui um [...] temos um compromisso do Estado que os sistemas de, sei lá, do Estado, de melhorias de infraestrutura, é [...] eles vão contratar do Brasil. Não vai contratar de fora. Então, eles vão contratar aqui, quem cumprir, aqui no Esta[...] aqui no Parque Tecnológico, como Parque Tecnológico de Sorocaba de outros estados, quem cumprir esses requisitos é uma abertura, a gente garante a compra. A cidade de São José vai investir em inovação, em cidade tecnológica, só que quem cumprir esses requisitos eu garanto a compra. E não ficar trocando, esse ano eu compro, ano que vem eu não compro, é [...] e fica nesse negócio. Isso mata o empresário. Ter a garantia de que ele vai conseguir

faturar, que ele vai, que os projeto que ele investiu esse ano, leva um tempo para recuperar investimento, e logo no segundo ano já não tem mais projeto. Certo? Aquele projeto que era para ser três, quatro, cinco anos, virou 6 meses. É isso que mata! Então, tendo essa organização, muito política, política administrativa, é o que vai fazer a diferença. Pelo menos foi o que eu observei lá na Finlândia.

P: Interessante.

JL: Exatamente isso que eu vi: uma universidade totalmente engajada, com um quadro, laboratório totalmente engajada com as empresas que estão situadas lá, e ao mesmo tempo esse compromisso em fazer o produto operacional o POC, operacional a prova de conceito e uma vez criada a prova de conceito, a garantia de ter, de que vai haver uma compra.

P: Exato.

JL: É isso que fomentou ali e é isso que eu vejo que falta aqui.

P: Eu sei que a gente não tem dados com relação a isso, mas olhando especificamente para o trabalhador você acha que é rotativo. Não a empresa. Porque a empresa, a gente sabe que tem essa maturidade, ele está incubada. **Para o trabalhador também tem uma rotatividade elevada?**

JL: Eu acho que o próprio Parque deve ter alguma estatística a esse respeito. Eu acho que se você conversar com o pessoal do Parque lá, eles vão te passar alguma coisa. É [...] eu realmente eu não consigo te responder isso. Mas eu imagino que sim. Eu imagino que uma, um empresário que tenha uma ideia tentou por um ano, dois anos vender o seu projeto e não teve nenhum cliente que comprou, embora tenha sido um bom projeto, mas não teve nenhuma compra efetiva, porque enfim, ele estava lutando contra gigantes do mercado sozinho. É [...] talvez ele tenha conseguido algum recurso, contratou algumas pessoas e depois no final, de dois e três anos sem venda, ele teve que mandar essas pessoas embora. Então, eu acho que esse cenário infelizmente ele é bastante comum, *né*. Agora, qual o nível de rotatividade, como é que funciona, realmente eu não consigo colaborar não.

P: A Cidade Tecnológica você acredita que ela vem com esse intuito de reter esses profissionais? Qual você acha que é o objetivo da Cidade Tecnológica? Porque é um projeto recente, ainda está começando a lotear ali.

JL: O conceito de cidade tecnológica não é novo, *né*! O vale do Silício é exatamente isso, *né*. É gerar uma comunidade é [...] ali com que essa comunidade acaba se engajando *né*, facilitando o *networking* de todos, *né*. Então, a pessoa está morando

ali, a pessoa está trabalhando ali, a pessoa está estudando e trabalhando no mesmo espaço. Tá muito latente! Você interage, faz o seu *networking,* numa balada noturna, num supermercado, em qualquer lugar. Então, tudo isso promove o engajamento inovador, o espírito inovador. Então, essa é a pegada! É [...] desse conceito de cidade tecnológica. Então, o Vale do Silício é assim. O próprio conceito do ITA, que trouxe esse conceito do MIT é assim também. Os alunos moram na universidade.

P: Exato.

JL: Eles moram ali, estudam ali, vivenciam ali, é [...] e ali eles estão com os seus projetos, ali estão os seus laboratórios, e ali vive aquela comunidade, e está vivendo aquele dia a dia. Isso gera um engajamento muito forte, gera um *networking* muito forte, relação, relacionamento forte. E isso faz total diferença.

P: Exato. Só explorando um pouco mais o assunto, você vê isso reverberando para a comunidade de São José? Porque nós estamos falando de empresários, de uma mão de obra mais qualificada, *né*. O quanto que isso extrapolaria? E pensando de modo mais amplo para a comunidade de modo geral de São José.

JL: Puxando a minha primeira fala e comparando *né* o que era São José dos Campos antes e depois do DCTA e do ITA, eu acho que você vai conseguir [falas simultâneas] baseado em dados você vai ter essa resposta.

P: Exato.

JL: São José é hoje a décima sexta cidade mais cara da América Latina, do segundo maior PIB do estado de São Paulo, se não me engano, do terceiro maior PIB do estado de São Paulo, do Brasil. O índice de educação. Uma das melhores cidades para se viver do Brasil e blá blá blá blá blá. Não é à toa! Compara esses mesmos fatores, esses mesmos itens antes do DCTA e antes do ITA, e aí você vai ver os índices daquela época e você vai ver o quanto que essa, você vai ver o poder dessa resposta.

P: Exato e como mudou. Toda essa mudança. **Você acredita que tenha alguma outra contribuição que você possa oferecer para a pesquisa?**

JL: O meu foco das minhas observações foi bem na estratégia, mais focado na estratégia de um parque tecnológico, o quanto que isso agrega valor para um país para uma nação, cidade, enfim, região. É [...] do que na visão de funcionário mesmo ou empregados ali, que pode estar ali apenas buscando o seu ganha pão, e não necessariamente respirando essa inovação, querendo se desenvolver com isso. Então, ai gera algumas críticas nesse sentido: poxa ainda falta esse tipo de

infraestrutura, ainda falta alguma coisa, é meio longe, se fosse ali mais perto, se fosse tal seria mais fácil acesso e tal tal tal. *Ah*, isso vai ter sempre, *né*, esse tipo de comentários. Assim, se você coloca o pessoal no Aquárius, olha lugar legal, super, o Aquárius é um bairro superbacana aqui de São José, é um bairro legal, cheio de conveniências, mas aí o pessoal vai começar a criticar, poxa ali não tem estacionamento, o estacionamento é tudo pago, não vale o carro ficar ali e tal tal tal. Muitos amigos e eu também, *né*, eu fui transferido da EMBRAER e fui para São Paulo, então, assim, muita gente reclamava de lá também. Na época um sistema completamente diferente, super acessibilidade para tudo, mas ao mesmo tempo você falava é cansativo ali você fica muito tempo no trânsito, fica muito caro comer lá, muito caro e tal. Então, assim, o pessoal vai criticar sempre, se pensar só no dia a dia, nas questões deles. Então, não sei o que mais eu posso colaborar sobre isso. A minha fala ela está mais focada na importância estratégica de ter um parque tecnológico e eu acho que para isso a mão de obra ela se torna mais especializada, *né*, o funcionário, no geral, é [...] por conta do parque, por conta de toda essa inovação aqui da cidade a mão de obra deixou de ser uma mão de obra não qualificada, que eram operários, eram gente que só apertava parafuso, gente que só mexia na enxada, só pegava o pano para esfregar e limpar alguma coisa. Hoje não, hoje as pessoas elas estão de alguma maneira, mesmo os funcionários menos experientes, eles estão sendo provocados para poder aprender um idioma, estão sendo provocados para aprender processo, estão sendo provocados para poder mexer em sistema, estão sendo provocados para poder é [...] encaixar em um perfil mais global, não só aquela mão de obra, é [...] operária e de baixo valor, de baixo valor em si.

ENTREVISTA 09:

Entrevistado: César Mello (proprietário da Innovact e membro do Conselho da APTSJC)

Entrevista por chamada de vídeo: plataforma Google Meet

Data da entrevista: 31 de março de 2021

Duração da gravação: 1hora 11min 47s

Identificação do Entrevistador: Giovana, Marcel, Natália, Sara e Sofia.

Identificação do Entrevistado: César M

Obs.: A entrevista foi concedida ao grupo de pesquisa e sua transcrição não foi feita na íntegra, pois foram priorizados recortes de falas pertinentes ao desenvolvimento da presente pesquisa.

Sofia Fortunato: Então eu começar fazendo a 1° pergunta.

César M: Só fazendo um alerta, eu vou ter que sair as 10:30, depois a gente marca uma nova oportunidade mas 10:30 eu tenho que sair para uma reunião.

Sofia Fortunato: **Perfeito. É… segundo o site da Innovact, os primeiros passos da sua empresa datam de 1997, quando você assumiu o desenvolvimento de uma fazenda às margens da rodovia Presidente Dutra. Naquele momento você viu um processo de modernização do parque industrial joseense com o fortalecimento dos investimentos em tecnologia? Você poderia falar um pouco mais desse recorte histórico? A sua visão de mundo na época, e também de como foi o processo de atração da Solectron e da Parker para São José dos Campos. A ideia de transformar esse setor da Zona Leste em um Hub de inovação já existia desde os anos 90? E uma última pergunta, a concepção do parque tecnológico já estava presente antes mesmo da chegada da Solectron? Ou surgiu após o fechamento da empresa**

César M: Então vamos lá. Não, o Parque Tecnológico não estava presente naquele momento, e a ação em São José dos Campos foi por oportunidade e acidente. Eu tenho um escritório imobiliário no bairro de Higienópolis tradicional há muitos anos na cidade de São Paulo, e dentro das minhas relações econômicas no bairro uma família confiou essa fazenda e que eu desenvolvesse a fazenda. Naquela ocasião havia muita resistência, porque eu não conhecia nem São José dos Campos, né, mas havia uma pressão forte da fazenda que havia uma relação de extrema confiança que até hoje perdura, até hoje eu sou o procurador dele aqui em São José dos Campos né, e com isso fui pra São José dos Campos entender a fazenda.

Então, a escolha da zona Leste que naquela ocasião era considerada a fronteira com maior dificuldade e menos atração da cidade foi consequência de acidente dessa oportunidade que eu recebi. então duas situações:

1 - Não Escolhi São José dos Campos

2 - E a Zona Leste também foi uma consequência

A zona Leste, na ocasião, era tratada como o “patinho feio” da cidade. A 1° incursão em São josé dos Campos, o que eu ouvia no mercado era “pô você tá no lugar errado, as pessoas não querem saber da Zona Leste”, primeiro, a pista São Paulo - Rio, ela era discriminada, ela era desvalorizada, a pista boa era a pista, naquela

ocasião, Rio - São Paulo, Zona leste pior ainda, você tá no pior Cenário. Mas ok, vim conhecer São José dos Campos, e não foi em razão de São José dos Campos que eu lastreei a minha razão de percepção, também foram os sites, eu não sabia o que eu estava fazendo, mas havia a percepção de que eu poderia desenvolver um pólo empresarial já contemplando um uso diversificado, em razão de um… Eu era jovem na ocasião, ainda sou né, tinha 28 anos, 27 anos, então eu percebi que havia um novo momento no Brasil, então havia uma condição da privatização da EMBRAER

Eu assumi a fazenda em 95, em 94 a EMBRAER foi privatizada. Em 92 houve a privatização das telecomunicações no Brasil, e aí nós começamos a assistir… eu já tinha uma ação econômica intensa em São Paulo né, São Paulo é uma cidade né, eu sou paulista, tenho relações com empresas tenho negócio em São Paulo, mas São Paulo é uma cidade fascinante, você é bombardeado constantemente com uma capacidade de conhecimento econômico incrível, então para um garoto de 27 anos ficou claro que nós vivíamos um momento no brasil, excepcional e que estava atraindo uma atração urbana voltada a empresas de manufatura tecnológica, e com isso eu contratei, naquela ocasião, o professor José Raimundo, ele foi professor da FAU e fazia o “curso de cidades” da FAAP, né, meu escritório era na Praça Vilaboim, nós conhecíamos o professor… Nossa, esqueci o nome, também faz muito tempo. Bom, contratei este urbanista para que ele me desse suporte, me ensinasse o que deveria ser feito, ele veio comigo para São José dos Campos, nós nos reunimos com a secretaria de planejamento, na ocasião… São José tem uma coisa interessante, você tem uma gestão pública muito capaz, então eu sou testemunha, sou apolítico, eu trabalho… eu já estou na 5° gestão trabalhada na concepção urbana deste território, venho subsidiando o município no desenvolvimento na compreensão e na implantação e, em todo esse percurso, é uma cidade atípica em relação ao Brasil, uma formação interessante.

Quando eu fui enfrentar a aprovação do loteamento cidade tecnológica no Graprohab, quando nós entramos no Graprohab, Graprohab falou assim, bom se vem de São josé dos Campos, nós já temos 51% resolvido, é o único município que a gente considera essa eficiência, vamos falar assim. Porque que eu estou falando isso, porque eu fui também ajudado pela equipe da prefeitura, encontrei pessoas capazes e que me ajudaram e que me subsidiaram com conhecimento para que pudesse ser desenvolvido ali na região, então professor Raimundo e a equipe da prefeitura, fizeram primeiro o master plan, esse master plan já contemplava a uma

visão em uso múltiplo, mas olhando uma ocupação industrial colocando uma ação residencial empresarial e lazer, no mesmo território, era uma área de 2 milhões de metros quadrados né.

Naquele momento o município de São José dos Campos criou a sua recente Secretaria de Desenvolvimento Econômico, essa secretaria tinha como função exatamente capturar aqueles empreendedores, aquele proprietários de terra, que estavam dispostos a produzir um novo desenvolvimento para o plano econômico da cidade, de novo, gestão eficiente né. então, era uma equipe bacana, forte, com o secretário, na ocasião, [inaudível] Paula Santos e [inaudível] Chagas, hoje professor da Fatec, um cara que tem uma visão muito grande.

Eu levei esse projeto master plan para o município, com isso eles começaram a trabalhar a ocupação desse processo. E não demorou muito, questão de 10 meses, a Solectron ela veio para para absorver uma parte do plano, uma gleba de terras, 188 mil metros quadrados. E o que que a Solectron faz, ela é uma empresa de manufatura de eletrônicos, então ali ela confirma a minha visão que eu já tinha um ano antes quando eu investi nesse projeto, né, de que era a tendência de ocupação urbana das terras.

Então com a vinda da Solectron, nós começamos a desenvolver um projeto de implantação remanescente, já tinha o master plan, mas estaria ancorando a operação restante. Eu fui cobrado naquela ocasião, né, bom você vai fazer outro empreendimento? né, e tinham vários nomes bonitinhos, o urbanista gosta de dar “Business Park”, “Parque Industrial”, nomes bonitinhos pra isso. Não tinha como uma única âncora, eu falei não adianta trabalharmos com uma âncora só, nós não vamos fechar um shopping center só com um “Pão de Açúcar” eu preciso de [inaudível] juntos, senão não vamos fechar o negócio.

Então nós começamos aí a trabalhar, capturar uma uma 2° âncora para a região, aí veio a Parker Hannifin, a Parker Hannifin merece toda a atenção, nós estamos falando de um dos maiores conglomerados americanos industriais, com mais de 550 fábricas espalhadas pelo mundo. A Parker é um caso interessante porque ela se estrutura de uma forma de desenvolvimento tecnológico em cima de um impulso da 2° Guerra mundial e se torna um gigante, então tudo o que se movimenta no mundo têm Parker Hannifin. Então a Parker vem, de novo confirmando essa tendência de ocupação urbana de manufatura e de tecnologia.

Com a entrada da Parker, iria viabilizar, buscar os investidores para viabilizar o restante da ocupação das terras. Naquele momento a Solectron sai precocemente, ela sai em apenas 4 anos de operação, né, chegou a ter 900 funcionários. Ela sai por quê? Porque ela assume naqueles movimento globais, ela assume a manufatura da HP global, quando ela assume todas as fábricas da HP, como estratégia no Brasil ela destina sua operação, concentra, em Indaiatuba e ela deixa lá em São José é… boa parte da produção dela lá era Ericsson que era nossa vizinha de frente, então ela montava os celulares da Ericsson. Quando ela vai pra Indaiatuba ela vaga aquele prédio, né, aí surge o Sistema Paulista, aí eu desanimei, voltei, aí falei agora meu principal âncora… perdemos nosso principal âncora. O que me pareceu no primeiro momento como grande obstáculo, foi excepcional verdade, veio o Sistema Paulista de Parques Tecnológicos, esse é de 2004, 2002, coisa de 2002, 2004 né. O sistema Paulista de parques Tecnológicos que seleciona as primeiras 5 cidades, né, que vão receber um parque tecnológico.

Esse projeto foi capitaneado pelo município de São José dos Campos né, e eles viram aí uma grande oportunidade da fábrica da Parker estar vaga. Então eles tinham aí um núcleo pronto, as terras que comportassem a acomodação de que é um parque tecnológico que envolve… o que que é um parque tecnológico? Um projeto imobiliário, pra colocar… Vamos colocar… a *triple helix*, não é nada mais do que um espaço físico, essa que é a diferença. Como um dos vários ambientes de inovação o parque tecnológico é um ambiente urbano, desenvolvido para a ocupação que promova, para o que nós conhecemos aí, a *triple helix*, né, e a partir daí vai longe o conceito de que que é parque, a gente pode aprofundar, senão vou acabar me perdendo acabar não contando a história que você me perguntou.

Então com isso o município viu a oportunidade, adquire a Solectron e adquire parte do meu projeto, né. Com isso eu fui entender o que era parque tecnológico, naquela ocasião, e isso foi de 2006 pra 2007, não tinha referência no Brasil, eu não, não conseguia compreender o que era parque tecnológico olhando para Brasil, América Latina, não haviam referências para aquilo que eu tava enxergando, veja, eu sou aquele bicho, eu sou caboclo, aquele cara que vai lá para ver o urbano a terra, vai na raça… Eu não enxergava isso, no Brasil não existia. Então com isso eu mergulhei com o que se apresenta mundo afora e comecei a desenvolver um conceito do que

seria uma ocupação urbana que desse condições para não só a consolidação, fortalecimento e expansão de um parque tecnológico.

Isso exigiu também uma incursão, um dos grandes desafios que tive no processo, grandes conquistas, minha maravilhosa esposa, eu acabei seduzindo ela pelo assunto. Patrícia, excelente, vale vocês lerem a tese dela da Fundação Getúlio Vargas. Então a Patrícia com isso ela mergulha pelo meu assunto, em áreas diferentes, ela é acadêmica e eu sou um *triple helix*, na minha mesa sempre tem governo, academia e empresa, sempre estou trabalhando com os três. É isso que é a Innovact, ela dá a mãozinha dos três e ela dá um nózinho nos três.

Então a Patrícia, com a oportunidade da Patrícia, nós buscamos estruturar que ela fizesse o mestrado dela na Fundação Getúlio Vargas, analisando a constituição jurídica de que é parque tecnológico olhando São José dos campos, e ela fez o doutorado dela, aliás a Patrícia é formada em direito e relações internacionais, e ela é um *case* né porque ela é formada em direito e fez econometria no doutorado dela. Provou-se que poderia fazer econometria e criou um abalo lá dentro da FGV porque eles acham que todos têm capacidade de aprender econometria e direito e outras coisas só quem vem de humanas. Então a Patrícia fez o doutorado dela na faculdade de economia né, na Cepesp, Centro de Política Pública da FGV, também olhando o Parque Tecnológico, e aí deu um olhar único, especial é, o resultado hoje é muito em razão do que minha esposa trouxe para o desenvolvimento que estamos fazendo. E isso nos deu oportunidade para nós irmos para fora do país, conhecemos, em primeiro momento os Estados Unidos, passamos por 10 estados americanos, nós fomos vivendo levei o nosso filho de 3 anos.

A minha experiência é a calçada, eu sento num café, meu bloquinho de anotações, cruzo os braços e fico, é uma coisa meio “fulano de 42 anos de braços cruzados dois meninos conversando com ele. O de braço cruzado é investidor, o café na frente é [inaudível]”. Então assim, eu tenho o olhar de cidade, eu tenho um olhar de comunidade, eu tenho um olhar de ambiente, a Patrícia tem um lado acadêmico, uma coisa mais densa né.

Então nós rodamos 10 estados americanos, vivendo um pouquinho de cada estado, nosso principal ponto, onde ele fez um pouquinho do Sanduíche dela foi no Wisconsin, na cidade de Madison, é incrível, um caso interessantíssimo, uma cidade que vive da academia, um 3° parque tecnológico em patente nos Estados Unidos né, foi uma graduação intensa em Madison. Mas viver, vivi um pouquinho em Palo Alto,

fui até para o Novo México que é o Sandia Park, que é um parque na área de defesa, ou seja, eu conheci profundamente o ambiente americano. E também fomos pra Alemanha, aproveitando o sanduíche dela em doutorado em Colônia né, e aí conhecemos bastante o ambiente europeu de parques tecnológicos, sistemas de inovação, parques tecnológicos na Alemanha, na Europa, é uma coisa bem diferente do que olha na América e o que está sendo constituído no Brasil.

Agora eu me perdi a tua pergunta foi? Eu vou contando a história, aí eu vou respondendo algumas [inaudível] da tua pergunta.

Então, Zona Leste, essa é a razão, a evolução do processo de ocupação da Cidade Tecnológica foi da ocupação de um olhar do que é necessário fazer frente ao parque, e era também necessário que o parque se consolidasse. eu como espectador privilegiado aqui presente do Parque Tecnológico, hoje eu sou coordenador do comitê estratégico do parque que está montando a estratégia dos próximos 10 anos. Nós propusemos, para você ter ideia, a refundação do parque agora, o momento exige porque a covid nos coloca no epicentro dessa reação. Esses ambientes de informação na escala de parque tecnológico eles têm uma obrigação de criar as respostas que nós estamos impondo neste momento.

Então os parques são os ambientes que melhor representam o centro do objetivo imobiliário, essa transformação que a sociedade tem em cima do ativo do conhecimento, onde quem detém o conhecimento detém a capacidade de geopolítica, econômica, de desenvolvimento de uma sociedade. O principal ativo de 30 anos, 40 anos pra cá é o conhecimento, é uma coisa recente, então o conhecimento em relação ao urbanismo ele têm uma nova concepção espacial né e não só no aspecto urbano, mas no aspecto de sociedade, como a sociedade se compõe como é que ela produz isso. A cidade atrás da fábrica automotiva, hoje a fábrica automotiva vai atrás da universidade, e a base do Parque Tecnológico, de um ambiente de conhecimento é algo da cidade, e aí meus caros nós temos um desafio incrível. Hoje mesmo eu tenho uma reunião com o Anderson, diretor do ITA, mas eu estou toda a semana com ele, a cobrança que faço com eles e faço de vocês acadêmicos, vocês estão na linha de frente dessa nova composição social e econômica, a academia ela é a locomotiva. Antes era o mercado, a academia hoje é o mercado, a academia hoje é produto, sai produto da sala de vocês.

Então no Brasil, especialmente no Brasil, essa barreira é densa, então você vai lá fora e vê que a academia é empreendedora, a academia ela é arejada, ela é permeável. Vocês ainda estão em uma condição de elite acadêmica onde vocês têm esse acesso, mas o restante vocês sabem como é que é… Uma caixinha fechada e aonde eu sou muito crítico nisso e eu estou constantemente com os reitores, com os acadêmicos do meu lado né, e eles ouvem com muita atenção, estão trabalhando né. Já quebrei muita perna de acadêmico aqui pra reagir de forma diferente, e eles começaram a tocar… Quem tem que conduzir esse processo são é a academia, ela vai dar a regra dela… regra não… ela vai dar a composição dessa sociedade quando ela tá se formando né, vocês produzem conhecimento o resto é [inaudível].
Acho que falei demais, vamos lá, próxima

Natália Tamanaka: Cesar pegando o gancho aí que a gente está falando do Parque Tecnológico é, pra além dessa consultoria né do primeiro momento do professor da FAU, depois vocês tiveram algum serviço de consultoria para estruturar o Parque Tecnológico, propriamente dito? Ou também se você… você disse que também viajaram por diversos estados americanos e também Alemanha, teve algum parque tecnológico que foi assim… mais referência pra constituição do parque de São José?

Cesar M: É, vamos lá. Sim, eu acho que é um processo natural que não se constrói sozinho, eu tenho por essência buscar apoio e colaboração de pessoas que sabem muito, mais muito mais do que eu né, então essa já é uma reação pessoal minha, ir atrás realmente de capacidades de colaboração de você ficar lá, imperadores do conhecimento e achar que você sabe tudo… não você está perdendo de todo tipo.
Então sim, eu tive é, de novo, sempre com o apoio da gestão pública durante esses últimos vinte e poucos anos tá, pessoas capazes né, nós sabemos que se trata de um município que infelizmente não é a regra do país, mas isso eu sou testemunha que faz a diferença. Então assim, sei que subsidiado Secretaria de Transportes, Secretaria de Planejamento, Secretaria de Governo, sei que sou subsidiado por pessoas capazes, umas mais umas menos, mas sempre pessoas expostas a estarem bem limitados tá, não é mais capaz… limitados. e eu tive sim algumas consultorias com a P3urb, é uma empresa de estruturação, que no caso específico, da cidade tecnológica, os meus parceiros estratégicos é a P3urb né, que é composta pelo Ricardo Pereira Leite que vale a pena vocês verem o trabalho deles, porque não aparece muita coisa, mas é porque é uma estratégia deles de não aparecer mesmo.

Mas então tem o pessoal da P3urb que foi fundamental para a realização da cidade tecnológica. Agora todo o conceito… ah e a FGMF, então o Lourenço, especialmente o Lourenço Gimenes e o Rodrigo e o Fernando sempre ajudando, mas na linha de frente da FGMF o Lourenço, eu poderia destacar a figura do Lourenço tá, foi aquele que pegou o projeto. É que assim, eu procurava um, um… apesar de ser a FGMF não tem histórico de urbanismo, esse é o único loteamento deles, eles até brincam "você é o maior projeto nosso" [risadas] né, mas eu queria o que? Uma turma da onde vocês estão, novos, fora da caixa. Então quando eu conheci a GMF há 8 anos atrás, os contratei pra fazer uma cidade tecnológica, para eles foi uma surpresa né, mas eu queria alguém sem vício nenhum e que tivesse, sabe era sair do zero. Se eu pego aquela empresa que é especialista em fazer loteamento, que é "deixa comigo que eu sei o que tem que ser feito". De novo, eu tinha consciência que nesse caso eu tinha que buscar alguém fora da caixinha e que ia construir seu conhecimento durante o processo.

E foi muito feliz, a FGMF fez um excelente trabalho, fez um traçado urbano, uma distribuição urbana que me subsidiou no sentido de eu mudar o zoneamento dessas terras na Câmara Municipal de São José dos Campos, que também foi um caso único assim né. Eu fui lá, mobilizei a Câmara para entender a necessidade, a responsabilidade da Câmara de que eles tinham que viabilizar um zoneamento, que o Parque era aquele momento o Parque já estava se consolidando né, então eles tinham que olhar pra aquela área de uma maneira muito pontual né, e recebi o apoio da câmara naquela ocasião, e foi mudaram o zoneamento, o Lourenço estava naquele momento junto comigo me subsidiando, trabalhando nessa percepção né, e na composição do que é essa área tecnológica.

Então a FGMF, a P3urb, a Exto Engenharia, que quem é de São Paulo está mais próximo da marca. A Exto Engenharia é mais a construtora mesmo, eles não tiveram uma ação de desenvolvimento. Mas o conceito, o conceito veio de mim, foi sendo construído, não foi a P3urb e nem a FGMF que colocou o conceito, o conceito foi colocado por mim né, e eles foram desenvolvendo aquilo que eu fui provocando né, e é natural, cada um foi somando durante o processo

Marcel: E é interessante né Cesar porque o Brasil entrou tarde nessa discussão né, e a gente vê que até a própria arquitetura e urbanismo tem uma,

por exemplo, eu percebi que a gente tem pessoas especializadas nesse sentido de empreendimento para o país né?

Cesar M: É a Innovact se candidata a ocupar um espaço inexistente no país, a Innovact ela se espelha em duas empresas que é o Xfort e a… depois eu posso passar para vocês, foi dois grandes empreendedores americanos. Estados Unidos têm quatro grandes empreendedores que fazem distritos de inovação que trabalham com mercado para empresas de tecnologia. E eu estive pessoalmente com os diretores né, estive com o Alex [inaudível], que foi o secretário de planejamento de Nova Iorque, um cara que fez a Cidade Google, é um cara que tá muito na… tive com ele, ele acessou do senado americano para ambientes de inovação, então o Alex foi um cara que, você me perguntou Natalia, outra pessoa que me subsidiou bastante foi o Alex. Ele tinha uma visão bem clara do que ele estava fazendo em Brooklyn, então ele foi o precursor no Brooklyn, hoje Manhattan, por exemplo, o Brooklyn tem mais atenção e mais valorização que Manhattan. Por quê? Porque eles desenvolveram ali um pólo, botaram as universidades, colocaram as empresas de tecnologia eles desenvolveram um retrofit naquelas quadras industriais de armazéns né, então o Alex, a empresa dele foi a empresa precursora desse processo, e eu tive uma relação excelente e numa estadia nos Estados Unidos ele colaborou bastante.

Em Baltimore eu estive com o pessoal do Westford, que hoje é onde tá o complexo de tecnologia John Hopkins, que é aquele, hoje em referência em covid, global né, então ali eles têm uma ação de parque tecnológico em Baltimore. Também foi um pessoal que me ajudou bastante, então a Innovact ela se espelha em uma ação econômica inexistente, que não existe nenhum ator no Brasil que faça essa ação. Tem um ator institucional que possa se assemelhar a isso que é a CERTI, em Santa Catarina, esse pessoal da CERTI, mas eles são públicos, mas eles trazem o empreendedor, eles trazem… ou seja eles trazem a *triple helix* pra trabalhar do lado deles. Eu sou o 1° ator privado sim, desbravando e colocando no mercado um produto inexistente, nós somos de fato 1° distrito de inovação, 1° produto desenvolvido para o desenvolvimento desse ecossistema de conhecimento que vai ai da indústria a vida né, hoje com a covid se acentua esse processo, vida, lazer, senão eu não seguro vocês aqui no Brasil, mais do que nunca agora.

Então há um vácuo, há uma inexistência no mercado, outros atores virão, tem que vir. O que existe é uma ação pública, nesse sentido, tem a CERTI, tem lá o pessoal

do Porto Digital, parece que é uma semi imobiliária, eles têm também [risadas], eles focam muito, esse foi um dos pilares do sucesso deles, então eles trouxeram o empreendedor ali, o dese…

Uma coisa curiosa vamos lá, vou contar um caso pra vocês, eu morava lá, morava não, passei um mês lá em Palo Alto e eu fui a casa do professor Henry Etzkowitz né, que é o pai do *triple helix*. E eu já estava um tempo nos Estados Unidos e eu provoquei o professor o professor Henry, eu falei assim "olha eu estou vendo empreendedor imobiliário desenvolvedor, não só muito presente, mas numa ação fundamental, numa ação que se não tiver o desenvolvedor junto, desenvolvendo esse modelo de implantação que são parques tecnológicos, o insucesso tá marcado". O professor Henry falou assim "eu estou pensando em colocar uma 4° hélice", ele brincando comigo, colocar o desenvolvedor imobiliário é fundamental ele falou "tem que tá ali junto, tem que desenvolver no nascimento".

Então você tem o parque lá em Brasília, o BIOTIC, que está saindo. São 20 anos trabalhando desenvolvedor [inaudível], se você for ver onde está o gargalo deles, eles ficaram 18 anos negociando desenvolvedor urbano. Então nós perdemos uma década e meia em Brasília pra trazer esse ator que eu estava ali na raça, ali na ignorância palpando no escuro.

Então a Innovact sim, ela abre o mercado, e eu não êxito em fazer esse depoimento, de que o meu objetivo é de que eu possa colaborar para que esse meu conceito se espalhe pelo nosso país e possa criar, incentivar outros grupos a fazerem, ou mesmo eu colaborar com outros grupos. Mas não se enganem, esse é um tipo de mercado que num país como o Brasil tem espaço para desenvolver de dois a quatro hubs, acabou, não tem espaço para mais que isso. Por isso que ele inibe o empreendedor, não adianta você querer criar ambientes nessa escala de inovação, o Brasil em parques tecnológicos é uma grande piada quando se fala em mapeamento de governo, nós temos 380 parques vocês sabiam disso? Você vai lá na Anprotec, você vai lá no MCTI tem lá 380, 180, 90 em implantação… Nós temos 5 parques no Brasil, se tiver.

Marcel: É o de São Carlos onde a gente está, ele é bem pouco desenvolvido.

Cesar M: Não é parque Marcel.

Marcel: É não é parque, é.

Cesar M: Eu converso muito com o Eduardo Gurgel, lá de Campinas, o Eduardo tira o barato dele, e ele é o diretor do Parque Tecnológico da Unicamp, ele fala "você

sabia que a gente tem cinco parques Cesar? A gente está na frente de vocês", aí ele ri né. Aí eu falo assim "é Eduardo?" ele fala assim "cara eu não tenho nenhum". Agora eles estão com um projeto pra fazer na Argentina né, que é sensacional, é incrível né, e merece toda a atenção, todo apoio, e eu venho conversando com o Eduardo nos últimos quatro anos, bastante né, e o pessoal da Unicamp, pessoal do Inova Campinas né, eles estão de olho com o que está acontecendo com a gente, então assim, não tem, parque tecnológico é outra coisa.

É, rapidamente, só pra terminar a Natália, Centennial é um campus em Raleigh, Carolina do Norte, referência. É, São Francisco Mission Bay, porque eu estou falando de cidade tecnológica tá. Em Heidelberg, Alemanha é, nossa me fugiu… Skylabs em Heidelberg, Adlershof, em Berlin. Esses quatro, que nós estamos falando de territórios urbanos, que ancorados em academia de base de produção de tecnologia industrial né, com laboratórios, com um ecossistema já econômico e social desenvolvido em volta, foram planejamentos urbanos e dedicados aquilo, eu não estou colocando aí dezenas de distritos de inovação como a Rua Pinheiros, o Largo da Batata que afloram de forma natural. Então você tem aí uma outra composição do que é um centro de inovação, que são os grandes centros urbanos que eles se transformam naquela conversa do conhecimento com base fundamental no desenvolvimento de uma nação de uma economia, então isso daí aflora na Rua Pinheiros, aflora nos grandes centros né.

Então você pega, por exemplo, Porto Digital, Porto Digital ele é um… nós estamos falando da recuperação de uma área muito degradada, muito diferente do que é, esses casos que eu te citei e alguns que estão em bom caminho no Brasil. Joinville, Grupo Perini, presta atenção nessa turma, nós de São José estamos em uma escala muito na frente, mas porque é São José, São José é spin off do MIT há 3 gerações. Os caras estão com o MIT desde a época de 50, então vem um fulano lá de Pirapora do Bom Jesus e "vamos fazer lá um parque tecnológico", fala aí "calma, você tem uma indústria global? A tua cidade representa uma indústria de tecnologia global, ela representa? Automotivo, energia, petróleo, aeroespacial? Então dá pra fazer o parque. Se não têm uma indústria, se aquela cidade, aquela região, não representa uma indústria de constrição global que produz tecnologia, esquece, não vai sair parque tecnológico nenhum. Conversa "

Então você tem uma academia tecnológica de ponta empreendedora também, você tem uma comunidade, uma sociedade desenvolvida em cima de tecnologia e negócios?, então assim, existem alguns requisitos e condições necessárias para fazer um parque em uma cidade tá. Então só voltando, Brasil, voltando a vários *cases* aí, então você tem Joinville tá. Por que eu tiro os parques e considero parque? Vai, Tecnopuc, o pessoal lá de São Leopoldo, aí você tem Itaipu, você tem Joinville vindo com uma composição que vai ter sucesso, porque é um grupo privado, que o pessoal lá de Brasília vem montando há 20 anos. É um grupo privado, com força que constrói academia, constrói um campus acadêmico dentro do negócio dele, porque estava perdendo a atratividade.

A resposta do Grupo Perini de Joinville é clara, se eu não coloco conhecimento dentro do meu negócio, não adianta ter 600 mil metros quadrados de galpões alugados para indústrias. Eu tenho que colocar agora a universidade dentro do meu complexo, então é muito interessante aquilo ali, então eles exatamente fazem esse caminho.

Aí no Estado de São Paulo você tem, eu já descarto Curitiba, chega São Paulo você tem São José dos Campos, Ribeirão Preto indo para um bom caminho, Ribeirão Preto tá indo por um bom caminho, depois você tem, por favor o termo não é pejorativo, uma coisa mais marginal Piracicaba, São Carlos, sabe, que não é parque tecnológico, são arranjos urbanos. O Paschoal aí de São Carlos, o pessoal aí do Danha, não é isso? o que que ele faz? Ele coloca o parque tecnológico segregado da cidade pra complementar os campos de golfe dele, não é pra complementar a matriz econômica da cidade. Então parque tecnológico é outra coisa, parque tecnológico é isso, é cidade, aquilo que vocês estão vendo, é campus universitário, núcleo estratégico com capacidade laboratorial, centros empresariais, é a cidade né. Então porque São Carlos não vai? Porque São Carlos inteira é um distrito de inovação, a cidade já funciona com seus sistemas, é uma cidade resolvida com qualidade urbana excelente.

Então você vai criar um novo sistema urbano? dá pra criar claro, mas é uma outra visão. Quem tem que ancorar isso e não pode ser… é academia, tem que pegar academia, construir um campus, construir uma base de produção, eu digo assim, laboratórios, manufatura tecnológica, pega uma empresa de equipamentos ópticos e constrói ao lado desse campus e faz um ambiente urbano que é um parque tecnológico. Fulano vai lá, levanta um muro faz um monte de lote bonito uma

portaria bonita, tenta enfiar uma incubadora, uma fundação, uma associação e fala aqui é um parque tecnológico, não vai funcionar, não vai funcionar

Marcel: E aí tem um problema de mobilidade também né, porque se é um lugar super distante, porque se é pro aluno chegar. Os parques de São Carlos ficam num local que é inacessível assim, né, que a gente nem consegue… pra ser sincero eu nem sei o que eles fazem lá.

Cesar M: E o 2° parque de São Carlos é um prédio, não é um parque é um prédio.

Marcel: Aham.

Cesar M: Não estou desmerecendo, pelo contrário, são ambientes de inovação esses, não são parques tecnológicos. Então aí voltando [inaudível - liga do fundão], mas é petróleo e refém de um ator acadêmico, apesar que a cidade de Porto Alegre, vocês urbanistas, e [inaudível] mergulhem nisso, tá lá uma turma fazendo coisa séria e boa. O município de Porto Alegre junto com a Tecnopuc né, eles estão transformando a cidade, então eu acho que os melhores *cases* do Brasil estão na cidade de Porto Alegre, com gestão pública pra isso.

Aí, andando pelo Brasil, já falei de Itaipú, aí você pula pro Porto Digital e acabou. São esses ambientes de inovação em escala de parques tecnológicos, você viu que eu não citei Sapiens né, nós temos um bonito projeto urbano em sapiens, nós não temos um parque tecnológico ali. Eles têm uma empresa de tecnologia, eles pretendem fazer um autódromo, esse é o foco deles, então o Sapiens trás uma empresas de tecnologia, traz incubadora. Tem que trazer academia, porque ali já é uma potência incrível, é um corredor tecnológico da Federal de Santa Catarina até Canasvieiras. Então você não consegue concentrar, você cria um projeto urbano, que é o Estado, eles regrediram ali no Sapiens, ele volta pra mão do Estado cara a gestão do Sapiens de 3 meses pra cá, infelizmente, infelizmente vocês vão ver o Sapiens regredindo ao invés de avançando.

Então assim, de novo, opinião pessoa dá um puta quebra pau isso né [risadas], dá uma briga que você não faz ideia, mas como eu não represento nada e ninguém eu posso falar e tá tudo bem. Mas é isso, vamos lá.

Marcel: E tem uma questão interessante também né, essa circulação de ideias, entre a prefeitura, você e o próprio, a gente conversou com Elso também, com próprio Parque Tecnológico, algo dessa circulação de ideias né. Você por exemplo foi muito ativo naquele Nexus Living né, que é uma…

Cesar M: Humanização.

Marcel: Humanização. O Elso também sugeriu, por exemplo, que o Parque Tecnológico a frente fosse mais dedicado às atividades industriais. Porque é de certa forma como São José se mostra pro mundo né, tendo toda uma discussão. E você também discutiu muito a questão da mobilidade né, do projeto da Toyota. Porque como tá na Zona Leste, tem uma dificuldade de se chegar até o local de mobilidade mesmo, que agora, de certa forma, começa a ser debatido e tal. Você poderia ter um pouco como abordar sobre essa circulação de ideias, que realmente é assim essa troca importante?

Cesar M: Isso é a essência do Parque Tecnológico, porque o café do Parque Tecnológico é mais importante do que o laboratório que esteja lá dentro? Porque é ali que você pode capturar o verdadeiro valor que um parque pode oferecer. Essa diversidade de ideias né, esse conflito necessário para desenvolver criação, se não há conflito de ideias você não cria, eu produzo perguntas eu busco respostas complexas, eu crio condições que nós não sabemos ainda pra que que tem que ser criado. O parque Tecnológico é provocado é constituído para que ali se conquiste, a gente pode falar, esse debate, ele só é produzido com diversidade social econômica e acadêmica. Nós temos lá seis campos universitários, quinze atores acadêmicos, fora isso trabalhamos junto com empresas da âncora global, a startup, pequenas, médias e grandes empresas. Aonde é que eles produzem? O parque de São José ainda tem, nós estamos trabalhando forte essa miopia de que você coloca ali, mas não adianta, se eu não coloco… o Nexus Living vem pra exatamente colaborar e corrigir essa rota.

Hoje eles têm plena consciência, então o Nexus Living é um ambiente onde produz as ideias, se eu colocar engenheiro junto com engenheiro aeronáutico vai sair o mesmo de sempre, se eu coloco um urbanista, um engenheiro químico, um engenheiro aeronáutico um advogado, uma arquiteta e um saxofonista no meio, você não faz ideia de como vai produzir criatividade. Então através do ambiente é, humano, né e eles perceberam, foi um boom que eu implantei isso, infelizmente durou 10 meses veio a covid né, começou em junho de 2019, aí veio a covid, e deu um impacto incrível.

Agora você imagina só, você imagina você chamar o cara que…

Quem conhece a vila Butantã aí na Marginal Pinheiros, na frente do Shopping El Dorado

Marcel: Eu conheço

Cesar M: Eu chamei o Otávio, o Luís, os idealizadores e donos da VIla Butantã pra fazer uma inspeção no Parque Tecnológico. Você acha que isso vai sair da cabeça de um engenheiro aeronáutico do ITA? Eu fico tirando barato deles. Vocês são ótimos para fazer asa de avião e foguete, se eu der um sofá você não sabe o de colocar o sofá, ele fala "É verdade eu chamo minha esposa pra ver onde eu coloco o sofá na casa".

Agora se eu te der ti produzir um avião supersônico você sabe fazer, aí ele falou "isso". Eu falei, então deixa que o sofá tem um efeito tão importante quanto o avião. Então eu tive que quebrar essa barreira lá, e não é fácil quando se trata do pessoal dos 20 anos. É uma turma assim "nós sabemos como a humanidade precisa do nosso avião", pronto, mais nada, precisa comer não, precisa fazer avião. Então assim cara, você sai daquela caixinha fechada, aí na hora que quebrou é maravilhoso ver o efeito, é maravilhoso você ver aquela turma correndo atrás do cafezinho sabe, a hora do café ficou mais importante que a hora do laboratório, que a ferramenta custa 10 bilhões.

Tem um laboratório dentro da Embraer que o pessoal gastou 100 bilhões, numa área de 120 metros quadrados, de equipamentos de software. Aonde que esse engenheiro aeronáutico que é disputado globalmente eu vou reter o cara? Com café. Se não tiver café, não tiver a praça para os meninos e meninas paquerarem, ó, eles voam, cai fora. Vai lá pra Londres, vai pra Nova Iorque, vai pra Seattle, Singapura, nós estamos disputando nossos cérebros como mundo, velho.

Marcel: Você sabe que conversando com nossos colegas argentinos, tem uma pesquisa interessante deles que eles mostram a mobilidade assim, que os profissionais de TI eles ficam pouco no mesmo lugar, na Argentina eles migram pra um ponto de… é difícil você mantê-los

Cesar M: É eu estou fazendo um post que está saindo hoje, que é a fuga de cérebros e os ambientes de inovação para segurar essa fuga de cérebros né. Porque agora nós temos um fato interessante novo, você pode trabalhar lá em Londres e manter o teu corpo aqui, isso se acentuou barbaramente, então assim, eu não preciso mais me mudar lá para Lisboa, pra Madrid, ou pra Berlim pra trabalhar

lá, eu posso manter meu corpinho aqui do lado da praia e cérebro lá em Berlim, diariamente. Então eu só vou manter o meu corpinho aqui, brasileiro, porque eu não abro mão do samba da cerveja do sol e do verde se eu estiver em um lugar que faz sentido pra mim. Como eu estou na comunidade que desenvolve conhecimento as minhas exigências sociais e econômicas, os grupos sociais que eu exijo estar presente são bem diferentes do que a maciça maioria, em especial no nosso país. Então aí vem o papel dos desenvolvimentos em inovação em escala dos parques tecnológicos, são habitats de vida e produção. Então estou escrevendo isso, estou postando isso hoje, não é novidade né, é um apanhado, o Sabóia fez um artigo sobre isso há pouco tempo.

Nós temos que criar condições de vida mais do que nunca, para que a gente possa reter vocês aqui, mesmo produzindo lá. Eu tenho uma coisa que é um problema e passa a ser oportunidade também, de novo, ok, eu vou ter eu vou ter minha experiência lá em Berlim, quero ter, mas no fundo eu sou brasileiro. Então se eu tenho oportunidade de estar em um ambiente que faz sentido continuar, que eu vou continuar me alimentando de conhecimento, eu vou me manter aqui. Então os ambientes de inovação em razão deste momento de covid, eles passam a ter um protagonismo central, primeiro, só me desloco para o lugar que me faz sentido, então eu moro em São Carlos, eu ia todo dia ali, lá, cá, acolá. Agora não, eu só saio de casa para ir ao lugar certo para encontrar as pessoas certas para que eu possa produzir, então eu vou lá no parque tecnológico, no campus universitário de São Carlos, porque ali faz sentido, eu não vou mais no bar do zé, do mané , na casa da maria, porque ferrou, a lógica social está em transformação, então você começa a criar locais de referência, locais que vale a pena ir, que vale apena estar e viver. Os parques saem na frente, no mundo todo, desse processo que deve se transformar cada vez mais, somando isso que eu coloquei, corpinho ficar aqui e aquela empresa que exigia que eu fosse morar em berlim, fala “não, você trabalha pra mim que você falou que é do TI né? Você trabalha pra mim, mas pode ficar aí no Brasil se quiser” e o cara fala “ah então não vou abrir mão aqui porque eu estou junto do parque tecnológico, de um ambiente de inovação, estou falando minha língua, estou indo pra praia. Enquanto vocês trabalham de gorro eu trabalho de regata, então eu vou continuar aqui e vou ficar aqui”.

Então isso vai ser interessante, nós vamos assistir como é que isso vai se configurar né, vai ser bastante interessante, então eu aposto nisso, que os parques

tecnológicos serem o espaço urbano de vida que contempla todo esse arranjo de produção, academia, mas essencialmente os parques migram para o aspecto vida, né então eu aposto isso hoje, minha percepção ela vai mais para o lado vida do que de fato produção, óbvio não abre mão dos pilares que é universidade e os sistemas econômicos, não abre mão. Mas as pessoas mais, o que? Cara um lugar legal, que eu possa estar do lado da minha cidade a pé, do lado da fábrica de drones e ao mesmo tempo eu estou vivendo num lugar com o meio ambiente, com parques, lazer, cerveja e tudo mais, é isso.

Marcel: O Cesar se você me permitir uma última pergunta, né…

Cesar M: Claro, claro…

Marcel: O que é interessante que a gente observou também da Cidade Tecnológica em específico, que você colocou um pouco sobre referências internacionais dos parques. Nesses tours que você fez, você tem alguma referência se alguns projetos primeiro influíram no sentido de pensar a cidade tecnológica, e a outra é que o que a gente observa das cidades tecnológicas dos distritos que a gente observa é uma arquitetura global, e acho que até a própria maquete da cidade tecnológica ela segue esse padrão arquitetônico. E vocês tomaram algum cuidado durante esse processo de manter um determinado padrão arquitetônico? Falando de edifícios, falando dessas questões associadas também à cidade tecnológica.

Cesar M: Bom eu passei pra, acho que a Natalia que estava aí né, alguns *cases* tá, na Alemanha e nos Estados Unidos que respondem a sua 1° pergunta, eles influenciaram sim no olhar da cidade tecnológica, 2 esse tipo de ambiente você tem que evitar o máximo possível de criar regras, você não pode engessar esse ambiente, a minha visão, quanto mais regra você criar, mais postura você criar, mais ineficiente ele será para o fim que ele está sendo desenvolvido. Não beleza, então quer dizer que eu posso construir uma reciclagem de lixo do lado de um prédio de alta tecnologia? Como é que você regula isso? Duas situações. Uma, em São José nós temos um plano diretor e um zoneamento dedicado à ocupação desse território. Dois, nós institucionalizamos a inovação, nós registramos junto com o empreendimento uma associação, bom, resumindo, a associação dos donos dos lotes da Cidade Tecnológica enquadrada dentro do marco atual do MCTI como distrito de inovação, é o 1° empreendimento privado no Brasil que está enquadrado

juridicamente como um território de desenvolvimento ciência e tecnologia de forma que as agências comunicadores e mesmo as posturas municipais olham para aquele território e falam “esse território ele está determinado como território para desenvolvimento de ciência e tecnologia”. Nós vamos pegar o estatuto, você vai comprar um lote no Alphaville e você tem lá a regra de uso, Alphaville vai além, tantos metros de altura, recuo x. Não. Isso que vai fazer é o município e como é que o município faz isso? Por isso que é importante não engessar, o município têm seu plano diretor e o seu zoneamento, e no caso da cidade tecnológica lá tem um perímetro, esse é o perímetro especial do Parque Tecnológico, que é um perímetro de 15 milhões de metros quadrados, hoje mais ou menos, que ele passa, ele não tem uma marca.

De novo, ele é desenvolvido em consonância com o Parque Tecnológico, ou seja, é o único território da cidade que tem que passar pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico pra ser aprovada qualquer ocupação desses lotes, então você tem que ter o carimbo do desenvolvimento econômico que está dentro do Parque Tecnológico que faz a gestão de desenvolvimento de ciência e tecnologia dentro da cidade, é uma maneira de você regulamentar isso. E a outra maneira é que quem compra o lote, ele compra um título de um clube, uns 166 lotes, que é inovador, que está enquadrado como distrito de inovação Cidade Tecnológica, e vinculado, tem como objetivo a ciência e tecnologia… é um parque tecnológico privado, a Cidade Tecnológica ela é um parque tecnológico privado, nasceu um parque tecnológico privado. É muito provável que a Cidade Tecnológica nos próximos 20 anos seja o maior parque tecnológico do país, indiscutivelmente, porque ela é privada.

Então esse grupo, você tem lá o Instituto da [inaudível], da Bosch, da Fundação Getúlio Vargas, da Unicamp, da… ou seja da Embraer, eles vão formar essa cidade. E vai ter lá, o “fundo de investimento que faz estudo de [inaudível]” que representa lá mil estudantes, o outro “condomínio empresarial” que representa 80 empresas de tecnologia, o outro datacenter. Nós estamos falando de ocupação que estamos compondo. Grandes empresas de datacenter que vão se instalar lá, eles formam essa associação, então eles vão determinar as regras e os usos, de como será a cidade tecnológica. Então quem é que vai ditar qual é a arquitetura, qual é o recuo. De novo, município eficiente, que já cria uma postura de ocupação urbana eficiente somado à um crivo diferenciado do território do Parque Tecnológico que é regido pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, no caso de ocupação urbana,

somado a associação da própria Cidade Tecnológica que têm um fim específico de desenvolvimento de ciência e tecnologia. Então essas pessoas que vão falar quantos metros vai ser o seu prédio

Marcel: Na base dessas demandas existentes né

Cesar M: Você entendeu. Se eu não faço isso, eu não estou criando futuro, e tô falando como vai... [inaudível]

Marcel: Vai produzindo

Cesar M: Então eu preciso que o Marcel venha com o grupo dele e fale ó "nós aqui da academia entendemos que você tem que fazer assim", ai o cara da Phaser fala "não, mas eu entendo que você tem que fazer assim" aí o cara "eu dei 100 milhões em laboratório" ai o outro fala assim "não, mas eu estou fazendo um prédio com 400 estudantes, tem fazer assado". Eu tenho a esperança que isso seja um caldo que vai produzir um contexto de ocupação social e econômica e urbana, inovador.

E é interessante pensar que é um novo circuito econômico assim pra cidade né, a cidade sai de um fordismo né, e tem uma transformação.

Marcel: E como você vê São José como um todo assim, essa…

Cesar M: São José ela deve com sucesso desse, desse… São 2 milhões em metros quadrados já consolidados colocados com campos universitários e agora urbano…

Marcel: [inaudível], da cidade também como um todo né

Cesar M: É na verdade assim, o Parque Tecnológico e a cidade tecnológica ela é macrorregional e setorial tá? É uma coisa que sempre incomoda um pouco os empresários daqui, porque eu sempre fico falando pra eles "eu não fiz o projeto pra vocês, eu fiz um projeto global", aí você sabe né cidade de interior, você mora aí "como assim não é pra nós?" aí eu "não é pra vocês é pro mundo" "mas como assim?" não é pra vocês é pro mundo, esse lote ele é global, ele não tá dedicado a você, tanto que todos aqueles que estão entrando na cidade tecnológica são globais, não tem uma empresa que não esteja entrando lá que não tenha ação global, que seja local.

Então assim, de novo, ele é um mercado inexistente no brasil, né você abre uma fronteira de mercado pra compor um território urbano com alcance global. Então isso nós estamos muito convictos disso, o município também né, o município começou esses últimos 2 meses uma campanha grande falando de que, é, eles são a cidade. Mas como é que eu vejo São José, São José vai assumir um protagonismo de uma

cidade da ciência no Brasil porque ela é a única que se preparou nessa escala onde estamos, não é só em razão da Cidade Tecnológica, Cidade Tecnológica é resultado disso, é resultado do tal spin off do MIT. Então São José dos Campos ela têm uma configuração, uma condição que ela vai explodir em relação ao hemisfério sul, ela realmente se consolidará como uma porta global, nós estamos falando, vocês estudam isso profundamente, estamos falando do momento das cidades não é mais o estado não é mais o país, são as cidades. Então São josé vai assumir o protagonismo não há dúvida e é fundamental que isso seja disseminado e pelo país, pra outros *cases*, mas São josé vai atropelar por causa dessa condição que ela conquistou, ela se arrumou no aspecto urbano, ela se arrumou no aspecto econômico, porque o Parque Tecnológico teve essa função nos últimos 12 anos, de diversificar sua base econômica e não ficar refém do aeroespacial.

Então hoje nós somos bastante fortes em energia, TI, petróleo, ciências da vida. Então pra resumir, pra onde São José vai chegar? Você pega a tecnologia como uma pirâmide, a ponta dessa pirâmide, vamos falar que o micro-ondas está aqui embaixo tá, o carro tá aqui no meio da pirâmide, e cada vez mais o carro tá indo pro ponto da pirâmide porque cada vez mais o carro está com sistemas embarcados aeronáuticos tá, então o carro tá subindo a pirâmide de tecnologia. Então essa pontinha aqui da pirâmide, da tecnologia, é tudo o que você manda para fora do espaço, da terra, não existe nada em tecnologia que seja mais complexo que o que vá para fora do espaço. Esse desenvolvimento tecnológico nessa pontinha ele reverbera para todos os setores econômicos, daí ele produz o micro-ondas pra poder esquentar comida na espaçonave, ele produz o celular pra poder se comunicar no porta avião, então defesa.Então você tem o aeroespacial, a “máxima tecnologia”, o nome é esse, que reverbera em todos os setores econômicos, essa máxima tecnologia, 84% do mercado do hemisfério sul, hemisfério sul, se não me falha a memória, está em uma cidade chamada São José dos Campos.

Então você tem essa máxima tecnologia vida com subsídio de governo, com ação geopolítica global, ou seja, nosso vizinho é o Akaer que faz o F-X2, o caça. Então quando você quebra isso [topo da pirâmide], reverbera em todo o setor, isso está acontecendo e o parque é o instrumento.

Marcel: [inaudível] é o desenvolvimento mesmo né

Cesar M: Então assim, na hora que você pega esse aeroespacial ele vai fazer setor clínico, então você tem uma duas empresas aí em São Carlos que são do setor de defesa aeroespacial, mas todo o processo, passa Santa Maria São Carlos, entra por São José e vai até Santa Maria, entra por São José e vai até São Carlos, a empresa que está em São Carlos volta pra São José, volta o que eu digo é o sistema né. Ele não sai direto, o sistema de tecnologia, no caso do sistema de tecnologia aeroespacial ele entra e sai por São José, seja o que for.

O pessoal da Embraer fala assim "Gavião Peixoto é um pedaço de asfalto pra lançar avião", tudo entra e sai por são josé nada entra por Gavião Peixoto, toda a rede, tudo, todas as decisões.

Os nossos professores da engenharia aeronáutica também

Isso, o cara vai lá, bate lata lá em São Bernardo, fica lá batendo lata em São Bernardo, 60 neguinho batendo lata lá em São Bernardo, monta a asa do avião em São Bernardo, só que toda a engenharia, toda a inteligência, toda a rede de negócios entra por São José e sai por São José. Então assim que é São José dos Campos e o Parque Tecnológico é o instrumento para capitalizar essa capacidade econômica científica que o aeroespacial oferece no mundo todo. Nós dominamos o mercado dessa máxima tecnologia e não utilizamos ele porque não temos instrumento e ainda há uma resistência, nós estamos falando de um setor que é extremamente fechado e subsidiado, aí o cara fala assim "ah não vou ficar esperando aqui pra você me encomendar o míssil", um torpedo para submarino dentro do parque né, depende de dinheiro público, agora o cara acordou, ele começa a fazer máscara, começa a fazer respirador, começa a fazer remedinho, começa a fazer componente pra carro, é óbvio é capitalismo né. Então o parque ele vem e foi criado para quebrar essa barreira, e quebrou, então é um processo que se consolida.

Hoje o nosso projeto principal é agronegócio, ciência da vida, pra falar em área espacial nossa lá, área espacial tudo bem, é consequência já. A gente pega um carregador espacial e diz "o que que você tem pra agro?" "O que que você tem para ciências da vida?", "poxa nunca pensei, o que que eu tenho a ver com soja?", um ano depois o cara desenvolvendo coisas incríveis. Então é isso senhores.

Marcel: A gente queria agradecer muito mesmo a, a gente tá até conversando ontem né, que a gente leu os relatos pelo site, tudo né, e a gente falou "é um personagem muito interessante" né, porque em geral quando você vê as pessoas

ficam muito em uma zona de conforto dos empreendimentos assim, seja qual for, inclusive em empreendimentos imobiliários. Quando a gente viu os relatos a gente falou “que personagem interessante” uma pessoa culta né, [inaudível]

Cesar M: uma pessoa de mata

Marcel: [inaudível], muito agradável né. A gente queria agradecer muito você

Cesar M: Imagina, prazer, meu pessoal de marketing, de lá da Innovact tem a cara comercial. Mas é isso vamo lá, tamo aqui na luta e está sendo bastante divertido.

Marcel: Tá bom.

Cesar M: Tá bom. obrigado gente.

Marcel: Muito obrigado viu Cesar, um abraço viu.

Cesar M: De nada, um abraço. Depois me coloquem a par dos resultados de vocês, nós temos interesse.

Marcel: Sim, a gente vai comunicar sim, pode deixar.

Cesar M: tá bom.

Sofia: Muito obrigada Cesar.

Giovana Marchesin: Obrigada.

Cesar M: Obrigado Sara, obrigado Giovana, obrigado Sofia.

Sara Marcelino: Obrigada.

[Cesar Melo sai da videochamada]

Marcel: Gente incrível não, bem legal né? Que personagem assim né, que essa coisa da profissão também da pessoa ter é, é o que move, você vê que a pessoa fala com paixão da coisa né. Eu gosto disso, eu gosto desses personagens. Tem um livro que fala do cara que fundou o ITA, assim você fica lembrando que são esses personagens que ele fala da dificuldade dessas coisas. Eu contei pra vocês, acho que é o Montenegro né, tem o Fernando Moraes, tem a biografia desses caras.

E é interessante de ver essa coisa porque o Montenegro, as dificuldades de trazer o computador para o Brasil e as artimanhas que o cara utiliza pra conseguir resolver o problema, que a burocracia praticamente impede. Você vê esse cara superconectado vendo essas coisas, muito interessante. E abre um campo de trabalho interessante também né pra gente pensar, discutir e debater né, você viu como está explodindo ele fala “olha isso vai…” ele fala primeiro dessa escala da tecnologia que como a gente falou só podia estar em São José né, só podia acontecer em São José mesmo. E de como alguns parques [inaudível] e como isso

vai determinar muitas novas formas urbanas por aí né, é só o começo. Mas é, nossa ele falou tudo a gente nem precisou perguntar muito sobre essas consultorias tudo isso, a gente já entendeu toda a rede de como isso funciona.

Sofia Fortunato: é eu ia falar isso.

Marcel: você ia falar, e aí o que você achou Sofia?

Sofia Fortunato: Eu ia falar isso, que a gente nem precisou fazer muitas perguntas né, ele já foi encaminhando tudo.

ENTREVISTA 10:

Entrevista Concedida ao grupo de pesquisa

Entrevistado: Elso Alberti Júnior (diretor de Desenvolvimento de Negócios do PqTec)

Entrevista por chamada de vídeo: plataforma Google Meet

Data da entrevista: 10 de março de 2021

Duração da gravação: 1hora 13min

Identificação do Entrevistador: Giovana, Marcel, Natália, Sara e Sofia.

Identificação do Entrevistado: EA

[GIOVANA]: Eu queria entender se você acompanhou essa reestruturação produtiva de São José dos Campos que passou de um polo tecnológico para esse ecossistema de inovação que é o que o PqTec representa. Gostaria de saber como você enxerga isso desde 2019 e quais as contribuições que o parque trouxe para o município considerando a criação de um ambiente que é favorável a receber investimentos para promover a inovação e os diferenciais que trazem às empresas para o PqTec

EA: Pra responder eu gostaria de voltar uns 70 anos na história da cidade para falar um pouquinho de como chegamos aqui. Na verdade, a história de São José como uma cidade com vocação para pesquisa, desenvolvimento e inovação começou na década de 40 quando a aeronáutica decidiu pela implantação de uma escola para formar mão de obra especializada junto com institutos de pesquisa para fazer desenvolvimento tecnológico para chegar em produtos que chegam ao mercado. Esse projeto que deu origem ao ITA e ao CTA na época, então a partir da criação do ITA e do CTA, São José que era, até então, uma cidade de tratamento de tuberculosos, chegamos a ter 38 sanatórios, os dois maiores do país estavam aqui em São José e isso foi um fator de transformação enorme na cidade (ITA e CTA),

temos IDH acima de 0,8 que dentro da régua de avaliação de IDH é bastante elevado. E o CTA foi um elemento fundamental de transformação da cidade, a cidade começou a crescer e atrair novos empreendimentos, obviamente teve a construção de uma infraestrutura importante que é a Via Dutra de São Paulo ao Rio de Janeiro e que passa aqui. Esses elementos foram essenciais para o desenvolvimento da cidade. A partir do CTA várias empresas foram criadas como forma de spin off, inclusive uma foi incubada dentro dela e essa empresa se chama EMBRAER, ela foi incubada nesse ambiente de inovação. Outras empresas saíram dali e ficaram no entorno como a AVIBRÁS e hoje ainda é a principal empresa no setor de defesa no Brasil, criou-se a Aerotec e um conjunto enorme de empresas que começaram a ser criadas gerando projetos novos e mão de obra, atraindo mão de obra especializada. Isso cresceu, teve um crescimento enorme e chegou a um ponto que a prefeitura e governo do estado entenderam por criar o parque tecnológico de São José como um novo vetor de desenvolvimento da cidade e da região do Vale do Paraíba. O projeto teve um decreto municipal de 2006, se eu não me engano, e aí houve a aquisição dessa estrutura que nós temos aqui, que era uma antiga fábrica de montagem de equipamentos eletrônicos chamada Solectron em que ela saiu daqui e foi se unir com empresas em Sorocaba e deixou toda essa infraestrutura aqui vazia, a prefeitura comprou e definiu que aqui seria o parque tecnológico. Em 2009 foi selecionada uma instituição, uma associação de direito privado sem fins lucrativos para fazer a gestão desse projeto e dessa infraestrutura, que é a Associação Parque Tecnológico de São José dos Campos ao qual eu sou vinculado em que ocupo posição na diretoria executiva. Então de 2009 pra cá nós viemos trabalhando na implantação, operação, consolidação e agora, a expansão do parque tecnológico. Não existe uma cartilha, uma receita pronta, para fazer esse trabalho, esse trabalho é, como costumo dizer no jargão aeronáutico, pilotar 24 horas por dia 7 dias por semana, não existe piloto automático. Cada momento tem uma situação nova, parques tecnológicos no mundo ainda são empreendimentos muito novos e a cada localidade temos necessidades específicas que demandam gestões específicas para aquelas características. A atuação é específica apesar de uma base comum. São Carlos tem o parque tecnológico mais antigo formalmente com o professor Silvio Rosa e ele tem suas características. Por algumas características do entorno, o parque atingiu um certo nível e está se preservando nele. Aqui em São José nós estamos em expansão, a primeira fase foi a

implantação do parque e a atração de empresas de base tecnológica, isso consolidado nós instituímos aqui vários programas de atração de empresas com toda uma plataforma de empreendedorismo que nós conseguimos hospedar aqui a empresa ou o empreendedor apenas com a ideia a gente tem todo trabalho de aviação da ideia se ela pode de fato de transformar em um negócio. Temos visão de ir pro mercado, gerar retorno econômico, impostos, postos de trabalho, gerar renda. Então a gente hospeda isso e se o projeto ou ideia mostrou viabilidade para se tornar um negócio então a gente incuba ela. Tem a incubadora que a gente trabalha uma metodologia específica com indicadores específicos para fortalecer aquela empresa pra que ela de fato se torne uma empresa com perspectivas de chegar no mercado. A partir do momento em que ela emite a primeira nota fiscal a gente dá um cartão de despedida e fala: “você cumpriu seu trabalho na incubadora, agora você vai para o ambiente de crescimento” para escalar a empresa e que fica dentro dos nossos centros empresariais. É outra forma de acompanhamento, outros indicadores dentro desse modelo e a empresa pode ficar até oito anos dentro deste “pasto de engorda” onde vai ganhar estrutura. A partir do momento que ela cumpriu isso e ela está pronta pro mercado nós nos despedimos, porém a empresa fica nos empreendimentos imobiliários que nós estamos construindo com parceiros privados. Queremos continuar tendo conexões com essas empresas, nós temos algumas concluindo esse processo e indo para os empreendimentos imobiliários. Nós temos a infraestrutura, mas mais do que isso, vimos como importante, ter um modelo operacional, o chamado software embarcado, não basta ter o hardware, você precisa ter os programas, as metodologias, os processos de atração, de avaliação da empresa. Com esses processos, nós saímos de um índice de viabilidade de empresas, as empresas saíram da mortalidade infantil que antes era de 70% das empresas que entravam no início para menos de 40%, ou seja, mais de 60% das empresas se viabilizam ao longo do roteiro. Isso é fator de atração de novos projetos, a infraestrutura é importante porque você tem que promover a integração entre as instituições, nós temos sete universidades aqui dentro do nosso ambiente, algumas dentro das nossas instalações mesmo e isso faz com que a gente promova a integração universidade empresa o que ajuda a gerar trabalho para os estudantes das universidades. A gente promove projetos em que professores, pesquisadores das universidades participam de projetos, muitas vezes, suportados por agências de fomento (Fapesp, FINEP, fundos setoriais, enfim) onde tem projeto a gente convida

empresas e universidades para juntos estruturarmos um projeto e aplicarmos. Temos nossos laboratórios multiusuários, a pequena e média empresa não tem condições de fazer investimentos em laboratórios então a gente provê uma infraestrutura laboratorial para que elas possam utilizar, mediante pagamento, possam usar os recursos laboratoriais para projetos de pesquisa e desenvolvimento. O que resultou disso tudo hoje foi que temos aqui quase 2000 pessoas que trabalham aqui dentro, nas empresas, nós temos um salário médio dessa população pois temos aqui um assistente que pode ser de laboratório, administrativo, pode ser executivo da empresa, temos salário médio em torno de 6500 reais. A massa salarial aqui, só de salário é da ordem de 13 milhões de reais por mês, o que dá mais de 160 milhões de reais por ano, recurso que preferencialmente é aplicado na própria economia da cidade ou da região, em consumo, serviços, investimentos […] Então, o parque, com essa dinâmica toda, está fortalecendo e muito a economia da cidade e pelos resultados das empresas outras empresas também querem participar, isso aumenta o poder do seu imã, ficamos cada vez mais atrativos, em um círculo virtuoso e é isso que temos, felizmente, administrado aqui mesmo com a pandemia. A pandemia impôs sérios impactos aqui na nossa operação, mas mesmo assim nós ainda conseguimos crescer, mudamos todo o modelo e adaptamos nossa plataforma para que a gente tenha uma grande parte da nossa agenda virtual como estamos fazendo aqui, mas existe um presencial e ele continua muito importante. Em resumo este é o parque hoje, num futuro próximo é a expansão do entorno do parque com empreendimentos imobiliários onde projetos arquitetônicos bonitos podem ajudar a aumentar a atratividade de novos investimentos.

[00:18] Sara: Quais as vantagens da administração do parque se dar através de uma organização social e quais as desvantagens considerando as relações público-privada, a contratação de mão de obra e gestão do parque.

EA: Essa é uma pergunta interessante e que cai em todas as visitas que recebemos aqui no parque que tem como intenção implantar um parque tecnológico. A gente tende a recomendar esse modelo nosso, ele não é perfeito, mas é o que no nosso entender trás menos empecilhos. Nós como organização social, como uma associação de direito privado sem fins lucrativos qualificada como essa pela lei da prefeitura de São José permite que a gente tenha o contrato da prefeitura, toda essa organização que temos aqui é da prefeitura, o software é da associação, estamos desenvolvendo ele e instalando e usando ele aqui. Estamos também usando esse

software para vender serviços para outros sistemas de inovação. Esse é o ativo que nós temos aqui até porque temos que aumentar nossa capacidade de sobrevivência diminuindo a dependência da prefeitura. Como organização social podemos contratar gente como CLT, não precisamos trazer concurso, temos procedimento para fazer um chamamento divulgando as vagas, a gente contrata como CLT e podemos demitir também pois é um regime de trabalho convencional de qualquer empresa privada. Nós temos um regulamento de compra próprio nosso que define, dependendo do volume a ser contratado, procedimentos específicos. Não precisamos aplicar a lei de licitações que é uma trava enorme, portanto a gente tem uma agilidade nas nossas aquisições na nossa contratação de pessoas. Nós temos programas de fomento que muitas vezes privilegiam instituições sem fins lucrativos, então nós como uma OS em alguns programas por sermos organização social podemos aplicar projetos sem necessidade de dar contrapartida financeira. A hora que a gente começa a lista tudo isso a gente vê muitos pontos positivos. Uma outra coisa para sermos enquadrados como organização social temos que ter conselho que é de diretoria executiva que tem representantes das empresas, da academia, dos poderes públicos, de representantes da sociedade sem que nenhum desses segmentos tenham maioria. Ninguém manda, efetivamente, no PqTec diferentemente de algumas outras instituições, os parques tecnológicos que são de uma prefeitura por exemplo e que a diretoria é indicada pelo prefeito, muda-se o prefeito então se muda o diretor, ou de uma universidade muda o reitor muda o parque. O TusPark é o maior conglomerado de parques da China e o seu diretor diz que o fator chave de sucesso é a perenidade da gestão. Os que mudam toda hora a instância diretiva sofre muitos solavancos e podem sucumbir, temos exemplos muito evidentes dessa situação no estado de São Paulo e no Brasil. Então eu refuto que uma organização social com essa formação tem muitas vantagens, mais que desvantagens.

[00:25] GIOVANA: Olhando para esse capital humano que temos no parque. Como é esse processo que busca por talentos, contratação e o regime de avaliação desses colaboradores? Eles possuem alguma estabilidade regulamentar?

EA: Os colaboradores que nós contratamos para a administração seguem procedimentos internos nossos que são esses: surgiu uma vaga a gente faz edital de contratação, faz especificação do cargo, qualificação requerida e o nosso RH

busca o banco de currículos que temos ou eventualmente faz uma publicação na mídia para receber candidaturas e ai entra no processo normal de estruturação, fazemos análises separando candidatos que atendem com mais intensidade os nossos requisitos, fazemos entrevistas finais e elegemos o contratado. Uma vez contratado ele vira CLT e seguimos a regra do CLT, com período de experiência e aí vamos avaliando e entrando dentro do mesmo conceito. Caso não tenhamos como manter a pessoa por alguma condição e não temos como usar ela em outra função a gente dispensa a pessoa com todos os encargos e direitos trabalhistas. Não tem uma garantia de estabilidade da mesma forma que em outras instituições privadas, no caso de empresas e universidades cada um tem seu regramento; então esse é o modelo da contratação e da manutenção de colaboradores. No que diz respeito à identificação de talentos, aí tem integração entre demandantes e ofertantes, empresas demandantes e ofertantes costumam ser alunos e pesquisadores, muitas vezes os próprios professores sugerem de acordo com o projeto tenha um talento para aquilo, networking, conversa, é assim que funciona. Dessa forma é mais efetivo do que editais e buscas, você tem indicação que via de regra vinga bem. O parque é antes de tudo um ambiente preparado para conexões.

[00:36] NATALIA: Essa questão da inovação sempre foi muito importante para São José e mais recentemente essa questão da cultura empreendedora, tem sido ativos importantes, né? Até pra atração de capital pra cidade. E a gente queria entender como que você observa, né? Símbolos, né? Esses signos da cidade, atuando sobre as diferentes camadas, né? Das camadas mais altas e mais baixas, assim, de extrato social.

EA: Excelente pergunta essa sua, porque isso é um ponto que hoje nós estamos inserindo, nós estamos exatamente neste momento fazendo um novo planejamento estratégico, um novo planejamento para os próximos cinco anos com uma visibilidade de até dez anos, mas com detalhamento pros próximos cinco anos. E a inclusão digamos assim daquelas camadas menos favorecidas é um ponto que tem despertado muita atenção nossa, né? Para algumas ações. Bom, naturalmente quando que isso gera demandas por serviços, por produtos e por investimentos, você naturalmente desenvolve novos postos de trabalho, em camadas um pouco mais baixas e inclusive o camarada pode ter condição de ter uma casa que ele vai contratar alguns ajudantes pra manutenção de jardim, de piscina, de limpeza, motorista, enfim, que são posições que são via de regra atendidas por pessoas

menos qualificadas. Mas você está promovendo oportunidades para essas camadas. Isso é uma questão natural, não vamos falar que nós não precisamos fazer nada. Isso ocorre naturalmente. Mas aqui, é, ações do parque junto com a prefeitura. exemplo, nós temos alguns empreendimentos que nós chamamos do […] dentro da vocação do empreendedorismo social. Que que a gente faz? Nós temos uns mini shoppings aqui em São José, que são umas galerias com dez boxes para instalação de dez lojinhas em bairros periféricos e nós fazemos a incubação do empreendedor nessas lojinhas. Nós usamos metodologias aqui do PqTec. para orientar, dar mentorias para esses empreendedores que são cabeleireiros, sorveteria, pet shop, tatuador, né? A lanchonete ali, né? Esses empreendimentos que são feitos por moradores dessas regiões, mais afastadas, eles recebem orientação dos nossos mentores, dos nossos consultores para que eles tenham sucesso, melhorem a possibilidade de sucesso no seu negócio, tá? Então, isso tem dado resultados extraordinários. O pessoal fica feliz, quando chega a hora da graduação, que o cara tem que sair daquela lojinha, porque ele já está em um ambiente um pouco mais estabelecido, às vezes até maior do que aquela incubadora de pequenos negócios, ele sai absolutamente fortalecido. Então, é uma maneira de você por meio do empreendedorismo, fortalecer esses empreendedores desses bairros mais distantes. Dentro do nosso planejamento estratégico hoje, nós temos, estamos desenhando para apresentar para a Prefeitura, alguns outros projetos, como, por exemplo, o projeto de inclusão digital para os menos favorecidos. para os idosos. A gente lê aí quase todo dia determinadas fraudes e golpes que são aplicados em idosos por meio digitais, porque o camarada, a pessoa ali, às vezes ela não tem a noção do que tá acontecendo, do ardil que tá por trás daquela, daquele contato. A minha mãe há um mês atrás ela caiu no golpe ali danado, levou um prejuízo enorme, porque ela se viu numa situação que achava maravilhoso, passaram um golpe nela. Falei, “mãe, como é que faz isso? Né?” E a gente tenta orientá-la, a gente fica ali […] Então, a gente *tá* tentando junto com a Prefeitura, inclusive nessa infraestrutura da chamada galerias do empreendedor, que são essas mini shoppings que temos aí nesses bairros distantes né, ter ali salas de treinamento para que a gente possa promover esse tipo de digamos assim, de ensinamento para essas pessoas, sejam os menos favorecidos ou seja os idosos, tá? E assim a gente vai descobrindo formas de, de, de colaborar com a sociedade, colaborar ainda mais com a sociedade, tá? De maneira estruturada. Tá bom?

[00:42:17] NATALIA: Vocês pensam em implementar mais ações além dessas que já estão em curso Elso?

EA: Eu tenho aqui uma lista que tem uns dez temas, não sei se chega dez, nove, onze, tá? Mas eu chutaria alguma coisa de dez temas, tem aí um documento. Em que nós estamos avaliando o que fazer, como fazer e ranqueando isso de tal maneira que a gente possa dar uma atenção àquilo que pode ser mais prioritário ou mais impactante, tá? Tem vários. Inclusive com alguns processos que a gente quer sugerir à Prefeitura, ao Prefeito que cai dentro daquele guarda-chuva de cidades inteligentes, né? Então, temos algumas propostas, sim. Há uma integração maior de diversos atores que vivem na cidade para se formar um grande distrito de inovação, tá? Nós temos outras incubadoras aqui em São José, temos mais um parque tecnológico, temos ambientes de inovação, temos instituições que congregam, temos empresas de determinado setor, tudo isso nós temos uma ambição de tentar conectar tudo isso dentro de um grande distrito de inovação e estamos convencidos que será altamente benéfico para a cidade de São José, para a região do Vale do Paraíba. A exemplo, por exemplo, que ocorre em Barcelona, não sei se vocês já tiveram a oportunidade de visitar Barcelona, mas lá tem aquele bairro de inovação, né? Que é o 22@ que é um distrito de inovação. É um bairro simplesmente aberto, todo aberto, onde os elementos se integram, se integram com a sociedade, se integrando levando benefícios para as camadas menos favorecidas, têm programas de política pública ali para desempregados, que são geridos pelo 22@ lá, ah a Barcelona Innovation Centre lá, tem o nome lá que eu até esqueci, tá por aí, tá bom? Então a gente tem que se espelhar, algumas coisas e estamos tentando aqui construir isso dentro desse processo de expansão do parque. Não tem um prazo definido, mas cada vez que a gente consegue dar um passo, a gente dá um passo nessa direção de incrementar essas funções todas.

[00:46] SARA: O PqTec tem influenciado bastante as transformações no entorno dele. Qual a participação do parque na lei de zoneamento e como se deu essa passagem de um parque tecnológico para um distrito de inovação?

EA: Essa transformação está em processo, é uma evolução e uma transformação do parque. Nós chegamos até aqui dentro desses anseios de transformar a estrutura em um grande distrito de inovação, isso está dentro de vários processos que a gente vai integrando as diversas instituições, definindo objetivos comuns. Isso é todo dia, o dia todo trabalhando a avaliando novas ideias. Então está caminhando. Então, aqui

no entorno do parque nós temos aqui um projeto que parte da prefeitura que é gerido, o PqTec não tem uma pessoa jurídica, ele é um aglomerado de instalações. Aqui temos o núcleo do parque, incubadora, plataforma Nexus que é uma plataforma de empreendedorismo e temos um entorno aqui de uma área pública conectada aqui onde temos o parque das universidades, as escolas, ICTs e temos uma zona especial que é designada como zona especial parque tecnológico, que é onde a gente tem empreendimentos imobiliários e onde os novos empreendimentos precisam por lei terem conexão com o parque tecnológico. Essa zona especial tinha uma área de 25 milhões de metros quadrados e nós vimos que era uma área de influência muito grande, tínhamos aqui mais de 7 quilômetros. Não faz sentido, precisamos ter uma aglomeração melhor, temos trabalho por mais de 30 anos e participamos do zoneamento de São José e redefinimos junto com a prefeitura essas áreas. Classificamos as áreas em níveis conforme proximidade com núcleo. Quanto mais próximo, mais densidade tecnológica. Quanto mais longe aumenta a densidade industrial, mas sem emissões de resíduos e poluentes. A gente que de fato tem um ambiente sustentável, nós participamos diretamente disso. Também participamos do Plano Diretor de São José dos Campos aprovado em 2019, com esse plano diretor nós estamos propondo que essa parte da região do parque tecnológico ela vá se aproximando porque a cidade está olhando pra cá e se aproximando. A prefeitura quer melhorar a vida de quem trabalha aqui, os projetos imobiliários querem prover possibilidades das pessoas morarem bem aqui no nosso entorno. Então a gente participa, contribui, vê onde a gente pode dar uma observação e essa interação é permanente, nós temos o Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano onde a gente leva as nossas contribuições através de uma cadeira que temos lá. Então essa atuação é permanente.

[1:00:46] MARCEL: Viu Elso, tem duas perguntas rápidas, assim como vocês participaram da Linha Verde pensando essa integração com o setor sul da cidade, isso foi pensado? E essa coisa do modal, porque a gente viu que a BYD fez um convênio com vocês, quer dizer teve toda uma relação quem não é a Linha Verde mas tem também a questão do modal e do ônibus movido a energia elétrica, a gente percebeu que aconteceu um arranjo interessante pensando nesse conjunto todo. A gente queria um pouco sobre isso. E a outra pergunta seria sobre as soluções para as cidades como uma nova espacialidade do Parque Tecnológico, a gente queria saber sobre essa

influência, de como o parque forneceu serviços de *Smart Cities As Service*, porque isso fornece muitos serviços para a prefeitura, e isso teve importância no sentido de formar empresas que hoje vão fornecer serviços para outros pólos ou cidades no país, isso criou um mercado para o parque tecnológico né?

EA: De uma maneira bem sumária, Marcel, é o seguinte: tanto o SCAS - *Smart Cities As a Service* - como a Linha Verde são projetos que nasceram dentro da prefeitura como concepção interna lá, tá certo? Obviamente que olhando demandas/necessidades da cidade e tendo o Parque como um agente que pode ser importante para esse projeto, mas nós não participamos diretamente da concepção e da contratação desses projetos. A partir do momento que, por exemplo, o SCAS foi contratado houve a decisão de o centro de operações ser aqui no Parque, então hoje ele está aqui no Parque e está já iniciando a sua operação e nós estamos trabalhando com a prefeitura no sentido de dotar a cidade de elementos de inteligência, o SCAS ele tá num nível de infraestrutura, de sensores, de geração de dados, tem alguns analitos, porém ele não está ainda de maneira estruturada fazendo aquilo que nós chamamos de ter a inteligência do sistema, que é você pegar dados e transformar em uma informação, ter as informações e gerar ações e ações geradas com protocolos que sejam perfeitamente entendidos e praticados pelos agentes que vão utilizar aqueles protocolos. Então, nós estamos tentando trabalhar com a prefeitura nessa fase de, digamos assim, dotar toda essa infraestrutura de mais inteligência que traga benefícios para o cidadão e eficiência para a gestão, tá? E com isso, nós temos várias empresas aqui com competência para ajudar nesses processos todos. Então, é uma forma de usar as empresas, e eventualmente atrair outras, para enriquecer esses projetos. No caso da Linha Verde, havia essa necessidade de melhorar a mobilidade aqui e notar aqui, a região do Parque, de maior facilidade de transporte, tá? Então, o desenho da Linha Verde nasceu primeiro na zona sul e a primeira fase vai da zona sul até a região central e a segunda fase, que segundo nosso prefeito deverá estar entregue e implantada até o final de 2022, virá até aqui, ao Parque Tecnológico, então nós vamos integrar tudo isso. A BYD foi contratada porque ela já é uma parceira da prefeitura no fornecimento de veículos elétricos; então, a ideia foi que estes veículos chamados VLP - Veículos Leves sobre Pneus - tivesse a plataforma BYD e o encarroçamento da Marcopolo, lá no Rio Grande do Sul. Ontem, por sinal, foi feita a entrega do

protótipo aqui no Parque, nós tivemos a solenidade de entrega do veículo e nós andamos no veículo e tal, é legal para caramba. E o que a gente tem falado agora, porque tem a infraestrutura viária, que a prefeitura está construindo, tem o veículo propriamente dito, só que tem os sistemas de operação né - de programação dos veículos, do monitoramento/da localização de cada veículo, dos pontos de carregamento, de bilhetagem-, enfim, tem todos os sistemas que nós estamos desenhando para a prefeitura de algumas soluções e de alguns projetos. Além disso, nós também temos… almejamos ter alguns desenvolvimentos tecnológicos dos veículos realizados aqui no Parque, então essa é uma outra negociação, uma vez que temos várias empresas que podem atuar nos fornecimentos de soluções, de subsistemas para veículos elétricos. Então, é um processo que está começando e que a gente espera que dê alguns retornos importantes para São José e para o nosso Parque.

[1:06:48] MARCEL: Só uma última pergunta, é que essa coisa da… que a gente achou interessante que a BYD tem toda essa coisa com o Parque Tecnológico de Shenzhen que é uma coisa incrível assim, e a gente, sobre essa coisa da Linha Verde, tem uma outra questão que acho que é importante que esse conjunto de tecnologias, eu vi que tem essa parceria que foi feita da APL TIC VALE e um convênio com a ABDI. Vocês já estão desenvolvendo um pacote que, de certa forma, é a ideia de implantar essas tecnologias em São José como exemplos e uma rede de serviços, de equipamentos especializados pelas próprias empresas do Parque. Então, só para entender se é isso mesmo…

EA: É, é isso. Quer dizer, nós temos alguns convênios com a ABDI, um deles é no segmento de indústria 4.0 e que está já quase finalizando o projeto, e tem esse outro agora de Cidades Inteligentes. Então, esse está em plena execução exatamente para identificar soluções que nós possamos atender por meio das empresas do APL TIC né para oferecer às cidades como um todo, não só exclusivamente para São José. Aliás, algumas soluções nem seriam utilizadas por São José. E isso está em andamento, a gente deve concluí-lo agora, essa primeira fase de fechamento deve ser agora no mês que vem, em abril, para que depois a gente passe para algumas implantações. Isso tudo feito pelas nossas instituições, pelas nossas empresas. O Parque, que é a nossa associação, de fato não faz nada, a gente só fica conectando a questão e fazendo gestão de alguns projetos, de alguns processos. E isso tem

surtido bons resultados, então, especificamente no caso desse projeto de Cidades Inteligentes da ABDI nós estamos nesses nível com perspectivas muito importantes para ter soluções desenvolvidas aqui e aplicadas em cidades por prefeituras e por comunidades.

[1:09:24] MARCEL: É uma nova especialidade então né, tem o aeroespacial e está se criando um novo mercado aí importante para as empresas da cidade né?

EA: É, o mercado aeroespacial foi muito impactado aqui, o nosso cluster aeroespacial aqui, o APL Aero, foi muito impactado no ano passado com a pandemia, com a dissolução da parceria entre Boeing e Embraer, com a paralisação de toda a aviação comercial no mundo (a gente viu a quantidade de aviões), isso afetou drasticamente. Tanto é que algumas empresas, poucas felizmente, sucumbiram, algumas fecharam as portas. Por outro lado, a área de TIC cresceu né, a possibilidade de trabalho virtual, de *home office*, de novas demandas para esse mercado fez com que as empresas de TIC crescessem. Então hoje, eu diria que o APL TIC, ele é tão, e às vezes mais, importante do que o APL Aero, tá? E com isso estão chegando outros segmentos importantes: o da saúde está desenvolvendo alguns projetos importantes que nós estamos avaliando e implantando aqui na área da saúde; o setor automotivo, o Rota 2030 principalmente; tem muitas demandas e muitas oportunidades. Então, meu caro, é o dinamismo dessa coisa que a gente tem aqui que se chama Parque Tecnológico, tá? E a gente vai surfando, vai navegando e vai se divertindo viu, trabalhando muito né… se esfolando as vezes, mas não deixa de ser divertido, viu Marcel?!

ENTREVISTA 11:

Entrevista concedida ao grupo de pesquisa

Entrevistadores: Kamille Benati do Carmo, Marcel Fantin e Matheus de Souza Oliveira da Veiga.

Entrevistado: Luiz Antônio Pozzi (professor da Fatec)

Data da entrevista: março de 2023

Duração da gravação: 2horas 33min

Identificação do Entrevistador: P

Identificação do Participante: LA

Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues

Obs.: A entrevista foi concedida ao grupo de pesquisa e sua transcrição não foi feita na íntegra, pois foram priorizados recortes de falas pertinentes ao desenvolvimento da presente pesquisa.

[00:00] P: O que você acha ser um diferencial de ter uma universidade, com cursos com enfoque em tecnologia e inovação, é implantada próxima ou dentro de um Parque Tecnológico. Como você enxerga o que é o diferencial?

[00:35] LA: Vamos lá para essa pergunta de alguns milhões. A gente tem que entender um pouco mais do contexto, porque se não vai funcionar a resposta. Não é automático o fato de você estar inserido no contexto do Parque Tecnológico *pros* ganhos em um processo educacional ou dos próprios processos de desenvolvimento das empresas. Não é algo automático! A gente tem trabalhado nessa ideia de apoiar o desenvolvimento social, econômico e tudo mais. [...] de muitas formas, por muito tempo.

[...] Um parque tecnológico é muito diferente daquilo que se pensou nos anos 90 até os anos 2000. [...] E o que se pensava: que um Parque tecnológico [...] que sob o mesmo teto reúna pessoas da academia, das indústrias e da sociedade vai dar jogo automaticamente. E daí surgiu a Política Paulista dos Parque Tecnológicos. E o que a gente percebeu passados 20 e poucos anos – *tava* errado, não funciona assim! [...] E ai no Brasil acabou sendo o país que, no mundo, mais valorizou aquela teoria da Tripla Hélice. No resto do mundo ninguém da bola para aquela bosta. Desculpa o palavreado. [...] Então, tem lá a escola, o governo, as empresas e isso ai, só de você juntar vai acontecer. Não vai acontecer! Não aconteceu, não foi assim! [...] Esse modelo é fracassado. Nós insistimos em continuar com eles. [...]

Só viveu porque o governo entrava com o subsídio. Agência de fomento para dar subsídio. Você já tem o projeto, eu quero por meu dinheiro, vamos ver se eu consigo um professor bobo

[...] Só funciona, se tiver fomento. Ou seja, dinheiro público. *Ah*, eu tenho uma pesquisinha que eu quero fazer, um desenvolvimento qualquer, então vamos lá ver se tem uma universidade que pode me ajudar a acessar uma verba da FINEP que é o banco que opera o dinheiro do FNCT (Fundo Nacional de Ciência e Tecnologia), *pro* Ministério da Ciência e Tecnologia. Vamos ver se a gente consegue uma encomenda do CNPq ou uma encomenda na Fapesp para fazer esse desenvolvimento conjunto usando algum fundo público.

[...] como esses fundos minguaram. Porque nós de 2013 para cá, nós andamos até 2010, que é um período que você teve um crescimento aqui do Parque, nós construímos esse prédio aqui, com dinheiro da Prefeitura, nós mudamos para cá em

2011, começamos essa escola em 2005 dentro do Parque, onde hoje está a UNESP, que não tem relação nenhuma com o Parque, muito pelo curso, pelo modelo muito fechado que a própria universidade adota, dos diversos conselhos, conselhos universitários

[...] o conselho universitário que escolheu o curso que temos aqui na UNESP, em engenharia ambiental, não escolheu pela sinergia com o Parque, mas para não ter competição com os outros campos. Ponto. E não se aproveitou de absolutamente nada.

[...] e as empresas quando vem para esse ecossistema, desenhado por nós lá nos anos 2000, elas vêm com o objetivo de [...] como eu arrumo, cadê o dinheiro grátis que me falaram

[...] Então, o que acabou acontecendo com os Parques Tecnológicos, viraram empreendimentos imobiliários. Ou seja, é simplesmente um polo ou um coworking com contrato de gestão de um imóvel público, operando de uma gestão de uma organização qualquer.

[...] o fato de você estar dentro de um Parque Tecnológico só ajuda em uma coisa: networking. Ou seja, é um ponto aonde você concentra algumas atividades que se você não tiver, você vai ter mais dificuldade de acessar. Então, vai ter lá uma agenda de eventos, é basicamente isso - o Parque Tecnológico resumiu a duas coisas: uma agenda de eventos e a um mercado de aluguel.

Talvez o que sobrou no meio ai foi aluno. Aluno, como uma pessoa que não está vinculado a universidade, que precisava de oportunidade, ia nesses eventos, o aluno encontrava e ai a mão de obra apareceu. Então, do ponto de vista de mão de obra, [...] de oportunidade para pessoas, isso aconteceu. Ou seja, se você for lá no Parque depois você vai ver que em todo lugar você vai encontrar aluno da FATEC lá. Porque está perto.

Os parques tecnológicos têm outro problema grave no Brasil. Onde é que eles vão fazer? no pasto. É um pasto tecnológico, você atropela algumas vacas para chegar aqui, tem umas cobrinhas do lado. Longe! A 40 minutos do centro da cidade, se você vier de ônibus dá duas horas, tem que pegar três ônibus, de acordo com o horário que tem.

Essa grande porcaria de política pública não funcionou. Gastamos horrores. 100% pago com dinheiro da FINEP. Mas é um grande negócio imobiliário. Público, gerido por contrato de gestão por uma iniciativa privada e orçamento basicamente para

pagar salário. E você tem assim uma pouca sinergia, além da possibilidade de ser m ponto de convergência. Só que pelo fato de estar longe, faltou um planejamento estratégico aí, afasta o povo de TI. O povo de TI quer vir de bicicleta, o povo de TI não quer ter carro. Ai já não chega aqui.

Um parque de TI tem que estar no centro da cidade[...]

Aonde você tem um custo de transação altíssimo porque o cara tem que se deslocar para cá.

Você tem o problema de conectividade. Nesse contexto as universidades não viram grandes vantagens. Um ou outro professor consegue se aproveitar de estar perto dessas... os alunos foram quem conseguiram, porque eles têm mais fluidez. O aluno não está preso nem a minha institucionalidade nem a institucionalidade da empresa. Ele está fluindo [...]

O que nós temos é graças aos alunos que não estão presos a nenhuma institucionalidade, esses caras é que dão vida ao projeto.

Estágio, emprego, as próprias agendas de eventos, ai eles fazem o networking que a universidade não é capaz de fazer, e que a indústria faz via RH. Então, nesse ponto de vista o parque ajudou. [...]

A tripla Hélice não funciona.

[30:42] O que ajudou foi que virou um projeto imobiliário e virou um ponto de agenda e os alunos foram os que mais conseguiram aproveitar. As empresas também, porque eles conseguiram pegar esses alunos. E a empresa tem algum ganha estando dentro do Parque? Tem, marginal. Só ganhos marginais,

<u>QUESTIONÁRIO 01</u>:

Questionário: plataforma Google Forms

Data da entrevista: 11/04/2023

Horário: 17h54

Identificação do Entrevistador: P

Identificação do Participante: CR

P: Qual a sua idade?

CR: 40.

P: Qual é seu estado civil?

CR: Casado.

P: Você possui filhos? Se sim, quantos?

CR: Sim, 1.

P: Você mora em São José dos Campos/SP?

CR: Não.

P: Em que cidade/estado você mora?

CR: Caçapava/SP.

P: Diga o motivo para você ter escolhido morar no seu bairro? Quais as vantagens e desvantagens que seu bairro possui? E como você desfruta dele?

CR: Custo de vida.

P: Com qual meio de transporte você se desloca de sua residência até o Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP (PqTec)?

CR: Carro próprio.

P: Qual o tempo que você gasta em média para esse deslocamento?

CR: 30 minutos.

P: Qual a sua formação? E onde você se formou?

CR: Desenvolvedor de Software. Fatec São José dos Campos.

P: Na empresa que você trabalha, qual o seu cargo? Quais as suas funções?

CR: ALTAVE - Desenvolvedor de Software

P: Há quanto tempo está na empresa? O que te motivou iniciar esse trabalho?

CR: 3 anos. Fui estagiário e efetivado posteriormente

P: Qual é o vínculo empregatício do seu trabalho?

CR: CLT.

P: Descreva um pouco da sua rotina de trabalho ao chegar no Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP.

CR: Vou para minha empresa, participo da rotina dela.

P: Você tem um horário de trabalho fixo? Qual é a sua carga horária de trabalho?

CR: 220 horas mensais.

P: Você é avaliado pelo seu trabalho? Como é essa avaliação?

CR: Sim, pelos meus gestores através de reuniões periódica.

P: Você utiliza técnicas para gerenciar seu tempo e seu desempenho? Se sim, qual técnica?

CR: Não.

P: O que você mais gosta e o que menos gosta no seu trabalho? Seu trabalho traz satisfação pessoal ou profissional?

CR: Gosto do que faço. Não gosto do parque tecnológico em si. Infelizmente a alimentação é cara e ruim. O acesso via transporte público é quase nulo. A internet é ridiculamente lenta. Garagem descoberta. Os banheiros são muito expostos. Os funcionários são todos legais e atenciosos.

P: Na sua opinião, quais são as principais contribuições que o Parque Tecnológico oferece aos seus usuários? Em questão de infraestrutura, capacitações e eventos, Networking, status?

CR: Acho que a ideia é boa, porém não é acessível. Temos funcionários de outras cidades, como Jacareí. É possível chegar ao parque tecnológico, saindo de Jacareí. O Networking é legal. Nunca participei de um evento, exceto a minha formatura. Fiquei interessado na orquestra, mas não pude ver. Talvez, seria interessante, uma apresentação numa segunda a tarde.

P: Você já fez cursos oferecidos pelo Parque Tecnológico ou participou de algum evento promovido pelo Parque? Se sim, que tipos de cursos ou eventos?

CR: Não.

P: Como é seu ambiente de trabalho? A empresa em que você trabalha oferece um espaço para trabalho? Esse espaço é compartilhado ou individual? Ou você trabalha em casa?

CR: Descontraído. Trabalho no modo híbrido, indo a empresa pelo menos 2 vezes por semana.

P: Quais são as infraestruturas que dão suporte as atividades de trabalho? Algumas dessas infraestruturas são oferecidas pelo Parque Tecnológico?

CR: Acho que a água [...]

P: Você utiliza os espaços do parque tecnológico? Se sim, quais espaços? E como você usufrui desses espaços? Apenas para o seu trabalho ou para um momento de descanso/pausa do trabalho?

CR: Sim, quando almoço no local.

P: Você sente falta de espaços, dentro do Parque Tecnológico, voltados ao lazer e ao descanso?

CR: Sim.

P: Relatar seu cotidiano no parque:

CR: Normalmente chego e tem fila para entrar, estaciono no estacionamento detrás do parque. Quando vou almoçar, tenho algumas opções: Um restaurante de massas com porções pequenas e preços desagradáveis. Um restaurante no segundo andar, com um PF. Uma lanchonete no segundo andar, com hamburgueres que também não são bons. Esses 3 são do mesmo dono. Eu acho estranho. Tem também um vegano que nunca fui. As vezes vou até o Eugenio de Mello e almoço por lá. Ou peço IFood, mas poucos entregam lá. Após o almoço, normalmente pego algo na máquina de autoatendimento da entrada. Ao escovar os dentes é constrangedor, visto que enquanto você escova, outros utilizam os sanitários. Poderia haver uma música ambiente. Saio, pego a Dutra engarrafada e fim.

P: Como você projeta o seu futuro profissional? Quais são as suas expectativas futuras pensando na construção de sua carreira?

CR: Indo cada vez menos ao parque tecnológico.

<u>QUESTIONÁRIO 02</u>:

Questionário: plataforma Google Forms
Data da entrevista: 12/04/2023
Horário: 17h50
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: RP

P: Qual a sua idade?

RP: 27.

P: Qual é seu estado civil?

RP: Solteiro.

P: Você possui filhos? Se sim, quantos?

RP: Não.

P: Você mora em São José dos Campos/SP?

RP: Sim.

P: Há quanto tempo mora em São José dos Campos/SP? E qual o seu bairro?

RP: 23 anos. Jardim Morumbi.

P: Caso você tenha se mudado de outro município para São José dos Campos/SP, diga o motivo que levou essa escolha? Ou seja, o que motivou morar em São José dos Campos/SP?

RP: Meus pais procurando melhores oportunidades para criação da família.

P: Diga o motivo para você ter escolhido morar no seu bairro? Quais as vantagens e desvantagens que seu bairro possui? E como você desfruta dele?

RP: Vim quando criança, então não tive escolha. Vantagens: Bairro bem localizado na zona sul, com boas áreas de comércio e shopping sendo criado Desvantagens: Escolas não tão boas, criminalidade e tráfico.

P: Com qual meio de transporte você se desloca de sua residência até o Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP (PqTec)?

RP: Carona de trabalhadores do Pq Tec.

P: Qual o tempo que você gasta em média para esse deslocamento?

RP: 20-30 min.

P: Qual a sua formação? E onde você se formou?

RP: Ensino superior em curso. ICT Unifesp.

P: Na empresa que você trabalha, qual o seu cargo? Quais as suas funções?

RP: Desenvolvedor de software Jr. Atribuições: Desenvolver o produto "Autaza Paint" e tomar conta de todo ciclo de produção na medida do possível.

P: Há quanto tempo está na empresa? O que te motivou iniciar esse trabalho?

RP: Novas oportunidades e utilizar o conhecimento da faculdade.

P: Qual é o vínculo empregatício do seu trabalho?

RP: CLT.

P: Descreva um pouco da sua rotina de trabalho ao chegar no Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP.

RP: Cumprimentar toda equipe e logo começar a revisão de tarefas do dia e buscar um café ou algo para comer (se houver fome) no *e-coffee* ou na conveniência logo a frente da empresa.

P: Você tem um horário de trabalho fixo? Qual é a sua carga horária de trabalho?

RP: Horário flexível. Entrada: 8 – 9 / Saída: 17 – 18.

P: Você é avaliado pelo seu trabalho? Como é essa avaliação?

RP: A avaliação deixou de ocorrer, mas antes ocorria. Há uma entrevista 1x1 com o supervisor do setor, o qual já realizou uma análise e o colaborador que é entrevistado deve dizer se a análise está condizente ou não.

P: Você utiliza técnicas para gerenciar seu tempo e seu desempenho? Se sim, qual técnica?

RP: Utilizo do método dividir para conquistar. Isso significa que, destrincho as tarefas em várias e vou realizando aos poucos.

P: O que você mais gosta e o que menos gosta no seu trabalho? Seu trabalho traz satisfação pessoal ou profissional?

RP: Gosto muito da liberdade de horários e da possibilidade de atuar em várias frentes do projeto, ganhando protagonismo. Não gosto do trajeto e da necessidade de ir presencial obrigatoriamente por 3 dias, mesmo que as tarefas possam ser realizadas via home office (2 dias da semana).

P: Na sua opinião, quais são as principais contribuições que o Parque Tecnológico oferece aos seus usuários? Em questão de infraestrutura, capacitações e eventos, Networking, status?

RP: Na maior parte é a estrutura e possibilidade de ideias serem concretizadas, pois as pessoas que visitam podem ser inspiradas por novas ideias e também construírem novos negócios ou seguirem.

P: Você já fez cursos oferecidos pelo Parque Tecnológico ou participou de algum evento promovido pelo Parque? Se sim, que tipos de cursos ou eventos?

RP: Não.

P: Como é seu ambiente de trabalho? A empresa em que você trabalha oferece um espaço para trabalho? Esse espaço é compartilhado ou individual? Ou você trabalha em casa?

RP: Oferece espaço compartilhado e 2 dias de home office.

P: Quais são as infraestruturas que dão suporte as atividades de trabalho? Algumas dessas infraestruturas são oferecidas pelo Parque Tecnológico?

RP: Não.

P: Você utiliza os espaços do parque tecnológico? Se sim, quais espaços? E como você usufrui desses espaços? Apenas para o seu trabalho ou para um momento de descanso/pausa do trabalho?

RP: Banheiros, salas de reunião, refeitórios, restaurantes e cafeteria, os minimercados, áreas de entretenimento.

P: Você sente falta de espaços, dentro do Parque Tecnológico, voltados ao lazer e ao descanso?

RP: Não.

P: Relatar seu cotidiano no parque:

RP: Chegar cedo, ir trabalhar, almoçar no refeitório e ir embora.

P: Como você projeta o seu futuro profissional? Quais são as suas expectativas futuras pensando na construção de sua carreira?

RP: Consolidar conhecimentos na empresa do Parque Tecnológico com intuito de esgotar todas as possibilidades de expansão que a dada tecnologia pode me proporcionar. Após isso, dedicar-se ao controle de qualidade e manter "a roda girando" de forma menos direta na produção do produto. No longo prazo, migrar para o freelance de desenvolvimento de software integralmente.

QUESTIONÁRIO 03:

Questionário: plataforma Google Forms
Data da entrevista: 16/04/2023
Horário: 09h20
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: YV

P: Qual a sua idade?

YV: 30.

P: Qual é seu estado civil?

YV: Solteiro.

P: Você possui filhos? Se sim, quantos?

YV: Não.

P: Você mora em São José dos Campos/SP?

YV: Sim.

P: Há quanto tempo mora em São José dos Campos/SP? E qual o seu bairro?

YV: 30 anos. Jardim América.

P: Diga o motivo para você ter escolhido morar no seu bairro? Quais as vantagens e desvantagens que seu bairro possui? E como você desfruta dele?

YV: Proximidade e facilidade de deslocamento para demais regiões da cidade, qualidade de vida boa com custo mais baixo do que outros bairros tradicionais, boas opções de lazer e alimentação.

P: Com qual meio de transporte você se desloca de sua residência até o Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP (PqTec)?

YV: Carro próprio.

P: Qual o tempo que você gasta em média para esse deslocamento?

YV: 40 minutos.

P: Qual a sua formação? E onde você se formou?

YV: Mestrado em Ciência da Computação. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

P: Na empresa que você trabalha, qual o seu cargo? Quais as suas funções?

YV: Desenvolvedor de Software e Líder Técnico. Auxiliar a equipe no desenvolvimento de novas soluções, buscar e sugerir novas tecnologias, resolver problemas e desafios técnicos, implementar melhorias de performance e qualidade dos produtos.

P: Há quanto tempo está na empresa? O que te motivou iniciar esse trabalho?

YV: 4 anos. Oportunidade de colocar em prática conceitos vistos nos cursos de graduação e pós em uma empresa que vinha crescendo e desenvolvendo novos produtos voltados para visão computacional.

P: Qual é o vínculo empregatício do seu trabalho?

YV: CLT.

P: Descreva um pouco da sua rotina de trabalho ao chegar no Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP.

YV: Ao chegar na empresa faço um alinhamento rápido com outros desenvolvedores com quem trabalho, atualizando a todos sobre o andamento das tarefas. Então, tenho algumas horas de foco para executar a tarefa, geralmente sozinho. Tenho 1 hora de almoço e aproveito para descontrair com colegas de trabalho. Retorno do almoço e tenho mais algumas horas de foco e fecho o dia com mais um alinhamento apresentando resultados e discutindo próximos passos para o dia seguinte.

P: Você tem um horário de trabalho fixo? Qual é a sua carga horária de trabalho?

YV: Sim (8h - 17h). 40 horas semanais.

P: Você é avaliado pelo seu trabalho? Como é essa avaliação?

YV: Esporadicamente. Recebo feedback em algumas das reuniões de alinhamento com a equipe.

P: Você utiliza técnicas para gerenciar seu tempo e seu desempenho? Se sim, qual técnica?

YV: Organização de tarefas na agenda, com horários definidos e tempos de descanso e mudança de contexto entre eles.

P: O que você mais gosta e o que menos gosta no seu trabalho? Seu trabalho traz satisfação pessoal ou profissional?

YV: Gosto da possibilidade de trabalhar interagindo com outras pessoas e criando soluções inovadoras, pesquisando e aprendendo constantemente. Por ser uma startup, o salário é mais baixo do que a média de outras empresas maiores, e o suporte ao trabalho remoto ainda não é bem estruturado.

P: Na sua opinião, quais são as principais contribuições que o Parque Tecnológico oferece aos seus usuários? Em questão de infraestrutura, capacitações e eventos, Networking, status?

YV: A infraestrutura que o parque oferece às empresas é muito boa, com pontos de alimentação, estacionamento, áreas de descontração. Eventos são muito interessantes para o aprendizado e criação de novos contatos, gerando interatividade entre colaboradores e empresas dentro e fora do parque. Por ser um dos parques tecnológicos mais bem conceituados no país, é um diferencial trabalhar em uma empresa dentro dele.

P: Você já fez cursos oferecidos pelo Parque Tecnológico ou participou de algum evento promovido pelo Parque? Se sim, que tipos de cursos ou eventos?

YV: Participei de feiras de tecnologia onde empresas demonstram produtos inovadores e suas aplicações na indústria.

P: Como é seu ambiente de trabalho? A empresa em que você trabalha oferece um espaço para trabalho? Esse espaço é compartilhado ou individual? Ou você trabalha em casa?

YV: Trabalho presencial todos os dias. A empresa oferece um ambiente compartilhado onde todos os desenvolvedores podem colaborar e interagir. Também existe um laboratório com equipamentos e ferramentas para o desenvolvimento de hardware e testes de integração.

P: Quais são as infraestruturas que dão suporte as atividades de trabalho? Algumas dessas infraestruturas são oferecidas pelo Parque Tecnológico?

YV: Estacionamento, praça de alimentação, internet, espaço físico para escritório e laboratório são oferecidos pelo parque.

P: Você utiliza os espaços do parque tecnológico? Se sim, quais espaços? E como você usufrui desses espaços? Apenas para o seu trabalho ou para um momento de descanso/pausa do trabalho?

YV: Sim. Salas de reunião, cafeteria, áreas de lazer, laboratórios. Uso para trabalho e descanso.

P: Você sente falta de espaços, dentro do Parque Tecnológico, voltados ao lazer e ao descanso?

YV: Sim. Poderia existir mais espaços para descanso e relaxamento, praças arborizadas, um parque para contato mais próximo à natureza, mais cafeterias e lanchonetes, quadras de esportes.

QUESTIONÁRIO 04:

Questionário: plataforma Google Forms
Data da entrevista: 11/07/2023
Horário: 12h24
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: MC

P: Qual a sua idade?

MC: 36.

P: Qual é seu estado civil?

MC: União estável.

P: Você possui filhos? Se sim, quantos?

MC: Sim, 1.

P: Você mora em São José dos Campos/SP?

MC: Sim.

P: Há quanto tempo mora em São José dos Campos/SP? E qual o seu bairro?

MC: 5 anos. Vila Ema.

P: Caso você tenha se mudado de outro município para São José dos Campos/SP, diga o motivo que levou essa escolha?

MC: Meu companheiro é servidor público e foi transferido para São José dos Campos.

P: Diga o motivo para você ter escolhido morar no seu bairro?

MC: Localização e ótima oportunidade para a locação do imóvel.

P: Quais as vantagens e desvantagens que seu bairro possui?

MC: Vantagens: proximidade de comércio, lazer, vias rápidas de transporte, escola Desvantagens: restrito a estacionamento pago na maioria dos locais.

P: E como você desfruta dele?

MC: Shopping e passeios com o cachorro na rua.

P: Com qual meio de transporte você se desloca de sua residência até o Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP (PqTec)?

MC: Carro próprio.

P: Qual o tempo que você gasta em média para esse deslocamento?

MC: 20 minutos.

P: Durante o deslocamento de sua residência até o Parque Tecnológico, você tem dificuldades no trajeto? Se sim, relate algumas dessas dificuldades. Por exemplo: poucas vias de acesso ao parque? Vias congestionadas? Transporte público ineficiente?

MC: Frequentemente a via Dutra está congestionada.

P: Qual a sua formação? E onde você se formou?

MC: Engenharia Agronômica. Universidade Federal de Viçosa.

P: Na empresa que você trabalha, qual o seu cargo? Quais as suas funções?

MC: Analista de gestão de negócios. Apoiar na gestão de eventos e visitas; construção de relacionamento com empresas e instituições dos programas do PqTec (interno e externo); gerar e gerir documentos que caracterizam requisitos e políticas do departamento; auxiliar nas ações estratégicas dos programas do departamento.

P: Há quanto tempo está na empresa?

MC: 3 meses.

P: O que te motivou iniciar esse trabalho?

MC: Oportunidade de progressão de carreira e atuar com empreendedorismo e inovação.

P: Qual é o vínculo empregatício do seu trabalho?

MC: CLT.

P: Descreva um pouco da sua rotina de trabalho ao chegar no Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP.

MC: Organizar a agenda do dia, responder demandas (e-mail e WhatsApp), participar de reuniões, gerar e gerir documentos, estabelecer estratégias para construção de relacionamento com empresas e instituições.

P: Você tem um horário de trabalho fixo? Qual é a sua carga horária de trabalho?

MC: Sim. 40 horas semanais.

P: O que você mais gosta e o que menos gosta no seu trabalho? Seu trabalho traz satisfação pessoal ou profissional?

MC: Mais gosto: construir relacionamento com empresas e instituições, prospectar novas parcerias, conhecer novas tecnologias, elaborar projetos. Menos gosto: lidar com fornecedores de eventos, fazer relatórios. Meu trabalho me traz satisfação pessoal e profissional.

P: Na sua opinião, quais são as principais contribuições que o Parque Tecnológico oferece aos seus usuários? Em questão de infraestrutura, capacitações e eventos, Networking, status?

MC: Networking, capacitação e eventos.

P: Você já fez cursos oferecidos pelo Parque Tecnológico ou participou de algum evento promovido pelo Parque? Se sim, que tipos de cursos ou eventos?

MC: Sim. Workshops, fóruns, feiras, rodadas de negócio, exposições etc.

P: Como é seu ambiente de trabalho? A empresa em que você trabalha oferece um espaço para trabalho? Esse espaço é compartilhado ou individual? Ou você trabalha em casa?

MC: O espaço de trabalho é compartilhado, com mesas individuais e temos a opção de trabalhar em casa em alguns dias da semana.

P: Quais são as infraestruturas que dão suporte as atividades de trabalho? Algumas dessas infraestruturas são oferecidas pelo Parque Tecnológico?

MC: Todas as infraestruturas que dão suporte às atividades de trabalho são oferecidas pelo PqTec: salas, computador, internet, luz, telefone, impressora.

P: Você utiliza os espaços do parque tecnológico? Se sim, quais espaços? E como você usufrui desses espaços? Apenas para o seu trabalho ou para um momento de descanso/pausa do trabalho?

MC: Sim. Restaurantes, café, salas de reunião. Tanto para trabalho quanto para descanso/pausa.

P: Você sente falta de espaços, dentro do Parque Tecnológico, voltados ao lazer e ao descanso?

MC: Não.

P: Relatar seu cotidiano no parque:

MC: Bato ponto, pego café e água, ligo o computador, começo o trabalho, saio para o almoço, dou uma volta após o almoço, pego outro café, escovo os dentes, volto ao trabalho, bato ponto e volto para casa.

P: Como você projeta o seu futuro profissional? Quais são as suas expectativas futuras pensando na construção de sua carreira?

MC: Projeto meu futuro dentro do Parque Tecnológico, liderando uma equipe e construindo muitas conexões para as empresas e instituições vinculadas ao PqTec.

QUESTIONÁRIO 05:

Questionário: plataforma Google Forms
Data da entrevista: 18/07/2023
Horário: 08h18
Identificação do Entrevistador: P
Identificação do Participante: MA

P: Qual a sua idade?

MA: 26.

P: Qual o seu estado civil?

MA: Solteiro.

P: Você possui filhos?

MA: Não.

P: Você mora em São José dos Campos/SP?

MA: Sim.

P: Há quanto tempo mora na cidade? E qual o seu bairro?

MA: 26 anos.

P: Quais as vantagens e desvantagens que seu bairro possui?

MA: Vantagens: fácil acesso a avenidas principais como a Dutra, centro da cidade, bairro plano, shoppings perto, supermercados pertos, escolas. Desvantagens: muitos semáforos e por conta de escolas nos períodos de pico há trânsito.

P: E como você desfruta do seu bairro?

MA: Uso as praças públicas, e eventos que acontecem sazonalmente.

P: Com qual meio de transporte você se desloca de sua residência até o Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP (PqTec)?

MA: Carro, app de transporte ou carona.

P: Qual o tempo que você gasta em média para esse deslocamento (residência-parque)?

MA: 25 ~ 35 minutos.

P: Durante o deslocamento de sua residência até o Parque Tecnológico, você tem dificuldades no trajeto? Se sim, relate algumas dessas dificuldades. Por exemplo: poucas vias de acesso ao parque? Vias congestionadas? Transporte público ineficiente?

MA: Vias congestionadas, o transporte público é muito difícil e muito demorado, não há uma rota eficiente.

P: Qual a sua formação? E onde você se formou?

MA: Bacharel Administração - ETEP. MBA Agronegócio - Anhanguera.

P: Na empresa que você trabalha, qual o seu cargo? Quais as suas funções?

MA: Analista de projetos.

P: Há quanto tempo está na empresa?

MA: 1 ano e 8 meses.

P: O que te motivou iniciar esse trabalho?

MA: O ambiente.

P: Qual é o vínculo empregatício do seu trabalho?

MA: CLT.

P: Você é avaliado(a) pelo seu trabalho? Se sim, como é essa avaliação?

MA: Sim, constantemente. Entrega de resultados.

P: Descreva um pouco da sua rotina de trabalho ao chegar no Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP?

MA: Chego ligo meu computador, vejo meus e-mails e respondo. Pego um café e retorno as atividades que posso ter deixado pendente no dia anterior.

P: Você tem um horário de trabalho fixo? Qual é a sua carga horária de trabalho?

MA: Não, horário flexível.

P: Você utiliza alguma técnica de gerenciamento de tempo, para melhorar seu desempenho? Se sim, qual?

MA: Utilizo algumas ferramentas para organizar minhas demandas de trabalho. Por exemplo, Trello e o tarefas do Gmail.

P: O que você mais gosta e o que menos gosta no seu trabalho? Seu trabalho traz satisfação pessoal ou profissional?

MA: Gosto do ambiente e pessoas. O trajeto para vir kk. Traz sim!

P: O que você acha da localização do Parque Tecnológico de São José dos Campo no município?

MA: Distante demais da cidade, muitas pessoas não conhecem.

P: Na sua opinião, quais são as principais contribuições que o Parque Tecnológico oferece aos seus usuários? Em questão de infraestrutura, capacitações e eventos, Networking, status?

MA: Acho que tudo, é como se fosse um combo, as capacitações e eventos contam com nossa infraestrutura e equipamentos que resultam nas conexões, networking

P: Você já fez cursos oferecidos pelo Parque Tecnológico ou participou de algum evento promovido pelo Parque? Se sim, que tipos de cursos ou eventos?

MA: Sim, em parceria com SEBRAE. EMPRETEC. Além de outros diversos.

P: Você procura se capacitar e qualificar? De que forma busca melhorar seu desempenho no trabalho?

MA: Sim, me atualizo sempre com notícias, busco estar em eventos que possam me dar outras visões e me capacito com cursos.

P: Como é seu ambiente de trabalho? A empresa em que você trabalha oferece um espaço para trabalho? Esse espaço é compartilhado ou individual? Ou você trabalha em casa?

MA: Sim, compartilhado.

P: Quais são as infraestruturas que dão suporte as atividades de trabalho? Algumas dessas infraestruturas são oferecidas pelo Parque Tecnológico?

MA: Todo equipamento é fornecido pelo parque.

P: Você sente falta de espaços, dentro do Parque Tecnológico, voltados ao lazer e ao descanso?

MA: Sim, mais áreas de descompressão.

P: Como você projeta o seu futuro profissional? Quais são as suas expectativas futuras pensando na construção de sua carreira?

MA: Me capacitar mais, e continuar mostrando resultados.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÕES DOS MATERIAIS AUDIOVISUAIS DAS REDES SOCIAIS DO PQTEC

TRANSCRIÇÃO VÍDEO 01:

Nome do vídeo: Cidade Tecnológica - Exto | 2019
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z56xizpswHU> **Acessado em:** 28/07/2023
Duração do vídeo: 03min 51s
Número de visualizações: 2,2 mil
Versão do vídeo com legenda em inglês:
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vpg2uG2EF6I> Acessado em:28/07/2023
Número de visualizações: 74
Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Data da transcrição: 28/07/2023

[00:00] Roberto Matos (Presidente da Exto)
A Exto resolveu investir em um loteamento especificamente a Cidade Tecnológica, primeiro pelo impacto que nós tivemos na primeira visita ao local. O local é fantástico! O que nós entendemos: ali falta realmente um espaço aglutinador.

[00:23] Marco Antonio Raupp (Diretor Geral do PqTec)
Pra inovação é fundamental a interação entre as pessoas. Nós queremos que a academia influencie a empresa, a empresa influencie a academia e etc. Então, dessa tem que estar junto, tem que ter contato humano! Para as pessoas trocarem experiência.

[00:39] Mauro Dias (Diretor de Obras e Engenharia da Exto)
Então a gente quer levar pra Cidade Tecnológica um ambiente mais humano, é mais agradável, com sustentabilidade, com áreas de lazer. A gente quer que as pessoas fiquem ali, que elas possam morar, ter família. Porque a Cidade Tecnológica permite isso! Então, a gente quer implantar Coworking, a gente quer trazer vida para aquilo.

[00:57] Ney Pasqualini (Presidente da Winnstal)
A Cidade Tecnológica vai trazer um ambiente mais favorável, tanto é que nós já adquirimos uma área na Cidade Tecnológica. A gente não pensou duas vezes. Nada melhor do que estar próximo da onde está o setor do desenvolvimento da tecnologia. E onde você pode ser mais competitivo, inclusive no mercado internacional.

[01:16] Domingues Pires (P3Urb Engenharia)

Então, não adianta eu fazer um loteamento e falar: “vai funcionar aqui!”. Não! O loteamento vai funcionar, ele vai ser um grande sucesso, porque ele é extensão do Parque. O Parque cresceu já de tal forma que ele precisa cair para algum lugar, precisa explodir para algum lugar. Ele vai explodir para dentro da Cidade Tecnológica.

[01:33] Alexandre Barros (Gestor de empreendedorismo e inovação do PqTec)

Antes elas pediam apenas um banco para sentar, agora as pessoas pedem mais coisas. Elas querem mais opções de alimentação, elas querem viver aqui, estudar aqui.

[01:44] Diego Ramos (Fundador da TecSUS)

Eu acho que seria o casamento perfeito entre um Parque Tecnológico, onde você tem as empresas, as tecnologias, e uma Cidade Tecnológica, você conseguiria aplicar essas tecnologias que a gente está desenvolvendo aqui.

[01:55] Roberto Matos (Presidente da Exto)

Essas empresas são incubadas, outras já têm uma posição um pouco maiores, elas necessitam de um espaço muito maior e a Cidade Tecnológica, ela está geograficamente no terreno mais próximo que tem aqui dentro do Parque.

[02:10] Ricardo Leite (P3Urb Engenharia)

Eu acho que essa localização ela vai permitir também que as empresas tenham acesso aos outros mercados mundiais, tanto exportando produtos de base tecnológica quanto também recebendo tecnologias de outros países, *né*.

[02:25] Cesar Mello (Proprietário da Innovact)

Estar na Cidade Tecnológica, significa estar em um território de excelência, significa você ter acesso a excelência, mão de obra qualificada, sinergia tecnológica, capacidade laboratorial, ou seja, significa que você tem projeção global.

[02:44] Domingues Pires (P3Urb Engenharia)

A importância disso é como você atrai um cérebro da Rússia ou dos Estados Unidos ou de Londres ou de Singapura, ele vai chegar, vai estar em um lugar inóspito e ele não sabe nem, nem, não consegue nem ir para a cidade e nem morar. Então, a Cidade Tecnológica vai acomodar tudo isso. Acomodar essas pessoas que vão lá atrás de um trabalho que já existe!

[03:03] Cesar Mello (Proprietário da Innovact)

Eu imagino que a Cidade Tecnológica, ela seja um embrião de vários outros territórios que podem ser implantados pelo Brasil.

[03:13] Mauro Dias (Diretor de Obras e Engenharia da Exto)

As cidades vão querer replicar isso, porque é uma necessidade, não tem lugar para você desenvolver tecnologia e novas tecnologias, novas empresas ao não ser linkada com o Parque Tecnológico.

[03:23] Roberto Matos (Presidente da Exto)

Nós entendemos que a Cidade Tecnológica é um futuro complemento necessário do Parque Tecnológico. E basicamente e vai ser muito interligado no uso do dia a dia entre as empresas que ali convivem. Nós não vemos outra alternativa pro Parque Tecnológico, senão a própria Cidade Tecnológica.

TRANSCRIÇÃO VÍDEO 02:

Nome do vídeo: Cidade Tecnológica - Exto | Projeto
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vywLtcvPIGE&t=1s> **Acessado em:** 28/07/2023
Duração do vídeo: 03min 34s
Número de visualizações: 574
Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Data da transcrição: 28/07/2023

[00:00] Legenda - Parque Tecnológico de São José dos Campos: projeto imobiliário estruturado como ambiente de inovação que reúne academia empreendedora, o setor produtivo e o governo.

Realiza negócios, pesquisa e desenvolvimento por meio de atividades focadas em ciência, tecnologia e inovação.

[00:13] Marco Antonio Raupp (Diretor Geral do PqTec)

O Parque Tecnológico foi criado em 2006, foi a primeira iniciativa na prefeitura municipal de São José dos Campos a estimular o desenvolvimento econômico da região, desenvolvimento econômico, social, em termos do que se entende pela nova economia, que é a Economia do Conhecimento.

[00:30] Cesar Mello (Proprietário da Innovact)

O Parque Tecnológico foi criado por uma necessidade de se desenvolver um centro estratégico dos setores que a cidade de São José dos Campos que apresenta, em especial o setor do aeroespacial.

[00:42] Marco Antonio Raupp (Diretor Geral do PqTec)

No final de 2016, nós tínhamos aqui 70 empresas residentes, hoje temos 145 (2019). Nós temos quase 2 mil empregos direto

[00:51] Alexandre Barros (Gestor de empreendedorismo e inovação do PqTec)

É um programa com foco em empreendedorismo, mas principalmente em aplicar tecnologias em negócios. Por isso que o Parque é constituído não só por empresas, mas também por instituições e principalmente por universidades.

[01:06] Marco Antonio Raupp (Diretor Geral do PqTec)

É um ambiente de inovação e empreendedorismo. Ele contempla tecnologia e mercado simultaneamente.

[01:11] Alexandre Barros (Gestor de empreendedorismo e inovação do PqTec)

Então, eu tenho projetos de saúde que tem um outro vizinho que é de realidade virtual, que do lado é a indústria 4.0. A empresa no corredor de trás tem uma solução para a área química. Então, eu acho que isso é um dos grandes fatores que atrai o ambiente do Parque, por ele ser multisetorial.

[01:30] Marcelo Nunes (Coordenador dos APLs do PqTec)

Aqui dentro nós temos os Arranjos Produtivos Locais. Esses arranjos produtivos tem como principal objetivo preparar as empresas com relação a sua maturidade, seja em gestão, em processos e mercado principalmente porque o que nós queremos são negócios.

[01:47] Diego Ramos (Fundador da TecSUS)

Nós somos técnicos, a gente tem as ideias, *né*. Mas a gente não tem uma formação de empreendedor, de profissional, de gestor, *né*. Então, esse apoio do Parque Tecnológico e da Nexus, *né*, esses programas de incubação são importantes para isso, para você desenvolver essas outras habilidades que você acaba não tendo, *né*.

[02:07] Legenda – Nexus: incubadora que apoia o ciclo completo das startups dentro do Parque Tecnológico, da gestação à conquista e ida ao mercado.

[02:11] Marco Antonio Raupp (Diretor Geral do PqTec)

Veja que aqui nós atuamos em várias fases de desenvolvimento de uma empresa, desde a incubação de novas empresas, geração, produção de novas empresas até o desenvolvimento da competitividade de empresas que sejam importantes para o desenvolvimento da região, desenvolvimento econômico. Quando a gente fala de desenvolvimento econômico da região é um desenvolvimento que atinge níveis que possibilitem as empresas daqui competirem globalmente, no mercado global.

[02:37] Alexandre Barros (Gestor de empreendedorismo e inovação do PqTec)

São José dos Campos tem um ecossistema forte de inovação e empreendedorismo, também pelo DNA da cidade, mas eu acho que é cada vez mais importante você pensar regional, mas também nacional e principalmente internacional, *né*.

[02:57] Alexandre Barros (Gestor de empreendedorismo e inovação do PqTec)
As universidades elas têm um papel extremamente importante nesse ecossistema de inovação. Não só por criarem tecnologias, mas também por formar mão de obra cada vez mais qualificada.
[03:10] Diego Ramos (Fundador da TecSUS)
Então, você tem apoio de pesquisa, iniciação científica, alunos para fazer alguns trabalhos de graduação e isso é muito importante. Você vai tendo um ambiente colaborativo, *né*, que ajuda a crescer e desenvolver os negócios.
[03:22] Marco Antonio Raupp (Diretor Geral do PqTec)
Essa é a ideia de um parque tecnológico, é um ambiente cooperativo.

TRANSCRIÇÃO VÍDEO 03:

Nome do vídeo: Projeto Mobilidade, parceria Parque Tecnológico de São José dos Campos e Toyota Mobility
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8UtiSh4_tFk> **Acessado em:** 28/07/2023
Duração do vídeo: 03min 18s
Número de visualizações: 18 visualizações
Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Data da transcrição: 28/07/2023

[00:00] Repórter: Um projeto desenvolvido no Parque Tecnológico em parceria com a iniciativa privada vai desenvolver soluções de mobilidade. Acompanhe a reportagem.
[00:12] Legenda: Tecnologia e inovação
[00: Narrador - Israel Goldenstein: Cada vez mais a tecnologia facilita a vida das pessoas entre os setores que mais se destaca está o deslocamento. Pensando nisso o Parque Tecnológico de São José dos Campos lançou o projeto de mobilidade para identificar demandas de quem estuda e trabalha na região, com soluções de curto, longo e médio prazo.
[**00:35] Legenda:** Mobilidade – Projeto no PqTec estuda soluções para a região.
[00:35] Marcelo Fernando Carvalho (Coordenador do escritório de projetos):
A primeira etapa do projeto que é essa que a gente *tá*: é uma pesquisa que nós fizemos para entender o ambiente, *né*, como é que a gente, qual é o comportamento da mobilidade das pessoas. E os próximos passos que serão fruto desse

entendimento da pesquisa tendem a ser aplicativos, soluções inovadoras pra mobilidade.

[00:52] Narrador - Israel Goldenstein: Hoje cerca de 14 mil pessoas transitam diariamente de outras regiões de São José dos Campos e também de outras cidades para o Distrito de Eugênio de Mello, onde fica o Parque Tecnológico, e também outras empresas como: EMBRAER e Erickson. A 14 quilômetros do centro de São José o distrito tem dificuldades como tráfego intenso pela rodovia Presidente Dutra, além de poucas opções no transporte coletivo.

[01:18] Marcelo Fernando Carvalho (Coordenador do escritório de projetos): Uma pessoa que vai do Parque para o Center Valle, a outra vai para o Carrefour, boa parte do caminho é parecido, então

TRANSCRIÇÃO VÍDEO 04:

Nome do vídeo: O PqTec São José dos Campos está aberto para te receber!
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SsrwWgKYG4A> **Acessado em:** 08/02/2023
Duração do vídeo: 02min 34s
Número de visualizações: 181 visualizações
Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues
Data da transcrição: 08/02/2023

[00:00] Narrador: Quem passa pela rodovia presidente Dutra, uma das mais movimentadas do país, já deve ter ficado curioso em saber o que tem dentro desse espaço. De fora, logo de cara a arquitetura moderna do Parque Tecnológico de São José dos Campos chama a atenção. A novidade deste ano, é que agora dá pra matar essa curiosidade. A população tem a oportunidade de conhecer as instalações do principal polo de inovação e desenvolvimento da região.

[00:27] Marcelo Nunes (Diretor Geral do Parque Tecnológico): O parque tecnológico não é só um ambiente onde as empresas se instalam, é um ambiente onde você tem a solução dos seus problemas. Então, o empresário aqui da nossa região, da nossa cidade precisa entender que precisam vir até o Parque Tecnológico para conhecer essas inovações. Então, o que a gente quer fazer é mostrar para nossa comunidade de São José e da nossa região de que isso também é necessário para eles, vir até o parque, conhecer novas soluções e implementar isso na sua empresa.

[01:00] Narrador: A PqTec OPEN é uma iniciativa gratuita e aproxima ainda mais o Parque da população. As visitas agendadas duram quase uma hora. A Gabriela é a responsável pelo *tour*.

[01:12] Gabriela Helen Teixeira (Eventos PqTec SJCampos): O intuito das pessoas, é [...] desde conhecer as estruturas do Parque, *né*, hoje a gente tem [...] o Parque é um dos cartões postais de São José dos Campos, até buscar soluções para as suas empresas, também conhecer as nossas incubadoras, nosso Hub de inovação. Então, nós temos soluções para todos os tipos de pessoas e de públicos.

[01:32] Narrador: Dentro do Parque as pessoas podem conhecer auditórios, laboratórios, centros empresariais e além do Nexus, a incubadora e aceleradora de startups. Uma oportunidade para quem também quer ter contato com as mais de 150 empresas e startups de inovação instaladas aqui. E a iniciativa deu tão certo que nos últimos 3 meses o Parque Tecnológico recebeu quase 200 visitantes: 42 deles foram representantes de governos e prefeituras do país, além de responsáveis por outros parques tecnológicos e universidades.

[02:06] Marcelo Nunes (Diretor Geral do Parque Tecnológico): Quem está buscando essa oportunidade de trabalho, primeiro pode encontrar no parque, através do próprio portal do Parque Tecnológico (pqtec.org.br) pode encontrar um caminho para a sua recolocação através das 150 empresas que estão instaladas aqui no parque tecnológico, assim como podem se interessar e conhecer uma empresa e se inspirar para ter a sua própria empresa.

<u>TRANSCRIÇÃO VÍDEO 05</u>:

Nome do vídeo: Alexandre Barros, head do Nexus hub de inovação do Parque Tecnológico de São José dos Campos

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xAZJsRgPB8I> **Acessado em:** 08/02/2023

Duração do vídeo: 18min 24s

Número de visualizações: 66 visualizações

Transcrito por: Giovana de Carvalho Marchesin Rodrigues

Data da transcrição: 10/02/2023

[00:00] Entrevistador 01: E nós temos o prazer hoje de receber Alexandre Barros, Head do Nexus – hub de inovação do Parque Tecnológico de São José dos Campos, que tem aí uma coisa bem legal o Nexus Summit, que tá chegando ai, um evento oficial do Nexus que vai acontecer 29 e 30 de agosto no centro de eventos da Parque

Tecnológico. Pedro, Alexandre seja muito bem-vindo, e é engraçado que isso ai tem um monte de nomes em inglês que acabam confundindo um pouco, mas especificamente nós temos aqui o Parque Tecnológico considerado um dos maiores complexos de inovação e empreendedorismo do Brasil, que agora traz isso ai. A gente queria que você falasse exatamente o que é isso que vai ser esse evento maravilhoso ai.

[00:54] Alexandre Barros (Head do Nexus Hub): Ótimo. Primeiro bom a todos e obrigada pelo convite e poder divulgar um pouco desse trabalho que a gente faz dentro da Parque Tecnológico, que sim é um dos maiores Hubs de inovação do país. Hoje são mais de 140 startups e empresas instaladas dentro do Parque, são 2 mil pessoas, mais 4 mil estudantes dentro do complexo do Parque. Então, ele vem crescendo a cada ano. E o Nexus, o Hub de inovação do Parque, ele é quem cuida das startups, é quem cuida das empresas que estão nascendo, dos empreendedores, empreendedoras que querem transformar ideias em negócios. [01:32] [...]

[01:58] Alexandre Barros (Head do Nexus Hub): Já a ideia do Summit (2019), são dois dias intensos de muito network e principalmente troca de conhecimento. Eu acho que é o grande objetivo e também dar destaque para as startups de sucesso da nossa região. Nós temos. As vezes a gente fica muito como referência São Paulo, Estados Unidos e outros polos, mas aqui também, *né*. [02:20] [...]

[07:23] Entrevistador 02: Paraíba Valley, o que é esse conceito?

[07:27] Alexandre Barros (Head do Nexus Hub): Legal! Também no mundo das startups, muito se fala sobre comunidades. O Vale do Silício é visto como uma das primeiras grandes comunidades de startups, *né*. Já em São José, foi... tem a criação dessa comunidade que a gente acabou denominando de Paraíba Valley, *né*, porque a gente brinca que é a única comunidade com nome original. Porque Vale do Paraíba em inglês, é Paraíba Valley. Porque tem alguns lugares que fala São Pedro Valley, tem outras startups que colocam outros nomes. E então, a ideia do Paraíba Valley é fortalecer essa comunidade de startups, então, é você somar empreendedores, somar investidores, somar instituições de ensino, curiosos, estudantes. Então, é muito forte esse papel da comunidade. E a gente tem até uma analogia que dizem que o Vale do Silício, nos Estados Unidos, nasceu numa cidade San Joseph. Eu só brinco que não era San Joseph of Fields. [08:36] [...]

[08:54] Entrevistador 01: A nossa região já tem essa vocação tecnológica, já tem toda essa vocação e já teve investimentos com relação a isso mesmo. Mas em termos

gerais para quem está chegando, as pessoas com o volume de informação, seja da região ou de fora, tem a característica, principalmente de nós brasileiros, de querer, de ter boas ideias, de querer investir e querer melhorar, querer progredir com isso dai. Como é que você vê, atualmente, claro passando por tudo isso que nós estamos passando. Mas como é que você vê o momento do nosso país para as startups, a despeito de tudo que acontece, tanto aqui quanto no mundo. O momento é bom? E o Brasil tem realmente essa vocação e nós podemos fazer isso ai um grande viés econômico, político e de vida para todos nós?

[09:38] Alexandre Barros (Head do Nexus Hub): Sem dúvida. Eu estava escutando o primeiro bloco, *né*. Nossa depois eu vou entrar dizendo: vamos empreender! Então, assim, sem dúvida São José tem um DNA tecnológico, não tem como dizer o contrário. Nós temos grandes instituições de ensino aqui também e a ideia do Summit não é só, o público-alvo não é só startups, o público topo de funil, que a gente chama, então, ou seja, quem aí está curioso, quem *tá* querendo entender um pouco como funciona. Eu resumo assim, nós construímos a programação do Summit pensando assim, como eu faço para não precisar ir em três eventos em São Paulo, e eu vou no Summit e é como se eu tivesse ido em três eventos, então é um pouco isso. E ai, essa parte do estágio, como diria um grande, uma pessoa que eu respeito muito que foi o meu diretor a [...] o brasileiro é “ideudo”, a gente tem ideia para tudo. [10:38] [...]

[10:47] Alexandre Barros (Head do Nexus Hub): É [...] só que a gente fala muito lá no Nexus que a ideia é um detalhe, a gente fala que é até 5% do todo. A execução são os outros 95%, então, talvez é ai que o brasileiro tenha a maior dificuldade por a gente não ter uma cultura muito de planejamento. Porque, assim, não é que [...] de novo a crise é um momento de oportunidade, porque se tivesse todo mundo vendendo, todo mundo tranquilo, você não ia se preocupar em melhorar algum processo X ou Y que você está perdendo 15 peças. Quando você tem uma crise, você fala: *Pô*, vamos pegar aquelas 15 peças e vamos tentar melhorar aquele processo produtivo, por exemplo. Ai surge a oportunidade. Só que como eu falei, o brasileiro não tenha talvez uma cultura muito forte de planejamento e para empreender, precisa se planejar. Para você ser funcionário, você normalmente não estuda, não se capacita. Por que que para empreender você não precisa? Então, é necessário você se preparar e como eu falei não tem recursos assim tanto no mercado. Existem, mas para o começo é mais difícil, porque o dinheiro no Brasil, não é um dinheiro barato. Porque se a gente comparar as taxas de juros do Brasil e Estados Unidos. O Brasil é em torno,

um cartão de crédito aí nosso, 15% ao mês, *né*. Nos Estados Unidos, é 1% ao ano. Então, assim, o dinheiro é mais caro. Então, o investidor quer entrar em algo mais seguro. E o que que é algo mais seguro? Algo que já tem um faturamento mínimo e já está validado, que é o que a gente diz no mundo das startups. Então, é um pouco nesse sentido que a gente acredita que é o momento. Sempre é o momento! O brasileiro é "ideudo", o brasileiro tem um poder de execução. Eu falo assim: se você tem dúvida disso, procure as principais empresas no mundo vão ter brasileiros e brasileiras nos cargos mais altos. Então, ou seja, nós temos capacidade, poder de realização, adaptação, também porque no nosso país.

[12:50] Entrevistador 01: Talvez, seja uma das principais.

[12:52] Alexandre Barros (Head do Nexus Hub): Seja a principal. Só que como eu falei, eu acho que a gente tem que planejar, dá para fazer. Hoje são 60 startups dentro do Nexus. Então, assim, são 60 startups. Então, ou seja, existem ambientes para te ajudar. Fazer sozinho é mais difícil. Então, procure se conectar e principalmente conhecimento, eu acho que essa é a palavra. [13:15] [...]

APÊNDICE F –MATERIAIS PUBLICADOS NAS REDES SOCIAIS

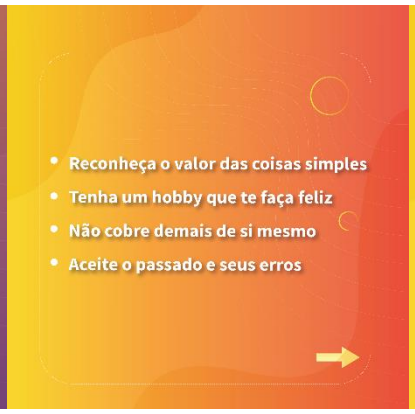
Após incursões realizadas nas redes sociais do Parque Tecnológico, identificou-se inicialmente uma ênfase significativa em conteúdo direcionado para a divulgação de notícias, novas parcerias do Parque com empresas, além de publicações relacionadas às áreas de ciência e tecnologia, inovação, empreendedorismo divulgando eventos, cursos, palestras e workshops.

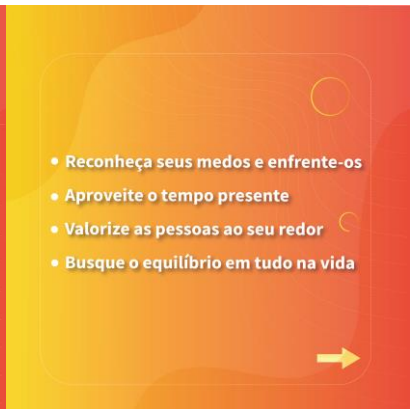
A partir do ano de 2020, observou-se a introdução de um novo formato de conteúdo. Com uma abordagem mais subjetiva, as postagens passaram a oferecer aos usuários e visitantes uma variedade de dicas, abrangendo temas que vão desde filmes, livros e cultura até exemplos de inspiração, incluindo também frases de teor motivacional.

Esse material singular despertou interesse para a pesquisa em questão, uma vez que está relacionado às temáticas do mundo do trabalho. Portanto, foi coletado e incluído no apêndice atual.

Publicações – 2020:

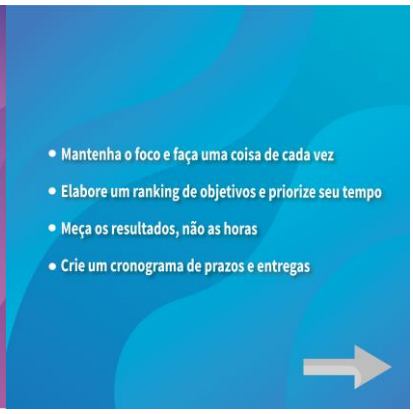


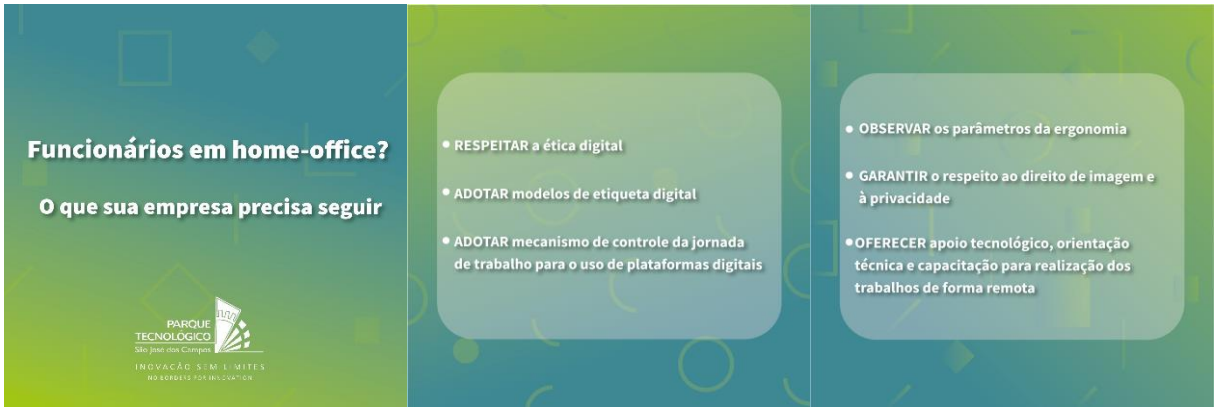




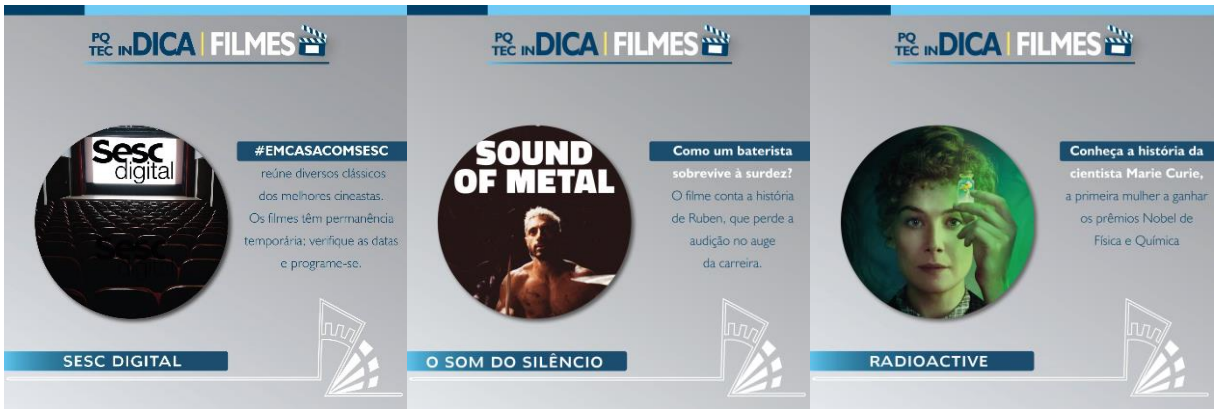








Publicações – 2021:







PQ TEC IN DICA | LIVROS



Ganhadora do Prêmio Nobel

O livro biográfico da cientista Jennifer Doudna, que ajudou a descobrir a edição de genes CRISPR, é um olhar profundo e instigante sobre a tecnologia, é uma emocionante história de detetive que envolve as mais complexas maravilhas da natureza, indo das origens da vida ao futuro da nossa espécie.

A DECODIFICADORA

PQ TEC IN DICA | LIVROS



Uma reflexão sobre ser humano

Klara, um Amigo Artificial com habilidades de observação impressionantes, estuda com cuidado o comportamento de todos que passam pela vitrine.

Com uma linguagem única e precisa, Kazuo Ishiguro constrói um romance arrebatador sobre o significado do amor e do cuidado.

KLARA E O SOL

PQ TEC IN DICA | LIVROS



Emocionante e divertido

Neste novo thriller científico de Andy Weir, autor best-seller de Perdido em Marte, um professor de ciências do ensino médio que se junta a um alienígena amigável para salvar o sistema solar de um microorganismo devorador de estrelas.

DEVORADORES DE ESTRELAS

PQ TEC IN DICA | TALKS



Bate-papo sobre o futuro dos ambientes de inovação.

Steve Blank no Tecnopuc Talks

PQ TEC IN DICA | PODCAST



Episódios de 30min com resumos de livros de empreendedorismo e negócios.

Empreendedorismo e Negócios

PQ TEC IN DICA | PODCAST



Conheça os desafios da vida de um empreendedor, desde as dificuldades até os cases de sucesso!

EMPREENDER PRA CRER

PQ TEC IN DICA | CULTURA



Missões da Nasa

As exposições Futuro Espacial e Space Adventure permitem que o público tenha uma imersão nas missões e sintam-se um astronauta!

Exposições no Farol Santander

PQ TEC IN DICA | CULTURA



Em homenagem ao Mês da Mulher

uma programação online com protagonismo feminino nas áreas de teatro, música, artes visuais e palestras.

Participe da programação da FCCR!

PQ TEC IN DICA | CULTURA



Reveja festivais famosos em SP e assista a lives de shows, dança, música, teatro, gastronomia, cinema, circo, literatura e muito mais!

Programação incrível para o feriado!

PQ TEC IN DICA | CULTURA



As Paisagens Impressionistas de Claude Monet

Uma exposição sensorial e imersiva, que vai te levar para lugares que marcaram a trajetória do renomado pintor francês.

Um dos maiores nomes do impressionismo

PQ TEC IN DICA | CULTURA



O Dia Seguinte

A exposição imersiva discute as mudanças climáticas com cinco salas interativas e cheias de projeções, jogos e experiências sensoriais

Na área externa do Museu Catavento até 14/11

PQ TEC IN DICA | DOCUMENTÁRIO



Determinação, resiliência e foco

O documentário conta a história real de Nirmal Purja, um montanhista nepalês que realiza algo considerado impossível: Chegar ao topo de 14 montanhas com mais de 8 mil metros.

14 MONTANHAS, 8 MIL METROS E 7 MESES

PQ TEC IN DICA | CULTURA



Um dos maiores nomes da literatura brasileira ganha site interativo sobre sua vida e obra.

Centenário de Clarice Lispector

PQ TEC IN DICA | CULTURA



Experiência virtual
A Pinacoteca traz exposição online com obras de estilo inconfundível dos irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo

OSGEMEOS: Segredos

PQ TEC IN DICA | CULTURA



Contação online de história
Hoje, às 15h, Marcela Puppio contará as histórias do livro "Histórias Passarinheiras"

Projeto Domingo no Parque

PQ TEC IN DICA | CULTURA



Mais de 10 mil documentos de um dos principais artistas brasileiros, registrando 50 anos de criação

Acervo Vinicius de Moraes

PQ TEC IN DICA | CULTURA



Exposição gratuita com mais de 20 mil itens apresenta a trajetória de uma das principais instituições de ensino do país

70 anos do ITA

PQ TEC IN DICA | CULTURA



Fundação Cultural
Cassiano Ricardo traz dezenas de apresentações com dança, música e teatro para curtir online com toda a família

Projeto Circulação

PQ TEC IN DICA | INSPIRAÇÃO



Histórias de empreendedores que **venceram obstáculos** em seus negócios.

Relatos inspiradores

PQ TEC IN DICA | INSPIRAÇÃO



TED
Playlist de palestras sobre como a inovação pode (e deve) mudar o mundo

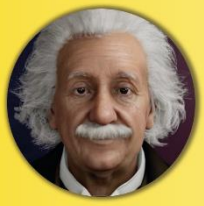
PQ TEC IN DICA | TESTE



Sebrae ajuda a identificar e compreeender seu perfil empreendedor por meio de ferramenta online e gratuita

Qual é o seu perfil empreendedor?

PQ TEC IN DICA | INOVAÇÃO



Converse com Albert Einstein
Projeto recria o cientista digitalmente permitindo interação por texto e áudio

Digital Einstein Experience

PQ TEC IN DICA | CARREIRA



Google
lança programa online e gratuito com treinamentos para desenvolver habilidades para o mercado de trabalho

Jornada de Carreiras

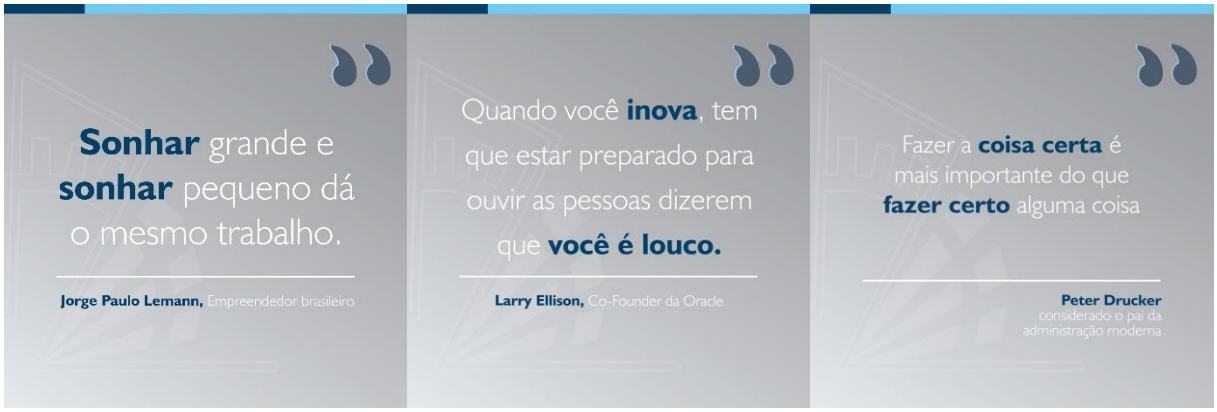
PQ TEC IN DICA | EVOLUÇÃO

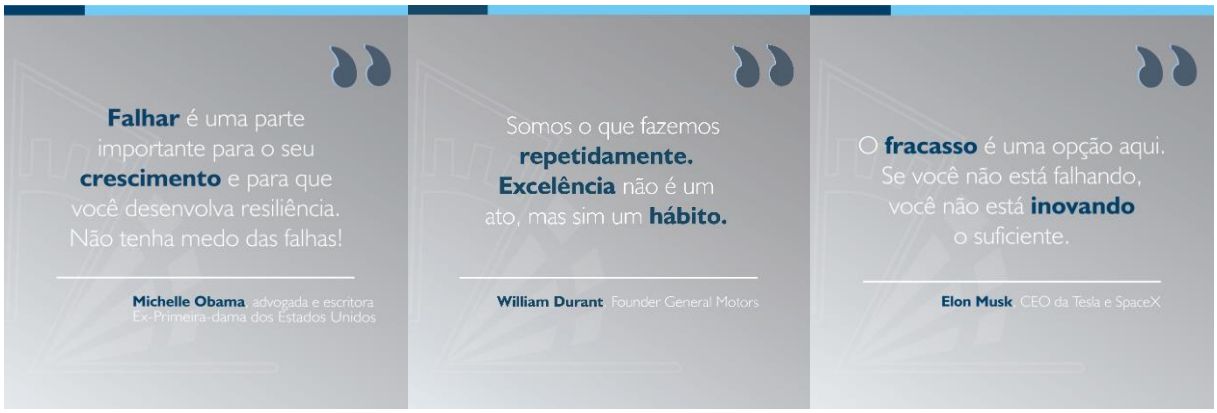


Museu virtual mostra a transformação visual ao longo dos anos de sites de grandes empresas

Web Design Museum


PQ TEC INDICA | CURSO
Unifesp realiza treinamento gratuito sobre método que ajuda pessoas com pouco conhecimento em programação a criar aplicativos
Aprenda low-code
PQ TEC INDICA | LIVROS SI
AS COISAS QUE VOCÊ SÓ VÊ QUANDO DESACELERA
HAEMIN SUNIM
Desacelere
Haemin Sunim
mostra como a prática da atenção plena ajuda a entender relacionamentos, trabalho, aspirações e espiritualidade
PQ TEC INDICA | LIVROS SI
COMECE PELO PORQUÊ
SIMON SINEK
Círculo Dourado
Simon Sinek
compartilha como os líderes podem agir para inspirar e gerar sentimento de propósito e de pertencimento


Sonhar grande e sonhar pequeno dá o mesmo trabalho.
Jorge Paulo Lemann, Empreendedor brasileiro
Quando você inova, tem que estar preparado para ouvir as pessoas dizerem que você é louco.
Larry Ellison, Co-Founder da Oracle
Fazer a coisa certa é mais importante do que fazer certo alguma coisa
Peter Drucker
considerado o pai da administração moderna


Falhar é uma parte importante para o seu crescimento e para que você desenvolva resiliência. Não tenha medo das falhas!
Michelle Obama advogada e escritora
Ex-Primeira-dama dos Estados Unidos
Somos o que fazemos repetidamente. Excelência não é um ato, mas sim um hábito.
William Durant, Founder General Motors
O fracasso é uma opção aqui. Se você não está falhando, você não está inovando o suficiente.
Elon Musk CEO da Tesla e SpaceX


Vamos fazer nosso futuro hoje e vamos fazer de nossos sonhos a realidade de amanhã.
Malala Yousafzai


O empreendedorismo é uma questão de paixão. Não é um trabalho, torna-se sua vida!
Eduardo Saverin, investidor cofundador do Facebook

5 HABILIDADES DO EMPREENDEDOR

PENSAMENTO CRÍTICO

Aceitar que tudo está em constante mudança e construção ajuda a avaliar e se posicionar diante de diferentes situações, tornando mais assertivas as decisões

RESILIÊNCIA

Nem tudo serão flores durante a jornada, por isso ter a capacidade de continuar mesmo depois de uma grande derrota é fundamental

RELACIONAMENTO

Desenvolver uma rede de contatos forte é estratégico para influenciar pessoas que possam ajudar a atingir os objetivos do negócio

ORGANIZAÇÃO

Planejar, executar, analisar e corrigir. Isto só é possível se as tarefas e processos estiverem organizados de maneira clara e com informações objetivas

CURIOSIDADE

Fique antenado ao mercado para aproveitar as oportunidades de novos produtos e serviços ou até mesmo para preparar-se para contornar situações adversas

Ferramentas para ter mais PRODUTIVIDADE

YAC
MENOS REUNIÕES

Este aplicativo permite diminuir o número de reuniões por meio de mensagens de voz. Disponível para iOS e Android.

HEY
E-MAIL EFICIENTE

Este serviço promete reinventar a maneira que você recebe e-mail, autorizando mensagens apenas de quem você aprovou.

DRAFT BY SLITE
ANOTAÇÕES

Esta extensão do Google Chrome transforma a página de "nova guia" em um bloco de notas para você guardar suas anotações sem perder tempo.

Conheça o método F.A.S.T.E.R

FORGET

Na hora de aprender, **"esqueça"** o que sabe sobre o assunto, mantenha-se curioso e faça perguntas práticas (onde você vai usar a informação?). Assim seu cérebro fica mais aberto a novas informações.

ACTIVE

Fique **ativo** enquanto aprende: tome notas, faça perguntas, relacione com o que você já sabe e pense em como você vai aplicar o conteúdo na prática.

STATE

O **estado** emocional influencia no aprendizado: tenha uma atitude positiva sempre. Ficar entediado aumenta a chance de esquecer as informações. Corrija a postura, sorria!

»»

TEACH

Imagine que você terá de **ensinar** o conteúdo depois. Isso aumenta seu foco, faz com que você tenha perguntas e ajuda a reter as informações.

»»

ENTRY

Agendar o momento de aprendizado ajuda a mostrar para o cérebro de que aquilo é importante. Anote o estudo como um compromisso.

»»

REVIEW

Revise sempre o que aprendeu, suas notas e textos escritos a partir do conteúdo. Repita a revisão algumas vezes.

»»

8 coisas incríveis CRIADAS POR MULHERES INCRÍVEIS

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

»»

SISTEMA DE AQUECIMENTO SOLAR

Dra. Maria Telkes, física, e Eleanor Raymond, arquiteta, em 1947 tiveram a ideia de converter a luz do sol em energia elétrica e assim, construíram a primeira casa com sistema de aquecimento solar.

A TECNOLOGIA DAS TELECOMUNICAÇÕES

Dra. Shirley Jackson, física, foi a responsável pela criação do fax, telefone touchscreen, da tecnologia por trás da identificação de chamadas e dos cabos de fibra óptica.

TRANSMISSOR WIRELESS

Hedy Lamarr, inventora e atriz de Hollywood, foi a responsável por criar um sistema empregando salto de frequência durante a 2ª Guerra Mundial para despistar radares nazistas. A tecnologia desenvolvida por ela serviu como base para a invenção do Wi-Fi e da telefonia celular.

FIBRA KEVLAR

Stéphane Kwolek, química, inventou em 1965 o Kevlar, um material extremamente resistente utilizado para fabricar coletes à prova de balas. A fibra de Kevlar é cinco vezes mais resistente que o aço, leve e resistente ao fogo.

»»

O SOFTWARE DE COMPUTADOR

Dra. Grace Murray Hopper, física, foi responsável pela invenção do Flow-Matic, a primeira linguagem de programação e uma das maiores influências para o surgimento da COBOL, utilizada até hoje.

OS CÁLCULOS QUE LEVARAM O HOMEM À LUA

Katherine Johnson, matemática, física e cientista espacial, foram os seus cálculos que ajudaram a missão Apolo 11 a ter sucesso e o primeiro homem a pisar na Lua em 1969. Eles também estabeleceram a trajetória da primeira viagem ao espaço em 1961.

A DUPLA HÉLICE DO DNA

Rosalind Franklin, biofísica, realizou trabalhos sobre a difração dos raios-x e em uma de suas fotografias ela descobriu o formato helicoidal na estrutura do DNA. Rosalind ganhou o título póstumo de "mãe do DNA" mas seu nome não levou os créditos pela descoberta.

CERVEJA

Jane Peyton, historiadora e sommelier, conta no livro "Beer O'Clock: An Insider's Guide to History, Craft, and Culture" que há mais de 10mil anos a cerveja foi inventada pelas mulheres, na Mesopotâmia.

»»



"O Parque Tecnológico representou um grande **crescimento** na minha formação profissional. Sou grato pelo estágio ter me proporcionado **tantas oportunidades** para seguir adiante em minha carreira."

Matheus Anido, ex-estagiário PqTec



"Eu definitivamente não poderia escolher um **lugar melhor** para iniciar minha carreira. Apesar do curto tempo, foi o período da minha em que eu **mais evoluí** no pessoal e profissionalmente."

Rubens Felix, ex-estagiário PqTec

CONHEÇA OS 5 SETORES MAIS AQUECIDOS EM 2021

- **Realidade Virtual (VR e AR)**
- **Imobilário**
- **Telemedicina**
- **Beleza**
- **Acessibilidade digital**

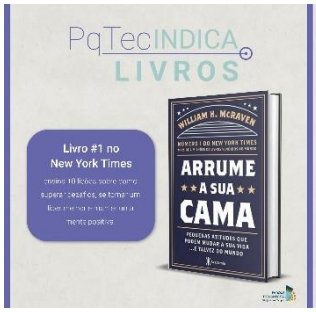
»»

Gostou do conteúdo?

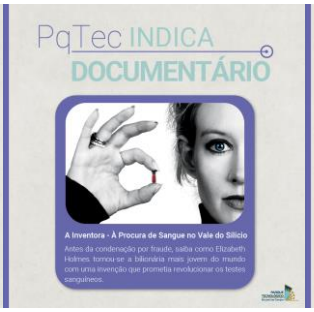
CURTA
SALVE
COMENTE
COMPARTILHE

@pqtecsjc

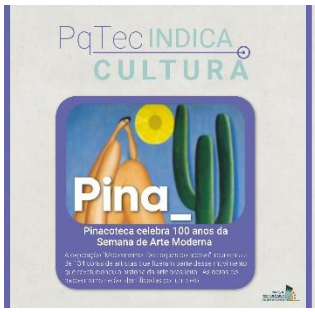
Publicações – 2022:





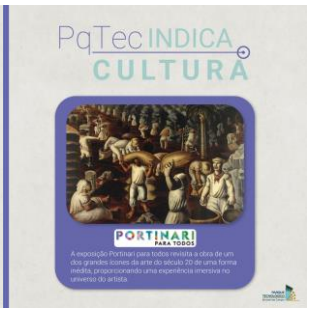


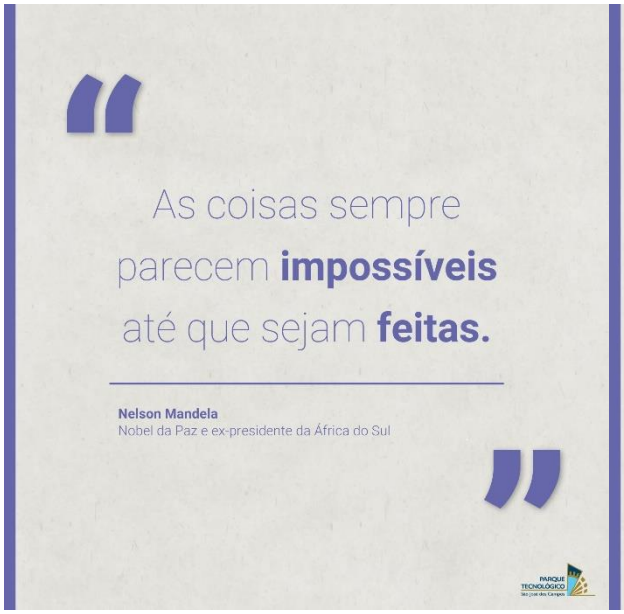


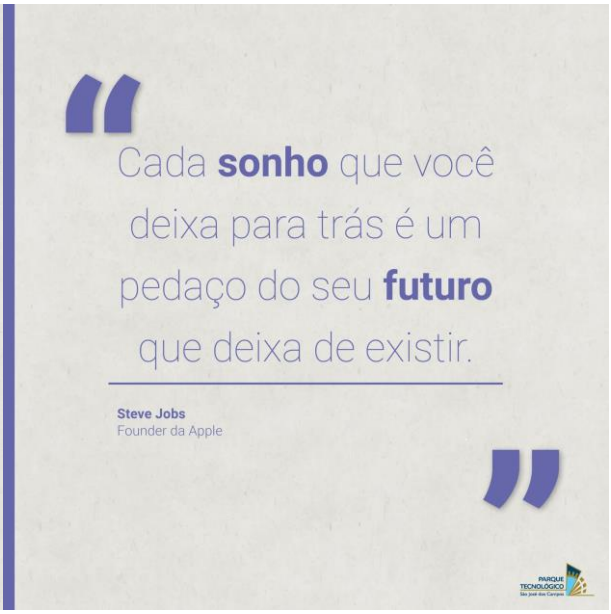



















PQTEC CERTIFICA
São José dos Campos como
1ª Cidade Inteligente do País!

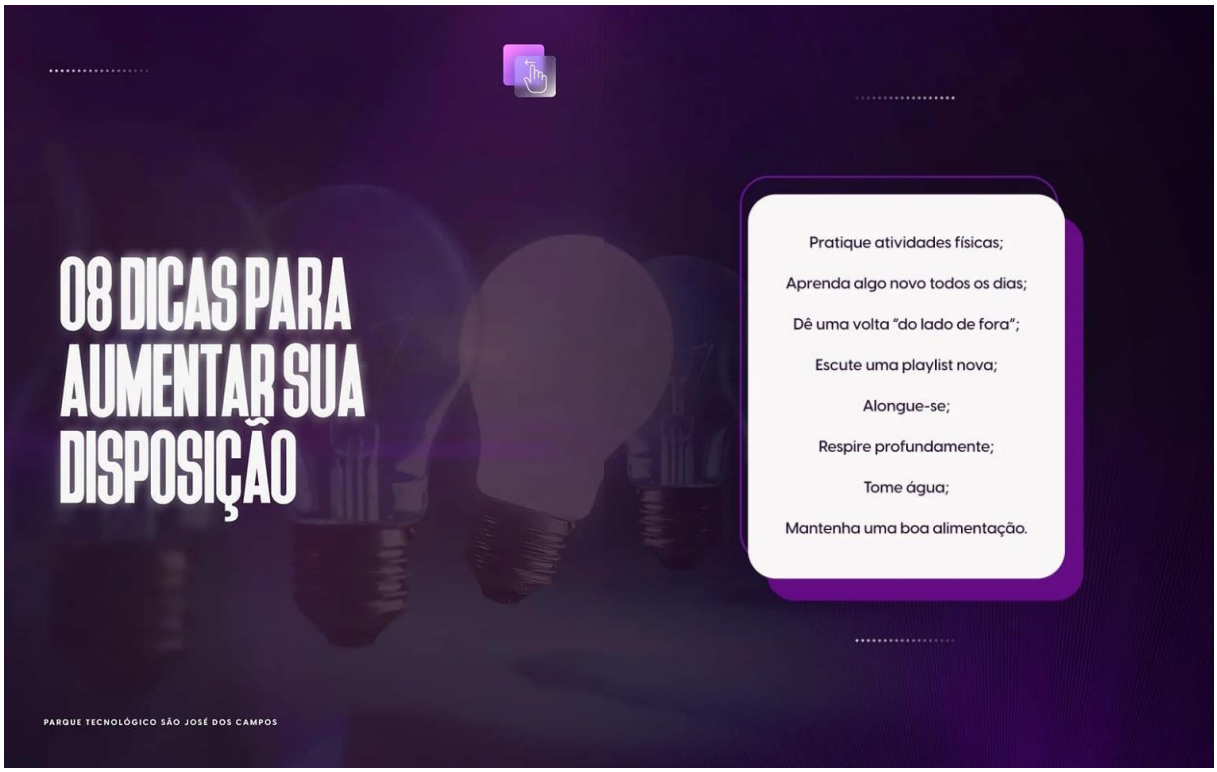

SÃO JOSÉ
DOS CAMPOS
A melhor cidade do interior do Brasil
PARA EMPREENDER


PARA CRIAR UMA CULTURA DE INOVAÇÃO NA SUA EMPRESA, VOCÊ DEVE...
Analisar as movimentações do mercado
Trabalhar de forma coletiva com todos os colaboradores
Incentivar o compartilhamento de experiências e aprendizados
Dar espaço para novas ideias
Colocar em prática! Afinal, se não experimentar, não existe inovação
PARQUE TECNOLÓGICO SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

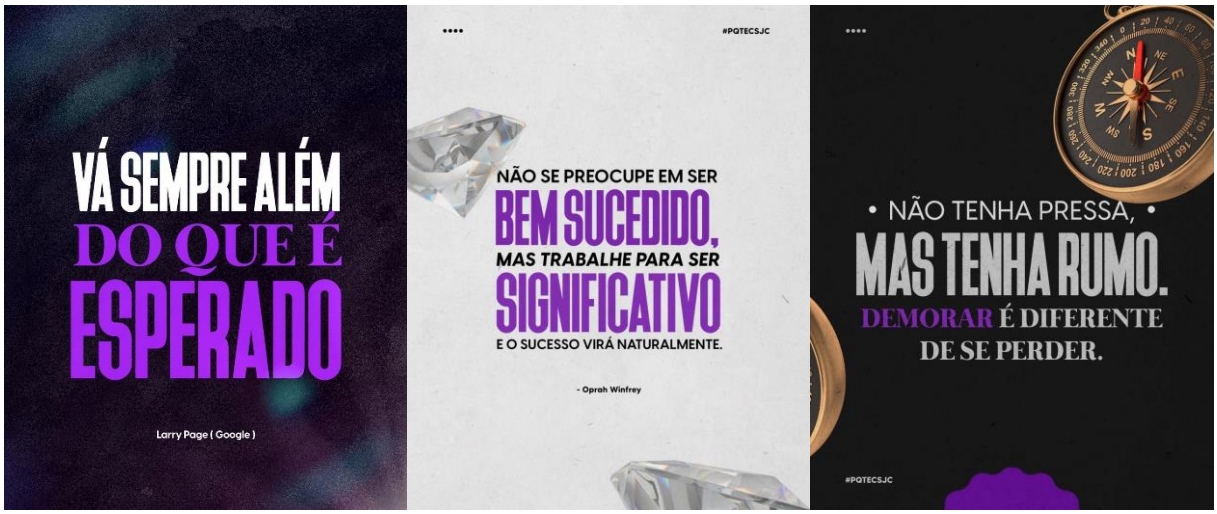

OS PRINCIPAIS TIPOS DE INOVAÇÃO
INOVAÇÃO RADICAL
Como o nome sugere, a inovação radical é algo que realmente muda o cenário da marca, tanto no mercado quanto na dinâmica dos negócios.
INOVAÇÃO INCREMENTAL
Acrescenta novidade sem provocar mudanças muito bruscas, seja em produtos, marcas, métodos de produção.
Em linhas gerais, trata-se de uma evolução da inovação que a marca já empreendeu, portanto, complementará e proporcionará melhorias, seja para colaboradores, clientes ou atributos do negócio.
INOVAÇÃO DISRUPTIVA
Esse tipo de inovação acompanha melhor o mercado do que uma marca, produto ou serviço específico.
Ele pode ser alavancado pelo que a empresa oferece para ganhar espaço, mas no geral é um movimento escalável que afeta muitas pessoas ao mesmo tempo.


NÃO É TARDE PARA...
MUDAR O DESTINO
CORRER ATRÁS
DOS SEUS OBJETIVOS


VOAR MAIS ALTO
INVESTIR EM
VOCÊ MESMO
APRENDER
ALGO NOVO

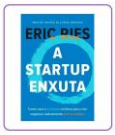

08 DICAS PARA
AUMENTAR SUA
DISPOSIÇÃO
Pratique atividades físicas;
Aprenda algo novo todos os dias;
Dê uma volta "do lado de fora";
Escute uma playlist nova;
Alongue-se;
Respire profundamente;
Tome água;
Mantenha uma boa alimentação.
PARQUE TECNOLÓGICO SÃO JOSÉ DOS CAMPOS


EM MENTES QUADRADAS, NOVAS IDEIAS NÃO CIRCULAM.
INOVAR
É DRIBLAR A NECESSIDADE
COM CRIATIVIDADE
PQTECSJC
"AS MELHORES STARTUPS COMEÇARAM COM ALGUÉM QUERENDO SOLUCIONAR UM PROBLEMA"
MICHAEL ARRINGTON
FUNDADOR E COEDITOR DO TECHCRUNCH
PARQUE TECNOLÓGICO SÃO JOSÉ DOS CAMPOS


VÁ SEMPRE ALÉM DO QUE É ESPERADO
Larry Page (Google)
#PQTECSJC
NÃO SE PREOCUPE EM SER
BEM SUCEDIDO,
MAS TRABALHE PARA SER
SIGNIFICATIVO
E O SUCESSO VIRÁ NATURALMENTE.
- Oprah Winfrey
• NÃO TENHA PRESSA, •
MAS TENHA RUMO.
DEMORAR É DIFERENTE DE SE PERDER.
#PQTECSJC


O SUCESSO
NÃO CONSISTE EM NÃO ERRAR,
MAS NÃO COMETER OS
MESMOS EQUÍVOCOS
MAIS DE UMA VEZ.
George Bernard Shaw
#PQTECSJC
PREVISÃO DO TEMPO: CHUVAS DE
ALEGRIA
GUARDEM OS GUARDA-CHUVAS!
#PQTECSJC
DIA MUNDIAL DA ALEGRIA
MOTIVAÇÃO
É AQUILO QUE TE FAZ COMEÇAR
HÁBITO
É AQUILO QUE TE FAZ CONTINUAR.
Jim Ryun.
#PQTECSJC







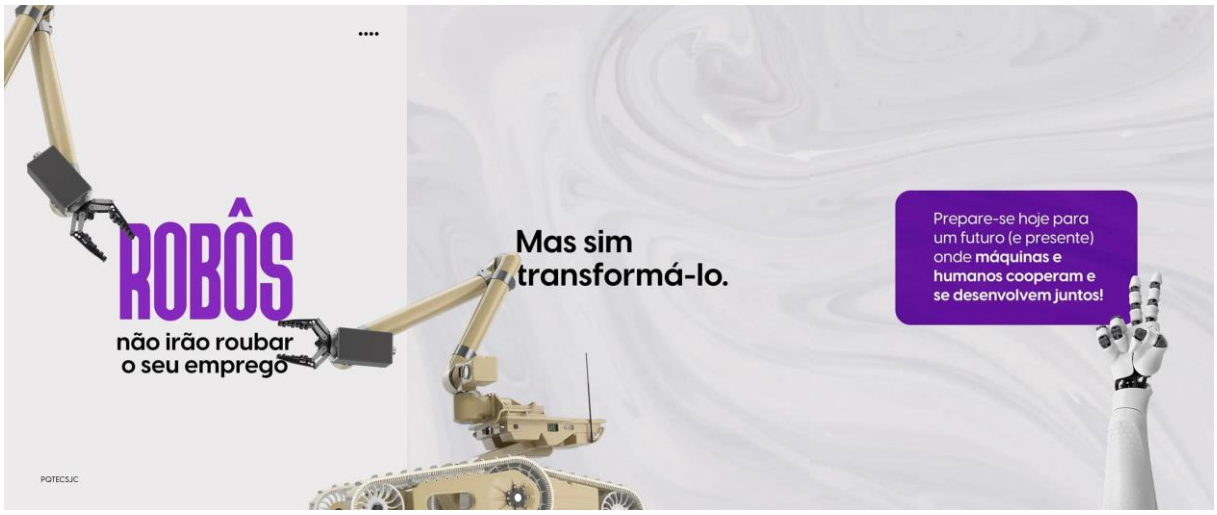


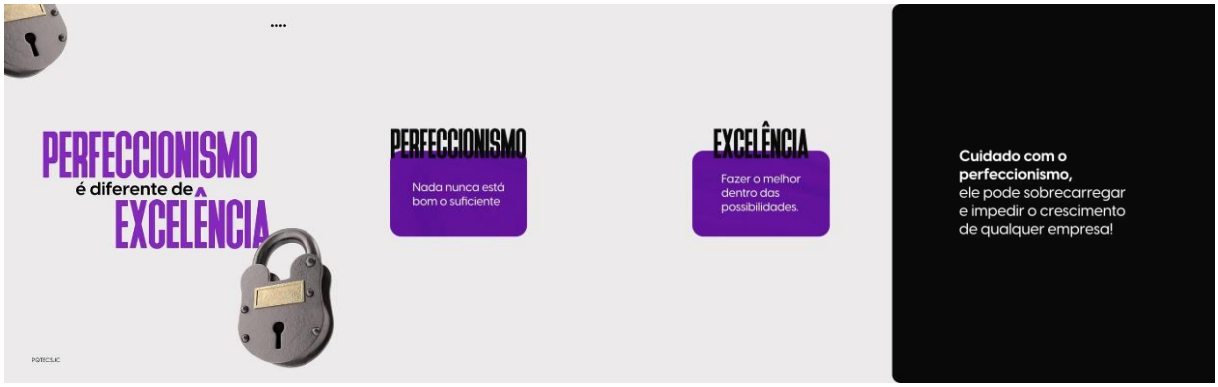
ESTAMOS BUSCANDO VENCER OS GRANDES DESAFIOS DA HUMANIDADE!

Por exemplo:
descobrir soluções inovadoras que auxiliem no combate à crise climática, na saúde, democratização de oportunidades e muito mais!




QUER SE
TORNAR UM
BOM LÍDER?
temos uma dica
ABRA ESPAÇO
PARA TROCAS!
Nem sempre seus feedbacks
e pontuações estão 100% corretos.
Abra espaço para que todos possam
compartilhar ideias e opiniões.
Dessa maneira você consegue enxergar
diferentes óticas sobre o mesmo assunto,
e não corre o risco de se precipitar.
PARQUE TECNOLÓGICO SÃO JOSÉ DOS CAMPOS


ROBÔS
não irão roubar
o seu emprego
Mas sim
transformá-lo.
Prepare-se hoje para
um futuro (e presente)
onde máquinas e
humanos cooperam e
se desenvolvem juntos!
POTECSJC


PERFECCIONISMO
é diferente de
EXCELÊNCIA
PERFECCIONISMO
Nada nunca está
bom o suficiente
EXCELÊNCIA
Fazer o melhor
dentro das
possibilidades.
Cuidado com o
perfeccionismo,
ele pode sobrecarregar
e impedir o crescimento
de qualquer empresa!

02 FERRAMENTAS GRATUITAS

que o **PqTec oferece** para toda população

PQTECSJC

BURH

É uma plataforma do PqTec em parceria com a empresa Burh, onde você encontra vagas de emprego em São José dos Campos e Região.

Acesse: https://pqtec.burh.com.br/empregos

UPSKILL VALE

Plataforma de capacitação do PqTec em parceria com a Softex Campinas, onde você tem acesso a uma série de trilhas de formação, cursos e conteúdos gratuitos voltado tanto aqueles que pretendem ingressar no mercado de trabalho, quanto quem está em busca de uma recolocação.

Acesse: https://workover.com.br/upskill-vale

É HORA DE RECARREGAR AS ENERGIAS!

O **descanso** é fundamental para melhorar a sua produtividade e saúde.



PARQUE TECNOLÓGICO SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

NÃO DURMA EM EXCESSO

Tal como dormir pouco, dormir em excesso irá te deixar cansado durante o dia e te impedir de aproveitar.

TENHA TEMPO DE QUALIDADE COM AMIGOS E FAMÍLIA

Aproveite para passar tempo com os amigos e a família, manter uma relação saudável é fundamental.

TIRE TEMPO PARA OS HOBBIES

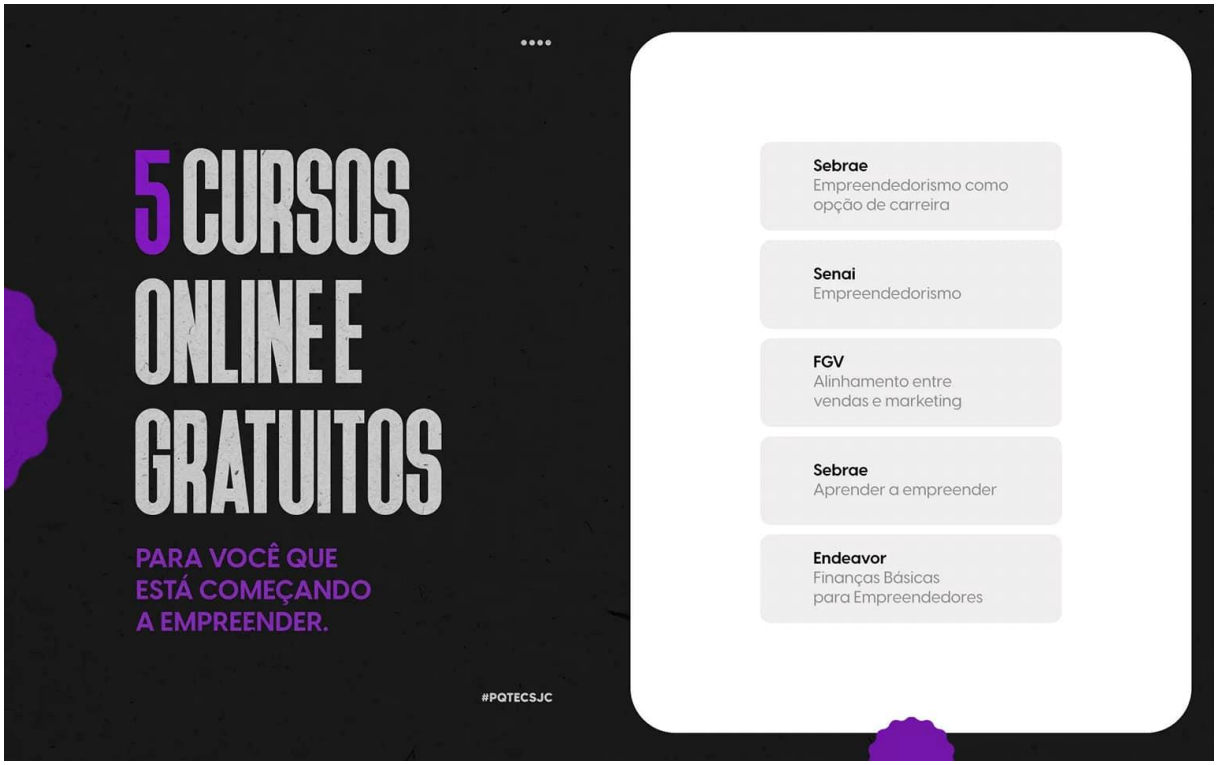
Ler, escrever, pintar, jogar videogame, ouvir música ou fazer exercícios, além de fazer você relaxar, poderá estimular ainda mais sua criatividade.

FAÇA ATIVIDADE FÍSICA

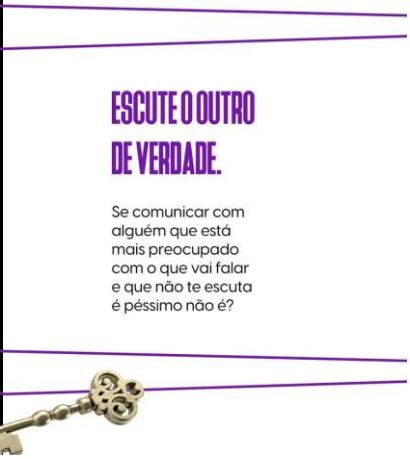
Aproveite o tempo livre para jogar futebol com os amigos, pedalar ou fazer uma caminhada!

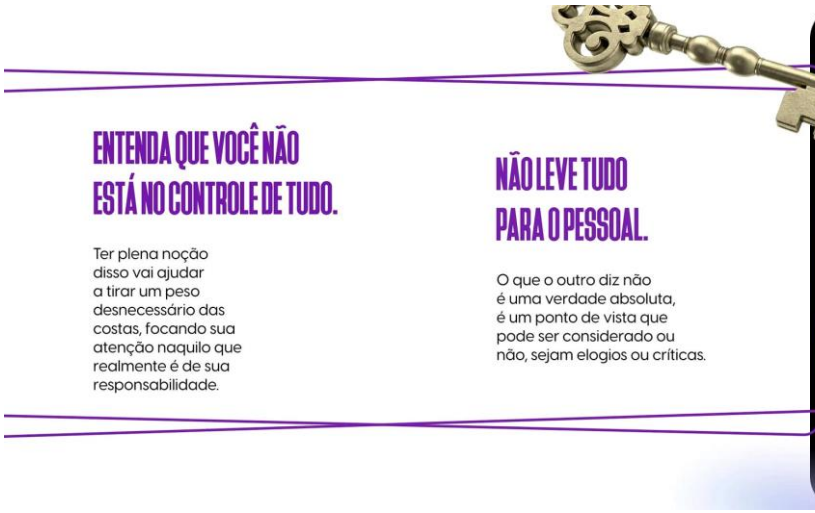

4 SÉRIES
QUE IRÃO FAZER VOCÊ APRIMORAR A SUA
ORATÓRIA
BORA APRENDER CURTINDO?
SUITS
Onde assistir: Netflix
MAD MAN
Onde assistir: Globoplay e HBO max
PQTECINDICA


COMMUNITY
Onde assistir: Netflix
SCANDAL
Onde assistir: Prime Video
Gostou das dicas?
APROVEITE O FINAL DE SEMANA PARA MARATONAR!


5 CURSOS ONLINE E GRATUITOS
PARA VOCÊ QUE ESTÁ COMEÇANDO A EMPREENDER.
#PQTECSJC
Sebrae
Empreendedorismo como opção de carreira
Senai
Empreendedorismo
FGV
Alinhamento entre vendas e marketing
Sebrae
Aprender a empreender
Endeavor
Finanças Básicas para Empreendedores


COMUNICAÇÃO
É A CHAVE
PARA O SUCESSO DA SUA EMPRESA
Separamos três dicas para melhorar a comunicação e otimizar todos os processos de relações pessoais no seu dia a dia.
PQTECSJC


ESCUTE O OUTRO DE VERDADE.
Se comunicar com alguém que está mais preocupado com o que vai falar e que não te escuta é péssimo não é?


ENTENDA QUE VOCÊ NÃO ESTÁ NO CONTROLE DE TUDO.
Ter plena noção disso vai ajudar a tirar um peso desnecessário das costas, focando sua atenção naquilo que realmente é de sua responsabilidade.
NÃO LEVE TUDO PARA O PESSOAL.
O que o outro diz não é uma verdade absoluta, é um ponto de vista que pode ser considerado ou não, sejam elogios ou críticas.


Gostou das dicas?
É HORA DE COLOCAR EM PRÁTICA!


Quem empreende um dia vai...
Demitir alguém querido;
Pegar algum atalho para crescer;
Ter conversas embaraçosas;
Ter dificuldade de traçar prioridades;
"Enlouquecer" com tantas coisas diferentes na cabeça;
Ter dificuldade de equilibrar suas relações trabalho x família.
PQTECSJC
E quem disse isso?
Nada melhor do que saber de quem já viveu...
Ben Horowitz
Um dos empreendedores mais respeitados e experientes do Vale do Silício fala sobre isso em um livro indispensável para quem deseja trilhar um caminho e fazer seu próprio negócio.


FILME - FILME - FILME - FILME - FILME - FILME - FILME - FI
PQTEC INDICA
TE INDICO UM FILME E VOCÊ INDICA OUTRO, COMBINADO?
ARREMESSANDO ALTO!
LANÇADO NESTE ANO, DISPONÍVEL NA NETFLIX
O filme conta a história de um olheiro de basquete azarado que encontra um jogador com um grande potencial e se esforça para mostrar ao mundo que os dois merecem chegar à NBA.
#PQTECSJC


Adam Sandler , Juacho Hernangómez e Queen Latifah, são algumas das pessoas que fazem parte do elenco.
Sei que com esse elenco é esperado, mas...
NÃO É UMA COMÉDIA! RS

#PQTECSJC

Você tem interesse em saber o que acontece nos **bastidores de uma missão espacial?**



A SpaceX, já realizou **148 lançamentos**, tornou a reutilização de foguetes algo possível e acessível, fez os lançamentos espaciais mais baratos e, consequentemente, mais frequentes.



PQTECINDICA

Essa e muitas outras pautas desse tema estão no **documentário "De Volta ao Espaço", disponível na Netflix!**

ARRASTE PRO LADO

DÊ ESPAÇO

PARA QUE SEUS COLABORADORES SE

DESENVOLVAM



#PQTECSJC

Isso permite o surgimento de novas *(e boas)* ideias!

No **Google**, desde 2004, os colaboradores têm um dia por semana, para trabalhar em **projetos escolhidos por eles mesmos**, relacionados às aspirações da empresa.

Google Maps e o Gmail surgiram dessas iniciativas!



Os colaboradores usam suas habilidades empreendedoras para **resolver problemas e enxergar possibilidades de melhorias e de inovações** dentro da empresa.

ISSO SE CHAMA:

INTRAEMPREENDEDORISMO!

PQTECSJC

04 características DE UM EMPREENDEDOR DE SUCESSO

ARRASTE PARA O LADO

01

Estar sempre preparado para o dia, com horários definidos para suas atividades, com seus afazeres listados e com o ambiente de trabalho organizado.

ARRASTE PARA O LADO

02

Ter clareza dos seus objetivos e saber quais as ações precisam ser tomadas para que eles sejam alcançados.

ARRASTE PARA O LADO

03

Consumir conteúdos que se conectam aos seus propósitos, para se manter motivado, aprendendo e com seus objetivos sempre em vista.

ARRASTE PARA O LADO

04

Analisa todo o percurso, reconhece os erros e acertos como aprendizados e sabe o momento de celebrar conquistas.

ARRASTE PARA O LADO

E o principal...

é acreditar **muito** no seu negócio!

PQTEC INDICA

Quer saber como produzir menos lixo na sua casa, ter uma vida mais saudável, simples e barata?

Livro:

"Uma vida sem lixo"

Cristal Muniz



Salve essa dica!

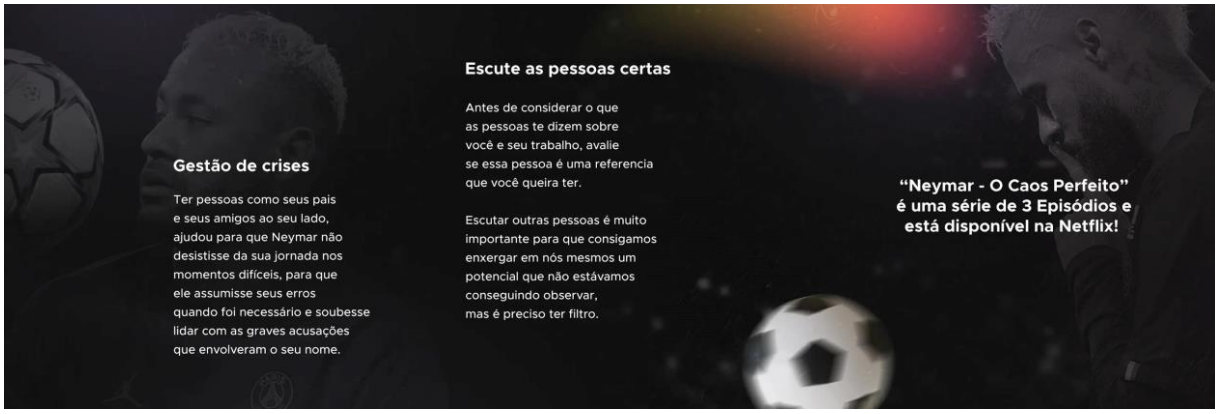




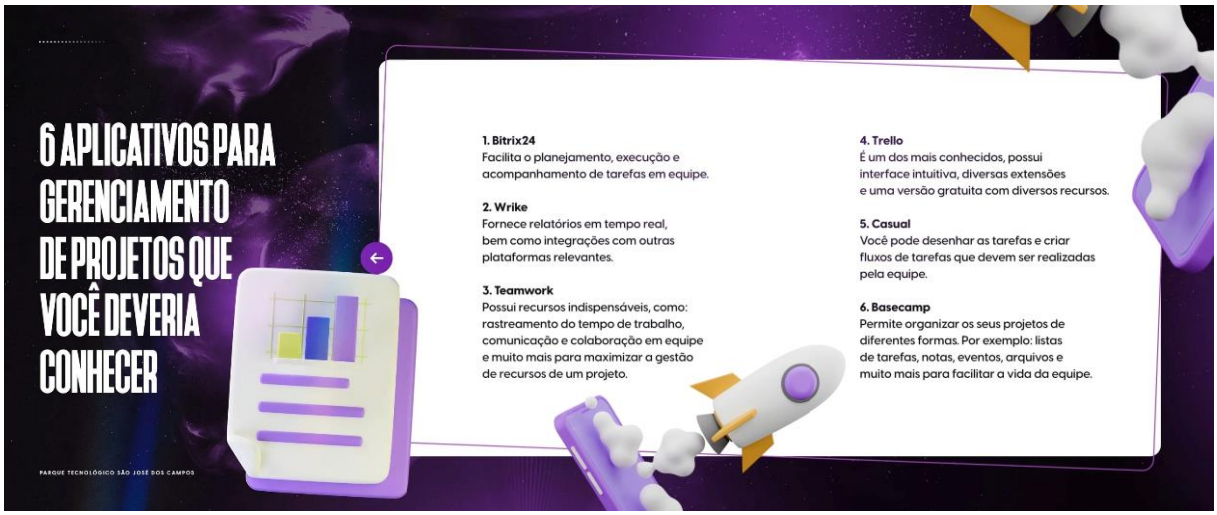






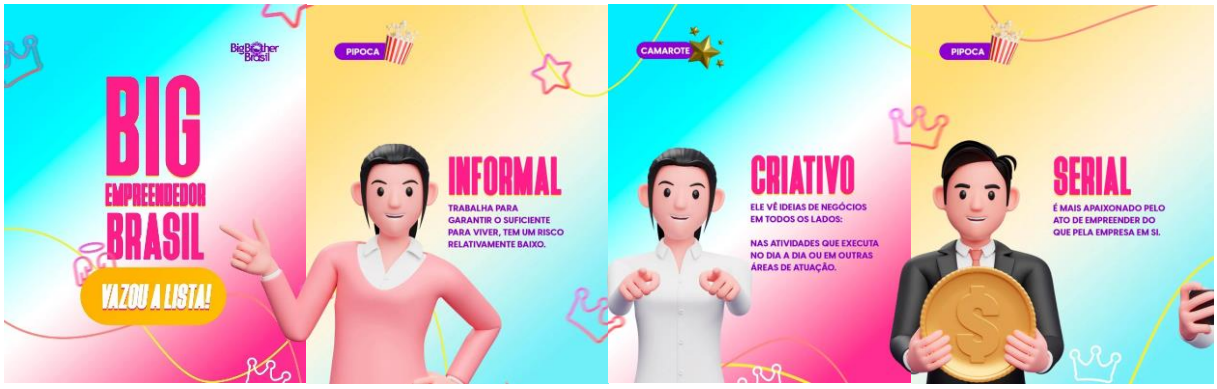


Publicações – 2023:




4 LIÇÕES QUE TODO EMPREENDEDOR PODE APRENDER COM PELÉ.
ESTUDAR NUNCA É DEMAIS!
Pelé já era o maior jogador do mundo quando entrou na faculdade de Educação Física e mesmo sendo referência no esporte, ele não deixou de se aprofundar em sua área e colheu muitos frutos por isso.
Sempre temos o que aprender. Estudar abre caminhos!
NÃO TER MEDO DO NOVO.
Inovar é preciso.
No passado atletas não ganhavam com publicidade. Pelé foi um pioneiro nesse mercado, aceitou uma proposta de atrelar sua imagem a uma empresa e o retorno foi surpreendente!
Ele se tornou o primeiro ícone global do esporte e faturou mais com publicidade do que com futebol.
PARQUE TECNOLÓGICO SÃO JOSÉ DOS CAMPOS


AVALIAR PROCESSOS E MUDAR QUANDO NECESSÁRIO.
Enquanto foi ministro do esporte, Pelé criou a Lei 9.615 de 24 de março de 1998, que revolucionou o futebol brasileiro e ficou conhecida como: Lei Pelé.
Com essa lei aconteceu:
- A criação de ligas, federações e associações de vários esportes;
- A criação de verbas para o esporte olímpico e paraolímpico;
- O fim do passe nos clubes de futebol do Brasil;
- A aplicação do direito do consumidor nos esportes.
91 SA
PELÉ
94 RIT
89 FIN
93 DRI
53 DEF
73 FIS
DAR O SEU MELHOR EM CADA AÇÃO
Uma etapa constrói a outra.
Pelé jogava cada partida como se fosse uma decisão, com toda a sua garra, dedicação e talento, fosse um jogo entre amigos ou uma grande competição.
NÃO É ATOA QUE PELÉ É RECONHECIDO COMO REI.
Envie esse post para seu amigo empreendedor e amante do futebol!


BIG EMPREENDEDOR BRASIL
VAZOU A LISTA!
PIPOCA
INFORMAL
TRABALHA PARA GARANTIR O SUFICIENTE PARA VIVER, TEM UM RISCO RELATIVAMENTE BAIXO.
CAMAROTE
CRIATIVO
ELE VÊ IDEIAS DE NEGÓCIOS EM TODOS OS LADOS:
NAS ATIVIDADES QUE EXECUTA NO DIA A DIA OU EM OUTRAS ÁREAS DE ATUAÇÃO.
PIPOCA
SERIAL
É MAIS APAIXONADO PELO ATO DE EMPREENDER DO QUE PELA EMPRESA EM SI.


CAMAROTE
O DO CONHECIMENTO
DETERMINADO A TRANSFORMAR UM CONHECIMENTO PESSOAL EM UMA FORMA DE EMPREENDER E RENTABILIZAR.
PIPOCA
EXECUTOR
ALÉM DE GERENCIAR O NEGÓCIO, TAMBÉM COLOCA A MÃO NA MASSA E EXECUTA VÁRIAS AÇÕES DENTRO DA EMPRESA.
CAMAROTE
GESTOR
GOSTA DE TER UMA VISÃO MACRO DO NEGÓCIO, PLANEJA OS PRÓXIMOS PASSOS COM BASE NOS DADOS COLETADOS, QUER ESTAR PRÓXIMO DE TODOS OS FUNCIONÁRIOS PARA MANTÊ-LOS ANIMADOS E ENGAJADOS COM O TRABALHO.
PIPOCA
SOCIAL
A VONTADE DE FAZER ALGO POSITIVO PARA O MUNDO E GANHAR DINHEIRO, MOVE ESSE EMPREENDEDOR.

PQTEC SJC

Eu não sou um produto de minhas circunstâncias. Eu sou um produto de minhas decisões

Stephen Covey
Escritor americano

PQTEC SJC

"Trabalhe para que te procurem por ser o melhor, não o mais barato."

PQTEC SJC

"Se não gosta do que está colhendo, mude o que está plantando"

PQTEC SJC

Se você pensa que pode, ou que não pode, você está certo.

Henry Ford
Fundador da Ford Motor Company

PQTEC SJC

Eu nunca perco. Ou eu ganho ou aprendo.

Nelson Mandela.
Ex-presidente da África do Sul

PQTEC SJC

As pessoas podem duvidar do que você diz, mas elas acreditarão no que você faz.

Lewis Cass



PQTEC SJC

Não se trata de ter ideias, mas sim de levar essas ideias para a vida real.

Scott Belsky
Co-criador do Behance

PQTEC SJC

Não inicie um negócio apenas para "fazer dinheiro". Inicie um negócio para fazer a diferença.

Marie Forleo
Empreendedora e escritora americana.

PQTEC SJC

~~*É difícil.*~~
~~*É trabalhoso.*~~
~~*É complicado.*~~
~~*É desgastante.*~~
É possível.

PQTEC SJC

"Se você não tem paixão pelo que está fazendo, não faça."

Steve Jobs
Co-founder da Apple Inc.

PQTEC SJC

Final do mês e o empreendedor está como?



PQTEC SJC

"Não tenha medo de desistir do bom para buscar o ótimo."

John D. Rockefeller
Fundador da Standard Oil.



A gente te explica

Hubs de inovação são ambientes físicos ou virtuais preparados para **reunir quem deseja gerar impacto na cultura e economia local por meio de negócios inovadores.**

O valor das conexões

Em um hub de inovação a startup tem **a oportunidade de se conectar** com empresas de médio e grande porte, investidores, instituições de ensino e pesquisa, além profissionais especialistas em diversas frentes.

O fomento ao empreendedorismo

Os hubs de inovação, em sua maioria, **estão vinculados a uma grande corporação ou instituição** que implementam este espaço de conectividade e inovação como parte da sua **cultura de fomento ao empreendedorismo.**

Em São José dos Campos, por exemplo, temos o Nexus, hub de inovação do PqTec.

Inclusive, o Nexus é considerado um dos 5 melhores hubs de inovação do mundo!

(Ranking: UBI GLOBAL)







PQTEC SJC

Vamos entender o que é o PqTec?

ARRASTA PRO LADO!

Parque Tecnológico São José dos Campos é um ambiente dedicado ao estímulo e promoção da ciência, tecnologia, inovação e empreendedorismo.

Temos o objetivo de impulsionar o crescimento e desenvolvimento das empresas e instituições associadas.

PASSE PARA O LADO E SAIBA MAIS

Atuamos como um **ponto de interação** entre empresas de diferentes tamanhos, universidades, institutos de pesquisa, políticas públicas e a sociedade.

Estamos envolvidos em todas as etapas de um empreendimento, desde a concepção da ideia até a expansão internacional.



Pequenas, médias e grandes empresas em um **ambiente que promove oportunidades e sinergia** para negócios de todos os tamanhos.

Diversos programas são desenvolvidos aqui dentro, trazendo inovação para várias frentes tecnológicas do nosso país.

Faça parte de um dos maiores complexos de inovação do país! O hub de inovação do PqTec está entre os **cinco melhores hubs de inovação do mundo!**

(UBI Global Ranking)

Desenvolva seu negócio no Parque Tecnológico São José dos Campos.

PQTEC SJC

O que os hubs de inovação podem proporcionar a quem deseja EMPREENDER?

ARRASTE PARA O LADO E BORA ENTENDER!

Acesso à estrutura física

Os empreendedores podem usufruir de ambientes que permitem a plena execução das suas atividades e aumento da produtividade.

Conexões entre startups

Os hubs de inovação possuem espaços compartilhados e realizam diversos eventos que possibilitam trocas entre as pessoas que transitam pelo local. Essas trocas criam um contexto favorável para parcerias.

Contato com mentores

Nas atividades de um hub de inovação, os empreendedores conhecerão pessoas com muita experiência em negócios que poderão agregar à sua jornada.

Oportunidade de investimentos

Quando um empreendedor faz parte de um hub de inovação, ele possui acesso a mentores, investidores, novas tecnologias e outros recursos valiosos para impulsionar o crescimento da sua startup.

Gostou desse post?

Curta e Comente para demonstrar apoio

Salve pra consultar depois

Compartilhe com um amigo

PQTEC SJC

Como a **criatividade** e a **inovação** podem salvar o futuro de uma empresa?

ARRASTE PARA O LADO



PQTEC SJC

Um case real.

A Netflix começou como uma empresa de aluguel de DVDs por correio.

Quando o **mercado de streaming** de vídeos surgiu, a empresa enfrentou uma séria ameaça à sua existência.

Em vez de ficar para trás, a Netflix decidiu ser **criativa e inovadora**, mudando seu modelo de negócio para o streaming online de filmes e séries.

PQTEC SJC

Investimento em inovação.

Investindo em **tecnologia e criando conteúdo original**, a Netflix se tornou uma grande produtora de séries e filmes aclamados pela crítica, como Stranger Things e The Crown.

Essa inovação permitiu que a Netflix não só sobrevivesse, mas se tornasse uma das **principais empresas de entretenimento do mundo.**

PQTEC SJC



Esse exemplo nos mostra que a **criatividade e a inovação** são essenciais para o sucesso de qualquer empresa.

É preciso estar sempre atento às **mudanças do mercado** e buscar novas soluções para se adaptar a elas.

Então, que tal usar o **Dia da Criatividade e Inovação** como uma oportunidade para estimular a criatividade em sua empresa?

Convide seus colaboradores para um **brainstorming** e sugira encontrar novos caminhos criativos para os próximos anos da empresa, por exemplo.

As ideias inovadoras são a chave para o sucesso!


3 tipos de pessoas que você deve manter sempre por perto.
Quem te faz críticas construtivas.
Quem te faz sair da zona de conforto.
Quem encoraja os seus sonhos e ideias "malucas".
Você tem pessoas assim na sua vida?
Marque elas aqui nos comentários, elas deveriam saber disso!


Acaba de sair o Relatório de Atividades 2022 do Parque Tecnológico São José dos Campos
- e os números comprovam que o ano passado foi um sucesso!
ARRASTE PARA O LADO
Investindo em pessoas com ideias brilhantes.
R$ 88,2 milhões
em recursos captados para investimentos em programas e projetos;
Pesquisa, desenvolvimento e inovação para transformar o Brasil.
R$ 77,4 milhões
investidos em PDI pelas empresas e startups do Nexus;


Soluções inovadoras no mercado.
198 produtos/ serviços
em desenvolvimento pelas empresas e startups incubadas.
Network de milhões!
350 empresas
ligadas ao ecossistema do PqTec;
Mais investimentos para a sociedade.
R$ 23 milhões
gerados em impostos federais, estaduais e municipais.


Você já ouviu falar sobre economia criativa?
É um conceito que engloba setores que se baseiam na criatividade, cultura, conhecimento e propriedade intelectual.
As verticais da economia criativa são:
Artes cênicas, Música, Literatura e mercado editorial, Audiovisual, Animação, Games, Publicidade, Rádio, TV, Moda, Arquitetura, Design, Gastronomia, Turismo cultural, entre outros.
PARQUE TECNOLÓGICO São José dos Campos

E o Parque Tecnológico tem uma novidade para você empreendedor!

O Nexus, hub de inovação do PqTec, tem uma metodologia ***feita especialmente para empreendedores que fazem parte da economia criativa.*** *Essa metodologia será aplicada no* ***StartUp São José, que fica dentro do Parque da Cidade.***





Se interessou?

Fique atento às nossas redes sociais, que vem novidades por aí!

PARQUE TECNOLÓGICO São José dos Campos

Você sabia que São José dos Campos é conhecida como a capital da aviação, e o berço da indústria Aeroespacial Brasileira?

Aqui têm o Cluster Aeroespacial mais importante da América Latina



E para você conhecer separamos 3 curiosidades

PARQUE TECNOLÓGICO São José dos Campos

O Parque Tecnológico gerencia o Cluster, que reúne mais de 135 empresas e oferece mais de 15 mil postos de trabalho em todo o Brasil.



Aqui se consolida toda a cadeia produtiva Aeroespacial e de Defesa do Brasil, contamos com as melhores empresas do mundo ***que atuam em toda a cadeia de suprimentos: Aeronáuticas, Foguetes, Mísseis e Satélites.***





O Cluster é conhecido no mundo todo por nossa capacidade de entrega incomparável, por oferecer uma das cadeias produtivas mais sólidas do mundo, e pela nossa incansável paixão por voar.

Para saber mais acesse nosso site:

pqtec.org.br



Brazilian Aerospace Cluster | PARQUE TECNOLÓGICO São José dos Campos


Outubro é o mês
Nacional da Ciência,
Tecnologia e Inovação
PqTec
AGORA É
pit
Nós temos orgulho em ser reconhecidos como um dos maiores polos de tecnologia e inovação do país.


PREPARE-SE PARA UMA JORNADA VISUAL NO PQTEC
Você sabia que aqui é um ambiente jovem e inovador?
Conheça
PARQUE TECNOLÓGICO
São José dos Campos
ONDE A INOVAÇÃO GANHA VIDA EM CORES E DIMENSÕES.
PARQUE TECNOLÓGICO
São José dos Campos


É O AMBIENTE ONDE JOVENS MENTES BRILHANTES SE ENCONTRAM E SE CONECTAM
PARQUE TECNOLÓGICO
A INOVAÇÃO ESTÁ EM TODOS OS LUGARES.
Enjoy the View
PARQUE TECNOLÓGICO
São José dos Campos
MARQUE SUA VISITA E VENHA ADMIRAR CADA UMA DESSAS PINTURAS DE PERTO.
PARQUE TECNOLÓGICO
São José dos Campos


Aqui, reunimos **cientistas, pesquisadores, estudantes e profissionais de diversas áreas** que transformam o **Brasil** em um dos países mais inovadores da **América Latina.**
NeXus
Hub de Inovação
Hoje queremos parabenizar todos os profissionais que levam a inovação e a tecnologia do Brasil para o mundo.
Conte com o PIT para
INSPIRAR E MOLDAR O FUTURO DA CIÊNCIA E DA INOVAÇÃO.
Apoiamos, trabalhamos e celebramos suas conquistas!


PIT
PARQUE DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
3 DICAS
PARA VOCÊ EMPREENDEDOR
OTIMIZAR SUA GESTÃO DE TEMPO
PqTec AGORA É PIT
ESTABELEÇA AS
PRIORIDADES NO SEU DIA
• Organize seu dia com uma lista de tarefas;
• Evite multitarefas, procure resolver uma de cada vez;
• Utilize ferramentas para gestão.
Sugestões:
Google Agenda, Trello e Microsoft To Do.


DELEGUE E
AUTOMATIZE TAREFAS
• Considere terceirizar tarefas que você não é especialista.
Sugestões:
Contabilidade, Marketing , Arquitetura, Tech, entre outras.
FAÇA
REVISÃO DAS TAREFAS
• Tire um tempinho para checar se seu cronograma está organizado e se as tarefas foram realizadas conforme o planejado.
ESSAS DICAS VÃO AJUDAR VOCÊ A **AUMENTAR A PRODUTIVIDADE E A ALCANÇAR SEUS OBJETIVOS** DE FORMA MAIS EFICIENTE.
Para mais dicas fique atento às nossas redes sociais!

ANEXO

UFSCAR - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP: Um dispositivo de reformulação do mundo do trabalho

Pesquisador: GIOVANA DE CARVALHO MARCHESIN

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 58130322.0.0000.5504

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.557.384

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1907436, de 04/07/2022) e/ou do Projeto Detalhado (PROJETO_DETALHADO_GIOVANA_NOVO, de 04/07/2022): RESUMO, HIPÓTESE, METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

Objetivo da Pesquisa:

O projeto de pesquisa tem por objetivo compreender como o Parque Tecnológico do município de São José dos Campos/SP (PqTec) atua em consonância com as novas lógicas de trabalho e sujeições do trabalhador no contexto do capitalismo neoliberal. Ainda, procura analisar a relação entre as ações voltadas às estruturas tecnológicas da cidade estão passando por um processo de reestruturação e, desta forma contribuem com a constituição de novas lógicas de subjetivação do trabalhador.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores afirmam que a pesquisa pode apresentar possíveis riscos a seus participantes com a aplicação da entrevista. Dentre eles, destacam o cansaço ou aborrecimento ao responder as perguntas, o desconforto durante as gravações de áudio e possíveis alterações de visão e percepção com relação a sua situação de trabalho.

Quanto aos benefícios, a pesquisa pode apresentar uma compreensão crítica da realidade de trabalho, a produção de conhecimento referente as transformações do mundo do trabalho sob as lógicas do capitalismo neoliberal. Estes aspectos podem ser vistos tanto do ponto de vista da sociedade como do indivíduo (participante em pesquisa).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

O projeto tem objetivos claros e os pesquisadores apresentam claramente os critérios de inclusão/exclusão, e um modelo de questionário base para as entrevistas. Nesta versão, atendendo às orientações do CEP, alteraram o TCLE e o projeto de pesquisa afim de atender às orientações da Conep sobre PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL; descreveram a forma de recrutamento, garantindo o anonimato dos participantes, bem como a forma de coleta, armazenamento e a responsabilidade pelos dados obtidos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Agradecemos as providências e os cuidados tomados pelos pesquisadores ao apresentarem a 2ª versão do protocolo de pesquisa ao CEP da UFSCar. Tendo sido atendidas as pendências listadas no parecer anterior do CEP, sugere-se a aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório

final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1907436.pdf	04/07/2022 19:36:27		Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao1.pdf	04/07/2022 19:34:23	GIOVANA DE CARVALHO MARCHESIN	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_GIOVANA_NOVO.pdf	04/07/2022 19:33:12	GIOVANA DE CARVALHO MARCHESIN	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_GIOVANA_NOVO.pdf	04/07/2022 19:32:22	GIOVANA DE CARVALHO MARCHESIN	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_PERGUNTAS_GIOVANA_MARCHESIN.pdf	19/04/2022 15:50:01	GIOVANA DE CARVALHO MARCHESIN	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_GIOVANA_MARCHESIN.pdf	19/04/2022 15:39:57	GIOVANA DE CARVALHO MARCHESIN	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SAO CARLOS, 02 de Agosto de 2022

Assinado por:
Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))